

# NOTAS AÇORIANAS

POR

ERNESTO REBELLO



1885

PONTA DELGADA—ILHA DE S. MIGUEL

Typ. do ARCHIVO DOS AÇORES.

A. 161610 *2*  
*10*

TIRAGEM DE 100 EXEMPLARES

# NOTAS AÇORIANAS

## I

### OS AÇORES

Entre povoar e descobrir ha uma grande differença.

Parece, porém, não terem entendido isto assim a maioria dos antigos historiadores que trataram dos primordiaes tempos do archipelago denominado dos Açores, inventando a seu talante inverosímeis factos, copiando-se mutuamente e estabelecendo afinal como verídicos acontecimentos, alguns dos quaes não passavam de pura phantasia, ou de um meio de tornar mais interessante o assumpto de que tratavam.

Existia, talvez ha seculos, a noticia de umas terras para oeste, no oceano atlantico, quando no seculo 15.º as caravellas portuguezas vieram em sua procura.

Como se propagara semelhante noticia e com visos de verdadeirã, a ponto de animar um principe illustrado num empenho em que necessariamente ia arriscar numerosas vidas e largos haveres, é facil de conjecturar, se attendermos á sua habitual convivencia com a gente marítima.

É' possivel que este segredo lhe fosse revelado por algum marinheiro que ao regressar do archipelago de Cabo Verde, então já descoberto, arrastado por temporaes, tivesse do navio em que labutava avistado estas ilhas, ou talvez por algum dos notaveis capitães de longo curso com os quaes privava.

É' isto o mais natural.

O Sr. Infante D. Henrique cognominado *O Navegador*, quinto filho d'El-Rei D. João I.º era um homem de tão esforçado animo na

empresas guerreiras, como nos arroteamentos civilisadores ou nas expedições marítimas.

Porventura desgostoso do viver da corte, aonde para espiritos azados às conquistas da sciencia mal se coadunam as intrigas palacianas, escolheu no Algarve, á beira-mar, uns altos rochedos e fundando a Villa de Sagres, alli, mais na contemplação do céu e do mar do que no redemoinho da politica, passou o resto da sua existencia até ao dia 13 de Novembro de 1460 em que falleceu, deixando honrosa memoria de grandes estudos e profundo saber.

O Infante, no seu retiro de Sagres era mais um sabio do que um príncipe, encontravam-se alli em abundancia mappas e instrumentos marítimos e astronomicos, então ainda muito raros, de preferencia talvez a leis, codigos e regulamentos, e se escasseavam n'aquelle isolado promontorio os ministros da alta governação do Estado, não era raro encontrar-se Sua Alteza conversando familiarmente com valentes da tempera de Zarco, Bartholomeu Perestrelo, Tristão Vaz Teixeira e Gil Eannes.

Foi creado n'aquelle sitio uma especie de observatorio astronomico e o Infante D. Henrique, qual aguiá desprendendo o vôo por sobre ignotas regiões, patrocinava poderosamente o descobrimento de *mares nunca d'antes navegados*, como mais tarde disse Camões, ou de terras longinquoas e riquissimas, para augmento das christandades do mundo e maior esplendor da sua patria.

No anno de 1432, segundo a opinião mais geralmente seguida, uma pequena expedição commandada por Gonçalo Velho Cabral, Commandador d'Almonrol, abeirava-se da ilha mais oriental do Archipelago, hoje conhecida pelo nome de Santa Maria.

D'alli, necessariamente, deviam os descobridores avistar São Miguel ainda que o seu descobrimento foi fixado a 8 de maio de 1444, (\*) e pela sua aproximação, em qualquer pequena viagem de exploração a Terceira, Graciosa, Pico, São Jorge e Fayal.

Não é crível que estes arrojados marinheiros vindo, relativamente, de tão grande distancia e em pequenas embarcações, arrostando lamuhos perigos e com o especial destino de descobrimento de terras, apenas encontrassem as duas primeiras ilhas se dessem por satisfeitos do seu trabalho, a curiosidade natural e a probabilidade de nestas paragens existirem outras ilhas, é provavel que os incitasse a crisar n'estas alturas.

Fizeram isto immediatamente ou n'uma segunda expedição?

Não se sabe.

O que se pode conjecturar, ou talvez affirmar, é que em 1453 já estavam visitadas todas as nove ilhas do archipelago, sendo as ilhas

---

(\*) Em 1439 já estavam descobertas 7 ilhas dos Açores. Veja-se o 1.º vol. d'este *Archivo* pag. 5.



das Flores e Córvo as ultimas e mais difficeis de encontrar pelo seu affastamento para o occidente e por mais tormentosos mares nas suas proximidades.

A noticia confirmativa da existencia das novas ilhas, que os exploradores denominaram erradamente dos Açores, pela grande quantidade de milhafres que nas mesmas encontraram, não devia cansar grande alvoroço em Portugal, se attendermos a que, então, a attenção dos Portuguezes estava toda voltada para as conquistas d'Africa, que eram importantissimas e que representavam o seu sonho doirado.

Assim a posse, no meio de procellosos mares de uns ilheos despovoados e cobertos somente de mattas virgens, não era facto relativamente importante, nem que animasse muito a cubiça de ousados aventureiros.

Deitaram-lhe, pois, algumas vaccas, porcos e carneiros para propagação, dando assim ensejo a que os primeiros casaes humanos que para estas terras viessem habitar definitivamente achassem prompta e facil alimentação.

E effectivamente assim aconteceu.

De africanos, flamengos e portuguezes em breve se estabeleceram em todo o archipelago diversas moradias, havendo muita confusão sobre a verdadeira data do povoamento d'alguns sitios, ou povoações, que se desenvolveram successivamente, devido á amenidade do clima, excellente fertilidade dos terrenos, abundancia de agoas e facilidade da vida.

Tremendas erupções volcanicas flagellaram por vezes os primeiros habitantes dos Açores, causando mortes e destroços, mas a esses cataclysmos oppuseram elles sempre devotado amor pela nova patria que haviam escolhido.

E nem deve admirar a ignorancia em que nos achamos com relação a muitas das circumstancias dos primeiros tempos do povoamento insulano, importantissimos reinos ignoram ainda hoje a verdadeira data do começo da sua existencia, com não raras vezes o lugar do nascimento, ou a epocha da morte dos seus mais illustres filhos, não sendo, portanto, muito de estranhar que em terras relativamente insignificantes se ignore tambem muitos dos factos atinentes ao seu primordial viver.

E' certo, porem, que cavalheiros distinctissimos e familias de apurada nobresa para estas ilhas vieram desde a sua povoação, uns como donatarios das mesmas, outros por simples curiosidade, ou para aqui lograr mais descansada vida.

Recorda a historia, e até com certa prolixidade o P.<sup>o</sup> Cordeiro a genealogia de muitas das familias nobres d'estas ilhas, d'algumas das quaes os descendentes ainda hoje existem, conservando o nome das

mesmas e o esplendor de tratamento, outras havendo-se extinguido com o prepassar dos annos.

O systema emphyteutico estabelecido em todo o archipelago teve por origem as doações feitas aos seus principaes varões pelos monarchas de Portugal.

O volcanismo no Açores é o mais importante facto que desde logo chama a attenção dos seus visitantes;—ilhas devidas essencialmente á acção de enormes reviramentos no fundo do oceano, conservam ainda em muitos sitios tão vividas as demonstrações das grandes erupções que convulsionaram o mysterioso fundo do mar, como se esses espantosos phenomenos tivessem occorrido ha alguns annos apenas.

As crateras hoje denominadas *Caldeiras* abundam numerosas em todas as illas, algumas immensas e profundas como a do Fayal e Sette Cidades, em S. Miguel, outras de somenos importancia e de variadissimo aspecto. Uma montanha sumida, por exemplo, no immenso sorvedouro causado pelas fauces arquejantes d'um voleão, forma mais tarde uma d'essas grandes profundidades do terreno, que a acção do tempo vac revestindo de encantadoras collinas e que a vegetação esplendida d'este clima toma a cargo de revestir de variados fetos, zumbros, urzes e silvados.

As raizes d'estas plantas entranham-se nas pequenas fendas existentes entre grandes blocos de lava solidificada, revestindo em seguida a nudez negra d'aquelles sitios do verde festivo das plantas agrestes e uma profusão enorme de variadissimas flores, vermelhas, brancas e amarellas, de bagas vistosas e lusidias, de fetos gigantesco como grandes palmas, fazem esquecer ao espectador a triste recordação dos cataclysmos que por vezes deram origem áquelles aprasiveis sitios, visitados com grande agrado por quantos viajantes aportam aos Açores.

A historia do volcanismo n'este archipelago daria ensejo a longas descripções, montes que ao oscillar da terra tem corrido sobre inermes povoações, fazendo milhares de victimas, soterrando muita gente e riquezas, lagos serenos e d'encantadoras margens a reflectir o esplendido fulgor da lua aonde antes eram mattas escuras e ambrenhadas, grandes tractos de terreno, a que o povo na sua poetica lingua-gem chama *mysterios*, por vezes contendo muitos kylometros de lava arrefecida, mostrando ainda os veios e direcção da sua caudal, aonde anteriormente haviam campos ferteis e ridentes, furnas, cavernas, galerias subterraneas, em fim todos os variados accidentes e aspectos que o dilacerado seio da terra pode offerecer depois de haver soffrido uma convulsão mais tremenda do que se no seu seio profundissimo houvessem rebentado incalculaveis minas dos mais terribes explosivos, desconhecidos ainda da sciencia humana.

As datas d'estas erupções são variadissimas, se os annos de 1522, em S. Miguel, 1562 no Pico, 1614 na Terceira, 1672 no Fayal e 1808

em São Jorge, foram assignalados por bem lamentaveis desastres, occasionados pelos effeitos das erupções volcanicas ou corridas de montanhas e de terrenos, acresce ainda a isto, ainda que em menores proporções uma abundosa serie de dias nefastos por analogos motivos, tanto nos passados tempos, como bem modernamente.

Não decorre anno algum em que n'um ou outro ponto dos Açores não trema a terra e por vezes mais do que accidentalmente, mas sim, com mais ou menos intensidade durante o decurso de mezes.

A par, porem, das terriveis consequencias, e angustias para os açorianos que apresenta a organização e estrutura volcanica d'este archipelago, grande copia de agoas thermaes do mais subido valor e variadissimas qualidades rompem a flux em quasi todas as ilhas e com especialidade n'esse formosissimo jardim do oceano, na rica e populosa ilha de São Miguel. As agoas thermaes dos Açores, se acaso fizessemos a seu respeito o alarde que outras localidades fazem, às vezes, apenas com a appareição de uma ou outra fraca nascente, poder-se-hiam tornar pelas suas variedades e beneficos resultadas não só um grande bem para a humanidade, como importantissima fonte de receita. Alguma coisa, ultimamente, se ha feito a este respeito, mas é tambem indubitavel que muito resta ainda a fazer, para que se obtenha tão promettedor resultado.

A flora açorica, devido á benignidade do clima d'estas ilhas é admiravel, esplendida, e pode o viajante aqui encontrar as encantadoras galas da natureza que se admiram nas mais remotas paragens, tornando-se muito notavel a grande variedade de camelias de alentadas proporções e delicados matizes, as quaes são trivialissimas em todo o archipelago.

Não ha nos Açores reptis venenosos, nem animaes que ataquem o homem.

Como muito bem notou o sábio naturalista francez, Mr. Fouqué, nas duas viagens scientificas que fez a este archipelago nos annos de 1867 e 1872, parece que todos ou a maior parte dos animaes aqui existentes foram importados lentamente e segundo a necessidade que dos mesmos ia havendo, causando-lhe motivo para reparo encontrar-nas lagoas açorianas os abundosos e doirados cyprinos, peixe formosissimo, e, como é sabido, oriundo da China.

A vida nos Açores é facil e relativamente barata para qualquer viajante que nos deseje visitar. Ha muito frequentes relações com os portos maritimos dos Estados Unidos da America e duas vezes por mez uma carreira de vapores entre Lisboa e estas ilhas, alem dos navios de diversas proveniências que accidentalmente aqui aportam para tomar carvão, reparar avarias, abastecer-se de viveres &c.<sup>a</sup>.

No decurso do verão muitas familias norte-americanas visitam as ilhas, especialmente o Fayal e São Miguel, aonde bons hotéis as recebem com commodidade.

*A trip to the Azores* será sempre uma agradável maneira de passar uns tres mezes do anno, maxime para os nossos vizinhos americanos e o aprasivel aspecto da luxuosa vegetação açoriana, as excursões ás suas eminencias, aos pittorescos valles e montanhas, assim como a reconhecida salubridade do clima, um atrahente refugio e descanso para os incansaveis trabalhadores de todos os grandes commettimentos do progresso na grande republica do novo-mundo.

Dar-lhe-hemos flores, flores, muitas flores.

## II

### AS UVAS

(Ilha do Pico)

Um paiz viuhateiro é sempre um paiz sympathico.

Causa uma boa impressão ao caminheiro, se acaso cansado de longo jornadaear, pedir pousada n'uma casa, acha alli bom agasalho, gente alegre, partilhar d'uma bella ceia de peixe com batatas, apetitosa de cominhos e malagueta e depois, ao cair da tarde vir com o dono da habitação para o elevado balcão, estender a vista por sobre valentes vinhedos e dizer-lhe o seu amphytrião:

— Ora, agora, vae o sr. provar uma pinga cá da minha lavra. O' Maria!

— Senhor! — responde-lhe assomando a neta das janelas uma fresca e morena rapariga, d'uns dezoito annos d'idade.

— Olha, filha, traz me cá o meu garraãozinho, isto são dois dias de vida, ó amigo, vamos a isto . . .

E o garraão n'essa tarde ficou completamente esgotado, cada copo parecia que refinava de sabor, que tinha mais agradável paladar, um vinho que não tinha geropiga, encorpoado, um vinho de fazer amigos.

E que somno reparador depois da prova! . . não o somno dos bebados, que esse é aviltante, mas sim o descanso abençoado das passadas fadigas, o bem estar dos aventureados nos braços da Paz e da Concordia.

Dizem que foi um padre, Fr. Pedro Gigante, que ha muitos annos introduzio no Pico, nos terrenos mais proprios para semelhante cultura, alguns bacellos de vinha proveniente da ilha da Madeira.

Este padre foi, effectivamente, um gigante no nome e na idéa,

um philosopho ás direitas. Vio que a ilha do Pico era extensíssima, ainda pouco povoada e todos os casaes dispersos á beira do mar;— quiz secundar a poderosa acção chimica dos mariscos sobre a organização humana, augmentar o nervosismo, o amor d'um para outro sexo, via já formigar creanças por toda a parte, mas ainda achava que o *crescite et multiplicamini* da Escriptura não estava bem realisado, queria, reconhecia a necessidade de mais gente na nova ilha e disse de si para si: Se aqui houvesse bastante vinho, mas hom. d'um certo que eu conheço, d'aquelle que dá força e vida, realisava-se o milagre. Vou mandar vir e plantar bacellos, por toda a parte, quero que estas mulheres se tornem fecundas, estes homens todos uns verdadeiros patriarchas.

Bom padre!

As cêpas vieram, propagaram, cresceram, espalharam-se por toda a parte, chegando a dar-se com mais facilidade um copo de vinho do que uma vez d'agua, e, effectivamente, o Pico povoou-se, apesar da sua extensão, rapida e poderosamente.

Com a introdução da vinha insuflou-se nos Picoenses uma nova vida.

Se até alli, como nos bailes em que o dono da casa não brinda os seus hospedes com algumas bandejas do desejado liquido, especialmente da meia noite em diante, as danças são frias, os homens apavallados, tudo desanimado, desde os dias felizes em que o vinho circulou n'aquelle vasto litoral, Deus pareceu abençoar aquella terra, havia riqueza, vida, abundancia, alegria.

Feliz tempo aquelle!

Eu não desconheço que por todo esse mundo tem-se feito luzidos centenarios a varões illustres e até a alguns que o não são, que se tem erguido estatuas a quanto descobridor tem havido, embora a proficiuidade dos seus inventos seja por vezes assaz duvidosa e a um homem d'esta tempera, a um Pedro Gigante, mais notavel talvez do que Pedro, o Eremita, ainda não houve uma alma christã que se lembrasse de levantar um monumento!

Era tempo de reparar esta falta.

Dotar uma ilha com a producção annual de 12 a 15.000 pipas de excellente vinho, dando uma receita approximadamente de 300.000\$000 de rs. não é um facto que deva passar desaperebido.

O *oidium* que ha alguns annos, desde 1853, flagella aquelles vinhedos talvez que não seja mais do que um castigo de semelhante esquecimento.

Passeiem em procissão de Villa para Villa, de aldeia para aldeia, uma boa imagem do P.<sup>o</sup> Gigante e talvez que a molestia desappareça, mas honrem o beato, bebam bastante *à sua saude*, embora de ha muito elle esteja finado, por que o vinho do Pico, sendo do genuino, do velho, do bom, no dizer dos entendedores, e d'aquelles que o vendem em larga escala, era capaz (e ainda é) de resuscitar defuntos.

Uma grande parte da cultura da ilha do Pico é especialmente de toda a fronteira voltada a oeste e que defronta com a ilha do Fayal. bem como do Concelho de São Roque são os vinhedos, cujas vergontearas se acham plantadas as mais das vezes em terrenos completamente impróprios para qualquer outra tentativa agrícola, nas fendas com alguns grãos de terra existentes em longos tractos de terreno requemado pela acção das erupções volcanicas, umas vezes constituídos de pedras foliças, outras de camadas espessas de lava solidificada, como um mar de chumbo que houvesse coalhado, tornando se negro e apresentando diversos veios e laivos avermelhados, bem como diversas ondulações.

A ilha do Pico, mede de comprimento quasi 45 kilometros e 30 na sua maior largura, correndo do leste a oeste, dividida longitudinalmente por uma serra, na extremidade occidental da qual está o famoso pico, que dá o nome a toda a ilha e que se eleva 2.412 metros acima do nivel do mar.

Em lento declive, desde essa notavel altura, vai descendo o terreno até ao oceano, na sua fronteira voltada a oeste, aonde no litoral estão dispostas diversas povoações, cuja casaria se destaca accentuadamente do fundo negro do solo volcanico em que foi erecta.

De tres pontos d'essa fronteira, Calhan, Arêa-larga e Magdalena, vem diariamente ao Fayal algumas possantes embarcações, as maiores das quaes podem conduzir duzentas pessoas, as quaes entretem o commercio entre estas duas ilhas, embarcações porem que não tem coberta, aparelhadas com duas velas latinas e equipadas por excellentes e arrojados marinheiros, isto alem de pequenas lanchas de pesca, ou de carga.

O canal que tem a atravessar é apenas de cinco kilometros aproximadamente, mas por vezes tempestuoso e traiçoeiro, assim como arriscadissima é a entrada dos mencionados portos da ilha do Pico, ladeados de infermes e perigosos recifes por onde o mar furioso investe com horriavel bramido.

Este lado, porem, da alterosa ilha, d'um tom severo, é escuro, tendo a forma d'uma gigantesca pyramide, erguendo o sea afilado cume até a região das nuvens, apresenta atnuidadas vezes magestosos e sempre variaveis panoramas a vista deslumbrada do espectador, tanto pelo effeito da luz solar que tinge a lava da montanha de diversas e formosas cambiantes, como pelas formas caprichosas das nuvens que desde o meio da montanha até ao cimo, andam alli a pairar, rolando-se de encontro áquellas solidões imensas, despidas de vegetação ou de qualquer vivente.

Ao meio da montanha, muitas vezes, tomam as nuvens, tingidas de diversas cores, a forma de uma longa faxa, ondeada como um mar de enormes vagalhões, ou apresentando no seu seio phantasticas figuras, arremedadas de cyclopicas construcções, ou então volvidas n'um cá-

pello e deixando descampada a terra, vão collocar se sobranceiras ao cume da ilha, denunciando proxima e inevitavel borrasca essencialmente na estação invernosa.

A verdadeira belleza, porem, d'este lado occidental da ilha é quando a neve se estende desde o cimo do Pico até á sua zona media, cobrindo em toda a largura aquelles vastos terrenos d'um lençol alvissimo e que o sol d'um claro dia, bem claro, de Janeiro ou Fevereiro entorna fulgurantes ondas de luz por sobre o gèlo, emprestando-lhe scintillações diamantinas, incendiando aquelle immenso *glacier* de deslumbrantes miragens. N'esses dias a arrumação das nuvens, no ocaso do sol, que, inevitavelmente, como aves cansadas d'um longo jornadaear pelos espaços, vem procurar repouso e abrigo nas escarpas da montanha, apresentam delicadissimas cores, cobrindo a nudez do gigante agoriano, com mantos franjados de purpura ou de aminhos, com doiradas barras, nas quaes tambem se reflecte o azul dos cens.

O cume da montanha, dominando essas nuvens, tem então tons metallicos, a côr ruiva e escura do bronze que vae arrefecendo é já quasi negro no litoral, desprovido n'essa quadra do anno das folhas verdes das figueiras e d'outras fructíferas arvores em que abunda aquella região.

Dobrada qualquer das extremidades, ou pontas, d'este lado da ilha, apresenta então, no seu maior prolongamento a mesma forma com que o inspirado poeta Sant'Anna e Vasconcellos descrevem a ilha de São Jorge, a de uma grande serpente adornecida á tona d'agua, isto é, uma serra de muitas legoas de comprimento, erguida ao meio da ilha, cujos vertentes do lado do sul e norte, patenteiam de distancia em distancia diversas povoações, quasi sempre construidas á beira mar.

A ilha do Pico divide-se em tres concelhos, o da Magdalena, no lado occidental, ao qual pertencem a Villa do mesmo nome e as freguezias das Bandeiras, Creação Velha, Candelaria e São Mathens.

Ao sul o Concelho das Lagens, tendo por sêde a Villa de igual nome, com as freguezias de São João, Ribeiras, Calheta e Piedade.

O Concelho de São Roque, ao norte, composto da Villa de São Roque, e das freguezias de Santo Amaro, Praynha, Santo Antonio e Santa Luzia.

Assim, temos em toda a ilha tres Villas e doze freguezias, com uma população excedente a 27.000 habitantes, divididos da seguinte maneira, segundo um documento official.

<i>Concelho da Magdalena</i>	Magdalena	2.728	
	Bandeiras	1.064	
	Creação Velha	1.009	
	Candelaria	1.369	
	São Matheus	3.223	9.393
<i>Concelho das Lagens</i>	Lagens	3.215	
	São João	1.315	
	Ribeiras	1.968	
	Calheta	1.660	
	Piedade	2.500	10.658
<i>Concelho de São Roque</i>	São Roque	1.703	
	Santo Amaro	848	
	Prayinha	1.759	
	Santo Antonio	1.521	
	Santa Luzia	1.195	7.026
			<hr/> 27.077

A cultura da vinha, embora generalisada em toda a ilha, ainda assim era, anteriormente a 1853 em que começou o *oidium*, o principal e quasi exclusivo trafego do concelho da Magdalena e parte do concelho de São Roque, ao contrario do que hoje alli vemos, devido á industria dos seus habitantes, que á mingoa da antiga cultura, despedaçaram a alvião a crusta de lava solidificada que recobria aquella parte do Pico, na fenda da qual cresciam as parreiras, para ir mais fundo encontrar boa terra aravel e propria a variadas culturas, como a do milho em que já hoje abunda a ilha, quando anteriormente importava este genero em larga escala.

A colheita regular do vinho, antes da midestia, orçava de umas 12 a 15.000 pipas annualmente, havendo, porem, annos de tão extraordinaria producção que chegou a render 25.000. Nesses annos de grande abundancia, acontecem por vezes, em quanto não se apromptavam vasilhas proprias para receber todo aquelle precioso liquido, deitarem-n'o os agricultores em tanques abertos no terreno e até dentro dos barcos, que estavam varados nos portos.

A importancia do trafego do vinho, tanto para a ilha do Pico, como para a do Fayal, onde residiam e residem grande numero dos proprietarios das vinhas, era importantissima e pela balia da Horta, para diversos e remotos paizes, era exportado, redundando em valiosas quantias, que n'estas duas ilhas entravam, espalhando por toda a par-



te a abundancia e facilidade de viver, sendo empregados n'esses trabalhos milhares de individuos, homens, mulheres e creanças, que para todos havia que fazer e para todos bons lucros.

A mudança periodica, durante o estio, de grande numero de familias da Horta para o saluberrimo clima do Pico, alem de uma diversão agradável durante a bella estação, tinha egualmente o poderoso incentivo do melhor grangeio dos seus réditos e aquella vasta ilha, dos mezes de Julho a Outubro, tomava o festivo aspecto de uma terra densamente povoada, aonde a riqueza e a alegria reinavam por toda a parte.

De anno para anno multiplicavam-se alli elegantes construcções campesinas, para proveito e regalo dos indigenas, bem como dos seus numerosos visitantes.

Ora, no continente do reino, o agricultor vinicola depára para a cultura a que se propõe com um terreno fragoso e de assaz difficil grangeio, sendo todo o paiz vinhateiro do alto Douro e do Douro inferior retalhado de quebradas, estreitos valles e íngremes montes, requerendo arduos trabalhos para a cultura da videira e fabricação dos vinhos, que sô a devotada presistencia e avultado dispendio dos proprietarios d'aquelles terrenos pode volver em perenne manancial de riquezas.

Esta fatal disposição do sólo, como lhe chama o Sr. Visconde de Villa Mayor, no muito apreciavel livro *O Douro Illustrado*, obriga o plantador d'aquellas regiões a consideraveis gastos, nem está ao alcance de qualquer pequeno proprietario cultivar a vinha, quando com um milheiro de bacellos tem a desnender de 40 a 200\$000 reis e e n'um hectare d'este plantio de 130 a 500\$000 rs.

Alli, n'aquelle accidentado terreno o primeiro trabalho a fazer em qualquer propriedade, geralmente notavel em encostas e alcantiladas serras, é levantar muros, exactamente na disposição dos degraus d'um amphitheatro, desde a fralda dos montes até ás cumieiras dos mesmos e no espaço convenientemente aplanado, que medeia d'um a outro *calço*, plantar as cêpas, o que ainda assim requer na sua disposição, preparo do terreno e maneira de as metter no solo, um systema assaz complicado e que requer muita pratica.

O trabalho necessario para preparar um monte, uma ribanceira ou pedregosa escarpa para receber a plantação da vinha, não é empreza facil, nem geralmente effectuada pelos povoadores d'aquelles sitios.

São ranchos de pedreiros da raia da Galliza que vem periodicamente a Portugal, durante o inverno, e que se occupam n'esse mister.

Não lhes falta que fazer.

Depois de preparados os *calços* e convenientemente plantados, ainda o grangeio usual da vinha, até à colheita, que se effectua depois do mez de Setembro, requer muitos enidades e trabalhos, dos quaes

os principaes são a escava, a poda, a cava a monte, a empa, a cava rasa, o enxoframento, a cata dos insectos e a desfolha.

O enxoframento é quasi obrigatorio para a boa produção da planta, o primeiro logo depois da arrebentação e o segundo depois de limpar o cacho.

Deve-se tambem notar, como menciona o author a que acima nos referimos e que seguimos nas precedentes linhas, que só muito tempo depois das colheitas e sujeito o vinho do Douro a cuidadoso tratamento é que elle adquire as soberbas qualidades que o tornam tão recommendavel em Portugal, como nos paizes estrangeiros.

N'aquelle paiz vinhateiro ha, n'este genero, propriedades enormes e de grande valor, sendo tamanha a faina n'esse mister que para coadjuvar a fabricação do vinho vem milhares de trabalhadores hespanhoes viver alguns mezes nas differentes povoações dourianas.

O terreno, quasi exclusivamente applicado á cultura da vinha, apenas deixa ver, a espaços, alguns olivaeis, amoreiras, amendoeirais, figueiras e lorangeiras de pomos excellentes.

As trovoadas, no Douro, são frequentes, mas a vinha resiste melhor a essas intemperies do que ao terrivel vento leste, que por vezes alli reina durante alguns dias do verão, verdadeiro flagello d'aquella cultura que, não é raro, em poucas horas, carbonisar completamente as avas, destrindo todas as esperanças dos agricultores.

Vejamos agora como nos Açores e especialmente na ilha do Pico, se desenvolve a vinha, qual a maneira do seu cultivo, os cuidados que requer e a maneira de fabricação dos nossos bons vinhos.

A vantagem parece-nos estar toda da parte dos açorianos.

Tomemos uma diminuta fracção d'esses centos de moios de terreno applicado ao cultivo da vinha na ilha do Pico, um alqueire por exemplo, e pelo seu preparo verêmos o que se usa fazer nos grandes tractos.

Estes 968 metros quadrados de sólo está bravoio, inculto e na maior parte das vezes é constituido de pedras roliças, ou d'uma camada de lava solidificada, com fendas n'um e n'outro sitio, entre as quaes o decorrer do tempo tem depositado alguma terra, como entre a pedra solta, engrossada gradualmente pelos detritos dos musgos ou lichens que conseguiram viver n'aquelle terreno ingrato.

Pequenas moutas de faias, geralmente rasteiras, cujas sementes as aves tem levado por aquelles sitios, ou entãoervas tenazes e ordinariissimas, entre as quaes se elevam os cardos e os juncos e á beira do mar a ciente, rompem a monotonia d'aquella negra região, de pouco convidativo aspecto.

Assim o primeiro trabalho a fazer é arrancar toda aquella vegetação que se alimentava da escassa terra alli existente. Depois de limpo aquelle espaço pode dividir-se em seis partes com paredes transversaes e longitudinaes de um metro aproximadamente de altura, isto

para abrigo da vinha, deixando de um lado aberta uma canada para servidão.

Os quadrilongos que ficam pelo levantamento dos *abrigos* communicam entre si.

Para esta ordem de trabalhos abunda por toda a parte a pedra e o custo dos jornaes dos trabalhadores regula, actualmente, de 240 a 300 reis.

Preparado assim o campo, para alli, em Janeiro, são transplantados os bacellos, quando de semente, que já devem ter um anno de idade, ou em Março, quando são varas da poda que, n'esse tempo, se effectua nos já existentes e antigos vinhedos.

Os bacellos são plantados nos interstícios, ou fendas do solo, entre as pedras aonde se divisa alguma terra, ou n'esta mesma quando se apresenta limpa, o que é raro.

No primeiro anno não ha mergulha da vara, nem enxerto, como nas vinhas já antigas, consistindo o processo d'aquella operação em abricar um rego, ou cova, a alguma distancia da cêpa e alli mergulhar a vara, cobrindo-a bem com terra, procurada por vezes em assaz remotos sitios.

O enxerto é por meio de incisão na cêpa antiga, na qual se introduz um rebento de boa vinha.

Fica então o agricultor descansado até ao mez de Julho, quando a vegetação já está muito desenvolvida e o cacho limpo, em que tem de proceder á monda das hervas ruins que cresceram.

Depois da monda segue-se o levantamento da parreira, em forquilhas, o que só não se faz quando, em alguns raros sitios a vinha tem trepado em arvores ou latadas, ou se arrojei por cima das paredes dos abrigos, proximo das quaes existe.

Na ilha do Pico a desfolha da parreira, para expôr o cacho á maior intensidade do sol, não é geralmente adoptada; e quando, porventura, á mesma se proceda, poupam sempre as duas folhas mais proximas do cacho, que os vinhateiros denominam *os guarda-saes* da uva e esta desfolha, parcial, só tem logar quando os cachos já estão no coneeço da sua maturação.

As vindimas effectuam-se, geralmente, de 15 de Agosto em diante.

A este respeito estamos ainda como na primitiva e o processo a qui seguido é, com pequenissimas variantes, o de que usavam antigos povos, cuja descripção é a seguinte que extractamos do Diccionario inglez de Antiquidades Gregas e Romanas, editado por William Smith. Ph. D., em New York, com a data de 1843.

«*Torculum*, ou *Torrular*—uma prensa para fazer vinho, ou azeite.

Quando as uvas estavam maduras, os cachos eram apanhados,

despresando-se qualquer que não estivesse sazonado, sendo os outros conduzidos em grandes cestos da vinha para o lagar.

Alli eram, immediatamente, pisados por homens descalços, mas nuzando ceroulas.

Ao menos, duas pessoas, pisavam juntas as uvas.

Trabalhar a sós no lagar indicava desolação e pobreza.

As pinturas Egyptias mostram-nos até sete homens conjunctamente n'esta faina, aguentando-se em cordas, ou páos, adrede collocados na parede e passando por cima das suas cabeças.

Pelo tamanho dos lagares Grêgos e Romanos não pode haver duvida que o rancho dos vindimadores era, por vezes, muito mais numeroso.

Uma *antefixa* do Museu Britanico exhibe um individuo ao lado do lagar, executando musica n'um instrumento, em quanto se procedia á piza, regulando d'esta forma os movimentos dos trabalhadores.

Alem da musica instrumental eram os vindimadores tambem animados por uma canção adequada áquelle acto, alguns trechos da qual se encontram em Anacreonte.

Desde que as uvas estavam sufficientemente pisadas, eram ainda sujeitas, no lagar, a uma forte pressão, produzida por uma trave ou prensa para este fim preparada, isto com o intuito de lhes tirar todo o sumo.

Algumas vezes substituiam o prelo por uma prensa de parafuso.

Um ralador era tambem usado para limpar o mosto das particulas solidas que corriam do lagar.

Recebia-se, da torneira, o vinho em vasilhas de boca larga, das quaes o vasavam em pipas.

Quando a colheita era muito abundosa, alem dos cascos proprios para a recepção do vinho, havia uns depositos cavados no chão, aos quaes os latinos davam o nome de *lacus*.

A festa de Lenaxa, ou Baccho, era celebrada no local em que se dizia haver sido construido o primeiro lagar.

Ora esta descripção coincide exactamente com o que ainda hoje se pratica entre nós e se os pubres vindimadores da ilha do Pico não tem ao lado do lagar, para os animar, alguns musicos, elles substituem esta falta com a prata de casa, com as suas proprias vozes, cantando-se ou descompondo-se de lingua, conforme as urgencias d'aquelle trabalho.

A vindima nem por isso é menos animada, n'aquella atmospherá saturada das emanações mornas e estonteadoras do sumo da uva.

Os depositos dos vinhos do Pico nunca perdem pelas maiores dimensões das respectivas vasilhas, tanto assim que antigamente, no tempo das grandes colheitas, preferiam os toneis ás pipas, que devem estar bem lavadas e levemente enxofradas para evitar o engrossamento do liquido, devendo este conservar-se em adegas ou armazens, res-

guardados do frio, estando sobre as fezes, ou borra, desde a vindima até ao seguinte mez de Janeiro, epocha em que convem então *passal-a* e fortifica-la com algum alcool, cuja porção deve ser em harmonia com a sua qualidade, pois sendo fraco deve levar menos espirito e ser decantado repetidas vezes e de cada vez moderadamente fortificado.

Em quanto ás diferentes castas da uva, temos:

*Verdelho*—a mais trivial de todas as qualidades e porventura a melhor, sendo os seus caracteres distinctivos, cêpa delgada, folha miúda, cacho de tamanho regular, com muitos bagos, quasi sempre de dois bagulhos, côr amarello esverdeado, quando mal sazonado e côr d'ouro em perfeita madurêza, sabor muito doce e rica e alcool.

*Verdelho Silvestre*—Côr verde, bago grande, cacho regular e gosto acido.

*Boal*—Cacho muito grande, os bagos ratos, côr esverdeada, gosto doce, e com menos alcool do que o *Verdelho*.

*Bastardo*—Ha duas qualidades, verde e preta, é doce e os cachos de tamanho regular.

*Dêdo de Dama*—Bago sobre o comprido, doce, cacho regular e côr esverdeada.

*Terranêr*—Bago redondo, bagulho pequeno, casca muito fina, côr esverdeada, doce, alcoolica e produzindo muito sumo.

*Alicante*—Bago grande, cacho pouco provido, carnuda, côr esverdeada e magnifica para passar.

*Moscatel*—Ha duas qualidades, roxo e verde, doces e alcoolicas, bago grande e muito saboroso.

*Uva tinta*—Qualidade inferior, côr preta, cacho regular, servindo só para colorir o vinho.

*Gallêga*—Bago redondo, cacho regular, mas muito *empacado*, côr verde, gosto doce e perfumado, é pouco alcoolica.

*Isabel*—Casta americana, recentemente importada, bago grande, côr preta, um só bagulho, casca grossa, doce e fresca, produz abundantamente, convindo ser pouco podada, tende a generalisar-se em grande escala, substituindo talvez o antigo *Verdelho*. E sua cultura já está dando optimos resultados.

Mais algumas diversidades de uva existem na ilha do Pico, taes como o *Moscatel de Jesus*—*Diagalves*—*Uva do Monte*—*Ferral &c.*, mas isto mais por curiosidade do que propriamente para producção, como mais abundosas eram essas diversidades antes da molestia, em que os agricultores a par do *Incrativo* e geral *Verdelho*, gostavam de apresentar outras especies, quasi sempre para mêza.

Todas estas castas d'uva estão no Districto da Horta, mal classificadas, ou para melhor dizer, por classificar, á mingoa d'um estudo sobre tão importante assumpto, do qual jamais se tratou devidamente, mesmo no tempo da sua enorme abundancia.

Concluiremos fazendo a seguinte observação, que é notavel que

sendo o Verdelho oriundo da Madeira seja tão notavel a differença que ha entre o vinho no Pico produzido e o d'aquella proveniencia, ainda que ambos excellentes, o que talvez dêa ser attribuido a effeitos do clima e diversidades de terrenos, pois por analogia vemos haver tambem grande differença, embora na mesma especie, entre a uva do Pico e a d'esta ilha do Fayal, apesar da grande proximidade d'estas ilhas, mas de sólo muito diverso, sendo o vinho fayalense mais fraco, menos doce e desprovido d'um perfume especial dos productos picoenses.

Com as flores, rosas, cravos &.<sup>a</sup> dá-se o mesmo facto, na ilha do Pico o seu aroma é muito mais fino e pronunciado.

Os entendedores classifcam os vinhos das ilhas d'este archipela go pela seguinte ordem descendente, 1.º o vinho do Pico, - 2.º de São Jorge, - 3.º da Graciosa, — 4.º do Fayal, isto com relação aos productos antigos, pois que, modernamente, conservando ainda o Pico a primasia a toda e qualquer localidade, ainda assim a ilha de São Miguel está produzindo muito bom e abundoso vinho da uva Isabel, americana, ou de cheiro, como trivialmente é denominada pelo povo.

Consta, por tradição, terem tambem vindo para a ilha do Pico bacellos da ilha de Chipre, isto em 1470.

A entrada dos bacellos da Madeira, foi pouco depois de povoada a ilha, pelos annos de 1460, ou pouco depois:

### III

## A CIDADE DA HORTA

### (Ilha do Fayal)

Peguenta, mas pittoresca.

Reposa a cidade da Horta reclinada à beira mar, toda cingida de branco e adornada de flores, como noiva engraçada que nos alvares da manhã vem escentar os suspiros de apaixonado amante.

Se o pincel inspirado de algum grande artista quizesse reproduzir na têla um quadro verdadeiramente arrebatador, difficilmente encontraria mais apreciavel sitio do que essa povoação que, edificada n'um longo amphitheatro, precedida de formosissima e vasta bahia, com as suas alvas cazas todas circumdadas de luxuriante verdura, com os formosos montes que a rodeiam do lado de oeste, parece a fada carinhosa que no seio das intemperies do oceano, offerece aos cansados viajantes a alegria, o repouso e a abundancia.

Por isso um numerozo concurso de navios de todas as nacionalidades vem, constantemente, a este porto descansar das suas longas fadigas atravez do oceano, ou em busca dos necessarios reparos, que lhes fornecem os magnificos arsenaes aqui existentes, encontrando nos fayalenses cordial acolhimento e levando, geralmente, d'esta terra gratas recordações.

Em compensação, esse mesmo importante movimento, maritimo, sustenta uma grande parte da população da Horta, bem como alimenta diversas industrias de bastante valia para esta localidade.

O interior da cidade da Horta, ainda que não corresponde exactamente ás muitas bellezas que do mar ostenta, possui, ainda assim, algumas extensas e espaçosas ruas, edificios valiosos e bastante animação, devida em parte ao movimento diario entre esta e a fronteira e vasta ilha do Pico, cujo canal é constantemente sulcado por arrojadadas embarcações, equipadas com optimos marinhoiros, que estabelecem diarias communicações entre os principaes portos do Pico com esta cidade.

A coragem e pericia d'estes maritimos é proverbial e está em relação com a impetuosidade das tormentas que nas paragens açorianas tem a vencer.

A população da cidade da Horta, eleva-se, approximadamente, a 8:000 habitantes, divididos pelas suas tres freguezias Matriz, Conceição e Augustas. A esta população permanente deve acrescentar-se o avultado numero de estrangeiros que, mais ou menos, sempre aqui se encontram e os quaes constituem um poderoso elemento de prosperidade para esta terra.

A cidade possui, actualmente, trinta e seis ruas, quatorze travessas e seis largos, sendo o seu principal edificio o Collegio dos extinctos jesuitas, situado n'uma linda posição que domina toda a bahia e com as accomodações necessarias para alli estarem reunidas diversas repartições publicas, governo civil, repartição de fazenda do Districto, escrevaninha de fazenda, recebedoria, tribunal judicial, camara municipal &c.<sup>a</sup>.

No centro d'este edificio que mede 101,2 d'extensão, eleva-se a magnifica egreja Matriz, edificada em 1670, dedicada ao seu começo ao mysterio da Epyphania e mais tarde, quando matriz, ao Santissimo Salvador, possuindo boas alfaias e algumas obras d'arte de subido valor, com especialidade o retabulo, em madeira, do altar maior, bem como o do altar de São Paulo.

Ha um antigo documento, uma Memoria enviada pela Junta Governativa da Horta ás Cortes constituintes da nação, em 1822 que menciona haver-se despendido com a feitura do edificio do Collegio 400:000\$000 de rs., cifra esta que, necessariamente, foi assaz exagerada.

E' na egreja Matriz que corre a tradição de haverem os jesui-

tas, quando subitamente expulsos d'esta ilha, enterrado dinheiro, alfaias de prata e ricas fazendas de damasco bordadas a ouro, para os usos sacerdotaes.

Mas será isto verdade?

E' facto que os jesuitas sahiram da Horta, obedecendo ás mysteriosas ordens do Marquez de Pombal, na nau Nossa Senhora da Natividade, chegada á bahia da Horta poucas horas antes do seu embarque.

Com o Reitor Antonio d'Andrade foram presos mais 7 jesuitas e 3 irmãos leigos no seu convento de S. Francisco Xavier, das duas para as tres horas da madrugada do dia 4 d'agosto de 1760, sendo presentes o Capitão Mór, Thomaz Francisco Bram da Silveira, o Juiz Ordinário, Antonio Soares d'Evora e o Conde de S. Vicente, Manoel Carlos da Cunha a quem fôra confiada tão importante e secreta missão.

Sahiram os jesuitas do seu collegio com o breviário debaixo do braço para embarcar n'um pequeno caes fronteiro, aonde os aguardavam os escaleres da nau, sem que fosse permitido levar mais do que a vestimenta que tinham no corpo.

Desde logo começaram a vigorar a idéa de que o thesouro dos jesuitas devia estar soterrado, algures, n'aquelle seu edificio, havendo alli successivas buscas e excavações, sempre infructíferas.

Em nossos dias essas pesquisas ainda continuam, segundo tem constado, encontrando-se alguns subterrâneos de lageadas parêdes, com bagacina no pavimento e esqueletos e caveiras em diferentes logares da egreja.

Se, effectivamente, o thesouro dos jesuitas alli existio, o qual devia ser valioso, por ser no Fayal a sêde da Companhia n'este Archipelago, é mais que provavel que fosse renuado para fóra dos Açores, pouco depois da expulsão dos seus donos, de Angra, Ponta Delgada e Horta, dizendo-se até que por um ermitão que no Fayal appareceu, vindo n'uma sumaca ingleza e que durante algum tempo viveu na ermida de Nossa Senhora da Boa Viagem e cuja sabida d'esta ilha foi assaz mysteriosa.

Além da capella mór, cabeça da cruz que no seu deliniamento forma esta egreja, existe na extremidade do norte do cruzeiro uma esvelta e rica capella do Santissimo, de construção moderna, 1847, e no lado opposto a capella de São Paulo, a que já nos referimos.

Cada lado do corpo da egreja contem tres capellas, havendo na primeira do lado do sul, dedicada á Senhora da Boa Morte, duas admiraveis telas, uma representando o passamento da Virgem e outra atinente á sua gloriosa resurreição, que tem sido muito admiradas por estrangeiros illustradissimos que este templo tem visitado. Ignora-se a proveniencia d'aquelles bellos quadros, que bem podem ser de subido valor artistico e apenas se sabe que o protector d'aquella



capella fôra o P.<sup>o</sup> João Alves de Serpa, que na mesma jaz enterrado em sepultura rasa. Existe tambem um bello quadro no Baptisterio e alguns, de menor valia, na sacristia dos clérigos, representando varios passos da vida de São Francisco Xavier.

O ingresso para o Collegio e templo dos jesuitas, que fica n'uma pequena elevação, relativamente a algumas das ruas proximas, foi por muitos annos um montão de entulhos e só mais tarde recebeu o beneficio de duas ordinarissimas rampas, do lado do sul e norte, bem como limitadissimo adro, que corre em frente ao edificio.

E' a imponente estatua d'um gigante no mais ordinario pedestal.

Se acaso os constructores d'aquella magestosa fabrica, cujo plano, segundo consta, era em frente do edificio farta escadaria, terminando n'um largo que se prolongava até ao mar, contemplassem hoje o que os homens que se lhes seguiram alli fizeram, só lhes restava por derradeiro lenitivo, como o soldado de Novara, de que nos falta o Sr. Mendes Leal, no Avé Cesar :

Cobrir a frente com a rôta bandeira  
Para ao menos a vergonha não vêr !

No espaço que medeia entre o suporte do adro, e a rua publica, em pavimento inferior e que passa em frente do edificio, fez-se ultimamente um jardim publico, devidamente gradeado e que pode vir a tornar-se n'um ameno sítio, quando receba diversos melhoramentos que ainda não possui. Fica n'um ponto muito central da cidade e nas noites d'estio alli concorrem muitas familias da Horta. Este local foi baptisado com o nome d'um distinctissimo fayalense e chama-se o Largo do Marquez d'Avila e de Botama.

De todas as edificações da Companhia de Jesus no archipelago foi esta a mais importante e de maior merito artistico, se acaso não é a primeira de todas as construcções açorianas.

Diversos outros templos existem tambem na Horta, que são dignos de visitar-se e edificados, geralmente, em sítios d'onde gosámos esplendidos pontos de vista. Temos, por exemplo, a elegante igreja do Carmo, alta, alegre, e de ligeiro aspecto, dominando quasi toda a cidade. A fundação d'esta igreja, por Helena de Boien, viuva d'um capitão mór do Fayal, data de 1698, sendo reconstruida em 1751, me-nos o frontespicio que se ultimou em 1797, segundo uma inscripção alli aberta na pedra. Todos os escriptos que tratam d'este templo mencionam como obra admiravel o arco do seu espaçoso côro, o qual tendo o vão de 8.<sup>ms</sup>53 a sua curvatura é simplesmente de 0.<sup>ms</sup>22.

Por portaria de 7 de Junho de 1836 foi a igreja do Carmo concedida á respectiva ordem Terceira, escapando quasi milagrosamente ao tamartello destruidor de alguns homens que queriam provar o seu patriotismo deitando por terra os edificios monasticos, por melhores que elles fossem, em holocausto a uma liberdade tallhada a seu taíante.

Portugal soffreu muito da senha destruidora de semelhantes barbaros, que mutilaram ou destruíram os nossos melhores monumentos d'arte.

O convento dos carmelitas, ao lado do sul da sua igreja, convenientemente reedificado, serve hoje de aquartelar tropa de infantaria ou caçadores e a cerca do convento, vasta e elevada, de cemiterio geral, assim como de particular da mesma ordem Terceira. Estes cemiterios acham-se actualmente em boas condições de acceio, convenientemente arruados e tratados com cuidado, possuindo já bastantes tumulos. Os enterramentos alli começaram a 19 d'agosto de 1839. Tem uma porção de terreno reservado para repouso das pessoas não catholicas.

Em frente do quartel existe o largo do Conselheiro Barboza, não tendo coisa alguma que mereça menção a não ser o nome d'este distincto fayalense e a arrebatadora vista que d'alli gosamos, devassando a parte mais baixa da cidade, toda a bahia, e tendo em frente o magnifico panorama da ilha do Pico. Por tardes amenas d'estio esta pequena eminencia é um dos sitios mais agradaveis da Horta, tanto mais que a proximidade de muitos arvoredos e jardins embalsamam as auras de suave perfume e de salutiferas emanações.

Os frades, como vulgarmente se diz, tinham dêdo para escolher bellos sitios para as suas construcções e, n'esta cidade, deram d'isto as mais exuberantes provas.

As instituições de caridade na Horta estão perfeitamente representadas pelo deteriorado convento dos franciscanos aonde está estabelecida a primeira casa de caridade do districto, o hospital e anexo asylo de mendicidade. Ha muito alli que fazer, o hospital recebe apenas limitado numero de enfermos e a casa, apesar de grande, está em pessimo estado e sem nenhuns dos necessarios preceitos hygienicos que recommenda a sciencia.

Ultimamente tem se tratado de crear os meios necessarios para a construcção d'um novo edificio para hospital e já algumas esmolas e donativos tem concorrido para tão humanitario fim, assim como uma parte do rendimento da Santa Casa da Misericordia da Horta para isto é annualmente applicada, sendo, ainda assim de presumir que muito tempo decorra primeiro que se possa effectuar semelhante e tão necessario melhoramento.

O hospital alli está estabelecido desde 1833, sendo o rendimento da Santa Casa da Misericordia de 3:192\$748 rs. e de uns 2:000\$000 de rs. de receita extraordinaria. Os seus bens foram avaliados, no anno de 1867, no valor de rs. 102:048\$000.

E' annexa ao convento de São Francisco que se ergue a igreja do grande patriarcha, em bom estado de conservação, assaz espaçosa, com o tecto da capella môr todo forrado de quadros a oleo, com pinturas sacras e da qual foi padroeiro e bemfeitor Simão Luiz Carôlo,

homem de largos haveres, natural d'esta ilha e que alli já sepultado.

Os frades franciscanos primeiro que, definitivamente, se estabelecerem n'aquelle convento, fundado pelos mesmos em 1606 e construido, com a adjunta egreja no praso de quatro annos, tiveram dois outros paradores, o primeiro no sitio que hoje denominamos a Lomba dos Frades, entre as freguezias de Pedro Miguel e Praya do Almoxarife, e o segundo nas Pedras dos Frades, na Horta, por fóra da muralha que actualmente cinge, como um baluarte contra as furias do oceano, toda esta povoação. A egreja de São Francisco serve cumulativamente ás festevidades da Santa Casa da Misericórdia, a qual pertence, bem como á da Ordem de São Francisco, estabelecida n'uma capella ao lado do norte da egreja, aonde existe uma veneranda imagem do Senhor dos Passos, a primeira talvez da ilha e que só tem competidora em perfeição na Virgem das Dores, da egreja da Conceição, de que em breve trataremos.

Existem ainda na freguezia Matriz, a que pertencem estes edificios, o antigo convento da Gloria e annexa egreja, dedicada á Santissima Trindade, fundado em 1630 por D. Catharina Corte Real. A egreja, assaz pequena, está presentemente fechada e completamente arruinada, em consequencia do terremoto de 2 de Maio de 1882, e o convento carecendo de grandes reparos e sem uma unica religiosa. É sitio perfeitamente accommodado para grandes construcções publicas de que carece esta cidade, como por diversas vezes tem sido officialmente indicado ao Governo.

O Azylo d'infancia desvalida abriga-se no extinto convento de Santo Antonio, edificado pelos annos de 1599 e de que foi padroeiro João Antonio Linhares.

Se pobres são as indetiezas creaturas que alli abrigam a sua desventura, pobrissimo é tambem o ninho bemfazejo que as recebe, ainda assim a manutenção durante um já longo periodo d'aquella casa de piedade, vivendo quasi absolutamente de esmolas, faz nos acreditar que a Providencia lança sobre a mesma misericordioso olhar e que, a poz este periodo das mais seriãs difficuldades pecuniarias, lhe hão de sorrir mais prosperos dias. O Azylo d'infancia desvalida tem tido, por mercê de Deus, devotados pugnadores da sua conservação e hoje a fragil planta que, tão humildeamente, aqui nasce, vae lançando mais rijas raizes e apresentando uma ou outra ridente flôr, singela como a infancia que mantem, mas como a infancia mostrando por vezes encantadores sorrisos, embora orvalhados com lagrimas.

Annexa ao extinto convento existe a egreja de Santo Antonio, a qual chegou a estar profanada e na mesma a serem recolhidos animaes, mas que o Governador Civil da Horta, o Conselheiro Santa Rita, em 1845, conségno reparar condignamente para o culto divino. Honra seja isto á sua memoria.

A freguezia da Conceição conta apenas um templo e duas crui-

das, menos feliz n'esta parte que a freguezia Matriz que possue as ermidas da Boa Viagem, Livramento e Sant'Anna, esta ultima pertencente ao Sr. Visconde do mesmo titulo.

A igreja de Nossa Senhora da Conceição é um bello templo, com seis altares e hoje, depois de recentes melhoramentos, possue magnifico aspecto.

Antigamente existia no sitio em que hoje se ergue a Conceição uma pequena ermida que, mais tarde, em 1597, foi queimada e saqueada pelos inglezes, sobre as suas ruínas, porem, conseguiu o Rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Theodoro Ferveira de Mello, seu vigario, levantar o espagoso templo que admiramos.

Existe n'esta igreja uma imagem de Nossa Senhora das Dores do mais notavel aspecto e ideal formosura. Foi seguramente um grande artista que soube dar tanta vida e naturalidade a semelhante imagem, e a dolorosa expressão com que a Virgem tem os olhos erguidos ao ceu, marejados de lagrimas, sabe infundir nas pessoas que a contemplam os mais respeitosos sentimentos de veneração pela excelsa Mãe de Jesus.

As duas ermidas d'esta parochia são a de Santo Amaro, na estrada para a aldeia dos Flamengos e a da Senhora do Pilar, na lomba, ou encosta da Espalimaca, de cujo adro é esplendida a vista da cidade, que lhe fica aos pés e que d'alli se observa perfeitamente a *vue d'oiseau*.

Na terceira freguezia da Horta, a das Angustias, parece que os habitantes eram mais atreitos as coizas da guerra do que ao mysticismo da religião, vemos alli quatro castellos, tres dos quaes hoje sem artilheria e apenas um templo, a igreja de Nossa Senhora das Angustias e duas ermidas uma para o interior, no sitio de Santa Barbara e a segunda de Nossa Senhora da Guia, sobre o elevado monte do mesmo nome e que defronta, do sul, com a ponta da Espalimaca, formando as duas grandes projecções entrando pelo mar alem, no fundo das quaes se eleva a cidade.

A primitiva igreja, ou ermida das Angustias é coeva com a primeira donataria d'esta ilha Brites de Macêdo, constando, por tradição ser coberta de palha e de na mesma se haver dito a primeira missa n'esta ilha.

Em 1684 foi, porem, dedicada á Virgem das Angustias uma nova igreja e em 1800, com o producto de esmolas e coadjuvação do governo edificada a que, actualmente existe, que em diversas epochas bastante tem soffrido por effeito dos tremores da terra, cujos tremendos vestigios são bem visiveis tanto na sua abobada, como nas paredes lateraes. Ainda assim está muito decentemente ornamentada e prestando serviço á abundosa população que mora n'aquelles arredores, hoje a parte mais valiosa da cidade, em consequencia da sua proxi-

nidade do grandioso porto artificial em construcção, bastante adiantado, na bahia da Horta.

São estes os edificios publicos, de maior vulto, no Fayal existentes.

As fortificações militares da Horta eram abundosas: alem das bombardeiras que existiam de diferentes pontos da cortina de muralhas que cinge a cidade, havia, na freguezia da Conceição, o Castello Novo, que presentemente serve de cadeia civil, ainda que sem accommodações algumas para semelhante fim, bem como um forte no sítio da Lagoa, d'alli a pouca distancia; e bem assim, na parochia das Angustias o da Greta, Porto Pim, São Sebastião e Castello de Santa Cruz.

Este ultimo reducto é o unico da ilha que apresenta alguma apparecia bellica, tendo uma guarnição de artilheiros, vinte e uma peças montadas, arvorando a bandeira nacional e correspondendo ás salvas dos navios de guerra que tocam n'este porto; os outros estão sem artilheria, nem guarnição e apenas em São Sebastião se aquartelam alguns veteranos.

N'uma pequena povoação, como era antigamente a Horta, pareceria, necessariamente, demasiado luxo tão numerosos fortes e tantas aberturas para mortíferos canhões.

Tinha isto uma razão de ser.

As frequentes excursões dos corsarios argelinos a estas paragens, nas quaes não era raro o derramamento de sangue, assim como violentos roubos, traziam sempre em sobresalto os povos fayalenses, não escapando nas freguezias ruraes as raparigas mais bonitas de serem arrebatadas pelos infieis victoriosos, ou as embarcações que cruzavam o canal entre o Fayal e Pico de ser desprovidas dos carregamentos que conduziam, devendo accender a cubiga dos corsarios a povoação da Horta, mais abundosa em riquezas. E, assim, vemos tanto na bahia em frente da cidade, como na de Porto Pim, fortificações que das suas margens cruzando os tiros, difficultassem muito qualquer desembarque do inimigo. Hoje nenhum d'aquelles fortes, pela sua construcção, poderia resistir ao impeto de valente artilheria dos navios contrarios, mas antigamente representavam um valioso meio de defesa e uma garantia á fazenda e vida dos particulares.

Possna ainda a Fazenda, na Horta, alguns insignificantes predios que, conforme as exigencias do serviço publico tem sido aproveitados para nos mesmos funcionar diversas estações officiaes.

A alfandega d'esta cidade, até muito recentemente, esteve estabelecida n'uma mesquinha casa do largo do Marquez d'Avila e de Bolama, muito distanciada do unico caes da cidade e sem quiesquer commodidades para o fim a que se destinava. Em seguida, porem, ao grande tremor de terra de 2 de Maio de 1882, ficou em tão deteriorado estado aquella casa, que foi urgente remover-se d'alli a alfandega, indo funcionar n'uma casa de aluguel, em mais apropriado sítio, pela

sua proximidade do caes. Fica em frente do Castello de Santa Cruz.

Na antecedente casa d'alfandega, depois de alguns reparos, trabalha actualmente a Administração do Concelho.

Com o Lyceu da Horta e annexa bibliotheca, embora não fosse a sua mudança motivada por aquella catastrophe que tanto assustou os fayalenses, aconteceu ainda assim o mesmo, de uma casa acanhada e impropria da Alameda da Gloria passou para outra em melhores condições no largo do Bispo D. Alexandre, sendo a anterior destinada para escola regia do sexo feminino, funcionando a aula do sexo masculino n'um granel, convenientemente reparado, do extinto convento da Gloria.

A sala dos expostos está tambem n'uma casa de renda na travessa da Misericordia, carecendo, como as de que acima tratámos, de grandes melhoramentos para poder prestar regular serviço.

A bibliotheca publica d'esta cidade, como as bibliothecas das sociedades litterarias, ou propriamente particulares, são todas assaz deficientes, nem preenchem de sorte alguma o fim a que miram essas saltares instituições, da educação popular.

A primeira d'estas bibliothecas, adjunta ao Lyceu é, quasi na sua totalidade, composta de antigas obras das livrarias dos extinctos conventos, muitas das quaes mais proprias para embolar o espirito dos leitores, do que para lhes offerceer qualquer proveitoso ensinamento, mais conducentes á perda do bom gosto litterario e artistico, do que a servir de minima utilidade. Desgraçado o estudante que não tiver outro alimento intellectual.

A segunda bibliotheca, pertencente ao Gremio Litterario Artista, que foi offercida a esta sociedade por um benemerito socio honorario da mesma, contem aproximadamente uns 7.000 volumes de magnificas obras, tanto nacionaes, como estrangeiras e na maior parte com boas encadernações. Se aqui, porem, abundam optimos livros, falta-lhe a devida classificação e um catalogo regular, aonde qualquer homem estudioso possa respigar o genero de litteratura que mais lhe agrade, ou o livro que deseja consultar.

O Gremio Litterario Artista Fayalense, uma das mais sympathicas instituições da Horta, têm encontrado graves difficuldades para a sua manutenção, sendo insufficiente a quota dos seus limitados socios para acudir ás mais indispensaveis despesas; assim a regular classificação da sua excellente bibliotheca que necessariamente acarretaria extraordinaria despesa para aquella sociedade, aguarda dias mais prosperos e desazonbrados, resultando d'isto que semelhante deposito de livros, apesar de excellente dá, em sentido inverso, quasi o mesmo resultado da bibliotheca do lyceu.

Temos ainda a livraria do Gremio Litterario Fayalense, composta d'uns tres mil e tantos volumes, aos quaes estão reunidos uns 150

volumes de bons livros, quasi todos elementares, concedidos pelo governo, em 1880, como nucleo para uma bibliotheca popular.

Contem algumas obras de merito e tem-se gradualmente desenvolvido por via de offercimentos e de pequenas verbas que a respectiva direcção para este fim tem applicado, do pouco que lhe sobra das suas despesas ordinarias. Está patente aos socios d'aquella casa, ainda que não seja permittida a sahida de livros para os domicilios dos mesmos.

Alem d'estas collecções de livros temos ainda na Horta algumas estantes de obras pertencentes a particulares, mas nenhuma de vulto e que possa chamar a publica attenção, tornando-se aqui muito difficil, alem de dispendioso, qualquer individuo estar ao corrente do movimento litterario de Portugal, ou dos paizes estrangeiros.

Não é, porem, tanto a falta de livros que a este respeito nos deve contristar, por que esses mesmos que existem podiam ser poderosos elementos de civilisação, para uma pequena povoação como a Horta, quando frequentemente compulsados, mas sim a quasi completa indifferença por tudo que diz respeito ás letras. A diffusão do ensino ainda está aqui atrazadissima, o povo não quer nem sabe ler, os jornaes da localidade fazem milagres para a sua sustentação e a não ser a primeira classe da nossa sociedade, isto é, um certo numero de familias que tem mais fino trato, as classes proletarias são na sua generalidade completamente analphabetas e d'essa mesma gente da elite da nossa terra, consultem-se as estatisticas das bibliothecas e ver-se-ha que alem da leitura de jornaes, e sabe Deus muitas vezes para que os leem, quando elles andam travados em polemicas, o pedido de obras litterarias é insignificantissimo, desanimador na verdade.

Não mudará isto algum dia?

A introducção da imprensa n'esta ilha é tambem, relativamente, de moderna data, pois apenas começou aqui a publicação d'um semanario *O Incentivo*, no 1.º de Janeiro de 1857, seguindo-se lhe successivamente grande numero de periodicos de diversos formatos e de maior ou menor duração, mas com raras excepções de pouca vida. O decano dos nossos semanarios é *O Fayalense*, que já conta a bella idade de 28 annos, e em seguida *O Atlantico* com 24 annos de existencia, isto no corrente anno de 1884.

Como promettedor symptoma para o progresso d'esta terra notaremos que o movimento jornalístico tem constantemente tendido a desenvolver-se, apesar do limitado numero de assignaturas, das nossas folhas, e, ainda mais, que alguns d'esses periodicos são habilmente redigidos. O que ainda na Horta não foi possivel estabelecer é uma publicação diaria, concorrendo muito para que a imprensa não possa fazer face ás indispensaveis despesas, a negação para o annuncio que em outras localidades é um poderoso elemento de receita para semelhantes emprezas.

Com as unicas excepções da *Gazeta Judicial e Gremio Litterario*, os periodicos da Horta vivem quasi exclusivamente do producto das suas limitadas assignaturas, umas duzentas, se tanto!

Nas quatro ilhas, que compõem o districto da Horta, apenas tem existido publicações periodicas na sua capital e nas Villas da Magdalena e São Roque do Pico.

A edição de livros tem sido entre nós assaz rara, dispendiosa e muito espaçada, representando mais facilmente um sacrificio pecuniario, do que qualquer proveito a quem mette hombros a semelhante empresa, mais difficil do que a um general dar qualquer batalha pelos milhares de embarços com que tem a lutar, desde o primeiro compoedor até á ultima pagina da retirada.

Sustentam-se n'esta cidade quatro sociedades litterarias recreativas, que passamos a especificar. A primeira a sociedade «Amor da Patria», fundada em Novembro de 1859, tendo hoje, relativamente, avultados rendimentos, provenientes d'uma parte dos lucros da caixa Economica Fayalense que instituiu, assim como a excellente casa propria, na rua de D. Pedro 4.º, com grandes salões, perfeitamente mobilados, sustentando varias escolas nocturnas, na cidade e freguezias ruraes e offerecendo valiosos donativos aos azylos de mendicidade e infancia desvalida, alem de outros actos de caridade com que tem distinguido a sua existencia. Esta sociedade mantem, egualmente um club, aonde se tem dado alguns bailes.

O Gremio Litterario Fayalense, sociedade que se instalou a 22 de Novembro de 1874 e que actualmente funciona n'uma espaçosa casa da rua de São Francisco. Alem de muitos saras litterarios que tem offerecido aos seus socios durante o periodo da sua existencia e estes concorridissimos pela elite das damas e cavalheiros da Horta, ha dois annos que de outubro a Junho apresenta em cada mez, alternadamente um baile, ou representações dramaticas n'um pequeno theatro estabelecido no mesmo edificio em que funciona. Possui uma soffrivel bibliotheca, a que já anteriormente nos referimos e mantem desde 1880 a publicação de uma revista bi-mensal, amente á indole da sociedade que representa. A casa do Gremio Litterario Fayalense está tula bem mobilada, havendo nas salas da mesma, alem de um gabinete com grande variedade de jornaes e livros, jogos recreativos para entretenimento nocturno dos seus numerosos socios.

A sociedade «Humanitaria de Litteratura e Agricultura», inaugurada no 1.º de Dezembro de 1879, e tambem funcionando n'uma bella casa, na rua do Mercado, alem de haver já mantido uma escola de instrucção primaria e ter organizado uma orchestra, está constantemente aberta aos seus socios, encontram-se alli alguns jornaes e jogos e tem tido epochas de apresentar bons saras musicos-litterarios e n'um pequeno theatro que tambem possui tem effectuado recitas assaz a-



preciaveis, tomando parte, e n algumas, damas da nossa primeira sociedade.

Como as outras sociedades está mobilada com esmero.

O Gremio Litterario Artista Fayalense, sympathica instituição inaugurada no 1.º de Janeiro de 1878, existe n'um edificio vasto e apropriado ao fim a que se destina. Já possuiu esta sociedade uma escola nocturna e diversas aulas-officinas, mas por infelicidade sua vie cercados os meios pecuniarios com que occurria a esses encargos. Possue a melhor bibliotheca da Horta, um gabinete com jornaes e jogos, e abre, nocturnamente, para entretenimento dos seus socios. Durante o inverno ha sempre alli alguns excellentes bailes, aonde a distincta classe artistica d'esta terra se apresenta rivalisando, em tudo, com a mais selecta sociedade, devido isto á bella educação que tem dado ás suas familias, distinguindo-se, com especialidade, o sexo feminino.

Com os elementos que acima deixamos consignados muito facilmente verá o leitor, que n'esta localidade não faltam diversões durante as longas noites da estação invernosa, sendo todas essas reuniões geralmente muito concorridas por damas e cavalheiros e mantendo-se em todas os preceitos da mais fina educação. Parece-nos ser o Fayal a ilha do archipelago aonde ha mais gosto sociavel, apesar dos seus limitados recursos pecuniarios.

Foi creada tambem, modernamente na Horta uma associação commercial como de ha muito era reclamada e que tem já tomado parte em varias questões de interesse local, estando, por emquanto, estabelecida modestamente n'uma casa do Largo de Neptuno.

A Sociedade de Geographia de Lisboa estabeleceu a pedido de varios socios effectivos do Gremio Litterario Fayalense uma sua secção n'esta cidade, a qual, embora independente do Gremio, funciona na mesma casa.

No breve tempo da sua existencia, pois que a sua installação data de 20 de Fevereiro de 1884, creou um posto de soccorros a naufragos o qual já possui valiosos e indispensaveis aparelhos de salvação para qualquer sinistro maritimo que possa occorrer, tratando ainda da acquisição dos que faltam. Para este humanitario fim promoveu um luzido bazar, com illuminação no jardim do Gremio e tem recebido valiosa coadjuvação tanto dos habitantes da Horta, como do continente e do governo francez.

A Secção da Sociedade de Geographia tem tomado parte em varios commettimentos de interesse local e mereceu da benemerita sociedade a que obedece a offerta de uma bandeira que arvora em dias solemnes.

A conservação d'esta Secção, que possui hoje um posto meteorologico é de toda a conveniencia n'estas paragens, tanto mais quando no numero dos seus socios tem elementos para prestar bom serviço a esta terra. Como no inicio de todas as sociedades, maxime n'a-

queellas adstrietas a terras pobres, lucta ainda a Sécção de que tratámos com a escassez dos necessarios meios pecuniarios.

Tem, actualmente, a Horta um bom theatro, com relação aos recursos de que dispõe e que se denomina *União Fayalense*, com 13 camarotes de 1.<sup>a</sup> ordem, egual numero de 2.<sup>a</sup>, 12 frisas, 80 cadeiras de plateia superior e 104 assentos de geral.

Foi construido por um particular representando-se no mesmo pela 1.<sup>a</sup> vez a 16 de Setembro de 1856, e no anno de 1884 alli se fizeram muito importantes melhoramentos. Ha assim, 28 annos que no mesmo se representa, ou com companhias dramaticas de comicos de profissão, que estas ilhas visitam ou mais geralmente apresentando espectaculos postos em scena por habéis curiosos da localidade. Na Horta ha pronunciado gosto por este genero de divertimentos, sendo os espectaculos assaz concorridos e retirando por vezes bons lucros as companhias de segunda ordem, como as que vem aos Açores.

Jamais n'esta cidade deixou de existir nma ou outra sala de diversões scenicas, seja em casas particulares, ou propriedade de sociedades recreativas para tal fim instituidas.

Data de 1814 a inauguração do primeiro theatro na, então, Villa da Horta, sendo propriedade particular e levantado a expensas e na residencia d'um illustrado fidalgo d'esta ilha, o morgaño José Francisco da Terra Brum, depois Barão da Lagôa, o qual vivendo com faustô, alem de semanalmente reunir na sua bella e honrada residencia a sociedade elegante da Horta, a espaços proporcionava aos seus convidados representações de diversas peças dramaticas, isto ainda n'uma epoca em que taes diversões eram consideradas como perigosa inovação.

Em 1824 com a queda, em Portugal, das instituições liberaes e com as animadas dissensões politicas que agitavam o continente e ilhas não mais alli se representou, sendo em seguida desmanchado aquelle esmerado theatro, que se denominava *Thalia*.

Já promulgada a Carta Constitucional, em 1826, levantou-se na Horta um segundo theatro, denominado *Theatro Constitucional Boa União*, na casa que hoje pertence á Sociedade Cooperativa Artista Fayalense, no largo do Bispo D. Alexandre, o qual funccionou regularmente até 1828, fazendo ainda a politica com que fossem interrompidos os seus espectaculos até ao anno de 1832 em que novamente funccionou, passando mais tarde para o primeiro andar, do lado do norte do collegio dos jesuitas.

Pelos annos de 1845 e 1846 houveram tambem os theatros de Santo Antonio, no extincto convento do mesmo nome, aonde está esta belecido o azylo d'infancia desvalida, bem como o theatro *Thalia*, n'uma casa pertencente ao mesmo proprietario do theatro *União Fayalense*, que então ainda não estava construido, mas que lhe veio a ficar contiguo. Duraram por alguns annos.

Uma sociedade de artistas fayalenses, em 1850, começou a dar algumas recitas na mesma casa em que trinta annos antes havia funcionado o theatro *Bôa União*, passando em seguida no anno de 1857, no mesmo sitio, para a parte inferior de umas pertencas do convento da Gloria, devidamente arranjadas por esta sociedade e estando estabelecida na parte superior a escola regia do sexo masculino.

A classe artista da Horta já n'aquelle tempo era assaz instruida e emprehendedora, tanto assim que faltando-lhe musica para os seus divertimentos scenicos, creou para esse fim a philharmonica dos Artistas, a qual ainda hoje subsiste, sendo por vezes a unica sociedade fayalense que se dedica á sublime arte de Verdi e correndo, quasi sempre gratuitamente, a muitas solemnidades publicas.

Em 1882 houve tambem na saia do antigo theatro *Thalia*, adjunto ao *União Fayalense* um segundo theatro, de pequenas proporções, de que era proprietario o habil artista fayalense, Francisco Augusto da Silveira, mas que pouca duração teve, bem como em diversas epochas, na freguezia das Angustias, algumas salas de espectaculos, mantidas geralmente por artistas. A excepção do theatro *União Fayalense*, o unico regular que possuímos, tem sido os outros de, relativamente, pequenas proporções, mas ainda assim a sua abundancia demonstra o gosto que os Hortenses professam por tão civilizador genero de passatempo.

A sociedade Humanitaria possui, tambem, um pequeno theatro denominado «Luiz de Camões», bem como um identico o Gremio Literario Fayalense, devendo tambem notar-se que na bella residencia do Visconde de Sant'Anna, por muitos annos existio um elegante ainda que pequeno theatro, aonde nas amudadas e luzidas festas que se davam n'aquella hospitaleira casa, representavam damas e cavalheiros da nossa primeira sociedade.

O jardim publico da Horta, foi feito no anno de 1857, ao lado do norte da cidade e em sitio aonde, anteriormente, era a cerca do demolido convento de São João. É pequeno, mas assaz aprasivel, tendo bellas sombras e excellente vista para a bahia. Ultimamente tem experimentado alguns melhoramentos, como um kioske para musica, algumas estatuas, um tanque &c.<sup>a</sup>, não havendo um unico estrangeiro que visite esta cidade que algum tempo alli não vá passar, admirando a esplendida perspectiva das circumvisinhanças, assim como a magnifica vegetação acorica.

Em frente d'este jardim fica um grande largo, com elevada torre e relógio da cidade, pertencendo actualmente á Camara Municipal e a breve distancia d'alli, para o lado do sul, o mercado do gado, com frondoso arvoredo.

Em 1884 estabeleceram-se n'esta terra dois collegios, um do sexo masculino, cuja abertura teve logar no 1.º de Outubro, denominada de D. Pedro 5.º, e propriedade particular d'um muito habil profes-

sor do Lycêu, o segundo do sexo feminino, com o nome de D. Maria Pia, aberto a 5 de Maio, ministrando ambos variada instrução. Estas casas de ensino estão devidamente organisadas, tornando se n'um valioso serviço feito á mocidade fayalense.

Os hotéis da Horta são bons, com excellente tratamento, muito accio e modicos preços. O «Fayal's Hotel», de que é proprietario o Sr. Freitas Ednardo tem adjunta uma quinta para gozo e recreio dos seus hospedes e o «Hotel Central», propriedade do Sr. Cardoso, está tambem devidamente arranjado. São estes os principaes, havendo, porem, algumas outras casas que recebem hospedes, ainda que em mais modestas condições.

A vasta, profunda e tranquilla bahia da Horta é, até certo ponto com justificada razão, o orgulho dos fayalenses, e, effectivamente leva n'isto primazia esta ilha ás suas irãs do archipelago.

Abrigada, pelo lado de feste, com a grandiosa e elevadissima ilha do Pico, pelo sul com São Jorge e ponta da Espalmanaca e pelo lado do oeste com as enciadas da Caldeira fayalense um unico rumo de vento a pode encommendar, o sueste, por escapar á protecção que ainda do lado do sul apresenta á mesma bahia o monte da Gaia.

É quasi uma doca enorme formada pela natureza.

O movimento d'este porto é importante, regulando por uns 200 navios annualmente, a maior parte dos quaes estrangeiros, que na sua travessia entre o velho e novo mundo aqui aportam a reparar avarias, a descansar das fadigas do mar, a tomar mantimentos ou a abastecer-se de carvão.

Alem d'isto conta, tambem, excellentes arsenaes e artistas peritos e de fama em quaesquer concertos ou aparelho de embarcações, por mais importantes que estes sejam.

O trabalho dos calafates da Horta, alguns dos quaes constructores de embarcações, tem merecido sempre os maiores louvores pela sua segurança, perfeição e relativa modicidade de preço, sendo rapido qualquer serviço e em optimas condições, como rapido tambem é o fornecimento ilo carvão ás embarcações a vapor que tocam n'este porto.

Acresce a isto andar-lhe ligada a importantissima doca, cujos trabalhos começaram a 20 de Março de 1876 e que já n'um notavel estado de adiantamento, offerece abrigo seguro a quaesquer embarcações, embora de grande tonelagem, o que já tem acontecido com enormes vapores estrangeiros. E devemos tambem observar que nas suas bem montadas officinas tem recebido importantes concertos as machinas de diversas embarcações a vapor aqui arribadas com avarias, isto a contento dos respectivos commandantes que tem deixado honrosos attestados da maneira por que esses reparos são effectnados fundindo-se ate algumas pegas das mais difficéis, para o que ha artistas devidamente habilitados. A doca da Horta tem, actualmente um pharol de

2.<sup>a</sup> classe, de luz vermelha, que em regulares condições atmosphericas pode ser avistado a distancia de dez milhas.

E esta a principal obra do Districto e que em breve tempo estará concluida, pelas especiaes e favoraveis circumstancias do local em que se está construindo, tornando-se, desde já, pela sua posição geographica de grande importancia para a abundosa navegação entre a Europa e a America.

Julgamos nas antecedentes paginas, ter dado uma idéa, ainda que muito succintamente, do que ha de mais notavel na povoação da Horta, elevada a cathegoria de cidade por Decreto de 13 de Julho de 1833.

A indole ligeira d'este livro não comporta largas dissertações historicas, com as quaes não fatigaremos o leitor.

Duas palavras apenas mais para terminar este capitulo.

Para os poetas, artistas e pintores, a Horta tem bellas vistas, bonitas raparigas e formosas aleas povoadas de arvoredos e jardins repletos de flôres e de silencio.

Para os homens maduros e pacatos varios pontos de palestra, charutos e tabaco de contrabando e excellentes vinhos do Pico.

E finalmente para nós e outros uma população pacifica, hospitaleira e que recebe sempre com jubilo qualquer estrangeiro.

---

#### IV

### A VISCONDESSA DA PRAIA

(Ilha de São Miguel)

Logar á Caridade.

Num livro que trata do archipelago açoriano deve occupar, de direito, um dos primeiros capitulos quem soube realizar na terra a mais nobre das missões enchungando lagrimas, levando a abundancia a famintos lares, protegendo os indefessos, acolhendo nos seus abençoados braços as creancinhas, deixando sempre na sua passagem um rasto de beneficios valiosos, exaltados pela mais acrisolada modestia.

Não sei se conheceis a formosa ilha de São Miguel, é o jardim dos Açôres, como Nice o jardim da Italia.

A natureza accidentada d'aquella fertil ilha, parece esmerar-se em apresentar aos seus visitantes as mais variadas scenas, os mais encantadores sitios, os mais admiraveis ou assombrosos quadros.

As excepcionaes bellezas que encerra bem podem ser appropriada moldura para não triviaes exemplos de patriotismo, dedicação e virtude, mas esta levantada a tão sublime grão, que a sua memoria será imperecível, tornando-se em verdadeira gloria para aquella importante localidade.

Se nos grandes emporios da civilisação moderna, se nas grandes capitães dos paizes mais adiantados da Europa, governos sabios e incitadores dos mais nobres sentimentos do coração humano tem criado premios denominados da virtude com que em sessões publicas, perante as maiores notabilidades do paiz, são conferidas honras ou recompensas aquelles dos seus subditos que mais se distinguem na pratica do bem, em Portugal a pessoa alguma melhor do que a respeitavel açoriana a Ex.<sup>ma</sup> Senr.<sup>a</sup> Viscondessa da Praia, cuja recente morte deploramos, assentaria semelhante distincção e honra.

Vae alta a noite.

O rigoroso Janeiro estende por sobre os campos um gelado manto, no desgarnecido albergue do pobre não ha pão, nem lume, nem luz, algumas creanças a tiritar com frio e a gemer com fome, um cansado pae, vergado por ingrato trabalho, hoje enfermo e decrepito, uma mãe anciosa e triste, contemplando com a vista arrasada de lagrimas aquelle triste espectaculo, uma das mil cambiantes, em fim, da miseria e dos famintos . . .

O anjo da guarda d'aquelles infelizes, pallido com a fronte vergada para a terra, aguardava de ha muito que a gente que indifferente passava por aquelle sitio, lançasse para semelhante miseria um compassivo olhar, . . . mas não. . . , a noite tenebrosa a fiadar o seu decurso, a geada affasta os mais tardios transeuntes e sómente o vento nos arvorêdos fronteiros tem, batendo contra os despidos ramos, uivos de enfurecido tigre.

O anjo da guarda ia a retirar-se . . . as suas preces não tinham sido ouvidas do Altíssimo, as lagrimas d'aquellas creanças não achavam quem as recolhêsse.

Engano!

A Mãe dos pobres, a Viscondessa da Praia ouviu aquelle chorar afflicto, talvez ao recolher-se de alguma missão piedosa, eil-a que entra serena na moradia dos desventurados, como um raio de luz entra em horrível prisão, aconchega ao seio as semigeladas creancinhas, reparte com ellas, alli mesmo, uma parte do seu fado, esmola generosamente o enfermo, tem palavras de conforto para a consternada mãe, e sae afinal cercada d'um clarão ethereo e abençoada por todos!

Depara-se-nos agora um rapaz, orphão, de pae, pobre e talentoso.

As poucas horas que lhe restam d'um penoso mister, d'um indispensavel meio de ganhar escasso alimento, dedica-se elle ao estudo velando até alta noite, instrnindo-se, procurando sahir da rasteira esphera aonde o lançara o acaso.

Qual a sua ambição?

Dar melhor conforto á mulher a quem deixa a ser, a sua mãe, que á custa de muitos sacrificios o vestira decentemente, fazendo-o cursar uma escola.

As letras eram o seu enlevo, com os seus livros é que estava á vontade, apesar d'estes serem em bem diminuto numero.

Era elle, ainda assim, quem, de dia, avergado ás canceiras de rude trabalho, superior ás suas forças, alimentava aquella casa.

Estimava-o a vizinhança, a opinião publica era lhe favoravel, mas não obstante o tempo de provação continuava sempre.

Um dia, enquanto elle estava no trabalho, enquanto o snor lhe banhava a fronte, enquanto os braços lhe tremiam de fadiga, n'um officio para que não nascêra, uma carroagem parou á porta da sua humilde casa e a mãe recebe a visita d'uma outra caridosa mãe.

Foi longa a conversação, e as lagrimas de quem ia receber um grande beneficio, confundiam-se com as lagrimas da doadora do mesmo.

A Viscondessa da Praia tornava á sua conta a educação litteraria do operario . . . mais tarde esse bom rapaz tornou-se um hothen distincto e a igreja christã contou mais um exemplar sacerdote.

\* \* \*

Quem és tu, rapariga?

Tens apenas dezesete annos e és formosa como poucas.

Quando eras pequenina criaram-te n'um azyllo, foste um producto da roda dos engeitados, não conhecestes os carinhos maternos, nem teu pae jamais te abençoou!

Na idade em que já podias fazer algum trabalho mandaram-te para uma casa de lavradores. o sol queimou-te nas oiras, a chuva fustigou-te nos matos e as excessivas canceiras do trabalho fizeram-te enfermar o franzino corpo.

Se não chegavas a caza com a carga de lenha que faria arquejar um homem robusto, eras punida brutalmente, e não valias, segundo diziam, o pão que mastigavas, amassado com lagrimas, bem sabes.

Um dia, era na força do inverno, tinha chovido muito, o chão estava escorregadio e os atalhos de matto esverdeados de lima.

Descias, carregada, uma ribanceira, estavas fraca, ainda n'aquelle dia não te haviam dado coisa alguma para comer e talvez, devido

a isso, escorregaste, e o enorme feixe de lenha que levavas para casa, obrigon-te a ir de encontro a umas pedras, aonde batestes em cheio, com o peito.

Horas depois, um camponez que subia a serra encontrou a engeitada sem sentidos, quasi esmagada debaixo da lenha e com os beiços todos tintos de sangue.

D'alli em diante ficou estragada para o trabalho, enfermou, arrastando por alguns mezes uma penosa existencia.

O lavrador conseguiu, depois de alguns empenhos na cidade, que entrasse para o hospital, o que elle queria era ver-se livre d'aquelle dispendioso fardo.

A convalescença foi muito demorada, quando d'alli a tempos recebeu alta do hospital, conheceu perfeitamente que, embora lhe dissessem que estava boa, jamais tornaria a ser a rapariga sábia d'outros tempos.

Foi ainda procurar a casa do lavrador, mas este já se havia ajustado com uma criada mais robusta e não queria bocças inuteis.

Volto para a cidade, sem arrumação como diz o povo e houve então uma velha que, sabendo d'isto lhe offereceu a sua mal conceituada moradia, levando um fingido sentimento de comiserção até lhe emprestar vestidos vistosos e fitas para o cabello, induzindo-a a que estivesse sempre à janella e que só mais tarde saldariam contas.

O resto é trivialissimo.

Do primeiro andar em que morava a sua *protectora* e por desavenças com esta, decorridos alguns mezes foi morar, n'uma outra rua sosinha, n'uma loja, aonde por vezes ou lhe batiam ou a insultavam.

Pobre desgraçada! . . . a sua formosura, apesar de tudo, era ainda notavel.

Vivendo ora n'uma, ora n'outra rua, levou-a o acaso, uma vez, a permanecer por algum tempo, nas proximidades do palacio de uma titular.

Um dia entrou-lhe em casa um familiar d'aquelle nobre vivenda, estava incumbido de assegurar-lhe recursos para honesta sustentação, em quanto em São Miguel estivesse, e aconselhando a a buscar uma nova vida, em longinquo paiz, aonde a vergonha do seu passado fosse ignorada. Tinha, querendo, passagem paga, roupa e o dinheiro necessario para accudir ás primeiras necessidades em terra estranha.

Lágrimas de verdadeiro reconhecimento deslisavam dos olhos d'aquelle infeliz, tinha a consoladora consciencia de que alguém na terra por ella se interessava, no seu isolamento, na densa cerração da sua existencia a Providencia deparava-lhe um arrimo seguro, havia ainda a possibilidade de se regenerar, e accetando com a melhor vontade a esmola que lhe faziam, partio em breve com o firme proposito de se tornar uma mulher honesta.



Havia fome em São Miguel, aquelles campos férteis e uberrimos n'esse anno tinham dado escassissima colheita, o desanimo lavrava por toda a parte e o producto das terras não dava, a milhares de cultivadores, para pagar metade das respectivas rendas ou foros, e muito menos para a sustentação de numerosas familias.

A miseria já se fazia asperamente sentir, e a ganancia de desapiedados especuladores ia-se completando com a desgraça dos necessitados.

A Viscondessa da Praia deu então mais uma exuberante prova da alta bondade do seu generoso coração, pois que sendo importantissimos os redditos da sua casa e tendo milhares de devedores, perdoou-lhes, em semelhante crise, a maior parte dos compromissos, multiplicando ainda as esmolas que diariamente fazia.

Abençoada fortuna!

\* \* \*

Quando na epocha da descrença, que atravessamos, vemos d'estes levantados exemplos da mais acrisolada virtude, quando no embate de tantas, e por vezes tão rasteiras paixões, que por toda a parte tumultuavam a Providencia nos concede ser testemunhas de tanta bondade e dedicação a bem dos que soffrem, sentimos no intimo da alma renascer a fé no triumpho das suas doutrinas, nos principios sacrosantos da sublime doutrina de Jesus, sobre os delecterios preceitos do mal.

Deus não envia á terra tão beinfazejas creaturas, para que a sua missão fique improficua, ou apenas limitada ao breve numero dos seus dias de existencia no mundo.

A sua memoria, alem da campa, é ainda um vivo incitamento a todos os que professam as leis do Christianismo e a fragancia das viventes flores da sua alma, permanecerá por muito tempo na terra em que viveram.

A mãe dos pobres! — este titulo concedido pelo povo á nobre Viscondessa da Praia é o maior brazão nobiliario de que se pode ufanar a sua exemplar familia.

A Viscondessa da Praia foi uma santa, não havendo casal algum na vasta ilha de São Miguel aonde não chegassem os seus beneficios, ou a fama das suas virtudes, e o povo, singelo, mas firme nas suas afeições, dedicava-lhe a maxima veneração, e o mais profundo respeito.

Que vida e que morte aquella!

Vida toda cheia de bençãos, morte suave, cercada das mais ferventes afeições, vendo ao lado do leito o radiantissimo anjo da caridade a lhe recordar dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, todo o bem, todas as esmolas, todas as nobres acções que praticára, durante

a sua permanencia na terra e cheio de jubilo, de fé e de esperanza a lhe apontar para o ceu, aonde a ia conduzir para que recebesse, alli, as recompensas concedidas aos eleitos do Senhor.

Que vida e que morte aquella!

\* \* \*

A Ex.<sup>ma</sup> Senr.<sup>a</sup> Viscondessa da Praia, D. Anna Theodora Borges do Canto Medeiros, nasceu na cidade de Ponta Delgada, ilha de São Miguel no dia 3 de Maio de 1800.

A virtude parecia de ha muito heriditaria na sua opulenta, nobre e muito respeitada familia; seus paes os Ex.<sup>mos</sup> Antonio de Medeiros Sousa Dias e D. Clara Joaquina Isabel do Canto Medeiros deixaram farta colheita de boas acções e um dos seus avós, Gaspar de Medeiros, segundo encontramos n'um escripto do distincto michaelense o Sr. Antonio Ernesto Tavares de Andrade, por occasião do nascimento do seu filho primogenito, libertara em São Miguel todas as pessoas que então estavam prêsas por dividas, empenho em que despendeu 50.000 cruzados, alem das despesas dos respectivos processos.

Creada, pois, no seio de uma familia aonde as mais sublimes virtudes christãs estavam constantemente alentando as nobres almas dos seus progenitores, dotada pela natureza de um carater terno e meigo, perfeitamente adaptado para receber aquelles providenciaes ditames do bem, educada selectamente e consoante os largos haveres da casa paterna, a ditosa menina desde tenra idade começou a tornar-se conhecida pelas suas esmolas deleitando-se a enchugar com suas mãos, ainda infantis as lagrimas da indigencia e a tecer, em fim, o inicio d'essa grinalda das mais excelsas virtudes, que hoje deve ser a maior gloria dos seus filhos, assim como o orgulho da fermosissima filha de São Miguel.

Aos vinte e tres annos de idade, no dia 2 de Junho de 1823, casou a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Anna Theodora Borges do Canto, com o illustre michaelense o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Duarte Borges da Camara Medeiros, mais tarde Visconde da Praia, de cuja abençoada união, se adveio aos jovens conjuges a maxima felicidade, folgou tambem a livida cohorte dos desgraçados, que em S. Ex.<sup>a</sup> continuaram a encontrar a mais decidida protecção e o mais alto valimento.

Porflavam, marido e esposa, em qual n'este campo se tornaria mais distincto.

Os haveres d'aquella familia, eram abundosos, pertenciam mais aos pobres do que aos seus legitimos possnoidores, e isto incessantemente sem negativas, sem um dia de enfado n'aquellas duas grandes almas.

Não cabe no limitado esboço que nos propozemos escrever, delinear ainda succintamente a memoravel biographia do Visconde e Vis-

condessa da Praia. Foi grande, nobre, inexcedível a sua missão do bem, n'aquelle honradolar domestico as alegrias, os dias felizes, eram aquelles em que se praticavam maiores beneficios, e o povo acostumara-se nas suas necessidades a procurar aquelle palacio, naturalmente sem o minimo vexame, com a confiança e franqueza de quem procura uma habitação paterna, aonde sabe que será sempre bem acceito.

Pagando o inevitavel tributo á morte, a 19 de Março de 1872, entregou a alma a Deus, na sua patria, Duarte Borges da Camara Medeiros, cercado da maxima consideração publica, pranteado com as mais sinceras lagrimas dos seus conterraneos.

Singulares foram, então, as demonstrações de magoa que occasionou o fallecimento de tão prestante cidadão, a pobreza conhecia que estava orphão do seu mais desvelado protector, os indefezos e desprotegidos que lhes faltava o seu mais caridoso amigo.

No meio, porem, d'esta geral angustia ainda havia um hausto de esperança, — a Viscondessa da Praia, envolta em luctuosos crepes, mas já illuminada pela aureola de uma santa.

E, effectivamente, desde 19 de Março de 1872 até ao nefasto dia 15 de Setembro de 1883, em que falleceu, a nobre Viscondessa tornou-se a mulher forte do Evangelho, ardendo na chama da Caridade e incendida nos alvores da mais acrisolada fé em Jesus Christo.

Os seus dias deslisaram tranquilllos, com limpida torrente que a travez de floridas margens procura o grande oceano da eternidade.

Rarissimas vezes apparecia em publico; a oração, a familia e as flores de que era apaixonadissima entretinham-lhe os dias e o tempo disponivel de escutar as confidencias dos desvalidos, que constantemente lhe batiam á porta.

Eram estas as suas occupaões no palacio em que residia.

A enfermidade que levou á sepultura a *Sr.<sup>a</sup> Viscondessa da Praia*, precedeu de alguns dias o seu fallecimento.

Começou então a sua verdadeira apothese, ricos e pobres, toda a população michaelense, contristada e afflicta, corria a indagar noticias da saude da illustre enferma e por toda a parte se ouviam ferventes preces pelo seu restabelecimento.

Deus, porem, havia decretado outorgar-lhe, desde já, a corôa brilhantissima dos bemaventurados e aquella peregrina alma, deixando á terra o que era da terra, elevou-se para mais limpidas paragens.

Se a grandeza dos funeraes correu consoante á elevada gerarchia da respeitavel finada, a parte verdadeiramente imponente deste acto foi o aspecto do honrado povo michaelense em tão dolorosa conjunctura, a espontanea affluencia de todas as classes da sociedade ao seu sahimento, sendo tão compacta a multidão que o feretro, conduzido pelos netos da fallecida muito difficilmente conseguia seguir pelas ruas até ao cemiterio. Entre essa immensa, commovida e imponente multidão contavam-se dezeseis bandas de musica.

Não ha gloria na terra que possa ser comparada áquella gloria, baixar ao eterno repouso cercada das lagrimas e das benções da população de uma ilha inteira, deixando na sua passagem um oceano de lagrimas, movidas pelo reconhecimento, entremeadas das orações repetidas por sua intercessão desde os lábios das creancinhas do povo, para quem fôra mãe carinhosa até á velhice já abeirada da campá, de que era constante protectora.

Logar para a Caridade!

Houza á terra que possuio uma semelhante mulher.

A Ex.<sup>ma</sup> Senr.<sup>a</sup> Viscondessa da Praia deixou illustres descendentes na ilha de São Miguel, filhas estremecidas e dilectas que a par da sua elevada gerarchia, continuam a proverbial bondade d'aquella benemerita familia.

O actual representante da poderosa casa de Duarte Borges do Canto Medeiros e de D. Anna Theodora Borges do Canto Medeiros, Viscondes da Praia, é o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Borges de Medeiros Dias da Camara e Cousa, Conde da Praia e de Monforte.

Nos registos da caridade michaelense já occupa proeminente logar este nobre titular e nas moradias dos pobres, d'um ao outro extremo da ilha, como o de seus venerandos paes, já é tambem abençoado o seu nome.

Terminamos esta muito succinta noticia, transcrevendo aqui o trecho d'um notavel artigo, publicado n'um periodico michaelense, *A Persuasão*, e devido á penna authorisada de um homem de letras a todos os respeitoos distincto.

Francisco Maria Supico impressionado pelo espectaculo imponente que presencion no enterro da nobre Viscondessa da Praia e conhecendo, por ter de ha muitos annos residido em Ponta Delgada, as egregias virtudes da fallecida, exclama assombrado pela magestade d'aquelle acto:

«Gloria á adoravel senhora que soube ser na terra o reflexo brilhantissimo do sol da Providencia!

«Gloria a quem soube atapetar de rosas formosissimas o caminho por onde se transita para a eternidade!

«Gloria a quem leva por corôa a benção de um povo inteiro e por diamantes as lagrimas crystalisadas da familia michaelense, que toda era familia sua e toda lhe tributa os mais sentidos prantos!

«Gloria á abençoada do Senhor que ponde na terra gozar a immortalidade que aguardava nos cens!

«Gloria a quem leva a maior dita e deixa a maior saudade!»

V

## A ILHA DO CORVO

Para os navios que partindo de Boston ou de New York, as duas grandes cidades marítimas da grande república americana, se dirigem para a Europa, o primeiro, ponto do velho mundo que geralmente avistam, depois d'uns dez ou doze dias de viagem, impellido pelas tepidas aguas do *gulfe stream*, é uma muito pequena ilha, cercada de tempestuoso e negro mar, de severo e alcatilado aspecto e não poucas vezes envolvida nos posados nevoeiros que, durante a quadra invernosá, atravessam o nublado clima do archipelago açoriano.

É o Córvo, como lhe chamam os modernos, diz-se que pela sua pareença com uma d'aquellas aves, a ilha do Marco, como lhe chamavam os antigos, por ser o sítio aonde vinham demarcar as suas derrotas, ou finalmente a ilha de Santo Antão, denominação esta devida ao nome do seu primeiro donatário, o portuguez Antão Vaz.

A descoberta d'esta ilha data do anno de 1432.

A antiga tradição da n'aquella terra, em sítio sobranceiro ao mar e encimando um grande rochedo, ter sido encontrada pelos primeiros povoadores uma estatua equestre apontando o rumo da America, donde proviera tambem á ilha a denominação da Ilha do Marco, carece de inteira confirmação, tanto mais que isto daria origem a importantes questões, com respeito aos verdadeiros descobridores do grande continente que lhe demora a oeste, apenas a poucos dias de navegação.

As averiguações, porem, que a semelhante respeito tem sido feitas, nada indicam de positivo, tornando-se muito provavel que, como diz o historiador açoriano o Sr. Antonio Lourenço da Silveira Macêdo, alguma caprichosa formação da natureza, isto é, um penedo que em distancia apresentava a forma d'um homem a cavallo, d'esse logar áquelle engano.

A Ilha do Corvo fica situada a 40.º de latitude norte e 34.º e 20" de longitude, medindo dez kyilometros de comprimento por cinco de largura e mantendo exclusivamente, espaçadas relações com a ilha das Flores, que se avista a grande distancia no horizonte.

Se de qualquer ponto da ilha vemos, constantemente, numerosas e enormes embarcações a cruzar o oceano, ainda assim, por falta de arsenaes, de carvão ou de mantimentos, não é aquelle o ponto que esses navios procuram, quando com avarias ou impressidades, mas sim as ilhas do Fayal ou de São Miguel, embora relativamente assaz distantes, se a urgencia os não faz aportar á das Flores.

D'esta ilha é que dos mezes de Maio até fins d'agosto vão por vezes alguns barcos sem coberta e de rélas latinas, ou então ligeiras ca-

nôas da pesca da baleia, levar aquella terra algum raro passageiro, ou algum pequeno mercador que alli vae com fazendas, as quaes, ainda assim, pouca vendagem tem, por quanto os oito centos e tantos habitantes do Córvo, toda a sua população, vestem-se de pannos de linho tecidos na ilha, ainda que em diminuta escala, ou de excellentes e abundosos lanificios tambem alli produzidos e com notavel mestria manufacturados.

Esta travessia geralmente, effectua-se com condições regulares e vento de feição, em tres ou quatro horas de viagem, indo-se desembarcar no Porto-Novo, no Porto das Casas, ou no da Areia, mesmo em frente da villa, de alegre aspecto, parte construida n'uma chã, parte em amphitheatro, no declive dos montes que a fecham de norte a oeste.

A villa, embora pequena tem optimas casas, bem mobiladas caídas e todas cobertas de telha, devido isto aos filhos do Córvo frequentarem muito as cidades dos Estados Unidos, d'onde trazem os usos e costumes.

As ruas é que são estreitissimas, em algumas das quaes nem pode passar um carro de bois e formando um verdadeiro labyrintho, de difficil saída para quem alli fór pelas primeiras vezes.

Ao que parece tinha isto a sua razão de ser, infestadas como eram antigamente, as ilhas, d'este archipelago por corsarios argelinos.

Na arte da guerra é talvez novo o systema de defeza, que passamos a narrar.

Uma vez, n'uma invasão de corsarios, das quaes as mais notaveis foram em 1632, por dez lanchões de turcos, de uma frota que por alli passou e em 1744 pela gente de quatro navios argelinos; estava toda a população da ilha atemorizada pelo desembarque d'aquelles malvados, que nada respeitavam e que não se limitavam a roubar os fructos da terra, mas chegando a sua ousadia a furtar as mais bonitas raparigas, que comsigo levavam, como infieis que eram, para lhes perder o corpo e a alma.

N'esse lamentavel dia, pois, quando o inimigo já em terra, enfiava pelo principal arruamento, para começar nas suas tropelias, alguns agorianos mais ousados, affrontando o terror da inerme população, foram aos pastos cercar uma manada de bois bravios e espantando-os e espiçando-os até á Villa, conseguiram introduzi-los, já furiosos, pela estreita passagem apinhada de corsarios.

As portas estavam todas fechadas e trancadas, e das janellas, á mingua de outros mais mortiferos projectis, cahia sobre os assaltantes um chuvaeiro enorme de pedras.

Os toiros esbaforidos e rijamente instigados, para lhes accender a colera, embocaram com raiva pela rua abaixo, e vendo na sua frente aquella variegada e clamorosa turba, lançaram-se contra a mesma em vertiginosa carreira.

Era uma onda viva, mais temivel do que as soberbas ondas do mar, uma verdadeira *razzia*.

Dentro em poucos instantes homens e animaes confundiam-se em encarniçada lucta, de cujo resultado não reza bem claramente a chronica, mas como o já citado Sr. Macêdo, na sua «Historia das Quatro Ilhas» que formam este districto nos diz que n'uma dessas refregas foram mortos cem inimigos, consentimos em acreditar, pela originalidade da defeza, que fosse n'esta occasião semelhante victoria.

A igreja de Nossa Senhora dos Milagres, orago da parochia, é o unico templo existente em toda a ilha, e que hoje tem vigario e cura. ao contrario do que n'outro tempo acontecia, em que só pela quaresma alli ia um sacerdote da ilha das Flores para as confissões e solemnidades proprias d'aquella epoca do anno.

Para quem vive, ainda mesmo actualmente no Corvo, a existencia alem de tranquilla, encontra variedade e grande abundancia de vive-res, os quaes não são vendidos para consumo publico, mas simplesmente trocados uns por outros generos. A quem sobra trigo, por exemplo, troca-o por feijão e vice-versa.

Grandes são alli as creações de gado, especialmente suino, havendo tambem grande fartura de gallinhas, variada e excellente fructa, melancias e melões, peras e figos, agua nativa e afamado leite.

Não ha familia alguma da ilha do Corvo, por muito pobre que seja, que pelas festas não mate o seu porquinho e nas casas que tem cosinha maior vão depondrar, até mais não poder, as suas bandas de toucinho, que alli ficam ao fumo, assignaladas, e das quaes, diariamente, vão cortando a porção que precisam para gasto domestico.

A carne de vacca é, tambem, muitas vezes defumada e com especial sabor. Acresce ainda que a hortaliça é boa, abundante, e que nas terras baixas a plantação da beterraba, para os animaes, assegura-lhes sempre farta alimentação.

O viver dos corvinos é o mais simples possivel.

Erguem-se ainda de madrugada, indo em seguida todos os homens, diariamente, ouvir missa. Vão depois para o trabalho e alli, das nove para as dez horas, almoçam leite mugido das vaccas, com pão de milho e centeio. Nada mais.

Perto da noite regressa o trabalhador ao seu domicilio aonde, em tão o espera, pela primeira vez, comida de pavella, geralmente legumes, couvos, nabos ou outros productos da terra.

Esta refeição serve-lhes de jantar e ceia.

Chá e café, de que nas outras ilhas do archipelago fazem tão largo uso as classes pobres é alli quasi desconhecido, e se alguém possue uma pequena porção d'aquelles generos é tão somente para remedio de algum incommodo de saude, servindo-se, porem, em algumas cazas poções de cevada torrada.

Botica e medico tambem alli não ha, nem um unico estabelecimento.

mento de vendagem, encontrando-se, não obstante, em muitas moradias frascos do remedio americano «Pain killer,» importado pelos rapazes da ilha que andam nas balleiras, ou que tem vindo dos Estados Unidos.

Quatro moinhos de vento e algumas atafuñas trabalham na moagem dos cereaes para consumo e tambem, de presente, chegam da America, enviados pelos naturaes da ilha alli estabelecidos, barris de farinha, camisas de lã, peças de chita &c.

O maior favor que poderiam fazer, á população do Córvo era nunca lá lhe apparecer navio ou barco que levasse noticias de Portugal, que só conhecem pelas exigencias do fisco, para o que reservam o pouco dinheiro existente na ilha.

E, não obstante, os renditos d'aquella terra uns 500 a 600\$000 reis, approximadamente, não dariam para a sua despesa com o vigario, cura, thezoureiro, escrivão de fazenda e respectivo escriptuario, se as remissões de recrutas não viessem saldar o deficit.

O escrivão de fazenda e escriptuario não residem na ilha, mas sim nas Flores, em Santa Cruz, que é a cabeça de toda a comarca, indo porem, alli, annuadas vêzes o segundo d'estes empregados.

Occorre, com relação á ilha do Córvo, um caso singular: quasi todos os que se vêem obrigados, por qualquer circumstancia a alli ir, vão de má vontade, como para um desterro, com a perspectiva de estar, ao menos seis mezes do anno, sem a minima noticia do exterior, nem saber o que se passa por esse mundo de Deus.

Demorem-se, porem, alli meia duzia de dias e a difficuldade será fazel-os sahir d'aquella pequena ilha.

A vida descuidosa que então se gosa, a abundancia que reina em tudo, a liberdade no trajar, a sincera e carinhosa hospitalidade dos seus habitantes, as magnificas prespectivas do logar, tudo nos faz esquecer que, alem d'aquelle insignificante ponto, perdido no seio d'um immenso oceano, hajam grandes, ricas e populosas cidades.

Aos navios que então vemos passar ao largo, dizemos, recostados na crista de algum penêdo: Ide-vos com Deus, que en estou bem aqui!

E em seguida subimos ás cumieiras da formosissima caldeira do Córvo, que mede 5.500 metros de circumferencia e 250 metros de fundo, para contemplançar aquelle magico panorama, cujo seio é um grande lago povoado de pequenas ilhotas e cujas encostas de frondente verdura são exuberantes de vida e encantos.

As raparigas da ilha, formosas e de entes finissima, cantam, na primavera por entre as giestas e urzes; um sol esplendido incende ardentemente o lago; o ar do matto tem salutifera fragrança, milhões de flores nos cercam por toda a parte e bendizemos a Providencia que alli nos deixa gosar horas de tão tranquilla existencia.



## VI

### O TRI-CENTENARIO DE CAMÕES E O GRÊMIO LITTERARIO FAYALENSE

O mez de Junho de 1880 foi memoravel na generalidade dos domínios portuguezes, pelas imponentes festas que tanto no continente do reino, como nas ilhas adjacentes e colonias se effectuaram em memoria do tri-centenario do fallecimento a 10 de Junho de 1580, segundo um documento encontrado pelo Sr. Visconde de Jerumenha, do grande epico Luiz de Camões, cuja fama é universal.

E, effectivamente, bem cabidas eram essas singulares demonstrações de respeito e de gratidão pelo sublime genio do author dos *Luziadas*, epopêa que soube tornar immortal nma nação e nma litteratura, assegurando-nos atravez dos seculos um lugar distincto no panteão da historia.

Depois de trezentos annos de indifferença, depois de sessenta lustros, não dizemos de esquecimento, que tanto era impossível, mas de silencio em redor da gloriosa mortalha do bardo gigante, a nação portugueza erguendo-se repentinamente à voz de alguns illustrados patriotas, admiradores de Camões e que no mesmo viam a mais segura garantia da nossa autonomia politica, rende o mais levantado preito à memoria d'aquelle bravo que, como elle proprio dizia, tendo n'uma mão sempre a penna e n'outra a espada, a soubera nobilitar, pondo ao serviço da patria exclusivamente o seu transcendente genio e o seu inquebrantavel valor.

Os *Luziadas* são a custodia das antigas proëzas dos portuguezes, o sacrario aonde o decrepito Portugal pode repousar ao abrigo das tormentas politicas que por vêzes, extinguem ou arrebatam as nações, com a mesma facilidade como as mortadas do outomno arrebatam as folhas amarellecidas dos platanos.

Os *Luziadas* representam mais do que uma grande demonstração d'un grande genio, representam nma nacionalidade, tornando immortal o povo portuguez.

Assim o comprehendiam todos.

Ao apêllo vehemente da commissão Lisbonense que se exforcava por despertar no paiz um tributo de veneração pela primeira das suas glorias, conseguiram a haver valiosas adhesões, um frenêto de enthusiasmo, como magnetico sôpro animou os portuguezes desde o Algarve ao Minho, atravessou o oceano, visitando os Açores e foi ainda reprecutir-se na Africa e na India, no Brazil e nos Estados Unidos da mesma America.

O sol quando illumina o universo tem jus a que de todos os an-

gulos da terra lhe prestem os mortaes um tributo de reconhecimento, assim tambem quando, para os portuguezes, se trata do nome de Camões, que a todos os paizes levou a fama e o testemunho de nobres feitos de arroçados navegadores que trilharam mares nunca d'antes navegados, não é muito que uma nuponente apothese lhe venha honrar o nome egregio.

Foi o que acontecen.

Em Portugal trabalhava-se activamente para, com o maximo esplendor, commemorar o dia 10 de Junho de 1880 e nas plagas açorianas, n'estes rochedos semeados na vastidão do oceano, mas aonde os sentimentos patrioticos e o santo amor da liberdade e independencia patria, tem tido sempre os mais dedicados defensores, começaram tambem, em diversas das suas localidades a estudar a maneira de compartilharmos honrosamente da tarefa em que estavam empenhados os nossos irmãos do continente.

O Gremio Litterario Fayalense, associação estabelecida na Horta, desde 22 de Novembro de 1874 e cujo fim é cimentar a instrucção e o amor ás letras, não podia ficar indifferente perante uma manifestação de respeito á memoria augusta do grande epico nacional, e tanto assim que em sua sessão de 29 de Fevereiro de 1880, propunha o seu secretario que a respectiva Direcção promovesse um sarau litterario a 10 de Junho futuro, associando-se assim aos festejos que se effectuariam em diversas terras portuguezas, como constava pelos jornaes do continente.

Achou este alvitre a melhor, e unanime boa vontade de todos os membros da direcção do Gremio, começando desde logo a fazer os convites a diversos oradores e mais preparativos necessarios, para que semelhante festa fosse brilhante e condigna do levantado assumpto a que era destinada.

A mesma Direcção prevendo, immediatamente, que grande devia ser a concorrência a semelhante solemnidade e desejando tambem dar áquella festa um character popular e não simplesmente adstricto aos socios da associação que representava, deliberou pedir d'emprestimo, para effectuar o projectado sarau litterario, a grande sala dos Paços do Concelho e mais aposentos, disponiveis d'aquella parte do edificio em que funciona a Camara Municipal da Horta.

Anuncio da melhor vontade a este desejo a illustre vereação que então regia este municipio, levando o seu patriotismo a coadjuvar, por todos os meios ao seu alcance o honroso empenho do Gremio Litterario Fayalense, até á sua realisação.

Posteriormente, porem, a estes preparativos, recebeu a imprensa fayalense, por intermedio da redacção do Fayalense um convite da commissão executiva das festas do tri-centenario de Camões, em Lisboa, para que promovesse tambem n'esta ilha identicas demonstrações ás que se iam levar a effeito no continente.

O redactor do Fayalense, cavalheiro collocado então n'uma elevada posição official n'este Districto, convocou os redactores e representantes dos diversos periodicos da Horta, para se reunirem em sua casa e accordarem no caminho mais acertado a seguir a semelhante respeito.

Houveram, pois, algumas reuniões da imprensa, promovendo uma recita no theatro «União Fayalense,» realisada na noite de 29 de Maio de 1880, para com o seu producto auxiliar os festejos que viesse a realizar e cujo programma ainda não estava organizado.

O Gremio Litterario Fayalense continuava, porem, no seu proposito e as projectadas festas do tri-centenario alli iam tomando muito maior vulto do que na commissão da imprensa, as sessões eram concorridissimas e permanentes, muitos cavalheiros desejavam associar-se aos trabalhos da Direcção, que se augmentasse o programma dos festejos e que se promovesse um prestito civico, bem como uma esplendida illuminação alem do saraú litterario, tomando estas festas um caracter publico, em toda a sua realisação.

Tornava-se, pois, necessario ampliar a idea primordial apresentada pela Direcção do Gremio, que jamais podia suppôr tamanho enthusiasmo da parte dos seus associados, quando encetara o nobre empenho de honrar, n'esta ilha a memoria do grande epico.

Assim, independentemente de realizar os anteriores festejos que ja havia combinado, organison-se uma grande commissão, representante do Gremio Litterario Fayalense, isto a 31 de Maio, que desde logo começou a trabalhar com actividade, não descansando um unico momento nos variados affazeres que gostosamente tomava a seu cargo.

Jamais houve, na Horta, uma igual animação.

A commissão da imprensa, deffinhava, porom, visivelmente, todas as atenções estavam voltadas para o Gremio Litterario, e embora, acreditamos, fosse boa a sua vontade, não sabemos se, n'uma terra pequena, como a Horta, teria elementos para effectuar condignos festejos a par d'aquelles que projectava o Gremio.

E tanto assim que em breve, a 2 de Junho o sen presidente offciava á grande commissão, representante do Gremio Litterario, offerecendo-lhe o producto da recita que tinha realisado no theatro União Fayalense e demonstrando a sua boa vontade de coadjuvar em tudo que podesse os festejos publicos que projectava aquella sociedade.

A resposta a este levantado procedimento foi a grande commissão nomear sen presidente o signatario d'aquelle officio, demonstrando por esta forma que não havia a minima idéa de rivalidade n'esta questão, que só tinha em mira glorificar Camões.

Declinou esta acertada nomeação o presidente da commissão da imprensa, recalhindo em seguida no presidente do Gremio Litterario Fayalense.

Conto, aqui, muito resumidamente, o decorrer d'estes factos, com mais prolixidade o tenho feito n'uma Memoria, ainda inedita, dos festejos do tri-centenario de Camões na Horta, que por tratar exclusivamente d'estes acontecimentos é muito mais minuciosa de que o singelo capitulo de um livro de variada leitura, como é a indole d'estas paginas.

Constituida, pois, definitivamente a grande commissão, cujas actas existem assignadas por cincoenta e oito cavalheiros, continuaram sem qualquer interrupção os trabalhos preparatorios dos festejos.

A grande commissão teve treze sessões, todas concorridissimas e animadas, todas exuberantes de vida e de dedicação, pela primeira das nossas glorias patrias.

O programma dos festejos, elaborado por uma sub-commissão, especial, foi o seguinte:

Um prestito civico.

Uma grande illuminação no largo do Marquez d'Avila e de Bolama.

Acrescia a isto o sarau nos Paços do Concelho, parte da festa exclusivamente das atribuições da Direcção do Gremio.

Da maneira brilhante pela qual isto tudo se realisou, vamos dar ao leitor uma brevissima idéa.

\* \* \*

Que esplendido dia de primavera, o de 10 de Junho de 1880!

O ceu dos Açores geralmente nublado não apresentava uma unica nuvem, havia um tom festivo na natureza, parecendo condizer com a alegria que se notava na população da Horta, a sua alva casaria toda cercada de verdura, até á beira mar, o purissimo aspecto d'aquella bella madrugada.

Os milhões de flores que n'essa epoca do anno polluíam por toda a parte, exuberantes de vida e encantos, embalsamavam o ar com fragrances emanações.

A espaçosa e serena bahia da Horta, povoada de numerosas e elegantes embarcações estrangeiras, todas embandeiradas, reflectia o azul do firmamento, incendiada n'uma alluvião de luminosas estrellas, formadas pelas sciutillações dos raios do sol no tenue oscillar das bonançosas vagas.

Em frente, a gigantesca montanha do Pico que deixara, n'aquelle dia o seu severo aspecto, e o seu cume geralmente perdido entre as nuvens estava, então, descampado, apresentando variadas cambiantes até quasi a meio da ingreme montanha, enquanto que entre a verdura dos vinhedos da beira mar, as povoações da ilha se destacavam alvas e de convidativo aspecto.

Respirava-se um ar bom e são. Se podessemos acreditar na afli-

nidade dos seres humanos, com o incompreensível sentir da natureza, diríamos que tudo se combinara para realçar o esplendor d'aquelle dia, em que se festejava a memoria do grande bardo, que a fama dos feitos portuguezes levou ás mais remotas regiões e que a terra e os astros lhe queriam provar o seu aprazimento, vestindo as sdas mais deslumbrantes galas.

Desde a vespera, á meia noite, que a população da Horta havia sido prevenida dos festejos do dia immediato, pela subida ao ar, quando souu aquella hora, de grandes girandolas de foguetes, lançados das proximidades do Gremio Litterario Fayalense, que então funcionava na rua do Collegio n.º 21 e percorrendo em seguida as principaes ruas da cidade nua *marche aux flambeaux*, acompanhada das duas bandas de musica, Artistas e Nova Lyra, de muitos membros da grande commissão e muito povo.

Apesar da avançada hora da noite, algumas casas da cidade illuminaram se n'essa occasião, com luzes de fogos d'artificio e quando esta comitiva recolheu ao Gremio, esturgindo novamente os ares atinudadas girandolas de foguetes, a multidão já era compacta e animada.

As bandas de musica exeutaram, então, em frente do edificio o sympathico e lindo hymno fayalense, e o presidente do Gremio, d'uma das janellas do mesmo, erguen tres vezes o grito «Gloria a Camões!» que foi vehementeemente repetido pelo povo agglomerado nas circumvisinhanças.

Seria 1  $\frac{1}{2}$  hora da noite.

Pelas cinco horas da manhã seguinte, um tiro de peça, disparado do Castello de Santa Cruz, annunciava á cidade que os festejos em breve começariam, embandeirou-se todo o extenso largo do Marquez d'Avila e de Bolama, que tinha no centro um elegante pavilhão, aonde opportunamente seria collocado um bello busto de Camões, de tamanho natural, mandado vir expressamente de Lisboa, para esta sollemnidade, pelo Gremio Litterario Fayalense.

Havia-se distribuido profusamente programma para o prestito civico d'aquelle dia, sendo o ponto de reunião o grande largo em frente da Secretaria da doca, na freguezia das Augustias.

A hora designada era para as dez e meia da manhã.

Desde as nove horas da manhã começou, porem, a juntar se n'aquelle espaçoso sitio grande multidão de povo e successivamente os convidados para o imponente prestito, todas as authoridades da Horta, Camara Municipal, chefes de repartição e respectivos empregados dos diversos ministerios, o numerozo pessoal empregado nas obras do porto artificial, diversas corporações, collegios, associações, commissão agricola, juntas de parochia, particulares, &c., ao todo umas 1.500 pessoas.

A todos os individuos que compunham o prestito foram distribuidas corôas de louro, ou *bouquets* de flores, levando por distinctivo, na

lapella da casaca, os membros da grande comissão, uma pequena flôr branca, em qualquer lugar do prestito que lhes competisse.

Pelas 11 <sup>1</sup>/<sub>4</sub> horas do dia começou a pôr-se em movimento esta imensa comitiva, levando na frente a banda de musica Nova Lyra, que precedia a Camara Municipal, na banfeira desfraldada e com o traje proprio d'aquella corporação, seguindo-se as diversas corporações e authoridades e fechando o prestito extenso bastante e que seguia na melhor ordem, a maioria dos membros da grande comissão e atraz d'esta a banda de musica Artistas, alem de milhares de individuos que acompanhavam semelhante prestito, o qual seguiu pelas ruas das Augustas, do caes, D. Pedro I., Alameda da Gloria e Mercado, dirigindo-se afinal para o largo do Marquez d'Avila e de Bolama.

O Governador Civil da Horta e Presidente da Camara Municipal, previamente convidados, alli então desvelaram, respeitosamente o busto de Camões, sendo-lhes offerrecidas pelo Presidente da grande comissão duas lindas grinaldas de flôres artificiaes, trabalho de damas fayalenses, com uma das quaes foi coroado o grande epico pelo Governador Civil e a outra deposta junto do pedestal da sua effigie pelo Presidente da Camara, como legitimo representante da população d'este Concelho.

O castello de Santa Cruz dava, a esse tempo, um salva de vinte e um tiros, repicavam os sinos de todas as egrejas, grandes girando-las de foguetes subiam ao ar, as bandas de musica executavam o hymno fayalense e todas as corporações e individuos que haviam formado o prestito foram depôr corôas de flôres e ramalhetes junto do estrado de Camões, coberto tambem espontaneamente de flores pela multidão de povo que se agglomerara nas proximidades.

O enthusiasmo era grande, a um dos lados do pavilhão, vistossimamente adornado, donde se achava o busto do poeta, estava postado um numeroso destacamento de caçadores, os estudantes, tanto do Lycêo Nacional, como d'escolas de instrução primaria particulares e officiaes cantavam varios hymnos expressamente escriptos para esta occasião, havendo festivas e animadas demonstrações de publico regosijo.

Finda a deposição das flores, o Secretario da grande comissão fez um auto d'esta solemnidade, que foi assignado pelas authoridades presentes, corporações e muitos particulares.

Eram duas horas da tarde quando o prestito d'alli mesmo se dispousou na melhor ordem e confraternidade.

Ao cahir da noite, apenas soaram trindades, um tiro de canhão dava o sinal dos festejos nocturnos, atirando os ares innumeris foguetes e enchendo-se litteralmente de povo o largo a que já nos referimos.

Uma brilhantissima illuminação à venesiana, com milhares de lumes de variegadas cores, disticos luminosos, emblemas afinentes à

vida aventureira de Camões, arcos e bandeiras, davam aquelle recinto, perfeitamente adaptado para semelhante fim, um singular aspecto, apresentando a todos os espectadores a mais peregrina vista.

No centro do largo havia uma grande estrella, formada de grandes luzes encimando um soberbo monumento, representando uma pirâmide, tendo em cada lado escudos com a data de 1880 e com os emblemas da guerra e da poesia, bem como com as iniciaes L. G.

Na base d'este monumento liam-se, em grandes quadros, excerptos d'algumas estancias dos Lusíadas.

Realçava ainda o brilhantismo d'aquelle aprasivel sitio, a proximidade de varios edificios todos brilhantemente illuminados, o que tornava aquelle espaço n'um enorme foco de luzes.

Accumulativamente com a illuminação que acabamos de descrever, começava pelas 10 horas da noite o sarau litterario nos Paços do Concelho, attribuição exclusivamente da direcção do Gremio.

Os vestibulos, escadarias e sala principal do edificio da Camara Municipal estavam tambem brilhantemente illuminados, com grande profusão de luzes e flores, disticos extrahidos dos Lusíadas, havendo na sala do sarau, no lugar de honra, o busto de Camões, circundado d'um trophéu de bandeiras das principaes nações da epocha em que vivem o grande epico, emblema este que era encimado por um açôr, do bico do qual pendia uma fita, aonde se lia:

Aquelle cuja lyra sonora  
Será mais afamada que ditosa.

Por convite do presidente do Gremio presidio a esta festa litteraria a primeira authoridade administrativa do Districto, o Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil, que proferio nma patriotica allocução na abertura do sarau e ao qual com bellos discursos e entusiasticas poesias se seguiram diversos oradores ja anteriormente inscriptos.

Como de manhã se fizera, por occasião do prestito civico, assim tambem agora todas as damas, authoridades, corporações e muitos particulares foram circundar de elegantissimas grinaldas de flores e ramalhetes a effigie do poeta, ao tempo que a banda de musica Nova Lyra executava patrioticos hymnos.

No decurso d'esta brilhante festa litteraria o Secretario do Gremio Litterario Fayalense leu nma mensagem de congratulação á associação dos jornalistas e escriptores publicos, que n'esta data se fundava em Lisboa, a qual foi assignada pelas damas, authoridades e mais cavalheiros presentes, seguindo o seu destino na primeira oportunidade.

Aos primeiros alvôres da madrugada seguinte terminou esta festa, que, a par dos festejos publicos, foi o remate de nma data que será sempre agradavelmente lembrada pelos fayalenses e em que todos

se empenharam para honrar condignamente a memoria de Camões e com ella a nossa patria.

Aos sons vivos e alegres do hymno fayalense terminou esta importante reunião.

O Gremio Litterario Fayalense por occasião do tri-centenario publicou tambem um numero unico denominado «Camões», compilação de alguns trechos dos escriptos do grande epico.

Esta publicação In 4.<sup>o</sup>, 2 columnas e 8 paginas, papel vellino, e cuja tiragem foi avultada, continha excerptos dos Lusíadas, Epistolas, Sonetos e Rimas, sendo impressa n'um prelo da Horta.

Posteriormente ás festas do tri-centenario de Camões, tanto no continente, como em todas as terras portuguezas, numerosos colleccionadores respigaram em todas as localidades quantos documentos, ou publicações poderam obter relativos áquella memoravel epocha e consequentemente a edição d'este numero especial «Camões», esgotou-se em muito breve tempo.

O programma dos festejos publicos realisado pelo Gremio Litterario Fayalense teve tambem diversas reimpressões para satisfazer a numerosos pedidos, até muitos mezes depois de realisadas as festas.

O tempo corre rapido, os annos vão passando sobre estes acontecimentos e d'aqui a uns cincoenta Janeiros, a geração subsequente nem dos mesmos talvez tenha a minima indicação.

Se ao menos estas linhas chegassem até lá . . .

Que louco que eu sou! . . .

As pobresinhas não terão alento para viver um dia; são mais ephemeras do que a roca de Malherbe, que ao menos durou *l'espace d'un matin*.





## VII

### A PRIZÃO DE D. AFFONSO 6.º NA ILHA TERCEIRA

(1669 a 1674)

O mez de Novembro de 1667 foi assignalado em Portugal por a-normaes acontecimentos.

A filha do duque de Nemours, a princeza D. Francisca Maria Isabel de Saboia, então casada com El-Rei D. Affonso 6.º, a qual havia decorrido apenas um anno que o Marquez de Sande conduzira n'uma esquadra ao Tejo, enfadada da desgraçada vida que levava ao lado d'um marido meio paralytico do corpo e do espirito e por ventura alimentando já no peito a joven rainha um criminoso affecto por seu cunhado o infante D. Pedro, retirava-se á reclusão de um convento, pedindo a El-Rei licença para voltar á sua patria, tanto mais quando o marido sabia muito bem que ella nunca fôra sua mulher.

E, effectivamente, eram estes os rumores que corriam na còrte, embora o notavel estadista, Conde de Castello Melhor, houvesse assegurado qdando se tratou do casamento, que Sua Magestade tinha varios filhos naturaes.

A Rainha, successora no throno da Snr.<sup>a</sup> D. Luiza de Gusmão, era uma interessante e formosa dama, com o espirito assaz cultivado e eria da no requinte da elegancia da luzida còrte franceza.

Em Portugal veio achar o reino dividido em partidos, uns por Elrei e pelo seu valido o Conde de Castello Melhor, outros pelo Infante e cada dia se assignalava por uma intriga, mais ou menos pungente, para o sen afidalgado animo.

O marido não lhe podia compensar em ternura os espinhos da sua actual situação, nem nos seus braços esquecer os dissabores do reinado que apenas encetara.

El-Rei era indifferente aos seus encantos.

Não acontecia o mesmo, conforme já em segredo se dizia, com o irmão d'El-Rei, então na primavera da vida, formoso e atilado, sabendo amoldar-se a todas as intrigas da còrte, disfarçar as suas opiniões e ter a maxima prudencia no seu procedimento tanto publico, como na vida intima.

O infante fôra sempre o favorito da rainha mãe, fallecida em Fevereiro de 1666.

Teve o infante parte na resolução tomada pela espôsa de Affonso 6.º, de abandonar o homem a quem se ligára?

Foi isto, simplesmente, alvitre da Rainha, ou um pacto entre ella e seu cunhado, firmado n'alguma noite de amôres, no meio dos protestos da mais vehemente paixão?

Havia entre o Infante e a Rainha o firme proposito de destruir Affonso 6.º, para governarem a seu talante, embora ficasse manchado o escudo portuguez com as tramas d'uma incestuosa intriga?

Não se sabe.

Os historiadores portuguezes, de epocha para epocha, vão deixando aos vindouros o julgamento d'este facto e apesar de decorridos mais de dois seculos o problema está ainda por resolver.

A perda da esposa succedeu, immediatamente, ao infeliz D. Affonso 6.º, a privação do governo, a deposição do poder, embora conservasse até a morte o irrisorio titulo de monarcha.

Foi uma intriga palaciana habilmente dirigida.

No dia seguinte á sahida dos Paços Reaes, a Rainha escrevia ao cabido de Lisboa para que, a bem do seu direito, se informasse das tristes condições physicas d'El Rei ao tempo que o Infante, provavelmente de accordo com o Conselho de Estado, fazia com que este aconselhasse ao Rei a que delegasse em seu irmão as insignias do poder e da publica gvernação.

Entrou, pois, esta corporação e alguns fidalgos inesperadamente nos aposentos de Affonso 6.º, que ainda estava deitado, aterrorisam o seu pouco seguro animo, apresentam-lhe um papel para assignar a sua renuncia da gerencia do governo e prendem no alli mesmo.

Estava consumado o escandalo.

O povo, a quem o infante tivera o enidado de captar as sympathias, alegrou-se com estas novas e Sua Alteza, como regente do reino começou a governar desasombradamente e com geral applauso.

A Rainha ia-se demorando em Portugal . . .

Depois de um muito vergonhoso processo, conseguiu-se, o que não era difficil, se n'isto houve firme proposito do Regente, a nullidade do casamento de Affonso 6.º e na ultima semana da Quaresma de 1668, effectuou-se o casamento da Rainha com o Infante, por proenração, reunindo-se a final nos Paços d'Alcantara, na 1.ª oitava da Paschoa, d'esse mesmo anno.

A epocha escolhida para estes desposorios, se não prima muito pela moralidade, ao menos tem sua pillheria historica.

Quando D. Affonso, sentindo os repiques festivos dos sinos e as salvas de artilheria, perguntou qual o motivo de publico regosijo que occorria e lhe responderam que era o casamento do Regente com a sua ex-esposa, mandou um familiar seu apresentar aos ditos noivos os seus cumprimentos e dar-lhes os devidos parabens!

Tinhão excentricidades os filhos do Senhor D. João 4.º—o Restaurador.

O Regente, como homem esperto que era, julgou mais prudente affastar o irmão para lugar seguro, d'onde não podesse animar qualquer conspiração de fidalgos, ou qualquer movimento popular que de futuro surgisse a favor de D. Affonso e como n'essa occasião estives-

sem reunidas as côrtes, foram estas de opinião que não se restituísse a liberdade a El-Rei e que o Regente, como melhor lhe parecesse, se retivesse em lugar próprio.

Tem d'estes espinhos, por vezes, a suprema governação d'um paiz!

Ainda assim, o Regente desempenhou-se perfeitamente de semelhante encargo, como vamos ver.

\* \* \*

E' opinião seguida por alguns escriptores, ainda que carecendo de plena comprovação, que a celebre ilha dos Amôres, de que trata Camões em varias estancias do seu immortal poema «Os Luziadas,» é a ilha Terceira, no archipelago açoriano e que o grande bardo guerreiro, regressando da India, no anno de 1570 alli, necessariamente, aportara.

E de facto, a perspectiva d'aquella encantadora ilha e os diversos accidentes naturaes que apresenta, tem tanta analogia com a pintura feita por Camões, que nós ficamos perplexos sobre esta occorrença, que tornaria immortal aquella ilha, se acaso já não tivessees immortredouros brazões de gloria, essa formosa possessão portugueza, no oceano atlantico.

Desde o descobrimento dos Açores que a ilha Terceira, tanto pelas bellezas proprias que possue, como pela sua fertilidade e feitos heroicos, na historia politica da nação a que pertence, se tornou admiravel nos nossos fastos, merecendo a maxima attenção dos monarchas portuguezes, que a tem, invariavelmente, considerado como uma das mais brilhantes perolas do seu regio diadema.

A amenidade do clima açoriano ainda mais lhe realça o valor, assim como a nobreza de muitas das illustres familias alli residentes, em tempos mais dados a essas averiguações de linhagem do que os actuaes, a sobrelevava em reputação e fama de elegante trato, ás suas irmãs do alto mar.

A ilha Terceira era, então, a capital dos Açores, durando até, não ha muitos annos, a costumeira da maioria dos homens abastados das outras ilhas alli irem procurar noivas afidalgadas, enxertando assim o seu dinheiro e o seu sangue em arvores genealogicas, de vetusta existencia e de bem comprovado renome, honra lhes seja.

Acrescia, ainda, possuir já esta ilha, n'aquella epocha uma das mais notaveis construcções militares de todo o reino, erguida n'um notavel monte ao sul da cidade d'Angra e que o tornava em vasta e inexpugnavel cidadella, projectando se pelo mar alem.

Estas fortificações do monte Brazil foram effeitas durante o dominio dos hespanhoes e inauguradas em 1591, no reinado de Philippe

2.º, existindo apenas anteriormente, alguns fortes portuguezes, mas de insignificante valor.

O castello chamava-se, então, de São Filippe, mudando de nome para São João Baptista, em seguida á restauração de Portugal, e, coisa notavel, tendo sido levantado para defesa dos usurpadores, é hoje o unico local, talvez, aonde existe um monumento da nossa libertação, erecto logo depois da gloriosa epocha de 1640.

Referimo-nos á igreja de São João Baptista alli existente.

O cerco do castello, para d'alli fazer baixar a bandeira hespanhola, durou desde 25 de Março de 1641 até 6 do mesmo mez de 1642, por quanto as suas baterias, fossos, casas e quartéis, bem como a grande porção de productivos terrenos que inclue dentro dos seus muros, defendidos do lado do sul por alcantilados e inacessíveis rochedos, dão ensejo a longa resistencia no seu interior, offerecendo meios de subsistencia, embora apertado seja o cerco e numerosa a guarnição da cidadella.

Encarada ainda esta fortaleza, não pela valentia das obras que os homens alli souberam effectuar, mas pelos esplendurosos encantos com que a pródiga natureza approuve dotar todo o monte Brazil, azado é seguramente aquelle sitio para inspiração dos mais entusiasticos sentimentos, como de doçissimos carmens de sublimes menestreis.

Theatro talhado para a representação das mais heroicas façanhas, não lhe falta, tambem, a par do seu bellico aspecto a tranquilla serenidade das scenas campesinas, o isolamento e quietação de frondosas aleas povoadas de denso arvoredo, ou o tom festivo da sda formosa *caldieira* exuberante de flores vistosas e de rasteiras plantas sylvestres, alcatifando as encostas, outrora talvez producto de alguma erupção volcanica e hoje com luxuriante manto de encantadora verttura.

Depois, do lado do sul, da beira d'essas rochas gigantescas e apumadas, qual inexpugnavel muralha, que imponente espectáculo não apresenta o vasto oceano que circunda o monte Brazil e que geme meigamente contra informes penedias, quando deixa de, na sua ingente furia, erguer a grande altura nuvens de escuma, n'esses dias em que as vagas rebentando iradas, mas impotentes se desfazem d'encontro ás rochas?!

Alarga-se a vista por aquelle mar alem, tão grande com a grandeza dos pensamentos que, então, nos povoam a mente tão profundo como o amor inveterado do povo terceirense pelas auras fagueiras da liberdade.

Na solidão das ondas destaca-se, por vezes, a alva vella de alguma embarcação que sulca vagarosamente a superficie do oceano, dirigindo-se talvez da Europa para a America, do velho para o novo mundo e saudando de longe aquella montanha, no cimo da qual se devia erguer uma estatua da Liberdade, que recordasse aos navegantes que

estes virentes jardins açorianos, na soledade das agoas, tem por túbulo a lealdade e por brasão o valor.

Incende-se o poente nos esplendores do ocaso, a animada brisa vinda do mar rumorêja nos arvoredos e plantações do monte e as aves maritimas procuram nas agrestes furnas, abertas na altura das rochas, guarida segura para a noite que se avizinha.

Com o breve desaparecimento do sol um ven de profundo silencio envolve a cidadella, a brisa calou-se nos braços da noite e lá muito em baixo sente-se o trabalhar das vagas, em lucta de ha muitos seculos, contra inacessiveis escarpas que revestem exteriormente aquelle formidavel reducto . . .

Sentimo-nos, então, oppressos com a magestade d'aquella scena e o som longinquo d'um clarim nos faz recordar que temos de abandonar aquelle sitio e dirigir nos para a cidade cuja casaria jaz, agora quasi indistincta, immensa nas nevoas nocturnas e salpicada a espaços por diversos lumbinosos.

Remontemos, porém, para o proseguimento d'esta narrativa do anno de 1669.

Ignorando completamente os terceirenses os acontecimentos politicos que ultimamente haviam occorrido em Portugal, appareceram em frente da cidade de Angra, no dia 17 de Junho, tres fragatas e uma caravelha portuguezas, que todo o dia bordejaram, sem ter communicação com a terra.

Não era rara, n'aquella epocha, a vinda de navios de guerra nacionaes, aos Açores, maxime durante a primavera e estio, geralmente para limpar o mar dos corsarios que infestavam estas paragens, ou então para acompanhar até Lisboa os navios provenientes da India, muitas vezes com importantissimos carregamentos, os quaes esperavam mezes, fundeados nos diversos portos açorianos, a chegada da armada que os escoltasse ao seu destino.

Não levantou, consequentemente, quaesquer suspeitas de anormaes occorrencias a presença d'aquelles vazos de guerra.

No dia seguinte fundearam imponentemente na tranquilla bahia da cidade, observando-se então as formalidades do estydo e sem que transpirasse o menor indicio da commissão em que viuham aquellas embarcações, que, segundo então constou, eram da esquadra guarda costa.

Só depois de estarem em terra varios officiaes, em serviço, e de algumas conferencias com as authoridades locais é que, com geral assombro, se começou a vozear que abordo d'uma das fragatas estava El-Rei D. Afonso 6.º, prisioneiro e desterrado, vindo recolher-se ao Castello de São João Baptista e trazendo consigo o pessoal necessario para servir Sua Magestade, consoante á sua elevada gerarchia.

O Sr. Regente houve-se n'esta conjunctura com perfeita diplomacia e alem d'isso com bem fingido amor fraterno, fazendo isto tudo,

ao que parecia, não movido pela ambição de governar, ou para lograr desasombradamente o amor da princeza de Saboia, mas sim para tranquillidade do reino e felicidade do povo portuguez.

Exemplar irmão!

Só tres dias depois, quando tudo combinado entre os da governança da terra e os officiaes de bordo, ás ordens do Conde do Prado, é que El-Rei desembarcou, sendo saudado com as salvas do estylo, repiques de sinos nas diversas parochias e conventos e usuaes demonstrações de respeito decretadas em identicos cazos.

A população da ilha Terceira já conhecedora, desde ante-vespera, até nas mais remotas freguezias, da chegada de tão illustre hospede, atulhava todas as ruas da beira mar, ao tempo que a guarnição do castello e tropa existente na armada, estava toda em armas, ou circumdando os canhões das baterias, a pretexto de render homenagem a Sua Magestade, ou, quem sabe? se para reprimir qualquer movimento popular a favor d'aquelle desgraçado a quem privavam cumulativamente d'uma familia e d'um throno.

A apparencia, porem, de D. Affonso 6.<sup>o</sup> era pouco talhada para crear sympathias, embora algum tanto corpulento e de feições regulares, o seu olhar era inderto, amortecido, custava-lhe a mover um braço e andava a custo, a cambalear.

Não era isto, com certeza, o que o povo esperava, elle, que na sua imaginação reveste sempre os homens collocados em altas posições sociaes, de attributos physicos do mais subido quilate.

Foi uma desillusão completa.

Sua Magestade depois de desembarcar a custo do bergantim que lhe haviam destinado e de haver dado em terra alguns vacillantes passos, entrou para uma liteira que o aguardava, seguindo logo para o castello, com o commandante da armada e alguns titulares que o acompanhavam.

A' porta d'aquelle formidavel reducto, representou-se mais uma vez a comedia do grande respeito para com um rei sem throno, havendo as ceremonias d'uma elevada recepção, as salvas da ordumança e albergando-se El-Rei e os seus criados em diversos aposentos do castello, assaz espaçosos na realidade.

A primeira noite d'El-Rei n'aquelle recinto, se acaso o seu espirito, apesar de fraco, o deixou considerar nas vicissitudes da realçsa, nas paixões mesquinhas do coração humano, nas intrigas e astucias de uma mulher, quando apaixonada, seja plebéa ou fidalga, devia-lhe, necessariamente, despertar n'alma bem amargos pensamentos, a elle que, como é sabido, jamais na sua infancia recebera de sua mãe, D. Luiza de Gusmão, uma carícia, que não ia julgar-se um menospreso feito a seu irmão D. Pedro, mais formoso e aliado do que a infeliz creança que enfermara desde os quatro annos de idade.

O povo se não sentio enthusiasmo ante a presença d'El-Rei, con-

cedeu-lhe, contudo, palavras de consideração, lamentando a sua sorte, não tendo phrases de louvor para com o Regente, nem para a Rainha, e retirando-se taciturno para as suas distantes habitações, mais inclinado a servir um monarcha em relativa miseria, do que o Regente do reino no seo das maiores venturas.

Não houve, ainda assim, o menor disturbio e quem cercava El-Rei é que se incumbiu de apresentar para Lisboa estes factos, da maneira que fosse mais agradavel ao palacio do Sr. Regente.

Nem faltaram, como sempre, adoradores do sol que se aleveanta e protestos de lealdade, de dedicação e amor cívico.

Estabelecido e acomodado El-Rei, nas casas do governador do castello e havendo deixado Angra a armada ás ordens do Conde do Prado, começou da parte d'aquelles que acompanhavam D. Affonso uma não interrompida serie de intrigas e dissensões, provenientes da rivalidade de posição, ou de cubia de estipendios.

O fregente mandava pagar liberalmente a todos que serviam seu irmão, assim como o tratamento de D. Affonso era tão farto, que da sua meza esmolhava diariamente muita gente necessitada, até que, mais tarde, receios talvez da popularidade que El-Rei ia adquirindo com semelhante procedimento fizeram com que fosse prohibido rigorosamente a qualquer individuo receber dadivas ou esmolas do regio prisioneiro. Para distracção de D. Affonso alguns caminhos se aplanaram no monte Brazil e algumas veredas foram abertas até aos seus mais vistosos sitios.

El-Rei, nos primeiros tempos da sua estada na ilha Terceira, quando o tempo estava sereno, por tardes esplendidas do verão que decorria, ia, por vezés, solitariamente, sentar-se n'algumas pedras d'uma elevação sobranceira ao oceano, na extremidade mais saliente do monte e alli passava, com os olhos fixos na vastidão das agoas, a meditar longas horas, embebido na grandeza d'aquelle espectáculo e talvez reflexionando amargamente nas vicissitudes da sorte.

Cento e quarenta e seis annos depois, em 1815, quando o seu corpo já estava reduzido a um punhado de cinzas, n'um outro monarcha, como elle sem throno nem familia, preso tambem n'um rochedo cercado de mar e guardado vigilantemente, devia, na mesma attitude deixar-se aperceber á vista dos curiosos navegantes.

Era aquelle heroe a respeito de quem Lamartine escreven a magnifica ode que começa:

Sur un écueil battu par la vague plaintive,  
Le nautonier de loin voit blanchir sur la rive

Un tombeau près du bord par les flots déposé;  
Le temps n'a pas encore bruni l'étroite pierre,  
Et sur le vert tissu de la roue et du lierre

On distingue . . . un sceptre brisé!

A fatalidade dos acontecimentos, ainda que por caminhos muito diversos levou Napoleão 1.º e Afonso 6.º a um identico termo da existencia.

E, contudo, que grande differença entre os dois regios prisioneiros!

O primeiro foi, por assim dizer, o arbitro do mundo, não nascêra em regios alcaçares, nem tivera por berço os mais finos arminhos, mas devido ao seu genio guerreiro, logrou com a simples lamina de uma espada avassalar reinos, distribuir corôas, fazer principes aos seus generaes e passear triumphante pela Europa, fazendo baixar reverentemente a fronte aos mais altos potentados.

A guerra era o seu elemento e o troar dos canhões a lei suprema em que se firmava, e estes ora vomitavam fogo para sandár a sua passagem ora para derrubar os seus inimigos.

Era um guerreiro feliz, cujos dias foram contados por victorias, como as horas por combates.

Afinal, semelhante ao sol que vae morrer no seio do oceano, um adusto rochedo, na grande soledade das agoas, servio-lhe de leito de campanha e em Santa Helena exala o derradeiro alento, pronunciando ainda no delirio de agonisante, algumas ordens dirigidas a immenso, mas imaginario exercito, que elle via já confusamente, que ia levando ao combate, ao triumpho e á gloria!

Soldado, morreu entre soldados, cercado de nuvens espessas de fumo, ouvindo os sons dos clarins e o rugir de valente artilheria e attento sempre ao maior lustre da bandeira franceza, que tanto amava!

Não morreu ao lado de Hudson Lowe e dos seus sequazes, embora estivessem alli presentes, espreitando o seu leito de agonía, mas sim cercado da sua velha guarda e dos seus generaes que deixara mal feridos em diversos campos de batalha.

D'isto é que não era susceptivel o monarcha portuguez, embora tivesse como o arrojado Córso uma ilha por prisão e o grandioso espectáculo do oceano na sua frente para lhe apresentar as miragens de gloriosas visões.

El-Rei, em breve, se enfastiou dos seus passeios, recolhendo-se a casa, d'onde apenas sahia para ir diariamente, ouvir missa e passava o resto do seu tempo a ralar ou maltractar quem o servia, mudando a cada hora de affeições, despresando de tarde qualquer objecto a que de manhã dera grande apreço, inconsequente em tudo e tudo acreditando, ainda que completamente incapaz de dizer a minima mentira, bem como de guardar qualquer segredo.

Com o decorrer do tempo, por morte do governador do castello Sebastião Corrêa de Lorvella, cavalheiro de grandes creditos, prudencia e inteireza de caracter, foi empossado n'aquelle espinhoso cargo, o sargento mór de batalha Manoel Nunes Leitão que de Lisboa viera com Sua Magestade, e a quem não faltava a esperteza e predicações



necessarios para servir bem o Sr. Regente, na guarda de seu irmão.

O caracter de Manoel Nunes Leitão, pelo que podêmos colligir do que a este respeito ha escripto, parecia ter-se anticipado uns dois seculos e ser aherido pelo typo d'alguns dos homens politicos hodiernos.

Homem ladino, sabendo dessimular as suas opiniões, affectando, quando necessario uma magnanimidade que mais tarde era volvida em vingança pessoal, maleavel com os inimigos quando os não podia vencer á viva força, começou a fazer uma politica sua, que provavelmente imaginou com a mais solida base para futuros augmentos.

Um dos seus defeitos, e que mais tarde o fez perder a cabeça no patibulo, foi sempre apresentar ao Regente parte dos habitantes de Angra, aquelles que não lhe eram affectos, como embrenhados em tenebrosas conspirações para restituir a corôa a D. Affonso, affectando menos justificados receios, mandando fazer no interior do castello diversos preparativos, como se a toda a hora esperasse ser atacado.

Não perdia occasião de assim o participar para a côrte.

Na ilha Terceira acontecia exactamente o contrario e os boatos constantes que se espalhavam eram de revoltas em Lisboa, com grande morticínio, contra o governo do Regente e a favor do prisioneiro.

Acrescia ainda para dar mais vulto a estes rumores, quasi sempre attribuidos a navios estrangeiros que tocavam n'aquella ilha, a falta de communicações directas com o continente, sendo muito para notar que apesar do interesse que o Regente tinha de estar ao facto do que se passava em redor de seu irmão, não houvessem communicações com Lisboa desde o mez d'Outubro de 1669 até Maio do anno seguinte.

A comitiva d'El-Rei continuava com as suas dissensões, umas vezes bandeada com o governador, outras censurando o seu procedimento para com D. Affonso, que apresentavam ao povo como um martyr, ou então trabalhando por sua propria conta e conforme mais lhe aprazia;—uma completa anarchia.

O caracter versatil d'El-Rei não sabia pôr cõbro a semelhantes desmandos, parecendo, por vêzes, com elles comprazer-se, ainda que com quebra da sua dignidade e respeito.

E muitas d'estas misérias não chegaram, felizmente, a ser registadas nos annaes da nossa historia patria, adrede calando-se a seu respeito os escriptores da epocha, como francamente confessa o Padre Maldonado, que mais minuciosamente tratou d'estes assumptos.

Para apresentar determinados factos, forçoso era incorrer no desagrado do Regente, o que então ninguém desejava, temendo severas represalias e outros acontecimentos, insignificantes por sua natureza, se levantavam a curiosidade do publico durante alguns dias, em breve cahiam no esquecimento, varridos por quaesquer novas peripecias, que a todo o momento formigavam entre animos turbulentos e sem um pulso de ferro que os sopeasse.

Accêsa em toda a ilha Terceira uma viva espionagem por parte do governador Manoel Nunes Leitão, as noticias que, por navios estrangeiros, por vezes chegavam de revoltas ou conspirações, no reino, contra o governo do Regente, e estas noticias geralmente alteradas a sabor dos setis propaladores, traziam em continuo sobresalto não somente o mesmo governador, como as pessoas que não lhe eram affectas, havendo a espaços diversas prisões, ou procurando alguns individuos maior segurança indo habitar nas outras ilhas do archipelago.

O governador, real ou ficticiamente, tinha ante si um constante phantasma, o ataque ao castello para a revindicação dos direitos do desthronado monarcha, que lhe estava confiado.

E tanto assim que mandara a Lisboa um seu filho a conferenciar com o governo, não se confiando na correspondencia official, nem em qualquer outro meio de communicação.

O filho já na corte permanecia ha alguns mezes, sem que apparecesse na ilha Terceira qualquer navio de guerra portuguez, nem que se soubesse, com certeza, a razão ou origem dos boatos que corriam de grandes levantamentos populares em Lisboa, acompanhados de mortes e prisões.

Final, a 10 d'Agosto de 1674, fundeu em Angra a fragata portugueza «Piedade», commandada por Francisco Guedes Ferraz, sem que salvasse a terra, conservando-se incommunicavel, sem deixar approximar-se-lhe qualquer embarcação de terra, e só depois de muitas instancias recebeu um officio do governador do castello, do qual, comtudo, não respondeu.

Corriam na cidade os mais encontrados juizos a respeito da chegada d'aquelle navio, mudo e isolado, como um sepulchro.

Dias depois surgiram, porem, á vista de terra, mais sete embarcações de guerra, portuguezas, no numero das quaes tres fragatas, conservando se ao largo e cruzando em frente da cidade.

Insinuando serem navios inimigos tentou o governador simular na cidade e no castello, os preparativos de uma valente defesa, como se aquellas embarcações viessem, de combinação com os seus adversarios Terceirenses, para atacar a praça e por ventura arrehatar-lhe o regio prisioneiro.

Por diversas circumstancias não conseguiu, ainda assim, levar a effeito a representação d'esta nova comedia, planeada para dar visos de verdade ás tramas, quasi sempre imaginosas, com que de continuo importunava o governo do Regente.

A 13 d'Agosto uma caravella, da armada, approxinou-se de terra, desembarcando pacificamente o filho do governador e sem que das conversas d'este e do pae, transpirasse a minima indicação do fim a que vinham á ilha tantos vazos de guerra.

No dia 14, fundeu toda a armada, salvando a terra e no dia se-

guinte effectuou-se, em primeiro logar o desembarque solenne do general da armada Pedro Jaques de Magalhães e de alguns altos functionarios que o acompanhavam, bem como em seguida a vinda para terra de tres companhias de soldados, com armas e munições.

Depois de conferenciar largamente com o governador, o general dirigio-se a cumprimentar El-Rei, sendo n'uma das subsequentes noites effectuadas diversas prisões, em individuos tanto ecclesiasticos, como seculares, menos affectos ao governador, cujos processos, porem, foram mais tarde julgados nulos, á mingoa de qualquer criminalidade da parte dos individuos.

A população da ilha Terceira andava aterrorisada com estes mysteriosos acontecimentos, ninguem se julgava seguro de não ser preso d'um para outro momento, tanto mais quando para realisar essas prisões parecia ter vindo da corte tão poderosa armada.

E, não obstante, era outro o seu fim.

No aziago dia de São Bartholomeu, a 24 d'Agosto, El-Rei D. Affonso, ainda que cercado de todos os respeito devidos á sua alta posição social, embarcou subitamente para a armada, acompanhado dos criados da sua caza, bem como do governador do castello.

Foi conduzido até ao Porto Novo n'uma cadeira raza, por quatro fidalgos dos mais importantes que vinham na esquadra.

O Regente temeu, como perigosa para a sua permanencia no throno o prolongamento da estada de seu irmão no castello de São João Baptista, desejando-o em sitio mais proximo e aonde mais immediata fosse a sua vigilancia sobre aquelle desgraçado.

A esquadra, depois do embarque d'El-Rei, demorou-se ainda seis dias fundeada em frente da cidade e só no dia 30, desfraldando velas, seguiu para o continente.

A permanencia de D. Affonso 6.º na ilha Terceira havia durado desde 21 de Junho de 1669 a 30 de Agosto de 1674, cinco annos e quarenta dias.

Soubese tempos depois ter chegado a armada a salvo ao Tejo, no dia 20 de Setembro, bem como duas náos vindas da India, que foram na companhia da mesma e que havia tres mezes que estavam na ilha do Fayal, aguardando navios que as escoltassem até Lisboa.

Diversas mercês foram conferidas pelo Regente a alguns cavalheiros da comitiva de D. Affonso, que com agrado do Paço o haviam servido durante a permanencia de El-Rei nas terras açorianas; o que não excluiu tambem que outros soffressem temporarios degredos e prisões, por diversas faltas alli commettidas, ou por menos exactidão no desempenho dos seus deveres.

A ira, porem, do Regente sobre quem, ainda assim, descarregou mais severo golpe, foi no governador do castello Manuel Nunes Leitão, que pagou com a cabeça as intrigas que promovêra.

Intrigas?

E' sobre isto, alem de confusa, muito deficiente a historia.

O espinhoso de que estava revestido, a importancia do prisioneiro que tinha sob sua guarda, as relações porventura existentes, de alguns revoltosos do continente com diversos individuos da ilha, é bem de ver que o devia trazer em continuo sobresalto e, effectivamente, não ponpon, por vezes, os inimigos, quando o vento lhe era favoravel para exercer vindictas.

E' tambem muito possivel que na sua preoccupada imaginação tomassem maior vulto do que realmente tinham, alguns incidentes de pequena importancia e que, não obstante, elle apresentava para Lisboa como perigosos para a conservação do Regente na posse do governo que empolgara, tanto mais quando no continente se tramava fortemente a semelhante respeito, tendo havido, por malogradas conspirações, diversas scenas patibulares na praça do Rocio.

Em todo o cazo o ex-governador do castello de São João Baptista havia sido um fiel servidor de Sua Alteza, que em cambio d'isto lhe mandou tirar a vida!

E admirámo-nos? . . . Quem não poupa o seu proprio sangue deve ter em pouca importancia o sangue dos estranhos, ao menos o martyrio do ex-governador durou apenas alguns minutos e com elle, consequentemente foi mais misericordioso o Regente do que com seu irmão, o primeiro marido de sua mulher, que teve ainda de arrastar por alguns annos a penosa cadeia da existencia, sem familia, sem amigos, só!

\* \* \*

Terminaremos em breves palavras esta succinta narrativa, o descalace d'este bem pouco edificante drama.

Depois de vinte dias de viagem, a armada que conduzia El-Rei fundeava em Paço d'Arcos.

Pouco tempo depois de lançar ancora dirigio-se a bordo o duque de Cadaval encarregado de conduzir El-Rei para o palacio de Cintra, aonde continuaria prêso.

Recebeu-o ao portaló o general Pedro Jaques de Magalhães, informado, porem, de que D. Affonso de espada em punho queria tirar a vida ao ex-governador do castello de São João Baptista, Manuel Nunes Leitão, motivo pelo qual elle general se vira obrigado a fechar Sua Magestade na camara da fragata, o duque de Cadaval mandou immediatamente abrir a porta da camara e beijando a mão a El-Rei, tratou de o induzir a acompanhal-o para terra.

A isto se oppunha D. Affonso, até que foi necessario ao duque dizer-lhe uma mentira, que a fragata em que se achavam estava a ir a pique e que morria alli se não abandonava immediatamente semelhante navio.

Só então desembarcou El-Rei.

Aguardava-o uma liteira na praia, em logar reservado à vista de quaesquer observadores e sem o minimo ruido, nem o povo ter conhecimento de quanto se passava, seguiu a liteira immediatamente para Cintra, aonde chegou à meia noite.

O duque de Cadaval acompanhou El-Rei e embora a sua residencia fosse em Lisboa, ficou em Cintra com alguns aposentos no palacio, para a toda a hora alli poder ir em superintendencia do prisioneiro.

Trezentos homens de infantaria e uma companhia de cavallaria foram immediatamente para aquella Villa, tendo a seu cargo segurar El-Rei, ao qual, como na ilha Terceira foram concedidos largos rendimentos para a sua condigna manutenção.

Durante nove annos permaneceu ainda prôso e guardado cietosamente aquelle infeliz, no palacio de Cintra, chegando a gastar com os seus passos os tijolos da sala em que habitualmente estava.

Finalmente, a 17 de Setembro de 1683, Deus amerciou-se da sua sorte dando-lhe com a morte um termo a tão longa provação.

Estava Sua Magestade a ouvir missa, o que fazia diariamente, quando proximo da consagração da hostia, sentio-se repentinamente muito afflicto, perdendo em seguida o entendimento e sendo conduzido em braços para o seu leito.

Breve entrou em agonia, affirmando-se que por essa occasião intimava a Rainha para em poucos dias comparecer perante o tribunal do Altissimo, a dar contas do seu procedimento.

Dentro em poucas horas era um cadaver e por estranha coincidencia a Rainha falleceu, como obedecendo a essa invocação terrivel, pouco mais de tres mezes depois a 27 de Dezembro do mesmo anno.

As exequias de D. Affonso 6.<sup>o</sup> mandadas celebrar por D. Pedro 2.<sup>o</sup>, que só então tomou definitivamente o titulo de rei, foram sumptuosissimas e eguaes ás que se haviam celebrado por fallecimento do Sr. D. João 4.<sup>o</sup>, o Restaurador.

Do palacio de Cintra foi o cadaver de D. Affonso 6.<sup>o</sup> conduzido para o mosteiro de Belem, seguido de immenso e luzido prestito, indo afinal descansar junto dos restos de seu irmão D. Theodosio.

Eis, em summa, parte da Historia d'esse rei sem reino e marido sem mulher, como o denomina Camillo Castello Branco, n'um curioso prefacio de um epitome da vida do mesmo, encontrado na livreria do duque de Cadaval.

Com relação ao procedimento de D. Pedro 2.<sup>o</sup> para com o seu unico irmão existente, a não ser, como geralmente se acredita, incitado pela incestuosa paixão que alimentou pela princeza de Saboia, sua enxada, teria apenas uma explicação plausivel n'aquelle tão veridico dizer de Béranger, o primeiro cançãoeiro da França: *«Le pouvoir est une cloche qui empeche tous ceux qui la mettent en branle d'entendre aucun autre son.»*

## VIII

### MODUS VIVENDI

(Ilha do Fayal)

São tão bonitas as aldeias fayalenses!

Alli, aonde a arte não foi dispor as modestas moradias dos camponezes, aonde a natureza despida de quaesquer estranhos adornos, se ostenta em toda a sua singeleza, como é aprazível divagar por aquellos campos exuberantes de fartas searas, ou povoados, de denso arvoredo, de mattas de giesteira, com flores amarellas ou de zymbros escuros, e carregados de alvacentas bagas, realçando isto tudo a tão abundante flora açoriana que, da beira mar até ao despovoado vae juncando as orlas dos vallados, caminhos e atalhos de variegados encantos, rosas silvestres, dahlias formosissimas e vistosas, bellas donas de delicada cor rosada, uma festa continua, um desafio de estação para estação, até na gemma do inverno em que as magnificas camelias, das mais variedades e esplendidas especies, convertem as entradas de muitas moradias n'um verdadeiro docel do mais aprimorado matiz.

Antigamente, diga-se a verdade, não era isto o que geralmente acontecia, o camponez fayalense de ha uns cincoenta annos, costumava ter em frente da casa em vez d'um pequeno jardim, um chiqueiro e nem o desgostava certa promiscuidade em que vivia com os seus animaes suinos, havia até um certo orgulho de ter alli, bem patente, aos olhos dos transeuntes uma grande alimaria cercada de muitos leitões.

Era um signal de abundancia, de fartura.

Ainda assim muitos dos rapazes da freguezia, que vinham da longinqua pesca da bacia, ou de ganhar a sua vida nos Estados Unidos da America e por conseguinte com novos habitos e costumes, bem diferentes, especialmente no que dizia respeito a limpeza, dos usos com que haviam sido creados, começaram, não muito a aprasimento paterno, a emprehender certos melhoramentos nas suas respectivas localidades.

Os que vinham com remediada fortuna, se acaso construíam uma casa, embora esta fosse pequena, tinham o cuidado de mandar reboçar e calar as paredes do seu *apartamento*, como lhe chamam e plantar alguns arbustos que dessem vistosas flores, d'um e outro lado dos maineis da entrada, quando não era por cima das paredes, preparadas para este fim, faxias, fins do mundo, craveiros e alecrim.

E as raparigas do lugar que queriam estar nas boas graças dos rapazes americanos, instavam com os paes, para que removessem da

entrada da casa aquella pocilga, que as deixasse aterrar o espaço e plantar na rua, como era designado o chiqueiro, rosas, girasoes, mandragadas e amores perfeitos.

Cada dia foi trazendo uma innovação, um progresso, um melhoramento para mais apurado viver.

Até a igreja da freguezia tomou differente aspecto.

No tempo, por exemplo, do vigário antigo, um bom velhinho, mas homem chão e de poucas letras, a frontaria do templo haveria meio seculo que não fora caiada, tinha lino a valer e em vez de pombas na sineira, um batalhão de negros estorninhos.

Vão vel-a presentemente . . .

O vigário morreu septuagenario, como aquelle heroe d'um soneto de Paulino Cabral, nos braços d'um fiel herdeiro e quem o veio substituir, um rapaz, que esteve fóra da ilha n'um seminario, embirrou, não muito a aprasimento da gente antiga, em mandar picar as paredes da igreja, arruar o cemitério e plantar alli flores, destruir as teias de aranha, seculares, do interior do templo, varrer aquillo tudo, pôr vidros novos nas janellas do côro, e plantar no adro algumas arvores e hortenses de flores azues.

Uma verdadeira revolução! . . . parecia andar de mãos dadas com os rapazes da America, que não vão elles todos botar a perder o Sr. Vigário . . .

Apezar, porem, das más lingoas rotineiras a igreja estava indubitavelmente muito melhorada, de aspecto mais convidativo, cheia de luz e de vida.

E, d'esta sorte, a evolução do progresso foi-se realizando em tudo, nas comidas, na vestimenta, nos costumes e na educação.

A moça do monte passou a ser uma menina, em vez de ir diariamente ao matto, como em solteira ia sua mãe, buscar pesados feixes de lenha ou de moidas para os arranjos domesticos, deixa esse encargo aos rapazes e só, excepcionalmente, vai a algum poço do matto buscar uma pequena caneca d'agua, feita esta leve vasilha de odorifero cedro, eucimada, para resguardo do liquido, por um punhado de alecrim ou de rebentos de buxeiro.

Alem d'isso esse passeio, quasi sempre ao sol posto, representa nas freguezias ruraes uma especie de gyro no Chiado para as elegantes de Lisboa, vão alli para que atravessando a povoação lhe admirem a saia nova de vistosa chita, ou o abeiro catita, enfeitado de fitas de velludilho azul, verde ou vermelho.

Pobres raparigas!

E depois, quasi sempre, pelo caminho, se encontram os taes rapazes da America, nã-se a boa tarde, conversa-se um bocado, isto nunca fez mal a ninguém, nem o mundo tem que dizer . . .

Não é que com semelhante procedimento queiram ellas fugir ao trabalho, a gente pobre é raro ter d'essas velleidades; ao contrario

a sua vida vae bem atarefada desde o nascer do sol, até a luz começar a decrescer nas serras e valles.

Mas os homens da caza é que se occupam nos trabalhos frágosos e as raparigas reservam-se para os bordados de pita, ou para a confecção de delicadas rendas, o que lhes produz um melhor salario e com menos canceiras do que ir á lenha ao matto ou tratar das vacas.

Copiémos, *d'après nature*, uma d'estas vivendas campezinhas, para ver se conseguimos dar ao leitor uma idéa aproximada, ainda que necessariamente imperfeita do viver da generalidade das famílias das nossas povoações rurais.

A caza, de empena para o caminho, como quasi todas, para não serem devassadas pelas vistas curiosas dos transeantes, é baixa, d'um só andar, ao rez do chão, e dividida no interior por dois tabiques de taboas caídas formando assim tres divisões.

A porta da rua fica na divisão do meio, que é a mais espaçosa, tendo ao lado uma janella envidraçada, enquanto que os outros dois repartimentos só possuem uns postigos, com portas de madeira e um vidro a um lado á guisa de clara boia.

O quarto do lado da empena serve de cozinha, e o lar não tem chaminé, dando vassão ao fumo os interstícios das taboas que seguram as telhas, por quanto toda a casa não é estucada.

O classico tijolo, redondo e arqueado de ferro, donde se fazem os bolos de milho para habitual alimentação da familia, está sobre o lar, embora este apagado, assentando á falta de *trempe* n'umas toseas pedras. Quasi todas as casas tem forno, para a cosedura do pão de milho, quando se torna necessaria a massa em maior quantidade.

A outra extremidade da casa é destinada para os rapazes e na da mais contem do que as encherugas d'estes.

Ora o quarto principal, o do meio, que serve cumulativamente de sala, de casa de jantar e de dormitorio do dono da habitação, da mulher e da sua unica filha, é o que apresenta mais algum conforto.

A janella de pequenas dimensões e de pequenos vidros é do mesmo lado da porta, ficando consequentemente desembaraçado todo o fundo da casa, que tem por adorno numerosos registros de santos, uma palma benta e uma photographia emmoldurada, provavelmente de algum parente que está no Brazil ou nos Estados Unidos da America.

A mobilia da casa começa por enorme archibanco, de madeira antiga e forte, cujo vasto interior serve de guardar o pão de milho, roupa branca muito lavada, e balaios de fariuiba, ficando ainda muito espaço livre, taes são as suas agigantadas proporções. Quando fechado este útil traste, representa as vantagens de uma grande banquetta, na maior parte do comprimento d'aquelle aposento, metade terreo e metade assoalhado, do lado em que estão as camas.



Por cima do archibanco, encravada na parede, existe uma prateleira de regoas, pintada d'azul, aonde figuram os pratos e tijellas de louça ordinaria, mas vidrada, que anda em uso diario.

Segue-se o altar, isto é, uma meza de pinho coberta com alvissima toalha toda arreudada na beira, que termina em franja, e sobre esta diversos pucaros de louça portugueza a transbordar de flores e castiças com velas finas e rosêtas de papel de côr, circundando um caixote de pinho, pintado a oleo, por fora e forrado de papel pintado por dentro, com um vidro na frente e contendo uma corôa de prata lavrada, do Senhor Espirito Santo, o *Imperial*, como chama aquellê emblema o dono da habitação, que por servir o divino Paraclyto no proximo anno, tem a coroa em casa desde a ultima festa e em frente da qual, todas as noites, estando o altar convenientemente alumado, ha rezas em voz alta, às quaes se juntam mulheres e homens da vizinhança.

Ora o José Manoel, o dono da casa, grangeia a sua vida no cultivo de umas terras lavradas e umas encostas da serra que traz de renda e das quaes, na realidade, pouco lhe sobra, apesar de muitas canceiras, os rapazes, os seus dois filhos, partem da freguezia todos os dias muito de madrugada, para ir trabalhar na doca da habia da Horta, regressando a casa já noite fechada, depois de hora e meia de caminho, e a filha, a Maria da Eucarnação, trabalha todo o dia, em quanto a luz do sol permite, confeccionando rendas e chailes de pita de difficil e delicadissimo lavôr.

É um bonito quadro, quando esta rapariga, sentada habitualmente á janella que deita sobre a servidão, calçada de pequenas pedras, que do portal da cancella conduz até á entrada da casa, está trabalhando com todo o cuidado, absorvida completamente em semelhante mister, cantarollando trovas de chamarita, e, sem que d'isso se aperceba, contemplada por algum mais abelhudo transeunte.

Contra as paredes da sua moradia um rego de terra, muito estreito, alimenta ainda assim alguns girasoes de mediana altura e uma alluvião de pecegueiras da India, (*anthirrhinum*) dobrados, de flores rubras e brancas e na banquetta que forma o outro lado da entrada, differentes pucaros e bules, sem asa ou sem bico, mas apresentando vicosissimos mangericões de activo cheiro, folha macia e flor miudinha, a planta mais popular de toda a ilha cuidadosamente cultivada até para os altares de algumas egrejas campezinas. As quadras de lavra da aldeia, que sabem todas as raparias fayalenses concernentes aos mangericões dariam dois ou tres volumes de leitura rasoavelmente massadora.

A piteira da-se excellentemente com o clima açoriano, mas não obstante o enorme consumo que no Fayal se faz das suas fibras, todo o fio de pita applicado aos delicados trabalhos de agulha é vindo da Inglaterra e comprado aqui em meadas, tão fino como linha.

A lactea alvura d'este producto vegetal requer todo o cuidado para que as rendas e outros artefactos saiam bem brancas como se nas mesmas não tivessem tocado mãos de alguém.

Para isto se conseguir as bordadeiras tem de ser de irreprehen-sível limpeza nas mãos, no cabello e no fato, evitar o fumo, a trans-piração ou o mínimo agreiro que lhes possa vir macular o trabalho em que se occupam.

Lavam-se, pois, amudadas vezes no dia; usam o cabello escrupu-losamente penteado, as suas mãos são alvas e finas e os corpetes bran-cos de neve, correspondem ao acceio dos seus vestidos de chita.

Levantam se apenas é dia claro e ellas entregues a tão sympa-thico mister, operando milagres de paciencia e de perfeição exorcutan-do, por preço assaz diminuto, trabalhos que por vezes parecem obras de fadas e não de pobres raparigas da aldeia, isoladas em remotos sitios e sem bons modêlos que lhe desenvolvam apurado gosto artísti-co.

Para a confecção de qualquer tarefa que tenham accettato, ou a que se hajam compromettido para o tempo da sabôla para a America de qualquer embarcação conhecida, rennem-se geralmente ás dnas ou tres, na casa mais apropriada de qualquer d'ellas, aonde haja mais socêgo e menos creanças que lhe venham tocar nas rendas e alli tra-balham ate á noite, alegrando as horas com cantigas, fallando nos na-morados, desfiando as chronicas do logar, e rindo por vèzes, com es-se rir inoffensivo e irresistivel da mocidade, que o mais insignificante incidente faz despertar em toda a sua plenitude.

Estes trabalhos de pita, de palha, ou de rendas de algodão, são quasi exclusivamente destinados para as principaes cidades dos Esta-dos Unidos da America e tem uma historia a qual ainda que resumi-damente, vamos tratar de expôr ao leitor, tanto mais quando seme-lhantes artefactos são uma providencia para as classes pobres da ilha do Fayal, na feitura dos quaes se empregam centos de raparigas, a-judando assim a viver as suas familias, geralmente de fortuna muito menos que modesta.

Dividâmos, porem, para maior clareza, as suas diversas qualida-des.

#### **Meias de algodão, bordadas.**

Foram estes os primeiros artefactos, conhecidos no estrangeiro, devidos á habilidade do sexo feminino fayalense.

Em 1845, as constantes relações que de ha muito esta ilha man-tinha com a grande republica americana, trouxe occasionalmente á ci-dade da Horta uma senhora de Boston, para passar algum tempo n'es-ta localidade. Entre diversas compras de artigos das pequenas indus-trias fayalenses que ella então fez, acontecerem offerecerem-lhe alguns

pares de meias de algodão, bordadas, que desde logo chamaram a sua attenção pela mestria com que estavam trabalhadas.

Disse então alguém a essa dama que no Fayal havia muita falta de trabalho para centenaes de raparigas e que seria uma verdadeira obra de caridade se accuso na America, agradando aquelles specimens, encomendassem para aqui a feitura dos mesmos, tanto mais quando o seu preço era modico e que havia empenho em beneficiar, de qualquer sorte, as classes pobres da ilha.

Deve-se este Javôr à Ex.<sup>ma</sup> Sra.<sup>a</sup> D. Clara Dabney que, desintressadamente, se prestou a ser a intermediaria entre qualquer pedido do dos Estados Unidos e as numerosas bordadeiras fayalenses.

O resultado d'este muito louvavel procedimento encontrou desde logo um acolhimento muito superior ao que, razoavelmente, se podia esperar em breves dias, pois que no regresso ao Fayal do mesmo navio que levava aquellas amostras para os Estados Unidos, veio logo de Boston uma ordem de uma illuista conhecida senhora d'aquella cidade, aparentada com a primeira de que tratámos, pedindo algumas dúzias de pares de meias bordadas tomando-as depois ella assaz conhecidas, e succedendo-se os pedidos sempre em escala ascendente.

Durante vinte annos as remessas de meias bordadas para Boston regularam sempre na importancia de trezentos a quatro centos mil rs, pelo preço de 720 a 840 rs. cada par, livre para as productoras.

E devemos aqui consignar que, para animar semelhante industria as despesas de transporte, alfandega, commissão etc. eram generosamente satisfeitas por quem patrocinava este negocio.

Em 1862, com a guerra civil dos Estados Unidos as requisições d'estes productos açorianos ficaram resumidas a muito pouco, ou para melhor dizer a coisa alguma. No doloroso periodo que então atravessava a imponente republica do novo mundo o luxo era banido da generalidade das habitações, nem as momentosas preoccupações dos norte-americanos os deixavam prestar attenção a quaesquer outros assumptos que não fossem alinentes à luta em que andavam empenhados.

E' obvio que o estacionamento d'esta industria a qual, durante já um longo periodo, empregava tantas raparigas e mulheres do Fayal, tornou-se necessariamente um golpe profundo para a sua decente sustentação e com a mais sincera magoa via a Ex.<sup>ma</sup> Sra.<sup>a</sup> D. Clara Dabney, que tanto a peito honrara esta proveitosa industria, a penuria em que este incidente vinha lancar muitas creaturas que da mesma viam ao abrigo das mais urgentes necessidades.

A Providencia, porem, é inexaurivel nas suas dadivas, o tempo foi decorrendo e se a industria das meias bordadas, não conseguiu reviver, ainda assim outros trabalhos, que passamos a mencionar, vieram substituir os interesses que se retiravam d'aquella primitiva industria.

### Bordados de palha.

Alguns annos antes da guerra da America, em 1850, se a memoria nos é fiel, um cavalheiro inglez, Mr. Hasper, que ha alguns annos residia em Boston mais a sua familia, remetteu para o Fayal a uma senhora, sua irmã, que então estava n'esta ilha, um côrte de chapen para senhora, de seda preta, bordado a palha e proveniente da França, que elle havia comprado em New York, afim de ella vêr se poderia aqui ser imitado.

Aquelle bonito e delicado trabalho de agulha foi as mãos da Sr.<sup>a</sup> D. Joanna E. Ferreira, muito competente em semelhantes assumptos, a qual descobrindo a maneira como esse bordado era urdido e feito, ensinou a varias pessoas esta nova industria que, relativamente, em muito breve tempo, começaram a dar interesse a muita gente e cujas remessas eram quasi todas destinadas para os Estados Unidos.

Vestidos, tiras, chailes, romeiras, mantas do pescoço e da cabeça, chapens de senhora &c.<sup>a</sup> tinham prompta vendagem, havendo successivos pedidos, assaz valiosos, dos mesmos.

Estes trabalhos executados em filô branco, ou filô de seda, preto, são sempre muito estimados nos Estados Unidos, tanto mais que a palha dos Açores alem de ser muito lustrosa, possui delicadissima côr.

Houve uma senhora d'esta ilha que indo a Paris lembrou-se de levar algumas tiras de filô bordado a palha para alli mandar confeccionar diversos artigos do seu uso e procurando uma notavel modista da grande capital exhibio-lhe semelhantes bordados.

A franceza ficou entusiasmada pelos mesmos, não cessando de os gabar, e de repetir á dama fayalense:

*Mais, Mon Dieu! mademoiselle, où avez-vous trouvés de si beaux articles?!*

Os bordados a palha continuam a ser ainda confeccionados no Fayal, tanto nas freguezias da cidade, como nas povoações ruraes, para satisfazer a pedidos dos Estados Unidos, de Lisboa e das outras ilhas do archipelago.

Uma senhora da elite da sociedade fayalense, que ha alguns annos reside em Moscow, tambem alli fez conhecido um vestido de filô de seda preto, bordado a palha, brilhante como estrellas d'ouro, que causou verdadeira sensação n'um balie da antiga cidade russa, tanto pela sua deslumbrante apparencia, como pela mestria com que os delicadissimos bordados estavam effectuados.

### Bordados de Pita.

Com quanto a confecção de delicados artefactos feitos dos fios da folha da piteira, a que já nos referimos seja assaz antiga n'esta ilha e que uma immensidade de cestinhos, ventarolas e pregadeiras fosse

comprada e apreciados esses artigos pelos estrangeiros que visitam esta ilha, ainda assim a applicação d'aquelle fio a obras propriamente de costura data apenas do anno de 1852, approximadamente.

Deve-se tambem este resultado ao mesmo Mr. Hasper, de Boston, um verdadeiro protector das industrias fayalenses.

E veio a ser o caso que deparando este cavalheiro n'um estabelecimento de New York, com uma porção de admiraveis rendas, feitas de uma materia para elle desconhecida, ainda que claramente via não ser linho ou algodão e como tivesse já conhecimento de diversos objectos de fios de pita, confeccionados no Fayal, lembrou-se de obter uma pequena amostra d'aquellas rendas, e de a enviar para esta ilha a fim de se experimentar se a pita reduzida a renda, daria aproximados resultados.

Fizeram-se aqui, com todo o esmero, diversas experiencias e se, ainda assim, não corresponderam, cabalmente, á finissima qualidade da amostra remetida, com certeza d'uma outra e melhor materia prima, ficou comtudo implantada a industria da feitura de rendas de pita, que então começaram a ter boa vendagem nos Estados Unidos e que hoje em dia dão sustento a muitos centos de mulheres fayalenses que não se occupam n'outro mister, que não seja satisfazer ás encomendas das mesmas e todas para exportação.

Requer este trabalho grande acceio e esmero na sua confecção e disto tambem depende o seu maior ou menor preço, sendo para lamentar que a par de rendas de pita, verdadeiramente admiraveis de alvura e delicadesa, que de continuo seguem para os Estados Unidos, não tenha havido todo o escrupulo em evitar por vezes a saída de qualidades de rendas grosseiras e inferiores, que desacreditam o que ha de bom n'aquelle genero.

Estes trabalhos são providenciaes para o viver decente de muitas raparigas campezinhas, ainda que, ultimamente, diversos exploradores tem diminuido o seu salario, sendo elles que auferem o verdadeiro lucro da vendagem nos mercados estrangeiros.

Em todo o caso os bordados de pita e os cestinhos elegantes, vistosas ventarolas de variegadas cores, tapetinhos de mêza, pregadeiras e outros diversos objectos, devem merecer em toda a parte, pela perfeição com que são feitos, a publica acceitação.

#### **Bordados brancos, de algodão.**

São antiquissimos na ilha do Fayal e perfeitamente executados.

O primeiro impulso, porem, para a sua vendagem em larga escala nos Estados Unidos, data apenas do anno de 1858 e foi devido ao genio industrioso da Sra.<sup>a</sup> D. Joanna E. Ferreira, na mesma ilha residente.

Tem havido, a espaços, importantes pedidos d'estes bordados e

com poucas alterações a sua vendagem tem conservado preços rasoa-  
veis tendo bastante procura. Os bordados brancos da ilha do Fayal ri-  
valisam com os que se fazem dos outros paizes exportadores d'este  
genero de lavôres.

### **Crivo, ou ponto aberto.**

Este trabalho, antiquissimo em toda a parte e assaz trivial na Hes-  
panha, Italia e Portugal é tambem feito no Fayal em satisfactorias con-  
dições, para ornamentação de toalhas, guardanapos, vestimentas ec-  
clesiasticas &.<sup>a</sup>

Foi ainda devido á Sr.<sup>a</sup> D. Joanna E. Ferreira a sua remessa  
para os Estados Unidos, aonde é assaz estimado, principalmente para  
adornar alvas e pannos de altar, nas egrejas catholicas.

A Sr.<sup>a</sup> Peter, de Cincinnati, que segue a religião catholica roma-  
na, deu muito desenvolvimento n'aquella cidade á industria das suas  
correlegionarias fayalenses e actualmente está muito divulgada o uso  
das tiras de ponto aberto, ou crivo, para uma infinidade de objectos.

### **Chapeus de palha.**

E' a industria que no Fayal se tem effeitoado, n'algumas epochas  
em mais larga escala para os Estados Unidos e isto devido, egualmen-  
te, ao Sr. Hasper a quem por differentes vezes nos temos referido no  
curso d'este capitulo.

A palha d'estes chapeus é muito ordinaria e grosseira, correndo  
parelhas com o seu feido e maneira de cozer, bastando dizer-se que  
uma mulher que trabalhe regularmente pode arranjar uns dez cha-  
peus em doze a quatorze horas, recebendo trinta reis pelo trabalho de  
cada um!

Occupam-se, por vezes, n'este mister, homens, mulheres e crean-  
ças de oito a nove annos de idade, e quando vae escasseando a pa-  
lha, valem-se da com que forravam as suas habitações, atafonas e ca-  
sas de recolher gado.

E' uma vertigem de fazer chapeus para os americanos.

Ainda assim esta industria tem sido intermitente, se n'uns annos  
importa em contos de reis, porquanto a mesma faina ia na populosa  
ilha do Pico, como no Fayal, n'outros annos estaciona completamente  
e na mesma se não falla.

Os trabalhos de pita, palha ou algodão são, com certeza, negocio  
mais seguro.

A industria dos chapeus de palha, especialidade por muito tem-  
po adstricta á ilha do Pico, começou a tomar vulto e a chamar a pu-  
blica attenção pelos annos de 1848 a 1850.

### Trabalhos de miolo de figueira.

Apesar de actualmente assaz generalizadas tanto no Fayal, como em algumas outras ilhas d'este archipelago, tiveram, contudo, na cidade da Horta a sua origem, no anno de 1847, em que começaram a ser admirados os esplendidos trabalhos n'este genero, especialmente feitos pela Sra.<sup>a</sup> D. Emilia Madruga Ferreira.

Tão delicados artefactos, representando ramos, ou restos, com flores, figuras, navios, edificios, armas nobiliarias ou emblemas sagrados, nada deixam a desejar em perfeição e delicadesa da sua feitura, sendo muito apreciados nas diversas exposições aonde tem sido exhibidos.

No começo empregava-se exclusivamente n'esta industria o miolo, ou medula dos ramos da figueira, hoje, porem, alguns artistas, aproveitam tambem, e com bom resultado, o miolo da planta do girasol, ou da azalia.

Apezar de muito perfeito, um quadro de miolo de figueira é sempre um objecto, relativamente dispendioso e de difficil condução, em verdadeiro objecto de luxo e por isso tem menos procura do que as outras industrias a que nos referimos.

Acresce, ainda, que nos parece não ter havido todo o cuidado na maneira explicativa de apresentar nos mercados estrangeiros estes bellos trabalhos, que nem todos sabem de que materia, ou como são feitos, devendo tambem notar-se que apezar de muita gente *mecher* em trabalhos de miolo de figueira, que requerem muita habilidade, muita paciencia e muito boa vista, são raros os artistas notaveis n'este genero e que consigam executar com perfeição as mais delicadas petalas de uma flor, quasi transparente, ou as de delicadissimas folhas de uma rosa ou d'um lyrio.

Mas que magnificos resultados por vezes! Flores tão frescas e vivas como as de recatado jardim, açucenas, rosas e camelias que não sabemos, mesmo junto d'ellas se são artificiaes ou apanhadas n'aquelle momento de alguma ridente alfombra.

De duas a quatro libras sterlingas pode-se obter um rasgavel trabalho de miolo de figueira, e d'esse preço para baixo não se pode exigir qualquer specimen de notavel perfeição.

O que levamos dito, mais uma vez nos convence que, nas pequenas localidades, como a cidade da Horta, ou as aldeias fayalenses, o que falta essencialmente por vezes, para o desenvolvimento de rendosas industrias é essa potente protecção e incitamento ao trabalho, mais facil de encontrar nos grandes centros de população.

Uma simples exposição districtal que n'esta cidade houve no anno de 1878 veio provar-nos, evidentemente, a existencia de varios recursos que possuiam estas ilhas para a sua riqueza, concorrendo á mesma admiraveis specimens de algumas industrias, das quaes quasi que não havia conhecimento, por serem produzidos em remotas e isoladas po-

voações, taes como pannos e colchas de lã, esteiras, delicados cestos e leques de palha feitos nas ilhas do Pico, Flores e Córvo.

Infelizmente aquelle proveitoso certamen não se tem repetido, como aconselhava a publica conveniencia. Com isto lucrariamos todos.

A exposição districtal da Horta foi um passo agigantado na senda do progresso e os seus resultados assaz beneficos mas, não obstante não vemos que alguém trate de renovar esse útil incitamento ao trabalho, reconhecido de vantagem em todas as terras que tem foros de civilisadas.

Terminaremos esta succinta noticia registando tambem a feitura de algumas flores de pennas, em que geralmente se empregavam as mulheres de um bairro de pescadores aqui existente, ao lado do norte da Horta.

Esta industria, porem, que nunca attingio grande perfeição e cujos productos não eram exportados, mas unicamente vendidos aos tripulantes ou passageiros dos navios que procuravam este porto, cedeu o lugar aos variados e mais apurados trabalhos que temos especificado.

## IX

### NO MAR

A «Iceberg» era uma barca americana de quinientas e oitenta toneladas, de fina apparencia, mastreação um pouco inclinada a ré e que a espaços apparecia nas ilhas dos Açores, vinda de Boston, com carga de taboado e com passageiros.

No regresso para os Estados Unidos levava exclusivamente emigrantes insulanos, alguns com passaporte e tendo cumprido a sua saída da patria todas as formalidades prescriptas pela lei, a maioria fugindo clandestinamente, valendo-se para isso da escuridade da noite e da facilidade que lhes offerece a longa costa das ilhas, muitas vezes despovoadas, e da mestria com que os arrees das lanchas de pesca sabem illudir a fiscalisação policial ou aduaneira, batidos e affeitos como andam na passagem de contrabandos, geralmente de tabaco.

Quando a «Iceberg» largava de qualquer porto açoriano, não fazia logo prôa para o seu destino, mas bem ao contrario gastava por vezes muitos dias em redor das ilhas, recebendo ora n'uma ora n'outra terra mulheres, homens e rapazes e baldeando em cambio para a praia quanto tabaco de *tahada* podia ou possnia a bordo.

Era um bom negocio aquelle, mas este trafego tem os seus riscos. O navio, carregado de gente, é por vezes obrigado a aproximar-



se alta noite da costa e todos sabem que os portos dos Açores, povoados de promontórios e recifes, tem dado cabo de muita embarcação, tanto mais que o vento rola por aquelles abysmos abaixo, como indomita avalanche, batendo afinal nas agoas, aonde estrebucha em redemoinhos enormes, levantando formidaveis vagas.

Enfim, é vida.

Uma das viagens da «Iceberg», baverá oito annos, foi no mez d'Outubro e apesar dos contrabandistas, de gente e de tabaco, já avisados da sua proxima chegada, a esperarem ha muitos dias, ainda assim o navio soffrendo uma viagem contrariada, encontrou medonhos temporaes, no golpho, correu muito para o sul, e só talvez nas vinte dias depois da epocha designada é que chegou á bahia da Horta, tendo já deitado, de vella, alguns passageiros na villa de Santa Cruz, na ilha das Flores.

No Fayal descarregou algum taboado e uns dezoito rapazes da ilha, que regressavam da California, ou que vinham visitar as suas familias e seguiu logo para São Miguel, com escala pela Graciosa, para onde tambem tinha passageiros.

Em quinze dias voltaria de novo ao Fayal, com destino a Boston. Foi pontual, antecipou até alguma coisa a chegada, umas quarenta e oito horas e annunciou o dia da partida, no qual cruzaram as ruas da Horta, alguns bandos de mulheres, lavadas em lagrimas, acompanhando parentas ou visinhas que, domingueiramente vestidas, iam embarcar.

O unico caes da cidade achava-se então apinhado de gente do campo, que vinham despedir-se de quem se expatriava, os hotes de serviço iam para bordo repletos de passageiros, muitas lagrimas, muitos abraços, muitos acenos de lenços, em quanto o navio, ainda fundeado, mas já com o panno solto, todo embandeirado, se balouçava suavemente no dorso das mansas vagas, aguardando apenas a chegada abordo do capitão, que diversos negocios ainda retinham em terra, para cortar ligeiro a vastidão do alto mar.

Não ha talvez filho algum d'esta ilha que não tenha presenciado estas commoventes scenas, ante as quaes até os mais rigidos corações por vezes se sensibilisam.

O que vemos nós ahi?

Homens e mulheres já idosos, paes e mães geralmente no ultimo quartel da existencia que vem dar uma benção, o adeus de despedida a filhos e filhas que provavelmente, na maioria dos casos, jámais tornarão a ver, que eram o seu eulevo, o seu orgulho, e que obedecendo á triste lei da necessidade, ou a prespectiva d'um melhor futuro em terra alheia, abandonam a patria, a familia, tudo, para se entregar aos azares caprichosos da sorte.

Que poemas de dolorosos sentimentos não traduzem por vezes essas lagrimas que então se derramam, a cada remada para fóra do

bote que conduz ao navio um ente querido. Não sentem acaso as mães uma dor igual á que soffreriam se alguém lhe estivesse a arrancar o coração e isto no meio das risadas dos indifferentes, da fallasada da multidão, das pragas da gente do mar e do marulho da vaga que, lamentosa, se desfaz contra as pedras.

Triste scena.

E depois, o regresso a casa, que dolorosa peregrinação!

A freguezia fica longe, subindo as ingremes encostas que, do lado do norte, fecham a cidade, a bahia vai desapparecer da sua vista e ainda de cima da lomba, dão um derradeiro adens ao navio que lhe vai conduzir uma parte da sua alma por esse mar fora, como um esquife conduz qualquer cadaver para o oceano sem limites da eternidade.

«Nunca mais tornarei a ver a minha filha», é a phrase que de continuo lhe occorre ao espirito e phrase que as mais das vezes se realisa cruelmente, por quanto os paes já são edosos e as raparigas vão em edade casamenteira.

Uma nova familia chamará os seus cuidados.

A noite vem enlutar ainda mais estes sombrios pensamentos, a estrada que conduz á freguezia é muito longa e deserta, o vento resmoreja nos braços ja meios despitios dos arvoredos, atirando a quem passa uns gemidos como de agonisante e a pobre mãe lembra-se, com a morte n'alma, os mais pequenos incidentes do viver da filha, a sua unica alegria, e de quem se acaba de despedir . . .

O marido, cercado d'um ou dois amigos, ou visinhos, vem a pouca distancia da mulher, taciturno, cabisbaixo, meio bestial, por que a desdita não é raro produzir semelhante effeito, e elle tambem gostava muito da sua filha.

Para animar o *interior* hebia um copo de reles aguardente em cada taverna que encontrava, mas a maldicta bebida parece que d'esta vez o afogava, não podia soltar palavra, tinha um novello na garganta.

Chegaram, afinal, á aldeia, já noite fechada.

Não havia alli vislumbre de luz em nenhuma habitação, tudo parecia dormir a somno solto, a não serem aquellas almas penadas, os cães de vigia é que ladravam furiosos na sua passagem, receiosos seguramente de que fossem alguns ladrões que viessem dizimar os milharis de folha já secca, mas ricos ainda de abundosas massarocas.

A' porta da sua habitação, de pedras denegridas e de mesquinha apparencia, os companheiros disseram: Deus fique com vóccêes e deixaram-nos sósinhos.

A sós! . . . esta palavra, na velhice, recrudesce de amarguras, é mil vezes peor do que a morte, porque ao menos no dormir profundo da sepultura, quem alli baixou não tem a consciencia do seu desamparo, e não sente o coração trilhado por lacerantes espinhos.

N'essa noite não se cogitou de ceia, o dono da casa, sem profe-

rir palavra, atirou-se pesadamente para cima da cama e aturdido pela aguardente e pelas magoas do coração em breve dormia, com um ressonno de apoplectico. em quanto a mulher, ás escuras, em frente de um registro de N. Senhora, que o Sr. Vigario dera á filha, por occasião da sua primeira communhão, passava em vehemente resa as contas de um rosario.

A ausencia é sempre cruel, mas ainda assim, geralmente mais dolorosa para quem fica. A mudança dos habitos de vida, a perspectiva de differentes vistas, o conhecimento de estranhas pessoas, a incerteza do que vamos encontrar, são outros tantos predicados que distrahem ou ajudam a mitigar a dor de quem parte, mas aquelles que permanecem no mesmo sitio, a braços com as mesmas difficuldades, entregues aos mesmos trabalhos e alem d'isso sentindo a falta ás vezes do unico raio de luz que lhes alegrava a existencia, para esses é que a morte, não raro, seria preferivel a tal vida, tanto mais quando a idade, com os seus gelidos mantos, mais lhes aggrava a escuridão da existencia.

O mez d'Outubro é geralmente um dos mais formosos e socagados do clima açoriano, como se o soberbo oceano que nos cerca estivesse retemperando as forças para as proximas iras de Novembro a Abril. Nós que não conhecemos a primavera, que passamos subitamente dos frios e da neve do inverno ás soalheiras do verão, temos ainda assim no outoutno alguns dias esplendidos, de ceu azul e fundo, e tocados d'essa doce melancholia, d'esses saudosos sentimentos que nos desperta na alma o cair das folhas amarellecidas, dos platanos e dos alamos ao despedirem-se do amo amigo aonde viveram felizes durante alguns mezes.

Foram assim os dias subseqüentes á sahida da «Iceberg». o mar andava *toto*, na lingoagem dos homeus da costa e o peixe abundava nas fainas nocturnas das lanchas que de diversas localidades da ilha iam á pesca.

Num d'esses dias avistou-se, ao descahir da tarde, de uma das freguezias ruraes, as velas de alteroso navio a bordejar ao largo, hordejos que já sol posto mais se aviziahavam da terra, evidentemente com um fim designado, a não ser inexperiente imprevidencia, em paragens traiçoeiras e perto de costa toda erigida de baixios e recifes.

Era a «Iceberg», e não deixava de ter uma causa aquelle seu apparecimento, porquanto nos dois dias que já medelavam depois da sua partida da Horta, andara tambem nas proximidades da vasta ilha do Pico.

Requer, aqui, este capitulo, uma succinta explicação, para que o leitor nos possa comprehender.

A emigração clandestina, no districto da Horta, a par do contrabando de tabaco, constitue um importantissimo ramo de fraudulento negocio.

Pode ter vantagens, das quaes não duvidamos, pode ser até um serviço ao publico, facto este que não discutimos, desde que o grande Béranger, deu a honra ao contrabandista de o escolher para heroe d'uma das suas innumereadas canções, embora perseguido pelos agentes do fisco, mas gozando de muitas sympathias entre o povo, que até certo ponto o occultta ou patroina, quando isto se torna necessario.

Engajar gente para embarcar clandestinamente para os Estados Unidos da America e receber o bom tabaco que d'alli vem, são duas profissões congenores e geralmente encarnadas no mesmo individuo, que despresas, por insignificante, identico trafego para o Brazil.

O engajador é, quasi sempre, um homem esperto, que gyra com alguns centos de patacas, proprietario, para evitar suspeitas da proveniencia do seu dinheiro, de algum estabelecimento de vendagem de generos e bebidas, tendo a mulher ou o filho a vender ao balcão e durante uma parte do anno, de Abril a Novembro, dormindo de dia, para de noite andar nas suas correrias. O engajador conhece toda a gente do mar das freguesias da ilha, é compadre de nmitos maritimos, apparece subitamente ora n'uma ora n'outra afastada localidade, é servical por natureza e necessidade, deseja estar bem com todos, distribue talhadas de tabaco ou mãos cheias de charutos ás pessoas das suas relações, falla pelos cotovellos, bebe muito e dá muito a beber em todas as tavernas, e deixa-se calotrear uma vez por outra, ou empresta ás vezes algumas patacas a certos individuos de quem sabe perfeitamente que jamais verá um real.

Lá sabe o seu conto.

No que elle é muito sobrio é nas suas relações com o bello sexo, mulher a quem faça festas só a legitima companheira da sua existencia, honra lhe seja, das outras desconfia sempre, affirmando, convictamente que não tem buxo para guardar segredos. E' pessimista n'este ponto.

Morando o engajador de profissão geralmente na cidade, é facil de conjecturar que estabeleceu, de ha muito succursaes do seu negocio em todos os portos do mar, da ilha em roda, de cujas praias tem perfeito conhecimento, assim como das enseadas, furnas e pedras.

Se tivesse tempo para isso, era capaz de levantar o mais minucioso mappa da sua ilha de que jamais houvesse memoria.

Ora, acontece muitas vezes que um chefe de familia, cedendo a esse preconceito que lhe representa a America, como o unico lugar em que os seus filhos podem encontrar a felicidade, longe das privações da patria, resolve-se a fallar com o engajador, para realisar o sonho favorito dos seus rapazes, embarcand-os n'alguma balieira americana, ou fazendo-os seguir n'um navio qualquer, directamente, para Boston ou New York.

E para tanto mais o incitou ter os fillos sujeitos ao recrutamento

militar, um verdadeiro phantasma para os açorianos, que estraga um homem, tornando-o, depois do serviço, incapaz de quaesquer trabalhos campezinos.

O que lhe restava, pois, a fazer?

Chegar-se ao ouvido do préstavel engajador que anda em peregrinação constante pelas povoações ruraes, expor-lhe o seu caso, contractar o negocio vocalmente, á saída da missa, ou na porta da taverna, aguardando apenas o aviso do dia em que o navio hade passar em frente da freguezia, quando o embarque seja mais difficil da cidade, segundo as indicações do seu experimentado confidente.

Uma tarde, passado pouco tempo, quando o aldeão seguia para caza, á noitinha, com as suas vacas pela corda, chamou-o ao interior da bodega, offereceu-lhe um copo de aguardente, dizendo-lhe baixinho:

—O tio João, é preciso andar de espreita, pelas noticias que recebi da cidade, a tal coisa hade ser á manhã á noite, ou na noite seguinte, haja cautella.

Tudo se hade arranjar em bem, graças ao Senhor.

O velho vai para caza, repete a boa nova á familia, os filhos exultam de alegria, a mãe arranja-lhes as trouxas de roupa, entrega a cada um os 28\$000 rs. da passagem para dar ao capitão do navio e no tempo aprazado, em sendo bem escuro, eil-os todos na costa á espera da desejalla embarcação.

Alli encontram muita mais gente em identicas circumstancias, sendo os emigrantes clandestinos geralmente rapazes, ou uma ou outra mulher que por motivos excepcionaes, como por exemplo a falta da licença dos maridos, já auzentes, para ellas seguirem viagem, tentam por semelhante maneira illudir as leis portuguezas.

Ora uma das lanchas da freguezia não recolhêra ainda, n'essa noite a terra, e como de ante-mão estava afnstado, será esta que conduzirá os fugitivos a bordo do navio.

A espaços accendeu-se, pois na costa, uma momentanea luz, para do mar verem que tudo estava a postos.

Se por acaso, o que nem sempre acontece, algum mais abelhudo guarda da fiscalisação das alfandegas se lembrou rondar n'aquella noite tão ermos sitios, havendo quasi a certeza de elle estar ao facto da tramaio, então aquella gente tem ordem de se dirigir immediatamente a outro porto, ou á freguezia mais proxima e de alli procurar o engajador P. . . , contando-lho o que se passa, pois elle empprirá á risca os seus deveres de filiado na sociedade que, como se vê, tem largas ramificações, promovendo-lhe immediato embarque.

Quando um navio, como a «Iceberg», está á vista, em cada freguezia ha uma lancha prompta para o que der e vier, companha que não dorme de noite e engajador que vê, da costa, fulgir no céu a primeira estrella, acompanhando-o no seu decurso até nascer o sol, do subseqüente dia.

O diabo, porem, não está geralmente detraz da porta, o embarque cercado de muitas promessas ao Senhor Espirito Santo, hade effectuar-se a salvo, se Deus quizer.

Já tres vezes a luz da lanterna brilhára na costa sem que apparecesse a lancha, aquella gente toda estava inquieta, desconfiada, dando a perros semelhante demora, porquanto a estação já ia adiantada, e perdida esta oportunidade, d'alli em diante, durante muitos mezes, o mar andaria revolto, sem dar ensejo á repetição de identicas aventuras.

Afinal ouvio-se o cadenciado rumor dos remos batendo n'agua e o vulto negro d'uma embarcação, confusamente apercebida dirigia-se para as proximidades d'aquelle sitio.

A lanterna tornou a fulgurar durante alguns momentos, fazendo nos combinados signaes, de reconhecimento, correspondidos por alguns agudos assobios.

A lancha, por entre escolhos, aproximou-se então da praia, até tocar nas pedras, ouviram-se na escuridão choros e mal comprimido soluçar, o borburinho abafado de diversas vozes, e um dos rapazes mettendo-se ao mar agarra-se ao costado da lancha, para onde foi ajudado a subir pelos maritimos. A este seguiram-se todos os mais, a lancha ia a abarrotar.

Ao largo brilhava constantemente o pharol de um navio, e a pequena embarcação de pesca, calada e mysteriosa, affastou-se de terra, dispersando-se tambem em diversas direcções a gente que tinha acompanhado os fugitivos e ficando em breve a costa completamente deserta.

Era longo o trajecto até á «Iceberg», a lancha ia muito carregada, os remos vergavam, quasi a partir, ao deslocar a unida superficie do mar e a maré trabalhava sempre para affastal-os da desejada metta.

O som d'um busio, um nivo unico e forte, soltado pelo mestre da embarcação deu signal á barca de que alguem a demandava.

Pouco depois o pharol que fulgia, alto, junto da verga grande do mastro de prôa da «Iceberg,» descia vagarosamente até ao convez do navio, aonde, escondido, permaneceu durante uns cinco minutos, para logo depois erguer-se de novo, com a mesma lentidão.

—Mau ! — disse o mestre da lancha, temos novidade, aquelle signal é para não nos aproximar. Leva remos, rapazes.

Effectivamente, á noiteinha, o homem de vigia da barca americana, tinha avistado ao longe o casco branco d'um escaler d'affandega e necessaria se tornava toda a cautella, pois que o escaler favorecido pelas trevas, podia rondar naquellas proximidades.

Então o receio de serem apanhados em flagrante delicto de fuga e a perspectiva de prisões e multas veio amedrontar a todos da lancha, que augmentando se sómente contra a maré, por alli pairou mais de uma demoradissima hora.

O pharol da barca é que era avistado em diferentes direcções, conforme o bordo que o navio fazia.

D'uma das vezes aproximou-se, casualmente, mais da lancha, e o mestre já impaciente e expondo-se ás mais arriscadas consequencias, vibrou de novo no búsio um som agudo e prolongado, demonstrando, assim, a sua proximidade do navio.

A «Iceberg» atravessou então, metteu de capa, encherando-se até, por entre a cerração nocturna o branquejar do seu velame.

Houve um momento de cruel incerteza para os fugitivos, até que o pharol descendo outra vez ao longo do mastro, tornou a sumir-se no nevoeiro, reaparecendo em seguida á borda do navio, do lado da terra, e baixando pelo costado até á tóna d'agua, aonde por tres vezes foi balouçado, como um luminoso thuribulo.

— Vamos com Deus — exclamou então alegremente o mestre da lancha, — rema com força, rapazes, aquelle signal é para atracarmos ao navio, se fosse uma luz azul que içassem, queria dizer embarcação a rondar por barlavento e se fosse vermelha por sotavento, mas aquillo assim mostra que não ha novidade e que nos esperam.

Remem vocês com força, diabos! . .

Uns vinte minutos depois o capitão da «Iceberg» recebia a bordo dez fugitivos. Estava no portão, de cada rapaz que até alli trepava, antes de o deixar passar mais alem, recebia um embrulho de dinheiro, que o novo passageiro tirava do peito ou d'algieira.

O capitão, impassivel, tendo junto de si um marinheiro com uma lanterna, examinava se cada recém chegado lhe entregava 28\$000 rs. e, certificado de que essa quantia estava exacta, batia-lhe amigavelmente uma paucada com a mão no hombro, proferindo a sacramental phrase—*All right!*

Finda esta brevissima recepção a lancha carregou-se, a mais não poder, de caixotes de tabaco, que já estavam pagos, e o capitão, por despedida entregou ao mestre da embarcação de pesca, outros tantos dollars quantos foram os passageiros que lhe trouxera, isto para entregar ao engajador, um brinde que de ha muito está estabelecido.

Ja se vê que o negocio não corria mal, o engajador recebera em terra, visto terem havido poucos navios n'aquelle anno, 16\$800 rs. inslanos (tres libras) por se incumbir do embarque de cada rapaz e alem d'este dinheiro dos seus pitucios um dollar americano, por cabeça. Aos remadores da lancha pagava 2\$400 rs. pelo trabalho de cada um, n'essa noite, e o resto ficava-lhe livre.

Bom negocio, não tem duvida.

A «Iceberg» saltou em breve o cabo que a ligava á lancha e seguiu o seu destino, para outra localidade, ou ilha, a encher completamente de gente, em quanto que esta ultima regressava a terra tanto ou mais pejada com um carregamento de tabaco, do que com a antecedente conducção de passageiros.

Se em diverso sitio da costa, aonde chegou a salvo, não estava uma unica pessoa das que tinham acompanhado os fugitivos, alli, escondidos n'uma furna a aguardavam alguns homens activos e destemidos, que mal encheram a embarcação, correram para a beira-mar e em poucos minutos lhe fizeram uma descarga completa, levando cada homem, ás costas, um caixote de tabaco, para os esconderijos subterraneos, alguns perfeitamente arranjados e ladrilhados que elles conhecerem de ha muito.

Era o engajador quem ainda comandava ao desembarque, com pericia admiravel, resultante de muita pratica em identicas empresas.

A lancha, de madrugada, foi varar ao porto, aonde estavam dois guardas da alfandega á sua espera!

Bem olharam elles para as cavernas da mesma, mas alli não existia qualquer objecto suspeito aos interesses do fisco . . .

Os pobres pescadores maldiziam então a sua negra sorte, tinham, ao frio, passado toda a noite apitados, junto da baixa, mas nem um peixe rei que fosse havia pegado no anzol.

Triste fadario!

Uma semana depois é que a «Iceberg», completamente repleta de passageiros, se resolveu a abandonar de vez estas paragens, no rumo de oeste, com destino a Boston.

\* \* \*

O grande romancista Alexandre Dumas, n'um dos seus mais esplendidos livros, «O Capitão Paulo», descreve-nos com o encanto do seu levantado genio, o interessante aspecto do interior de um navio de guerra, guarnecido por marinhagem de diversas proveniencias, com costumes e typos differentes.

Em viagem, o convez d'uma d'estas embarcações que se empregam na conducção de gente açoriana, para os Estados Unidos, pode, em parte, assemelhar-se á prespectiva que chamou a attenção do author dos «Tres Mosqueteiros», e ainda com a vantagem, que não pode ter um navio de guerra, de grande numero d'esses individuos, pertencerem ao sexo feminino, minorando por vezes com a sua gentil presença a monotonia das longas horas de encommenda travessia, uns vinte a vinte e cinco dias de viagem em pleno oceano atlantico.

Quando chove, ou está mau tempo, a vida a bordo é sobremaneira aborrecida, principalmente para os passageiros da coberta, cujo vasto espaço está dividido em duas repartições, a da proa destinada aos homens e a do meio do navio reservada para as mulheres.

Com o rolar da vaga está quasi toda a gente deitada nas encheragas do soalho, ou nos beliches, assaz tóscos, ouve-se os lamentos das victimas do enjôo, o chorar das creanças, isto de mistura com os mysteriosos rugidos do navio a labutar d'encontro ás ondas, bem como se



distingue o uivar da refrega nas enxarcias, ou o correr da agua arrojada ao convez, a qualquer tombo mais forte da embarcação.

Em dias serenos, porem, de mar calmo e azul escuro, quando ha poucas nuvens no ceu e um vivo sol a alegrar os corações, esse tristonho aspecto muda completamente e as horas deslizam com relativa celeridade.

Toda a gente sobe para o convez.

Juntam-se, alli, os passageiros aos grupos, conforme a sua proveniencia ou conhecimentos já adquiridos a bordo, as mulheres sentam-se encostadas á amurada, ou á caza do fogão, algumas d'ellas com creancinhas ao collo, e fallam da sua terra, dos entes queridos que na patria deixaram, da incertesa do seu futuro, ou da prespectiva da boa fortuna que esperam encontrar, principalmente aquellas que indo solteiras para os Estados Unidos, a chamado de algum parente, ja d'aqui vão engajadas para casar, com alguem que elle lhe escolheu. Isto é muito trivial.

Os homens jogam ás cartas, fumam, ou conversam ruidosamente, e alguns tocadores de viola, principalmente filhos de São Miguel, que n'essa prenda tem notavel fama, entretem o auditorio com animados descantes, acompanhados soberbamente, e nos quaes a musa popular, exuberante de sentimento e de vida, traduz em rudes cantigas poemas de infinda saudade, bem como as mais delicadas vibrações do coração humano.

Por vezes o ruidoso vozear dos passageiros quedou-se completamente durante algum tempo, isto devido á voz argentina e fresca de alguma rapariga, boa cantadeira, que se ergue repleta de harmonias, despertando no peito de quem a escuta doces recordações e profundo seismar.

Ap' ouvir a cantadeira, de muitos olhos deslisam lagrimas, o lar domestico, os parentes e amigos, as creanças da visinhança, o aspecto risouho dos seus logarejos, tudo como n'uma vivida visão se representa na memoria de alguns emigrantes, como em outros, de espirito mais forte, a simples curiosidade e o gosto de ouvir uma bonita voz, é que os faz ficar attentos e silenciosos.

Este *espairecimento* prolonga-se, rapazes e raparigas desafiam-se mutuamente, a viola fere os sons mais arrojados, rasgados, cruzam-se ditos alegres, começam muitas vezes alli amôres, que depois, em terra vão ter variados epilogs, casamentos ou abandonos, isto tudo em quanto a barca vae fendendo o oceano, deixando um rasto de refervente escuma.

As vêzes, entre os insignificantes incidentes da viagem, a passagem de algum navio vem quebrar a monotonia da derrota, um vapor, por exemplo, de enormes proporções e rapida andadura, que ao passar proximo iça a bandeira nacional, cumprimento ao qual correspondem a barca, em quanto se avistam.

É algum dos *steamers* das companhias transatlânticas.

No numero dos passageiros a que ha pouco nos referimos, achava-se uma rapariga fayalense, d'uns dezoito ou vinte annos de idade, elegante e esbelta, destacando-se pelo seu mais apurado traje das suas companheiras da mesma ilha, que se achavam a bordo.

A Margarida, da Feteira, filha de um lavrador que possuia alguma fortuna, não ia para a America angariar a vida, que de sobra tinha ella com que alimentar-se na habitação paterna.

Era o travesso Deus do amor, a dedicação por um seu compatriota, aproximadamente da sua idade, actualmente em Boston que a fazia procurar tambem aquella cidade, a despeito da reluctancia, de toda a familia.

A Margarida ajustára o seu casamento com um rapaz do lugar, o José, da tia Angelica, o qual sendo muito pobre incorrêra por essa circumstancia no desagrado do pae da sua namorada, que fazia decidida opposição á inclinação amorosa da filha.

Ora o José tentou cortar este nó gordio indo buscar fortuna á America, promettendo, quando partio á sua noiva que trabalharia que nem um negro, mas que não voltava á ilha se não remediado de fortuna, para casar com ella, prescindindo dos favores, ou esmolas, dos parentes.

E já havia dois annos que por lá andava.

Descuido do rapaz, o que não é de crer, ou artimanha do pae da noiva, o que é certo é que só muito espaçadamente conseguia a Margarida receber noticias do amante e estas, quasi sempre, por terceira pessoa, tendo cessado ha mezes qualquer indicação a seu respeito.

Em amor a incerteza é o peor dos tormentos, se por um lado, na sua boa fé campeзина, custava á aldeã a acreditar no esquecimento do seu amante, a ausencia tambem de qualquer tranquillidade a noiva deixava-a immersa em tristes apreensões.

A este tempo via partir para a America diversas raparigas da freguezia e muitas d'ellas sem o minimo incentivo que não fosse a mudança de terra, ou a possibilidade de uma boa sorte, um vantajoso casamento.

Por que não iria tambem para os Estados Unidos, o que fazia na patria, quando o unico ente a quem dedicava o mais extremado affecto, aquelle com quem havia casar, ou morrer, conforme lhe jurára á partida, se achava ausente?

Uma circumstancia veio favorecer a realisação d'este ardente desejo de se expatriar. Um tio paterno que, ha muitos annos, havia sabido do Fayal e que jamais dera noticias suas, resolvera-se agora a escrever ao irmão, pae de Margarida dizendo-lhe no final da carta que se elle, ou alguem da sua familia quizesse ir para aquelle abundante paiz, não lhes faltaria, na sua companhia, um bocadinho de pão, ou casa que os acolhesse.

D'esse dia em diante a açoriana não teve outro pensamento que não fosse mudar de terra, parecia uma monomania, não fallava de outra coisa, venceu a má vontade do pae, começou a fazer roupa por sua conta, a indagar de todas as pessoas da freguezia em companhia de quem poderia ir, e, n'esta viagem da «Iceberg», estando já prompta, tratou de ser das primeiras a tirar passaporte.

Sandades da sua terra, diga-se a verdade, não levava muitas, a mãe tinha-lhe morrido ha alguns annos, dois irmãos seus estavam casados e vivendo em casa própria e o pae pelo seu genio rispido e pela opposição constante ao seu casamento diminuira-lhe algum tanto o filial affecto. Felizmente já tinha idade de dispôr de si.

Saltou, nas melhores disposições possiveis para bordo da barca americana e ninguem do navio esperava com mais ansio do que ella a aproximação da terra que demandava, guiada pela estrella do amor.

A «Iceberg» no entanto continuava regularmente a sua viagem e já contava uns quinze dias de alto mar.

Uma tarde de vento fresco as ondas mais soberbas apresentaram-se de mau cariz, o navio rolava muito e algumas toalhas d'escuma viam por vezes alagar os passageiros que se conservavam no convez.

As mulheres não poderam, desde o meio dia, subir á tolda e para muitas o enjôo reaparecen desapiedadamente.

Ao cahir da noite toda a gente, a não ser a companhia, estava em baixo, na coberta ou na camara, os pharoes do navio accêsos, o patuo diminuido e todas as precauções tomadas para combater uma noite tormentosa, pois que os barometros continuavam a descer e a vaga começava a bramir em furiosos impetos.

Ainda assim o vento não era contrario e a «Iceberg» levava uma boa corrida, umas onze milhas por hora.

Não fazia lua, e as trevas estendaram-se assaz densas sobre a superficie das agoas.

No quarto da madrugada, seriam umas tres horas, alguns passageiros que estavam acordados sentiram, sem que soubessem a causa, grande celeuma no convez, differentes vozes de commando e o navio estremecer de repente, como se uma grande vaga lhe houvesse batido, mas forte do que todas.

Como a noite ia tempestuosa attribuiram isto a algum enorme halanço da barca, não havendo naminimo alvoroço no interior d'esta embarcação.

Subamos, agora, ao convez.

No meio da borrasca, o homem do leme, o vigia da prôa e toda a gente do quarto estava a postos, bem attentos ao commando do navio, e os pharoes derramavam um baço clarão sobre o cimo branquejante das ondas mais proximas que passavam ao longo do costado em vertiginosa corrida, como uma manada de indomitos e gigantescos animaes.

De repente a claridade avermelhada do pharol de bombordo destacaram-se as enfunadas velas de um hiate, tão proximo que o seu gurupês veio ficar prêzo nas enxarcias da «Iceberg», roçando o casco do hiate, o costado da barca.

Felizmente a pancada não fora em cheio, mas sim ao correr do cabello, como vulgarmente se diz.

O hiate vinha tocado com grande força, rebentou osapparelhos da prôa que d'alguma sorte o prendiam á barca e seguiu para ávante, esmigalhando-lhe um bote e fazendo em hastilhas quasi toda a borda falsa do lado em que tocára, isto devido a um ló que então dera a «Iceberg», apesar de ter um pontal muito mais alto.

Quando os navios se afastaram, na confusão que este incedente, assaz perigoso, necessariamente causou a bordo de ambos, dois boteus do hiate ficaram presos ás enxarcias da «Iceberg, perdidos do seu navio que, com certêza os julgou cuspidos no mar.

Tornava-se, desde logo, necessario averiguar se a «Iceberg» soffrera algum prejuizo mais grave, conhecendo-se o verdadeiro estado em que ficára.

O capitão mandou trabalhar as bombas e alguns homens, munidos de lanternas, desceram ao porão.

O navio estava estanque, e o abalroamento felizmente não tivera graves consequencias, alem das avarias já mencionadas.

Os dois intrusos, procedentes do hiate, eram um rapaz e um preto, os quaes declararam que a sua embarcação pertencia a New Bedford, chamando-se Mary A. Smith e que se destinava aos Açôres, conduzindo dezoito homens que regressavam á patria e *alguma carga*, tabaco, bem entendida.

A cerração da noite não deixava avistar o hiate, nem se sabia o effeito que o choque da collisão lhe teria causado. Como geralmente acontece não podiam os dois tripulantes d'este navio explicar com clareza aquelle incidente, quando deram pela barca apezar d'esta levar os pharoes accêsos, já estavam tão proximos que o espaço entre os dois navios não permittia qualquer manobra, maxime com a celeridade com que caminhava o muito veleiro hiate.

O que não tem remedio remediado está, o preto e o seu companheiro foram alojados á prôa, com a companhia, e o resto da noite decorreu sem outro qualquer caso digno de menção.

Sobre a manhã choven copiosamente, o vento saltou a um outro quadrante, o mar abonauçon e embora a «Iceberg» jogasse horrivelmente com a vaga redonda, não dava isto o minimo cuidado á companhia, que contectia não haver então o minimo perigo.

Quando foi dia, na coberta, não se fallava em outro assumpto se não no abalroamento da noite antecedentê, homens e mulheres todos queriam vêr os destroços causados na borda falsa pelo hiate, como prova do grande perigo porque acabavam de passar.

Subiram, pois, para o convez, aonde já se achavam os dois homens do «Mary A. Smith», alvo então de maior curiosidade.

Margarida, casualmente, foi das últimas passageiras que subiram ao convez, embrulhada n'um chaile que deitara por cima da cabeça, como resguardo ao frio e esperto vento da manhã.

Dirigiu-se com algumas companheiras de viagem até junto da amurada, a meia nau, aonde se demorou alguns instantes e depois seguiu, sósinha, mais alguns passos na direcção do castello de proa.

Parou, em breve, subitamente, dando um pequeno grito, encostando-se quasi desmaiada á borda do navio, da qual, pelo pessimo estado em que esta ficara se desprenderam então alguns fragmentos, fazendo uma brecha sufficiente para a açorianca cair ao mar, se acaso um robusto braço a não enlaçasse immediatamente pela cintura, retirando-a d'aquelle abysmo.

Fora o seu salvador o novo passageiro da «Iceberg» e isto tudo tão rapido que passara desapercibido á vista curiosa de quaesquer espectadores.

A commoção da Margarida, aquella subita vertigem, fôra causada por um estranho acontecimento, é que vira a meia dúzia de passos do lugar em que se achava, de mãos nos bolsos, com um barrete de pelles enterrado até aos olhos, manta de lã ao pescoço e cachimbo na bocca, o seu José, aquelle homem escolhido do seu coração por causa de quem se expatriara.

Custava-lhe a acreditar, não comprehendia como isto pudesse ser, mas não havia a menor duvida, era elle em carne e osso que ainda a sustinha nos braços.

Recuperou, porém, immediatamente o animo, e deitando sobre os hombros o chaile que lhe occultava o rosto e com vaidade de mulher alizando á pressa o cabello, encarou o rapaz e disse-lhe a sorrir:

— Conheces-me ? !

— A Margarida aqui, como é isto, meu Deus ? !

— É tu tambem ! . .

— Eu vinha no hiate e cabi n'este navio, quando abalroamos. Mas então vaes para a America ? ! . .

— Assim e, e por causa de ti, ha tanto tempo sem noticias, sem saber se eras vivo ou morto . . .

— Isso são contos largos, que mais tarde heide explicar, fica, porém, sabendo que eu tambem seguia para o Fayal em tua procura.

— Então foi Deus que nos reuniu aqui, ó Senhor Espirito Santo talvez, a quem tantas promessas tenho feito. Bendito encontro d'estes navios, é o que eu sempre tenho pensado, Deus tudo quanto faz é pelo melhor. Ainda assim agora . . .

— Vamos para os Estados Unidos, que tem isso ? . . olha que eu ainda sou o mesmo, nunca mudei de pensamento, se a minha ainda me quizer para seu marido tudo irá bem, a minha caixa ficou no hia-

te, um dia talvez que a encontre, e tenho aqui n'um cinto, que nunca me abandona, com que viver por alguns annos, dinheiro de papel, já se sabe.

— Fizeste então fortuna ?

— Não direi que sou rico, mas graças a Deus, tenho para um bocado de pão, embora ordinario. Além d'isso conto com um amigo em New York que nunca me abandonará, é um homem poderoso, endinheirado.

A conversa dos dois já dera na vista de alguns passageiros, que se iam aproximando curiosamente.

E' escuzado — disse ainda a rapariga ao amante — que esta gente saiba a nossa vida, cala-te agora, depois conversaremos á vontade.

A Margarida com o maior sangue frio, explicou então aos passageiros, entre os quaes ella apenas da sua freguezia, que o tripulante do hiate era um seu patricio.

Nada mais.

O preto americano, companheiro dos saltos acrobaticos do faya-lense, mettera-se para a casa do fogão a ajudar o cosinheiro, sempre a teimar de que entendia muito de panella e guisados, com tanto que n'estes entrasse a hõa agua-ardente, base essencial de todas as suas combinações culinarias.

Assim foi decorrendo a viagem.

Entre patricios não havia que estranhar as conversas da Margarida com o seu ignorado amante e ninguém nas mesmas botou ao principio malicia, embora fossem muito demoradas.

A viagem ia de rosas, especialmente para aquelle feliz par.

Uma vez, sentada ao lado do amante, sobre um molho de enrolada cabadura, a Margarida perguntou-lhe meigamente:

— Tu ainda não me contaste como é que te veio á mão o dinheiro para o nosso casamento, diz-me, para mim não deves ter segredos, não somos acaso marido e mulher?... — e envolvia-o n'um ardente olhar, d'esses de que só as mulheres verdadeiramente apaixonadas tem o segredo, e que descem direito ao coração dos amantes.

— Vou satisfazer-te a vontade, o que me pediras tu que eu não faça?

— Heide experimentar.

— Pois veremos . . .

Veremos, e hade ser na America, está quieto, que tolce esse beijo, não vês que podem dar por isso. Anda, conta a historia.

— São duas palavras e não tem mysterios. Hade haver um anno, andando em desgostoso da vida que levava em terra e com a esperança de ganhar mais alguma coisa, deliberei-me a embarcar. A occasião era hõa e consegui obter um logar de ajudante do commissario, n'um paquete que de New York seguia para a Australia.

O *steamer* levava muita gente e o trabalho alli não faltava, passageiros de camara, da coberta, de prôa, era um formigueiro semelhante embarcação.

Fomos costeando a America, sempre com tempo bonancoso e cruzado o cabo de Horn achamo nos em pleno oceano.

O vapor era um raio por aquelle mar abaixo.

Um dia, era perto da hora de jantar, os passageiros andavam dispersos pelo convez, quando repentinamente sentio-se um grande estampido, o vapor estremeceu todo, elevando a pôpa fora d'agua desenvolveu-se a bordo uma fumaçeira horrivel e gritos dolorosos partiam de meia nau.

—Credo!... tinham talvez batido n'alguna baixa, ou havia fogo a bordo?...

—Não era isso, mas sim a caldeira que abriu uma fenda, escaudando um jorro d'agua a ferver diversos passageiros, bem como varios empregados da machina.

—E tu, escapaste?

—Eu estava, n'esse momento, na camara. Quando subi ao convez, atraindo por grande balburdia, a scena alli era das mais tristes que se pode imaginar, a agua a ferver que com grande faria sahia da caldeira fazia estragos como se fosse fogo, haviam já tres mortos e diversas pessoas mais ou menos injuriadas. Em quanto o engenheiro e os machinistas tratavam de parar o navio e de averiguar a causa d'aquelle desgraça, eu e alguns marinheiros conduziámos os feridos para a enfermaria.

—Ninguém se metta a andar no mar, quanto não devia soffrer essa infeliz gente...

—Verificou-se, ainda assim, que o casco do navio não tinha estragos e que, alem dos tres mortos, apenas um passageiro, d'uns vinte e tantos annos de idade é que estava horivelmente desfigurado na cara.

As outras pessoas escaudadas não apresentavam grande perigo de perder a vida, apesar de muito doloroso o seu estado.

O medico de bordo não tinha mãos a medir e desconfiava muito de poder salvar a vida d'aquelle pobre rapaz que estava então cego, disforme, horrivel.

—Olha lá, Deus ponhou-te de boa, nunca mais quero que tornes a andar no mar, nunca se pode contar com o dia de amanhã.

—Partia-se-me o coração sempre que olhava para o infeliz moço e voluntariamente fiz-lhe toda a caridade que podia, passando a sentado, na enfermaria do vapor, todo o tempo que podia roubar ás minhas obrigações. A avaria do navio não fôra grande coisa, mas a caldeira, devido a uma grande fenda que abriu, estava incapaz de qualquer serviço e continuámos a viagem á vella e muito vagarosamente.

Todas as noites era eu quem velava o enfermo, dava-se bem co-

migo, e só eu é que lhe havia de tocar durante os curativos, estava sempre a chamar por mim.

— Coitado o pobre!

— Que alegria quando elle recuperou a vista depois de oito dias de atroz tormento . . .

— Louvado seja o Senhor!

— Foi melhorando pouco a pouco, devido á sua mocidade talvez.

Eu é que o sentava no leito e alli ficava muitas vezes encostado ao meu homim, sem se atrever a fazer qualquer movimento, por causa das muitas dores que na cara e no peito ainda sentia. Para o entreter lia-lhe ás vezes, na sua lingua, os livros que elle trazia e que me mandára buscar á sua mala, sempre foi bom eu ter aprendido alguma coisa.

— Pois tu, lembro-me bem, já sabias lér no Fayal, agora inglez é que . . .

— Aprendi em Boston, aonde ha muitas escolas, até dão livros de graça á gente, alli a maior vergonha é ser um bruto, mas vamos ao que importa, o meu protegido era o unico enfermo que ainda permanecia n'aquelle repartimento do navio, os outros já todos tinham tido alta do medico, e apesar de estarmos alli a sós muito tempo, nunca me disse quem era, nem eu lhe perguntei semelhante coisa, fosse lá quem fosse, rico ou pobre, tinha muito gosto em servi-lo.

— Deus é que te hade dar o pagamento, deixa estar, nunca se perde uma boa acção.

— Tambem se não tivesse recebido nada era o mesmo, a gente deve ajudar uns aos outros, pois não é assim?

— Com certeza, eu cá fazia o mesmo.

— Afinal chegamos ao porto desejado, a uma cidade muito grande da Australia, chamada Sidney e a esse tempo já o meu doente estava quasi prompto, mas ainda assim desembarcou muito fraco, pedindo licença a bordo para me levar consigo por dois dias, no que o commandante consentio.

Quando subimos as escadarias tio caes, mostrou um bilhete a um cocheiro da praça que disse, immediatamente, conhecer muito bem a casa que elle procurava e mettendo-nos no carro partimos rapidamente por meio de ruas muito espaçosas, apinhadas de grande multidão e possuidoras d'um immenso movimento, muito maior do que nas populosas cidades dos Estados Unidos.

Chegamos afinal a uma grande eza, um verdadeiro palacio.

— E' que o teu protegido era talvez algum principe que tinha andado a viajar disfarçado, já se tem visto . . .

— Nem tanto, Margarida, mas era o sobrinho d'um negociante e proprietario, que tinha milhões e milhões de carneiros nas suas terras, e tantos contos de reis que me disseram, mais tarde, que nem elle sabia já quantos eram.



— Uns com tanto, outros sem nada, são sortes do mundo.

— Mr. Clayton, que assim se chamava o meu doente, apresentou-me então ao seu tio, como devendo-me a vida, pela maneira caridosa e desinteressada como o havia tratado, e o velho negociante ao ouvir a narração de tudo o que se havia passado, veio dar-me o mais valente aperto de mão que já mais apanhei na minha vida . . . aquillo é que foi um apertão, e olha que um homem d'aquelles não fazia isto a todos.

— Ora adeus! . . . tu merecias mais alguma coisa, tanto desvelo, tantas cegueiras.

Naquelle dia não me disseram mais nada sobre semelhante assumpto, deram-me, ainda assim, um quarto excellento em sua casa, boa meza e uma esquipação de roupa de panno fino. Achei-me assim a modo d'um morgado lá das nossas terras.

— Vejam bem, mais eram d'ontra nação . . . se fosse no Fayal, ainda em cima das tuas boas acções, eram capazes de te agarrar para o recrutamento, como tem feito a muitos, que sustentavam amigos ou parentes desvalidos.

— Isto pela America é ontra musica, nem tu avalias ainda quanto vale aquella boa gente para ajudar qualquer homem em que tenham depositado confiança. No dia seguinte o tio do Sr. Arthur Clayton chamou-me ao seu escriptorio e recebi das suas mãos um grosso embrulho com dinheiro de ouro, propoz-me ainda de ficar com seu sobrinho na Australia, aonde me assegurava trabalho e protecção, empregando-me nas suas propriedades.

— Que grande esnola! . . . e não me contavas nada d'isto para o Fayal, aonde eu vivia sempre afflicta, na incerteza do teu destino?!

— Que queres, rapariga, confesso que a minha repentina mudança de condição me transtornou de tal sorte a cabeça, que nos primeiros tempos não pensava n'ontra coisa se não em obedecer, em cumprir á risca as determinações dos meus novos patrões, obtido isto tinha o meu futuro em bom pé. Depois de annuir, está claro, á vantajosa proposta que me era feita, fui immediatamente dizer ao commandante do vapor e ao commissario que procurassem outro homem em meu lugar, pois nem á setima facada sabia d'aquella terra e decorridos alguns dias partia acavallo para uns montes da Australia, no importante cargo de feitor de uma vastissima propriedade do tio do Sr. Arthur, abundante em tudo e tratando-me o tio e sobrinho como se eu fosse um seu parente. Aquillo é que é gente!

— E nunca te lembravas de mim? . . . eu cá ainda que estivesse em tamanhas grandezas . . .

— Lembrava-me, sim, como vaes ver. Passados alguns mezes de assiduo trabalho, muito a contento dos meus patrões, vim á cidade. Alli recebi a mesma carinhosa hospitalidade, mais como amigo do que como empregado d'aquella honradissima casa, andavam-me a advinhar

as vontades. Fallei, então, pela primeira vez, ao Sr. Arthur Clayton da namorada que eu tinha deixado na minha patria e de quanto de sejava vir buscar-te para a minha companhia, se acaso n'isso consentisses.

— Duvidavas?

— Não sabia bem o teu pensamento. é muito differente uma rapariga esperar um noivo que anda ausente, do que deixar a sua casa e a sua familia.

— Mas eu deixei-os por tua causa, apenas tive ensejo para tanto, embora dêsse á minha partida uma differente côr.

— E a Providencia fez o resto, reunindo-nos quando a gente menos o esperava. Para concluir, porem, a minha historia, só tenho ainda a dizer-te que fazia esta viagem aos Açôres, á custa dos meus patrões, para te propôr ir vivermos juntos n'aquelle bello e rico paiz.

— E se eu agora não quizer cazar contigo? — accudio, sorrindo maliciosamente a açoriana.

— N'outro navio com que abalroêmos, deixo-me cair a sen bordo, não, não digo bem, a qualquer hora deixo-me cair ao mar e desapareço para sempre.

— Está bom, como é para te salvar a vida sempre consentirei em ir para onde me quizeres levar na vida ou na morte.

— Abençoada sejas!

A «Iceberg», chegou a final a Boston com vinte e cinco dias de viagem.

Foi alli, n'uma egreja catholica, que se veriñcou o casamento dos dois amantes, tendo por testemunhas diversos fayalenses residentes nos Estados Unidos, no numero dos quaes o parente da Margarida.

Foi uma festa que den que fallar, na numerosa colonia portugueza, havendo depois da cerimonia religiosa um lauto banquete, n'uma soberba hospedaria e á noite *balléados* da Chamarita, acompanhados á viola e com os descantes populares, do distante archipelago d'onde todos os convidados eram oriundos.

Que recordações então da patria no som d'aquellas singelas trovas! Até a noiva chorou, n'um dia d'aquelles!

Dois mezes depois os recém-casados partiam para a Australia e alli tem vivido ha bastantes annos na abundancia do trabalho condignamente remunerado.

Em quasi todos os navios de passageiros, provenientes dos Estados Unidos, recebem, a mãe do José e o pae da Margarida, por via d'uma casa commercial de Boston, algum dinheiro ou presentes.

A fama d'estas dadivas tem feito fugir mais rapazes da freguezia do que dias tem um anno.

Será a emigração um mal?

E' possivel, mas apresenta, por vezes, d'estes muito veridicos exemplos.

X

## O VALLE DAS SETTE CIDADES

(Ilha de S. Miguel)

As grandes bellezas da natureza, as suas verdadeiras maravilhas, são difficilissimas de reproduzir, não diremos já approximadamente, mas ao menos de maneira que possa dar uma, ainda que remota, idea dos seus variados encantos.

A photographia, a gravura e a penna descriptiva incumbem-se a espaços de semelhante empresa, envidam os seus maiores esforços, a melhor hão vontade, a mais sincera dedicação, mas, ainda assim, o quadro sae afinal imperfeito, falto de vida e de luz, não d'essa imperfeição inherente a todos os trabalhos humanos, mas destituido d'aquella imponente grandesa e magestade que só Deus imprime ás suas obras primas e que nos faz ficar absorptos ante a contemplação das obras da natureza, que excedem sempre as mais arrojadas concepções do espirito humano.

O Valle das Sette Cidades, na formosissima ilha de São Miguel está n'este caso.

Diz-nos a historia que os primeiros navegantes que deinandaram aquella ilha, marcaram dois atterosos picos, um na sua extremidade oriental e outro na occidental, os quaes eram de notavel altura e fero aspecto, prolongando-se de um ao outro o accidentado dorso d'aquella terra, mas não obstante deixando-os bem salientes.

Isto foi, segundo a opinião geralmente acceita, no anno de 1444. (\*)

Deixando as caravellas portuguezas alguns africanos na nova ilha descoberta, cujo nome de São Miguel não se sabe com certeza se foi devido a alli terem chegado no dia em que a igreja resa do excelso archanjo, ou se lhe foi dado depois, em virtude da devoção particular que por aquelle celeste potentado mantinha o infante D. Pedro, Regente do Reino, é certo, contudo, que desde aquella data começou o seu povoamento e a ser conhecida em Portugal para onde regressaram os avantajados marinheiros d'esta expedição.

Tempos depois, e é melhor não precisar datas, aonde das mesmas não ha perfeito conhecimento, surgiram de novo os portuguezes n'aquellas paragens e ainda que a derrota tivesse sido assaz cuidadosa, como quem navega em mares quasi desconhecidos, persuadiram-se, não obstante, que algum engano houvera nos seus calculos e que estavam avizinhando-se d'uma outra terra, por quanto o seu aspecto era differente da ilha que já tinham visto, notando a ausencia d'um

(\*) Em 1439 e 1443 já estavam descobertas 7 ilhas dos Açores. Veja-se o 1.º vol. do *Archivo dos Açores*, p. 3.

dos gigantescos sérros que haviam marcado nas suas cartas de descobrimento.

Desembarcaram e em breve ficaram ao facto do que tinha occorrido.

Uma violentissima erupção volcanica havia convulsionado o uberri-mo seio d'aquella ilha, donde anteriormente se erguia um monte esta-va agora numa profundissima cratera, a terra despedaçada e palpitante abria profundissimos abysmos e gigantescas fauces, sorvendo ou engulindo uma montanha e na sua potente raiva arrojando até ás nuvens um oceano de chamas, de penedos, lavas, cinza e fumo.

Pedras de notavel grandeza, depois de voltearem no ar, como uma folha de arvore arrebatada pela tormenta recalhiam em diversos sitios, rolando como escandecentes avalanches pelos fumegantes flancos d'aquelle immenso sorvedouro, umas afundando-se no mar de fogo que lá em baixo reservia em cachão, outras ficando presas nos accidentes das horridas encostas, formando as mais caprichosas apparencias, dependuradas sobre o abysmo, como um milagre de equilibrio e tendo por base o mais tenue suporte, imitando arcarias, templos, pyramides, columnas, como as nuvens acastelladas em torno d'alterosa montanha tomam as mais diversas formas.

Alli, porem, havia uma notavel differença, as nuvens duram apenas alguns momentos, em quanto aquelle titanico trabalho de vulcanismo aoriano devia arrostar o decorrer dos seculos.

Abatida afinal a furia ingente d'aquelle grande cataclysmo, quando o mar de fogo que em ondas se debatia no fundo da cratera, começou a tornar-se espesso e pesado, semelhante ao mar morto com as suas margens aonde só reia a desolação, quando a lava arrefecendo aqui e alem, em vez de cair em candaes, da beira de alterosas rochas, começava a solidificar-se, como o gèlo nas regiões polares, então o inverno engolphando-se a uivar por aquellas cavernas, ou batendo com furia nas mal arrefecidas rochas, atirava tambem dos astros para alli abundantissimas torrentes d'agua, copiosissimas chuvas.

Como qualquer liquido deitado sobre uma lamina de ferro em brasa produz abundoso vapor, assim tambem todo o vasto seio da cratera deveu então permanecer por muito tempo envolto em espessas nuvens, dobrando no seu ambito.

Quando completo o arrefecimento da terra e que as nuvens, quaes aguias gigantes, começaram a subir para a atmosphera, atalhadas pelo sol e deixando a descoberto o fundo e encostas da cratera, já alli existia um vasto deposito d'agua, que necessariamente iria augmentando pela frequencia das chuvas e disposição do terreno, até tornar-se a magestosa lagoa que hoje admiramos.

A acção reparadoura, e trabalho vagaroso, mas incessante, do tempo, começou desde logo a minorar a aspereza d'aquella localidade. lieus e humilhes plantas foram revestindo a nudez das rochas e o

triste aspecto dos algares e quebradas e afinal uma vegetação esplendida e admiravel, qual benção de Deus, lançando fundas raizes na revolvida terra, veio retocar d'encantos todo aquelle vasto espaço, deixando apenas n'um ou n'outro lugar, surgir d'entre a verdura algumas requeimadas rochas, de côr negra ou vermelha, para aos vindouros indicar a origem d'aquelle admiravel sitio.

A horrenda cratera volvéra-se no mais delicioso valle, com 15 kilometros de circumferencia na borda, 5 kilometros de extensão e 2 de largura, no fundo.

Nas margens da lagoa, dividida em duas partes por um isthmo, estão dispersas as sorridentes casas da convidativa povoação, dominando-as a todas a alva frontaria de uma egreja e a cruz, symbolo augusto da vivida fé de todas as aldeias lusitanas.

Encontram-se tambem alli elegantes cazas de campo de alguns abastados moradores da cidade que vão passar no valle a estação estiva, bem como frondosas mattas, bem cultivadas propriedades, de recreio e outros regalos que o bom gosto e a abundancia de meios pecuniarios proporciona aos amadores de tão peregrino sitio.

A primeira vez que fui ao valle das Sete Cidades ia, a dizer a verdade, mal impressionado. Havia chovido muito na vespera, os *rebentões*, ou ladeiras da Lomba da Cruz por onde tinhamos de galgar até ás alturasas cumieiras do valle estavam uns verdadeiros paúes, nos quaes as cavalgadas que nos conduziam enterravam as pernas até ao joelho, a ponto de eu e o meu companheiro, um velho amigo desde a infancia, termos de abandonar, por impossivel aquelle meio de locomoção, preferindo subir a pé a maior parte do caminho.

A ladiga era grande e por vezes estive tentado a desistir da empreza.

Ainda assim o meu companheiro, mais affeito aquelles sitios repetia-me sempre:

— Coragem, que você hade dar por bem paga esta massada.

Ora adeus, doutor, as coisas muito apregoadas quasi nunca correspondem á nossa expectativa, eu já vi a esplendida caldeira do Fayal e isto deve ser semelhante, o amor patrio dos michaelenses vê sempre por um vidro d'aumentar o que é da sua terra, isso é sabido.

Não diga tolíres, homem, n' valle das Sette Cidades não tem nada, nos Açores, com que possa ser comparado.

— Mas que aborrecimento estas interminaveis ladeiras, nem peita melhor coisa do mundo eu cahia n'outra . . .

— Fracalhão! . . já agora, não ha remedio, é andar para a frente.

O que eu vou é sentar-me ahi em qualquer canto, já não posso mais . . . Sufa!

— Pois descansemos, mas para dar maior carreira.

Sentámo-nos, effectivamente, á sombra de algumas arvores bra-

vias, já em grande altura e dominando uma bella vista para o lado do mar, sem limites, que ficava em frente.

Só então vimos, a alguma distancia, debaixo de umas copadas arvores que se erguiam no declive de um proximo sérro, quatro homens mal encarados, dois d'elles em mangas, de camisa, com lenços vermelhos atados na cabeça e os outros dois, vestidos á moda dos lavradores michaelenses, de jaqueta e peculiar carapuça.

Cercavam um cavallo avermelhado que alli estava em perfeita quietação.

— Por aqui há ladrões, dr. ? . . aquelles homens não me tem muito bom aspecto . . .

— Quaes ladrões, o que eu não atino é o que elles estão a fazer áquelle animal, vamos lá ver.

Aproximámo-nos.

— Olé, amigos, então o que é isso, aconteceu alguma coisa ao cavallinho, os caminhos estão pessimos, na verdade.

— Deparei n'esse momento, que sobre a relva que n'aquelle sitio cobria o chão estava uma faca ensanguentada e de ponta aguda como um punhal, e que os dois homens, sem jaqueta aguentavam pelo pescoço o cavallo, do qual, d'uma veia da canella corria um fio de sangue, em quantidade tal, que já alastrado pelo chão, formava diversas poças.

O cavallo, ainda assim, estava tranquillo, mas de cabeça baixa e olhar fixo e empanado.

Um dos lavradores respondeu á interrogação do meu companheiro.

Saiba V. S.<sup>a</sup> que isto quem é pobre é preciso aproveitar tudo, este bicho estava arrehentado do peito e se a gente o havia deitar ali n'algun algar, assim, escutando-se d'esta maneira, elle morre sem que a pelle fique furada, nem apanhe o minimo *pitafe*. O rapazes, sentindo, que elle está quasi a cahir . . .

E, effectivamente, o pobre animal vacillava por vêzes, aguentando-se já a custo nas pernas.

— Os Srs. vão para as Sette Cidades?

Vamos, sim, — respondeu o Dr., visivelmente transtornado e mordendo muito a ponta do charuto — Haja sãde.

— Deus vá com vocemecês.

— Mas que barbaridade! — disse eu apenas nos achámos a alguma distancia.

— Com certeza, é revoltante. O verdadeiro, porem, para nos distrahir e irmos andando, aquelles diabos que matam assim lentamente um pobre animal, não poriam muita duvida se lhes d'esse na cabeça . . .

— Fazer-nos o mesmo, bem sei. Quanto faltará ainda para chegarmos ás taes cunieiras, isto não tem fim? . .

— Faltam apenas mais dois *rebutões*, dentro d'uma hora estamos lá em cima, coragem! . .

A subida cada vez tornava-se mais íngreme e descampada, o matto era muito rasteiro e n'alguns logares o terreno tão ingrato que não mostrava o minimo indício de vegetação.

— Ainda falta muito? — tornei a perguntar, mas já completamente exaustos.

— Uns dez minutos apenas, aqui o atalho é quasi a pique, mas alli pira cima melhora.

Effectivamente aquillo era mais trepar do que subir.

O doutor enganara-me, estávamos no termo da subida, no cimo da cumieira.

De repente e sem que eu esperasse, gualquer a crista do serro e recuei assombrado. A meus pés abria-se a grande bacia que forma o valle e d'alli o dominava todo, com as suas frondosas e formosissimas encostas, e, lá no fundo, contemplando a tranquilla lagôa, incendiada brillantemente pelos raios do sol e circumdada a espagos por alvissimas habitações.

Que vista admiravel!

O meu companheiro, regosijando-se de me ver assombrado, sentou-se n'um penedo d'aquella grande eminencia e perguntou-me satisfeito:

— Era ou não verdade o que lhe dizia? . . Aonde é que o amigo vio coisa alguma que se pareça com isto? . .

— Nunca vi, nem espero tornar a vêr, se em vez de subir os taes nove *rebutões*, tivessem sido dezoito, ainda assim dava-me por completamente remunerado com a contemplação d'esta admiravel paisagem, isto é esplendido, magestoso!

Custou-me a arredar d'aquelle sitio, e apesar de já haverem decorrido alguns annos, tenho-o ainda, perfeitamente, gravado na imaginação.

Das cumieiras até ao fundo do valle não se sente o caminho, a nossa attenção está tão concentrada no exame de tantas maravilhas formadas pela natureza, pincaros, arcarias, agulhas, castellos e torres, que não presta o menor cuidado ás fadigas do caminho, ou aos accidentes do terreno.

Chegamos a salvo ao bom caminho que circunda a lagôa e dirigimo-nos pouco depois, para descançar a um soffrivel hotel alli existente, almoçando ovos cozidos e leite, que nos soube que nem um regio festim.

A povoação das Sette Cidades é pequena, alva e sorridente.

Depois do almoço embarcámos n'um pequeno escalor a cruzar a lagôa em diversas direcções, gosando sempre novos e deslumbrantes panoramas.

A idéa de termos em breve de sabir d'aquelle verdadeiro Eden,

entristecia-nos deveras o coração, jamais havíamos conhecido um tão perfeito bem estar, como n'aquelle sítio e a vida passada alli, embora isolada e humilde, devia decorrer bem feliz, para quem, como no dizer d'um nosso poeta:

*Da aldeia á rustica morada se accommoda.*

Espairecemos até meia tarde no valle.

Apenas alli estavam, n'aquelle occasião, duas familias de Ponta Delgada, uma que não chegamos a ver, por ausente n'aquelle dia, n'uma digressão a uma proxima freguezia, e a outra composta de pae, filho e filha, com quem estivemos durante algum tempo.

O motivo da sua estada n'aquelle sítio era a enfermidade d'aquella gentil menina, que soffria do peito e que n'aquelles puríssimos ares vinha procurar alívio á sua dolorosa enfermidade.

Teria ella, quando muito, dezoito annos, peregrina formosura e esmeradíssima educação.

O pae, coitado! n'um instante em que a filha se affastou, confessou-nos com as lagrimas nos olhos, que a julgava irremessivelmente perdida, mas que se aprazia com a solidão em que alli estavam vivendo.

— Eu conheço que sou egoísta — acrescentou elle, com mal segura voz, reflecta de commoção — mas se Deus tem de levar para si aquelle anjo, quem ao menos que seja inteiramente meu nos seus derradeiros instantes. Na grande dôr que me opprime seria importuna a interferencia de estranhos, ou as phrases convencionaes de quem não soffre o que eu soffro. Aquella creança, diz-me o coração, que vae partir em breve, isto são as nossas despedidas, minha querida, minha rica filha!

E as lagrimas deslisavam a flux pelas faces do honrado michaelense.

A filha, tornou em breve para junto de nós, tinha ido colher algumas flores agrestes, era affavel e carinhosa, conhecendo-se na morbidez do seu andar o quer que fosse da Virgem pisando nuvens, do anjo que está prestes a desprender o vôo para as alturas, aonde não se encontram os espiritos aqui da terra.

Pobre creança!

Ao contemplal-a assim, triste, meiga resignada, por que a infeliz não se illudia, segundo nos disse o pae, com o seu destino, ao notar-lhe a pallidez de opala que tinha nas faces e o extraordinario brilho dos seus rasgados e negros olhos, aonde a vida toda parecia estar concentrada, o coração pulsava-nos ardentemente escutavamos as fallas dos seus labios, como se proferidas por alguem que já não pertencia á terra.

No valle, ou quando depois me lembrava d'aquella fragil e immo-



cente creatura, não sei explicar como, mas ajuntava sempre a semelhante recordação a idéa de uma flôr de neve, pendida n'um mar de verdura.

A' noitinha despedimo-nos d'aquelles amenos sitios, ou talvez para sempre, e seguimos a jornada pelo outro lado do valle, indo pernoitar na freguezia dos Mosteiros, cujo nome lhe provem de umas grandes pedras no mar, em frente da povoação, imitando pela sua forma uns retiros de cenobitas.

Mezes depois, achando-me já no Fayal, recebi uma carta de São Miguel, que continha o seguinte periodo «A flôr de neve, do valle das Sette Cidades, alli mesmo morreu poucos dias depois de a haver conhecido. Sinto dar-lhe esta triste noticia.»

Triste ?!

Aonde podia aquella formosa creança descansar melhor do que no seio d'aquelle valle, cercada de flôres vermelhas, exuberantes de vida e perfume.

Partio com um sorriso nos labios . . .

O que é triste, é começarmos já a descer a rude montanha da vida e não termos a registar qualquer dia da nossa existencia, embora dos mais claros, ao qual não ande ligada alguma saudosa recordação.

E' o que nos aconteceu com o valle das Sette Cidades e com a sua flôr de neve.

## XI

### UMA NOITE DE REIS NA FREGUEZIA DA FAJAZINHA

#### (Ilha das Flores)

Na gema do inverno, viajar pelo interior da ilha das Flôres, não é empreza das mais faceis, nem, diga-se a verdade, muito agradável. A natureza essencialmente accidentada d'aquelle terra, os seus continuados sêrros e valles, mas sêrros alcantilados e terríveis, bem como profundos e agrestes valles, a não ser na estação estiva, quando os arvorêdos exuberantes de folhas encobrem a nudez negra das pedras, ou quando as flôres silvestres recreiam agradavelmente a vista, torna qualquer excursão pouco convidativa e bastante desearidosa.

Que trabalhos, porem, conseguirão jamais acobardar o animo irrequieto em corações de vinte a vinte e cinco primaveras?

Uma vez, parece-me que foi no anno de 1878, os musicos da uni-

ca philharmonica da Villa de Santa Cruz, limpavam o metal dos instrumentos, examinaram se os pistões do cornetim e fígle trabalhavam regularmente, se as chaves da flauta não ficavam no ar quando acabavam de ferir qualquer sustenido, se as pelles da caixa forte e do bombo ainda podiam aguentar rija pancadaria e dando uma revista a meia duzia de marchas e algumas valsas do seu repertorio, bem como tendo ensaiado as populares cantilenas da fatídica noite dos Reis, ajustaram que haviam ir passar aquella festa á freguezia da Fajã-Grande distante d'alli umas 3½ legoas.

Eram doze figuras ao todo.

Nas pequenas localidades a simples partida de uma phylharmonica para qualquer sitio é já de si um acontecimento, á porta da casa da *musica* estava uma porção de cavalgaduras á espera dos viajantes, a garotagem, atrebida alli pela prespectiva de alguns minutos de paudanga, fazia o costumado arruido, o tocador do cornetim já, de uma das janellas dera, por trez vezes, o signal de se ajuntarem os tocadores, muitas das familias da villa estavam mais ou menos representadas no momento da partida, os ociosos do logar dispersos em grupos comentavam quanto viam, e até pelas ruas conducentes á sahida da Villa, donzellas casamenteiras esperavam palpitantes a passagem d'aquella tropa.

E, abra-se aqui um paragrapho a respeito das florentinas, são formosas, e vivas como azougue, honrando a patria pela sua reconhecida aptidão em quaesquer misteres a que se dediquem sejam industrias ou letras.

Depois das despedidas do estylo, em que os velhos desdenhando das nvas que já não podiam comer, gabavam muito o seu tempo, e em que os novos que por qualquer circumstancia não podiam acompanhar os seus patreícios, os olhavam invejosos, em que as meninas choravam nas adufas e em que os cães ladravam a todo aquelle burborinho, a cavalgada, tendo por acompanhamento a gaiatagem dando vivas até á sahida da villa, atravessou as ruas da mesma com o denodo e prosapia dos soldados de Napoleão 1.º, quando iam cruzando os Alpes.

O leitor incauto talvez julgue que estamos dando empollada magnitude a um facto de somenos valia. Pois meu bom amigo, proponha-se na ilha das Flores a transitar por montes e valles e diga-nos depois o que é semelhante empresa.

Não desconhecemos que jornadeiar n'uma pequena ilha é muito differente do que percorrer um continente, mas se as probabilidades na primeira são de quebrar as costas, em quanto no segundo de viajar em terrenos planos como o souho de uma caça, por effeito de magnificas obras de arte, tres e meia legoas de caminho a troncos e barroucos valem por trezentas legoas de estrada de ferro, em luxuosos wagons e com todas as commodidades que se podem imaginar.

E a mesma coisa que se acreditássemos que só vive mallo, quem

vive muitos annos, quando n'um lustre de actividade, pode-se esperimentar mais dos baldões da existencia, do que em oitenta annos de apathica estagnação.

Tudo no mundo é relativo.

A cavalgada, pois, como iamós dizendo, á força de muita paulada nas bestas, passou pela villa como uma avalanche que rolasse de alterosa serra, entre as risadas dos alegres excursionistas, os adenses das namoradas, a vozeria dos gaiatos, os latidos dos cães, e os sorrisos dos velhos relembrando-se do seu tempo e das suas turbulentas africanadas.

Para os sitios que a phylharmonica seguia, havia em parte estrada, sendo mais para temer qualquer accidente nocturno, do que o transito á luz do dia, mas os rapazes, com o descuido proprio d'aquellas edades, haviam sahido já tarde da Villa e só com grande diligencia poderiam chegar ao seu destino antes de noite fechada.

O começo da digressão foi delicioso, os matos da ilha das Flores são formosissimos, o tempo estava sereno, verdejantes collinas e algumas planicies, de prazenteiro aspecto, apesar da estação invernosa, tornavam muito apraziveis aquelles sitios, assim como sete caldeiras, mais ou menos profundas, dispersas aqui e alem no despovoado, extasiavam a vista com o seu encantador aspecto.

Ainda assim, quando n'aquella breve tarde de Janeiro, o sol começou a declinar no horisonte, algumas nocturnas nuvens, negras e ameaçadoras surgiram por detraz das mais altas serras e a espaços umas refregas de vento agudo e aspero vinham, subitamente, fazer murmurar os arbustos do matto, ou tirar gemidos dos arvoredos.

A refrega, porem, passava breve e o tempo serenava de novo.

No clima, essencialmente variavel, dos Açores, e maxime nas ilhas occidentaes do archipelago, isto não se tornava um bom indicio, as taes nuvens negras continuavam a invadir o firmamento, o vento ia-se, tambem, levantando, fustigando a caravana, as gollas dos casacos eram erguidas e os chapéus enterrados até ás orelhas, ao tempo que alguns grossos pingos d'agua vinham manchar a nitidez dos figes e trombones, deitados a tiracollo dos seus respectivos tocadores.

Os burros em que seguia a comitiva cruzavam as orelhas e andavam mais vagarosos, apesar de muito espicçados, advinhavam o quer que fosse de anormal, estavam com a nostalgia das suas magedouras, ao abrigo das intemperies.

O momento fatal não se fez aguardar muito, havia já bem pouca claridade no matto que mais se ensombrava de instante para instante e uma chuva delgada e penetrante, começou a alagar tudo, tornando o terreno muito escorregadio nas descidas, em que as bestas tropeçavam a cada passo, acrescentando que por vezes os algares, ao lado do caminho eram profundos e medonhos, como as boccas escancaradas, de alguns monstros gigantes.

A noite descen rápida e tenebrosa, sem uma estrella no céu, então negro como azeviche.

Apezar da imprudencia da juventude, um ou outro dos excursionistas começou a persuadir-se que não era uma questão muito simples andar a cavallo por aquelles sitios, sem ver um palmo adiante da cara, nem saber ao certo o rumo que se levava, por effeito das trevas.

Seguiam, não obstante, por emquanto calados, deixando as cavalgaduras escolher o melhor caminho, embrulhando-se, como podiam nos casacos e virando para baixo as abas dos chapens de feltro, para a agua não lhes entrar tão facilmente no pescoço.

O matto, é sabido, quando agitado por chuvas e ventanias, tem muita semelhança com o oceano, nos arbustos rasteiros de que por vezes estão povoados grandes tratos de terreno ha ondulações congêneres com irrequietas vagas, os ramos despidos das arvores assobiam como os cabos da mastreação de qualquer navio e mil sons mysteriosos e confuzos, partidos não se sabe d'onde, como o rumorejar d'um grande ajuntamento de povo, vem dar ainda nua nota mais triste áquelle caliginoso espectáculo.

Era o que, então, acontecia.

— Isto vai-se tornando serio — gritou d'entre as sombras um tocador de contrabaixo — o instrumento já me apauhou uma amolgadella e tem bebido agua que nem um funil, é capaz de não querer tocar.

— Cala-te, toleirão, — respondeu o do rufo — eu cá botei o meu casaco por cima da pelle d'esta caixa, embora me alague todo, nas occasiões é que os musicos se conhecem. Emprasta-me d'ahi um cigarro, en tenho isto.

O do bombo, um alentado mocetão, a que o vento havia arrebatado o chapen por aquelles campos fora, era o mais alegre do rancho, a agua escorria-lhe em jorras pela cabeça e faces, custava-lhe muito a aguentar-se do jumento em que ia escarranchado, levando em frente de si o atreador e enorme bombo, mas ainda assim soltando uma forte risada, exclamou:

— Imaginem vobés as nossas meninas da Villa se nos vissem n'este bello estado, que lagrimas não chorariam . . . Filhas da minha alma!

Um luzido relampago, sulcando o espaço, descortinou providencialmente o arriscado sitio em que então se achavam, era á beira de um precipicio de enorme altura, medonho e apumado.

— O' amigos, cautella, — gritou um mais timorato, isto aqui é fundo que nem o diabo . . .

— Não vês que temos iluminação celeste, toque a musica, que tudo vai bem. Anda p'ra diante, vardasca! . . . e o do bombo obrigava o jumento que montava a atropelar o outro animal que se lhe seguia no estreito trilha.

— A gente rôla por ahí abaixo, José! . . . acudiu o seu visinho

— que asneira é essa, deitas-me agora o bombo para cima das costas . . . mau!

Rapazes! . . . eis o cuidado que lhes dava ter a morte a meia dúzia de passos, por quanto d'um lado do trilho erguia-se alterosa muralha de informes rochedos e do outro abria-se profundissimo abysmo.

O tempo crescia sempre, a ventania nem os deixava seguir e veio um aguaceiro tão grosso e forte, que no lugar em que, passado o precipício, o trilho alargava mais, fizeram alto, para decidir, n'uma especie do conselho de guerra, o melhor partido a tomar.

— Isto o verdadeiro — tornou ainda aquelle mais canteloso mancebo a que já nos referimos — é voltar para Santa Cruz, não ha desaire, a gente não tem culpa do tempo ter-se levantado d'esta maneira . . .

— Para a villa, isso tinha que rir! . . . era até uma deshonra para esta phylarmonica, não Sr., para diante é o caminho, dê lá por onde der . . .

— Appoiado! — bramiaram numerosas vozes.

— O' filhos, mas com este tempo . . .

— Ora adeus, chuva nunca quebrou esses, o peor foi eu ter perdido o meu chapeusinho, era novo e ficava-me bem, palavra de honra . . .

Anda p'ra diante, vardasca!

— Pois siga quem quizer, eu cá volto para traz.

— O' aquelle, olha que isto hoje ha aqui facadas, toca o burro, anda, não te faças tolo! . . .

— Não dou mais um passo, sem que vocês me dêem bastante genebra, ora eu que podia estar socegado em caza . . .

— Pega, ladrão, bebe à tua vontade e não estejas a desaminar os outros.

O regente da musica entreveio, então, na contenda com a sua authorisada voz. Elle, como pessoa mais edosa, mais considerada, desejava velar o pondunor inconcusso da sua phylarmonica, mas ao mesmo tempo a chuva fustigava-lhe as orelhas, desalmadamente.

— Os Srs. não tem razão para essas questiunculias improprias do sitio, da hora e da occasião. Olhem que isto não são brincadeiras. O Sr. do clarinete embirra em não caminhar muito bem, o Sr. do bombo em andar para diante, perfeitamente bem, mas a consequencia d'isto tudo é estabelecer-se um scisma nas nossas fileiras!

A este tempo a chuva redobrava de intensidade.

Com uma noite d'estas — continuou ainda o orador — está completamente justificada, e sem desdouro, qualquer arribada forçada na nossa derrota.

— A prudencia bem entendida tambem é uma virtude, olé! Parece-me pois que devemos seguir para a freguezia da Fajãzinha, que fica mais proxima, indo allí pernoitar, como acertada precaução para os nossos corpos, e, tambem, o que não vale menos, como garantia

de segurança para o instrumental, que tanto nos tem custado a arranjar.

— Isso vai ser uma vergonha. — gritaram alguns.

— O mestre da musica tem razão — bradaram outros — primeiro que tudo salve-se o instrumental.

— Parece-me que temos facallas! — berrava o tocador do bombo, de cachimbo ao canto da bocca — para a Fajã-Grande, para a Fajã-Grande!

A chuva agora era a cantaros.

— Para a Fajãzinha — exclamaram os da frente, tornando-se os *leaders* da caravana.

Pois vamos para o inferno até, se vocês quizerem — respondeu o turbulento rapaz — mas eu hei de fazer por ali além coisas do diabo, e espicaçando a besta atirou pela segunda vez com a enorme caixa às costas do parceiro mais proximo.

— Está quieto, José, ora este maldito!

— Cala-te ahí, meu Maricas, eu não queria parar na Fajãzinha, cá por coisas, na Fajã-Grande é que me fazia conta, cada rapariga de encher os olhos!

— E' no que tu pensas . . .

— Podera! . . . pra que vim eu cá?

As aguas iam um pouco mais brandas, ainda que o ceu continuava negro que nem lição e a passagem de uma caudalosa ribeira, bramindo furiosa, era a maior difficuldade que então se apresentava a vencer.

Sentido com os instrumentos — bradou o mestre — é andar de pressa que d'aquí a pouco já não poderíamos passar a torrente que vai engrossando, felizmente ainda ha pedras a descoberto, sentido com os instrumentos, é melhor apearem-se.

Assim fizeram e com imminente perigo de alguém ser arrebatado pela corrente espuante da ribeira, e com as bestas pela redea, instrumentos às costas e agua até quasi aos joelhos, conseguiram vadear a ribeira d'uma á outra margem.

O do bombo é que embirrou em não descer do jumento, allegando que tinha uma boia de salvação a que se agarrar no caso de naufragio, a enorme caixa que conduzia.

Atravessada a ribeira, o caminho não era tão mau como até alli, o vento quebrára algum tanto de intensidade e uma bruma enfadonha sómente agora os incommodava.

O destemido florentino, continuou ainda:

— O verdadeiro é a gente mudar de rumo e seguir ainda para a Fajã-Grande, está um tempo esplendido, melhor do que isto só na forca do verão.

— Não Sur., o que está dito, está dito, vamos para a Fajãzinha, que é mais perto, quem me dá d'ahí genebra?

— Mas é que isso não me faz conta, cá por coisas, anda para diante burro . . .

— Silêncio, Srs. — accudio o mestre da musica, temendo novas questões, nós vamos em breve entrar na freguezia, e os Srs. devem-se portar como pessoas illustradas, que são, um musico não é para ahi qualquer coisa . . . haja prudencia.

Estava em completo repouso, apezar da pouco adiantada hora da noite, a pequena freguezia florentina, tanto mais que o pessimo tempo que reinava era seguramente pouco azado, embora em noite de Reis, para cantorias dos campezinhos menestreis.

N'uma ou outra caza via-se ainda atravez das vidraças brilhar luz e os cães de vigia ladravam que nem damnados a passagem dos nocturnos visitantes.

Sentindo a tropeçada das bestas abriram-se varias portas e janellas, assomando ás mesmas homens, mulheres e creanças, assustados ou curiosos do que seria aquella invasão de gente na sua muito pacifica aldeia. Alguns rapazes, mais ousados, saíram á rua e começaram a seguir a comitiva, indo tambem alguns n'um puto, explicar ás consternadas familias que era a phylarmonica da Villa.

A cavalgada seguiu sempre até em frente de uma caza ha pouco construida, de um habitante do lugar, que tinha mais conhecimentos em Santa Cruz, e que, por conseguinte, foi o primeiro lembrado para albergar a expedição.

Isto de ter muitos amigos dá em resultado semelhantes differencias.

O dono da caza, segundo todas as apparencias, já estava em meio do primeiro sono, alli não se via luz, nem se descobria o minimo signal de vida.

Os musicos enfileiraram-se em frente d'esta residencia e de repente uma alegre tocata, o hymno da phylarmonica, vibrado com a maxima valentia, esturgia os ares, fazendo estremecer as vidraças das cazas circumvizinhas e despertando toda a povoação, cujos habitantes, em crecido numero, começaram a agglomerar-se em redor dos tocadores.

Quem não appareria ainda á janella era o dono da caza, que peizado sono!

— Va lá, rapazes, — gritou entusiasmado o mestre, por ver o levante que os seus discipulos estavam fazendo na freguezia, agora os Reis, mas isto bem cantadinho . . .

Calaram-se alguns tocadores e a velha cantilena d'aquella noite, proferida por vozes frescas e sonoras, e acompanhada pelos instrumentos mais doces, veio substituir o hymno em que tanto figurava a *pancadaria*.

Quando chegou ao côro, a rapaziada do lugar e até alguns velho-

tes soltaram a voz também, juntando-se aos festeiros que cantavam as glorias do filho de Maria.

Só então é que o dono da casa, alvo d'aquella alegre manifestação, appareceu por dentro da vidraça, em camisa, com um lenço branco amarrado na cabeça e com uma vela accêza na mão.

Finda a cantilena, uma voz ergueu-se d'entre os musicos:

- Viva o Sr. Ramos!

E toda a multidão repetio: - Viva, Viva!

O bom velho vestio-se á pressa e abrindo logo a porta, disse de cima do seu balcão:

— Eu não sei quem os Srs. sejam, mas esta caza é sua, vamos a entrar . . .

— E' gente de paz, a phylarmonica da Villa, que lhe vem dar as boas festas.

— Tantas honrarias . . .

— O seu a seu dono. Viva o Sr. Ramos!

— Viva!!

— Ora esta! . . eu estava bem longe de imaginar que os Srs. se encommodassem em vir de tão longe, por causa da minha humilde pessoa.

— Os amigos, Sr. Ramos, nas occasiões é que se conhecem, isto também é só por esta noite, o incommodo seu . . .

Esta conversa era já no interior da caza, aonde tinha dado ingresso a *música*, alguns homens da freguezia e quanto gaiato havia n'aquellas immediações.

E' proverbial o genio hospitaleiro dos florentinos, o bom velho, algum tanto orgulhoso da lembrança dos seus amigos da Villa, já fôra accender o lume e cortar d'um pau atravessado a meio da chaminé umas poucas de varas de excellente e gorda linguiça, que se dispunha a assar e diversos visinhos corriam a caza a explicar ás familias, o que havia sido aquella balburdia, a phylarmonica da Villa que viera cantar os Reis ao tio Manuel Ramos! para caza do qual voltavam carregados de pão e de carne de porco, que já se achava preparada, por ser, n'aquella epocha do anno, trivialissima nas Flores. Vinto também não faltava, pois que a gente da Fajãzinha queria-se descompenhar, vendo-se honrada n'aquella distincção concedida a um seu conterraneo.

Dentro em meia hora á caza do Manoel Ramos estava atulhada de comer, e a linguiça assada espalhava por toda a parte o mais appetitoso cheiro. á falta de copos empinavam-se garrafas e n'este destroço de viandas, pão e vinho, toda a gente da freguezia que alli estava compartilhava francamente.

O dono da habitação, que era homem bemquisto, exuberava de alegria.

Levantaram-se muitos brindes, com o mais ruídozo vivorio.

Os tocadores, uma vez por outra, para dar tempo á comida ar-



rumar-se nos respectivos estômagos, executavam algumas peças do seu repertório e o tocador do bombo, já esquecido das delícias de caça que imaginava na Fajã-Grande, fazia tal ruído, de seis centos demônios, com o seu atroador instrumento que estremecia toda a caça.

Prolongou-se a festa talvez durante duas horas, a linguça já desaparecera toda, havia sensível diminuição nos comestíveis e o vinho . . . é que ainda continuava a correr em abundância.

Um dos camponezes, mais cerimonioso, disse então a alguns dos companheiros:

— O amigos, estes Srs. hão de carecer de repouso, para esparecimento d'esta noite dos Santos Reis, já temos comido e bebido à farta, agora o melhor é a gente ir para nossas cazas.

— Ainda é cedo, a gente não se vae d'aqui, sem uma outra cantoria, para em seguida se molhar a guella . . .

— Bem lembrado, vamos a isso, — e o do bombo dava no cançado instrumento as duas pancadas de attenção.

As canções em louvor da Epiphania começaram então de novo, com grande enthusiasmo, como geralmente quando o bondoso povo açorianiano mistura aos seus folgares o sentimento religioso, em festas embara por vezes um pouco profanas, como acontece com as devoções populares do Senhor Espirito Santo.

Era uma hora da noite e ainda alli se cantava, comia e bebia.

Tudo, ainda assim, tem fatalmente um termo.

A gente da freguezia foi-se retirando, alguns homens não acertaram bem com os seus domicilios, devido seguramente á escuridão, que a outra coisa não podia ser, algumas mulheres já entradas em annos receberam tantos abraços á entrada dos maridos, como se revivesse a saudosa lua de mel, houveram diversos trambulhões pelo caminho, alguns cahiram em poças d'agua, mas tudo de boa e alegre cara. O que faz a musica . . .

O Manoel Ramos achou-se afinal tão somente com os seus doze hospedes.

A caça, como já dissemos, era uma construcção de moderna data, ainda incompleta e desguarnecida de calça, tanto interior como exteriormente, fazendo por conseguinte o vento dançar n'uma agitação incessante as luzes dispostas sobre uma grande meza de pinho, ainda carregada dos despojos culinarios, bem como de garrafas e pratos vazios e de montões de cascas de laranja.

Em quanto o ajuntamento fôra mais numeroso não se sentia tanto a inclemencia da ventania que lá fôra reinava, agora, porem, um ar frio e penetrante começou a infiltrar-se descaridoso por todas as juntas e buracos das paredes.

O quarto do dono da caça, o unico rebocado, por enquanto, da sua modesta moradia, era pequeno e apenas poderia offerecer guarida

a umas tres pessoas, restando por conseguinte ainda nove individuos que era preciso accommodar convenientemente.

O Manoel Ramos, coadjuvado por um rapaz d'uns quinze annos de idade, seu domestico, foi á loja e d'alli trouxe farto molho de esteiras, que começou a desenrolar no sobrado, em quanto o rapaz ia forrando as paredes com lençoes, prezos nos buracos das mesmas, e que bamboleavam a todo o instante, sacudidos pelo vento.

Que trabalho que estamos a dar ao Sr. Ramos!

— Qual trabalho, nem qual historia, o que eu não quero é que os meus amigos se constipeem, a caça é fresquinha e a noite vai raivosa. O' Francisco, aquella ponta do lençol não está boa, prende-a mais em baixo . . . anda homem. Uma noite em qualquer parte se passa, os Srs. não de desculpar . . .

— Está tudo optimo e havemos dormir magnificamente.

— Deus queira, tenho-lhe feito a diligencia, mas ainda assim, duvido. O' Francisco, vae buscar mais lençoes.

— O Sr. tinha fornecimento!

— E' que eu, aqui ha annos estive para me cazar, depois o conchavo desmanchou-se, mas eu sempre fiquei com o panno que tinha comprado, uma boa porção de peças. A perca foi d'ella, os Srs. não acham?

— Certamente

O' Francisco, vae buscar ainda mais lençoes, anda rapaz, que esses agora são para forrar o tecto, isto ainda não está estuquiado . . .

— Não são precisos mais, Sr. Ramos, este arranjo está muito bem.

— Não Srs., em quanto houver com que forrar a caza hade-se ir forrando, essa é que é boa . . . uma honraria d'estas.

Vieram os ultimos lençoes, o Ramos pôz uma cadeira sobre a meza e alli trepon para chegar ao tecto e de trave a trave, ajudado pelo Francisco foi pregando aquelle resguardo contra as intemperies nocturnas.

— Ora isto está que é um briquinho — exclamou o tocador do bombo — eu até já estou a piscar os olhos e a suar.

Isso é vinho.

— Qual vinho, Sur. Clarineta, se a gente tivesse chegado até á Fajã-Grande, cá por coisas ainda havia suar muito mais, mas enfim não me arrependo . . .

Estas fallas foram ditas a meia voz ao seu interlocutor e em seguida em voz alta:

— O Sr. Ramos está perfeitamente preparado para receber hospedes.

— Perfeitamente não direi e conheço que isso são favores, mas o que posso certificar aos meus amigos é que o que ali võem é tudo meu.

— Maganão! . . . e um dos convivas batia-lhe familiarmente no hombro.

Isto faz-me lembrar uma historia que contava meu pae, quando esteve n'esta terra um Sr. Bispo.

— Como foi, diga?

— E' que o Bispo, andando em visita pela ilha, veio hospedar-se em casa do vigario antigo d'esta freguezia. O bom do padre não se poupou a trabalhos para receber condignamente o seu prelado, estei-rou o quarto da *junta*, cobrio a meza de boas *anguarias* e o melhor vi- nho, apresentou a sua melhor louça, cortinaes nas janellas e á noite, á ceia, em cada canto da eza collocou um rapaz, immovel, como uma estatua, de braco estendido e com um grande brandão accêzo na mão.

O Bispo gostou d'aquella lembrança, um tanto original, farton-se de carne assada e massa sovada, mais golozeimas, e afinal não trepi- dou em descer da sua imponente dignidade para elogiar ao Vigario não só a boa cozinha, como o acceio e bom gosto de todos aquelles ap- prestos, incluindo as quatro figuras ornamentaes.

— Pois saberá V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> que tudo o que está d'estas por- tas a dentro pertence-me e é obra minha, incluindo as tochas e tam- bem os tocheiros.

O Bispo olhou para os rapazes, que continuavam immovéis no seu posto e lambendo os beiços, em meliflo sorriso, a todos deitou a sua respeitavel benção. Bons tempos aquelles . . .

— Está visto que sim, — respondeu ainda o bombo — eu cá hou- ve tempo em que o Vigario da minha freguezia era o P.<sup>o</sup> Mallão, bom homem, muito dado, muito relacionado e que na área da sua parochia contava, segundo resa a chronica, quarenta descendentes, por isto po- de avaliar-se o que é a gente nascida alli, digo-o sem orgulho.

— Quarenta! . . . parece exageração, ainda que . . .

— Pois olhem que é purissima verdade e para prova é que no folheto dos Sette Pecados Mortaes, escripto aqui na ilha, mas impres- so em Lisboa, o tal Rev.<sup>do</sup> Vigario figura como representante do 3.<sup>o</sup> peccado. Aquella brincadeira, honra lhe seja, foi feita pelo P.<sup>o</sup> Camões, nosso patricio.

— Este diabo é um almanach — accudiu o mais novo dos rapazes que tocava ferriollos, quem era esse P.<sup>o</sup> Camões, d'esse nome nunca ouvir fallar senão n'um que, ha muitos annos, escreven versos, meu avô tem um livro d'elle que se chama os . . . Lusíadas.

— Aquelle de que eu trato era outro, natural aqui das Flores e que possuia a melhor bibliotheca talvez dos Açores. Quantos livros vo- cês por ali encontram ainda, eram seus, e escreveu tambem o Testa- mento do Burro, que é obra bem acabada e na qual não se esqueço de muitas familias d'esta terra.

O P.<sup>o</sup> Camões! — disse ainda o velho Ramos — conhecio per- feitamente, tinha a mania de ser ouvidor nas Lagens e por isso indis-

poz-se com muitos collegas d'aqui, eram trinta cães a um osso, a quem não o poupava elle pagava-lhe na mesma moeda. Morreu pobre haverá uns trinta e cinco ou quarenta annos, e, diga-se a verdade, homem mais generoso jamais conheci, quanto ganhava quanto dava.

Só a papelada que elle deixou quando morreu e tudo puchado da sua cabeça.

— O que não depõe muito a favor do seu bom senso, p'ra que demonio se punha o Padre Camões a cansar o juizo cá na ilha? . . O-lhe o Sr. Ramos, en eu em tendo o meu bombo em perfeito estado e duas ou tres raparigas de truz a quem arraste a asa, estou nas minhas quintas, não me importo com mais nada. Se eu a esta hora estava na Fajã-Grande . . .

— Huvias fazer grandes coisas, não tem duvida . . tornou-lhe um dos companheiros, o que me parece é que o tal Padre Camões se vivo fosse não te deixava de incluir nos seus versos, applicando-te uma bôa sóva.

— Se fosse bem dada, não me queixava.

O Ramos acrescentou ainda:

— Que elle tinha bastante graça, era ponto de fé e conservou sempre aquelle genio alegre até á ultima hora. Quando o Padre Camões, que passava a vida a lêr e a fazer versos, enfermon gravemente, já idoso, pobre e rallado de desgostos, eu muitas vezes ia visital-o, por que eramos então visinhos e disse-me por varias vezes que tinha uma gavêta cheia das suas obras, mas disso tudo deram, depois, cabo os herdeiros. Até um irmão d'elle, tamnem clerigo e que fora frade foi o mais empenhado n'isso, pois dizia sempre que era o diabo quem lhe inspirava taes cantigas.

— Pedaco de bruto!

— Lembrou-me até, foi no derradeiro dia da sua existencia, o Padre Camões já estava muito fraquinho, fui vel-o de manhã e em quanto lá estava chegou o irmão, que de ha muito não o procurava. O Camões sorriu e disse-lhe: Tu por aqui?! . . ora ainda bem, sempre somos irmãos e n'estes momentos esquece-se tudo. . .

— O Padre tem razão — responder-lhe o outro — agora deve esquecer-se de tudo que não fôr para o bem da sua alma, congratando-se com os seus inimigos.

— Tratantes! . . cum elles não quero nada.

— O P.<sup>o</sup> não falle assim, as culpas não sei se eram suas ou dos seus adversarios . . .

— Ah! . . você deffende-os, então é tão bom como elles.

Arrepende-te, homem, dessas inimizades, não ha ninguem por feito no mundo e aquelle teu escripto dos Peccados Mortaes exige uma reparação solemne . . .

Tu estás cáçoando comigo? . . eu não disse mais do que a ver-

dade . . . quiz imitar o divino Mestre, azorraguei os vendilhões do templo.

— Mano, mano, mais caridade.

— O que me parece é que tu também pertences á quadrilha . . .

Lembre-se o Padre das penas eternas, quem offende um sacerdote offende ao Altissimo.

— Bem sei . . . — respondeu cansado por esta conversa o doente — colligi a esse respeito um livro de maximas, para meu uso particular e que desejo transmittir aos meus sobrinhos, tendo apenas um irmão . . .

— Ora, ora, ora! com que o mano vem ao terreiro.

— Olha, faz-me este favor, é aquelle volume manuscripto n'aquella prateleira, o terceiro . . . vai buscá-o, sim?

— Vou, mas para que?

Abra o meu irmão esse livrinho a folhas 58.

— 58, cá está.

— Leia, agora, em voz alta o começo, é uma maxima.

O visitante pôz os pesados oculos e leu:

«Com homem que foi frade  
Não ser amigo ou compadre.»

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo o que o mano aqui se deixou dizer, eu fui frade, mas . . .

— Não é melhor do que os outros. Estou muito fatigado, deixem-me agora descansar, isto está pouco.

Effectivamente dois dias depois espirava o Padre Camões.

Coisas tristes, Sr. Josesinho, isto quem é velho, como eu, tem visto muitas scenas.

E a respeito de mulheres, o Padre Camões, era cá dos nossos, hein?

— O' Sr., eu sei lá d'essas coisas.

— Pois, amigo Ramos, se elle apezar de ser um homem de saber, não gostava de vinho e de mulheres, cá na minha *aquella* perderia todo o valor, mas é que gostou por força . . .

— Tu o que estás é muito borracho — accudiu um companheiro — anda deitar-te, é o melhor.

— E são horas — replicou um terceiro — faltam vinte minutos para as duas.

Eu não me deito sem uma ultima saude, e de emborcar o copo, havemos beber todos á pachorra que tem tido o dono da casa, em nos aturar. Valeu?

— Valeu! . . . bradaram todos.

Encheram-se os copos de boa genebra, fazendo-lhes tambem saão o dono da casa e repetindo-se a dose mais de uma vez.

Quando o obsequioso velho se retirou para o seu quarto, estava pezado que nem chumbo e mesmo vestido estendeu-se na cama, cahindo logo em profundo somno.

O rapaz que com elle vivia, esse então havia já muito tempo que, completamente embriagado, dormia tambem estendido no chão frio e terreo da cozinha e os tocadores da phylarmonica, apagando as luzes, trataram egualmente de se accommodar.

Em quanto, porem, esta pandiga tinha lugar no interior da casa, a noite, lá fora, sem que pessoa alguma lhes prestasse maior attenção, continuava medonha, chovia a cantaros e ventava valentemente, a tempestade prosseguia n'um *crescendo* maravilhoso.

Quando ficou tudo em sococo, nma meia hora talvez depois, a agua batia contra as vidraças como se fossem pedras, o travejamento gemia, as paredes estremeciam e de vez em quando um surdo e cavernoso som, como produzido por um pedaço de monte que se despehasse das alturas, parecia rollar por alli muito perto, destacando-se do estampido d'uma grande levada d'agua que bramava furiosa.

Esta bulha e estremecimento do terreno tornara-se afinal tão pronunciada e medonha, que semelhante a querer reduzir em bastilhas toda a habitação, sentindo-se o fremir da agua a rodar a casa e aquelles soturnos baques como se fosse o troar de pezada artilheria.

— Isto é o juizo final! — exclamou não se podendo já conter o mestre da muzica — e accendendo luz, certamente a ribeira sabio do seu feito, estamos cercados da torrente e vamos ser arrebatados por ali abaixo. Mizericordia!

— Bem dizia eu que fôssemos para a Fajã Grande . . . tambem ainda não preguei olho . . . quem é que pode?

Nem eu — acendia um outro.

— Nem eu.

— Nem eu.

— E' uma noite em claro se escaparmos com vida, se esta casa não for levada pelas aguas. Forte laço! . . . O' Sr. Ramos, venha para aqui homem de Deus, isto o que será?!

Ninguém, porem, lhes respondeu.

Dois dos rapazes levantaram-se e foram munidos d'uma vela procurar o dono da habitação ao seu cubiculo, mas o bom velho dormia o somno dos justos, o vinho havia-lhe produzido o effeito d'um pesado narcótico, ninguém o conseguia acordar. Tentaram, ao menos, despertar o rapaz que estava na cozinha, mas este, tambem borracho, era de peor catalura, dando murros e pontapés em todo aquelle que lhe tocava e recalhindo em pesado ressonar.

A tempestade, cataclysmo, enchente, ou e quer que era, estava agora no seu auge, a casa oscillava como prestes a desabar, ou como se estivesse no seio de encapellado oceano, ouviam-se ruídos semelhantes a confuzos gritos, ou ao tivar longinquo de matilhas de esfe-

meados tigres e o estallido das arvores que se despedaçavam vinha ainda aterrorisar mais os consternados viageiros.

Um d'elles, muito afflicto, tentou abrir uma nesga da porta para ver se encherava o que lá ia fora.

Desgraçada lembrança, o vento deu tal empuchão na meia porta e esta no corpo do rapaz, que o atirou ao chão e uma forte hufada de vento apagou immediatamente a luz, fazendo voar os lençoes que haviam deitado de trave a trave, bem como atirando ao chão meia dúzia de garrafas vazias que estavam sobre a meza. Um fracasso terrível!

— Misericórdia! — bradaram todos.

Foi preciso o esforço de varias pessoas para se conseguir fechar a meia porta, reacenden-se a luz, cuja vela e castiçal tinha ido parar ao fundo do aposento e tentaram de novo accorder o patrão, mas sem resultado, como da primeira vez.

O tempo decorria vagaroso, a noite parecia ter estacionado no seu curso, aquillo era uma especie de jangada da Medusa, uma situação desesperada.

Tres horas, quatro, quatro e meia, cinco e a escuridão sempre a mesma, a unica differença era agora não chover tanto.

Afinal amanheceu e os olhares avidos e curiosos d'aquelles rapazes tiveram ensejo de ver um espectáculo realmente imponente.

A freguezia da Fajázinha demora a breve distancia do mar, no declive d'uma muito elevada serra, fêra e medonha, que das casas da povoação até o seu escarpado e agreste cimo conta muitos centos de metros d'altura, sendo a parte mais proxima da povoação dividida por paredes das diversas hortas e terras de semeadura e mais acima toda vestida de matto, até junto da crista da montanha, aonde se divisam informes rochas e grandes penedias.

D'esta grande altura e do reshordo d'aquellas rochas, vinda de outras mais elevadas serras do interior da ilha, despenha-se com immensa bulha, uma caudelosa ribeira, a qual quando engrossada por copiosas chuvas, como na occasião de que tratamos, toma proporções assustadoras, parecendo querer devorar na sua ingente furia tudo quanto lhe ficar adjacente.

A levada, n'aquelle salto immenso, atira-se loucamente do cimo da montanha até ao mar e cavando nas aprumadas e prependiculars rochas que lhe servem de encosto, das mesmas faz despegar grandes penedos, que batendo ora n'uma ora n'outra saliência do precipício, estremeçam os terrenos mais proximos, produzindo um som cavo e soturno.

A luz do dia avistam-se por vezes aquelles penedos, ora mergulhando na refervente agua, ora salindo da mesma e dando saltos como grandes animaes selvagens, até irem sumir, além, o seu denegrido vulto, afundados nas profundidades do mar.

Acresce ainda, para dar mais magestoso aspecto áquelle quadro, que a parte da montanha que conflua com o caudal, bem como o sitio por onde esta se despenha, é escavado e todo formado de rochas talhadas pela natureza com tão singular aspecto, que imitam perfeitamente diversas fileiras de gigantescas columnas, umas ás outras sobrepostas, até ao cimo da serra.

É magestoso, como um quadro de Salvador Rosa.

Ora, como na occasião de que tratamos a levada tivesse engrossado muito, nas proximidades da freguezia e na parte do monte em que o terreno já não era tanto a pique, a agua havia-se alastrado pelas hortas que medeiam entre a ribeira e a povoação, as quaes como geralmente acontece nos Açores, eram todas divididas por paredes.

Do momento que a ribeira quebrou algum tanto de furia, a vazante da agua que cobria as hortas, começou a correr dos predios que ficavam mais elevados para os mais baixos, atravez dos buracos e fendas dos muros divisorios, formados de pedras mal unidas e isto de tal sorte que formava os degraus de uma grande cascata, a começar a meio do monte, apresentando uma esplendida vista, quando alli se reflectiram os primeiros raios do sol.

E por vezes, como é sabido, a inundação das hortas tem occorrido com tal abundancia de agua, que quando esta escoia em direcção ao mar, o seu impulso tem mechido com os muros e terra em que estão firmados, dando-lhes differente posição do que antecedentemente, sem os desmoronar.

O dia de Reis, ainda assim, fez honra ao grande mysterio que recordava, o vento depois de tanta chuva havia afinal rondado ao norte e, embora frio, tornava os corpos ageis, o ceu desanuviara-se, deixando ver grandes espaços azues e o sol dava um tom alegre á pequena aldeia florentina.

Com aquella brillante madrugada reapareceu a alegria dos rapazes, como na primavera qualquer arvore tocada de flores faz chilrar jubilosos os campezinhos passaros.

A phylarmonica tratou de se pôr em ordem de marcha, pois queria chegar á Fajã-Grande á hora da solemne missa da Epiphania, uma escova trabalhou arduamente nos fatos dos viageiros, o tocador do bombo conseguiu que lhe prestassem um chapéu, o dono da casa levou muitos abraços e dois ou tres beijos d'alguem mais expansivo hospede, apromptaram-se as bestas, que tinham passado a tormenta n'um palheiro e ás sette horas da manhã, tocando uma festiva marcha e aos sons dos hurrahs d'alguns homens do lugar, sahio a phylarmonica em direcção da outra freguezia.

O trajecto, d'esta vez, foi mais feliz, illuminado por providente sol e quando o P.<sup>o</sup> Vigario da Fajã-Grande subia os degrãos do altar para a missa cantada da Epiphania, entrou na egreja, estrugindo tudo, a phylarmonica de Santa Cruz.



Foi um dia cheio.

O Padre havia-se de antemão preparado para a condigna recepção dos seus numerosos hospedes, cuja visita de ha muito estava annunciada e no presbyterio nada faltava, tanto em solidos, como em liquidos, meza franca, á antiga portugueza; e cara alegre.

A vacca e o riso de Frei Bartholomeu dos Martyres, mas com menos parcimonia do que usaria aquelle santo varão.

Os musicos acharam-se tão bem na Fajã-Grande, que ainda durou tres dias aquella grande patuscada.

Isto faz honra á hospitalidade d'aquella povoação, incluindo os dois sexos.

— Oh! . . . que abundancia de raparigas de encher os olhos, — exclamava repetidas vezes, com o mais sincero enthusiasmo, o nosso conhecido D. Juan desta festança — isto é que é uma terra! . . .

Effectivamente, na freguezia de que tratámos, pode-se viver muito rasoavelmente, sendo uma das mais importantes povoações da ilha das Flores, tendo varios e bem sortidos estabelecimentos de commercio, muita annuação, gente abastada e diversas industrias.

E' d'alli que, durante o verão, vem quasi toda a fructa que se vende na Villa de Santa Cruz, sendo muito afamados os seus figos e maçãs

E' prudente, porem, como aconselhamos ao leitor, não visitar aquelles sitios senão n'essa quadra do anno, para evitar scenas identicas ás que acabamos de referir, passadas na noite de Reis.

Nem todos são novos e nem todos são membros d'uma phylarmónica, tendo alem d'isso muita saude e numerosos companheiros, que o distraiam.

---

## XII

### O FOGO DE SÃO JORGE

(1808)

Muito poucas pessoas já hoje existem que sejam coetaneas, ou testemunhas oculares, do maior dos phenomenos vulcanicos que no actual seculo teve logar no archipelago açoriano, pois que setenta e seis annos tem decorrido desde essa epocha e que a morte com a sua tetrica impassibilidade tem ido atirando para a sepultura quasi todos aquelles que presenciaram, ou soffreram, as consequencias de semelhante catastrophe.

Haviam decorrido duzentos vinte e oito annos, desde que a ilha de São Jorge, sanando lentamente dos graves estragos que lhe havia causado a notavel erupção vulcanica de 28 de Abril de 1580 e então já enriquecida por abundosas e ricas searas, até por vezes nos proprios sitios anteriormente prêzas do fogo vomitado do interior da terra, vivia esquecida do horripilante espectaculo que havia flagellado os seus antigos povoadores, como o descuidoso nauta que passada a boia da tormenta, velado unida e tranquillã a superficie das agoas, perde quasi da idéa a tremenda voragem que alli encontrára.

E, não obstante, os vestigios d'aquella antiga lucta da natureza, ainda n'um ou outro sitio estavam bem evidentes, as crateras do cimo da escarpada ilha, embora na apparencia extinctas, permaneciam por em quanto estereis e apesar da força reparadôra da abundosa vegetação, as queimadas e *mysterios*, como lhe chamam nas ilhas, isto é, extensos tractos de solo devastado pelo fogo, completamente improdutivo, e formado as mais das vezes de negra pedra solta, apresentavam-se na sua pouca convidativa nudez.

A ilha de São Jorge, longa e estreita cordilheira de montes, de pouco mais de 11 leguas de extensão sobre pouco mais de 1 1/2 legua de largura, se pelo lado do sul tem algumas pittorescas povoações, assentes no declive das alterosas serras que descem até à beira do mar, assume no lado do norte, em que as rochas de notavel altura são talladas a prumo, mergulhando em profundissimo oceano, o mais severo aspecto, que infunde tristeza a quem, como já nos aconteceu, da tolha de um paquete vai, cosido com a terra, costeando durante algumas horas aquella inclemente paragem, aonde a vaga, com furiosos impetos, arrebenta d'encontro a tão gigantesca muralha natural, sem hospitaleiros cortes na sua uniforme rudez, desde a ponta do Tôpo, até à sua occidenal ponta dos Rosnes.

Ainda assim aquella perspectiva é imponente, nem se esquece com facilidade, parecendo um anteparo intuenso para abrigar o canal que do outro lado da ilha se estende até ao Fayal, acompanhado a leste pela fronteira da ilha do Pico, que d'alli domora apenas a duas horas de viagem.

Quando tratei de n'estes apontamentos, concernentes ao archipelago agoriano, registar, ainda que ao correr da penna, a grande erupção vulcanica occorrida na ilha de São Jorge, no anno de 1808, apesar de alguma coisa ter lido do que a semelhante respeito se escreveu, nutria, não obstante, o desejo de conversar sobre este assumpto com alguma testemunha d'essa terrivel occorrenda.

Nas primeiras tentativas fui infeliz, apenas encontrei um homem de noventa annos, pois estavamos em 1884 e elle dizia ter quatorze quando vira o fogo, que me deu algumas succintas indicações. Era natural da ilha do Pico e contava que n'aquelle nefasto dia, estando elle e outros rapazes a bailar n'uma *folga* da sua freguezia, começa-

ram a ouvir uns estrondos semelhantes a peças de artilheria, os quaes se repetiam amindadas vezes.

A casa da folga era ao rez do chão e para além do caminho de-frontava com alterozo muro que lhe roubava a vista do mar. Movido, porem, de curiosidade, um dos companheiros trepou ao tal muro, para do cume do mesmo ver o que se passava, julgando que fosse algum navio que andava perto da costa a atirar tiros de canhão.

Apenas, porem, chegado ao improvisado observatorio, o rapaz piceense começou, transido de medo, a chamar em altos gritos a gente que estava no interior da casa, para que viessem ver o que acontecia, pois que a ilha de São Jorge estava a arder, sabendo dos montes jorros de fogo e arrojando aos ares grandes penedos.

Abriam, então, immediatamente, o portão de uma vinha proxima e toda a gente que estava na *folga*, homens e mulheres foram d'alli presenciar o *castigo* que estava retalhando aquella infeliz terra e convictos do perigo a que também os ameaçava a proximidade d'aquella desgraça, correram em seguida para a igreja, na maior agonia, a implorar a misericordia divina.

O templo da freguezia já estava apinhado de povo, sahindo pouco depois uma procissão até ao porto, d'onde, com um crucifixo erguido nos braços do Vigário, abençoaram por tres vezes a ilha presa das chamas.

Todo aquelle dia e subsequente noite passou o povo nas praias, ou na igreja em ferventes preces ao Altissimo, até que no dia immediato começaram a chegar á ilha do Pico, lanchas e barcos de São Jorge, com muita gente fugida, cantando diversas e lamentosas peripecias do que na sua terra estava acontecendo, com prejuizo de vidas e fazendas.

O velho não dava mais razão de si, isto tudo já fora ha tantos annos . . .

Algum tempo depois d'esta breve narrativa, ainda na ilha do Pico, aconteceu-me conversar com um egresso que, extintos os conventos, ha muito tempo alli vivia d'uma modica pensão paga pelo Estado.

Morava n'uma remota freguezia, da qual, segundo colligi, era oriundo.

Eu gostava muito d'este humilde e honrado vaihinho, era homem que possuia uma tal ou qual instrução adquirida no convento, confidencia bem musica e pedia-me constantemente livros para ler, mas que fossem alegres, pois para tristezas, dizia elle, bem me basta a sandoza recordação da minha cella e de tantos companheiros finados.

Elle tambem, coitado, estava já com os pés para a cova, mas ainda assim amigo de rir e contava por vezes algumas anedoctas um tanto frescas da sua vida conventual, ratices de frades velhos ou fragilidades dos novos.

O Frei Mathens, que assim se chamava, vivia, quando o conheci, em casa de uma *afilhada*, que o povo do lugar teimava que era sua filha, a qual estava casada com um trabalhador de vinhas.

O pobre frade, de coração mais liberal talvez do que alguns dos que o haviam expulsado do seu convento, gostava dos tempos antigos pela abundancia que tinha gosado comparada com a pobreza moderna, mas, ainda assim não incriminava ninguém e, completamente inoffensivo, aguardava a morte com a completa serenidade de animo que só pode dar uma consciencia desasombrada.

Pêcha de homem entrado em annos, as conversas do egresso versavam quasi sempre sobre remotos factos que havia presenciado, ou a respeito de individuos que já ninguém conhecia.

Uma vez veio a terreiro a sua idade, confessando-me que já era leigo em 1808, quando rebentou o fogo em São Jorge, aonde então se achava com licença do guardião, indo do Fayal áquella ilha visitar um parente.

Esta maneira de contar edades nas ilhas do Fayal e Pico, tomando por ponto de reconhecimento a data de semelhante erupção vulcanica é muito trivial, principalmente entre a gente do povo e milhares de vezes temos ouvido: — eu nasci dez, vinte ou trinta annos depois do fogo de São Jorge.

— Então, — ousei perguntar — o Sr. Frei Mathens deve lembrar-se muito bem d'esses acontecimentos.

— A memoria, a dizer a verdade, já não me ajuda muito e conheço que vou tendo por vezes os meus esquecimentos, mas ainda assim e apesar de n'aquelle tempo ser muito novo, apanhei tal susto que me hade lembrar até á morte.

— Dias d'afflicção, hein?

— Olé! . . e das grandes. Foi no 4.º dia de Maio, no domingo do Bom Pastor, que rebentou o fogo, mas já havia uma semana que amudados tremores de terra sobresaltavam o povo d'aquella ilha e tão violentos, por vezes que, mesmo alta noite, muita gente se levantava das camas, sahindo para o caminho, com medo que a casa desabasse.

No dia, porém, a que me refiro um singular prenuncio veio ainda mais alvoroçar os já tão apreensivos animos dos jorgenses, sendo que das immedições da populosa freguezia da Urzelina o gado corria em debandada na direcção do norte da ilha, rebentando as cordas a que estava prôzo, saltando vallados e, como lúco, atravessando em cele-re fuga as ruas da povoação, derrubando na sua passagem quanto encontrava.

Um inexplicavel terror havia-se apossado dos irracionais e quem aquella occorrença presenciava, tocado de identicos sentimentos, fugia tambem, instinctivamente na mesma direcção.

Eu, meu tio e a sua familia, seguimos por aquelles campos fóra

a maioria dos nossos vizinhos, implorando a misericórdia de Deus e sem sabermos se estava chegada a nossa derradeira hora.

Proximo do meio dia a terra oscillou mais do que nunca, com medonho e sons estampido e d'um dos mais altos sérros da Urzellina, diversas columnas de fogo, eguaes no bramir a caudelosa ribeira, se arrojavam a grande altura, espalhando no espaço pesadas e ameaçadoras nuvens de negra côr. todas crivadas de pontos luminosos, como se fossem bordadas de estrellas vermelhas, nuvens estas que alastrando-se por sobre quasi toda a ilha, mas empanava-se a sempre decrescente claridade do dia, volvido quasi em tenue crepusculo.

— Que magestoso espectaculo isso devia ser!

— Não sei se era magestoso, que o medo não dava logar a observações d'esse genero, o que todos nós, porem, julgámos era que havia chegado o dia do juizo.

A terra estava palpitante e de instante a instante, como ferida d'um ataque epileptico, n'uma mais forte convulsão arrojava do seu seio maiores volumes de fogo, uma espuma de cor de sangue refer-via nos labios e pelas encostas da cratera, e dobravam pelos ares enormes pedaços de rochas e brazas de diversos tamanhos, que depois cahiam ora n'um ora n'outro sitio d'aquellas immediações.

A bulha que então ouviamos semelhava a do mar quando furioso e com maré de enchente investe contra a costa, ou então á vasante de uma ribeira, quando vae muito engrossada e que cae subitamente d'uma quebrada da serra.

E a par d'isto a chuva de cinzas, a escaldar, que cahia n'uma grande área, tanto mais que o vento então calmo não a sacudia, como depois, n'uma determinada direcção, não era de somenos perigo para toda a gente que das proximidades da cratera, apressadamente fugia. Esta cinza era finissima, dificultando a respiração, depositando-se nas folhas das arvores e dos arbustos, as quaes resequidas em breve pendiam para á terra, agglomerando-se egualmente nos telhados das cazas a ponto de por vezes as abater, e convertendo os verdejantes campos n'um solo quente e encommado, como se quem o trilhava marchasse atravez d'um inclemente areal africano, na maior força do calor.

— E não houveram então victimas?

— Desgraçadamente assim aconteceu. Nós andavamos perdidos no meio d'aquella terrivel poeira, como no alto mar qualquer navio envolvido em fechado nevoeiro, ouviam-se gritos d'afflicção sem que soubessemos d'onde partiam, preces e imprecações proferidas não se sabia por quem . . . Em summa, eu posso affiançar ao meu amigo, que já presenciei algumas horas do inferno.

— E quem foi o anjo Gabriel que d'alli o tirou. Frei Matheus?

— Sempre acreditei que foi Deus que, por milagre, ainda me quiz conservar a existencia. O acaso conduziu-nos sempre na direcção do

norte, umas vezes cabindo nas depressões do terreno, outras atolhados em cinza até quasi aos joelhos, fatigados, ofegantes e banhados em suor.

Afinal sahimos d'aquella atmosphera soturna, horrivel, e olhando para traz vimos que envolvia parte da serra, exactamente como a *arrumação* da tarde quando, ao sol posto, poisa sobre a crista das montanhas,

A reverberação do fogo espelhava-se já no mar, emprestando a todos os objectos, até alli descer, o mais phantastico aspecto.

Respirámos a plenos pulmões o ar mais leve que n'aquella distancia se encontrava, com a sofreguidão que um exausto caminheiro, a morrer de sede, sorve algumas gotas d'agua.

— Tristes scenas, Fr. Matheus, todos os habitantes d'estas ilhas mais ou menos, tem tido dias atribulados devidos ao vulcanismo agoriano, mas esse lance foi, na realidade, dos mais terribéis.

— Terrivel e duradouro — continuou o egresso — basta dizer ao Sr. que o dorso da ilha de São Jorge ficou, na maior parte retalhado de crateras, furnas e fendas fumegantes, rebentando successivamente novas boccas do vulcão nos dias dois, tres, quatro e onze do mesmo mez de Maio, e isto em diversos sitios, bem como no dia vinte e tres repetindo-se com egual furia uma nova explosão nos serrões da Urzelina, durando a grande actividade das crateras até 10 de Junho seguinte.

— Mas então as caudaes de fogo que, necessariamente, corriam até ao mar deviam occasionar grandes devastações?

— Assim foi, muitos moinhos de terra de semeadura ficaram de todo requeimados e improductivos, a lava havia formado cinco grandes ribeiras que se despenhavam em chaminas, desde o cume da ilha até ao mar, cujas agoas não tinham o poder de apagar esse incendio se não depois de se estender a grande distancia da sua superficie . . . aquillo tem muita força, não morre assim.

— E a que distancia entrava a lava pelo mar adiante?

— Não saberei dizer com exactidão, mas o Sr. hade ter visto muitas vezes quando vem do matto uma ribeira estender as suas turhidas agoas por sobre o mar sem que se confundam alli facilmente, como a gente conhece pela differença da côr, pois era a mesma coisa, mas em ponto maior, estavamos no meio d'um pavoroso incendio, por toda a parte viamos o fogo, e tanto de dia, como de noite era aquella a illuminação que havia, o peor, porem, não foi ainda isso . . .

— O que houve mais, diga?!

— As *nuvens ardentes*, que essas é que mataram muita gente e maior destroço causaram nos gados e nas propriedades. Eu não sei explicar bem semelhante *castigo*, nem mesmo julgo que os homens da sciencia possam indicar proficientemente a causa de semelhante phenomeno. Quando estava para se formar uma das taes nuvens, a boc-

ra da cratera por aonde ella ia surgir quedava-se alguns momentos de vomitar labaredas e depois lá apparecia no cimo da serra, nos labios mesmo da cratera, como uma bola escura, que começava a dobrar n'aquelle sitio, indo-se gradualmente avolumando, até tomar gigantescas proporções, formando afinal um globo immenso, todo negro e com uns reflexos avermelhados. Começava então a sua descida pelas vertentes da ilha, isto com incrível rapidez e girando sempre sobre si mesma, ouvindo-se os agudos silvos que produzia na rapida translação, como uma enorme bala de artilheria que rompesse os ares. Os terrenos por onde passavam as *núvens ardentes*, como chamavam a este phenomeno, ficavam estereis e revolvidos como se tivessem levado uma profunda cava e a nuvem derrubava, no seu transitio, as arvores, arrazava as cazas e a quem estava nas suas proximidades, faltava o ar e immediatamente morria asfixiado. Fulminava como um raio.

E, direi mais ainda, que o trilho por onde havia seguido a nuvem, alem de requemado, ficava tambem coberto de uma espessa camada de lavas, um palmo alagado e escorregadio, no qual podiamos mergulhar qualquer objecto.

A *nuvem ardente* rolava, invariavelmente até ao mar aonde se ia desfazer, ou rebentar, levantando fortissima agitação nas agoas. Foi esta a causa dos maiores destroços e mortes que houveram, tanto mais que era completamente desconhecida semelhante occorrenciã. Só a primeira *nuvem ardente* que se despenhou da serra roubou a existencia a mais de trinta pessoas, não contando as muitas outras que se lhe succederam.

— E Fr. Mathieus estava por alli proximo?

— Sim Sr., apesar da familia de meu tio haver buscado guarida na Villa das Vellas, por mais afastada, e a qual estava apinhada de povo que dormia nas rnas, ou nos adros das egrejas, ou, com a curiosidade de rapaz, andava com outros da minha idade ora n'um ora n'outro sitio e pouco escapou que não vissemos de todas as desgraças que então succederam.

Aquillo era um tal fugir de gente para as ilhas do Fayal e do Pico!

— E sen tio ficou em São Jorge?

Elle tambem queria fugir, mas é que não haviam lanchas e barcos para todos, os marinheiros ganharam n'essa occasião muito dinheiro, pedindo carissimo pelos fretes e até vieram embarcações das ilhas mais proximas. Só o que não lhes daria o Ouvidor e o Juiz de fora, para se verem livres d'aquella rascada.

— Ah! . . . o Ouvidor ecclesiastico fugio mais o Juiz?!

— Tão mal avisados acha o Sr. que elles andaram, para fazer essa admiração?

— E' que me parece que deviam permanecer no sen posto, um como padre, para prestar os valiosos serviços espirituaes, e o outro

para evitar os roubos e desordens que sempre, é sabido, occorrem em identicas occasiões, pois que ha gente capaz de tudo.

— Assim será, mas olhe que é facto que elles foram dos primeiros a abalar, até por signal o Ouvidor foi para o Fayal, o Juiz de fôra é que não me lembro bem para onde . . .

— E todos os Padres fizeram o mesmo abandonaram os seus rebanhos ?

— Não Sr., e isto seja dito em honra do clero açoriano, houveram até exemplos da maior dedicação e valor d'animo, muitos sacerdotes vi eu, por entre as chamas, meios queimados e negros das cinzas, mas de crucifixo em punho, confortando os agonisantes, ou soccorrendo os feridos, as procissões cruzavam-se em todas as direcções e os templos estavam sempre abertos e cheios de povo.

— Louvor a quem soube, dignamente, cumprir o seu dever.

— Olhe, a valentia do vigario da Urzelina, n'este conflicto, foi admiravel, aquelle padre, apesar da proximidade do vulcão, nunca se arredou da porta da sua egreja, como um fiel soldado nunca desemparrá o seu posto. N'um d'esses dias uma das taes *nuvens ardentes* matou á sua vista muita gente e era tamanha que tornou em completa escuridade aquelle sitio, como se fosse alta noite. O Vigario julgou que não podia sobreviver e que estava chegada a sua derradeira hora e revestindo se dos seus melhores trajes sacerdotaes, dirigio-se ao altar mór da sua egreja, accendeu todos os círios do Sacratio e commungou reverentemente, para consumir a hostia, obviando assim a que lhe podesse tocar a imunda lava. Pois bem, a nuvem passou a branir, n'um redemoinho espantoso, e respeitou aquelle ministro de Deus. Este caso deu muito que fallar !

— O verdadeiro espirito religioso tem, em todas as epochas, apresentado os mais admiraveis exemplos de valor e abnegação. Os homens, como esse de que trata, tem jus á veneração dos vindouros.

— Pouco mais tenho a acrescentar a esta narrativa, que já vai longa, o Sr. metteu se de conversa com um velho e estes, é proverbial, são sempre importunos, em tratnido de coisas do seu tempo.

— Ao contrario, fico-lhe muito grato por semelhantes informações, é possível que um dia as escreva n'uns apontamentos que ando colligindo.

— Seriam muito deficientes, bem vê que não tenho a intelligencia necessaria para lhe poder dizer coisas bem ditas, conto apenas singelmente o que vi.

— E com isso me satisfaço. Responda-me apenas a mais uma pergunta Fr. Matheus, esse anomalo estado da ilha ainda se conservou por muito tempo ?

A lava foi decahindo gradualmente de furia, já não sahia em borbotões das crateras e as ribeiras de fogo que corriam para o mar tambem successivamente se extinguiram. Por muitos mezes, porem, pes-



soa alguma podia transitar pelos curtes da ilha, pois além de profundas fumas, haviam occasionaes derrubamentos de terreno e fendas no solo, sempre fumegante, que expelliam venenosos vapores, com muito cheiro a enxofre.

Isto durou assim muito tempo, annos até.

Lembro-me de ouvir contar, dois annos depois da erupção e estando eu já no Fayal, que a uns pobres trabalhadores que tinham ido limpar um poço da beira mar, ao mecher no lodo, do mesmo, levantou-se uma lufada de vapor, identico ao do cimo da montanha, que logo os matou. Eram, ao que parece, ainda vestigios do vulcão.

— Com certeza. E não houve quem tomasse apontamentos de todos esses factos?

— Acredito que sim. São Jorge foi sempre uma ilha que tem contado pessoas muito dadas ao estudo e alguns até bastante notaveis. O dr. João Teixeira Soares, por exemplo, ainda que nascido depois d'esses acontecimentos hade saber muito bem de tudo isto, que é homem muito instruido.

— É uma das glorias açorianas, acredite: — o seu nome ficará para sempre vinculado a este archipelago, como o de um dos seus mais prestantes fillos.

— Conheci-o muito novo, quando já viera de Coimbra . . .

— Hoje está um velho e passando uma vida quasi de conchita; entre os seus livros que são os seus mais dilectos companheiros.

A este tempo entrou em casa o marido da afilhada de Fr. Matheus, viúva do matto, cansado d'um dia inteiro de fadigas.

A mulher, na cosinha, fazia-lhe a ceia e eu tornava-me talvez importuno alli.

Despedi-me, pois d'aquella boa gente e retirei-me.

Pobre Fr. Matheus! . . . ao tempo que estou escrevendo estas linhas já de ha muito que dormes socegado n'uma sepultura da humilde aldeia do Pico, aonde residias e bem assim toda a imprensa açoriana tambem registou nos mais sentidos termos o passamento do erudito dr. João Teixeira Soares, um dos homens que mais porfiadamente estudou tudo o que dizia respeito à sua patria.

Nos importantes documentos, relativos ao archipelago açoriano que consta haver deixado este illustrado homem de letras, é que muito naturalmente deve existir minuciosa descripção concernente ao tremendo cataclysmo occorrido em São Jorge em Maio de 1808.

Sirva esta indicação de aviso aos futuros escriptores, da ainda virgem historia açoriana, em data mais recente do que a do Dr. Fructuoso, ou das phantasias do Padre Cordeiro.

### XIII

## O CABOZ

(Ilha do Pico)

Quando conheci o Caboz, como na freguezia era denominado, teria elle uns setenta annos de idade. Era um velho magro, de olhos vivos como os de furão e vivendo sosinho, á beira da costa, n'uma pequena caza coberta de palha.

O interior d'esta moradia rivalisava com o seu desgarnecido exterior, terreo, deformado, negro. A um canto uma encherga, a casa sem divisão alguma, o lar lá no fundo, uma pequena caixa de madeira, um caldeirão e algumas pucaras de barro e mais nada a não ser varios canços, de diferentes dimensões, atravessados sobre as tres traves que sustinham o tecto.

O Caboz toda a sua vida fora marítimo.

Começara aos nove annos a trabalhar, como moço n'um dos barcos que, diariamente, da ilha do Pico vem á do Fayal, com passageiros, lenha e fructa, lavava então o barco, deitava com o bartidoro a água fóra da caverna e ficava de vigia a bordo, quando a companhia ia para terra.

Com o decorrer do tempo crusou assim o canal centos e centos de vezes, já sabia *mandar*, nem alli o vento ou maré tinham segredos para elle, bastava olhar para as aguas para lhe conhecer a feição.

Aconteceu tambem ser um dos marinheiros do barco «Santa Clara» n'aquella perigosa viagem em que vindo do Pico não poudo tomar a ilha do Fayal e foi por esses canaes abaixo, varando São Jorge, até dar comsigo na Terceira.

O barco estava carregado com pipas cheias de vinho, andou duas noites e um dia á mercê das vagas, debaixo de medonha tempestade, morren muita gente a bordo, outros ficaram com os braços e pernas despedaçadas, pelo choque das deslocadas pipas, mas o Caboz escapou incolume e alli estava são que nem um péro.

Aos vinte annos casou com a filha de um outro marinheiro, offerecendo-lhe o sogro, por esta occasião, uma velha e pequena lancha que possuia.

Estava realisado o seu maior sonho de grandeza, ter afinal uma embarcação.

Deixou então o barco em que ba tantos annos andava, para se tornar n'um pescador, de cujo mister já tinha pratica nas suas horas vagas.

Na lancha que o sogro lhe dera percorreu toda a fronteira, volta-

da a oeste, da grande ilha do Pico. Conheciam todas as baixas, todas as pedras, fumas e enseadas d'aquella muito perigosa, negra e traiçoeira costa.

O producto da pesca na sua embarcação, em que andava geralmente sosinho, ou com algum rapaz de tenra idade, rendia-lhe apenas o necessario para ir vivendo mais a mulher.

N'um inverno, porem, sobreveio-lhe uma verdadeira desgraça.

Tendo ido ao mar, o tempo perto da noite, atracou-o ao largo e vinha com duas pedras na mão.

Pôz o rapaz á escôta e elle ia ao leme, galgando com assombrosa mestria as grandes montanhas d'agua que de momento a momento mais soberbas se levantavam.

Quando chegaram ao porto era já noite cerrada e desde muito fôra o mar rebentava, não se encherando mais do que um immenso lençol de escuma em toda a rude costa.

A manobra foi bem feita, disseram-n'o depois todos os entendidos do mar, atrevida, quasi temeraria, a lancha enfiou-se valentemente pelo estreito porto dentro, todo orlado de cachopos, nos quaes o mar rebentava com o estampido dos mais ruidosos canhões, mas era tal o embate desenhado das vagas dentro d'aquella enseada, que a embarcação desobedecendo um instante ao leme, desviou-se da carreira direita que levava e roçou o fundo por cima d'uma pedra. Ainda assim a lancha conseguiu chegar á praia, mas cheia d'agua e com um immenso rasgão no bojo, uma verdadeira navalhada na barriga.

Foi varada no cascalho e por aquelles dias não sahio mais ao mar, aguardando o necessario concôrto, o pauco conheceu-se que tambem ficára estragado e o mastro rendido.

Que dinheirão seria preciso para reparar aquillo tudo!

Assim foram decorrendo mezes, o Caboz á espera de dinheiro para concertar a lancha e indo pescar de canço ás pedras para aguentar o folego, mais da sua companheira.

A pesca dos sargos é a mais lucrativa das pescarias de pedra, especialmente durante o inverno em que todo o outro peixe foge da rebentação.

Mas o sargo velho, o maior, é muito matreiro e durante o dia raras vezes morde no anzol, anda em redor do mesmo, cheira, afasta-se, volta, torna a cheirar e . . . desapareceu pelo mar fôra, levando as pragas dos pescadores.

De noite, porem, e em sitio de rebentação e d'aguas turvas o caso muda muito de aspecto e deixa-se apanhar abmidosamente.

O Caboz e a mulher iam, pois, á pesca de noite, não havendo tempo que os detivesse e, conforme a maré, ás onze, meia noite e até mais tarde.

Conheciam os mais remotos e arriscados pesqueiros.

Uma noite, escuríssima, iam pescar para a pedra do Inferno. Au-

tes de chegar áquelle tenebroso sitio, que se projectava muito pelo mar adiante, tinham o Caboz e a mulher de saltar de pedra em pedra, algumas todas circumdadas de mar profundo e aonde a resaca trabalhava furiosa.

O pescador caminhava adiante, de cêsta com o engôdo no braço e com dois caniços ao hombro.

Não se via dois palmos adiante da cara: e o mar, rebentaudo nas pedras, rugia estrondosamente.

- Dá cá o cesto, disse em voz alta a mulher, quando se achava a meia distancia do pesqueiro e com refervente mar d'um e outro lado.

O cesto, para que? — perguntou o Caboz.

- É que isto aqui é fundo, as pedras tem muito lino e poeas dar algum escorregão . . .

- Toma sentido em ti e deixa-me cá, não conheces a costa mais *melhor* do que eu.

- Pois sim, mas é que . . .

A bulha do mar não deixou perceber o resto e o Caboz continuou na sua derrota.

Afinal saltou para a ultima pedra, voltou-se para traz e disse:

- Agora aqui é que é preciso cautella, o mar é fundo e rebenta que nem n'um *respingadouro*. O Maria, anda d'ahi, onde diabo estás?!

Ninguém lhe respondia, nem podia responder, o mar já ha pedaço que lhe havia levado a mulher, ao saltar de uma para outra rocha, das quaes havia medido mal a distancia, e os gritos da afogada tinham sido abafados pelo rebrantar da vaga.

O Caboz fez todas as diligencias possiveis, para, viva ou morta, encontrar a mulher, andou toda a noite na costa e invectivava o mar, como se este fosse uma creatura vivente:

- Então, você, Sr. patife, não me quer entregar a Maria, hein?.. Ah! pedaço de mariola! . . . Puf . . . e cuspiu nas ondas. Dá cá para aqui a minha mulher, anda . . . Ah! não queres, espera lá — e pegando n'uns calhaos arrojava-os ás vagas — enraivece, enraivece para ahí, diabo!

E de facto a escuma da rebrantação cobria-o todo e d'outras vezes agarrado a alguma pedra ficava com agua até ao peito.

Amanheceu afihal e o mar jamais lhe entregou a sua Maria.

O tempo foi decorrendo — passou um, dois, tres mezes, e o Caboz afinal resignou-se com a sua sorte.

Do concerto da lancha era coisa de que nem já se tratava, estava cahida á banda no cascalho, sem algumas taboas no fundo e os galafes iam para dentro da mesma fugir um navio que tinha dado á costa.

O Caboz, continhou por muitos annos, a ser pescador de pedra e do mar tirava, exclusivamente, a sua parca alimentação.

Envelheceu n'aquelle mister.

Uma vez, porém, foi em Fevereiro, na força do inverno, o mar deparou-se durante uns oito dias tão mau que não havia pesca possível, a vaga do norte lavava toda a costa, enormes vagas rebotavam ainda muito fora, arrojando-se furiosas contra os rochedos, enfiando-se pelo porto adentro, indo derrubar paredes das predios mais proximos do mar, levando os portões d'estas propriedades.

Os barcos não saíram n'esses dias, para a sua habitual carreira entre o Pico e o Fayal e as companhias tinham-os ido varar a grande distancia da costa. Parecia que o Oceano queria devorar a terra!

O Caboz passou, então, fome.

N'essa difficil conjunctura lembrou-se que por vezes do melhor peixe que na costa apanhava, tinha feito presente ao Sr. Vigário, ora, como no dizer popular, uma mão lava a cara e duas lavam o rosto, não era de estranhar ir até a casa do padre e pedir-lhe alguma coisa para comer.

O sacerdote havia acabado de jantar, estava farto e de rubra cor.

— Ora Deus esteja com o nosso padre vigário — disse-lhe o Caboz, de barrete na mão e sem transpor a porta da entrada.

— Adeus, velhote, então que temos de novo?

— E' que saiba V. S.<sup>a</sup>, o mar tem estado levado de seis centos...

— Bem sei, homem, bem sei e por signal que me faz bastante falta um peixinho para o jantar, já estou farto de carne . . . urh . . . carne assada . . . carne cozida . . . carne de molho . . . urh . . .

— Isto hade melhorar se Deus quizer . . . em o vento saltando ao sul temos bonança na costa.

— Mas então vamos a saber que é isso? . . . tu por aqui . . .

— E' que, acredite V. S.<sup>a</sup>, que isto tem sido uns dias maldictos, nem um sarguinho, nem nada.

— O tempo ha de melhorar, como dizes, em o vento saltando . . .

— Pois sim senhor, ninguém duvida, mas é que no *entrementes* a bocca não espera e a gente passa fome a valer.

— E' o que eu te disse, já estou aborrecido de carne . . . sempre carne . . .

Mas o Sr. Vigário ainda a tem, mas cá a *porrêsa* é diferente.

— Aunos maus, é verdade.

— Ora como en, desde hontem, que não tenho nada que comer, vinha pedir uma esnola ao nosso vigário, qualquer coisa me arranja...

— O' filho da minha alma, tu bem sabes que as esnolas, que eu posso fazer são as espirituaes. . . sim . . . confia na Providencia . . . eu esta noite pedirei a Nosso Senhor que abraque o mar.

— O' Sr. padre apenas umas batatas, d'aquellas que estava hontem tirando do cerrado.

— Escuta, homem, tu bem sabes que aquillo era um terreno todo de lava, que eu mandei despedaçar a alvilão e marrêta, para ir pro-

curar debaixo a boa terra, aquellas batatas estão-me por um dinheirão e reservo-as todas para semente, bem vós que é impossível dispôr d'ellas de qualquer maneira.

—Meia duzia que fossem arranjavam-me por hoje . . .

O filho da minha alhoa, esmolas espirituaes faço eu sempre, mas não posso ir além d'isso, os tempos vão muito maus e todos nós temos necessidades.

—Mas então o Sr. padre quer que eu arrebente de fome?

—Qual fome, nem meia fome . . . vá para a costa que sempre hasde arranjar alguma coisa, eu cá ficarei resando por ti.

E o padre despedio o pescador.

O Caboz foi d'alli procurar o taberneiro do lugar que, mais compassivo do que o vigário, lhe fiou meio pão de milho e dez reis de queijo.

A marezia continuava soberba e na subsecente noite tomou proporções de uma verdadeira orgia oceanica.

A casa do Caboz adjunta aos rochedos da beira mar, por vezes ficava toda cercada d'agua, cahindo-lhe em cima nuvens de espuma, qual pesada chuva.

—Olha o que vai fóra! . . . dizia o pescador, estendido na sua encherca — o menino está hoje atrevido . . . passa mariola! . . . se não fosse por que, ia-lhe ver o cariz . . . Não me esqueça o padre . . . tanto sargo me tem comido e não me deu nem uma fatia de pão! . . .

Este monologo foi interrompido por um empuchão tão forte do mar contra as paredes da casa, que parecia que a pequena habitação ia baquear por terra. — Passa! . . . está com o diabo no corpo . . . ora eu sempre quero ver isto . . . — e o Caboz levantando-se foi botar a cabeça a um postigo do lado do mar.

A noite não estava muito escura e além o ceu estrellado, mas quanto a vista alcançava era uma esteira de revolta espuma, por cima dos rochedos da costa.

—Olé! . . . temos novidade . . . que almanjarra será aquella?!

O pescador via, perto da costa, um grande volume negro e mais arima como os pannos de uma embarcação.

E' um navio, não tem que ver . . . a maré ensacou-o contra a pedra e agora lá se vai com seis centos . . .

Efectivamente aquelle peculiar som do baquear d'um navio contra as rochas, chegou-lhe distinctamente aos ouvidos e de envolta com o bramar do mar alguns confuzos e affligidos gritos.

—Não escapa nem um rato! . . . — exclamou o Caboz, e como as casas da povoação ficavam d'alli distante e fosse elle o unico morador da costa, lançou, apressadamente, não de um cabo da pesca, expólio ainda da lanchar e correu em seguida, para a beira do mar.

E de facto, era um navio, uma barca, que mettendo-se de noite a atravessar o canal, a maré puchara para junto da costa do Pico e

que *mentindo* ao virar de bordo se achava agora irremessivelmente perdida.

A barca colava muito com a arrebentação das enormes vagas, que toda a cobriam de espuma, deitava-se quasi a tocar com os mastros n'agua, ora para um ora para o outro lado, cahiam-lhe já do arvoredo alguns paus, até que afinal ficou algu n tempo presa em pontas de pedra mais prefurantes.

O mar achando aquelle obstaculo galgava-lhe furioso o casco todo e os gritos da tripulação continuavam medonhos.

O Caboz, unico espectador d'aquella triste, mas não rara scena n'estas paragens, contemplava ansioso a perda do navio.

— E' o que eu disse, não escapa alli nem um rato! . . que te levem seis centos . . se houvesse um cabo de vae-vem . . passa mariola! . . não me importa, vou ter o fim da minha mulher, mas heide experimentar se salvo um ao menos que seja . . anda Caboz! . .

E o velho benzendo-se, como por despedida da vida e mettendo-se por entre os cachopos, conseguiu atar uma das extremidades da comprida linha de pesca á ponta saliente de um rochedo e a outra extremidade á sua cintura, depois, em quanto ponde trepou por cima das pedras, até que afinal arrojou-se ao mar, nadando denodadamente na direcção do navio, em luta titanica com o Oceano.

Por um acaso providencial o mar atirara agora com a embarcação mais para dentro uma boa porção de metros e quando a aterrorizada companhia, julgando-se completamente ao desamparo, tinha perdido toda a força moral, de repente surgiu-lhe pelo castello de proa aquelle homem, coberto de sangue, mas com um cabo de salvação.

As lanternas de bordo illuminaram um verdadeiro heroe.

Não havia tempo para delongas, o navio podia-se abrir d'um momento para o outro, o Caboz não se entendia com a linguagem d'aquella gente, mas ainda assim, pondo-se immediatamente em acção de trabalho, reanimou a tripulação que, desde logo, valendo-se da corda presa em terra, começou a estabelecer um apparelho para se livrar d'aquella rascada.

O casco alteroso da barca permittia, por meio da corda, uma relativamente facil descida para a costa, o velho marinheiro foi o primeiro a ir pelo cabo e dentro de meia hora, á força de muito trabalho e com a brevidade de uma questão de vida ou de morte, estavam salvos doze homens e um cão, isto é, todos os seres vivos que trazia o navio.

N'esta difficil tarefa o Caboz havia arriscado a vida inumeras vezes.

O navio era inglez e como se somente esperasse a salvação do ultimo dos seus tripulantes, momentos depois desfazia-se em bastilhas.

A não ser o Caboz, como não é raro acontecer nas costas insulanas, apenas alguns pedaços de madeira, de meia dúzia de palmos de

comprimento revelariam na madrugada seguinte, ter havido por aquelles sitios um sinistro marítimo.

Quantos e quantos naufragos n'estas circumstancias não tem aqui occorrido?

O pescador entendeu desde logo, assim que viu a tripulação salva, já sobre a madrugada, que o mais necessario era reanimar aquella pobre gente, dando-lhe alimento e boa agua-ardente para beber.

Gritou-lhe, pois, fazendo com a mão o acêno de comer: —Hotel, hotel! . . .

E caminhou com elles, pelo caminho acima, na direcção da casa do padre Vigario.

Quando chegou alli, reinava na habitação do ministro do altar o mais profundo silencio, sua reverendissima dormia a sono solto.

O Caboz fez os inglezes subir o baleão da casa, e com uma pedra baten fortemente á porta da entrada.

Ninguém lhe respondeu.

Segundou as pancadas, mas com tão estranha força que, momentos depois via-se luz por dentro de uma janella, sentindo se passos no interior da pacifica habitação.

O pescador alinhou os naufragos á porta do padre, collocando-se atraz de todos para não ser visto.

—Quem é que está ali?! — perguntaram de dentro.

—Gente de paz — respondeu o velho, disfarçando a voz.

Afinal o ferrolho da porta corren, uma grela da mesma abriu se, vendo-se uma mulher d'uns vinte e cinco annos de idade, com uma vela accesa na mão e que perguntou ainda, azedamente, para fóra:

Quem é que se querará confessar a semelhantes horas?!

O Caboz empurrou então os inglezes para o interior da casa, onde foram entrando com a sem cerimonia de quem transpõe a porta d'uma hospedaria e precedidos do enorme cão da Terra Nova.

A senhora ama gritava a bom gritar julgando que eram ladrões, e o padre attonito, em ceroulas, appareceu á porta do fundo, com um immenso barrête, enterrado até ás orelhas.

O pescador, descendo então, surratemente o baleão, saltou para o caminho, deitando a correr na direcção da sua moradia.

D'ahi a uma hora estava mettido na cama, pensando n'aquelle acontecimento e sem prestar a minima attenção ao heroico feito que praticára, arriscando a vida para salvar a dos seus semelhantes, murmurava com malicioso sorriso:

Esta foi bem armada! . . . e então nem que fosse de proposito, são tudo inglezes . . . Lá se vão com a bréca as batalas do vigario! . . .



## XIV

### O PADRE JERONIMO EMILIANO D'ANDRADE

O Sr. D. Antonio da Costa, um dos nossos primeiros escriptores nacionaes, n'um dos capitulos do seu notavel livro «Auroras da Instrução», referindo-se a Antonio Velaziano de Castilho, o poeta cego, a quem tanto deveu Portugal, no que diz respeito ao publico ensino, escreveu o seguinte periodo:

«Respeitando o classico, o erudito, o corajoso, que só deixou cahir da mão a enxada das letras no momento em que a morte lhe cortou a existencia, aqui só o tomamos como o iniciador apostolo, entre nós, da revolução que o seculo XIX operou na educação publica».

Com egual propriedade poderiam estas palavras ser applicadas ao homem benemerito cujo nome encina este capitulo, uma das mais solidas glorias agorarias, que ao seu aturado estudo deveu exclusivamente o proeminente lugar a que na sua patria chegou, consumindo a preciosa existencia no cultivo das letras, assim como em tornar mais faccis, mais abrangentes, mais comprehensíveis os pesados methodos de ensino que semelhantes ao rochedo de Sysipho esmagavam, mais do que davam vida, a quem lhes mettia hombros quando não eram abandonados, com tedio, a meio caminho.

Devotar uma vida inteira a este improbo trabalho, n'este paiz pessimamente remunerado, excede quasi as forças humanas, quando a consciencia d'um piedoso dever a cumprir não venha alentar os obreiros do bem, por quanto a lucta tem de ser tremenda e quasi sempre ignorada e o premio das fadigas diarias, de tanta dedicação e amor de tanto estudo e observação, o esquecimento, ou porventura o desprezo.

E geralmente acontece que esses homens que de coração se entregam ao cultivo das letras, a estudar o meio de com maior facilidade levantar o nivel intellectual dos seus concidadãos, occupados inteiramente n'este mister e alheios quasi sempre da turbida corrente da politica, vivem isolados e humildes, ao passo que os rasteiros membros d'uma ou outra facção partidaria, são por vezes inconscientemente erguidos ás summidades do poder, não devido ao merito proprio, mas sim ao arremesso da vaga que alli os elevou, por havel-os encontrado na sua passagem, sem curar dos seus precedentes ou do fim a que se propunham.

A justiça só mais tarde se faz e ás vezes até já tendo decorrido seculos, indo remecher nos sepulchros, ou fazendo surgir de obscura campa para os esplendores da gloria, aquelles que em vida só logram dissabores ou decepções.

E ao tempo que as nullidades que um capricho do acaso havia collocado em pedestaes que lhes não pertenciam, desapparecem cele-

res, como as sombras da noite varridas pelos raios do sol assim também a Historia, divindade impolluta como um juizo do Altissimo, inscreve reverente nos seus annaes o nome dos obscuros soldados do progresso que no olvido haviam fenecido, e são elles que d'esse momento em diante emborecem a patria, indicados como exemplo a seguir ás futuras gerações.

Não desconhecemos que n'outros paizes da Europa, por mais avançados do que Portugal, nas questões concernentes á instrucção do povo, o respeito consagrado aos benemeritos do eusino, vem encontrar os ainda em vida, decretando lhes honras e proveitos; entre nós, porem, é mais trivial, e isto durará ainda por muitos annos, que encontrem por galardão a misera encherça d'um hospital, na sua propecta idade, do que as regalias a que incontestavelmente, tinham jus.

De Camões, o soberbo poeta, até ao humilde Padre Aguilár, o bemfazejo instructor dos surdos-mudos, abundam muitos exemplos do que levamos dito.

Coincidio com o inicio da revolução franceza de 1789 o nascimento a 30 de Novembro d'esse mesmo anno do erudito açoriano Jeronymo Emiliano d'Andrade, na ilha Terceira, terra fadada para nobres feitos e varões illustres, occupando peregrino estadio nos fastos da nação a que pertence, pelo valor e sapiencia de muitos dos seus filhos.

Além d'isso as bellezas naturaes de que é dotada essa ilha, não são de somenos valia no seu esplendoroso diadema, havendo até mihi ponderosas opiniões de que a Ilha dos Amores, tão nomeada em todo o mundo civilisado desde a publicação do sublime poema de Camões «Os Luziadas» não era outra do que essa terra visitada provavelmente pelo egrejo vate, no seu regresso da India, no anno de 1569, isto pelas affinidades existentes entre a encantadora descripção do Camões e as perspectivas que apresenta aquella preciosa perola do atlantico.

A pobreza, e mais do que isso, o abandono, cercaram-o desguarnecido bérço de Jeronymo Emiliano, abandono de desnaturado pae que jamais deitou uma benção áquelle innocente ser a quem dera a existencia, deixando-o espurio de protecção, tendo por unico amparo os frageis braços de sua mãe, como a fragil vergonteia de enfesada arvore se encosta á mesma para resistir ao embate das tormentas.

Houve, então, um homem generoso, um verdadeiro ministro de Deus, que á imitação do divino Mestre, quando chamou para si as creancinhas, condoído tambem d'aquella infeliz creança, deu-lhe guarida na sua honrada habitação, abrigando-a da fome e do frio, prestando-lhe desvelos e carinhos de pae e semeando n'aquella alma, ainda em embryão, os germens do bem, que mais tarde haviam de fructificar apresentando abundante colheita.

Abençoada seja a sua memoria!

Era este padre o bemfazejo beneficiado José d'Andrade, do qual

mais tarde adoptou o seu protegido o apellido, como a unica maneira de demonstrar condigna gratidão ao homem a quem devia tudo quanto era e que lhe dera a mão na hora em que a miseria, ou o desvalimento o havia condemnado ao soffrimento, ou quem sabe, se á morte.

O pupillo do Revd.<sup>o</sup> José d'Andrade era então uma creança fraquinha, pouco alegre e amoravel. O seu olhar profundo poisava-se sobre a fronte veneranda do seu protector, sobre os seus cabellos brancos, como a scismar na maneira de ser agradavel.

Bem cedo adivinhou o que lhe cumpria fazer para retribuir ao seu protector, a muita amisade que lhe devia, era estudar, estudar muito. Assim fez.

Os livros tornaram-se-lhe os companheiros de todas as horas e curvado á sua mêza d'estudo, trocava os brinquedos proprios d'aquella idade pelas canceiras da aprendizagem, e, enquanto o sol lá fora irradiava esplendido por sobre serras e valles, tentando-o a ir ingolphar-se n'aquellas arcarias de verdura, n'aquellas sorridentes, alfonbras, o dever prendia-o á lição que tinha a decorar, ou ao problema que lhe dera o Padre Andrade e que timbrava em que estivesse, satisfactoriamente, resolvido em breve espaço.

A' noite, ao serão, é que eram os seus triumphos.

O dono da habitação, lindas as fadigas do dia deleitava-se n'aquelle tirocinio escolar com o seu pupillo, desenrolava a vasta erudição colhida na sua aprendizagem fradesca, esforçava-se por fazer comprehender ao seu educando o que o estudo e a idade lhe fôra ensinando, que era muito, e de tal maneira se houve que aos quinze annos portuguez e latim eram para o rapasito coisas familiares, podendo dar quinaes em homens já feitos e com muitos annos de cursar aulas.

Não tinha tido, até alli outro mestre que não fosse o Padre Beneficiado e este apenas lamentava que o discipulo fosse um pouco embaraçado no fallar, defeito natural que ainda assim, não o impedia de repetir, de cór, do principio ao fim qualquer ode de Horacio, sem lhe faltar uma unica palavra. Conhecia bem aquelle terreno.

Era necessario dar uma vida ao rapaz e a mais consoante com as inclinações de Jeronimo Emiliano, com a maneira pela qual havia sido creado e porventura com os desejos do Padre Beneficiado, era a sua entrada para um convento, donde a vida ao abrigo das necessidades inoporunas do seculo, lhe seria mais azada ao proseguimento dos seus estudos, nos quaes, apesar de bem novo, já d'algunha manciara era notavel.

Entrou, consequentemente, para o convento da Ordem de São Francisco, não estranhando alli as praticas religiosas, que já na sua anterior habitação lhe eram usuaes e revestindo sem tedio a estameinha conventual, considerada um valioso patrimonio para quem, desde o berço, fôra abandonado a estranhos cuidados.

Professou em breve.

Se nós nos transportarmos, em imaginação, á silenciosa cella do convento, observando, sem que sejamos presentidos aquelle pobre rapaz, n'um quarto desguarnecido, encostado a tósea meza carregada de livros; com singelo leito a um canto, encimado por um crucifixo, isolado, longe do bulício do mundo e n'uma posição assaz humilde, quando comparada com as diversas authoridades do convento, facilmente comprehenderemos que para um coração na primavera da vida, outros sonhos, doirados pelas aspirações ardentes da juventude, illuminados por profanos sorrisos e por festivas grinaldas de flores, deviam necessariamente, e não raro, alvoroçar o coração do joven franciscano, embora as prolongadas rezas e o ascelico cariz dos mais edosos frades protestassem, solenemente, contra semelhantes desvarios do pensamento.

Com que saudade não veria elle, em plena primavera, quando as arvores da cerca estavam todas vestidas de luxuriante verdura e de abundosas flôres, aquelle ninho de avesinhas fabricado no emaranhado de uns ramos mesmo defronte da sua janella!

Que ruidosa e alegre festa que alli ia, gorgeios ao amanhecer e ao cair da noite, desvelas de todas as horas, amôres innocentes á face de um céu sem nuvens, illuminado por prazenteiro sol!

Mas, nem para todos é a felicidade, Deus fizera á aquellas aves a esmola d'esses dias de supremo gozo, d'aquellas horas de maxima ventura e ainda que elle tambem vivia d'uma esmola, as dadivas dos homens são, sabem-no todos, muito differentes da manificencia do Altissimo, era necessario resignar-se com a sua sorte, ser grato aos seus protectores e não alimentar no peito peccaminosos pensamentos. Ainda assim aquelle ninho inquietava-o, esta é que é a verdade, e a primavera accendia-lhe na mente umas visões deslumbrantes . . .

Passados, porem, alguns mezes, tudo isso desaparecia com o seasonal cair das folhas, o ninho estava agora deserto a giada do norte em noites desabridas dos fins de Outubro batia-lhe contra as vidraças, as noites tornavam-se longas e de todos os sonhos e encantos volvidos, só lhe restava por distracção uma estante de livros a compulсар.

Continuava a estudar.

Aconteceu-lhe em breve, no convento, o que geralmente acontece aonde existe o verdadeiro merito, apesar de novo e da sua recente entrada n'aquelle recinto, foi investido do funcionamento das aulas de latim, aonde desde logo tornou-se assaz notavel pela lucidez das suas explicações, simples e expurgadas d'aquelle ferrenha catadura que apesar de se tratar de uma lingua morta, matava a paciência dos numerosos rapazes matriculados nas aulas conventuaes.

O mestre, porem, de nina aula era o discípulo de muitas outras: terminadas as horas do curso diario de que estava encarregado, descia modestamente o estrado de Professor e vinha para os bancos de

outras disciplinas imbuam-se com alguns dos seus proprios discipulos.

Foi assim que, com magnifico aproveitamento, aprendem tudo que no convento se ensinava, discipulos e collegas dos velhos leccionadores com os quaes privava e dos quaes era amigo dedicado, pois que o seu caracter franco e honrado jamais lhe suggerio na mente assomos de estolidas rivalidades, nem aquelles viam no Fr. Jeronimo mais do que um modesto amigo, respeitador dos velhos e bastante paciente com as suas, não raras impertinencias.

E diga-se aqui de passagem em honra das instituições monasticas, por vezes tanto denegridas até ao que tinham de bom, que a idéa democratica no interior d'aquellas populosas cazas foi sempre devidamente acatada, deixando o campo aberto para todas as aptidões se desenvolverem e subir até aos mais proeminentes cargos das diversas ordens.

As distincções nobiliarias do seculo morriam ao neophyto transpor a pesada porta de carvalho do monasterio, a uniformidade dos habitos não revelava as distincções sociaes, assim como nos seus arruados cemiterios eguaes eram as campas para todos.

Enfiemos, porém, esta breve narrativa.

Dos augmentos de Jeronimo Emiliano d'Andrade quem estava realmente encantado era o seu antecedente protector, o honrado Padre beneficiado José d'Andrade, vangloriando-se na sua obra e tomando como para si proprio os louvores que o seu *rapaz* recebia no convento.

Santo e respeitavel character! . .

A idade e os achaques trevies no inverno da vida prendiam no em casa muitas vezes, apouquentado e aborrecido pareciam-lhe eternos aquelles dias, mas sabido era que em tendo aviso do seu estado e correndo a visital-o o seu dilecto franciscano, o bom velho tornava-se outro homem, alegrava-se, ficava expansivo, contava anedoctas e com inoffensivas facecias commentava a chronica das hodiernas occorrencias tanto do seculo, como dos conventos da localidade.

Nestas salidas do convento nunca esquecia ao franciscano ir beijar a mão a sua mãe, d'elle inteiramente dependente para a sua parca alimentação, mas, por mercê divina, se o filho não lhe podia assegurar, como desejava, um certo numero de commodidades, ao menos a infeliz creatura vivia ao abrigo da miseria e em honrada mediania.

Depois de umas theses que, brillantemente, defendeu no consistorio de São Francisco e nas quaes mimaram parte, alem das sumidades litterarias dos diversos conventos da ilha Terceira, diversos cavalheiros de reconhecida illustração que, por motivos politicos, se achavam deportados em Angra, foi nomeado lente substituto de philosophia, como galardão concedido ao seu reconhecido merito e exemplar modo de vida.

Ordenou-se pouco depois d'este acontecimento.

A egreja açoriana deveu exultar e vestir-se de galas com a eu-

trada no seu gremio do novel presbytero, a par de verdadeiras notabilidades que sobremodo a tem exaltado, contava agora um levantado espirito que sem trevas se dedicava a uma das mais valiosas demonstrações da sua sublime missão — ensinar os ignorantes, mas ensinar d'uma maneira tão logica e tão lúcida, que extremava completamente o professor dos systemas até então adoptados, e isto com reconhecida vantagem.

O prospero sôpro da fortuna que até aqui havia bafejado a vida do Padre Jeronymo Emilianio, começou então a ensombrar-se com os inevitaveis desgostos a que fatalmente, estão sujeitos todos os humanos seres e tanto mais profundos quanto mais sensiveis os corações que vem dilacerar.

A 14 de Janeiro de 1821 fallecia o caritativo Padre beneficiado José d'Andrade, deixando immerso na mais profunda magoa o seu protegido desde a infancia, o seu collega de então nos deveres a cumprir do seu angustio ministerio.

Elo face d'aquelle cadaver que velava, repetindo as rezas que a igreja ensina n'esses dolorosos trances, embora como padre e como philosopho a fé lhe ditasse, que a morte não é morte para o homem justo, tendo somente o nome mas não a propriedade, ainda assim o seu coração desfalecia com a idéa da privação d'aquelle amigo dedicadissimo e inteiramente desinteressado, tanto nos dias da adversidade, como posteriormente na relativa independencia que disfructava.

Lançado ao abandono por desnaturado pae que jamais conheceu, sem aquelle homem bemfazejo que o havia chamado a si, ou teria fenecido na miseria, ou quem sabe? se resistindo a cruéis privações iria engrossar as fileiras dos malvados, por quanto a fome é sempre má conselheira e quem se sente espinhado pela desdita, desde o berço, não é raro acreditar que a fatalidade não o criou mais do que para ser um ente perdido e desprezivel, até encontrar a morte n'uma masmorra ou n'uma euxovia.

A gratidão de que se achava possuido para com o seu bemfeitor exigia-lhe uma publica demonstração de profundo affecto e reconhecimento, escrevendo e publicando logo em seguida ao fallecimento do seu protector o *Elogio historico da vida do insigne sacerdote José d'Andrade*.

Este tributo de sandade e de veneração foi-lhe balsamo salutar no meio do seu angustioso penar e eram ainda as letras, as suas delicias de todas as horas e momentos que lhe offereriam a maneira de cumprir um sagrado dever, mais perduravel do que uma corôa de perpetuas que a sua piedade o fizesse collocar na campaa que tão querida lhe era.

Decorreu algum tempo.

As commoções politicas que desde 1820 até 1833 agitaram Portugal, tornando a ilha Terceira reducto valoroso dos affeigoados ás in-

stituições liberaes, não passaram indifferentes ao Padre Jeronimo Emiliano de Andrade, cujo credo politico foi inalteravelmente pela nova ordem de idéas que via despontar na sua patria.

N'esse periodo de cruéis privações, umas vezes julgando a causa a que se dedicara quasi sacrificada ás forças inimigas, outras resurgindo tenaz quando mais infallivel parecia a sua perda, n'esse periodo, repito, de grandes abnegações e de grandes luctas, ora na ilha Terceira, em São Miguel, ou no Fayal, embora liberal convicto, verberava sempre os excessos d'onde quer que estes partissem, desejando somente o castabecimento da ordem publica á sombra de beneficinas instituições.

A cratera politica estava, porem, em plena ebulição e tinha ainda de passar por varias phases primeiro que pudesse socegar.

Tão carregados estavam os horisontes na ilha Terceira em 1828 e taes odios alli se accendiam entre os dois partidos que se gladiavam, que o Padre Jeronimo Emiliano d'Andrade, no proposito de se affastar d'aquellas scenas mais violentas de dia a dia, deliberou expatriar-se para o Brazil, onde esperava encontrar a quietação adequada aos seus estudos e composições litterarias, que nos Açores era então impossivel lograr.

O navio que o conduzia para a ilha do Fayal, para d'esta localidade proseguir no seu destino, teve de tocar na ilha Graciosa e, alli, foram taes as instancias de alguns amigos para que se demorasse por algum tempo, que o padre Jeronimo, accedendo á sua vontade, deixou partir a embarcação, ficando ainda no archipelago.

A sua permanencia na ilha Graciosa, mais izempta dos embates politicos do que na Terceira, foi toda dedicada a estudos e lides litterarias, consoante á sua indole, e só em 1834 é que regressou á patria, já dignum tanto serenada a tormenta politica, para continuar no magisterio publico, sua predilecta vocação.

Os serviços do Padre Jeronymo Emiliano d'Andrade á instrucção popular dos Açores são valiosissimos e nem conhecemos quem mais n'este ramo se lhe avantajasse, a lucidez dos compendios de que foi author, a simplicidade dos seus methodos d'ensino e o segredo de em breves palavras saber reduzir em toda a sua luz diffusas explicações, tornal-o-hiam notabilissimo nas mais cultas nações da Europa, se acaso alli tivesse tido o seu berço.

Entre nós, porem, ao mais que conseguiu chegar foi a Reitor do Lyceu e Commissario dos Estudos, em Angra do Heroismo, cargo no qual falleceu, cercado do publico respeito a 11 de Dezembro de 1847, contando então 58 annos de idade.

Paz á sua alma.

Para quem conhece, por longa pratica de residencia n'estas ilhas, o atrazo em que ainda nas mesmas se encontra a instrucção popular, não pode deixar de considerar como um verdadeiro benemerito, para

o archipelago açoriano, um homem, como o Padre Jeronymo Emiliano d'Andrade, que dedicon uma existencia inteira a bem dos numerosissimos famintos da instrucção.

E não se diga que a idéa de pecuniarios interesses incitava o notavel sacerdote na sua constante applicação ao estudo, no seu decidido amor ás letras.

Semelhante pretensão seria, n'estas paragens irrisoria, representando as mais das vezes a publicação de um livro qualquer, sacrificios, em vez de qualquer lucro para o seu author, embora seja de reconhecida utilidade.

O Padre Jeronymo estudou, traballou e escreveu muito, morrendo afinal pobre e apenas conseguindo viver . . . foi feliz, pois o que admira é com a sua propensão para as letras não ter ido afinal albergar-se n'algun hospicio á mingoa d'uma dentada de pão.

Foi feliz, repetimos.

Numa biographia do Padre Jeronymo publicada ha alguns annos pelo distincto açoriano o Sr. Antonio Gil, não prematuramente fallecido, com grave perda para as letras açorianas, biographia que nos servio de base para registar, ainda que muito ao correr da penna, alguns traços da vida do notavel sacerdote de que tratámos, vem a relação das suas obras.

São estas:

*Cathecismo religioso — Compendio de moral e civilidade — Grammatica portugueza — Grammatica latina — Arithmetica — Geometria — Geographia — Historia patria, universal e philosophica — Logica — Metaphysica — Ethica — Litteratura classica — Rhetorica — Poetica — Theologia dogmatica e Moral — Topographia, ou descripção physica, civil, ecclesiastica e historica da ilha Terceira, dos Açores — Oração capitular recitada no capitulo provincial que celebraram os menores observantes da provincia de São João Evangelista.*

Alem d'estes escriptos, que tem tido diversas edições e dos quaes apenas a *Theologia dogmatica e moral* está por publicar, deixou ainda o Padre Jeronymo, por occasião do seu fallecimento, diversas produções suas, confiadas a um amigo, com a clausula de não serem publicadas, o que fielmente foi cumprido, ainda que com perda para as letras patrias.

A benéfica influencia do Padre Jeronymo Emiliano d'Andrade no ensino publico dos Açores foi valiosissima e a sua morte deixou um vazio que, até hoje, não tem sido preenchido, ou muito difficilmente será.

Mais do que leis e regulamentos entre nós tão abundosos e raras vezes cumpridos, o que necessitam estas terras açorianas é homens d'aquella tempera, para mediante o ensinamento popular as remir das tristes condições em que se acham a semelhante respeito.

A memoria d'este muito respeitavel sacerdote, occupará sempre



lugar distinctissimo na litteratura patria e especialmente nos annaes da historia insulana, que ainda aguarda um moderoo e conspicio escriptor.

—\*—

## XV

### O POÇO DAS AZAS

(Ilha do Fayal)

Os matos do sitio do Chão-frio, na freguezia da Praya do Almo-xarife, são formosissimos e extensos, revestidos de plantas agrestes, com bagas vermelhas e lustrosas e de grandes tractos de zimbreiros e giesteiras, e de longe em longe por alguns isolados pinheiros, domicilio dos abundosos milhafres que pairam n'aquellas solidões.

D'um lado o prolongamento da lomba da Espalimaca vae sempre alteroso e severo em busca das cumieiras da Caldeira, em quanto que na vertente da montanha, cujas ladeiras são povoadas de denso arvoredo e na planicie que se estende ao sopé da mesma, deliciosas prospectivas, de agreste mas atrahente aspecto encantam os raros visitantes d'aquelles ermos, ou algum caçador que alli foi em busca da melhor caça da ilha, em que são afamados aquelles sitios.

As derradeiras casas da povoação, confinantes com a ribeira, são umas cheupanas do mais humilde aspecto. d'um e outro lado da estreita passagem, separadas do resto da freguezia por um combro de terra, especie de barreira, apenas praticavel por pequena passagem, por onde só em fila pode passar o gado, ou algum camponez que condaza pequeno feixe de lenha.

Acima d'estas habitações e ja em pleno matto ha um salto da ribeira d'onde a agua que se despenha quando esta corre, forma na parte inferior uma grande bacia d'aquelle liquido, embora diminuido na maior força do verão, mas nunca completamente secco.

E' a este deposito d'agua que se chama o «Poço das Azas» e d'alli se fornece toda a gente do sitio do Chão-frio, com excepção d'um ou outro possuidor de cisternas e isto apesar da distancia de alguns kilometros que por vezes tem de percorrer para lá chegar.

O salto da ribeira é alteroso, formando um semicirculo, coroado no fundo por informes penedias, por sobre as quaes passa a torrente a referver raivosa, enquanto d'um e outro lado algumas arvores e arbustos bravios e heras sylvestres revestem o resto d'aquelle local, completamente, de verdura, dando-lhe um convidativo aspecto.

Do caminho que segue ao lado da ribeira, para ir até ao Poço, é necessario desceremos alguns degraus, fallhados singelamente na ribanceira.

Entre a beira do deposito d'agua e as paredes de verdura do salto, ha um breve espaço todo vestido de relva muito verde e fôfa

como macio tapête, e mais além algumas pedras talladas como rudes assentos.

N'aquelle especie de presépio ha sempre boa sombra, e mais ou menos sempre alli se encontra gente, principalmente as raparigas do lugar, na sua faina diaria de acarretar agua para os uzos domesticos.

Que idillos não se tem passado por aquelles sitios, que trovas d'amor não tem aquellas encostas ouvido, que ternos protestos não tem sido alli repetidos, quando as formosas aldeãs vão segundas pelos amantes e garridamente vestidas, com o seu abeiro de palha enfeitado com fitas azues ou vermelhas, descansando a pequena caneca de odorifico cedro, ao seu lado e ajoelhando sobre uma lage da beira d'agua, de braços alvos e mangas arregaçadas, com uma tigella de barro na mão para encher a canequinha ou a bilha?

Debruçadas sobre a agua que lhe reflecte, qual cristalino espelho, o corpo quasi todo, sentem voluptuosa sensação, em tardes quentes de estio, ao banhar os braços n'aquelle liquido de notavel frescura e limpidez, como as *lanbandeiras* d'aquelles arredores banham as matissadas pennas em qualquer gota d'agua presa entre rochedos.

Alem d'isso n'aquelle mister, com medo de alagar a roupa remia uma certa liberdade que em qualquer outro sitio as faria côrar, cada qual procura encher a sua agoa do melhor modo que pode e não se guardam grandes etiquetas em furtar a indiscretos olhares velados thesouros comtanto que estejam mais á vontade.

Quem auda na sua vida não pode estar a botar sentido a tudo.

Haverá uns trinta annos que uma das mais bonitas frequentadoras do «Pogo das Azas» era a Adelina, do tio João da Cruz, um lavrador do lugar que, salve-o Deus, tinha bem com que viver, segundo a opinião geral dos seus patricios.

A Adelina não parecia uma rapariga creada n'aquelles campos, ás soalheiras do estio e geadas invernacs. Tinha uma atrahente delicadeza de aspecto e de maneiras, tez bem branca, cabellos finos e castanhos, olhar profundo e labios sorridentes de creança.

Era fragil, infantina e agradavel.

Parecia uma menina da cidade, diziam as outras raparigas seas companheiras, por ventura com mal comprimido despeito.

Devido á formosura, incontestavel, da Adelina, assim como aos relativamente avantajados haveres paternos, dos quaes ella viria a ser a unica herdeira, desde que entrara em plena primavera da vida, não lhe faltaram propostas de casamento.

Até o filho do Miguel da venda, uma especie de Rothchild do logarejo, por quanto o pae, usurario da gema, a vender vinho e a dar dinheiro sobre penhores, havia ajuntado muita moeda, até esse, desceêra da sua prosapia mal criada para lhe render finessas, apresentando-lhe doiradas prespectivas d'um risinho futuro, em morrendo o pae,

que segundo a sua rasteira phraseologia não devia tardar muitos annos sem que *esticasse a canella*.

Adellina, porem, não só a este pretendente, mas bem assim a alguns outros, mostrou-se sempre esquiva, desdenhosa, não respondendo ás suas amabilidades e proseguindo, muito seria, no seu caminho sempre que elles a encontravam e lhe vinham contar historias.

A maioria dos galanteadores da aldeã depois de varias mas infructiferas tentativas para romper semelhante isempção, viraram-se para outros mais faciles amores ou resignavam-se com a sua sorte, mas invej d'isto, o Ricardo, do Miguel da venda, despeitado do nenhum caso que d'elle fazia a Adellina, jurára a si mesmo que semelhante negocio não ficaria assim, pois que com a fortuna que viria a herdar, não era homem para ser regeltado por nenhuma rapariga da freguezia, accendendo-lhe mais os fugosos desejos a contrariedade que ora encontrava.

E não era boa rez, este Ricardo, as chronicas da aldeia indigitavam-no como o perpetrador de diversos espancamentos e causa de algumas rixas nas casas de *folga*, era todo pimpão, embriagava-se uma ou outra vez e até, se não fosse á custa de bastante dinheiro gasto pelo pae n'uma critica occasião em que o filho havia quebrado com uma paulada a cabeça a um velho do logar, que não queria que elle por causa d'uma filha lhe andasse, noite e dia, a rondar a porta, teria sido envolvido n'um processo crime.

O pae, o Miguel da venda, ainda muito tempo depois, chorava a bom chorar quando fallava d'este caso, benzendo-se do *dinheirão* que tinha gasto para salvar o Ricardo d'quelle lauto, confessando ingenuamente que muita gente da cidade havia comido á sua custa, até se archivar o processo.

Matar cães era tambem um dos divertimentos favoritos do tal estroina, de noite quando vinha fora de horas para casa, armado d'um valente cacete, contra os cães de vigia que ladravam á sua passagem, era um dos seus regalos investir denodadamente, de cuja lucta sahia sempre vencedor, deixando o animal estendido por terra.

Aquillo estava no seu temperamento, parecendo até procurar as occasiões de demonstrar a sua valentia de mau faez.

Estes valentões d'aldeia são uma verdadeira praga para os pacificos camponezes seus conterraneos, vão de noite collocar os cabecallhos dos carros d'encontro ás portas das habitações para assustar, ou pisar, quem as for abrir: sollam por vezes o gado que fica de noite nas terras, atravessam pans nos caminhos para aquelles que já de noite fechada vierem do trabalho se magoar, e fazem outras muitas tropelias.

Mas que remedio?

Todos sabiam quem mais amiudadas vezes era o author d'aquellas africanadas, mas se a maior parte da gente da freguezia devia dinheiro ao tio Miguel da venda, era mais prudente o silencio do que sol-

frerem vinganças de perseguições, que para tanto era bem capaz o filho

Recentemente um outro motivo existia para o Ricardo não andar satisfeito. Um morgado da cidade tinha no Chão-frio uma casa com aspecto de convento, comprida, pintada de amarello e com um oratório, no qual aos domingos, quando alguém da família estava na campesina habitação, vinha um padre capellão dizer missa. À noite reunia o morgado em casa, n'uma especie de partida, a gente mais grandeda da freguezia para jogar às cartas, a padre nossos, e beber copos de bom vinho das suas abundosas lavras da ilha do Pico, aos quaes servia de lastro muita linguica assada.

Tinham fama aquellas partidas!

E deve-se notar que n'estes logarejos, embora impudicos, vamos encontrar os mesmos principios aristocraticos dos mais importantes centros de população: alli tambem ha familias que se extremam das outras, lavradores que não gostam de intimas relações com simples jornaleiros, raparigas que se julgam mais do que as suas companheiras, mordomos das confrarias parochiaes que hão de ter uma opo differente dos demais irmãos d'essas associações religiosas, e entre estes mesmos uns que levam a cruz nos enterros, ou as insignias nas procissões, enquanto que outros não passam d'uns simples soldados raios, n'aquelle regimento.

O homem é sempre o mesmo, em toda a parte.

Ora ir a casa do sr. morgado era alli uma especie de documento nobiliario, os frequentadores da jogatina repetiam no outro dia, na venda, as pilherias que tinham occorrido na classica busca, as novidades da cidade, as excellencias do bello vinho que haviam bebido e a feição das demandas que corriam no tribunal judicial, coisa que sempre interessa a gente do campo.

O dono da tasca é que, diga-se a verdade, nunca lá fora, apesar de endinheirado e ainda que de sen occulto despeito jamais dêsse o minimo indicio, não obstante feria-o aquella exclusão, não tanto por si, como pelo filho, que para andar calçado e bem vestido lhe custava os olhos da cara e que era o sen orgulho, apesar dos pesares.

Nos ultimos dois estios e principios do outono quem tinha vindo á casa do Chão frio em lugar do já muito edoso morgado, refido, na cidade pelo seu estado decrepito, fora o sen filho unico Antonio da Silveira.

Os habitos tradicionaes da familia, foram, por em, invariavelmente mantidos, á noite sempre em sua casa apparecia alguém, aos domingos dizia-se, como antecedentemente, no oratorio a habitual missa, dava-se farto almoço ao padre capellão, as desfolhas eram alegres e ruidosas, vinham violas e boa ceia, haviam descantes e uma vez por outra folha a portas fechadas, ao envez do que era uso na freguezia e para a qual eram convidadas as mais elegantes raparigas.

A gente do Miguel da venda é que continuava sempre votada ao ostracismo, o que tivera origem n'uma rixa antiga do morgido, pae, desde que uma vez fora embogado pelo taverneiro no pagamento d'umas pipas de vinho que lhe vendera.

Ainda assim a missa domingueira do oratório não se feyha a porta a quem quer que fosse e o Miguel da venda que era beato a valer, embora despeitado, ia invariavelmente assistir á mesma, levando a familia adiante de si e obrigando tambem o Ricardo a acompanhal-o n'aquelle acto religioso.

Este, conhecendo as intransigencias do pae no que dizia respeito a missas e novenas e com medo que este antes de morrer fizesse alguma *trapalhada* com o dinheiro que tinha bem escondido, por causa d'isto acompanhava o velho, de orelha murcha, como diz o povo, sem desejar armar pendencias com o author dos seus dias.

Tambem á missa do oratório, para poupar quasi uma legoa de caminho até á igreja parochial, ia a Adelina, com outras raparigas do logar, ou com o lavrador seu pae.

A sua formosura não passou despercebida ao fidalgote da cidade, realçava-lhe os encantos os domingueiros fatos da aldeia, o cuidadoso esmero do seu penteado, o seu aspecto pudibundo e singelo.

O dono da casa, como pessoa mais distincta, ficava na frente d'aquella gente toda, á direita do padre, junto ao altar e a muito breve distancia ajoelhavam as mulheres e no fundo do aposento os homens.

Desde a primeira vez que a Adelina alli havia comparecido, trazendo para o altar um farto ramo de rosas, mais procuravam os olhos do joven morgado as frescas faces da aldeã, do que as paginas do pesado livro de orações que tinha na mão.

Notaria Adelina aquelles olhares que sempre a procuravam?

E' natural.

Ainda está para nascer a primeira mulher que ignore quem a ama, se acaso esteve na sua presença, embora corresponda ou não a esse affecto.

Nos dias de semana, como é uso n'aquella povoação, juntavam-se algumas raparigas na mais espaçosa casa de uma d'estas, para conjunctamente trabalhar na confecção de rendas e outros delicados artefactos, encommendados para a Horta, ou para os Estados Unidos da America.

As canceiras do trabalho alegrava-as o riso presenteiro e irreprimivel d'aquellas idades, alli cantava-se muito e discutia-se tudo, eram uma revista em forma, aquelles conciliabulos irrequietos, de todos os pequenos acontecimentos da freguezia, desde a sala nova com que qualquer mulher se apresentava até á mais importante questão dos amores mal disfarçados ou dos casamentos em prespectiva.

O que não se dizia d'aquellas paredes a dentro . . .

N'uma segunda feira as raparigas haviam-se ajuntado, como ha-

bitualmente, eram cinco ao todo, frescas e alegres como botões de rosas sylvestres às quaes a ardencia do sol das campinas não roubara o viço da juventude.

A Adelina tambem era do rancho e trabalhava com pressa para concluir um bordado de que se incumbira, tanto mais havendo recebido aviso da cidade que o navio que devia conduzir passageiros e no qual iriam aquelles bordados, estava prestes a sair por aquelles dias.

Defrontava a Adelina, sentada na mesma esteira, ao pé da janela, uma sua companheira, a Filomena, mais nova dois annos do que ella e travessa como poucas.

Tratava-se de casamentos, um thema sempre favorito.

— Vocês todas — dizia a Filomena — ainda hão de ser bastante felizes, tendo uma boa sorte, eu cá, coitada de mim, é que vou ficar para tia . . . não faço diligencias . . .

— Pois não foste! . . .

— Sim, que a gente não sabe o que se passa . . . ora vejam isto, a fazer-se uma santinha . . . cruzes! . . .

— O' malheres! . . . pois vocês são capazes de botar para mau sentido eu fallar uma vez ou outra com o André da Canada?

— E mesmo que assim seja, de que serve isso, elle não tem dinheiro, eu sou como vocês sabem . . .

— Ora adens, tambem a gente não é mais rica.

— Ricas sim, minha filha, fortunas não são p'ra nós.

A Filomena tornou ainda :

— As fortunas são p'ra quem são, que o diga aqui a Adelina. . .

— Eu?!

— Tu, sim, pois julgas que não se falla no teu namoro ahí pela freguezia, fazias-te toda de manto de seda, mas era enquanto não te chegaram á medida, não quizeste o Ricardo do tio Miguel, por que já andavas com o sentido em maiores grandezas.

— Não te quiz disputar paixões.

— Cá a mim não, graças a Deus, se converso com elle, é como tambem fallo com o André, sem malicia nenhuma e não para estar a duas amarras, agora tu quereses ser a senhora morgada é que . . .

A Adelina corou muito, indicio de que não lhe eram estranhos os galanteios de Antonio da Silveira, ainda assim, accudiu com mal segura voz:

— Tu estás louca, Filomena, quem é que pode acreditar essas tolices?

— Acredito eu, acreditamos nós todas, então o que tem isso? ha coisas peiores . . . Eu cá, quando vejo gente que tem telhados de vidro atirar pedras ao dos alheios, não me posso conter, é o meu genio, dou logo o troco.

— Eu não disse que tinhas telhados de vidro, agora tu fallares ao

mesmo tempo com o André e com o Ricardo é que é de estranhar, também todos o sabem.

— Pois não me importa, heide fazer o que me agradar, mas ao menos isso é ás claras . . . tu bem me entendes . . .

— Olha as mulheres! . . . — *interrompen uma terceira* — antes vós tivesssem juízo . . . Credo! eu me henzo . . .

— A Adelina é que teve a culpa, eu não fui que fallei primeiro.

— Foi, sim Sur.<sup>a</sup>

— Pois fosse, que não fosse, a bocca é minha. O morgado, mesmo não está com outros cuidados do que casar contigo, espera por isso . . .

— Tu o que estás é a te morder d'inveja só com essas lembranças que te vieram á cabeça, isso são lições ensinadas pelo Ricardo, mas eu não faço caso.

— E' o melhor, senhora morgada!

— Morgada ou não deixa-me cá com a minha vida, quem se visse d'esta freguezia para fóra.

— Já se sabe — retroquo ainda, maliciosamente, a Filomena — prometteram-te talvez que irias para a cidade . . . fica mais perto, mais comodo . . .

— Callem-se vós, e deixem-se d'essa guerra — disse a filha da dona da casa, — ahí vem minha mãe, e ella não é de botar milho a pinhos, ainda hontem me bateu por causa do Jeronymo, de casa do Sr. Padre cura . . .

Raparigas, sempre o mesmo e em toda a parte!

Como o leitor vê, a admiração que ao morgado Antonio Silveira havia causado a peregrina formosura da Adelina, não tinha ficado limitada simplesmente ao prazer de a contemplar aos domingos, no oratório da sua solarenga casa.

O negocio estava até mais adiantado do que se julgava nos pastórios da localidade.

Antonio Silveira, de espingarda ao hombro, como quem ia caçar, começara a passar amudadas vezes pela casa da Adelina que, por fatal coincidência, sempre estava a trabalhar á janella, ou á porta, quando o moço se dirigia para o matto, ou na hora do seu regresso.

A franqueza campezina consentia que n'essas occasiões trocassem algumas palavras, e quando elle proseguia no seu cantinho, a aldeã ficava debruçada á janella, até vel-o sumir-se n'uma volta da ladeira d'alem.

A's vezes o morgado passava do matto já quasi noite, quando as sombras começavam a envolver a freguezia, á hora em que os lavradores recolhem a casa, de ter ido amarrar o gado nas terras onde passarão a noite.

Se o pae da Adelina ainda andava por fora, não era raro o caçador vir encentral a á beira do caminho, junto do portal que d'alli con-

duzia até á sua moradia, um pouco mais recolhida, d'aquelle sitio.

No começo a conversa apenas versava sobre méras banalidades, a pouca fortuna da caçada, estranhando-lhe adrede a rapariga o estranho prazer de andar aquellas horas pelos pessimos atalhos da serra, do que Deus a livrasse, mas gradualmente as entrevistas iam sendo mais demoradas e se avistava alguém ao longo, a Adelina dizia, receiosa:

— E' melhor o Sr. morgado dar alguns passos, ha gente que bota sentido em tudo, e é escusado que tenham que dizer, vendo-o parado aqui.

O rapaz obedecia, deixava passar algum camponez conduzindo pela corda duas ou trez nedias vaccas, ou alguma mulher de chaile por cima da cabeça, que tinha ido á venda do tio Miguel comprar uma vela, ou uma gotta de azeite, e depois voltava para o local d'onde momentaneamente se affastava.

A Adelina alli tinha ficado, como quem estava á espera do pae, unica pessoa da familia, dava singelamente a boa noite aos transeuntes, mas estes que por mais de uma vez nas immedições d'aquella casa tinham encontrado o morgado e que viam tambem a rapariga, começaram, e não sem fundamento a lançar malicia no caso.

Quando esta nova chegou aos ouvidos do Ricardo, isso então foi uma gallinha depenada em toda a freguezia, estava explicado o motivo por que a Adelina não lhe acceitara a proposta do casamento, aquillo já eram amores de ha bastante tempo, mas muito encapotados, que ella tivera a labia de disfarçar, para se fugir honesta.

Se as raparigas da freguezia tivessem vergonha — dizia elle — deviam pôr completamente de parte uma linoria assim, d'uma sabia elle que o faria, por ser creatura de bons costumes, a Filomena.

Teve quem o avisasse, o pae da Adelina, do que lhe ia por casa.

Ennuveou-se consequentemente o ceu d'aquelles amores, que até então haviam decorrido izentos de quaesquer tristonhas sombras.

Se o respeito pelo morgado antigo, o qual se reflectia ainda no filho, continha o pae da Adelina para não romper em abertas hostilidades, ainda assim no interior da sua casa havia reprehendido asperamente a filha da loucura com que se expunha a ser o alvo de todas as más linguas da freguezia, envergonhando-o tambem a elle, que era um homem honrado.

Houve choros e promessas de emendas da parte da rapariga e sincera intenção de cortar de vez aquellas relações, embora até alli insignificantes, com um individuo que a boa razão lhe dizia que jamais viria a ser o seu marido, tanto pela desproporção do nascimento, como dos bens de fortuna.

Desgraçadamente ha um velho e muito exacto ditado, que das boas intenções está o inferno cheio.

Na presença do pae, ouvindo as faltas severas, mas veridicas,



que este lhe dirigia, aligurava-se à Adelina ter o valor necessario para arrastar com o desgosto de alguns dias e proseguir no bom caminho que até lá pouco havia seguido, mas quando o lavrador sahia, e às vezes por um dia inteiro e que ella se achava sós com o seu pensamento e amorosa inclinação, attenuava o affecto que sentia com outras razões da sua lavra e via todo o seu procedimento por um prisma completamente differente do que momentos antes.

Embora tivesse a consciencia de estar à beira d'um precipicio de turbidas ondas, ainda assim havia n'aquelle agitado mar umas miragens de felicidade que a tentavam deveras.

Como em alguns paizes equinoxiaes a Mãe d'Agoa atrahê para o seu mortifero seio o incauto indigena, que gostosamente se despenha do cimo de qualquer rochedo para ir ao encontro de formosissima visão, assim também n'aquellas dezenove primaveras, haviam flores de tanta magia, nos enlevos d'um profundo affecto, que ella não teria por vezes a força necessaria de resistir aos seus ditames, se acaso o homem a quem sujeitara o coração alli se apresentasse n'aquelle momento. . .

A natureza nem sempre é boa conselheira.

Felizmente para socêgo d'aquella casa o inverno approximava-se a passos largos, nas encostas já os alamos amareleciam da folha, os campos despovoeavam-se de flores e encantos, as noites iam sendo immensas e as chuvas dos fins de Outubro tornavam os lavradores mais caseiros, applicavam os longos serões nas desfolhas do milho.

Recolhidas as colheitas das suas grandes propriedades o morgado Antonio Silveira teve de voltar para a cidade a occupar-se na administração dos haveres paternos.

Como é facil de conjecturar a Adelina, depois das exprobações que soffrera havia-lhe, ainda que muito à pressa, contado o quanto por sua causa soffrera e o rapaz, para lhe poupar maiores desgostos, tinha cessado de lhe rondar a porta.

Ainda assim esta contrariedade mais lhe havia incendiado os desejos de possuir o amor da formosa aldeã pela qual nutria, apesar da sua fidalguia, uma vehemente paixão, o que todos sabem que é muito differente d'um extenuado amor.

A' luz d'um baile da cidade, na selecta sociedade de aristocraticas meninas, no esplendor das grandes festas, então trivialissimas na Horta a sua dedicação pela filha d'um obscuro lavrador do Chão-frio parecer-lhe-hia ridicula e daria ensejo a lacerantes chascos dos seus eguaes em nascimento e prosapia de homem afidalgado; no campo, porem, ou na vulgaridade do seu quotidiano viver a posse d'aquella mulher seria bastante apreciavel, parecendo-lhe até imprescindivel para o seu bem estar.

Nas vespéras, pois, de deixar por alguns mezes a sua residencia campesina, espreitou a passagem do lavrador para umas terras que

ficavam a alguma distancia, tirou a espingarda d'um canto aonde ha muitos dias que estava em descanso e seguiu caminho acima para ir passar em frente da casa da namorada.

O amor, para as raparigas, é sempre traiceiro nas ciladas que lhe sabe armar, parecendo, por vezes, que prepara occultamente os acontecimentos para mais comprometter quem lhe prestou attenção.

A isto, é sabido, tem o mundo devido grandes desditas.

Exactamente na hora em que o morgado defrontava com a casa da Adelina, vinha ella, da banda opposta do caminho dirigindo-se para alli, por haver concluido em casa de uma amiga a sua tarefa de costura n'aquella tarde.

A rapariga entrou o seu portal, corando muito e como se não visse o namorado, puxou um pouco a aba do chapéo de palha para a frente. Teve, ainda assim, de se voltar um momento para o caminho, a fim de fechar a cancella da entrada.

— Então a Adelina já não falla a ninguém, que mal lhe fiz eu, diga? — perguntou o rapaz, n'um tom resentido.

— O sr. morgado não me fez nenhum, mas é que o pae não gosta das nossas conversas e já por causa d'isso bastantes desgostos tenho soffrido.

— Já sabia o lamento-a sinceramente. Vae, porem, ficar descansada, depois de amanhã parto para a cidade.

— Já?! .

— Assim é preciso, mas levo do Chão-frio immensas saudades.

— Não sei de que, um sitio tão feio . . . na cidade, sim, alli é que o sr. se hade divertir, ha tanto com quem . . .

— Que importa isso, se acaso o meu pensamento estará sempre n'outra parte? bem sabe aonde.

— Eu?! . pobre de mim!

— Nem sei como isto foi, Adelina, mas olhe que a amo muito e que não se me tira um momento da idéa. Esta ausencia vae-me ser cruel, queria estar sempre ao seu lado, que vivéssemos juntos, mas isso seria uma felicidade que não é para mim . . .

— O sr. morgado está a divertir-se comigo, bem sei, não lhe me-reço o amor que diz, nem jamais seria realisavel semelhante união. Eu já consultei um livro de sortes e sahio-me que nasci em mau siguo.

— E a não ser assim, se esse livro a houvesse enganado?

— Ora, deixemo-nos d'isso . . .

— Não me tem, então, o mínimo affecto!

— E mesmo que o tivesse, o resultado era o mesmo . . .

— Podia não ser. A menina não faz idéa quanto me vae custar esta separação, se alguma vez, de inverno, eu vier aqui acima é sempre por pouco tempo e qualquer passo que então desse, seria muito mais notado do que na cidade, é isto o que me desespera, não ver a possibilidade de lhe fallar.

— Não sei como . . .

— Diga-me uma coisa, nunca vai à cidade ?

— Raras vezes, entrego quasi sempre o trabalho, aqui, a alguma das minhas amigas, que o leva a casa dos seus donos, como não ha mais ninguém n'esta nossa moradia, o pae quasi sempre precisa de mim: mas porque fazia essa pergunta ?

— E' que mais facilmente lá embaixo nos poderíamos encontrar, aqui é quasi impossível.

— O que é que tinha de me dizer ?

— Muita coisa, que a amo muito e que tenho sonhado nos sonhos tão lindos, tão venturosos . . .

— Ah! . . . não sabia . . .

— Pois olhe que é verdade, o meu maior desejo seria poder contar-lhe isto tudo.

— Mas por que me não diz isso agora ?

— Aqui, não é possível, está sempre a passar gente e poderiam ouvir-os, eram só para nós ambos e para mais ninguém.

— Uma ou outra vez que tenho ido à cidade é sempre acompanhada, estavamos no mesmo caso.

— Para tudo haverá remédio. Prometta-me que um dia allí lhe hei de fallar, peço-lhe isto encarecidamente.

— Ali vem gente, retire-se por quem é.

— E nem sequer me dá uma unica esperanza ?!

— Veremos, se eu poder hei de mandar-lhe dizer.

Não me está enganando ?

— Sou incapaz de tal. Va-se embora, olhe que já vêem perto. Adeus.

— E não se vai esquecer de mim ?

— Nunca! murmurou a Adeline, retirando-se apressadamente para casa.

A alguns passos de distancia o morgado encontrou-se com o Ricardo, o qual cumprimentou com ironico sorriso o seu preferido no amor da Adeline, proferindo o mesmo de si para si, com rancorosa voz:

— Deixa estar, meu metro, que contigo, ou com ella, ainda pode vir dia em que eu ajusto contas, não perderão pela demora!

O inverno n'aquelle anno desencadeou-se terrivel, iracunio, o Chão frio estava constantemente coberto de pesadas neveas, quando não eram fortes bategas d'agua a encharcar os terrenos planos, ou a formar cascatas nas vertentes da montanha na falda da qual demora a povoação.

Aquelle tão aprasivel sitio, nos grandes dias do estio, quando a natureza está em festa e que por toda a parte nos apresenta copados doces de esplendida verdura, mostrava agora uma ingrata nudez, escavados rochedos por meio das *luteiras*, arvores séccas ou despidas

de folhas, como esqueletos gigantes, cobrindo-as um musgo esbranquiçado e sujo, producto da constante humidade, bem como nas cepas cortadas, transversalmente, de alguns castanheiros e faias enormes cogumelos, com a configuração das flores da magnolia e de côr amarelada e a expandir-se com vigor n'aquella atmosfera saturada de humidade.

Nos caminhos da povoação pouca gente apparecia, as quotidianas romarias das raparigas ao Poço do malto estavam agora interrompidas, pois que havia fartura d'agua por toda a parte, a casa do morgado estava fechada e substituidas as vidraças por umas taboas pintadas de vermelho, e o unico ponto de reunião era a taverna do tio Miguel, que á laia de um novo Orsini ia envenenando aquella pobre gente com umas geropigas ordinarias, vendidas a alto preço.

Assim se passou Santos e Natal e assim continuaria a vida por mais alguns mezes.

N'alguns dias menos alagadiços, ou em que alguma fugitiva restea de sol vinha, quasi a medo, romper a nevoa que poisava n'aquelles arredores, aproveitavam os camponeses esse favoravel ensejo para ir ás ladeiras podar os ramos danificados ou cortar as arvores secas, isto trepando por escorregadias encostas, revestidas de herva bravia, de côr desbotada e pouco sadia.

Debaixo dos pinheiracs, porem, trabalhava-se mais á vontade, por que a rama d'aquellas arvores cahindo no chão, se durante o estio é lustrosa e polida, de inverno desfaz-se n'uma terra negra, assaz praticavel p'ra quem anda descalço.

Os pinheiracs encimam quasi toda a serra que ladeia a povoação de que tratamos, dando um tom sombrio áquellas alturas, por que esta arvore tristonha, esguia e tenaz na sua existencia, resistindo ás mais fortes tormentas da-se bem até nos mais empobrecidos e pedregosos terrenos, mas isto sempre com um cariz severo, sem uma unica flôr nos seus ramos, que são o abrigo predilecto das aves de rapina, mochos e milhafres, estes ultimos muito abundosos n'aquelles sitios do Fayal.

A vida intima na casa do pae da Adelina decorria, então, apparentemente socegada e sem grandes atribulações, não faltavam massarocas de milho dependuradas ao travejamento, nem algumas patacas ao canto da caixa, isto já depois de pagos todos os fóros aos respectivos senhorios.

De ha muito que o lavrador andava com vontade de fazer um importante melhoramento no predio em que residia e vinha a ser deitar por terra uma pequena atafoua palhoça, que ficava junto da casa e n'aquelle local construir uma outra, assoalhada, cuja loja lhe serviria então para as moendas e os altos de deposito de toda a casta de novidades.

Já n'outros tempos o seu pae fallava muito n'este bom arranjo,

mas, coitado, jamais para tanto tivera dinheiro disponível, pois a obra, para ser bem feita, nunca importaria em menos d'uns trezentos mil reis, carros de materiais, paredes, soalho, telha e pintura.

N'aquelles longos serões de inverno o lavrador pensava muito na projectada obra e batava contas á sua vida, tinha as traves necessarias, de ha muito cortadas e bem seccas, algum madeiramento mais ordinario que fosse preciso seria tirado da *ladeira*, pedra e da melhor não falta na ribeira, bem como não faltavam tambem, n'aquelle estação, homens de trabalho.

O prior era os dias serem tão pequenos que não davam para nada mas tambem Janeiro fora já cresce uma hora, o verdadeiro era ir, desde já cortando alguma madeira para os barrotes e armação, põ-la em casa e levar a cabo semelhante empresa.

O *aposento* com aquella melhoria ficaria valendo muito mais e a respeito de roloque e pincel isso seria mais para diante, quando houvessem mais algumas sobras.

Agora era metter mãos á obra, e assim fez passados uns dois mezes.

Chegou o dia de conduzir para casa a madeira cortada na *ladeira* do matto, estava uma excepcionalmente bella manhã, por que o vento soprava do norte e havia varrido o nevoeiro desde a crista da serra até aos terrenos planos e baixos em que esta termina na parte inferior.

Nos ramos descarnados das arvores o sol tinha scintillações de diamante nos pingos de agua que dos mesmos silenciosamente escorriam e uma ou outra ave, lembrando-se da primavera e sacudindo alegre a sua alagada plumagem soltava por vezes uns gorgeios, semelhantes a risadas.

Adivinhava, instinctivamente, a proxima mudança da estação ao contemplar os pecegueiros, embora n'aquelles sitios quasi improductivos, mas que, não obstante, sem ainda demonstrarem a minima folha, estavam já vestidos de immensa profusão de delicadissimas flores rosadas e brancas.

O carro, acompanhado do seu dono e de tres homens de trabalho fez a salvo a primeira jornada até á casa. Não era isto empenho facil, os caminhos estavam pessimos e escorregadios, umas vezes o pesado vehiculo tombava muito mais mal talladas regueiras, sobre accidentadas pedras, que o obrigavam a dar grandes solavancos, como um navio em mar cavado, outras enterrava-se na lama, nos sitios em que o caminho era batido na terra e as rodas d'alli não se podiam desenterrar senão á força de grandes esforços do gado, escorrendo em suor, de ventas fumegantes e espicação constantemente pelos guias d'aquelle carga, no meio de grande vozeria.

Foi uma verdadeira batalha até pôr o carro em caminho corrente e quando chegaram a casa já o sol ia bem alto.

Havia ficado junto ao portal da *ladeira*, ainda uma segunda carga e apesar do gado estar cansado como no dia seguinte tinha de lavar as terras do dono, não se podia adiar para outra occasião a vinda para baixo d'aquelles pans.

Ao meio dia estavam, pela segunda vez, juntos da *ladeira*. Agora eram uns grossos troncos de arvores, para ser serrados em taboas que o carro tinha de conduzir e esta madeira estava dividida em tóros d'uns quatro metros de comprimento e correspondente grossura.

A carga foi arrumada com as necessarias precauções e amarrada aos fueiros com corréas e cordas.

O homem que langia os bois caminhava na frente, os outros tres ao lado do carro, para aguentar a carga n'algun mais difficil passo.

Já perto do povoado havia um bocadinho de pessimo caminho, um calço que parecia uma ribeira, com rapido declive.

As rodas pegaram alli apertadas na funda regueira, o carro tinha muito peso e não podia seguir e o homem da aguilhada espicava fortemente o gado e os outros amparando os madeiros tentavam ver se venciam semelhaute difficuldade.

E venceram.

As rodas desencravaram-se quando menos se esperava, puchadas com grande força pelos bois, o carro seguiu veloz, todo deitado a um lado, por cima d'um resbordo de pedras e os dois trabalhadores fugiram rapidamente d'aquelle alpendre que lhe ficava sobranceiro.

O pae da Adelina que se achava mais na frente ia tambem a fugir mas tropeçou n'um calhan e cabio, ao tempo que um dos madeiros, o mais de cima, rebentando as cordas que o ligavam, lhe cabio atravessado sobre as costas: rolando-lhe por cima como pesado cylindro.

Estava acabada a obra da atafona e bem assim quem a construiu.

Lamentou-se este acontecimento em toda a freguezia, aonde o lavrador era estimado, mas, ainda assim, não era aquelle o primeiro e identico desastre que havia alli acontecido e até, ás vezes, em muito peiores condições, por quanto aquelle lavrador deixava a filha (bens com que viver, quando havia casos em que a fatalidade arrebatava chefes de familia completamente ao desamparo, como na freguezia havia numerosos exemplos.

Foi profunda a consternação da rapariga, com tão infausta occorrença, nova ainda, via-se no mundo completamente isolada e, embora ao abrigo das privações, sem um protector seguro d'aquelle dia em deante.

Passada a semana do nójo, em que a casa mais ou menos, esteve sempre concorrida por amigas e conhecidos da freguezia, a Adelina tratou de arranjar alguem que com ella viesse morar.

Não foi isto muito facil empreza a mingoa de quem tanto se pres-

tasse, não á falta de verdadeiras necessidades, mas por que no Fayal é raríssima a pessoa, ainda que muito pobre que, segundo a phrase popular, não tenha um buraco aonde metter a cabeça, preferindo muitas vezes a fome entre quatro desguarnecidas paredes que lhe pertencam, do que relativa abundância sobre alheios tectos.

Afinal o mais que ponde conseguir foram duas velhas, quasi decrepitas, que gastavam a maior parte do seu tempo a passar as contas do rosario, ou a fiar estôpa n'uma roca de cana, de cujo insignificante trabalho é que ha muitos annos se sustentavam.

Quem, não obstante, as ouvisse fallar, poderia imaginar que aquellas boas almas tinham deixado encantados palacios para, por caridade, vir acompanhar a sua contreranea, nada as satisfazia, nada achavam á sua vontade.

Mas que remedio?

Os papeis inverteram-se, a Adelina em pouco tempo tornou-se mais a criada das velhas do que estas suas serventuarias, era quem fazia o comer, quem limpava a casa, quem as tratava nos amudados dias em que se diziam muito enfermas, sendo tambem o alvo de todas as queixas que as velhas mexericavam á vizinhança sobre a pouca fortuna que tinham tido em vir morar para alli, mexericos que acabam sempre com a sacramental phrase «minha casa, meu lar!»

Não as despedia, porem, a Adelina, consciente da difficuldade que tinha encontrado para, ainda assim, as obter, temendo ficar só, o que muito receiava nos femininos pavores d'almas do outro mundo com que são criadas quasi todas as mulheres do campo, bem como pela impropriedade de, na sua idade, viver sem alguem para companhia.

O caso não era novo na freguezia.

A Josepha, de cima da Lomba, havia annos que tinha acontecido o mesmo e ella sempre se comportou bem, mas afinal de contas nunca parava em ramo verde, morando ora n'um sitio ora n'outro, vendendo quanto os seus lhe haviam deixado, que não era pouco, conhecendo-se mais tarde que andava vária do juizo.

Chegou em meia duzia de annos a tal penuria que lhe permittiram, por esmola, morar na casa da *arrumada do Imperio* do Senhor Espirito Santo, um quartinho terreo, á beira do caminho, atulhado das taboas nas quaes, por occasião da festa se depõe o pão e bem assim dos barrotes que postos a prumo sustentam as mesmas, parecendo cruzes de cemiterio por serem encimados por pequenas travessas. Era alli, n'um canto, que a infeliz tinha uma miseravel enxerga.

Enquanto, como se vê, a Adelina pensava na miseria, outros havia que pensavam no que ella possuia.

O Miguel da venda, por exemplo.

Andava este homem cada vez mais desgostoso com o seu Ricardinho que, ultimamente não havia pirraça que lhe não fizesse, dando-lhe

saque sempre que podia à pipa, tendo mau vinho e não respeitando o proprio pae n'essas occasiões.

Além d'isto constava-lhe tambem que o rapaz andava de amores com a Filomena, uma doida que não tinha aonde cahir morta, e de quem se rosnava muito na freguezia em quanto ao seu comportamento com diversos maneirões.

E o Ricardo andava alli pelo beigo!

No interesse, pois, do filho e tambem do seu proprio interesse, entendeu-se com o Ricardo a semelhante respeito, aconselhando-o que, presentemente, visto a Adelina estar orphã, tentasse novas diligencias para ella o receber por marido, prometendo ao rapaz que no caso d'esse casamento se effectuar, conforme a sua vontade, e elle abandonasse de vez a Filomena, lhe daria uma boa mesada.

O Ricardo, apesar de um tanto avinhado, ouviu o pae silenciosamente, a correr entre as mãos a aba do chapéo, encostado à umbreira da porta.

— Então tu que dizes a isto, estás amoitado, não te quadra, hein?

— Eu ainda pão disse que sim, nem que não.

— Pois desembucha, homem.

— E' que meu pae é capaz de me enganar . . .

— Enganar, em que ?!

— Ora adeus, na tal cantiga da mesada. Meu pae tudo quanto tem é para enterrar ali não sei aonde, e mesmo lá dar-me o que promette. Pois não foste !

E se eu não tivesse meia duzia de vintens, que tu julgas ser grande coisa, escondidos a todos os olhares, sabe Nossa Senhora do Carmo, já onde elles estariam . . . agora enquanto a te cimbaçar n'este rancho estás enganado e és um asno se não tratares d'isso, podias vir a ser um dos primeiros homens da freguezia, mas a continuar assim vaes dando em droga.

— Não sei porque e além d'isso a Adelina eubirrou comigo, é uma vergonha até ir procura-la outra vez, mulheres não faltam . . .

— Para quem tiver que lhe dar. E' bem dita aquella trova que de pau que nasceu para galocha, jamais se pode fazer um Santo Antonio: queres por força ser um perdido, que diabo te posso eu fazer ? . . .

— Mas o pae hade saber que eu já fallei à rapariga e que ella, *má raios a portam!* me despedio á má cara, a tal menina dá attenção é ao morgado . . .

— Isso já acabou, são muitas de raparigas que passam com o tempo, há que mezes que o morgado não vem cá acima! . . . Vê lá, ficavas com a legitima da pequena, que não é má, pagavas-me uma continha que o pae ali me devia, de gastos para casa, e eu havia-te ajudar no que podesse, por que vinha a ser um casamento da minha vontade, agora a continuar como vaes, não verás de nam real que seja, dinheiro não tem confrontações . . .



— Os diabos me carreguem, que não sei o que hei de fazer ! . . pois olhe que eu arranjava-me bem com a Filomena.

— Uma doida chapada.

— Doida ou não tinha-lhe um respeito a valer, mas vocemecê a ameaça-me de uma maneira . . .

— Não sejas tolo e faz o que te digo . . . vae fallar com a Adelina, anda.

— Se eu tivesse apanhado a geito o tal peralta do morgadinho já o havia ensinado, mas enfim atraz do tempo tempo vem . . .

— Os teus negocios não são com o morgado, mas sim com a rapariga, tudo o mais seria tolice e eu não quero outras inquietações, toma sentido, ainda me lembro quando andaste na justiça.

— E meu pae, se eu casar, quando é que me dá, vamos a saber?

— Arranja primeiro a noiva e depois fallaremos, mas lembra-te que tenho o queijo e a faca na minha mão . . . Haja saúde.

O Ricardo sabia para o caminho a meditar na sua vida, o pae estava ainda forte, podia durar uns bons pares de annos e elle sem viuentem para se divertir. Alem disso a Adelina não era ali qualquer moça do monte e, a dizer a verdade não era inferior á Filomena: —pois vamos lá, vou procurar a rapariga, pensando bem, isto é que me faz conta.

E o pretendente da orphã tomou o caminho do sítio em que esta morava.

Era de manhã e o dia estava esplendido.

Quando passou em frente da casa do morgado, viu o portão e as janellas abertas e sentio dentro fallar alto, conhecendo a voz de Antonio da Silveira.

Olé ! . . temos moiro na costa, este mariola ainda me hade pagar, mas é que eu vou-lhe empalmar o namoro, mal pensaria elle se me visse passar aonde eu vou . . .

A Adelina já sabia tambem da chegada do morgado, dizendo-lhe maliciosamente umas mulheres que iam passando, terem visto entrar uns srs. para a casa vermelha, o morgado novo mais dois amigos.

Palpitou o coração da rapariga com semelhante noticia e viria elle vel-a? nunca se haviam avistado depois da morte do pae, tinha-a talvez esquecido de todo, a lencera era ainda ella pensar em quem não se importava consigo.

Em todo o caso, e quem estiver izempta de peccado que lhe atire a primeira pedra, penteou-se mais esmeradamente do que o usual, vestio um vestido melhor, sentou-se por dentro de uma janella aberta mas de maneira que fosse vista da rua e começou a trabalhar, fazendo, porem, uns pontos que realmente eram uma vergonha pela sua imperfeição.

As duas velhas que com ella viviam e que da ama faziam a sua criada, n'aquelle dia praguejaram a valer a miúga do jantar ao meio

dia em ponto, estando para cumulo da desgraça, uma, ha alguns dias de cama e a outra com um pé torcido, que não podia andar.

— Este ladrão quer-nos matar á fome — diziam ellas, no seu cubiculo ao pé da cosinha, ainda hoje não se accendeu lume n'esta casa, eu cá em melhorando safo-me para a minha *liberdade*. Forte desafôro!

— O' Sar.<sup>a</sup> Adelina! . . Sur.<sup>a</sup> Adelinasinha! . . — bradava a outra — Isto é que é uma coisa! . . ninguém me responde, quem se apanhasse em sua casa . . .

A Adelina a este tempo vira, muito admirada e constrangida o Ricardo do Miguel da venda, vir bater-lhe á porta, levantando elle mesmo o ferrolho e entrando para a sala.

— Com licença da menina, eu tinha duas palavras a dizer-lhe.

— A mim? ! . . não posso saber o que seja . . .

— E' que isto, como aquelle que diz, tantas vezes vae o pucaro á fonte até que lá lhe fica uma aza, a menina hade ainda lembrar-se d'uma certa proposta que eu lhe fiz não ha muitos tempos . . .

— Não me lembro de semelhante coisa.

— Esses refolhos não servem para a gente. Eu cá ainda estou na mesma e agora como á menina lhe faltou seu pae e está assim sem uma pessoa a quem se arrime e que lhe trate das terras, se quizesse a gente podia casar-se e viver bem um com o outro.

— Está ragoando comigo? ! . .

— Isto é serio e como lhe digo, meu pae leva tambem em gosto este caso e só depende da sua vontade . . .

— Não quero, já lhe disse uma vez.

— Mas então porque?

— Eu sou senhora de mim e posso fazer o que quizer, nem ninguem me pode obrigar a casar contra a minha vontade. Olhe, a Filomena, com certeza, não o hade receber assim, vá ter com ella.

— Isso são ciummes, mas em eu-casando com a menina não faço mais caso d'ella. Então isto para quando fica, vamos a saber?

— Vocemecê, certamente, endondecen, faz favor de se ir embora e não me inquietar mais . . .

— Lá isso mais devagar, não se põe assim ninguem na rua, olhe que o morgado não é melhor do que eu, e um homem para outro homem, tome sentido!

— Saia já, não o quero vêr mais n'esta casa, estou no que é unito meu.

— Não grite tanto que não é preciso, mas sempre lhe digo que antes ser minha mulher do que a amazia d'outro.

— Pedaco de bebado! . . .

O Ricardo cresceu para a rapariga e ia a agarrar-lhe n'um pulso, quando a porta da rua repentinamente se abriu e Antonio Silveira, de espingarda ao hombro alli assomou.

Foi a tempo

O Ricardo, covarde por natureza, como a generalidade dos farrões, largou a preza, levando machinalmente a mão ao chapim e esgueirando-se pela porta meia aberta.

A Adelina sentara-se a chorar, n'um archibanco do aposento e o morgado começou a indagar o que se havia passado.

Deixemol-os n'estas explicações.

As duas velhas que tinham sentido lá fora a algazarra e que agora não ouviam vozes, julgaram que a rapariga tinha saído, depois de alguma desavença com alguém que passava e como já estavam desenganadas que n'aquelle dia tinham de jejuar, entretinham-se, para matar a fome, a passar repetidas vezes as contas dos polidos rosários.

O Ricardo contou ao pae quanto se havia passado e que lá deixara em casa da Adelina o morgado, não por medo, mas por que uma mulher d'aquellas não era digna de ninguém casar com ella.

O caso deu muito que fallar na freguezia.

A reputação da filha do lavrador, d'aquelle dia em diante, ficou para sempre perdida.

\* \* \*

A fatalidade impellira Adelina para a turbida viagem do amor facilitando-lhe os ensejos de, sem ter quem a reprimisse, poder engolpir-se no dedalo de apprehensões e cuidados que constitue a mais agitada epocha da vida feminina.

Promettera-lhe o morgado que com ella casaria e embora houvesse bastante desigualdade de condições entre os dois amantes, não era a primeira vez que no Fayal um fidalgo da cidade vinha escolher uma modesta flôr do campo para sua companheira, tanto mais que a filha d'um lavrador não deshonra ninguém.

Estaria Antonio da Silveira sincero n'este compromettimento?

Assim acreditámos, pela verdadeira afeição que dedicava à gentil camponeza. Era muito natural que surgissem, da parte da sua familia, sérias difficuldades concernentes a semelhante casamento, que seu pae se oppozesse tenazmente, mas como não urgia tratar-se d'isso, desde já, o futuro mostraria a feição que esse negocio tomaria.

Em todo o caso as visitas ao Chão feio eram agora mais amudadas do que nunca, nem o morgado ou a Adelina faziam já mysterio das suas relações.

Na cidade, o pae de Antonio Silveira, continuava muito doente e a administração da sua casa estava de todo entregue ao filho, que não se poupava a trabalhos e diligencias a semelhante respeito.

A vasta propriedade do Chão feio carecia de andar mais bem tratada, de ter constantemente homens de trabalho e bem assim quem os vigiasse.

D'esta sorte n'uma das occasiões que o morgado estivera alguns

dias n'aquelle sitio a Adelina veio morar lhe para casa, e depois do regresso d'este para a cidade, alli ficou com plenos poderes de administração, acompanhada pela familia do quinteiro que ficou morando na parte inferior da casa.

A importancia que sempre dá a melhoria do haveres, começou, apesar de tudo, a amaciar o animo dos seus conterraneos a respeito do seu comportamento, aquelles mesmos que antes ralhavam muito da rapariga e que nem queriam que as suas filhas a visitassem, se acaso careciam de algum favor, algum pequeno emprestimo de dinheiro, algum empenho para a cidade, a resolução de qualquer negocio pela influencia do morgado, recorriam á Sur.<sup>a</sup> Adelinasinha, como então era tratada, por certa deferencia incluída n'este diminutivo e como geralmente quem d'ella se valia era servido, cessaram de todo os escrupulos a seu respeito.

Isto é quasi sempre assim.

Se nós olharmos despreocupadamente para o que se passa na sociedade, teremos centos d'estes exemplos. A culpa, ou o despreso, que pesa sobre determinada familia pobre por um facto qualquer, vergonhoso, da sua vida, volve-se n'uma quasi virtude se acaso essa mesma gente de um dia para o outro enriquecer. tudo então se justifica, para tudo existe desculpa.

O prisma pelo qual encarámos o viver dos humildes e dos desprotegidos não é o mesmo porque vemos o dos argentarios e dos grandes.

Ora, relativamente, o morgado n'uma influencia necessaria n'aquelle insignificante logarejo, para redimir qualquer falta da pessoa a quem dedicasse o seu affecto.

A equívoca situação da Adelina era em parte minorada pela independencia em que vivia, o morgado demorava-se, a espaços, alguns dias no campo e eram estes para os dois amantes os dias mais felizes.

A posse indisputavel da camponesa não diminuiu, como muitas vezes acontece, os extremos do morgado, ao contrario d'isto a Adelina pelas suas affaveis maneiras, formosura, e n'uma certa instrução que por saber ler adquirira, tornava-se n'uma companheira aprazivel e encantadora.

Além d'isto era muito arranjada no governo domestico e a propriedade agora entregue aos seus cuidados, melhorava visivelmente, dando bem fundadas esperanças de dobrar de rendimento.

E, ainda assim, haviam nuvens n'aquelle céu.

A lembrança de que o pae, um homem honrado, a amaldiçoaria se acaso pudesse surgir da sepultura e a visse na condição em que se achava, inundava-lhe por vezes acerbas tristezas ou verdadeiro remorso.

Quando de noite estava a sós, já deshoras, e que a insomnia se apoderava do seu espirito, n'essa vigilia figurava-se-lhe por vezes ver o pae, livido, cadaverico, á beira do seu leito, a fitar-a tristemente por

muito tempo, como á espera de uma reabilitação que lhe permitisse abraçar a filha, a única que tivera.

Resava então ferventemente a Nossa Senhora e por celeste mercê não era raro depois adormecer, lograr socêgo, com as mãos cruzadas sobre o peito.

Ha tempos tambem que andava indisposta, a sua saude parecia vacillante, davam-lhe por vezes vertigens, não estava boa.

O morgado sorria quando vinha á aldeia e que ella lhe dizia o que andava soffrendo.

A primavera tinha sido assaz tardia n'aquelle anno, mas afinal sempre se dignara de baixar á terra perfumada e esplendida.

Que rapida transformação em breves dias operada n'aquelles devastados campos, a flor dos favaes derramava no ar o mais delicado perfume, dos ramos das arvores irrompiam por toda a parte tenras e delicadas folhas, o chão das encostas revestia-se deervas d'um verde sandavel e festivo, as madrugadas tinham canticos das avesinhas e um sol creador vinha animar tudo, de dia a dia, de hora a hora, a natureza cobria-se de encantos e de flores, até nos mais alpestres sêrros.

Nos meados de Maio estava tudo em plena festa, as roseiras chumbando de flores, os cravos todos abotoados, as *grinaldas* a vergar ao peso das suas innumeras rosetas de gelo e os festões de hera a revestirem todas as disformidades dos escavados rochedos.

Que formosissima estação! . . . até na beira dos caminhos e atalhos a herba rasteira apresentava umas florinhas vermelhas, de encantador aspecto, ou outras muito singelas e amarellas, como bocadinhos d'ouro que alli tivessem cahido da regaço de alguma fada.

Os mattoz do Chão-frio, d'esta quadra do anno em diante até fins d'Outubro tornam-se aprasiveis e agora que os caminhos já andavam limpos da anterior laia e que as chuvas eram espaçadas recommençava a quotidiana romaria das raparigas ao Poço a buscar agua, o que se tornava n'uma favorita diversão para a gente nova d'aquelle lugar.

O Poço estava agora esplendido, tendo muita e purissima agua e milhares de flôres sylvestres nas suas encostas. As chuvas do proximo inverno haviam-lhe augmentado as proporções, era um pequeno lago, por sobre o qual adejavam alegres sonoras aves, canarios, melros, tentilhões e lavadeirasas.

Mais acima os caçadores começavam já a fazer numerosas victimas nas pombas e galinholas, ou a apanhar enormes coelhos pelas encostas, devido ás matilhas de adestrados cães.

Tudo n'aquelles campos tinha actualmente uma nova vida, tudo havia resurgido d'um somno sepulchral.

Na ultima vez que o morgado estivera na freguezia havia dito á Adalina que era preciso ella ir ver umas terras de matto que o arrendatario havia deixado, por quanto apparecêra um outro homem que as pretendia alugar e todos lhe diziam que andavam muito baratas.

Ficavam acima do Poço e era preciso destinar uma tarde para lá ir. O que valia é que o tempo estava bom e as tardes serem grandes.

Adelina ajustou com uma sua vizinha a projectada digressão e n'uma quinta feira acompanhada d'esta e d'um homem de trabalho das terras do morgado, dirigio-se para o mallo.

Era uma delicia aquelle longo passeio pelos campos fóra, o sol começava já a quebrar d'intensidade e uma suave brisa, perfumada e refrigerante trazia d'aquellas solidões acres e saudáveis fragancias.

Encontravam de distancia em distancia algum camponez que tinha ido à lenha, ou que conduzia para o povoado algumas vaccas, conversavam por vezes alguns instantes e depois cada qual proseguia no seu caminho.

A terra do morgado era distante, um bom pedaço para cima do Poço e a Adelina, mais a sua companheira, teve de a percorrer toda, enquanto o trabalhador, que levava uma foice, ia cortando farto feixe de urzes, para não regressar de leve.

Quando a Adelina, havendo bem examinado o predio e calculado, approximadamente, o que podia produzir, por ter sido creada n'aquelles sitios, chegou ao portezinho da entrada, o homem que a acompanhara já estava com o feixe de lenha no caminho, a foice metida na corda que prendia as urzes e fajas e sentado, a descansar, sobre o mesmo.

— Se a Sr.<sup>a</sup> lhe parece, — disse este, em voz-me andando com esta lenha por ali abaixo, vocemecês com certeza vão mais devagar e eu ainda tenho que ir pôr o gado nas terras e botar-lhe a ceia.

— Pois vá o tio Francisco e será bom escolher com cuidado a comida da Trigueira, aquelle animal definhava a olhos vistos.

— Foi quebranto que lhe deram, e enquanto não fôr benzida não se faz nada, eu já disse isto mesmo ao Sr. morgado, mas elle, como aquelle que diz, não acredita n'estas coisas.

— Pois faz mal, — accudio a companheira da rapariga, ninguém se livra d'um ramo d'*inveja* e ha muita gente malfaseja.

— Lá isso é verdade, ainda que me parece que nem elle, nem eu, temos scandalisado ninguém aqui de cima.

— Ora, a menina bem sabe que para querer mal não é preciso muita coisa, eu tambem se a vacca fosse minha mandava-a benzer quanto antes.

— Poderá ! . . . accudio o trabalhador.

— Nada se perdia com isso, heide fallar ao dono da casa, espero o segunda feira.

— Pois fiquem vocemecês com Deus que eu cá vou com a minha carga, isto vai ser um tal andar por ali abaixo.

Permaneceram sós as duas mulheres.

Era já perto da noite, os arvoredos começavam a confundir-se nas espessuras da serra e a revestir uma côr escura, os melros recolhiam

aos seus nocturnos abrigos e nas ramas copadas dos incensos soltavam estridulas risadas bem distinctas na quietação d'aquelles ermos, algumas nuvens acastellavam-se para além da serra, nas cumieiras da *caldeira*, enquanto que pelo lado do norte da alterosa ilha do Pico, limpa de qualquer emba de nevoas, a lua já campeava no firmamento.

— Vamos ter uma bella noite, a lua sabio vermelha que tem que ver, hontem foi cheia.

— E' o que vale, que estes caminhos são pessimos, de mais a mais para quem não está costumada a longas jornadas. Desde que faltei meu pae é a primeira vez que venho ao matto . . .

— Pois se a menina andasse mais havia gosar mais saude, eu cá quando era nova ninguem me punha o pé adiante.

— Não vá tão apressada, tia Maria Ignacia, olhe que eu não a posso acompanhar.

— E' que os meus rapazes não hão de tardar de chegar do trabalho e que não lhes deixei a ceia ao lume, não esperava que nos demorassemos tanto . . .

A Adelina quiz acompanhar a sua companheira, mas dentro em pouco tempo estava offegante.

— Vocemecê sempre corre! . . .

— Ora, as pernas p'ra que se fizeram? e deve saber que eu já fiz os meus sessenta na vespera da Senhora da Conceição.

Ninguem tal dirá! . . . benza-a Deus.

— O Joaquim vai ficar zangado de não achar a ceia prompta, aquillo trabalhava todo o dia como um homem, salvo seja, mas tambem come que nem um ladrão, o Antoniquinho não, esse é mais franganito. Tenha a menina paciencia, avive mais o passo.

— Mas olhe que, verdadeiramente, não posso, já estou até a bom suar.

— A gente tambem já esteve mais longe, em se chegando ao Poço d'ahi para baixo o caminho é mais *amovavel*.

— Não torno a vir aqui acima tão cedo . . .

Iam descendo sempre o lento declive que do matto conduz ao Chão-frio. Quando chegaram proximo do Poço a Adelina já não podia arrastar consigo, era necessario uma pausa d'aquella marcha forçada.

— A tia Maria Ignacia—disse a rapariga—desculpe, mas eu preciso descansar aqui um bocadinho.

— O diacho é que o Joaquim já hade estar esganado com fome, elle então que quer tudo a horas certas.

— Pois o remedio é vocemecê ir andando adiante, eu não posso acompanhá-la assim.

— A menina não tem medo de ficar aqui sosinha?

— Medo de que? . . . está hja que nem sol.

— E' como eu, que tambem em nova aqui vinha muitas vezes

buscar agoa e até sendo já bem escuro, são dois passos por ali abaixo.

— Vá com Deus, que a não quero demorar mais.

— O peor foi o tio Francisco safar-se com a carga de leuba, ha que tempos não está elle já em casa. Então se não leva a mal eu vou-me andando . . .

— E' o melhor.

— Isto é por causa do Joaquim, que eu cá por mim tanto me fazia . . . baja saude, talvez que eu ainda a aviste quando me passar pela porta. Até logo.

— Adeus.

A Adelina, então sosinha, sentou-se a descansar n'umas grandes pedras, quasi á beira do caminho, sobranceiras á alterosa escarpa que circunda o Poço, cuja agoa, como um pequeno lago de prata, reflectia a claridade branca da lua.

Aquelle sitio representava-se então á rapariga completamente ermo, nem as arvores rumorejavam na quietação nocturna, nem qualquer avesinha do campo soltava o minimo gorgueio, somente a distancia o som agudo e argentino d'alguma campainha do gado por vezes se deixava ouvir.

A Adelina sentia-se bem alli, aquelle mysterioso recolhimento da natureza adormecia-lhe, por momentos, na alma, o remorso de haver deshonrado a memoria de seu pae e idealisava até risouhos sonhos. via-se um dia rehabilitada, a esposa do morgado.

Quando fosse mãe não teria ainda maior jus ao seu amor? . . .

Assim, a scismar, n'aquelle doce enlevo, demorou-se alli com os olhos fitos n'agoa a scintillar, como um manto bordado de estrellas purissimas.

Decorreu mais de uma meia hora.

Afinal ergueu-se, a sua forma era elevada e o seu vestido de alva eôr, dava-lhe a apparencia de uma estatua de alabastro, collocada em alto pedestal e beijada pelo luar.

Em vez, porem, de seguir para o caminho, soltou repentinamente um grito, abriu os braços e despenhou-se para o lado da ribeira.

A agua do Poço tremeu toda, formando grandes circulos ao receber no seu seio o corpo da rapariga e depois tudo de novo recalhou em silencio.

Passados alguns momentos duas sombras destacaram-se de uma moita de arvores a breve distancia do sitio em que estivera assentada a Adelina.

Eram a Filomena e o Ricardo do Mignel da venda.

— Eu bem te dizia que não atirasses aquella pedra — proferio a meia voz assustada, a Filomena. — não lhe ouvi senão um grito quando cahiu, a pedra pareceu-me haver-lhe batido em cheio na cabeça, oxalá não tenha acontecido alguma desgraça . . .



— E' que ella está ali p'ra baixo escondida com medo, aquillo era mais para a assustar do que para outra coisa, mas uma pontaria assim certa n'unca vi. Diabo!

Queria Deus mais os seus santos . . . — e a Filomena chegando-se exactamente á pedra aonde ha pouco estivera sentada a Adelina, debruçou-se sobre o precipicio, observando o Poço.

— Olha . . . — disse ella a tremer — chegando para si o amante, ao qual agarrou convulsivamente as mãos.

— O que é ? ! . . .

— Repara ali para o meio do Poço . . . é ella . . . o seu vestido branqueja n'agua . . . forte desgraça ! . . .

— Cala-te, en vou ver o que aquillo é — e o Ricardo desceu apressadamente a rude viella que conduz até á beira da agua.

En não fico aqui sosinha, credo ! . . — acendio a sua companheira, seguindo-o a pouca distancia.

O corpo da Adelina, já defuncta, boiava á superficie da agua, deitada bem ao comprido e com os braços abertos. Parecia uma cruz de marmore beijada pelo luar.

O Ricardo metten-se n'agua ate á cintura e de braços estendidos tratava de chegar para terra o cadaver, enquanto a Filomena a chorar, permanecia na beira do Poço.

Foi trabalho baldado, o assassino não teve coragem para tanto, fraquejavam-lhe as forças.

— Estou com uma morte ás costas ! — dizia elle, — acercando-se da amante — mas ninguém nos viu . . . talvez ninguém suspeite . . .

— Por que não me deixaste vir sosinha á terra, nada d'isto havia acontecido.

— E' que não gosto de te deixar á solta. . . tu bem me entendes. Isto tudo, se aquella mulher effectivamente, está morta, foi por tua causa. E' preciso safar d'estes sitios quanto antes, que não nos vejam aqui . . . vae pelo meio das terras, que eu vou pella ladeira do Atafoneiro e depois descerei por cima da Lomba.

— Não vou, que tenho medo. Era o que me faltava, ir por essas *lanjuras* sosinha.

— Preferes então que nos vejam ? . . . isto vae ser um caso muito fallado e olha que qualquer suspeita dá contigo na cadeia.

— Credo ! . . en não matei ninguém, foste tu . . .

— Mas estavas comigo e é quanto basta . . . espera . . . parece-me que ali vem gente . . .

— Estamos perdidos ! . . .

— Pode ser algum homem que vá passando . . . não te mechas d'ali . . .

Os dois permaneceram immoveis, agachados entre umas grandes pedras. Effectivamente era um homem que passava pelo caminho sobranceiro ao local em que se achavam, vindo d'algunha das freguezias

do norte, — não reparou para o Poço e continuou na sua derrota, talvez para a cidade.

O vulto branco, o cadaver à tona d'agua, permanecia no mesmo sitio, parecendo, porem, aos criminosos que se havia meebido, pois viram a agua agitar-se.

— Olha, a Adelina ainda está com vida, vamos ver se a salvámos.

O Ricardo entrou pela segunda vez n'agua, deu n'esta occasião algumas braçadas a nadar, até junto da sua victima e ergueu-lhe a fronte fóra do liquido, na qual a lua bateu em chapa.

A Filomena, na margem, tremia como varas verdes.

A infeliz rapariga estava, porem, morta e bem morta, não havia que duvidar, e quando o assassino a largou o rosto sumiu-se-lhe todo debaixo d'agua.

— Não ha que duvidar . . . — disse o Ricardo — pondo o pé em terra.

— Mas eu vi a agua mecher ? ! . .

Era alguma rã que saltou. Vamos fugir d'aqui depressa. Olha cá ? . .

— O que é ? ! . .

— Segredo e mais segredo, percebes ? . . meia palavra que digas, juro te que tens a mesma sorte.

— E se eu me calar casar comigo ?

— Caso, mas com esse contracto, agora é andar, cada um pelo seu lado.

A Filomena correu veloz, como uma sombra, pelo caminho abaixo, enquanto o amante atravessava, em sentido contrario, um pedaço de matto, até à entrada da ingreme ladeira do Afoneiro, para ir sempre caminho acima e voltar a casa pelo lado opposto d'aquelle malfadado sitio.

Nem um nem outro encontraram alguém no seu trajecto, dizendo em casa a Filomena que vinha de casa de uma amiga, enquanto o Ricardo contava aos seus que estivera na cidade.

A manhã seguinte foi de completa consternação em toda a freguezia.

O cadaver foi encontrado no Poço por uma mulher que alli viera de madrugada buscar um pote d'agua e a qual, muito aterrorisada, correu logo a dar parte, em altos gritos, d'aquelle triste espedacnho.

Uma hora depois estava aquelle sitio e as suas immedições cheio de gente e o Regedor, assumindo as funcções authoritarias mandou puchar para terra o corpo da infeliz rapariga.

O Ricardo e a Filomena tambem estavam na turba.

Coisa singular ! . . a superficie da agua apresentava uma porção de pennas brancas, pequenas e muito finas, que ao sopro da brisa matutina corriam d'um para outro lado.

Examinaram o cadaver que não apresentava signaes algums de

qualquer violencia que soffresse, a não ser uma mancha arroxada n'uma fonte, mas pequena e sem ferimento.

A mulher que tinha acompanhado na vespera Adelina, bem como o trabalhador que tambem fôra com ella ao matto, tinham sido alli mesmo interrogados.

Elle não sabia nada, a mulher, visinha da victima, contava a verdade, que a tinha deixado sentada n'aquellas pedras á beira do caminho, sobranceira á encosta do Poço e que a Adelina se queixara muitas vezes de estar fatigada.

Um mais entendido lavrador disse então:

— Isto está bem de ver o que foi, a rapariga vinha caçada da ca-minhada, sentou-se ahí ao sereno, que sempre aqui cae rijamente e deu-lhe um mau ar, acontecerem *cahir para traz e despenham-se dentro da agua*, Deus lhe falle n'alma.

Tambem quem é que lhe havia de fazer mal, para que?... não é a primeira pessoa que se tenha encontrado morta no matto ou n'esses caminhos...

— Lá isso é verdade, ainda me lembro do mestre ferreiro, do Fernandes.

— E a Maria, do Antonio Joaquim, no atalho da velha, ninguém está livre de lhe dar uma coisa.

— Eu cá não sei — accudio o regedor — mas tambem não me parece que houvesse aqui uma má acção, em todo o caso vou dar parte ao Sr. Administrador. Este corpo, porem, não pode ficar aqui, os cabos de policia que chamem gente, é leve-o para onde morava.

— Mas aquellas pennas, assim como das azas de alguma ave, o que serão? nunca vi o Poço assim, mais aqui tenho vivido desde criança — perguntou uma rapariga.

— Quem é que sabe lá, isto aonde ha defunctos acontecerem sempre coisas extraordinarias, bem pode ser que sejam as azas do seu anjo da guarda, quando a velasse a noite passada.

— Bem pode ser, é verdade, eu sempre vou guardar uma para arrelique...

— Eu tambem.

Mais eu.

E todas as mulheres presentes colheram algumas pennas.

— Vocês sabem que mais, — disse uma esbelta rapariga, morena, e com os olhos marejados de lagrimas — estou-me a *lembrar d'uma coisa*, a Adelina era muito minha amiga e dizia-me por vezes os seus segredos — Ella estava para ser mãe e essas pennas são talvez das azas do seu filhinho quando partiu para o céu... era um anjo, não é assim?

— Talvez tu é que acertasses, Margarida.

— Pois já se sabe que hade ser, — accudiram outras mulheres — e debaixo das azas d'esse anjo foi abrigada a alma da desgraçada mãe.

D'esse dia em diante ninguém mais conheceu aquelle sitio senão pelo «Poço das Azas».

O morgado Antonio Silveira, mal recebeu a infusta noticia do succedido, veio immediatamente ao Chão-frio, a sua magoa foi profunda e vehemente e fez as mais minuciosas indagações sobre aquelle mysterioso acontecimento.

Não havia quaesquer indícios que levassem a acreditar a possibilidade d'um crime e a pequena mancha escura que o calaver apresentava n'uma fonte, explicava-se facilmente pelo effeito da queda d'uma alterosa ribanceira.

Não houve, por conseguinte, apprehensões sobre semelhante morte, que se attribuiu a um accidente que houvesse dado na rapariga, quando estava sentada á beira do precipicio.

O morgado, dois dias depois do enterro, voltou para a cidade, ainda immerso em profunda dor, porem, tendo para o distrahir os numerosos affazeres da importante casa paterna, fallou-se na freguezia durante algumas semanas n'aquelle triste caso, houve a nussa d'alma, assaz concorrida pela visinhança da Adelina, ninguém durante dois mezes quiz ir buscar, para gasto, agoa ao «Poço das Azas,» até que depois de uma caudalosa ribeira que o lavou, um ou outro menos escrupuloso camponez começou de novo d'alli a fornecer-se.

No fim d'uns tres mezes já era, como antecedentemente, frequentado por toda a gente e o sinistro no mesmo occorrido, começou a cahir em esquecimento.

Os mortos vão depressa.

No inverno seguinte o Ricardo, do tio Miguel da venda, casou com a Filomena.

Eram de ha muito sabidas, na freguezia, as relações amorosas d'estes noivos e por tanto esta união não despertou muito a attenção publica.

O que se dizia geralmente, era que a noiva talvez tivesse dado *calda* ao Ricardo, pois que havendo já prestado attenção a muitos namorados, conseguira afinal casar com um dos mais abastados herdeiros d'aquelle logar.

Já era fortuna!

\* \* \*

Decorreram seis annos.

Ricardo e a esposa, havendo afinal, n'este decurso de tempo recebido a herança do Miguel da venda, mudaram-se do sitio do Chão-frio para quasi uma legoa de distancia, estabelecendo-se na beira mar da freguezia da Praya do Almoxarife.

A sua casa era das melhores d'aquelle povoação e viviam em campesina abundancia.

A Filomena, então uma formosa mulher, andava acceiadamente vestida e ninguém apresentava na muito concorrida missa do dia mais avantajados cordões de ouro, nem mais compridos pingentes nas orelhas.

O marido reduzindo a diheiro a maior parte dos bens que possuía, descejava viver livre das cadeiras do trabalho e sem andar sempre envolvido em terra.

Parecia uma gente feliz sem cuidados, e davam-se perfeitamente ao que parecia, izemptos de apprehensões no dia de amanhã, nem de cuidados com os filhos que não tinham.

Que admirava, pois, que a Filomena andasse sempre bem paramentada, não tinha nada que fazer, era uma vida de morgada, espai-recida.

O Ricardo, esse então não era de genio tão alegre como a esposa, notando se-lhe até nas certos dias em que andava cabisbaixo e taciturno, mas ainda assim tinha um recurso, emborcava duas ou tres garrafas de bom vinho e um somno de chumbo vinha apagar a consciencia d'aquelle passageiro mau estar.

Amudava, porem, demais, o uso d'aquelle remedio.

O genio dado da Filomena facilitou-lhe tomar depressa relações com toda a visinhança da sua nova moradia e ora em casa de uns vizinhos, ora em casa de outros, passava a maior parte do seu tempo a conversar e a rir.

Enquanto solteira -- dizia ella -- o seu Ricardo fôra muito cimento, porque não tivera tempo, então, de a conhecer bem, mas agora ella fazia do marido o que queria, tinha artes de o saber levar.

E assim era.

Aquella mulher, no trato intimo, desenvolvia labias pouco communs. magnificava o marido com extremos de carinho, fazia-o ver pelos seus olhos, obedecer ás suas vontades, e entre dois calidos beijos enclia-lhe, prasenteira, um bom copo de vinho, os seus amores eram uma continuada orgia e as noites passadas ao seu lado estonteavam como a quem houvesse dormido entre os perfumes sensuaes de uma estufa povoada de rescendentes flores, n'uma atmospheria mórna e com um grande ramo de jasmins á cabeceira.

O vinho e a mulher, a não ser o Ricardo d'uma forte compleição já teriam dado cabo d'elle, ainda assim ia resistindo e só no olhar um pouco paralo e sem brilho é que um attento observador, se acaso o houvesse, poderia conhecer o quer que fosse de anormal.

O desgraçado fim da Adelina, de que elle fôra causa, ainda que, diga-se a verdade, não precisamente com o proposito de lhe atrair uma pedra que a matasse e mais para a assustar brutalmente de que paralie causar grave damno, andava-lhe, não obstante, sempre no pensamento, sugerindo-lhe occultos terrores.

Esquecia-se, porem, de alguma sorte d'aquelle fatal acontecimen-

to nos braços da mulher, até que a manhã seguinte viesse de novo chamal-o à realidade da vida.

Esta dupla existencia estragava-o.

A mulher notava-lhe alguns esquecimentos e singulares distrações e experimentava, por vezes, a brincar, tirar-lhe as chaves da algebeira e elle agarrava-as soffregamente, conservava-as na mão e em logar de as guardar, n'uma ou duas occasiões pegou no chapeo e sahio, deixando-as cair no soalho, sem dar por isso, nem o despertar a bulha que as mesmas tinham feito.

A Filomena fechava-se então no quarto da cama, ia a um baloi, abria-o, contava o dinheiro em oiro alli existente, dois contos de reis, e guardava as chaves.

Quando o marido, á noite se recolhia, tinha o cuidado de lhe introduzir as mesmas na algebeira aonde anteriormente estavam, e isto sem que elle sentisse.

Sabia, pois, dos haveres d'aquella casa, apesar do marido ter sido n'este ponto assaz reservado para com ella.

N'uma primavera vieram á freguezia, visitar a sua gente, uns rapazes que ha alguns annos estavam nos Estados Unidos da America, acontecendo um d'elles ser de uma das casas que mais perto ficavam da habitação do Ricardo.

A ociosidade em que a Filomena passava a vida dava-lhe largas a não se tirar das moradias dos vizinhos, como não é raro acontecer nos lugares pequenos a quem não tem que fazer.

O *americano* que temporariamente, alli vivia, tornou-se muito do seu agrado, era um rapaz de vinte e tantos annos, robusto, bem vestido e um typo effectivamente sympathico.

Da casa do Ricardo cozearam então a acudir os presentes áquella humilde habitação, do melhor prato da meza, do mais escottido vinho da ceia, era raro não partilhar o Sr. Francisco e isto muito a aprasimento dos parentes do mesmo, cujo parco passadio se limitava, geralmente, a umas couves cozidas, ou mal temperados legumes e que não botavam a minima malicia em tantos disquezios, pois já de ha muito que alguns lhe tinha feito a Sur.<sup>a</sup> Filomenasinha, como pessoa abastada que era.

A mulher do Ricardo se n'alguma occasião estava alguns momentos a sós com o *americano*, envolvia-o em um olhar tão ardente, como um olhar de fera.

Alli vai seu marido — disse-lhe este uma vez — vendo passar em frente da casa o Ricardo, com a fronte inclinada para o chão e muito pensadamente.

— E' deixat o ir, não me faz falta.

— Ora essa! . . . estão boje mal? . . .

Nem mal nem bem, é sempre isto assim, aquelle vadio anda horas esquecidas por esses campos, não se lembra que tem mulher.

— É que tem a sua vida a arranjar.

— Bonitos arranjos na verdade . . . antes eu nunca me houvesse casado . . . era pobre mas vivia á minha vontade.

— Mas então isso não foi casamento de amor? . . .

— Eu sei lá o que foi . . . casei como casam muitas outras raparigas, mas ainda um dia . . .

Um dia, o que? diga . . .

— Nada. Olhe, antes de se ir embora hade-me dizer onde o poderei encontrar em Boston, sim?

— Tem intenção de ir para a America? . . . vocemecês lá não se accomodavam talvez, o seu homem não está habituado a trabalhar.

Mas eu tambem não digo que elle vá, poderia ficar se quizesse.

— E era capaz de o deixar?

— Confirme . . . a gente não sabe para o que está guardada n'este mundo.

Uma irmã do Francisco entrou n'este momento e a conversação teve de terminar, por inconveniente.

Aquella conversa deu que scismar ao *americano*.

O navio que devia, de novo, conduzir os visitantes fayalenses para os Estados Unidos e que tinha ido ás outras ilhas buscar passageiros, antecipou de alguns dias a sua chegada á bahia da Horta, aonde mesmo de vela receberia a gente que tinha de seguir para Boston.

O visinho da Filomena apenas teve tempo, mal soube da sua chegada, de despedir-se da sua familia e de ir a casa do Ricardo, agradecer a este e á sua esposa tantos favores.

Estavam em casa e o Francisco disse-lhes o motivo da sua visita.

— Então tu vás para o Rio de Janeiro? — perguntou o Ricardo, com um sorriso alvar.

— Não Sr., para Boston, d'onde vim ha pouco.

Ah! sim, para Boston, é verdade, esquecia-me agora . . . boa jornada . . .

— Viagem, quer dizer.

— Viagem, é isso, ô Filomena convida o nosso visinho para jantar.

— Obrigado, mas não tenho tempo, mil agradecimentos por tantos obsequios e Deus fique aqui, Sr.<sup>a</sup> Filomena . . .

— Até um dia — disse esta a meia voz, apertando-lhe a mão.

— Não sei quando isso será, só d'aquí a annos voltarei talvez aos Açores.

— Mas ha quem pode la ir ter e talvez sem muita delonga . . . lembre-se d'isto e adeus.

De fóra chamavam o Francisco e já estava á porta de sua casa o homem que lhe conduziria até á cidade o seu bahu.

Partiu.

O Ricardo murmurava a sorrir: — O Filomena, elle vae para o Rio,

hein? . . . bôa terra para quem sabe a lingua, mas para portuguez . . . pouca fortuna. Não me respondes? ! . . .

— E' assim, é, — accudio distrahidamente a mulher, com a vista fixa ao longe, n'uma volta do caminho.

Passou-se ainda aquelle verão e subseqüente inverno, sem novidade notavel n'esta familia, a não ser o Ricardo cada vez andar mais taciturno e aparvalhado.

Dizia-se na freguezia, a meia voz, que alem da bebida, de que elle fazia largo consumo, certamente a mulher lhe deitava na mesma *pós de querer bem*, uma peste que entre nós tem dado fim de muita gente, até por vezes das classes mais elevadas da sociedade.

A casa da Filomena estava sempre franca para receber quem quer que fosse que viesse á freguezia, o genio alegre d'aquella mulher e certa abundancia que alli reinava dava ensejo a tantos conhecimentos e amizades.

Aquella moradia era uma especie de estalagem e quando vinham hospedes a Filomena, ao invéz dos seus habitos, trabalhava a valer para maior commodidade dos recém-chegados.

Apparecia alli de tudo, gente que passava d'uma para outra freguezia, rapazes da cidade que queriam ter um dia de campo, contrabandistas e engajadores de gente para os paises estrangeiros, nos seus multiplos affazeres e nos seus complicados tramas.

N'este numero entrava o «Olho de Codorniz», um velho magro, esperto, de meã altura e cara de furão, que só á sua parte tinha feito embarcar clandestinamente mais rapazes para os Estados Unidos do que cabellos tinha na cabeça.

A este homem a Filomena demonstrava especiaes deferencias, era para elle a melhor cana, o mais bem temperado prato, adivinhavalle as vontades, queria que elle alli se demorasse e tratava-o, enfim, ás mil maravilhas.

O Ricardo, figura aliaz, muito secundaria, presentemente, n'aquella casa, instigado pela mulher, acompanhava-a nos offerecimentos ao velho, mas com o recado mal ensaiado, pois nmas vezes o convidava para irem juntos para a cidade, outras para elle ficar de vez morando alli; — era custoso entendel-o.

Quando chegou a primavera seguinte o «Olho de Codorniz» demorou-se mais alguns dias na Praya, a maré ia de enchente no seu prohibido trafego, esperavam-se duas barcas da America e tinha diversos negocios a tratar n'aquella povoação.

Afinal retirou-se um dia para a cidade, assaz satisfeito, e quem o observasse, com cuidado, notaria que ao subir a ladeira o velho de vez em quando levava a mão á algibeira, para se certificar não haver perdido um embrulho de que era possuidor, contendo dinheiro em oiro, um presente generoso da Filomena.

Decorridos uns quinze dias e havendo já chegado uma das taes



barcas, recebeu, flutuando, numerosos passageiros e perto da noite fez-se de vella, sahindo da bahia da Horta, pelo lado do norte.

N'essa noite a Filomena preparava ao marido uma opipara ceia. os guisados de que elle mais gostava e apresentou-lhe diversas garrafas d'um vinho tinto, especial, que o «Olho de Coderniz» lhe mandara da cidade, o que não admirava nada, depois de tantos obsequios que lhe haviam feito.

O Ricardo emborcou o primeiro copo e disse para a mulher:

— Bom vinho, forte, mas acho-lhe assim um gosto não sei a quê...

— Deixa-me provar — accudio a Filomena — abrindo muito naturalmente outra garrafa, por lhe ficar mais á mão e deitando algumas gotas n'um calix que sorveu d'um trago.

— Acho o excellente, d'este é que tu havias de usar sempre.

— E' bom, é, mas deve ser caro, o ladrão dá assim, ao longe, um gosto como a flôres, não achaste?

— Eu não. E' que ainda não estás acostumado a esta qualidade. . . queres carne de porco ou coelho guisado? . . .

— Dá-me antes dos coelhos . . . Puf! . . . hoje não estou muito bom do estomago . . .

— Bebe mais para te abafar isso, vamos lá, vou fazer-te companhia.

— Olha não te vâ á cabeça.

— Também não era a primeira vez, mas ninguém sabe cá da nossa vida . . . Queres mais?

— Já não posso comer . . . urh! . . . tudo me enjôa . . .

— Bebe mais, anda . . . — e a Filomena veio sentar-se no collo do marido, passando-lhe um dos formosos braços em redor do pescoço e com a mão livre apresentando-lhe um grande copo cheio de vinho até á borda.

— Então vae mais este ou não? . . . é a pedido . . .

— Tu fazes de mim o que queres,—e quando acabou de beber: — diabo! . . . não estou mesmo nada bom.

— Pois vamos deitar.

— Eu queria agora era apanhar ar . . . estou tão agoniado!

— Não vês que é de noite? . . . não podes saber, assim pelo escuro.

— Ah! . . . é de noite, eu também não sabia, cuidava que estava jantando e parece que é a ceia . . . — e o Ricardo dormitava em breve, meio deitado sobre a méza.

— Anda deitar-te, ahí não estás á tua vontade.

— Mas hasde-me deixar dormir socogado, isto é que é um peso de cabeça, parece chumbo.

— Foi o vinho, em tu dormindo isso passa, vamos p'ra dentro.

O Ricardo, ainda que a muito custo, conseguiu erguer-se da ca

deira, para passar ao quarto proximo, que era o da cama, mas encostava-se ás paredes, tropeçava a cada passo e afinal cahio junto da porta, ficando estendido a dormir.

Parecia um cadáver, se não fosse um resomno de apopletico.

A Filomena, a muito custo, conseguiu arrastal-o para o interior do quarto.

— Queira Deus — dizia ella mentalmente — que o «Olho de Coderniz» não *temperasse* de mais o vinho, o melhor é deixal-o ali no soalho, quem é que pode levantar um corpo d'aquelles? . . . vou fechar a porta á chave, sempre é bom cautella, ainda que o tenho seguro.

E, effectivamente, sahindo d'alli deu volta á chave que metteu na algibeira.

— Sentido não me esqueça o diabinho . . . é em oiro, poderei com elle e já o tenho acautellado fora da porta, entre os buxeiros . . . bem . . . vamos vêr agora se a velha já está deitada. . . Forte vida!

Dirigio-se, com uma vella accêsa na mão para a banda da cosinha e quando passou pela alcova aonde dormia a mulher que servia no interior da casa, abriu uma fresta da porta, perguntando para dentro, a meia voz:

— A tia Rita tem ainda o lume accêso?

Ninguém lhe respondeu e somente ouviu o som cadenciado da respiração de uma pessoa que dorme profundamente.

Tornou a fechar a porta.

— Agora de pressa, que é tempo.

Abriu cautelosamente a porta da cosinha, que deitava sobre o campo, desceu uma pequena rampa de pedrinhas mindas, tornou a casa e archou-se em frente da mesma, n'um espaço de terreno cercado d'um muro baixo e que dividia aquella propriedade do caminho do concelho.

O «Olho de Coderniz», agachado pela banda de dentro do muro e occulto por umas hortenses que alli havia, poz-se então de pé e dirigindo-se para a Filomena, disse-lhe em voz baixa:

— Que demora! . . . ha mais de uma hora que estou á espera . . . a gente da lancha já deve estar desesperada, vamos depressa . . .

— Que quer? . . . não ponde ser mais cêdo . . . eu volto n'um pulo.

— Aonde é que vae ainda? ! . . . ora esta! . . .

— E' um apicc. . . — e a mulher correu para sitio occulto, n'um dos lados da casa e sem que o seu companheiro soubesse, metteu-se entre uns enormes buxeiros e erguendo uma lage, tiron debaixo da mesma uns rolos de panno, bem cosidos, que guardou cautelosamente no seio e na algibeira do vestido.

Isto foi obra d'um momento.

— Prompta!

— Deus vá connosco . . . o vinho fê-lo dormir, não é assim?

— Sim Sr.

— Está bom, é p'ra toda a noite. Vamos e nada de fallar.

Sumiram-se nas trevas.

Era alto dia quando o Ricardo accordeu na manhã seguinte, estragado, n'um mau estar geral, como pessoa que houvesse soffrido atrozes pesadellos.

Admiron-se de estar estendido no chão, sem que tivesse consciencia de como alli se achava e de não ver a mulher no quarto, pois ella, geralmente, levantava-se tarde.

— O' Filomena! — exclamou — que diabo é isto?! . .

Ninguém lhe respondeu, por quanto a criada, julgando os amos ainda recolhidos, havia sahido para as terras e ainda não voltára.

Ergueu-se, ainda assim, a custo e com passos vacillantes dirigio-se para a porta do quarto, que estava fechada e a chave já a essas horas, sem que ninguém susperlasse, muito distante d'alli, pelo mar fora.

Ora esta! . . ó Filomena! . . ó tia Rita! . . isto pelos modos sahiram todos e deixaram-me aqui fechado . . . tambem eu não tenho nada que fazer . . . deixal-o, vou dormir mais um bocado . . . — e deitou-se sobre a cama, que não reparou estar intacta — o que eu não atino é como estava no chão . . . eu não me lembro de cahir, nem de já me haver levantado . . . a Filomena é que me hade explicar este caso . . . sempre tenho uma sede . . .

E adormeceu de novo.

D'ahi talvez a uma hora, quando a criada voltou para casa é que o Ricardo accordeu de vez, sendo afinal preciso metter a porta dentro para o fazer sair da sua prisão, reconhecendo-se então por varios bábús e gavetas abertas, que a Filomena havia fugido, roubando o marido.

Foi grande o escandalo na freguezia, não se fallava de outra coisa e do resto do vinho da ceia, uns abelhudos visinhos que d'elle provaram, vomitaram a valer.

Estava evidente a trama, fizera a fugitiva adormecer o marido para mais facilmente *abalar*.

O Ricardo com a revelação d'aquelle trama não deu grandes demonstrações de pesar, o seu entendimento estava gasto, embolado e indifferentes em parte a tudo que em seu redor se passava.

— A Filomena — dizia elle — hade voltar, mais é ella que me deixa, isto é talvez alguma brincadeira . . .

— Mas o dinheiro?! . .

— O dinheiro, é verdade . . . eu tinha bastante dinheiro . . . eu tambem não me lembro bem se era um . . . não . . . esperem vocês, eram dois contos de reis, *home* elle ou é um ou dois . . . ella hade ter isso bem acautelado.

— E bem acautelado, não tenha duvida — accudio um matreiro camponez.

— E' mulher de governo, — tornou o marido — talvez fosse a cidade.

— Para a America, desconfio eu, você não sabe que a barca sahio hontem?! . .

— Ou foi para a America, bem pode ser que seja, mas logo está ali e explicará tudo.

— Este diabo está tolo! . . — murmurou o tal camponez a um seu companheiro.

— Parece . . . a gente não tem que fazer aqui, as irmãs que o aturem agora, manda-se-lhes aviso.

— Será bom — e depois em voz alta para o Ricardo — Pois haja saude amigo . . . oxalá não haja mais *dolôrio*.

— Deus vá com vocemecês, a Filomena está é no Poço das Azas, foi ver a outra, coitadinha!

— Qual outra? . . que é que vocemecê está para ali a dizer. . .

— Eu tambem já não me lembro o nome . . . Filomena não era . . . aquillo a dizer a verdade não era p'ra lhe fazer mal . . . mas aconteceu, foi tudo para a America, uma e outra, deixal-o! . .

Vieram do Chão frio as irmãs do Ricardo, verificou-se a existencia do roubo e a fuga da Filomena que levara tambem os cordões d'ouro e os compridos pingentes de que tanto gostava.

Uma das irmãs do Ricardo, solteira e já de alguma idade veio para alli viver e cuidar do irmão, que gradualmente ensandecceu, depois d'essa epocha, tendo, porem, ainda muitos annos de vida.

Da Filomena não houveram mais noticias.

O morgado Antonio da Silveira, para quem a memoria da pobre Adelina sempre foi uma saudosa recordação, veio mais tarde a casar com uma rica herdeira da Horta, a qual conseguiu tornal-o feliz.

Elle, a esposa e duas meninas, suas filhas, vinham, durante o estio, habitualmente, passar algum tempo na sua casa do Chão-frio.

Uma vez Antonio Silveira n'um passeio ao Poço das Azas, começou a contar á joven esposa a historia da Adelina, mas pondo o caso em terceira pessoa, no que lhe dizia respeito.

— Já sei tudo respondeu a rapariga — mesmo até desde antes de eu casar.

— Perdoas-me?

— Eu não tenho ciúmes dos mortos. Diz-me uma coisa, nunca suspeitaste que n'aquelle acontecimento podesse ter havido um crime?

— Um crime! . . mas para quê, que mal fazia a pobre da Adelina? ninguém lhe tinha odio . . .

— Mas o tal Ricardo, a quem ella havia despresado.

— Já a esse tempo andava de amores e casou em breve com aquella Filomena que fugio . . . isso era publico.

— Bem sei, mas ainda assim ha gente malvada.

— Não duvido, mas n'este caso a infeliz rapariga, estou bem persuadido que perdeu a vida devido a um accidente qualquer. Olha, foi

d'aquella pedra mais alta que ella cabio . . . a fundura, como vêz é grande . . . Coitada, está no céu . . .

-- Guiada pelas azas d'um anjo. O «Poço das Azas» ficou legendario. Heide mandar -- continuou ainda a morgadinha -- plantar aqui uma porção de roseiras sylvestres, estou que esta lembrança lhe será agradavel, quem deixou a terra velada por um anjo deve ir cingida por uma grinalda de flores.

A elegante senhora cumprio, effectivamente, semelhante promessa, as grandes roseiras agrestes que ainda hoje vemos nas encostas do Poço das Azas, cobertas de flores na estação festiva, foram devidas àquella caridosa lembrança.

Do pobre Adolina foi este o singello epitaphio.

---

## XVI

### UM CASAMENTO NA CANDELARIA DO PICO

Era dia de festa na freguezia.

Casava a Rosa do Lagido, uma das mais formosas raparigas d'aquelles sitios, esperta, azongada e de olhos negros e vivos como diamantes.

O noivo era a antithese d'isto, bisonho, mal talhado, cabello à moda do Pico, cortado por traz à escovinha e na frente comprido e caíndo-lhe sobre os olhos, jaqueta, collete e calças de lã ordinaria, producto das lucubrações maternas e um enorme chapeo de pêllo descaído para a nuca, o que ainda lhe realçava o ar, sem offensa, verdadeiramente alvar.

Acontecendo andar eu por aquelles sitios fui convidado para a boda, cujo festejo começa na vespera à noite por um baile ou *folga*, como alli se diz.

A *folga* é de rigor em casa de um dos noivos, sendo publica para toda a gente da freguezia, que na mesma queira tomar parte.

A unica dança alli conhecida é a popular *Chamarrita*, acompanhada á viola, com os descantes alternados de homens e mulheres.

Lembra-me que a primeira quadra dizia assim:

O' Sr.<sup>a</sup> mãe da noiva  
Venha cá fora ao balcão,  
Venha ver a sua filha  
Casada com um capitão.

Olhei para o noivo que sorria reconhecido ás honras militares que lhe eram conferidas por uma perita cantadeira.

Os noivos tomam parte no baile, sendo, porem, par effectivo em todo o decurso da noite.

O refresco offerecido ao ajuntamento consiste de bocados de massa sovada e um frasco de agua-ardente, do qual um dos mais qualificados circumstantes vae, ceremoniosamente, offerecer um gole a cada conviva, limpando em seguida de cada libação o gargalo do frasco na manga da jaqueta.

Na manhã seguinte reunidas as testemunhas para o casamento e numerosos convidados, em casa da noiva, tem lugar o alnço dos futuros conjuges.

Compõe-se esta refeição de pão, sôpa de carne de vacca e vinho, ou então simplesmente de carne guisada, a que dão o nome de *mólha*.

Alentadamente alnçados os convivas, o mestre de ceremonias trata de os *engeirar*, isto é, de pôr o prestito em devida ordem, para marchar até á igreja.

A comitiva forma-se da seguinte maneira:

Em frente vae a noiva, a pé, no centro de duas testemunhas, que denominam *madrinhas*, seguida a pouca distancia por todas as mulheres que tomaram parte na anterior refeição.

Medeia um breve espaço de caminho e vem na mesma ordem o noivo, com duas testemunhas e seguido tambem dos seus amigos e parentes.

O mestre de ceremonias, munido de uma immensa bengala, adornada com fitas, é incansavel em manter a boa ordem na comitiva e ora indo ao grupo das mulheres, ora ao dos homens, ouve-se muita vez a sua voz, com desespero bradando, se alguma mulher mais curiosa sahio das fileiras, — *Engeire-se, engeire-se, minha Srr.<sup>a</sup>*

A mãe, pae, ou irmãos dos noivos são os primeiros do prestito, mas isto nos seus respectivos grupos, conforme o sexo a que pertencem.

Na igreja, apenas chegam, oram todos e depois confessam-se e communham os noivos, seguindo o casamento e missa, cantada ou resada, segundo as possibilidades pecuniarias dos contrahentes.

Durante a missa, já ao noivo é permitido tomar lugar ao lado da escolhida do seu coração.

A volta para casa é mais simples.

Os noivos marcham juntos na frente, seguindo-se indistinctamente todo o acompanhamento. Durante o caminho sobem ao ar foguetes, e de todas as casas por onde passa o prestito é atirado sobre os noivos e convidados muito trigo, que os nubentes recebem em guardanapos.

Por vezes, quando chegam a casa, se esta fica longe da igreja

vem cada um carregado com mais de um alqueire d'aquelle grão, representativo da abundancia.

Deixar de atirar trigo aos noivos é tomado como desfeita e um signal de grande inimizade.

Segue-se, mais tarde, no domicilio dos novos conjuges um jantar aos amigos das duas familias que se ligaram, retirando-se todos logo em seguida.

Foi o que eu fiz tambem.

Estava longe da *Aréa-larga*, para onde me dirigia e a noite avinhava-se.

O paé do noivo, porem, offereceu-me um jumentozinho que tinha, para alli me conduzir.

— E' uma excellente alimaria -- disse elle -- uma vez posta a caminho não pára nunca, a questão é fazel-a dar o primeiro passo, em quanto não aquece é aquillo . . . Monte V. S.<sup>a</sup>

En obedeci, ao tempo que o meu hospede, já munido d'um enorme cacete, dava ao pobre animal desalmadamente, ainda que não parecia fazer isso a menor impressão no paciente.

— O' homem! . . . voceemecê estraga este animal.

Perdôo V. S.<sup>a</sup>, deixe-me aquecel-o e verá como isto é um brio-zo . . .

Aqueceu afinal, esticou a cauda, fitou as orelhas e partio a galope.

Julgo que iria assim até ao fim do mundo, era uma verdadeira *course au clocher*!

Estava um esplendido luar, a viagem foi magnifica por aquellas boas estradas até à *Aréa-larga* e apenas encontrei dois homens no caminho, vergados ao pézo de enormes caixões, provavelmente tabaco de contrabando.

E fui muito feliz . . . dei apenas um trambulhão.



XVII

A MORDOMA DOS MANGERICÕES

(Ilha do Fayal)

Nos Açores se não temos, por assim dizer, primavera, se passamos quasi subitamente dos rigores do inverno ao calor do estio, se em principios de Maio ainda temos neves e no fim do mesmo mez fortes soalheiras, não acontece, porem, o mesmo com o descabir do verão para a quadra sombria.

Essa transição opera-se lenta e saudosamente, parecendo que a natureza tem magoa de se despojar dos seus encantos. Nos arvoredos amarellece ora uma ora outra folha e isto nos alamos primeiro do que em qualquer outra arvore, o ceu tem ainda horas de muita luz, gosamos ainda tardes tepidas e perfumadas, e nas encostas dos montes as bella donas bravias, de calices grandes brancos e côr de rosa, revestem os sitios mais agrestes de uma alluvião de montas floridas, em substituição das dahlias e goivos que a brisa da madrugada desfolhou nas turgidas hastes.

Nas freguezias ruraes o inverno, semelhante a nocturno bandido, leva muito tempo a vaguear nocturnamente, d'um para outro sitio das serras ou dos vallados, primeiro que se atreva a apresentar-se demodadamente em toda a parte.

No mar é aonde elle então já se faz sentir, atirando contra as praias uns cordões d'escuma, como fitas de prata, a experimentar se ainda pode illudir a gente maritima das freguezias que, infelizmente, já o conhecem de sobra, pelas tropelias que do mesmo soffrem durante a maior parte do anno.

Por estes tempos e principios do inverno ha na ilha do Fayal diversas romarias, taes como a da Senhora da Graça, a 15 d'Agosto, na freguezia da Praya do Almoxarife; — a romaria da Senhora do Socorro, a 8 de Setembro, na freguezia do Salão; — São Mathens do longe, na segnada domingo de Outubro, no Capêllo: — Santa Catharina, a 25 de Novembro, em Castello Branco e Santa Barbara, a 4 de Dezembro, na parochia dos Cedros, sem fallarmos, por ser já em pleno inverno na romaria do Senhor Santo Christo, tambem na Praya do Almoxarife no 1.º de Fevereiro de cada anno, e nos fins da chamada primavera, a 29 de Junho, nos Flamengos, em honra de São Pedro.

Todas estas festas populares tem, para os numerosos romeiros que ás mesmas concorrem das treze freguezias da ilha, um especial atractivo, geralmente ligado a vivo sentimento religioso.

Quem fôr, por exemplo, á remota e muito populosa freguezia dos



Cedros, denominada como o celeiro de toda a ilha, pela sua extraordinaria produção de milho e trigo, não deixará com certeza de ir admirar a corôa de prata do Imperio Real, differente de todas as outras coroas do Divino Espirito Santo e pertencentes ás numerosas irmandades de toda a ilha.

Corro a respeito d'este primoroso artefacto a seguinte tradição, ou lenda.

Pertencia aquella magnifica corôa de prata, enfeitada ao redor com ramos lavrados e aberta, como uma corôa ducal, a um rei mouro que n'esta ilha esteve, durante o dominio de Castilla.

Fosse lá como fosse, Sua Magestade esqueceu-se de levar a sua corôa, quando sahio do Fayal e dias depois arribando a esta ilha foi em busca d'aquelle regio emblematica a freguezia dos Cedros, primeira povoação d'esta terra.

Foram, porem, passadas perdidas, a corôa havia desaparecido e El-Rey desesperado, embarcou novamente e proseguio na sua derrota para as longinquas paragens dos indios.

Ora quem havia roubado a corôa tinha sido uma mulher dos Cedros, que para maior cautella a enfiara n'uma perna, como n'uma dedo se enfia um auel, obstando por esta forma a que fosse descoberta.

Depois da definitiva ausencia do Rei mouro a roubadora offereceu a corôa á egreja da sua freguezia, que hoje a considera sua, mandando-lhe collocar um emblema do Divino Espirito Santo, servindo desde então nas respectivas festividades. Tem de altura 0,13 e de peso 1.500 grammas, contendo ainda, eugastilla, uma gemma de côr, da qual se ignora a verdadeira valia.

Na freguezia de Castello Branco a principal devoção dos romeiros é tambem uma corôa, mas de differente forma e muito mais pequena do que a de que acabamos tratar e que pertence a Santa Catharina, orago d'aquelle povoação.

Alli, na egreja, o romeiro ou romeira, apellia de mãos postas e um padre da localidade, proferindo uma oração propria d'aquelle acto, impõe-lhe por alguns instantes na fronte a corôa da Santa, que tem sobrenaturaes virtudes.

Todo o romeiro, á sahida da egreja, deixa uma diminuta esmola para o costeiro da mesma, geralmente 120 rs. em prata.

Na parochia do Salão, porem, alem das devoções á Santa Mãe de Deus, anda tambem sempre ligada á romaria de Setembro, uma idea profana, provar dos excellentes pécegos, que tanto n'aquelle sitio, como na proxima freguezia da Ribeirinha então abundam.

Para os romeiros isto é quasi uma obrigação.

E que magníficos pécegos, os melhores de toda a ilha!

E não é que sejam formosos e grandes, mas até pelo contrario de diminutas proporções, pellados e meios verdes, parecendo uns limões de gallinha.

Criam-se por alli, nas ribanceiras, quasi sem cultura, entre pedras, nos extremos dos cerrados, ou nos sitios mais incultos, mas sahem todos molhares, com o mais delicado sabor e perfume, um verdadeiro mimo da natureza.

Provar um, é comer em seguida uma duzia.

Os pècegos de toda a ilha, reunidos, e mesmo os do Pico, que são excellentes, não valem ainda assim um bom pècego da Ribeirinha ou do Salão nos quaes o sol, esse grande alchimista, derramou as suas mais suaves essencias.

Qualquer pecegueiro d'estas duas freguezias transplantado para qualquer outro sitio da ilha, pode produzir abundosa fructa, mas já irmanada com a generalidade existente e desprovida do seu primordial perfume e sabor.

Ora eu, uma vez, na tal romaria da Senhora do Soccorro, tinha ido até à freguezia do Salão, distante 14:200 metros da egreja Matriz, na cidade.

Aquella humilde povoação, a dizer a verdade, não tem nullo convidativo aspecto e na força do inverno deve até ser bastante feia, com as suas pobres e mesquinhas habitações, de empenas para os caminhos, que são pessimos e apenas dando um tom pittoresco áquelle quadro a egreja, n'uma pequena elevação, isolada e a alguma distancia.

Sentámo-nos n'umas rudes pedras existentes a um dos lados do caminho, accendemos um charuto, e, intruso entre aquella bôa gente, começámos a ver deslizar por alli quasi toda a freguezia dirigindo-se para a egreja, aonde entravam desde logo as mulheres, em quanto os camponios se assentavam pelas banquetas do adro.

Por entre a frondosa vegetação d'aquelles sitios, destacavam-se, então, alegremente as cores vivas dos trajes femininos, os lenços da cabeça alvos de neve e adornados de versos bordados a linhas vermelhas ou azues, sem que apparecesse um unico capote de capuz, esse disforme costume que, na Horta, dá um tom lugubre e monastico a todas as reuniões populares, aonde concorre o sexo feminino.

Alli não: raparigas de fronte descoberta, robustas, frescas e sadias, homens alentados e de prazenteiro aspecto e alguns mancebos mais elegantes, dedilhando viola e seguidos de alguns companheiros que cantavam alegremente e todos trazendo na lapella das jaquetas de pano de lã, *arrelíquias* das diversas romarias da ilha, em que tem estado, isto é, um meio palmo de fita azul, verde ou vermelha.

A maior parte da gente da freguezia, ao invéz do que geralmente acontece, apresentava-se, n'esse dia, calçada.

Já tinha passado proximo de mim, em direcção ao templo, o Sr. Padre Vigário, um bom velho, sério, gordo e imponente, fazendo cortesias para a direita e para a esquerda e permittindo liberalmente que os labios soffregos dos camponozes e camponozas lhe beijassem as sagradas palmas das mãos, com o mais entranhado respeito.

Já de barrete, capote e batina e na negrura d'aquelle facto, destacavam-se valentemente as duas enormes livellas de prata lavrada dos seus sapatos, precedendo as meias de sêda, sem uma unica prega.

Achava-se tão correcto que era impossivel que mãos femininas não tivessem entrado n'aquelle arranjo.

Passaram tambem os irmãos da confraria do Sacramento, a unica da freguezia, de opas vermelhas com um bordado no peito, do lado do coração, trazendo alguns mais desahinados confrades, em vez de já envergada de casa, a opa debaixo do braço, como se fosse uma pasta ministerial.

Os sinos do campanario continuavam, incessantemente, a esturgir tudo, n'um verdadeiro delirio e toda aquella gente apressava-se para a igreja, por estar quasi chegada a hora da festa.

Só faltava a *dança dos arquinhos*, que vinha d'uma proxima freguezia e a Sr.<sup>a</sup> Mordôma dos Maçgericões, que tambem não podia tardar.

A *dança* chegou primeiro.

Eram uns vinte rapazes mascarados, metade d'este numero em trajos femininos: — a vestimenta é a capricho predominando em todos a cor branca, com laços de fita cor de rosa e na cabeça uma especie de góros com galão dourado, as mangas dos vestidos das mulheres são de rufos, presas de distancia em distancia por largas fitas, das quaes tambem tem rosetas no corpete e nas saias, que não passam abaixo dos joelhos. Completa este luxo muitos cordões d'ouro no pescoço, meias bem alvas, luvas brancas d'algodão e sapatos de bôca em baixo, com rosêtas tambem cor de rosa.

Cada mulher sustenta a extremidade de uma vara, curva, enfeitada de cassa branca e fitas de variadas côres, cuja extremidade oposta está na mão do seu par masculino.

Differem d'estes uniformes trajos quatro figuras da dança, a saber, o tocador da rabeca, o tocador do pifano, ao som de enjos instrumentos vem marchando, e duas figuras grotescas, vestidas a capricho e armadas de ferrugentas espadas, nuas, para enchofar o immenso rapazio que cerca os mascarados.

O tocador da rabeca representa, invariavelmente, um militar, traz chapêu arnado, com muitos galões, casaca com rabicho, farda toda abotoada reluzentemente, calça branca e botas até ao joelho, o pifano, menos qualificado, pode vir vestido como quizer, contanto que o seu traje seja diverso dos dançantes.

O bando dirige-se, com pompa, para o adro parando em frente da porta principal da igreja, aonde então se agglomerou muita gente, os dois mascarados das espadas começaram então, a muito custo, a arrumar o povo para abrir espaço para o *brinco*, o rapazio tornou-se mais irrequieto, a rabeca e o pifano redobraram de entusiasmo e ao toque de um apito do *Mestre*, começaram os dançantes nas suas evolu-

ções de ha muito ensaiadas, cruzando os arcos e fazendo figuras variadas, n'um movimento alegre e continuo, n'uma especie de batucque que durou approximadamente um quarto de hora.

O enthusiasmo dos assistentes é grande ante aquelle espectáculo, nem ha diversão para o povo fayalense que possa rivalisar com nma *bôa dança de mascarados*.

Final, a um combinado apito do *Mestre* todos estacaram, ficando, como antecederamente, em duas alas sustentando cada par o seu arco, mas os homens todos a um lado e as mulheres defronte.

Do sitio em que então me achava empoleirado na banquetta do adro, via bem á minha vontade a phisionomia alegre dos camponeses, com olhos transbordando de prazer e não sei como se aguentavam que n'um transporte de regosijo não investissem contra o bando, abraçando vehementemente dançantes e dançarinas.

Foi providencial n'aquelle momento a entrada no adro d'uma outra personagem, a Sr.<sup>a</sup> Mordoma dos Mangericões.

Era uma rapariga d'umas vinte primaveras, alta, formosa e robusta, toda vestida de branco e com enfeites azues, uma grinalda de flores na fronte e destacando-se-lhe no peito, presa a grosso cordão d'ouro, nma imagem de Nossa Senhora, feita do mesmo metal.

Os seus braços alvissimos e bem torneados vinham nms de qualquer adorno e uns fios de contas brancas lhe cingiam os pulsos.

Sustentava nas mãos um caneco de lousa pintada, no qual vegetava exuberantemente um copado pé de mangericão, com a sua flôr miudinha e branca, como uma poeira de neve por cima das verdes folhas.

Ladeando a Sr.<sup>a</sup> Mordoma, umas vinte crianças da freguezia, todas vestidas e calçadas de branco, cabellos soltos e cintos azues, uns verdadeiros cherubins frescos e rosados, traziam cada uma uns puraros de mangericões, de menores dimensões do que o da Mordoma e seguiam professionalmente, acompanhadas de muito povo, dos paes e das mães, que se reviam n'aquelle esplendido quadro.

São estes mangericões, a planta dilecta do povo fayalense, cuidadosamente cultivados, durante muitos mezes, para n'aquelle dia adornar o altar de Nossa Senhora.

Os *dançantes* formaram, como uma guarda de honra, ao lado da porta da egreja e a Mordoma, que é nomeada cada anno pelo parcho, seguiu com a sua infantil comitiva para o interior do templo, aonde tambem entraram os mascarados e depois todo o povo.

A egreja ficou litteralmente cheia, o altar da Virgem converteu-se n'um brilhante e odorifero camarim, repleto de luzes e flores e a missa da festa começou no meio do maior recolhimento e devoção, sendo do adro, por essa occasião lançados ao ar alguns foguetes e *respostas*, bombas, bem como quando o Vigário subia ao pulpito e no solemne momento da elevação da Hostia.

Finda a cerimonia religiosa o edoso parcho proclamou, do altar,

quem, no anno seguinte, seria a Sr.<sup>a</sup> Mordoma dos Mangericões, o povo sahio da egreja para vêr, mais uma vez, no adro, dançar os mascarados e o prestito da Mordoma cessante, acompanhado do Vigario, dirigio-se processionalmente até á casa d'esta, d'onde havia sahido, tendo porem deixado no altar da Virgem as suas floridas offrendas.

Os mascarados foram então visitar diversas moradias da gente mais granda da povoação, dançando ora n'um ora n'outro sitio e comendo á farta por todas aquellas casas, isto ajudado de frequentes libações.

Desapparecem, n'aquelle dia, mais de metade da fructa que carregava os peregrueiros.

Antes de retirarem para a proxima aldeia, d'onde vieram os mascarados, como é de rigor, foram dançar em casa da Mordoma dos Mangericões e alli os aguardava um abundoso refresco, alcatra de vacca muito assada, duzias de merendeiras de massa sovada e alguns doze frascos de vinho.

Isto era já ao descahir da tarde!

Quando partio a *dança*, acenderam-se luzes, vieram os rapazes do lugar que melhor tocavam viola e as mais elegantes cantadeiras, bem como crescido numero de homens e mulheres da freguezia e começaram, na casa da Sr.<sup>a</sup> Mordoma uma *folga* rasgada, que durou, animadamente, até á madrugada seguinte.

Estas *folgas*, ou bailes populares effectuam-se, nas freguezias ruraes, quasi sempre de porta aberta para toda a gente da freguezia que na mesma quizer tomar parte e embora qualquer individuo esteja indifferente com o domo da casa, não se repara se alli entrar.

Como geralmente as *folgas* são dadas por occasião de alguma solemnidade religiosa, o proprietario da moradia elimina d'alli a sua personalidade, porque tudo é em louvor do Senhor Espirito Santo ou do bemaventurado que festejam, irmanando-se a qualquer transeunte que queira entrar e *brincar* em honra d'aquelle dia.

A *dança*, invariavel, do povo fayalense é a *Chamarita*, com mais ou menos numeros de pares e diversas passagens. Nunca se baila a *Chamarita* sem acompanhamento de viola e uma voz a cantar grande numero de trovas accomodadas áquella toada, sendo algumas d'estas esplendidos specimens da musa popular.

Em quanto se baila, quem toma parte na roda dá estalidos com os dedos, imitando castanholas, o que nos levaria a crêr ser a *Chamarita*, de cujo nome ignoramos a proveniencia, de origem hespanhola, se já antes do dominio de Castella não vissemos que um Bispo agoriano prohibio que se bailasse nas egrejas, em determinadas festas.

Alvoroeu-nos na *folga* e aquella noite havia deslizado bem rapida.

Que bellas raparigas e que magnificas cantadeiras!

Alli nada faltava para se estar á vontade.

Afinal montado n'um pobre jumento de aluguel retomei o cami-

nho da cidade, com saudade d'aquella boa gente, admirando ainda os encantos da Mordoma dos Mangeriões e presenteado por esta com enorme cesta de pecegos, que confiei na melhor boa fé às costas do arrieiro.

A manhã estava esplendida, a estrada boa, o sol surgira desassombrado, o ar vinha dos matos perfumado e sandavel e os passaros cantavam doidamente nas ramas dos incensos, acacias e vinhaticos.

Era um verdadeiro encanto aquella jornada e como eu ao jantar, em minha casa, havia saborear o bello presente da Sur.<sup>a</sup> Mordoma.

O arrieiro tangia mal a besta que caminhava lentamente e quasi em perfeita liberdade.

Uma vez por outra deixava-se talvez por cansado, atrazar no caminho e eu e o jumento caminhavamos por muito tempo a sós.

Gastamos a cruzar aquellas tres legoas até á cidade o dobro do tempo que, razoavelmente, era necessario.

Afinal, sempre chegámos.

O arrieiro teve a condescendencia de subir carregado até ao meu quarto e de depôr, alli, muito cautelosamente no chão a cesta dos pecegos, pelo carreto da qual recebeu uma boa esportula.

Um dia não são dias.

Descancei, lavei-me e fui jantar.

A sobremesa mandei buscar a cesta, queria que todos em casa provassem d'aquelles verdadeiros mimos da natureza, para conhecerem que era justificada a fama d'aquella fructa.

Veio a cesta que a criada trouxe facilmente, apesar de não ser de pequenas dimensões, cortei uns cordões que prendiam a tampa e abria-a, mas . . . estava vazia!

E' escusado dizer que por muito tempo o rapaz do burro, quando me via na rua, atravessava sempre para o outro lado, não nos encontravamos facilmente.

Ladrão!

# ERRATAS DO 1.º VOLUME

Pag	Lin	Erros	Emendas
6	14	—acha alli bom agasalho	—achar alli bom agasalho
15	20	—Terrantér	—Terantéz
30	16	—pelo sul com São Jorge	—pelo norte com São Jorge
33	8	—a quem deixa	—a quem devia
38	17	—Camara e Cousu	—Camara e Souza
39	7	—gulfe-stream	—gulf stream
43	39	—reprecutir-se	—repercutir-se
50	27	—roca de Malherbe	—rosa de Malherbe
55	17	—do anno de 1669	—no anno de 1669
56	42	—que não ia julgar-se	—que não se julgasse
60	41	—ataque no castello	—ataque ao castello
66	29	—encherya	—enxerga
70	3	—Mr. Hasper	—Mr. Harper
"	27	—Mais, mon Dieu! made- moiselle, asi avez trouvés de si beaux articles?!	—Mais, mon Dieu! made- moiselle ou avez vous trouvés de si beaux articles?!
71	4	—Mr. Hasper	—Mr. Harper
72	20	— " "	— " "
73	2	—generalisadas	—generalizados
76	20	—resmoreja	—rumoreja
77	26	—do amo	—do ramo
82	9	—desembarque	—desembarque
"	39	—enchergas	—enxergas
85	35	—mas forte	—mais forte
97	13	—qualquei	—galquei
99	4	—ou talrés para sempre	—talvez para sempre
101	1	—esperimentar	—experimentar
"	23	—nocturnas	—soturnas
103	34	—caminhar muita bem	—caminhar, muito bem,
114	2	o caudal	—o caudal
117	22	—das chamas	—das chaminas
"	26	—cantando	—contando
119	4	—e sons	—e solurno
"	9	—mas empanava-se	—mais empanava
"	18	—dobravam	—dobavam
121	17	—um palmo	—um polme
122	10	—chamas	—chaminas

Pag.	Linha	Erros	Emendas
134	21	—á aquellas	—áquellas
"	30	—deserto a giada	—deserto, a geada
135	3	—discipulos e collegas	—discipulo e collega
"	35	—serto	—certo
136	3	—trevas	—trevoas
138	7	—pretensão	—pretensão
"	29	—obserrantes	—observantes
140	6	—idillos	—idyllios
141	8	—viravam-se	—viravam-se
142	1	—vinganças de persigui- ções	—vinganças e persiguições
147	35	—extenuado	—extremado
148	2	—dias que estava	—dias estava
153	5	—sobre alheias tectos	—sob alheio tecto
155	4	—um respeito	—um respeito
"	8	—peralto	—peralta
"	33	—vermelha	—amarella
159	21	—festaes	—festões
172	26	—tornou a casa	—torneou a casa
181	4	—Já de barrête	—la de barrête

Mais alguns erros se encontram que o leitor benevolo, facilmente, corrigirá.



# NOTAS AÇORIANAS









# NOTAS AÇORIANAS

POR

ERNESTO REBELLO



VOLUME SEGUNDO



1886

PONTA DELGADA—ILHA DE S. MIGUEL  
TYP. DO ARCHIVO DOS AÇORES.

TIRAGEM DE 100 EXEMPLARES

# NOTAS AÇORIANAS

XVIII

## Alguns visitantes illustres da ilha do Fayal

MARTIM DE BOHEMIA

(1486)

Não findon com a morte do preclaro Infante D. Henrique, occorrida no anno de 1460, o grande movimento marítimo implantado em Portugal pelo benemerito filho d'El Rei D. João 1.º, e a escola de Sagres, o ponto então mais importante da Europa, no que dizia respeito á improba tarefa de devassar mares e descobrir terras era ainda o nucleo aonde combinavam os seus arrojados planos os mais notaveis maritimos d'aquella epocha, cuja assombrosa fama mais tarde tornaria immortaes as praias d'onde partiam em busca de desconhecidas paragens.

O grande vulto do Infante D. Henrique, embora amortaliado e descansando no jazigo real, não cahira de sorte alguma no olvido, os seus ensinamentos, a sua inabalavel dedicação a bem da sciencia e da patria, e a decidida protecção que sua Altêza prestava sempre aos aventureiros maritimos, reflectia-se ainda, em toda a sua luz na patria que tanto honrara pelas suas egregias virtudes.

Remotos povos e desconhecidos paizes viam admirados surgir do vasto oceano as alterosas prôas das naus portuguezas, cujos marcantes ora se volviam em aguerridos soldados, ora em consumados explorado-

res, para levar por toda a parte o germen abençoado do christianismo e com elle as primeiras noções da civilisação, que para nós foi sempre precedida da redemptora cruz.

A proeminencia que n'essa epocha havia adquirido Portugal, entre as nações da Europa, especialmente no que dizia respeito ás expedições e empresas maritimas, chamou á capital do reino alem dos mercadores e navegantes nacionaes, muitos estrangeiros de diversas proveniencias e qualidade que á sombra da bandeira portugueza esperavam encontrar as vantagens que, por mais pobres e menos emprendedoras, não lhe podiam offerecer as terras das suas respectivas naturalidades.

Lisboa era então o emporio do mundo civilizado e todas as atenções convergiam para essa encantadora cidade que mirava nas agoas do Tejo as suas torres e castellos e o amudado troar da artilharia que alli se ouvia, fallava sempre de glorias e augmentos de conquistas e victorias.

A maré ia de enchente.

Por ventura a fama das vantagens que poderiam adir para esforçados militares de servir sob o dominio da bandeira portugueza, ou tambem a conveniencia que os sabios encontravam de n'aquelle grande centro de civilisação poder alargar ainda mais a esphera dos seus conhecimentos, tratando ou associando se com homens distinctos de diversas nacionalidades, em lugar que não passavam desaperecebidos, nem sem protecção os seus trabalhos a bem da sciencia, trouxe necessariamente a Lisboa grande numero de notabilidades estrangeiras tanto no que dizia respeito á arte da guerra, como nos arroteamentos scientificos, nas suas variadas ramificações, embora estas fossem, então ainda assaz deficientes.

Das terras de Flandres, não foi, ao que parece, pequeno o contingente de emigrantes e alguns até das mais elevadas classes da sociedade.

A cidade de Nuremberg, então capital imperial da Franconia, a povoação favorita de Carlos 4.<sup>o</sup>, daquelle imperador que publicando nos seus Estados a *Bulla de ouro*, até modernamente a lei fundamental da Allemanha, tanto contribuiu para a supermacia do clero, Nuremberg com as suas trezentas sessenta e cinco torres adornando as muralhas que a cingiam e no centro da qual prosperavam artes e estudos, servio de berço no anno de 1430 a um rapaz, filho de familia illustre, a qual ainda actualmente alli existe, e que se tornou celebre nos annaes da sciencia, devido ao nascimento a que nos referimos.

Martim de Bohemia ainda bem novo tornou-se assaz conhecido na sua patria pelos notaveis conhecimentos que adquirira como mathematico e nauta e em diversas empresas commerciaes percorria aos 27 annos de idade diversas nações.

Assim passou a mocidade e só em 1480 é que, pela primeira vez veio a Portugal.

Presou sobremaneira o monarca portuguez, D. João 2.<sup>o</sup>, a entrada no seu reino de um sabio que vinha precedido de tão grande nomeada, e desde logo o empregou em negocios atinentes á astronomia, tratando-se, n'uma commissão adrede creada, de applicar a theoria do asrolabio armilar de Monte Regio á navegação, pois que n'aquelle tempo á mingoa de mais correctos instrumentos, seria de grande vantagem para quem navegava conhecer, com exactidão, a altura dos astros.

E praticamente ia Martin de Bohemia experimentar o fructo das suas lucubrações, porquanto em 1484 partio com Diogo Cão n'uma viagem de descoberta ao continente africano.

Estiveram, como é sabido, no Congo e no rio Zaire e alli perpetuaram em levantado padrão a gloria do descobrimento d'aquellas paragens.

De volta a Lisboa arrou-o El-Rei D. João 2.<sup>o</sup>, cavalleiro de Christo.

Isto occorreu no anno de 1486.

A sua demora no continente foi apenas de alguns mezes e pouco depois, mas n'esse mesmo anno, seguramente para matar saudades com o seu patricio e amigo Jobs Van Huerter, então capitão donatário da ilha do Fayal, aqui aportou.

Crescido foi o numero dos seus compatriotas que veio encontrar, tanto que chamavam tambem a esta parte do archipelago a ilha dos Flamengos, os quaes, diga-se a verdade, nem todos eram gente limpa, por quanto os criminosos condemnados á morte n'alguns tribunaes da Germania, a rogos da infanta portugueza D. Izabel, em cujas vodas se instituiu a ordem do Tosão d'Oiro, irmã de El-Rei D. Duarte e casada com Philippe, duque de Borgonha, para o Fayal foram degradados, em vez de soffrer mais duro castigo.

E' bom que tenhamos isto em vista, importámos então bom trigo de lei, mas tambem muito jolo de sementos valia.

A casa do capitão donatario e de sua mulher D. Beatriz de Macedo era fora da povoação, no sitio mais tarde denominado do «Pastelleiro», não excedendo esta, por muitos annos, o canto chamado da alfandega, aonde subsequentemente houve um caes de pequenas dimensões. Pela parte do norte era a Horta limitada pela ribeira da Conceição, como ainda muito bem mostra as disposições das ruas d'aquelle lado da cidade e sendo, até não ha muitos annos, n'aquelle recinto que se effectuavam todas as proeissões e festas publicas. Todas as ruas do Collegio dos Jesuitas para o sul são de data, rotativamente moderna.

Recebeu Jobs Van Huerter, ou Jorge d'Utra, por corrupção do nome, com principesco tratamento um tão illustre visitante, hospedou-

o na sua fidalga moradia e mais se reataram os laços de amizade que já, antecedentemente, uniam estes dois estrangeiros.

O amigo em breve tornou-se em parente, porquanto na Horta e provavelmente na igreja, ou ermida, de Santa Cruz, proxima da residencia do capitão donatario e a qual, ainda actualmente, sem que da mesma existam quaesquer ruínas, dá o nome a um sítio da freguezia das Angustias, se celebrou o casamento de Martin de Bohemia com D. Joanna de Macêdo, filha do mesmo donatario.

D'este consorcio sabe-se que em 1489 nasceu um filho, no Fayal, que recebeu o mesmo nome do pae.

Foi, n'aquella occasião, demorada a permanencia nos Açores do notavel cosmographo, planeando aqui diversos trabalhos scientificos e passando o tempo em aturados estudos.

Só em 1491 é que sahio da ilha, dirigindo-se a Nuremberg para visitar a sua familia e para fabricar o celebre *Globo terrestre*, ainda hoje existente na Allemanha, especimen conservado cuidadosamente pelos seus descendentes e que se torça um artefacto importantissimo, indicando n'aquella esphera de meio metro de diametro não somente as descobertas do author, mas bem assim o estado do mundo conhecido n'aquella era.

Bastaria a confecção d'este tão fallado *Globo*, para o tornar immortal.

Parece-nos ter sido, até aqui, a quadra mais prospera da existencia de Martin de Bohemia e que a estrella que até então o guiara com inexcédível brillantismo, começou a empanar-se em turbidos horisontes.

Em 1493, vindo por Lisboa, aportou de novo á ilha do Fayal, aonde deixara mulher e filho, sendo recebido na moradia de Jobs Van Hueter e alli descansando, no benigno clima açoriano, dos labores scientificos em que andara embrenhado nos ultimos dois annos.

Tinha-o, porem, em vista, o Sr. D. João 2.<sup>o</sup> e apenas decorridos alguns mezes, recebu um aviso para se apresentar perante o monarcha.

O motivo d'esta ordem era para lhe ser confiada uma importantissima missão diplomatica, de caracter confidencial, a qual pelos bons creditos que El-Rei sabia elle gosar para com Maximiano 1.<sup>o</sup>, rei dos Romanos, esperava ser favoravelmente resolvida.

Tratava-se nada menos do que, devido á boa vontade de Maximiano 1.<sup>o</sup>, obter da Curia Romana a legitimação de D. Jorge, filho natural do monarcha portuguez, para assim o habilitar a succeder na corôa.

Foi uma desgraçada missão esta, o navio que conduzia Martin de Bohemia foi tomado por um corsario da Inglaterra, enfermado perigosa e demoradamente n'aquelle paiz e quando conseguiu d'alli sair, foi cabir contra vez nas mãos d'um corsario francez.



Para recuperar a liberdade foi necessario pagar pesado resgate e quando proseguia afinal na sua tão accidentada viagem, fallece em Outubro de 1494, El-Rey D. João 2.º, ficando assim frustrada a sua missão, que se tornava impossivel.

Regressou, pela terceira vez para a ilha do Fayal.

Durante doze annos, viveu obscuramente nos Açores, porventura logrando no seio da familia dias mais serenos e menos fadigosos do que esses em que tão porfiadamente se entregara á sciencia sua insuperavel companheira e á politica que só lhe deu desgostos.

Em 1506, ignora-se porque motivo, foi acompanhado da mulher e do filho a Lisboa, aonde fallerem em Julho de 1507, sendo enterrado na egreja de São Domingos.

O filho que lhe dera alguns dissabores erigio-lhe, doze annos depois, n'uma egreja de Nuremberg uma lapide commemorativa dos seus feitos e morte, longe da patria, e o imperador Maximiano, amigo dedicado do celebre cosmographo, levantou-lhe tambem um monumento com esta honorrissima inscripção: *Martino Behemo nemo unus imperii civium magis unquam perenigrator fuit, magisque remotas adiret orbis regiones.* (Jamais em imperio algum houve maior viajante do que Martin de Bohemia, nem quem penetrasse em mais remotas regiões do globo.

A familia de Martin de Bohemia não deixou descendentes na ilha do Fayal, nem qualquer indicacão da sua permanencia. o filho reconheceu para sempre a Nuremberg, aonde ainda hoje existem alguns seus descendentes e a viúva casou com um Madeirense distincto, indo viver para essa ilha.

As obras e missão scientifica d'esse sabio allemão foram n'algum tempo muito ampliadas nas suas proporções, querendo até alguns dos seus biographos apresental-o aos vindouros como um rival de Colombo, do qual conhecia a theoria de um continente entre a Europa e a Asia, sendo somente a felicidade d'este arrojado nauta de se lhe haver anticipado no descobrimento da America.

Isto carece, porem, de inteira confirmação.

O que é, ainda assim, indubitavel é que Martin de Bohemia foi um sabio notabilissimo a muitos respeito e que, com a sua estada na ilha do Fayal, ficou esta ilha muito conhecida no mundo scientifico, tornando-se de futuro impossivel extremar o seu nome do lugar em que este homem celebre passou alguns annos da sua preciosa existencia.

---

## D. JERONIMO TEIXEIRA CABRAL

(1601)

Como alterosa torre que derrocada do cume de gigantesca montanha, arroja os seus destroços a grande distância pelas virtudes soberbas e grandiosas, assim também a extinção da poderosa Ordem militar dos Templários, por Clemente VII, no anno de 1312, dissimulou por diversos paizes aquelles esforçados cavalleiros, aos quaes tantos crimes se indigitaram, mas sem provas sufficientes para os apresentar às gerações futuras como merecedores da perseguição que lhes foi infligida.

A Ordem dos Templários que se havia successivamente engrandecido, a ponto de chegar a possuir nove mil edificios proprios, que dispunha de grandes riquezas e de aguerridas hostes, cuja influencia se fazia sentir em todos os negocios publicos ou particulares, devia necessariamente, levantar invejas, despeitos e resentimentos mais ou menos justificados, n'aquelles que estranhos á sua disciplina, embora collocados em alto estado da publica governação, tinham ainda assim, e não raramente, de se curvar ou transigir com a vontade d'esses arrogados cavalleiros.

Era um estado dentro do estado e não somente n'uma ou n'outra nação, mas em todo o mundo então conhecido.

Os estatutos, com que nove cruzados francezes, fundaram em Jerusalem, a Ordem dos Templários, em 1118, estavam afinal bem alterados de sua primordial e benefica missão, os guardas vigilantes do sepulchro de Christo, velavam mais os bens terrenos do que o tumulo do divino Mestre e a cruz vermelha que se destacava nos seus alvos mantos tornara se mais o symbolo da ambição do que o signal abençoado que distinguia aquelles que nos primeiros tempos do seu instituto recebiam solicitos os cansados peregrinos da Cidade Santa, curando as suas enfermidades, e servindo-os com a humildade e abnegação dos apostolos dedicados do Evangelho.

Como no oceano profundo e immenso por vezes silva a tormenta vindo agitar, devastadora, a sua imponente vastidão, igualmente n'aquelle grande poderio da Ordem dos Templários, a torrente dos odios durante seculos comprimidos, um dia rebeitou, como a lava de inferno vulcão, convulsionando a terra e destruindo na sua passagem o marmoreo edificio que parecia dever resistir impavido ao decorrer dos seculos.

Tão frageis são as obras do homem em todas as suas diversas manifestações por mais valentes que pareçam, cahindo por terra com a mesma facilidade com que a brisa da tarde desfolha nos vallados a

teane florinha que ainda ha pouco sorria ao caminheiro, beijada pelos raios d'um sol esplendido!

Arredada qualquer instituição dos seus primitivos intuitos, ensoberbecida pelas riquezas, ou criminosa pela irresponsabilidade dos seus actos, a taça das suas iniquidades enche-se com rapidez e do momento que transborda, volvido o liquido que continha em mortifero veneno, as primeiras victimas que foz, são aquelles mesmos que van-gloriosamente a empenhavam.

Seria, porem, isto o que aconteceren aos Templarios?

Apesar de decorridos tantos annos depois da sua extincção, não é possível responder cabalmente a semelhante pergunta e o problema que os Templarios deixaram ás gerações futuras para resolver, não tem até hoje uma solução perfeita, dividindo-se a este respeito os mais conspictos escriptores e aguardando ainda o *verdictum* severo, mas justo, da historia, que não seja influenciado por odios, todo luz e verdade.

Se estes predicaos são apanagio exclusivo de Deus, os actos e julgamento dos Templarios, continuará a figurar como mysteriosa esphinge no immenso Pantheon dos acontecimentos humanos.

Extinctas as chammas da fogueira aonde em publico e velipendio-so supplicio foi queimado em Paris, a 18 de Março de 1314, Jacques Molay, o Grão Mestre da Ordem, perseguidos nos seus reductos, aos membros d'essa enorme associação foi-lhe, necessariamente, da maxima conveniencia mudar de titulo, para se eximirem a mais horrendas provações, embora perante a morte, nas fogueiras ou no cadafalso, já-mais houvessem renegado do seu credo e constantemente apregoado a puresa das suas intenções.

Das cinzas da Ordem dos Templarios, para nos servirmos da phrasede Antonio de Villas Boas e Sampayo, na sua *Nobiliarchia Portugueza*, surgiu, no reinado de El-Rei D. Diniz e a 14 d'Agosto de 1318, a Ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, formada com o patrimonio das rendas que ficaram d'aquella sua antecessora, que possuia n'este reino vinte e uma Villas e logares e quatrocentas e setenta e duas commendas.

Foi o primeiro Mestre da Ordem de Christo D. Frei Gil Martins e tinha esta o seu assento na Villa de Castromarin, sendo posteriormente mudada para Thomar, em 1336, já então no reinado de D. Pedro 1.º, por alli existir um antigo convento dos supprimidos Templarios.

Em breve a Ordem de Christo tornou-se assaz importante em Portugal, a ponto dos maiores serviços feitos á republica serem premiados com as insignias da mesma e respectivos prontos e presidido invariavelmente e esta Ordem os varões mais illustres do paiz.

Assim, por occasião da descoberta dos Açores, o Mestrado da Ordem estava affecto á nobre personalidade do grande Infante D. Hen-

rique, que sobre essas ilhas ficou tendo jurisdição espiritual, approvado por Roma, em attenção aos relevantes serviços por Sua Alteza prestados às christandades do mundo.

Os encargos da Ordem de Christo, bem como das Ordens, também militares, de São Bento d'Aviz e São Thiago da Espada eram pagos pelos dizimos, então em vigor, e somente ficaram uma simples mercê honorifica, pelo Decreto de 30 de Julho de 1832, que aboliu aquella receita do Estado.

O gradual desenvolvimento e importancia que iam adquirindo os Açores, indicavam, n'estas ilhas, a conveniencia da criação d'um bispado, tratava d'isto a ilha de São Miguel, bem como a da Terceira, cuja principal povoação havia sido elevada à categoria de cidade em 21 d'Agosto de 1534.

Com o levantamento da cathedral de São Sebastião, em 11 d'Outubro do mesmo anno, criava El-Rei D. João III o novo bispado d'Angra, applicando das rendas do mestrado de Christo 200\$000 reis annuaes para a manutenção do primeiro prelado, ou dos que lhe viessem a succeder, o que foi confirmado pela Bulla de 3 de Novembro do mesmo anno, assignada por Clemente VII, que confirmava este procedimento do monarcha portuguez, assim como por uma outra Bulla da mesma data era também confirmada a nomeação do respectivo bispo da nova diocese D. Agostinho Ribeiro.

Os bispos d'Angra, mantidos a expensas da Ordem de Christo, em propriamente dos redditos do Estado, tem sido no numero de vinte oito, no decurso de trezentos cincoenta e um annos, desde 1534 até ao actual de 1885.

D'este já crescido rol de prelados açorianos, apenas onze visitaram a ilha do Fayal, os quaes iremos mencionando segundo a ordem chronologica da sua vinda a esta parte da diocese, da qual os habitantes pelos seus provados sentimentos religiosos, consideram semelhantes datas como dias festivos nos annos da sua humilde historia.

Começaremos por D. Jeronymo Teixeira Cabral, natural de Lamego, 9.º Bispo dos Açores, sendo este o primeiro prelado da diocese que honrou com a sua presença a Villa da Horta. Esta visita effectuouse logo depois da sua chegada a Angra no anno de 1600 e n'esta ilha se achava no anno seguinte, segundo um termo existente no archivo da parochia de Pedro Miguel.

Esta futura Provincia de São João Evangelista dos Açores parece que toda tinha cahido em certo desregramento de costumes e licenciosos usos que pediam severas correções do Pastor a quem estava confiado tão peccaminoso rebanho. Tanto mais que ao actual lhe haviam elevado os vencimentos de 200 a 500\$000 rs. annuaes e que por consequente, como diz o povo, mais farinha mais agua, que até para combater o demonio já n'aquelles tempos era necessario um homem endi-

E vinha de molde para semelhante empresa D. Jeronymo Teixeira Cabral, licenciado em Canones, Conego da Sé de Lisboa e mais do que tudo isso Inquisidor da Inquisição d'Evora.

Segundo as chronicas, não desmentia o seu feroz comportamento a severidade que este ultimo e lugubre titulo lhe impunha.

Era homem de ferro, d'estes d'antes quebrar que torcer.

Arranjara em Lisboa, para visitar a sua diocese, a concessão de uma embarcação segura, que d'um a outro ponto o conduzisse, o que importava ter à conta do Estado e pago pelas diversas feitorias um navio às suas ordens e começou a sua peregrinação pelas povoações do seu bispado.

Diz-se que era varão de vastos conhecimentos theologicos e profanos, mas que habituado a, na Santa Inquisição, exercer despoticamente e sem quaesquer restricções a sua vontade, tranxe para estas ilhas semelhante defeito de educação, pondo se em breve tempo em conflictos quasi constantes com a regia authoridade, da qual ao que parece pouco caso fazia.

Afigura-se-nos que isto era pecha usual dos Inquisidores e D. Jeronymo n'este ponto tinha tido um digno antecessor em D. Pedro de Castilho, que também governou a diocese e havia sido Deputado do Santo Officio da Inquisição de Coimbra.

Que bello formigueiro de tyrannos tão sagrada instituição, inventura dos autos da fé e do *tracto esperto*!

Os dois bispos a que nos referimos andaram sempre em renhida lucta com a jurisdicção civil, o que não nos parece muito coherente com a doutrina do divino Mestre que manda dar a Cesar o que é de Cesar.

São maneiras de pensar, liam evidentemente por outra cartilha.

Pelo que se pode inferir, à miúdo de documentos comprovativos da proceza da visita de D. Jeronymo à ilha do Fayal é, que nem o povo aqui ficou satisfeito do seu prelado, não levando também o mesmo sandosas recordações que lhe fizessem querida esta ilha, ou que a poupassem de futuro da sua severidade, provavelmente para castigar abusos, ainda existentes apesar das suas exhortações disciplinares.

Em abono da verdade deve-se também dizer que desenrugar a face d'um inquisidor não era cousa das mais facéis, a não ser ao rubro clarão das fogueiras.

Recolheu-se o bispo afinal a Angra e o tempo foi decorrendo sempre repleto de questões, não paravam com elle as authoridades civis e com relação à ilha de São Miguel tornou-se celebre pela perseguição que promoveu às leiticeiras, às mulheres adulteras, ou a qualquer família que tinha em conta de menos religiosa.

Ora, no ultimo dia de Janeiro de 1609, o bispo d'Angra feria com um interdicto geral, por espaço de seis dias, d'um sabbado a uma quinta feira, toda a ilha do Fayal.

E n'aquella epocha era esta a maior affronta que se podia fazer a qualquer povoação, assim como gravissimos os inconvenientes e resultados aviltantes de semelhante castigo, os quaes eram: prohibição de celebrar e ouvir Missa ou quaesquer devoções publicas, privação de sepultura ecclesiastica, não se administrar os Sacramentos e silencio dos sinos em todas as egrejas.

Apenas a Sagrada Eucharistia podia ser ministrada aos interdictos ou excommungados, mas tão somente em artigos de morte.

Isto era seguramente muito peor de que prohibir, como tambem fez, que os foliões do Espirito Santo bailassem dentro das egrejas, quando eram coroados os *imperadores*, ou que o padre celebrante da Missa, viesse com um surrão ás costas pedir esmola a quem á mesma assistia.

O interdicto a que nos referimos é, com certeza, para os sentimentos piedosos dos fayalenses uma luctuosa recordação do primeiro prelado que visitou esta pacifica terra e isto, ao que parece, motivado por umas renhidas eleições ecclesiasticas.

E' bem certo o dizer-se que mudam os tempos e mudam os pensamentos.

Se accaso existe ali algum ecclesiastico que se envolva em eleições, sagradas ou profanas, não nos consta que tenha sido declarado interdicto para nenhum effeito, ohegando-se até a propalar, o que não acreditamos, que com semelhantes michordias, com a mudança do Evangelho em Caderno do recenseamento, alguns tem medrado bastante.

A ser isto exacto, o que não deve vociferar na sua sepultura o bispo Inquisidor da tão fallada Inquisição d'Evora?!

Se o ferenho D. Jeronimo podesse vir, actualmente, dar um passeio por este mundo . . . .

Apesar da illustração e outros innegaveis merecimentos do prelado açoriano, nunca conseguiu estabelecer paz em casa, defeito seu ou dos insulanos; a balburdia continuava em todos os negocios que lhe diziam respeito, era um redemoinho de questões, de queixas e agravos e, diga-se a verdade, as sentenças do Juizo da Coroa nem sempre lhe foram favoraveis n'este guerrear sem treguas.

Governando então por mercê de . . . de Deus não era, em terras portuguezas. El-Rei Philippe III, hespanhol dos quatro costados, apesar dos dares e tomares em que as suas justicas andavam continuamente com o bispo d'Angra, não podiam ainda assim deixar de sympathisar com varão de tanta acção e folego.

Deviam, necessariamente entender-se bem, o Inquisidor e o Rei.

Se o bispo d'Angra andasse de bacamarte ao hombro talvez que o tivesse feito ministro d'Estado, mas como as ballas de que usava eram de papel tiradas das succulentas obras de antigos alfarrabistas, limitou-se a chamal-o para mais perto de si, tendo-o assim á mão para, quando necessario, lhe aproveitar o conselho e sabedoria.

No anno de 1611, deixou D. Jeronymo, annuindo aos desejos de Filippe III, o pesado encargo da governação do bispado d'Angra, sendo transferido para Miranda, no bispado de Lamego.

Foi alli que falleceu alguns annos mais tarde.

O Santo Officio da Inquisição preparava homens d'esta tempera, embora por vezes illustrados e com bastantes merecimentos, mas sempre despoticos e useiros e vezeiros na opposição aos mandados da jurisdição civil.

Miravam a um exclusivo, mas irrealisavel, poder.

D'este prelado não restaram, seguramente, grandes sandades nos Açores, nem com a mansidão que deve revestir os ministros de Christo se coadunam actos de verdadeiro despotismo que pôz em pratica, chegando a prohibir a sahida de qualquer individuo para fora da ilha, enquanto andasse na mesma em correição.

Inquisidor e bem visto de Filippe III, á luz da mais despreoccupada consciencia, afigura-se-nos que não podia ser um homem sympathico, nem de bom coração.

Das providencias que adoptou na sua visita á ilha do Fayal, com seculares ou ecclesiasticos, não existem quaesquer vestígios.

Em todo o caso, pouco tem esta terra que lhe agradecer e muito menos os descendentes d'aquelles que falleceram durante e interdicto, a quem D. Jeronymo ungára sobre a sepultura o symbolo augusto da fê, ao lado dos seus parentes e amigos.

---

## D. FR. ANTONIO DA RESURREIÇÃO

(1636)

Foi o 13.º bispo da diocese d'Angra, dignidade para que fôra nomeado a 10 de Julho de 1635.

Era este illustre prelado natural de Lisboa, filho da religião de São Domingos, doutor em theologia e leute de prima na Universidade de Coimbra.

Homem de grandes letras e virtudes, exaltou constantemente o seu nome com a pratica da mais acrisolada caridade, irmanando-se com os humildes de coração e sendo mais conhecido nas desnudadas moradias da pobreza, com a qual repartia quanto tinha, do que nos festins da opulencia, que raras vezes frequentava.

A sciencia de D. Fr. Antonio da Resurreição fôra adquirida não

só na patria, mas bem assim nas mais cultas nações da Europa, pelas quaes viajou.

Em Paris tomou este preclaro religioso o grau de doutor em theologia, assistindo ao Capitulo que alli houve no tempo de Henrique IV, aonde se tornou muito distincto e benquisto.

O rei Bearnez honrou-o então com estreita amizade, fazendo-lhe as mais vantajosas propostas para que, definitivamente, se estabelecesse em Paris.

Ainda assim a sua demora em França foi apenas de alguns annos e afinal a lembrança foi da patria que tanto prezava e saudades da familia e amigos, moveu-o a regressar a Lisboa, donde em seguida partiu para Coimbra a exercer elevado cargo na Universidade, sendo tambem nomeado delegado do Santo Officio n'aquella mesma Cidade.

Apenas foi investido das funcções de Bispo d'Angra partiu immediatamente para a respectiva diocese, abrindo em seguida visita, mas sem o minimo apparato ou ostentação.

N'esta perigrinação visitou a ilha do Fayal em Agosto de 1636.

Poucos dias depois da sua chegada deu-se a seguinte occorrença:

Achava-se fundeado na bahia da Horta um grande galeão portuguez, procedente da India e trazendo, alem de muitos passageiros d'ambos os sexos, um rico carregamento de productos d'aquellas uberrimas regiões d'alem do cabo das Tormentas.

O galeão arribára a este porto com agua aberta e avarias na mastreação, no decurso de uma prolongada e procellosa viagem.

Chegára ha dois dias apenas e estava-se preparando em terra logar conveniente para alojar os seus tripulantes, enquanto o navio que renasse e lhe fossem feitos os necessarios reparos, para poder proseguir na sua derrota até Lisboa.

Apesar da quadra do anno que então decorria dever ser benigna, o vento, ainda assim, reinando fortissimo de sudoeste, quasi ponteiro á bahia e levantando grossos vagalhões encommodava muito as embarcações que alli estavam fundeadas.

No fim de dois dias era uma verdadeira tempestade, ainda não havia chovido para abrandar o vento com a sua usual mudança para o lado da terra e toda a cortina da então Villa da Horta, que defronta com o oceano, era lavada pela escuma das vagas que se desfazião contra o areal e espaçadas barrocas, vindo por cima das casas cahir nas ruas centraes da povoação, engolfando-se o mar pela ribeira da Conceição acima, bem como pela Grotta, hoje conhecida com a designação do Canto de D. Joanna.

Quanto a vista podia alcançar de mar era tudo um lençol branco, proveniente da forte arrebenção das vagas.

Tentaram algumas embarcações da terra sahir do sitio de Santa Cruz, para ir abordo dos navios que estavam no ancoradouro buscar



os tripulantes e passageiros, por quanto d'um para outro momento podiam faltar-lhe as amarras e irem desfazer-se contra a ameaçadora ponta da Espalamaca, muito entrada pelo mar adiante.

A lancha, porem, que isto tentara, revirou-se perto da costa percebendo um homem e ficou em hastilhas, salvando-se a muito custo o resto dos seus tripulantes.

Assim, desistiram os maritimos de uma segunda tentativa.

O tempo crescia sempre, com medonho aspecto.

Quando a noite começou a baixar, e esta avisinhava-se rapida e tenebrosa, o galeão, fundeado quasi fora das pontas da Espalamaca e da Guia, garrou algum tanto na direcção da primeira, descahindo para o lado da terra, aonde nas rochas d'aquelle aprumado promontorio era muito arriscado ir perder-se, bem como toda a gente que tinha a bordo.

Leçaram do navio em perigo a bandeira nacional a meio mastro e *acolla*, pedindo soccorro, sendo grande a ansiedade em terra e achando-se muita gente rennida em diversos pontos do lado do mar da povoação.

Pelo rodar do galeão era evidente que lhe havia rebentado uma das duas fortes amarras de linho com que fundeara, por quanto as correntes de ferro não estavam, então, ainda em uso.

O unico meio de salvação era levar-lhe um ferro e nova amarração, de terra, cortando-lhe os mastros immediatamente para offerecer menos resistencia á ventania.

A morte, porem, na bahia, pela muita distancia do navio, era quasi certa, debaixo do tempo que estava cahindo, e no entanto os momentos tornavam-se preciosos para a salvação de tantas vidas.

Vio-se então do porto de Santa Cruz sahír uma pequena embarcação, avançando a remos e a muito custo pela bahia fóra, o mar rebentava-lhe em redor, escondendo-a por muito tempo, depois, na crista espumante de uma vaga apparecia ainda aquelle ponto negro, singrando sempre na direcção do galeão.

Muitos dos espectadores d'esta scena correram para Santa Cruz, aonde tambem uma enorme multidão de povo, implorava a misericordia divina dos seus irmãos em perigo, bem como da gente do navio.

N'aquella lancha fóra o Bispo!

Vendo o exemplar prelado o risco imminente do galeão e o receio dos maritimos em lhe ir levar soccorro, mandára arriar uma embarcação, a qual benzeu, e tirando do seio um crucifixo, saltou para dentro da mesma, exclamando que, com a ajuda de Deus, o acompanhasssem alguns homens na meritoria obra de valer aquelles infelizes.

Este procedimento accendeu o hrio dos marinhoiros, embarcaram uns cabos, uma anchora valente e seis remadores e um mestre, todos possuidos da melhor vontade saltaram com denodo a empunhar os remos, ao tempo que a figura veneravel de Fr. Antonio da Resurreição, de

pé, junto do leito da prôa, sustendo na dextra estendida o crucifixo, parecia milagrosamente abrir caminho por meio das revoltosas ondas.

A meia distancia do galeão as sombras da noite envolveram a lancha, da qual se ignorou, então, o destino, e apenas a espaços se divisava por entre a cerração o bruxolar de agitado pharol, que pela sua posição, era, com certeza do navio em perigo.

N'essa noite fizeram-se preces em todas as egrejas da Villa, sendo grande a anciedade e variadas as conjecturas sobre a sorte que tivera a lancha, bem como bem fundado o receio por tantas vidas que se achavam no galeão, á mercê do temporal.

Pelas duas horas da manhã, porém, uma chuva torrencial começou a cair, tocada por enorme ventania, chuva que em breve era tão pesada como se fosse uma bomba d'agua que rebentasse sobranceira a aterrorisada povoação.

Depois o vento, mais quebrado de furia, rendou subitamente para o lado da terra, nivando lugubrememente nas portas e janellas dos edificios voltados para o occidente, aonde batia fronteiro.

Quando a chuva amainou, divison-se ainda no mesmo sitio o pharol do galeão.

O navio estava salvo, aquelle vento já não o impellia para as pedras.

Ainda assim, restava saber se a lancha havia chegado a bordo.

Felizmente n'aquella estação as noites não são ainda longas.

Apenas amanheceu vio-se o galeão, effectivamente, muito proximo da ponta da Espalanzaca, sem mastros, dos quaes os fragmentos já estavam no areal, mas ainda assim a salvo.

Com a bonança da manhã, partio immediatamente uma lancha para bordo, com a indicação de hastearem uma bandeira abordo se acaso alli se achasse o Bispo e não tivesse occorrido qualquer sinistro.

Toda a gente da povoação estava na beira mar e a anciedade era geral.

Apenas a lancha de terra atracou ao galeão, immediatamente tremulou na pôpa do mesmo a bandeira portugueza.

A alegria dos Hortenses foi então indizivel.

Os templos encheram-se de povo, as ordens religiosas entoaram nas suas egrejas solennes Te Deums, repicaram os sinos e milhares de foguetes esmurgiram os ares.

A ovação que o povo fez ao Bispo por occasião do seu desembarque, horas depois, foi commovente e grandiosa, não das encommendadas pompas com que se vangloriam estolidos orgulhos, mas sim das que trazem muito amor e veneração.

Era a chegada de um pae idolatrado ao seio de uma oxtremosa familia.

Apesar de decorridos mais de dois seculos, ainda hoje conserva uma parte do povo fayarense a memoria d'esse acontecimento.

Assignalou-se tambem a estada de D. Fr. Antonio da Resurreição na ilha do Fayal, por diversas providencias adoptadas a bem da morigeração de costumes e esplendor do culto, subindo o prelado diversas vezes ao pulpito, com valiosos dotes de excellente orador.

Foi este veneravel Bispo que creou a parochia de S. Matheus, na Ribeirinha, desanexando da parochia de Santa Barbara, dos Cedros, alguns moradores, assim como outros da freguezia de Pedro Miguel.

Prohibiu, a bem dos costumes e decencia da religião as navenas que se faziam de noite e bem assim ordenou que depois de anoitecer se não comessem os *pastos* (?) o que hoje ignoramos que uso fosse, a não ser algumas desbargadas ceias então em voga que reclamassem semelhante correctivo.

A sabida d'esta ilha do bondoso Bispo foi muito sentida e lamentada por pobres e ricos, a quem irmanava na humildade com que a todos tratava e mansamente corrigia.

Proseguio na sua visita á diocese e estava na ilha de S. Miguel, a 8 d'Abril de 1637, aonde falleceu com fama de Santo.

Uma circumstancia corroborou ainda mais esta crença entre o povo.

Mais de um anno depois do fallecimento de D. Fr. Antonio da Resurreição veio de visita á sede vacante o licenciado Mannel Duarte da Motta.

Achando-se na ilha de São Miguel quiz transladar os ossos do fallecido Bispo para a igreja da Conceição de Ponta Delgada.

O Caixão foi aberto e encontron-se alli o corpo do finado em perfeito estado de conservação, bem como, sem a minima deterioração, as suas vestimentas clericas.

Por estranha coincidência foi exactamente o mesmo que acontecent ao corpo do seu amigo Henrique IV. o Bearnez, quando o furor revolucionario dos francezes, em 1793, arrombando os regios mausoleus, foi buscar seus despojos mortaes á abbadia de São Diniz, expondo-os á vista da multidão curiosa, até serem arremessados a uma obscura valla do cemiterio denominado de Valois.

E, contudo, a victima do estúpido fanatismo de Ravailiac, morrendo a 14 de Maio de 1610, ainda cento e oitenta e tres annos depois de seu fallecimento inspirava aos soldados da república tal veneração que, no momento de ser profanado o seu tumulo um d'esses homens cortou-lhe um bocado da longa e grisalha barba, exclamando com marcial enthusiasmo: Isto é uma reliquia, digam lá o que disserem, enquanto a possuir, saberei combater, seguro da victoria, es inimigos da patria!

Da mesma maneira, ainda que em diverso sentido, foram tambem considerados os restos do virtuoso prelado Angrense, tornando-se a transladação dos seus ossos um acto imponentissimo, e as lagrimas dos pobres de que fôra constante protector o mais alto testemunho do

muito affecto de que gosava em todo o archipelago, aonde apenas Deus lhe permittio que vivesse dois annos incompletos.

Por morte de D. Fr. Antonio da Resurreição e devido a intrigas de Hespanha para com a curia Romana esteve vaga a diocese dos Acores durante 34 annos, até que reconhecida pelo papa a independencia de Portugal, foi nomeado successor D. Lourenço de Castro, porquanto a antecedente nomeação de D. Fr. Pedro de Souza, irmão do Conde de Castello Melhor e confessor que fôra d'El-Rei D. Affonso 6.º, já mais obtivera a necessaria confirmação.

---

## O CONDE D'OBIDOS

(1654)

Não ia ainda longe o tempo no qual em terras portuguezas se contavam os annos pelos descobrimentos de grandes continentes, pois que em 1499 regressara a Lisboa Vasco da Gama, depois de haver dobrado o Cabo das Tormentas, como Bartholomeu Dias denominou a extremidade oriental da Africa e que El-Rei D. João II transformou, alegre, em Cabo da Boa Esperança, quando no anno seguinte Pedro Alvares Cabral, partido para uma segunda expedição á India, acossado por grandes temporaes e correndo à merce dos ventos deparou com as a-berrimas terras do Brazil.

O achado de desconhecidas paragens era então o apanagio dos navegantes portuguezes, tornando n'esta honrosa faina immortaes os seus nomes, Gaspar Corte Real, João da Nova, D. Lourenço de Almeida e Tristão da Cunha, mais tarde embaixador extraordinario junto do Papa Leão X, ao qual em 1514 foi levar as primicias do Oriente, vendo os Romanos, espantados, uma comitiva de 800 homens a cavallo, 300 azemolas com criados de libré e 50 fidalgos portuguezes, montados em ginetes ajaesados de ouro macisso e pedras preciosas, escollarem o portentoso presente de alqueires de ouro, pedrarias, e animaes raros que D. Manuel mandava d-pôr perante o chefe visivel da egreja christã.

Jámais a fortuna pareceu disposta a coadjuvar em todos os tentames o monarcha de qualquer povo, como nos eventos memoraveis que se deram em todo o reinado de D. Manuel, justissimamente cognominado «O Venturoso», epocha que para em todo o ponto ser notavel, alem dos mais esforçados aventureiros, navegantes e homens de guerra, teve ainda um chronista como Garcia de Resende, poeta como Bernardino Ribeiro e um escriptor dramatico da tempera de Gil Vicente.

A gloria portugueza no Oriente em breve chegou ao seu maximo

apogeu, possuíamos alli cidades ricas e poderosissimas e d'alli nos vinham grandes caudaes de riquezas.

Continuou este prospero estado dos negocios da India, theatro de heroicas façanhas bellicas dos portuguezes, durante todo o reinado d'El-Rei D. João III, D. Sebastião, D. Henrique, na usurpação hespanhola de 1580 a 1640, brilhando ainda com grande lustre quando, liberta a patria do estranho jugo, tomou as redeas do governo portuguez D. João IV, o Restaurador.

A navegação portugueza para a India, como facilmente se deprehende da importancia d'aquellas ricas possessões era grande e numerosa e nas ilhas dos Açores, pela sua posição geographica, amiudadas vezes aportavam as naus e galeões que regressavam a Portugal, ou para averiguar a sua derrota, ou para refrescar, quando não era para refazer avarias.

Outras vezes as naus da India aqui vinham, em determinados prazos, aguardar os navios do continente que de Lisboa chegavam ás ilhas, para ir em conserva d'aquellas embarcações, repectas de riquezas e que deviam, necessariamente, aguçar a cobiça quer das nações com quem andavamos em guerra, ou dos numerosos e armados navios de corso e piratas que então, infestavam os mares.

N'uma manhã dos fins de Maio de 1654 entrou imponentemente na esplendida bahia da Horta o galeão «Sacramento da Trindade», proveniente de Goa, conduzindo a seu bordo uma alta personagem, o Conde d'Obidos, vice rei da India, que, coberto de gloria nas terras que governava, regressava a Lisboa, com numeroso sequito e alguma tropa, conduzindo tambem o navio grossos capitaes no seu possante bojo.

O conde d'Obidos alem do nobre cargo que exercia e no qual ia ser substituido pelo Conde de Sarzedas, era tambem um guerreiro notavel e fidalgo da primeira fidalgagem, descendente d'uma familia notabilissima e benemerita da patria, da qual fora instituidor Estevão Rodrigues de Mascarenhas, no reinado de D. Sancho I.º possuindo as casas titulares do Marquez da Fronteira, Condes de Santa Cruz, Obidos, cujo nome adoptara, Palma e Sahugal, sendo tão importantes os serviços na India d'um dos seus membros, D. Pedro de Mascarenhas, que El-Rei D. João III lhe offereceu alem dos seus brazões mais um escudo, tendo por timbre um leão com uma palmeira verde nas garras.

Divulgada na Villa da Horta a noticia da chegada de tão distincto portuguez, foi grande o regosijo que houve n'esta povoação, indo logo visitar o vice rei toda a gente da governança e fayalenses mais importantes desembarcando em seguida o Conde d'Obidos, cercado de luzido prestito e de numerosos criados de libré, indo ouvir missa á igreja Matriz, contigua ao convento de São João, cantando-se tambem um Te Deum em acção de graças pela sua feliz chegada a estas paragens.

O genio hospitaleiro dos fayalenses não se poupon a esforços para ser agradável ao seu illustre visitante e na noite da sua chegada, illuminou-se toda a cortina da Villa, que defronta com a bahia, produzindo uma esplendida prespectiva esta demonstração de publico rego-sijo.

O galeão «Sacramento da Trindade» não tinha novidade a bordo e carecia apenas de alguns refrescos que promptamente lhe foram fornecidos; e no dia seguinte, salvando a terra, proseguio na sua derrota, com escala pela ilha Terceira, para saber mais recentes novas do continente, ou ser acompanhado d'outras embarcações que por ventura alli se achassem.

Breve foi a sua demora na cidade d'Angra, indo-lhe somente em conserva uma caravela, com tropa d'aquella localidade, a qual teve em breve ensejo, como vamos ver, de provar a tradicional heroicidade dos Terceirenses.

A, relativamente, breve travessia dos Açores para o continente tinha, ainda assim, de ser bastante accidentada para o vice-rei da India.

Apesar da estação dever ser calma e aprazivel, o caprichoso mar açoriano tomou, desde a sahida do galeão, um aspecto iracundo, parecendo querer medir-se com as falladas tempestades da India.

O navio, como todos d'aquella epocha, de construcção valente e muito pesada, conduzindo farto carregamento, grossa artilheria e numerozinhos tripulantes, dava que fazer para ser, convenientemente, manobrado; a viagem de momento para momento tornava-se peor e mais fadigosa e os adestrados marinheiros do oceano Indico encontravam no atlantico tormentas que rivalisavam com as que haviam experimentado n'aquellas remotas paragens.

As vagas balião, desfazendo-se, no costado do pesado galeão como se fosse nas muralhas de um castello, salvando-o todo as nuvens de refervente escuma que, semelliante ás azas de alcyons gigantes, voavam celeres, impellidas pela ventania do quadrante do norte, que predominava.

Os dias eram tristes e as noites d'uma escuridão medonha, phenomeno peculiar d'este clima, como tem sido notificado por muitos nautas.

A caravela, embarcação ligeira, com as suas velas latinas, conseguia, a despeito das vagas navegar, sempre á vista do galeão e nenhuma noite se deixou de avistar a barlavento, embora a distancia, o seu pharol, prêso no mastro de prôa.

Ora, desde 1640, havia então quatorze annos, que Portugal andava em renhidas hostilidades com Castella e as nossas praças das raias do reino eram theatro de constantes pelegas e notaveis feitos d'armas, como a batalha de Montijo, aonde o illustre Mathias de Albuquerque que illusiron para sempre o seu nome.

A guerra com a Hollanda reventara de novo e tanto no Brazil, como no mar, aquella então importante nação, perseguia-nos sem treguas, ainda que geralmente só logrando derrotas.

O galeão «Sacramento da Trindade» e a caravela que lhe ia de conserva, em consequencia das tormentas que haviam encontrado, tinham-se desviado algum tanto do seu rumo, para o sul, e como afinal o tempo melhorasse, avistaram, n'uma bella manhã, a ilha da Madeira a grande distancia ainda no horizonte.

As vagas estavam calmas e quando rompeo o sol levantando as matulinas brumas, aperceber-se a barlavento quatro embarcações de guerra, sendo uma fragata e tres navios menores, que pela sua estrutura e apparelho, desde logo os nossos aguerridos marinheiros reconheceram ser Hollandezes.

A flotilha inimiga aproou para o galeão e içando a bandeira nacional firmou-a com um tiro de canhão.

Responderam-lhe de igual sorte os navios portuguezes desfaldando no topo dos mastros o respeitavel pavilhão das quinas.

Travou-se em breve a peleja.

A flotilha inimiga compunha-se de uma fragata de corso e tres possantes navios mercantes armados em guerra, conseguiu o galeão e a caravela, em desigual pugna, mas effectuando prodigios de valor, derrotar a fragata hollandeza, causando-lhe grande mortandade a bordo.

Este navio afinal desarvorado e em pessimo estado, acoitou-se no centro das embarcações que lhe iam de conserva, as quaes a protegeram de uma perda total, continuando os navios portuguezes desasombradamente na sua derrota.

Aconteceu, porem, que durante o combate uma bala viera ferir o conde d'Obidos, que batalhava como um soldado qualquer, expondo-se aos maiores perigos, o qual reconhecendo a gravidade dos seus ferimentos, resolveu passar-se para bordo da caravela, muito mais veloz do que o galeão e afastando-se d'este, ganhar mais depressa Lisboa, não só para se tratar, como para dar parte ao governo do occorrido e da proximidade do inimigo das costas de Portugal.

Alem do desastre que lhe acontecera, vira o conde d'Obidos cair ao seu lado, mortos, cinco criados do seu seguito.

O galeão proseguio, pois, pesadamente, na sua andadura, emquanto que a leve caravela, conduzindo o vice rei e abrindo as azas a favoravel brisa galgava rapida as ondas, apenas com poucos tripulantes, por haverem passado para o «Sacramento da Trindade» os soldados insulanos que conduzia.

Chegada ao Tejo causou grande alvoroço em Lisboa a noticia d'aquelle encontro e immediatamente sahio em direcção da Madeira o general da Armada, Antonio Telles de Menezes, commandando sete fragatas e com muita tropa guardando as mesmas.

A vindicta dos portuguezes foi tenivel; encontraram o galeão sobre o qual investiam então cinco fragatas castelhanas que os portuguezes obrigaram a fugir, mettendo uma d'estas a pique e foram ainda aprisionar o corsario que nas proximidades da Madeira e ao abrigo de uns ilheos estava reparando as graves avarias que soffrera.

Em breve a entrada no Tejo do «Sacramento da Trindade», são e salvo, foi um motivo de publico regosijo, bem como a victoria naval obtida sobre os inimigos e de mais a mais sendo hespanhoes.

D. João IV portou-se, como sempre, com brios d'um monarcha justicheiro, remunerando largamente a todos os combatentes e com especialidade os soldados insulanos que haviam tomado parte n'aquelle brilhante feito d'armas.

Assim, a passagem do vice-rei da India pelas ilhas dos Açores deu ensejo a mais uma pagina d'ouro nos fastos da historia patria.

Felizes tempos aquelles!

---

## D. FR. LOURENÇO DE CASTRO

(1675)

Irmanou em letras e virtudes o seu antecessor de que acabamos de tratar.

Nascêra tambem na cidade de Lisboa e pertenceu á ordem dos Pregadores.

Veio para a diocese de Angra no anno de 1671, desembarcando na séde do seu bispado a 11 de Novembro, com grandes festas e publico regosijo.

O governo d'este Prelado foi todo paternal, subindo elle por muitas vezes ao pulpito, que honrava com notavel eloquencia e a mais sã doutrina, a todos exemplificando com a sua humildade e regrada vida.

Por occasião de visitar a diocese, que lhe fora confiada, esteve na ilha do Fayal em Julho de 1675 e na mesma prohibio que as mulheres acompanhasssem o Sagrado Viatico, quando sahia aos enfermos, provavelmente por abusos que se commettiam n'esses ajuntamentos, muitas vezes nocturnos.

Impoz tambem algumas collectas para melhoria dos templos.

Do Bispado d'Angra foi promovido para a diocese de Miranda em 1681, estando, porem, já em Lisboa desde o anno de 1678.

O sabio Fr. Luiz de Souza, na sua «Historia de S. Domingos», tece os maiores elogios a este exemplar Prelado, apresentando-o como um modelo de virtudes e caridade.



Por breve espaço de tempo dirigio a diocese de Miranda, pois alli falleceu, com honradissima memoria, no dia 13 d'Agosto de 1681, em que a egreja commemora o martyrio de Santa Helena.

---

## D. FR. CLEMENTE VIEIRA

(1690)

Era Minhôto e de familia nobre, doutor em theologia e religioso dos Eremitas de Santo Agostinho.

Chegou a Angra, para tomar posse da diocese, a 12 d'Outubro de 1688.

Começou, pouco depois, a visitar as terras que haviam sido confiadas á sua ecclesiastica jurisdicção e achava-se na ilha do Fayal em Novembro de 1690.

Aqui, impoz a multa de 50 reis a todo e qualquer chefe de familia que não fosse, ou não mandasse, ao menos uma pessoa de sua casa, ouvir, ao domingo, a missa do dia.

Havendo tambem, no antecedente Agosto de 1684, sido dedicado á Senhora das Angustias o novo templo ainda hoje existente, que substituiu a pequena construcção coberta de colmo, aonde n'aquelle sítio era adorada a Virgem; D. Fr. Clemente Vieira elevou ás mãos d'El-Rei D. Pedro 2.<sup>o</sup> uma representação na qual pedia a Sua Magestade auxilio para o complemento e condigno adorno d'aquelle egreja.

Foi attendida pelo monarcha semelhante supplica, mandando a quantia de 572\$000 rs. para o fim que se desejava.

Dois annos depois, a 24 de Setembro de 1692, achando-se este prelado, na continuação de sua visita á diocese, na ilha de S. Miguel, aggravando se-lhe antigos padecimentos de saude, veio a fallecer na cidade de Ponta Delgada, sendo enterrado na egreja de Nossa Senhora da Graça.

A memoria que deixou de si D. Fr. Clemente Vieira foi, a todos os respeito, conligna da elevada posição que occupava na sociedade.

---

## D. ANTONIO VIEIRA LEITÃO

(1696)

Foi o 17.<sup>o</sup> bispo d'Angra, natural de Lisboa e clérigo do habito de São Pedro, havendo no continente exercido diversos cargos ecclesiasticos.

Por occasião de ser nomeado bispo para a diocese açoriana, escreveu em 25 de Junho de 1694 ao respectivo cabido para tomar por procuração do seu novo cargo, no qual só entrou definitivamente a 16 d'Agosto do mesmo anno.

Durante esse tempo fez as suas vezes o deão da Sé d'Angra Pedro Gomes da Terra.

Logo depois da sua chegada á ilha Terceira começou D. Antonio Vieira Leitão essas interminaveis questões que reinaram constantemente durante os vinte annos que espiritualmente governou estas ilhas, d'este prelado se queixou a camara d'Angra, em 1697, o qual elevou a tabella dos emolumentos ecclesiasticos, reprimio diversos abusos, trabalhou, andou e questionou, cansando-se afinal, a si e aos outros, por vezes com bem dvidoso proveito.

Estabeleceu, tambem, diversos curatos em toda a diocese e o numero das suas providencias, efficazes, deve notar se, com o devido louvor, a regularidade com que estabeleceu o lançamento dos termos do registro parochial, que andava quasi abandonado, impoendo pesadas multas aos vigarios que continuassem em tão injustificavel desleixo, multas que a alguns parochos tornou effectivas.

Nos fins de 1696 esteve de visita na ilha do Fayal, aonde ordenou que os noivos fossem á missa oito dias depois de casados, cessando o abuso que havia de maior dilacão no cumprimento de semelhante dever, o que nos parece razoavel, seja dito aqui tanto á puridade.

Do Fayal passou a visitar as ilhas das Flores e Corvo.

Foi grande o regosijo dos habitantes d'aquellas duas ilhas por albergarem por algum tempo o seu Prelado, tão grande que até fizeram um *Romance Gratulatorio*, em quadras, para comemorar semelhante visita.

Este Romance tem sua pittoresca, chamando ao Bispo, o *milagre dos Prelados* e figurando todas as flores da ilha vindo-lhe dedicar as suas fragancias e *mil discretos elogios*.

Ora nós dando de barato a sensatez de taes encomios, adrede destillados do cerebro d'algum visionario frade, para adoçar os beiços do rispido visitante, tomaremos apenas dos mesmos o nome vulgar das flores que figuram designadamente n'aquelle congresso das galas

da natureza, o que porventura pode servir como indicação de uma parte da flora d'essas ilhas n'aquella epocha.

As flores de que no Romance Gratidatorio se faz especial menção são as seguintes:

A rosa,—o girasol,—a angelica,—a flor do Paraíso,—o corvo,—o jasmim,—o lyrio,—o amor perfeito,—a corôa,—o amaranto,—o tiar-ciso,—a flor trepadeira,—a açucena,—as campainhas,—o martyrio,—a violeta,—o jacintho,—e a perpetua.

E, ainda assim, não foi D. Antonio Vieira Leitão o primeiro Bispo que n'aquellas duas ilhas estivera, pois que antecedentemente sendo nomeado Bispo d'Angra D. Rodrigo Pinheiro, que nunca veio á diocese, mandou em seu lugar de visitador ás differentes ilhas que a compõe o Bispo de Lora D. Balthasar d'Evora, o qual esteve nas ilhas das Flores, e Corvo, logo depois de 1549.

Vinte annos depois da sua entrada em Angra, achando-se D. Antonio Vieira Leitão na Villa das Vellas, da ilha de São Jorge, enfer-mou gravemente e falleceu no dia 22 de Maio de 1714.

Foi sepultado na egreja do Mosteiro de Religiosas de Nossa Se-nhora do Rozario, cuja fundação poderosamente auxiliara com o seu muito zêlo.

Este mosteiro, com o decorrer dos annos foi profanado e devido á piedade dos Jorgenses a 7 d'Abril de 1836 foram d'alli inhumados os restos mortaes d'aquelle Prelado para lhe ser dada mais conveni-ente sepultura, conjunctamente com os ossos do fundador d'aquella casa, o Rev.<sup>mo</sup> Amaro Teixeira Fagundes.

Effectivamente, no anno seguinte, a 20 d'Abril de 1837, foram so-lemnemente trasladados os ossos d'aquelles dois ecclesiasticos, que desde a sua inhumação se achavam depositados na Capella da Ordem Terceira de São Francisco, os do Revd.<sup>o</sup> Amaro Teixeira Fagundes pa-ra um carneiro na egreja Matriz, das Velas, pertencente á respeitavel familia Teixeira Soares, na capella do Senhor Jesus, e os do Revd.<sup>o</sup> Bispo para o cemiterio da Conceição, em jazigo especial.

Por essa occasião houveram na Matriz da Villa das Velas, festas com a maxima solemnidade, todas as ceremonias que em taes occa-siões prescrevem os rituaes da egreja.

---

## D. MANOEL ALVARES DA COSTA (1722)

Foi o 19.<sup>o</sup> Bispo d'Angra, era natural do continente e anteriormente á sua vinda para os Açores, havia já exercido o cargo de Bispo de Pernambuco.

Falleceu na sede da diocese com 93 annos de idade, no dia 10 de janeiro de 1733.

Segundo o que se acha escripto na Historia das quatro illas que formam o Districto da Horta, pelo Sr. Antonio Lourenço da Siveira Macedo esteve este Prelado no Fayal no anno de 1722.

Quaes as providencias, porem, que adoptou ou os abusos que cohibio, é do que não achámos qualquer indicação.

---

## D. FR. VALERIO DO SACRAMENTO (1744)

Era natural de Lisboa e frade capucho da ordem de S. Francisco.

Foi assaz pomposa, em Angra, a recepção feita a este Bispo que governou, com illustração a diocese, desde 27 d'Agosto de 1741 até 1755 em que desistio d'aquelle elevado cargo.

Havendo fallecido El Rei D. João 5.<sup>o</sup> e pretendendo-se na Sé d'Angra fazer sollemnes exequias, com um catafalco, ou eça, no meio da Capella Mór, a isto, com grande sensação publica, se opôz o prelado, do que resultou não se effectuar aquelle cerimoniaal.

Em 1744, na visita á diocese, achava-se Fr. Valerio do Sacramento na então Villa da Horta, sendo rispido em reformar ou cohibir diversos abusos que se haviam introduzido nos negocios tanto ecclesiasticos, como profanos.

Não lhe escaparam as populares *folgas*, ou bailes, por occasião das festas em honvor do divino Espirito Santo, que prohibio, não sabemos se acertadamente, porquanto mais soffre a religião com outros abusos que então, como actualmemente subsistem, do que com esses folgares em que as classes pobres d'esta terra esquecem por algumas horas as tristezas do seu viver.

Pelo menos o povo assim o entendeu.

Sahindo o severo Bispo do Fayal, as festas do divino Espirito Santo retomaram a sua antiga e estrondosa alegria, que inalteravelmente se conservou até nossos dias.

O frade capucho de São Francisco finou-se, longe dos Açores, na humildade d'uma cella conventual.

## O COMMENDADOR JOSÉ DE VAS- CONCELLOS

(1747)

Com quanto o nome que encima esta referencia não seja propriamente o de algum assignalado varão, na nossa historia patria, ainda assim a breve estada do Commendador José de Vasconcellos, na ilha do Fayal, revestio-se de algumas mysteriosas circumstancias que não devem passar desapercibidas.

Desde 1744 que havia fome no archipelago açoriano, isto devido a tremendos temporaes e inundações, que não só levavam as sementeiras, mas despiam até ao esqueleto as apumadas encostas, tornando os vallados em profundos lagos, destruindo muitas casas e nas ruinas d'estas sepultando os seus moradores.

As ribeiras, transbordadas dos respectivos limites e correndo furiosas, arrebatavam tambem homens, animaes e arvores.

Era um perfeito inverno.

Os terrenos tornados, assim, quasi completamente estereis, não offereciam recurso algum aos agricultores e o povo recorria a ordinarias soccas e insalubres raizes para sustentar a vida em tamanha calamidade.

Como consequencia inevitavel d'este anomalo estado atmospherico, d'esta invernada de quatro annos, que já se afigurava interminavel, tornando em verdadeiros mendigos milhares de remediados lavradores uma terrivel epidemia começou a devastar as enfraquecidas povoações d'estas ilhas, indo bater desapiadada desde a misera cabana do pastor até ás sumptuosas moradias, donde ainda ha pouco a abundancia e o conforto imperavam desassombradamente.

O clamor afflicto da pobreza insulana chegou até á metropole, e o governo d'El-Rei D. João 5.<sup>o</sup>, querendo prover de prompto a tão urgentes necessidades, mandou aos Açores diversos navios, com o designio de transportar, gratuitamente, gente para o Brazil, offerecendo-lhes alli terrenos e protecção.

A emigração foi grande n'essa malfadada epocha e numerosas familias abandonaram estas paragens, em troca das uberrimas terras de Santa Cruz.

Na manhã de 2 d'Outubro de 1747, debaixo d'um violento temporal do quadrante do sul, surgiu na bahia da Ilorta, apenas em gaves e estas mesmas risadas, a grande nau portugueza «Nossa Senhora da Piedade», armada em gnera e segundo de terra se podia perceber com numerosissimas tripulantes.

Fundeou, atrevidamente, a meio da bahia e não fôra das portas

da Espalamaca e Monte da Guia, como então era uso para os navios d'aquella lotação.

As ondas estavam tão encapelladas e o vento era tão rijo, que nenhuma das embarcações de terra se atreveu a sahir da praia, o que não obsteu, porem, a que em breve escorregasse ao longo do costado da nau um branco escaler e que este á força de remos, tremulando-lhe na pópa a bandeira nacional, se dirigisse para o local do desembarque, proximo do Castello de Santa Cruz, por cima de cujo portão, talhado em pedra, existia aquelle angusto symbolo da fé, só d'alli mandado tirar, modernamente, pelo fallecido brigadeiro Antonio Homem da Costa Noronha, não por menos religião, mas pela impropriedade do sitio.

Era immensa a multidão de povo, n'aquellas proximidades, atraida por natural curiosidade.

O escaler que, a espaços, desaparecia, parecendo afundado nas vagas e que outras vezes era furiosamente arrojado na crista espumosa das ondas, afinal conseguiu aproximar-se da costa, isto com imminente perigo de ser desfeito na arrebentação.

Alem dos seus remadores, competentemente uniformizados, apenas vinha no mesmo, em grande uniforme, um official de marinha já edoso e um aspirante.

Conseguiu desembarcar, sósinho, o primeiro d'estes, que se deu a conhecer como o Commendador José de Vasconcellos, commandante da nau que acabava de chegar, voltando immediatamente para bordo o escaler que o conduzira.

Cercada de muita gente que corraera ao local aonde aportara o fragil esquife, não respondendo ás perguntas que lhe eram feitas a respeito da procedencia da nau, o Commendador José de Vasconcellos apenas pediu que o conduzissem, immediatamente, á casa da Camara Municipal.

Hora e meia depois, a convite do Commendador estavam na mesma reunidos todos os membros d'aquella corporação, á qual presidia o distincto cavalleiro José Francisco da Terra e Silveira Leite, bem como todas as authoridades militares e ecclesiasticas.

Na presença de todos declaron o commandante da nau que viera alli para no cofre do Municipio ser depositado um masso de papeis que tinha consigo, os quaes jámais poderiam ser entregues a quem quer que fosse, sem uma ordem especial, directa e positiva d'El-Rei, e ainda mais exigia um recibo passado pela Camara da entrega á sua guarda de semelhantes papeis, que ficariam fechados com tres differentes chaves.

Assim se effeitnou, sabendo-se apenas que o envolvero d'quelles documentos, ou o quer que fosse, tinha exteriormente o seguinte sobrescripto:

*Ao Ex.<sup>mo</sup> e Eminantissima Senhor Cardeal da Motta.*

O Commandador José de Vasconcellos, acompanhado das authoridades, Camara Municipal, nobresa da terra e muito povo, dirigio se em seguida para o mesmo local aonde desembarcara e pediu que fosse desclia a meio pau, durante alguns instantes, a bandeira da fortaleza.

Apenas de bordo da nau viram este signal, voltou a terra o mesmo escaler, no qual seguiu o commandante da nau, com mar já um pouco mais sereno, por quanto o vento rondara subitamente para o este.

A nau levantou, logo depois de haver chegado a bordo o Commandador.

Como é fácil de suppor este incidente deu muito que fallar, intrigando notavelmente os Hortenses e motivando-lhes as mais disparatadas conjecturas.

O segredo continuou, porem, sempre inviolavel.

Treze annos depois d'este facto, em 1760, governando o reino havia já dois lustros El-Rei D. José 1.<sup>o</sup> veio de correição á ilha do Fayal o corregedor Henrique José da Silva Quintanilha.

N'uma das sessões da Camara Municipal, a que assistio, mandou que fosse aberto o cofre aonde estava o mysterioso deposito e apoderando-se do mesmo, disse que ficava com aquelle pacote para o elevar ás mãos d'El-Rei, ou mais propriamente do sen Ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, então acabado de nomear Conde de Oeiras, já occupando notavel proeminencia na publica governação.

O Municipio da Horta oppunha-se á entrega d'aquelle deposito, nem o Corregedor Quintanilha apresentava a necessaria ordem regia para do mesmo se apossar, mas valendo-se somente da sua posição official e do nome do poderoso Ministro d'El-Rei D. José, não deu ouvidos aos protestos Camararios, concernente a semelhante violação.

O mais que esta corporação conseguiu obter foi, depois de haver lavrado um termo de entrega, que o Corregedor lhe passasse um recibo do masso de papeis, ao que este annuo.

Nella primeira oportunidade que se offereceu a Camara Municipal da Horta dava circumstanciada conta a El-Rei do que se havia passado, endereçando a Sua Magestade a copia da respectiva acta da entrega e conservando cautelosamente o recibo do corregedor Quintanilha.

O governo, porem, jámais respondeu á Camara a semelhante respeito, devendo a esse tempo estar necessariamente nas mãos do Conde de Oeiras a chave de todo aquelle enigma, importante com certeza, pelas excepçoes circumstancias de que foi revestido.

Com quanto a feição predominante da ultima parte do reinado de D. João 3.<sup>o</sup> fosse quasi exclusivamente dedicada á construcção das notaveis obras e edificios com que enriqueceram a archeologia do paiz, ainda assu na grandiosa corte de Portugal, deviam abundar seguran-

te mui ponderosos negocios e diversas intrigas politicas ou palacianas, devidas á notavel influencia que então ainda tinhamos nos destinos da Europa, ou por ventura pelo genio aventureiro do monarcha que por vezes se comprazia em nocturnas e occultas expedições, arriscando a vida na conquista de femininos corações, empenho em que não era raro representar o papel de apaixonado Romeu.

Com os grandes problemas da publica governação relacionava-se o deposito que havia sido feito na Horta, ou simplesmente com os enredados meandros d'alguma intriga amorosa, em que andasse envolto o nome d'alguma illustre familia do reino?

Não se sabe.

O severo Marquez de Pombal levou para a sepultura o segredo d'aquelles documentos, concernentes ao reinado do monarcha portuguez ao qual Benedicto XIV concedeu, em 1749, para si e seus descendentes, o titulo de Fidelissimo.

---

## D. ANTONIO CAETANO DA ROCHA

(1763)

Presbytero, Doutor e Lente na faculdade dos Sagrados Canones da Universidade de Coimbra, segundo resa a carta da sua apresentação no bispado de Angra, datada de 2 d'Outubro de 1755, desembarcou na séde da diocese no dia 21 de Novembro de 1758.

Na noite de 3 de Setembro anterior, pelas 11 horas, dera-se em Lisboa o mysterioso attentado contra a vida d'El-Rei D. José 1.º ou talvez mais acertadamente contra a do seu primeiro ministro, em que se acharam implicados o duque de Aveiro, o marquez e marqueza de Tavora, seus filhos Luiz Bernardo de Tavora e José Maria de Tavora. D. Jeronimo d'Alhayde, conde d'Atouguia, Braz José Romeiro, João Miguel, Manoel Alves e Antonio Alves, bem como José Polycarpo d'Azevedo, criado do duque e o unico que conseguiu, occultando-se, escapar á regia vingança.

Dirigiam-se algumas carroageus da casa real pela calçada do Galvão para o palacio da Ajuda, quando á ultima da comitiva foram atirados uns tiros de arcabuz do que resultou ficar El-Rei, que talvez não se suppunha alli ir, mas sim o seu temido ministro, ferido, ainda que levemente, n'um braço.

Com o maior segredo tratou de tomar conhecimento d'esta occorrença Sebastião José de Carvalho e Mello, vendo n'aquelle ensejo oc-



casão favorável de saciar o animo sanguinario e a sua aversão ao partido da nobreza, parecendo trabalhar em causa propria, pelos horrosos supplicios que se seguiram.

Effectivamente a 13 de Janeiro de 1759, uma junta a que presidiram os tres secretarios d'Estado, condemnava os reus de semelhante attentado a um supplicio tão cruel, como jamais havia memoria, não somente em Portugal, mas em toda a Europa e o qual resignadamente soffreram os fidalgos e plebeus que se achavam compromettidos n'aquelle lamentavel acontecimento.

Sebastião José de Carvalho e Mello, como um tigre sedento de sangue, encontrou então numerosas victimas e devia estar satisfeito, embora enodoasse assim a sua farda de ministro e a sua reputação de bom administrador do fisco, com manchas tão repellentes e horrornasas que empanam para sempre o brilho do seu nome enquanto existir a memoria de semelhantes factos nas chronicas portuguezas, ou na historia d'este reino.

Depois d'isto elevaram-no, ou elle mesmo elevou-se, perquanto era então omnipotente e avido de riquezas e titulos, á dignidade de conde de Oeiras, isto a 6 de Junho do mesmo anno.

Convinha, porventura, ao Bispo d'Angra, estar nas boas graças do conde de Oeiras e como n'esta conjunctura que aterrorisou o reino e que dera muito que fallar, a melhor maneira de lhe captar a benevolencia era collocar-se bem salientemente do seu lado, apenas na ilha Terceira, a 25 de Março de 1659 chegou officialmente a noticia de El-Rei estar livre de todo o perigo das feridas recebidas na anterior tentativa contra a sua existencia, logo D. Antonio Caetano da Rocha pôz-se em campo para com singulares demonstrações de publico regosijo, com Te-Deums, procissões e festas profanas, demonstrar a sua alegria por tão fausto restabelecimento.

Foram grandiosas estas festas, tanto as promovidas pelo Bispo, como pelos principaes angrenses, nem jamais consta que n'aquella ilha fossem outras effluviadas que as podessem irmanar no luzimento, havendo encamisadas, illuminações, festas de egreja, fingidas escaramuças, corridas de touros, entremezes, danças e como diz Drummond nos seus «Annaes», *outras muitas invenções appareceram e que foram maravilhosamente desempenhadas ao som de melediosos instrumentos.*

Parece haver aqui, ainda assim, uma lacuna.

O bispo d'Angra todo entregue ao regosijo de ver salvo El Rei D. José 1.º, ou mais naturalmente de ser agradavel ao seu primeiro ministro, esqueceu-se, ao que parece, de quaesquer sufragios por alma das victimas da conspiração, mais necessitadas com certeza, depois de um crime, das preces ao Altissimo, do que El-Rei, para sobre as mesmas baixar a clemencia divina, se é que o Bispo não acreditou que depois do inferno que o primeiro ministro lhe fizera soffrer em vida, expondo pae, mãe e filhos a presenciar os supplicios uns dos outros, as

suas pobres almas subiriam directas ao ceo, á voz do Deus das misericórdias e dos afflictos, prescindindo de qualquer intercessão terrena.

O Bispo d'Angra acreditou isto seguramente !

Façamos lhe, por esmola, esta concessão.

Nem tudo, ainda assim, são rosas n'esta vida. D. Antonio Caetano da Rocha que em tão luzidas festas iniciára o seu governo, com a decorrer do tempo desgostoso da politica local que se degladiava na séde da diocese, não existindo alli aquella serenidade de animo, que o seu genio jovial tanto presava, começou então, talvez para eximir-se ao embate das paixões politicas, uma muito demorada visita ás outras ilhas, confiadas á sua espirital administração.

Assim, no anno de 1766 partio o Bispo para a ilha de São Miguel, aonde em mais tranquilla vivenda logrou dias aprasiveis no seio d'aquelle bom povo michaelense, postergando indifinitivamente o seu regresso para Angra.

A ausencia do Prelado, que já durava havia seis annos, alem de cercar regalias de que gosava a séde da diocese com a permanencia na mesma da primeira authoridade ecclesiastica, difficultava tambem sobre maneira todo o expediente atinente á governação do bispado, pelo que o cabido elevou a Sua Magestade uma queixa a semellante respeito, attendida com a Provisão de 11 d'Abril de 1772, mandando recolher D. Antonio Caetano da Rocha a Angra, por ser impraticavel uma ausencia de seis annos a titulo de visita.

Esta ordem não chegou, porem, a ser cumprida, pelo fallecimento do Bispo, em Ponta Delgada, no dia 21 de Junho do mesmo anno.

Anteriormente á sua maior ausencia da séde do bispado esteve D. Antonio na ilha do Fayal em 1763, concorrendo poderosamente tanto do seu bolso, como por suas sollicitações com os habitantes da Horta, para ser ultimada a torre da Matriz velha, então em começo e cujos trabalhos de ha tempos que estavam paralisados.

Era de publica utilidade aquella formosa construcção, pois alem de embelesar muito a povoação, erguida n'um sítio alto e defrontando o mar, alli ia ser collocado um relógio, ainda actualmente existente, pelo qual se regulariam os habitantes da então villa da Horta.

Demolida mais tarde a velha igreja Matriz, subsistio a torre, de construcção, relativamente, moderna e que mede 40 metros d'altura, estando hoje a cargo da Camara Municipal e circumdada d'um formoso jardim. É um dos sitios mais amenos d'esta Cidade, donde se goza uma esplendida prespectiva e contiguo ao passeio publico, sendo visitado por quantos estrangeiros a esta ilha aportam.

Outro obsequio deve ainda a Horta a D. Antonio Caetano da Rocha, pois que os seus piedosos sentimentos o moveram a offerecer um rico diadema de prata lavrada ao Senhor das Prisões, uma das imagens que, annualmente, percorrem no domingo da Paixão, as ruas da

cidade, na brilhante procissão que n'aquelle dia effeita a veneravel ordem 3.<sup>a</sup> de Nossa Senhora do Carmo.

Este diadema ainda hoje existe, figurando na indicada imagem, que é a segunda na ordem do prestito da procissão do Triumpho.

Ora, o sanctuario da ordem Carmelitana, no qual ha a admirar a perfeita semelhança do rosto das imagens que representam Jesus, foi mandado vir de Lisboa por subscrição dos principaes habitantes da villa da Horta, no anno de 1754, porquanto nos dois annos anteriores depois de edificada a egreja, apenas com falta do seu frontespicio, foi feita a procissão do Triumpho com imagens emprestadas do convento dos franciscanos.

As predicas das quartas feiras da quaresma na mesma egreja começaram em 1756 havendo já anteriormente, como diz o Sur. Comendador Antonio Lourenço da Silveira Macedo, na sua «Historia das quatro ilhas» que compõe o districto da Horta, apenas umas devoções ao Senhor dos Passos.

Em summa D. Antonio Gaetano da Rocha foi um dos Bispos que visitando a ilha do Fayal melhores recordações deixou de si, demonstrando que se interessava pelo bem estar, tanto espiritual, como material d'estes povos e obzequiando-os generosamente, em tudo que podia.

Nem sempre assim tem acontecido.

---

## D. JOÃO MARCELINO DOS SANTOS HOMEM APPARICIO

(1777)

Foi o 22.<sup>o</sup> Bispo da diocese açoriana e freire conventual da ordem militar de São Thiago.

Governou apenas sete annos incompletos estas ilhas, desembarcando em Angra a 15 d'Agosto de 1773.

Apesar d'isso, n'esse mesmo relativamente breve decurso de tempo, não logrou isentar-se de muitos dissabores e profundos desgostos, devido ao relaxamento do clero, que elle tentava entrar no cumprimento dos seus deveres.

Concorrêra, poderosamente, para a confusão em que viera encontrar parte da diocese, a circumstancia da longa ausencia da sêde do bispado do seu antecessor, bem como o tempo que desde o fallecimento d'este, até á sua chegada a Angra havia decorrido, estabelecen-

do-se assim muitos abusos e reprehensivas praticas no que dizia respeito aos negocios da egreja, ou ás solemnidades do culto.

Estabeleceu conferencias, nas quaes illustrados sacerdotes debatião varias questões de theologia, com aproveitamento geral, tanto dos seculares, como dos ecclesiasticos.

Em visita á diocese esteve na ilha do Fayal no anno de 1777 e o unico facto mais saliente, que do mesmo consta, foi haver prohibido que, segundo um antigo uso, repicassem os sinos quando a Camara Municipal, em determinadas festividades publicas, sahia dos Paços do Concelho para a egreja Matriz.

Este facto levantou grande celeuma entre os principaes habitantes da Horta.

Ordenou egualmente que, nas portas dos templos não se podessem affixar editaes, logo que estes não fossem, exclusivamente, attinentes a assumptos religiosos.

Continuando na sua visita, veio a fallecer em Ponta Delgada no dia 21 de Maio de 1782.

Vinte e sete annos depois, no anno de 1809, a Camara Municipal da Horta, que jamais vira com bons olhos ser-lhe cerceada, com a falta dos festivos repiques, uma das publicas demonstrações de respeito, de que havia gosado, representou n'este sentido ao Cabido da sê d'Angra, queixando-se amargamente de semelhante falta de consideração para com a primeira corporação d'este Concelho.

Foi provida, como desejava e aquelle privilegio que o Bispo Appario somente reservava para os Prelados diocesanos, ou pessoas roaes, começou de novo a ser facultado aos ediles da governança, como ainda actualmente se pratica.

Era, n'esta occasião, Bispo d'Angra D. José Pegado d'Azevedo.

Isto faz-nos lembrar do celebre poema heroe-comico «O Hyssope», que tão bons creditos deu a Antonio Diniz da Cruz e Silva, conhecido por Elpino nonacriense, e que começa:

Reinava a doce paz na santa egreja,  
O bispo e o deão ambos conformes.  
Em dar, e receber o santo hyssope,  
A vida em ocio santo consumiam.

Mas verdade, verdade, D. José Pegado d'Azevedo, não era um ocioso, como em breve teremos occasião de ver.

Volidos ainda mais de cincoenta annos um outro incidente e de character mais serio, veio de novo levantar a questão das immunidades da Camara Municipal d'este Concelho.

D'esta vez não se tratava de repiques de sinos, nem dependencias com o fôro ecclesiastico, mas sim d'um atricto com o poder militar.

Embora tenhamos de adiantar um bom par d'annos á ordem chronologica d'estes apontamentos, como provavelmente d'esta questão não teriamos outra occasião tão propria de tratar, pedindo ao benevolente leitor desculpa d'esta interpolação de datas, passamos a indicar-lhe o que se passou na cidade da Ilorta, quando se fez a procissão de Corpus Christi, no anno de 1883.

Como a imprensa se occupou d'este assumpto, publicando a correspondencia official então trocada entre a Camara e o Commandante Militar, será a reproducção da mesma a melhor maneira de registar semelhante incidente, que versou sobre precedencias de logar na organização do prestito religioso e faltas de honras militares, isto é, apresentação de armas e toque de cornetas á Camara Municipal, quando esta sahia dos Paços do Concelho, em corporação e com estandarte na frente, para a contigua igreja da Matriz, bem como no regresso, ao passar pela guarda de capitão, estacionada proxima da igreja e que tinha de acompanhar a procissão.

Vejamos, porem, como a imprensa noticiou este facto.

No «Fayalense», decano dos periodicos d'esta ilha, n.º 43 do 26.º anno, relativo a 27 de Maio de 1883, encontra-se a seguinte local:

### Corpus Christi

Na igreja Matriz celebrou-se na quinta feira d'esta semana a solenne festa de Corpo de Deus, á qual assistiu a Camara Municipal d'este Concelho, assim como suas Ex.ªs os Sr.ºs Governador Civil, Commandante da sub-divisão militar, Administrador do Concelho e Secretario geral interino.

Depois da festa fez-se a procissão que deu o giro costumeado, na qual tomaram parte varias irmandades das parochias da cidade e d'algumas freguezias rurais com as suas cruces, muitos sacerdotes revestidos de capa e muitos cavalleiros para este acto convidados pela camara.

Duas philarmônicas «Artista» e «Praense» tomaram logar no meio do prestito, por não lhe ser concedido logar adiante da força militar, parece que por isto ser contrario aos regulamentos militares que só permitem adeante da força as musicas regimentaes.

Não queremos entrar nas attribuições de cada um, mas parece-nos que a ser certa a tal disposição regulamentar do exercito, nenhum inconveniente resultaria da sua alteração, quando, como no caso presente, a força não tenha banda de musica propria que a acompanhe. Se a tivesse seria bem entendida a recusa, mas não a tendo parece-nos ser mais uma puerilidade do que um acto de pun-donor dos brios militares, em não seguir a força atraz d'uma musica particular. Ao menos todos os commandantes das sub-divisões, que aqui tem estado, á excepção do actual Sr. Rocha Vieira e d'um outro, cujo nome nos não recorda, e

que nós consideramos como officiaes briosos, e bons executores dos regulamentos militares, nunca estes fizeram objecções na collocação de musicas adeante das forças, e é por esse antigo costume que estranhámos hoje se negue essa permissão, quando d'ella não resulto offensa nem desrespeito á força publica.

A' sahida da procissão deu-se tambem o incidente do Sr. commandante da guarda de honra fazer marchar a força adeante das creanças das escolas publicas que a camara convidara a acompanhar este acto, e que iam na sua frente, ficando estas e a Camara na retri-guarda da tropa. Depois de algumas explicações com o Sr. commandante da Sub-divisão, as creanças foram encorporar-se ao corpo da procissão, e a Camara occupou o logar que lhe competia adiante da tropa.

Depois da procissão se recolher deu a força as tres descargas do estylo, salvando tambem a esse tempo o Castello de Santa Cruz.

Como se vê da noticia que vimos de transcrever a redacção do *Fayalense* mencionando o que occorrera á sahida da procissão, eximio-se ainda assim de fallar da falta de continencia militar que, como era antigo uso, se prestava geralmente áquella corporação.

Conservámos apenas a recordação de uma unica vez ter sido quebrada semelhante usança, e foi no anno de 1862 estando na Horta o batalhão de caçadores n.º 9 por causa de tumultos populares.

Commandava por occasião da procissão de Corpus Christi a respectiva guarda de honra, que tem de acompanhar o prestito, o capitão Diogo Mendes Coutinho, fallecido mais tarde na cidade do Porto.

A Camara Municipal de então compunha-se dos Srs. Antonio José Ferreira Rocha (presidente), Joaquim Pereira de la Cerda, José Pamplona Moniz Corte Real, Francisco Peixoto de Lacerda Costa Rebelo, José Maria d'Oliveira, João Carvalho de Medeiros e João Alvares Cabral.

Estranhou-se, é verdade, semelhante occorrença, mas da mesma não levantou a Camara questão e em conversas particulares affirmou o capitão Coutinho, que não tinha havido da sua parte a minima idéa de desconsideração e que se não prestára á mesma Camara as honras militares, era por estas não lhe pertencerem, por não ser condecorada, como as Camaras Municipaes do Porto e de Angra do Heroísmo, com a Torre e Espada.

Em 1883 as coisas tomaram, pareiu, uma bem differente feição.

A Camara Municipal da Horta reuniu-se extraordinariamente no dia 26 de Maio e eis o extracto d'essa sua sessão. (*Fayalense* de 17 de Junho de 1883.)

Presidência do Sr. João José da Graça.

Presentes os Srs. vereadores Barcellos, Furtado Junior e Freião.

Esteve presente o Sr. Administrador do Concelho.

Pelo Sr. Presidente foi ponderado á Camara, que a tinha convocado para esta sessão extraordinaria, a fim de, como declara a convocatoria, se resolver o modo de pedir reparação á affronta publica que a corporação soffreu á sahida da procissão de Corpus Christi.

A Camara depois de discutir o assumpto e considerando todas as circumstancias que occorreram, foi unanime em que se officiasse ao Sr. Commandante da sub-divisão militar, nos seguintes termos:

«A Camara Municipal d'este Concelho da Horta não pôde deixar de levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> que recebeu uma affronta publica, da parte do commandante da força destacada n'esta ilha, por occasião da sahida da procissão de Corpus Christi, no dia 24 do corrente, como passa a relatar.

Algumas horas antes da sahida da procissão, tinha V. Ex.<sup>a</sup> dirigido uma participação ao presidente d'este municipio, em que lhe declarava que, se era intenção da Camara collocar as philarmônicas em frente da tropa, esta não acompanharia a procissão ficando estacionada no adro, para fazer as honras devidas.

A Camara respondeu a V. Ex.<sup>a</sup> por intermedio do seu presidente, que não desejando que a tropa deixasse de acompanhar uma procissão que não é só meramente municipal, mas do estado, combinára em que as philarmônicas iriam no corpo da procissão e que não tomando assim o logar que compete á musica regimental, lhe parecia que não havia desdouro ou desconsideração para a classe militar, que V. Ex.<sup>a</sup> tão dignamente representava.

Feito o accordo por esta forma, estava a Camara bem longe de prever que um novo incidente se levantaria no acto da procissão e que nada menos que um grave insulto seria arrojado ás faces d'este municipio pelo sobredito commandante que estava á frente da força postada no adro da igreja.

Apenas acabava de sair o palio a porta da igreja Matriz e as authoridades que, segundo a lei e costume seguem logo atraz do mesmo palio, entre as quaes ia V. Ex.<sup>a</sup>, a cantara parou á porta da igreja para deixar passar adiante de si os alumnos das escolas de instrução primaria, hoje a cargo dos municipios, e é n'este momento que o commandante da força em vez de fazer a continencia a que a Camara tem direito, sem fazer o menor caso do estandarte do municipio que se achava bem patente e dos vereadores vestidos com o seu traje de gala e cerimonia, mandou avançar os soldados em desordem para diante da mesma Camara, atropellando alguns dos vereadores, parecendo ter em vista, ou excluir a camara do prestito ou desconsiderar a mesma corporação, irrogando que ella seguiria atraz da tropa.

A' vista d'um procedimento tão revoltante como violento, a presidencia d'este municipio mandou logo parar o prestito e o vice-presidente foi reclamar do chefe do districto e de V. Ex.<sup>a</sup> as providencias que o caso exigia, declarando formalmente que a camara se retirava immediatamente aos pagos do concelho,

uma vez que a tropa não occupasse o seu lugar, pois ninguém ignora que em todos os tempos, sem a minima alteração, é a tropa que fazia os prestitos e é o ultimo corpo d'um cortejo.

Atendendo a esta justa reclamação, mandou V. Ex.<sup>a</sup> immediatamente retirar a tropa para o seu lugar, pelo que esta camara lhe está muito agradecida, e a procissão seguiu sem nenhuma outra perturbação, mas a affronta fez-se o existe com grande indignação de toda a gente que a presenciou e dos nossos municipios, que tem tomado como offensa feita á sua propria dignidade e pundonor.

A affronta aggravou-se ainda pela precipitação com que o sobredito commandante se retirou com a força apenas acabára a procissão, parecendo de proposito, para não prestar honras ao corpo municipal, que tinha de sair da egreja e recolher, nos paços do municipio.

O procedimento do capitão commandante é em todo o caso inexplicavel, porque de duas uma, ou fez este ultraje ao municipio por ignorancia do que é a camara, dos direitos que representa, dos foros que sempre teve e lhe foram concedidos pelos nossos antigos reis, das honras que o actual reinante e toda a familia real lhe tem continuado a dispensar, em todos os actos publicos, ou muito de proposito quiz desconsiderar e affrontar esta corporação que nunca o offendeu, nem até o conhece.

Esta camara empregou todos os esforços para tornar aquelle acto digno de magestade, de religião e de respeitabilidade do governo que o manda praticar, e como não era um acto de simples devoção popular, mas de acatamento á lei do paiz, sentio profundamente que semelhante perturbação partisse da classe militar, que está incumbida de velar pela ordem e segurança publica.

D'estas circumstaucias, antes de levar ao conhecimento de Sua Magestade Fidelissima esta desagradavel occorrença e de pedir uma reparação para um acto tão escandaloso e tão attentatorio das regalias nacionaes, deliberou esta camara em sua vereação extraordinaria de hoje, rogar a V. Ex.<sup>a</sup> se sirva ordenar, que o dito Sr. capitão José Gomes da Silva, se sirva explicar o seu procedimento sobre o que a camara deixa exposto, porque se o dito Sr. official se explicar de modo que convença esta camara, que não teve intenção ou proposito d'ultrajar o municipio na pessoa dos seus representantes, a camara poderá dar-se por satisfeita e não levar mais longe o desaggravo a que tem todo o direito; mas ao caso contrario não pode, em rigoroso cumprimento dos seus deveres, deixar de pedir justiça superiormente afim de manter illesos os seus direitos, e desaggravar a sua dignidade publicamente offendida.



## **Camara Municipal da Horta**

*(Extracto da sessão de 30 de Maio de 1882)*

Presidencia do Sr. João José da Graça.

Presentes os Srs. vereadores Barcellos, Garcia, José de Bettencourt, Villa Lobos Junior e Furtado Junior.

Esteve presente o Sr. administrador do concelho.

Foi presente um officio do Sr. commandante interino da sub-divisão militar, sob n.º 6, em resposta ao d'esta municipalidade de 26 do corrente, pedindo explicações do procedimento do Sr. capitão commandante da força, relativamente ao incidente que se deu no dia 24 do corrente, á sahida da procissão de Corpus Christi, da egreja Matriz d'esta cidade.

Dá conhecimento de ter recebido dois officios do referido Sr. capitão, um que já tinha feito antes de receber a representação da camara e só por lhe constar que esta nobre corporação se julgava desconsiderada pela sua pessoa, outro em resposta ao relatorio da camara; que n'elles, depois de algumas explicações, para esclarecimento de como se dera o facto, declara «que não vê motivo para que a camara municipal se considere offendida pela sua pessoa, nem elle tinha motivo para offender uma corporação tão respeitavel, de quem não tem agravado, e mais declara que é bastante franco, para ter dado immediatamente á camara todas as explicações do seu procedimento, se a sua consciencia o accusasse da falta de cumprimento de seus deveres militares, por inadvertencia ou distracção, pois que de proposito deliberado, isso era cousa que nunca poderia ter-lhe passado pela idéa.»

A camara depois de bem meditar sobre o assumpto do referido officio, deliberou encarregar o seu presidente de responder ao mesmo, sustentando o seu direito e a sua dignidade, e attendendo a que da parte do Sr. Capitão não houve proposito deliberado de ultrajar os representantes d'este municipio, mas uma má intelligencia d'um dos artigos da sua ordenação militar e precipitação no modo de restabelecer o que lhe parecia deslorado, não intentava procedimento algum contra o mesmo official.

### **Camara Municipal da Horta**

*(Extracto da sessão de 6 de junho de 1883)*

Presidencia do Sr. João José da Graça.

Presentes os Srs. Vereadores Barcellos, Fortado Junior, Sergio Junior e Freião.

Esteve presente o Sr. Administrador do Concelho.

O Sr. presidente, para conhecimento da Camara, fez a leitura do officio, em resposta ao do Sr. commandante da Sub-divisão militar, da redacção do qual foi encarregado na ultima sessão, e que se acha registado no livro respectivo n.º 51.

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.—n.º 124—A Camara Municipal d'esta muito leal cidade da Horta, a quem foi presente o officio de V. Ex.<sup>a</sup> em resposta ao d'esta municipalidade, sobre o occorrido na ultima procissão de Corpus Christi, tem a honra de dizer a V. Ex.<sup>a</sup> o seguinte: Esta camara vê com grande magoa que as explicações dadas pelo Sr. commandante da guarda de honra se despenham no abysmo das contradicções, sendo por isso insufficientes para desvanecerem a ilção de uma afronta que o publico d'esta terra tem tomado em grande consideração.

Se por um lado o dito sr. capitão diz que não viu a camara, que não a podia ver do lugar em que estava ajoelhado quando passou o Santissimo, por outro lado affirma que a Camara se conservava á porta da igreja, que estando ali não podiam alguns dos vereadores ser atropellados pelos soldados quando flanquearam a mesma camara.

A verdade conhecida e sabida por todos é que a Camara estava bem á vista, o cavalheiro que levava o seu estandarte e alguns dos vereadores estavam no adro, abaixo dos degraus do templo, outros não teriam descido quando houve atropellamento e atropelados foram, como podem jurar-o muitas testemunhas.

Se o'mm periodo nos assegura que não tinha motivo para offender uma corporação tão respeitavel como esta, da qual não tem agravos, n'outro confirma que os soldados avançaram como poderam para romper as fileiras dos pequenos, e que estava no seu direito de proceder, como procedeu, não cederado o seu lugar, que entende por lei lhe competir.

De tudo quanto expõe o Sr. capitão conclue a Camara que o dito official julga ter cumprido os seus deveres e achar-se plenamente satisfeito de ter posto de parte os representantes da municipalidade e seguir o caminho que lhe pareceu legal e decoroso.

Sendo assim a Camara não pode estar d'accordo com o dito Sr. official, por que permanece cada vez mais vivo e indistinctivel o facto de ter deliberadamente mandado avançar a tropa em confusão (ouvindo-se as vozes: avança bruto) para se collocar atraz do patio deixando a Camara na sua rectaguarda, e esse facto foi incontestavelmente um acto de violencia praticado especialmente contra

a Camara que é pessoa moral, o que parece estar previsto e punido nos artigos 98 e 53 do código de justiça militar, de 9 d'abril de 1875.

Se o dito Sr. official imaginou que estava ao abrigo do artigo 448, de um regulamento de manobras ou ordenanças de 10 de Dezembro de 1881, enganou-se completamente, porque a disposição d'esse artigo só trata de manejo ou collocação das armas depois de passar o palio, e declara de uma maneira bastante vaga que a tropa segue o mesmo palio, sem tratar das pessoas que se interpõe entre o palio e a tropa, de forma que se o citado artigo d'alguuma coisa servisse para o caso de que se trata, era que entre o palio e a tropa não ia absolutamente ninguém, o que é absurdissimo e ainda ninguém se lembrou de sustentar.

As portarias de 17 de Junho de 1839 e de 6 de Junho de 1843, estabeleceram as precedencias das authoridades administrativas por esta forma, 1.º o governador civil, 2.º a junta geral ou conselho de districto, 3.º o administrador do concelho e a Camara Municipal, 4.º o regedor e a junta de parochia, de forma que segundo a doutrina das citadas portarias, nenhuma outra auctoridade vão á direita do governador civil, senão por deferencia do mesmo e em caso algum os officiaes de patente superior precedem o chefe administrativo nem os officiaes de patente inferior podem preceder a Camara municipal.

Se os regulamentos militares, como a citada ordenança, obrigam os militares, as leis civis e as providencias emanadas do poder executivo obrigam a todos, tanto militares, como não militares, e das proprias palavras que o Sr. Capitão emprega nos seus officios, depreheende-se que respeita muito (talvez demasiado) os regulamentos militares e que lhe são indifferentes as leis civis.

Dando mesmo por um momento que esta camara tivesse andado mal ou em parar, ou em não occupar logo o seu lugar, ou em deixar collocar pessoas em lugar indevido, nem assim competia ao Sr. capitão emendar esses defeitos e menos fazel-o pelo modo porque o fez, violentamente, porque tinha ás suas ordens officiaes inferiores pelos quaes podia mandar fazer quaesquer observações ou reparos ao seu superior legitimo, e só d'essa maneira é que se restabeleceram os factos e se regulam as relações entre corporações e auctoridades que não só obedecem ao preceito das leis, mas ao imperio dos principios d'uma boa educação e cortezia.

Em quanto á continencia militar não diz em ponto algum a ordenança, regulamento ou livrinho que pareça servir de norma unica ao Sr. capitão, que só as camaras condecoradas com a ordem da Torre Espada tem direito a continencia militar; o livro diz simplesmente que os individuos condecorados com aquella ordem tem esse direito, e esta camara está na posse immemorial e não interrompida de receber essa continencia, não podendo admitir-se que só este official conheça os regulamentos e só desconheça esta regalia porque seria o mesmo que irrogar censura a uma serie d'officiaes distintos e illustrados, até dos batalhões 12 e 9, que nunca faltaram a esse acto de cortezia para com esta corporação, o que de certo não fariam se infringissem a disciplina militar, pois todos elles tem sido zelosos e rigorosos no cumprimento dos seus deveres.

A vista do exposto esta camara deixou inteiramente á apreciação e arbitrio de V. Ex.ª o conhecimento da indisciplina, se a houve em mandar avançar em

tropel os soldados para diante da camara, ou de violencia, se entender que a força elle tomou adianteira, deixando para traz esta corporação, não se importando se ella tinha ou não de fazer parte d'aquella solemnidade para a qual a mesma camara tinha convidado todas as authoridades e a propria força militar, na certeza de que unicamente por attenção para com V. Ex.<sup>a</sup> a quem deve assignalada deferencia n'esta questão se conformará com a sua decisão qualquer que seja, não representando nem intentando mais procedimento algum pelo facto occorrido. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Secretaria da Camara Municipal da Horta, 2 de Junho de 1883—III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Commandante da Sub-divisão militar. O presidente da Camara—João José da Graça.

### **Camara Municipal da Horta**

*(Extracto da sessão de 13 de junho de 1883)*

Presidencia do Sr. João José da Graça.

Presentes os Srs. Vereadores Barcellos, Furtado Junior, Sergio Junior e Freião.

Esteve presente o Sr. administrador do Concelho.

Foi presente um officio do Sr. Commandante interino da Sub-divisão militar, datado de 7 do corrente, em resposta ao d'esta municipalidade n.<sup>o</sup> 124, com relação ao incidente que teve lugar por occasião da sahida da procissão de Corpus Christi, no qual significa sentir que a camara apesar das sinceras explicações do capitão Gomes, tambem produzidas em sua defesa, não queria desvanecer a idéa de supposta affronta, talvez por que uma pequena parte do publico assim o imaginou, e pretende que se considere.

Entende que seria inutil quanto se podesse intentar para satisfação de quem não quer satisfazer-se; demonstra não accetar os offerecimentos de arbitragem que a camara lhe concede, pois se sente firmemente convencido da rectidão do procedimento militar do capitão Gomes; faz outras considerações sobre a questão.

A Camara depois de meditar, encarregou o seu presidente de responder, o qual acto continuo, redigio a resposta que leu e foi approvada pela camara, deliberando que tanto esta resposta, como o officio a que diz respeito fossem publicados, quando o for o extracto d'esta acta;—deliberou mais que suba ás estagões superiores copia autentica de toda a correspondencia trocada entre esta corporação e o Sr. Commandante da sub-divisão militar, com relação a este assumpto.

**Cópia dos officios a que se refere a acta anterior.**

Sub-divisão militar da Horta.—III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.—Em vista do officio n.<sup>o</sup> 114, que V. Ex.<sup>a</sup> me dirigio em 2 do corrente, sinto que, apesar das sinceras explicações do capitão Gomes, também produzidas em sua defeza, não queira a Ex.<sup>ma</sup> camara municipal desvanecer a idéa de supposta affronta, talvez por que uma pequena parte do publico assim o imaginou e pretende que se considere.

Entendo que seria inutil quanto eu podesse intentar para satisfação de quem não quer satisfazer-se, e por isso só tenho a notar a V. Ex.<sup>a</sup> que a contradicção, citada nas palavras do capitão, é proveniente de pouca clareza da minha redacção, que teria feito alterar o sentido: escrevi no meu officio por esta forma «diz mais aquelle official pelas palavras da mesma Ex.<sup>ma</sup> camara, terem os alumnos da instrução primaria seguido no prestito logo atraz das authoridades, e que a camara parou á porta do templo etc.» — mas no officio, que o capitão me mandou, lê-se o seguinte:

«A propria camara declara que os alumnos... etc. e que a camara parou á porta do templo.

A exaggeração dos factos, como anda sempre emparelhada com a das palavras, que as descrevem assim, noto as hyperbolicas, de *atropellar*, *atropellamento*, *violencias* e outras applicadas ao digno capitão e aos pobres soldados em sua manobra na procissão de Corpus Christi, a ver se podem atrahir sobre elles os dois raios guardados no codigo penal militar. Não pesarão taes palavras na consciencia de quem as emprega? Devo dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que me arrependo de me ter sentido grato por aquillo que tomava por deferencia da Ex.<sup>ma</sup> camara, fazendo ella collocar as philarmonicas na frente da procissão, por attenção á carta que tãoamente mandei a V. Ex.<sup>a</sup>. Melhor seria que eu tivesse ordenado para a força ficar á porta da igreja e nada mais.

Parece-me ter dito o necessario para me desafogar de attentões e de offerecimentos de arbitragem, que V. Ex.<sup>a</sup> me concede em nome da camara, acrescentando: que me sinto firmemente convencido da rectidão do procedimento militar do capitão Gomes; que ao tempo da recepção do supradito officio de V. Ex.<sup>a</sup> em que me declara conformar-se a camara com a minha decisão, e que não se procederia mais sobre o facto occorrido, appareciam pungentes e mentirosos artigos no semanario a «Regeneração», contra este honrado official, e o que é mais, com elogios á minha humilde pessoa: e tudo, tudo, por tres vezes nada; que ao ponto que quizeram levar esta questão só as auctoridades superiores podem resolver: e que finalmente, pela imbecilidade da minha carta particular devo ser considerado como o causador de todo o succedido e como tal carregar com a responsabilidade.

Graça pois V. Ex.<sup>a</sup> que no meio dos meus erros e más qualidades diligencie por caminhar como homem de bem.—Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>— Sub-divisão militar da Horta, 7 de Junho de 1883.—III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Camara Municipal da Horta.—O commandante interino da sub-divisão — Antonio Carlos da Rocha Vieira, tenente coronel.

### Resposta da Camara

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. —n.º 138— A Camara Municipal d'esta muito real cidade da Horta, a quem foi presente o officio de V. Ex.<sup>a</sup> de 7 do corrente mez, encarrega-me de dizer a V. Ex.<sup>a</sup> pela ultima vez, sobre a questão suscitada, o seguinte:

Não pode V. Ex.<sup>a</sup> admirar-se que esta camara não quizesse satisfazer-se com as explicações dadas pelo capitão Gomes, quando essas explicações longe de serem o reconhecimento d'uma precipitação ou d'uma falta, são a insistencia formal e absoluta de ter procedido decorosa e legalmente e não ter feito agravo a esta corporação.

Esta camara, que via em V. Ex.<sup>a</sup> um juiz imparcial de factos que quasi foram passados na sua presença, passa pela immensa surpresa de ver que nem ao menos V. Ex.<sup>a</sup> quer conceder-lhe que ella tenha razão de se queixar do procedimento do dito Sr. capitão, tal é o imperio do espirito de classe e de camaradagem militar, que ainda os direitos mais respeitaveis dos agravos não encontram n'elle o mais pequeno abrigo.

Não tem V. Ex.<sup>a</sup> de se arrepender de se ter sentido grato, como diz, pela justa deferencia que esta camara teve para com a sua missiva de 24 de Maio, não só porque essa gratidão não chegou a manifestar-se d'um modo official a ponto de que esta camara o ignorou até o momento de receber o ultimo officio de V. Ex.<sup>a</sup>, mas porque esta corporação não exige, nem espera nunca gratidão pelos actos de justiça ou de delicadeza que costuma praticar.

O de que esta camara não prescinde é de entregar com honra o mandato que recebeu dos seus munícipes, e foi para isso que se julgou no rigoroso dever de se queixar a V. Ex.<sup>a</sup> da desconsideração publica que recebera do Sr. commandante da guarda de honra, desconsideração que cada vez se torna mais evidente e mais digna de reparos.

No entanto, esta camara fiel á sua indole pacifica e aos seus principios conciliadores, não exigia para seu desaggravo nenhum incomodo ou castigo para o dito Sr. official e mesmo para os seus soldados; mas parecia-lhe que tinha incontestavel direito a receber do mesmo uma desculpa, uma attenção, uma demonstração qualquer que levasse o convencimento a esta camara *que o seu acto de mandar avançar os soldados para diante da camara, como realmente avançaram em confusão, o que elle mesmo confessa, fôra irreflectido ou precipitado, e que não tinha por fim excluir a camara do prestito ou pertender que ella seguisse na sua rectagnarda.* Ainda na falta d'esta satisfactoria explicação a camara por benevolencia extrema renunciou o direito de levar mais longe o seu desaggravo e louvou-se na imparcialidade e illustração de V. Ex.<sup>a</sup> para juiz da sua queixa, protestando conformar-se com a sua decisão qualquer que fosse.

V. Ex.<sup>a</sup> declina o benevolo encargo de arbitrador, como se vê no seu officio, mostra-se até resentido pelas considerações que esta camara tem tido e continua a ter para com V. Ex.<sup>a</sup>, parece mesmo querer interpor a esta camara o que dizem alguns jornaes desta cidade, especialmente a «Regeneração», como

se os jornaes não fossem livres nas suas expansões, ou esta municipalidade tivesse alguma solidariedade com qualquer jornal, e deprehende-se finalmente que V. Ex.<sup>a</sup> declinando resolveu submeter este lamentavel incidente á apreciação das autoridades superiores.

Em tal caso não pode tambem esta camara deixar de remetter ás estações superiores copia autentica e integral de toda a correspondencia trocada com V. Ex.<sup>a</sup> a este respeito, e a promover quando seja preciso ou requisitado, um requisito perante a autoridade administrativa, em que serão chamados a depôr as pessoas mais conspicuas d'esta cidade, que presenciaram o occorrido na procissão de Corpus Christi, a fim de que os fundamentos da queixa sejam devidamente ponderados e comparados com as explicações produzidas pelo Sr. commandante da guarda d'honra, levando até á evidencia que esta camara não mente, nem exaggera os factos ou as circumstancias.

Esta camara curva-se perante a immensa modestia, com que V. Ex.<sup>a</sup> revestio o seu officio, por ser a modestia uma das virtudes mais raras nos tempos que atravessámos; mas não é aceita, nem para V. Ex.<sup>a</sup> nem para nenhum dos membros d'esta corporação, as expressões menos lisongeiras sobre os actos que deram origem a este conflicto, porque se alguma causa houve para o mesmo conflicto foi unica e exclusivamente o procedimento violento do Sr. Capitão, e se esse procedimento tem para V. Ex.<sup>a</sup> o valor de tres vezes nada, a camara considera a sua dignidade publicamente offendida valer muito mais que as susceptibilidades, realmente paucis, que possa produzir a procedencia d'uma philarmónica na falta de musica regimental, porque taes susceptibilidades não valerão tres vezes nada, mas sessenta vezes nada.—Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Secretaria da Camara Municipal da Horta, 13 de Junho de 1883 — III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Commandante da Sub-divisão militar—O Presidente da Camara, João José da Graça.

Na sessão da Camara Municipal de 4 de Julho seguinte, por ausencia do illustrado Sr. presidente d'esta corporação, que só reassumio aquelle logar a 6 d'Agosto subsequente fazia as suas vezes o vice-presidente Sr. Luiz Telles de Barcellos, estando presentes os Vereadores Garcia, José Bettencourt e Furtado Junior, bem como o administrador do Concelho.

«Foi presente—diz a respectiva acta—um officio do Sr. commandante interino da divisão militar dos Açores, datado de 28 de Junho, significando que com verdadeiro pesar teve conhecimento de se ter esta municipalidade julgado menos considerada pelo commandante da guarda de honra que acompanhou a procissão de Corpus Christi.

Pondera os preceitos estabelecidos pelas leis e regulamentos militares e que entre elles ha na verdade uns de menor importancia do que outros, mas ao militar não é licito deixar de cumprir qualquer d'elles.

Affirma que como soldado que se presa de ser, não sabe transigir com a indisciplina, e que se esforce sempre para cumprir rigorosamente os seus deveres, exigindo de todos os seus subordinados que procedam por egual modo e que portanto respeitem as autoridades civis, tratando-as convenientemente e com primorosa cortezia.

Que o capitão commandante da força empenna-se em demonstrar nos seus officios n.ºs 6, 7 e 16, que acompanhou o officio enviado para o quartel general pelo commandante da sub-divisão militar d'esta cidade, que procurou proceder com a devida deferencia, sem prejuizo dos deveres militares, para com a Ex.<sup>ma</sup> Vereação, não pretendendo desacatal-a, e que rogue ao presidente accente essa declaração e a faça constar á illustre corporação a que preside.

A Camara depois de algumas considerações sobre o assumpto dos referidos officios, encarregou o vice-presidente de responder, combinando os topicos e fundamentos da resposta.»

Muito bem.

Esta resposta que a Camara incumbio o vice presidente de dar ao commandante da divisão militar dos Açores é que nós, em vão procuramos na collecção, publicada, das actas camarárias, como fôra toda a correspondencia trocada a este respeito.

Isto, é certo, que pouco já influiria para a questão.

O officio do Ex.<sup>mo</sup> Commandante da divisão militar dos Açores revela, parece-nos, as incontestaveis qualidades d'um habil diplomata.

Não transige com a indisciplina, mas tambem não dá rasão á Camara, deseja o rigoroso cumprimento dos deveres militares, mas ao mesmo tempo todo o respeito para as authoridades civis, sem prejuizo dos mesmos deveres.

Em summa.

*Mons parturit gemitus immanes ciens,  
Eratque in terris maxima expectatio;  
At ille murem peperit.*

A questão ficou n'este pé.

Amanhã poderá dar-se o mesmo incidente, a repetição das mesmas scenas e eguaes officios de parte a parte.

Em todo o caso, entendemos do nosso dever registar n'estas «Notas Açorianas» um incidente que presenciamos e que, então, deu bastante que fallar n'esta localidade, havendo a semelhante respeito as mais encontradas opiniões.

A este drama falta a conclusão, isto é, o quinto acto.





## CHATEAUBRIAND

( 1792 )

Ao inverso do que acontece no mundo physico, em que, diariamente, o sol surgindo de remoto horisonte, vem entornar pelas planícies e serras, por vallados e montes, ondas de vivíssima luz, revelando aqui ridentes alfombras de flores, além searas ricas e abundantíssimas, tornando em aprasiáveis mansões o seio emmaranhado dos umbrosos bosques, em amenos sítios as rasteiras restegas, semeadas de flores vermelhas, semelhantes a chaminas, como o céu, de noite, é semeado de estrellas, ao inverso d'isto, repito, na existencia moral da humanidade, à mingua d'esse phenomeno da natureza que, em cada giro da terra lhe assegura terna esplendida alvorada, as trevas pairam incessantemente sobre o seu vastissimo estadio e com as trevas a ausencia d'um sorriso, d'uma flor, d'um cantico suave.

Quando o sublime Lord Byron, no seu poema «As Trevas» nos descreve, em assombroso quadro, o que seria o mundo se o sol deixasse de nascer, a natureza estacionada, silenciosa e negra, engolfando-se, triste, no longo sudario do aniquilamento, desenhava, com mão de mestre, o que seria tambem a humanidade se acaso alguns astros benfazejos, as scintillações do genio, não illuminassem a senda em que procede atravez dos seculos.

Nos vastos plainos do mundo, semelhante a incommensuravel oceano, existem muitos milhões de homens, muitos milhares de gerações ignoradas, desprotegidas, agitando-se nas sombras, sem um destino certo, sem um definido pensamento, d'um lado calcadas aos pés da tyrannia, além irmanando o seu viver com o dos mais aljectos animaes e sempre as trevas caladas e tristes a pairar sobre aquella enorme multidão, sobre aquella informe massa, na qual não se distingue a virtude do crime, o odio do amor, a maldade do bem, estando tudo confundido, como nos parecem confusos os milhares de astro que formam uma nublada immensa, em escuras noites de estio.

De seculos em seculos, porem, por mercê de Deus, no cimo de pyramides formadas pelos esqueletos de muitas gerações, accendem-se de largas em largas distancias uns fachos de luz, que segundo a intensidade do seu foco, dão vida e alento, até aonde chegam os seus raios.

Estes luzeiros são as guias da humanidade, os marcos brilhantes pelos quaes a mesma orienta a sua derrota atravez das brumas, e, se a natureza pode ser comparada a um vasto templo, a uma floresta immensa, são as lampadas suspensas de robles seculares para lhe indicar o seguro caminho, n'aquelle intrincado e mysterioso labyrintho.

Na antiguidade chamavam-se Confucius, Socrates, Platão.

Um dia, porém, n'uma pequena divisão da terra, denominada Syria, occorreu um singular acontecimento, ergueu-se alli uma cruz, n'um insignificante concore, da qual pendia o corpo livido d'um Nazareno, condemnado á morte, aviltado pela multidão, despresado e tão pobre que repousava a cabeça sobre uma pedra, não tendo morada para se recolher, mas desde o momento que algumas gotas do sangue d'esse infeliz cahiram na adusta terra d'aquelles sitios, um clarão immenso illuminou todo o universo, o Golgotha tornou-se na mais alta, na primeira montanha do mundo e a cruz, symbolho de ignominia e de affronta, volvida em sacrosanto labaro, ouvio dos quatro ventos do orbe a saudação dos mais remotos povos, como imponente e grandioso cantico de amor.

Resurgia o mundo!

A humanidade passava subitamente da escuridão para a claridade, das sombras da morte para a demonstração esplendida da vida e como no legendario poço da Samaritana, a nascente de luz que d'alli brotava era eterna e iria reflectir-se no ceu.

Desde então um sopro vivificante atendeu a sociedade moderna, a lóa nova, a lei do Evangelho, encheu d'amor e caridade até os mais remotos confins do mundo, e a principal orientação de todos os grandes genios da humanidade foi firmar e estatuir os dictames divinos, servindo-se do livro, da pintura, ou da escultura, para transmittir aos povos a lei do progresso, que é a lei do christianismo.

E por providencial destino, foi necessario que essas mesmas verdades tivessem impugnatores, para que mais se aquilatassem as virtudes e dedicações dos seus sectarios.

Espectaculo assombroso.

Nas perseguições aos primeiros christãos, quando elles eram queimados vivos ou nos circos atirados a vorazes feras, foi quando a fê mais se avigorou e mais abundantes searas produziu.

Na idade media, n'essa memoravel epocha em que os barbaros do norte invadem toda a Europa culta, sobrenada a um diluvio iracundo, como sobrenadou a arca da Escripura, a inêa christã aroldida no isolado mosteiro, do humilde tegurio, perdido nas asperezas das serranias.

Nos tempos modernos, quando a revolução infrene e indomavel, desvairada do seu inicial movimento, destroe os templos, decreta que não existe Deus e confere honras divinas á fragil rasão humana, é quando immortaes produções de incommensuraveis genios, servindo-se da imprensa como d'um predestinado raio, espalham n'um momento, por toda a parte, a palavra consoladora, o conselho amigo, a triaga salvadora contra tão delecterios principios.

E o homem passa, entranhando-se nos sepulchros, para jamais d'alli surgir, enquanto os livros ficam operando por muitos seculos a sua civilisadora missão, espalhando indistinctamente a ricos e a pobres,

aos fartos de saber e aos famintos da intelligencia, os seus saltares dictames.

Nesta communhão do espirito a méza é larga e nunca se extingue o alimento, porque, como os sabios da antiguidade, tambem modernamente existem Bossuet, Fenelon, Lacordaire e Chateaubriand, a maior intelligencia produzida pelo seculo 18.<sup>o</sup>, como Victor Hugo no actual seculo.

Francisco René de Chateaubriand, filho d'uma familia nobre e bretã, como a de Paulo Féval, nasce em St. Malo, no anno de 1768 e depois de haver passado no castello paterno a sua infancia e cursado com singular aproveitamento os collegios de Dol e Rennes, entrava aos 17 annos na carreira militar e dois annos depois obtinha uma patente de capitão no regimento de Navarra.

Achava-se, então, em Paris e os prenuncios da revolução de 1789 começavam a agitar a França, aquelle indomito oceano que em breve se alevantaria em soberbas ondas para lançar por terra as taboas d'um throno e a cabeça d'um monarcha, tinha agora uns rugidos subterraneos e cavos que impressionava dolorosamente quem o observava.

Cada dia acarretava consigo um novo ataque á monarchia, que Chateaubriand, como nobre e soldado, jurara defender, todas as doutrinas com que elle fora creado, todos os privilegios que cercavam a vida dos fidalgos, pendiam para um abysmo profundo, como o rochedo que despedido das cumieiras das serranias, por ingreme encosta vae, em vertiginosa queda, sumir-se no seio do mar.

N'esses dias agitados, não lhe falta a amizade de La Harpe e Fontanes, bem como de outros homens de letras, com os quaes estava relacionado. seus companheiros na collaboração do Almanach des Muzas, para lhe desterrar as sérias apprehensões sobre o seu destino, da sua familia e da sua patria.

O sangue nobre que lhe girava nas veias era um crime aos olhos dos revolucionarios, que por toda a parte surgiam e na febre da paixão partidaria que então contaminava e convulcionava o seu paiz, não tinha lugar aquelle coração inspirado e scismador, ao qual as violencias repugnavam e a linguagem desbragada entristecia.

Então Chateaubriand comprehendesse, como mais tarde escreven Lamartine, que ha epochas na historia do genero humano nas quaes os ramos seccos cahem da arvore da humanidade e nos quaes as instituições antigas e caducas se desmoronam para dar passagem a uma seiva e instituição que renovam os povos, rejuvenescendo as idéas, ainda assim, a sua alma de poeta na primavera da vida, confrangia-se dolorosamente na contemplação dos excessos populares, que cada atvorada lhe apresentava mais iracundos, e descrendo talvez, que d'aquelle cahos pudesse surgir a luz e d'aquella confusão a ordem, quiz expatriar-se, eximindo-se d'esta sorte a mais serios desgostos, ou de ser testemunha de mais repellentes scenas.

Embarcou, consequentemente, para o novo-mundo, como aavez do oceano algumas aves emigram, em busca de mais serenos climas, d'um para outro hemispherio.

Decorria então 1790 e o poeta contava 22 annos de idade.

«Muitas vezes, —diz-nos Chateaubriand, referindo-se a essa sua primeira viagem—aconteceu erguermo-nos alta noite, para nos sentarmos na coberta, onde apenas encontravamos o official de quarto e alguns marinheiros que fommam silenciosos em seus cabimbo. Apenas se ouvia a rolagura da proa nas ondas, ao tempo que scintillas de lume corriam com a alva espuma ao longo dos flancos do navio. Deus dos Christãos! nas aguas do abysmo e nas profundezas do ceu é que tu esculpiste mais indeleveis os traços da tua omnipotencia! Milhões de estrellas, radiando no azul sombrio da abobada celeste, a tua no meio do firmamento, um mar sem margens, o infinito no ceu e sobre as ondas! Nunca tua grandeza tanto me conturbou, como n'essas noites, em que, suspenso entre o oceano, e os astros, eu tinha a immensidade sobre a minha cabeça e a immensidade sob meus pés.

Eu nada sou, não passo de um simples solitario; tenho ouvido muitas vezes os sabios disputarem acerca do primeiro Ente e não os entendi, mas observei sempre que, em presenca d'estas grandiosas scenas da natureza, esse Ente incognito se revela ao coração do homem.»

(O *Genio do Christianismo*, traducção de Camello Castello Branco.)

Ora, devemos confessar que este doce sentir d'uma alma crente e saturada de mysticismo, tal se coadunava, seguramente, com o viver e pensar do povo do meio do qual ha pouco se retirava.

On fosse, como dizem alguns biographos, do natavel poeta, que elle na America intentasse procurar por terra, uma passagem pelo nordeste, ou que, mais naturalmente para o seu genio elevado, o tentassem as grandes solidões e admiraveis panoramas de um paiz virgem e arrebatador, é certo que internando-se pelos sertões, fui retemperar o espirito no seio das florestas gigantescas, das quaes jaanais um europeu havia crusado a immensa vastidão.

Encontrando diversas tribus de indios, com elles viveu por algum tempo, escrevendo os seus costumes e colleccionando as paginas dos Natches, ora á beira de precipícios, entre agrestes brenhas, ora nas clareiras das florestas.

D'esta obra, que infelizmente perdeu-se, apenas é conhecido o sublime episodio denominado Atala, ou os amores de dois selvagens no deserto.

Vivendo ainda no interior dos Estados Unidos, em perfeita tranquillidade entre os Hurons, chegou-lhe ali, accidentalmente, a noticia da prisão de Luiz 16.º e do miseravel estado em que então se achava a França, theatro do maior cataclysmo politico de que havia memoria n'aquella grande nação.

O affecto que dedicava á monarchia o recio pelo destino da sua,

familia e as cruéis apprehensões relativas ao futuro da sua patria, fizeram-no immediatamente e com a mais profunda saudade dos hospitaleiros indios, procurar um ponto do litoral d'onde podesse regressar á Europa.

Embarcon.

A viagem foi tormentosa, o outomno desenzadeou-se terrivel, o navio acoessado sempre por temporaes, desde que sahira da America, soffreu diversas avarias na mastreação e só o tempo abonançou nas proximidades do archipelago açoriano.

Avistando ao largo a ilha do Corvo e em seguida os inhospitos alcantis das Flores, a embarcação dirigio-se para a ilha do Fayal, aonde aportou no começo de setembro de 1792.

Durante a sua estada na então villa da Horta, enquanto o navio que o conduzia fazia os necessarios concertos, foi Chateaubriand muito obsequiado pelos fayalensês e especialmente pelo digno consul francez Sergio Pereira Ribeiro, cuja hospitaleira moradia era o ponto de reunião de todos os viajantes distinctos que a esta ilha chegavam.

O consul francez deu na sua abastada residencia um grande baile em honra de Chateaubriand e com este cavalleiro foi o distinctissimo escriptor passar alguns dias na ilha do Pico, no sitio da Área-larga fazendo d'alli diversas excursões aos mais remotos pontos d'esta extensa ilha e colleccionando grande fornecimento de pedras, lava vulcanica solidificada e outras curiosidades naturaes que consigo levou para França.

No «Genio do Christianismo», no capitulo 8.º, do primeiro volume, deparámos com uma referencia á estada do seu author n'estas ilhas, quando trata da emigração das aves aquaticas.

«Um dia—diz Chateaubriand—encontrámos nos Açores, um bando de cercas azues, forçadas pelo cansaço a pousarem n'uma figueira. Não tinha folhas esta arvore; mas pendiam d'ella fructos encamados e travados dois a dois como crystaes. Quando a toldou a nuvem das aves, cujas azas pendiam lassas de fadiga, era singular o espectáculo da figueira; os fructos pareciam de uma purpura vivissima por sobre os ramos assombrados, ao tempo que a arvore parecêra desabrochar, como por encanto, uma folhagem azul.»

(Traducção de Camillo Castello Branco.)

Esta scena afigura-se-nos passada na ilha do Pico e as aves naturalmente de arribação, por ser uma especie que n'este clima não existe.

Deixando o Fayal e chegado a França, ainda em 1792, Chateaubriand foi rennir se aos emigrados que permaneciam em Coblenz.

Aguardavam-no os mais profundos desgostos, sua virtuosa mãe, já septuagenaria, expirou n'um carcere, deixando a Francisco René uma commovente carta em que lhe pedia que fosse sempre fiel aos

principios religiosos que lhe ensinara e seu irmão mais velho, o conde de Chateaubriand, perdia a vida no cadafalso, bem como seu sogro o infeliz Malesherbes, que tivera a coragem de perante o tribunal revolucionario defender generosa, mas improficuamente, a vida de Luiz 16.<sup>o</sup> isto quando o benrado ancião já contava oitenta annos de idade.

Provas assim no cadinho da adversidade, d'ahi em diante a existencia de Chateaubriand começou a tomar formas collossaes, tanto nas admiraveis obras que lhe asseguraram o primeiro lugar entre os escriptores do seculo 18.<sup>o</sup>, como nos importantissimos cargos que desempenhou na patria, quando voltaram Bourbon, dos quaes até á morte foi dedicado amigo.

Esta fidelidade a uma causa politica e grande merito litterario, mereceu uma recompensa de Luiz 18.<sup>o</sup> que elevou Chateaubriand ao pariato, investido no cargo de ministro, tendo em vista aquelle judicioso e profundo dizer do Papa Clemente 14.<sup>o</sup> conversando uma vez com o cardeal Cavalchini:

«E' justo que os authores que nos instruem, ou nos encaminham para o bem, achem protecção nos principes. Nada existe em que o dinheiro possa ser empregado com mais proveito do que em animar o merito e proteger o talento, tornando-se realmente uma vergonha que se façam tantas diligencias para descobrir o paradeiro d'um criminoso e descuremos de indagar aonde existem, ou em que condições vivem os homens que pela sua sciencia illuminam o mundo.»

Como poeta e politico seria ousadia da nossa parte aventar o mais leve parecer a seu respeito.

A fama dos escriptos do Visconde de Chateaubriand echoou em todo o mundo e mereceu os encomios de todas as nações.

Se o «*Genio do Christianismo*» é um sublime thesouro de poesia religiosa, os «*Martyres*,» o «*Itenerario de Paris a Jerusalem*,» «*Atala*,» «*René*,» e as «*Memorias d'alem-tumulo*,» viverão tambem eternamente, fazendo sempre a gloria do povo francez.

Aos notaveis predicados do espirito, diz um biographo, renno Chateaubriand distinctos attributos pessoaes, lia-se-lhe o talento nos olhos, a graça no sorriso e a nobreza do seu caracter em qualquer minimo gesto, exercendo assim um encanto irresistivel em todos que com elle tratavam.

Por occasião do seu regresso da America casou com Celeste Delavigne Buisson (M.<sup>me</sup> de Chateaubriand) que veio a fallecer em 1847 e que sempre lhe foi extremosamente dedicada.

Como prova dos seus piedosos sentimentos fundou esta virtuosa senhora um hospital para sacerdotes enfermos.

Retirado da politica, no ultimo periodo da sua vida e exclusivamente entregue aos seus queridos trabalhos litterarios, vivia o Visconde de Chateaubriand na *Abbaye-au-Bois* e raras vezes sahia d'esta

campesina propriedade, a não ser até ao Salão de M.<sup>me</sup> Recamier, aonde se reunia a elite do mundo artistico e literario d'aquella epocha.

Chateaubriand falleceu no anno de 1848, determinando que fosse enterrado n'um promontorio que defronta o mar, de St. Malô, sua terra natal.

Aquelle genio immenso, sempre revestido d'uma doce melancolia e profundo como o oceano, quiz ter ainda eternamente um oceano na sua frente.

Quantas vezes, na sua solidão da *Abbaye-au Bois*, nas longas noites do inverno, recordando as scenas da sua mocidade, a America, o seu viver com os indios e as tempestades do mar alto, não se lembraria tambem, porventura, da pequenina ilha açoriana que lhe dera guarida durante alguns dias?

Essa recordação foi uma gloria para o Fayal.

---

## O MARQUEZ DE NIZA

(1798)

Este nobre descendente de D. Vasco Luiz da Gama (a quem El-Rei D. João 4.<sup>o</sup> fez Marquez de Niza, alem de ser já anteriormente Conde da Vidigueira, almirante da India e duas vezes embaixador perante Luiz 13.<sup>o</sup>, rei de França) esteve na ilha do Fayal commandando, como o seu illustre antepassado, uma esquadra, composta de vinte e cinco navios, procedente do Brazil, donde então nos vinham ainda importantes riquezas e n'esta ilha fez, antes de seguir para Lisboa, um grande fornecimento, apesar de não lhe haver sido satisfeita toda a requisigão dos generos que necessitava, bem como de diversos e variados artigos.

O Marquez de Niza hasteou o seu pavilhão de almirante abordo da nau «Prinzeza Real» e alguns dias se demorou na bahia da Horta, tendo entrado a esquadra a 14 de Junho.

Segundo o erudito historiador, Sr. Macêdo, foram-lhe fornecidas, alem de muitos objectos, 800 arrobas de arroz e 120 arrobas de assucar, d'um grande deposito então existente na alfandega.

Foi este mesmo homem do mar a quem, antecedentemente, Portugal confiara a melindrosa commissão de commandar, no anno de 1793, a esquadra que cruzou no Mediterraneo, apesar de desejarmos conservar neutralidade, por occasião da revolução franceza e quando a Prussia e a Inglaterra estavam ligadas contra os republicanos.

A' breve estada do Marquez de Niza, na ilha do Fayal, seguiu-se

poucos dias depois, no 1.º de Julho, a entrada na bahia da Horta de um comboio, procedente do Pará, ao qual servia de escolta a fragata «Amazonas», como no anno anterior, em egual mez, aqui tambem estivera uma outra esquadra, de que era capitania a nau «Príncipe Real.»

Assim no decurso de alguns mezes, viram os fayalenses alem de duas esquadras, uma das quaes composta de vinte e cinco navios, um comboio de quatorze embarcações nacionaes, o que contrasta singularmente com o nosso estado actual, sendo uma vergonha que d'este importante archipelago, maxime pela sua posição geographica, calculando-se em 25:000 os navios de diversas nacionalidades que passam annualmente por estas paragens, isto segundo um artigo publicado n'um dos primeiros jornaes do paiz «O Commercio de Portugal,» no seu n.º 1:744, de 29 d'Abril de 1885, não haja aqui, a cruzar, um unico navio de guerra portuguez e sendo a bandeira nacional uma das que menos figura nos respectivos registos maritimos.

E' caso para se dizer: *Ubi Troja fuit!*

---

## D. JOSÉ PEGADO D'AZEVEDO

(1803)

Entre a freguezia da Praya do Almoxarife e a de Pedro Miguel e limitando a primeira d'estas povoações, pelo lado do norte, ergue-se a Lomba dos frades, sobranceira ao mar e correndo parallela com a grande Lomba da Espalamaca, cuja ponta se projecta pelo mar fóra.

No espaço, assaz largo, que medeia entre estes dois promontorios, é que desde a beira do oceano até ao matto, então já completamente aberto e a mais de uma legoa de distancia, está assente a freguezia da Praya do Almoxarife, precedida d'um grande areal, tendo no começo da povoação uma elegante e alva egreja e indo terminar proximo do Poço das Azas, o qual já tivemos ensejo de descrever no primeiro volume d'estes despretenciosos apontamentos.

O cimo da Lomba dos frades é um sitio êrmo, quasi improductivo, coberto de leiva silvestre e n'um e n'outro sitio povoado de algumas informes rochas.

Pouca gente alli vae, ou por alli passa, e não é raro que as aves maritimas, em vista da perfeita segurança que gosam n'aquelle altura venham poisar n'esses penedos, fugindo espavoridas, soltando gritos ao sentir o menor rumor, ou com a aproximação de qualquer raro visitante da sua guarida.

A crista d'aquelle promontorio influe-nos sempre indisivel tris-



tesa, e o mar que, lá muito em baixo se desfaz, gemente, ao sopé do monte, tem uma côr bastante escura, ainda mesmo com o mais sereno tempo e limpo firmamento.

Deu áquella elevação o nome de Lomba dos frades, um convento de franciscanos que alli existio, nos primordiaes tempos do povoamento do Fayal, e do qual, actualmento, já nenhuns vestígios se encontram.

Ora, a vinda dos frades franciscanos para esta ilha parece ter sido coeva com a chegada do seu primeiro donatario, tanto mais que os sentimentos religiosos d'aquella epocha não permittiriam a vinda de qualquer individuo, revestido de authoridade e privilegios, sem trazer a seu lado alguns sacerdotes, para encaminhar os seus administrados no caminho da salvagão.

Diz-se até que estes padres eram d'origem flamenga, o que mais confirma o que levamos dito, attenta a nacionalidade do primeiro donatario da ilha do Fayal.

Durante 50 annos, isto é, desde 1456 até 1520, viveram os frades franciscanos, sem casa propria, espalhados pelas diversas povoações da ilha e prestando os seus serviços conforme as urgencias do culto, mas n'aquelle ultimo anno, vemos que elles, n'uma alterosa e isolada Lomba formam um hospicio, aonde começam a viver em communidade.

Se a feitura d'uma casa, hospicio, ou convento, era naturalissimo para os filhos d'aquella seraphica religião, ainda assim o motivo de escolherem um tão agreste e pouco convidativo sitio, não se explica facilmente, porquanto n'aquella epocha a sua existencia devia ser bastante atarefada, ficando d'esta forma assaz distanciados da Horta, aonde naturalmente tinham de prestar maior serviço e tanto mais que a uma ordem mendicante mais convinha os povoados, do que profundos ermos, porventura talhados para a vida contemplativa, mas pouco propicios para quem, como os franciscanos, tinham de viver de esmolas e de acudir a toda a hora ás necessidades espirituaes de uma povoação que se desenvolvia rapidamente, abrangendo já uma grande área.

Apesar d'estes inconvenientes o hospicio da Lomba dos frades existio pelo espaço de dezeseite annos e só em 1537, ignora-se propriamente por que motivo, foi abandonada aquella agreste moradia, fundando os franciscanos um mosteiro na Horta, á beira-mar, sobre uma restinga do rochas, no sitio hoje conhecido pelas «pedras dos frades, pelo lado exterior das muralhas que resguardam a cidade dos impetus do oceano.

O novo convento dos franciscanos era assaz espaçoso e no mesmo residiram aquelles padres durante o longo periodo de cento trinta e dois annos, medeando ainda algum espaço entre as paredes da sua casa e a beira do mar, porquanto o areal, em frente da Horta era então muito mais largo, n'aquelle sitio, dando commoda passagem ainda

alem das pedras que serviam de base a semelhante construcção.

O mar, porem, não é um bom vizinho e muito menos n'estas paragens.

A 20 de Novembro de 1669 uma furiosa tempestade, do quadrante do sul, embravecendo as ondas da formosa bahia da Horta, obrigava-as a investir de tal sorte contra a terra, que pareciam querer destruir tudo.

Nos campos devastados pelo vendaval haviam já serios estragos.

A falta de prudencia com que tinha sido edificado o mosteiro dos franciscanos, à beira d'agua, por assim dizer, produziu, então os seus tristes resultados. o mar cercou todo o convento, que parecia um grande navio dando à costa, enormes vagaliões vinham, furiosos, desfazer-se contra as suas rijas muralhas, cobrindo o d'escuma e levando as portas, janellas e tecto.

A população da Horta a muito custo conseguiu salvar a vida dos religiosos, que só na ultima extremidade abandonaram a sua casa, sem o tempo necessario para d'alli remover algumas venerandas imagens, por quanto o convento ameaçava desmoronar-se a cada momento, já todo arrombado e com o travejamento a ranger.

Foi n'esta occasião que uma grande vaga arrebatou do seu altar a imagem de Nossa Senhora da Piedade, que ainda hoje se venera na egreja da Santa Casa da Misericordia, a qual mais tarde foi encontrada, junto dos Calhans, no sitio da Lagóa.

Em poucas horas, devido á furia do oceano, não existia pedra sobre pedra do mosteiro dos franciscanos, nem do mesmo haviam quaesquer vestigios a não ser fragmentos de taboas espalhadas pelas praias, ou nuvens de poeira proveniente dos madeiramentos desfeitos, as quaes, tão finas como farinha, tocadas pela ventania, voavam pela terra acima.

Em differentes naufragios temos aqui visto acontecer o mesmo ao casco eapparelhos de grandes embarcações, o oceano torna-se então n'um mocho de mós immensas, tritura e desfaz tudo e o mastro d'uma grande galera é para aquelle gigante uma pequena aresta que desfaz n'um segundo.

D'esta grande habilidade de trabalhar com toda a rapidez em madeira, é que o nosso povo chama ao vento sudoeste, aquelle sopro que levanta a maresia, — *o vento carpinteiro*.

Ficaram, pois, ao Deus dara, termo lidinho, os infelizes franciscanos.

Estes frades, porem, embora victimas de uma tempestade, que parecia um castigo da ceu, não tinham, ainda assim, jámais sido senão gente essencialmente pacifica, hospitaleira e boa.

Cantavam e pregavam em todas as festas religiosas e não sei até se badavam em algumas profanas, sempre da melhor vontade e contentando-se com qualquer remuneração, para ajuda do custo do cou-

vento, por muito diminuta que fosse, ensinavam de graça ou a trôco de alguns insignificantes presentes, a mocidade; não eram exigentes no peditório, albergavam no seu mosteiro indivíduos do campo e das outras ilhas, mediante pequena esmola e mantinham, com seriedade, relações nas principaes casas da Villa, que visitavam amudadas vezes izentando-se o mais que podiam das intrigas do seculo.

Isto tudo tornava-os sympaticos e a dizer a verdade pouca gente havia na Horta que, mais ou menos, não devesse algum favor aos frades franciscanos.

Assim, destruido o seu mosteiro, começaram expontaneamente a acudir doações e legados para ser reconstruido e, parecendo impossivel, dentro em tres annos já havia o dinheiro necessario para dar começo ao grande edificio e magestosa egreja de São Francisco. hoje pela extincção dos conventos, pertencente à Santa Casa da Misericórdia da Horta.

D'esta vez, porem, a construcção foi feita em logar mais seguro e aonde as ondas do mar não lhe podessem chegar.

No anno de 1700, sempre favorecida com muito importantes esmolas, estava completa toda aquella immensa fabrica e, ainda mais, a ordem franciscana notavelmente augmentada em recursos e pessoal, reinando grande abundancia no convento, banquetecendo por vezes os principaes da terra, sendo o ponto de reunião para onde se ia conversar e vivendo os frades bem com toda a gente.

Grande tacto era preciso para se haver obtido tanto.

No começo do seculo 18.<sup>o</sup> continuava ainda com a mesma prosperidade a ordem franciscana da ilha do Fayal, tendo no seu convento alem de coristas, leigos e pessoas d'esta ilha e de fora da mesma que, por diversas circumstancias alli estavam vivendo, o crecido numero de oitenta e quatro sacerdotes!

A mœza dos frades era lauta e gosava de singular fama, as suas adegas transbordavam de preciosos vinhos, os seus graneis não podiam com mais trigo, havia em tudo grande abundancia mas tambem, da parte dos franciscanos, grande desejo de prestabilidade e de fazer bem, porquanto em elles recebendo qualquer aviso de que eram necessarios em festas, ou enterros &, acudiam logo, sem olhar á recompensa, nem jamais se comia n'aquelle casa, sem distribuir larga esmola com a pobreza que, diariamente, se ajuntava na portaria, isto alem dos subsidios, occultamente prestados, a familias necessitadas.

Tal foi, entre nós, a verdadeira historia dos franciscanos.

Em 1803 cahio, porem, um raio n'aquelle convento, personalisado em D. José Pegado d'Azevedo, Reverendo Bispo da diocese açoriana.

Este prelado, na sua visita á ilha do Fayal, escolhêra aquelle mosteiro para se albergar e bem assim os padres que com elle tinham vindo, mais os criados que trazia, mais os cosinheiros que lhe prepa-

ravam especiaes manjares, mais os cocheiros das suas cavallariças, (porque S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> era cavalleiro) mais um bobo que o divertia e que se chamava Manoel de Jesus.

Misericordia!

Era então guardião, do convento de São Francisco, Fr. Guilherme da Conceição, um velhinho debil e de meã estatura, natural d'esta ilha, muito illustrado e bondoso, por vezes assaz tolerante com as fraquezas d'um ou outro dos seus administrados, dotado de singulares virtudes e gosando de geral estima.

Antes de proseguirmos na narrativa do que diz respeito á estada do Bispo D. José Pegado d'Azevedo, no Fayal, permitta o leitor que, com duas anedoctas, lhe dêmos uma succinta idéa do caracter do guardião dos franciscanos, cuja memoria é ainda hoje aqui respeitada pela gente antiga que o chegou a conhecer e da qual já bem poucos individuos existem.

Houve más linguas (e quando deixará de as haver?) que diziam que Fr. Guilherme da Conceição, embora bom homem, era muito manhoso, sabendo sempre levar a agua ao seu molinho e que a sua inalteravel mansidão era um systema, cuidadosamente estudado, para melhor poder governar a seu talante.

Fosse, porem, como fosse, não se conhecia na commumidade nenhum religioso mais prudente, e a esta qualidade devia elle o elevado cargo de que se achava investido, a contento dos seus numerosos irmãos.

Os frades, no convento, quasi sempre punham alcumias uns aos outros, sendo o do Fr. Guilherme, o *P.<sup>o</sup> Fastio*, isto seguramente pelo pouco que comia, comparado com alguns estomagos de ferro alli existentes, capazes de devorar pedras.

Havia, então, n'aquella casa, um frade ainda novo, alentado, de sangue na gnelra, como diz o povo, chamado Fr. Diogo, que pelas suas turbulencias inquietava, de todos os modos possiveis, o pacifico guardião.

Queria sempre andar por fóra e quando não lhe davam licença, zangava-se, descompunha, saltava de noite, vestido á secular, pelas janellas do mosteiro, indo tocar viola em quanta *folga* havia e nem era raro ser avistado em casas . . . de má nota, envolvendo-se por vezes em brigas, dando e levando muita pancadaria e tendo fama d'um valentão, como poucos.

Este Fr. Diogo era a *bette noire* do virtuoso guardião, que cuidados e desgostos já não lhe haviam dado as suas tropelias e como elle, infelizmente, de cousa alguma valiam exhortações ou paternaes conselhos, bem como os rigores do carcere.

Eia summa, não tinha nascido para aquella vida, e só talvez com a idade . . . quem sabe? . . . nunca é bom desesperar.

Uma noite, o alcaide e os seus quadrilheiros, n'uma ronda para

o lado do caes, em sitio suspeito, encontraram o Fr. Diogo, de calças, casaco, e chapen de palha, armado d'um valente cacete, a espreitar um bocado nas mais folgasões disposições de animo.

O frade alem d'isto havia bebido alguns copos a mais de genuíno vinho do Pico.

Aproximou-se a ronda e o alcaide deu-lhe, immediatamente, a voz de preso, intimação á qual responden Fr. Diogo estendendo algumas vardascadas aos quadrilheiros, os quaes, a dizer a verdade por antigas rixas, apenas o haviam conhecido se deitaram a elle, como São Thiago aos Mouros.

Um escandalo!

A lucta, ainda assim era desigual, de um contra seis, e apesar do forte pulso do frade, a matilha dos quadrilheiros afinal conseguio desarmar-o, atar-lhe as mãos detraz das costas e n'aquelle bello estado, proferido o prisioneiro as maiores palavradas do seu abundoso vocabulario de improperios, foram no empurrando até á portaria de São Francisco.

Em roda do convento reinava a mais profunda quietação, eram já duas horas da noite e apenas n'uma ou n'outra cella do grande edificio, que sombriamente se recortava no espaço, se divisava amortecida luz, provavelmente a lampada accesa a algum sacro painel, durante a retardada reza d'algum mais ascetico monge.

O alcaide bateu algumas rijas pancadas á porta do mosteiro e logo depois o irmão porteiro estonteado com somno e não atinando com a causa d'aquelle alvoroço a hora tão impropria, quando os servos do Senhor logravam algum descanso das suas constantes fadigas, abrindo o pequeno postigo circular, resguardado com duas barras de ferro em cruz, perguntava para fóra:

—Que desejais irmãos?! . .

—E' o alcaide e a ronda. Precisamos fallar com o Sr. padre guardião, para lhe entregar um filho d'esta casa que andava á *gandua* ahi por essas ruas.

—*Abernantio!* . . — exclamou o matreiro irmão porteiro, fingindo a maior incredulidade em tão nefando caso, elle que era um inextinguivel repositorio de todas as artimanhas havidas e por haver.

—Patifes! . . — nrrava, desesperadamente o prisioneiro, tentando mais uma vez desligar-se das cordas, para correr a socco aquella cafila toda.

—Eu vou prevenir o convento — disse o porteiro — esperai alguns instantes — e fechando o postigo, depois de alguma demora, quinze minutos talvez, sentio-se *tocar á cympa*.

Ao som inesperado do sino acudiram successivamente á sala das sessões os frades mais qualificados do convento, em quanto os restantes irmãos saltavam das camas, ou crusavam attonitos pelos corredos.

res sem saber o que fosse, podia ser fogo no mosteiro, uma investida de ladrões, algum estranho acontecimento em fim.

O guardião é que já estava ao facto de tudo.

Acercon-se das principaes dignidades da ordem, dos definidores, homens já de idade madura e longa experiencia, mandou recolher às suas cellas e dormitórios o resto da communidade e precedido de quatro leigos, com lanternas accensas, desceu a larga escadaria que conduz à portaria.

O alcaide já estava desesperado com a demora, mas ainda assim continha-se com o antegoso da vingança que ia saborear.

—Agora é que são ellas! — disse um desapiedado quadrilheiro para o Fr. Diogo, sentindo passos na escadaria do convento e vendo já luzir por debaixo do portão a claridade das lanternas.

O prisioneiro d'esta vez calou-se, estava evidentemente quebrado de animo e d'orelha macha.

O portão do convento foi aberto de par em par, mas vagarosa, solememente.

Entre este e a escada ha um largo espaço, já no interior da casa, e as authoridades conventuaes alli estavam, formadas em linha, como inexoraveis juizes, tendo, nas duas extremidades da fila, os leigos com as luminarias.

Aquillo tudo tinha o quer que fosse do theatral.

O alcaide e a sua gente introduziram para o interior do portão o pobre do Fr. Diogo e collocaram-se tambem em linha por detraz d'elle.

—Que nos quereis, irmãos, e que estranho espectaculo é o que vejo?! — perguntou com voz sonora e pausada o velho Fr. Guilherme da Conceição.

—Saberá V. Rev.<sup>ma</sup> — respondeu o alcaide — que a minha ronda acaba de encontrar o Fr. Diogo por essas ruas e a semelhantes horas.

Avalio o desgosto que este acontecimento vai causar ao Sr. padre guardião, mas aqui lhe trazemos o fugitivo... isto talvez lhe sirva de lição.

Das pancadas é que o alcaide não fallava, por serem seis contra um.

—Mas qual fugitivo?! — perguntou com a mais apparente ingenuidade Fr. Guilherme.

—Ora essa!... pois V. Rev.<sup>ma</sup> não o está vendo!

—Valha-me o nosso Santo Patriarcha!... Pelo que posso inferir, afigura-se-me que vossas mercês estão laborando n'um perfeito engano, o nosso irmão Fr. Diogo sahio, é verdade, d'esta casa, mas com o meu inteiro consentimento e em serviço urgentissimo d'esta respeitavel communidade.

—A estas horas?!...

—A estas horas, sim Sr., e eu lhe vou explicar o que foi, mas

primeiro, por caridade, deixem-me desligar este pobre servo de Nosso Senhor,—e o guardião ajudado de dois edosos definidores, aproximou-se do Fr. Diogo, fingindo a muito custo desatar os nós da corda, deixando o primeiro subrepticamente nas mãos do delinquente um pequeno papel, bem dobrado, que elle conservou a occultas.

—Pois Sr. alcaide—continuo Fr. Guilherme—isto é uma vergonha dizer-se, mas sei bem com quem estou tratando e que ficará entre nós. O nosso irmão refectoreiro, esta noite, estando eu já recolhido foi bater á minha humilde cela e dizer-me, Sr. alcaide, com as lagrimas nos olhos que, em vista do malto que esta casa tem, ultimamente, esmolado a pobreza, estava sem real na sua mão para fazer as despesas do dia de amanhã, mas que contava que eu ainda teria alguns vintens em meu poder . . .

Triste illusão, e apróvera a Deus que assim fosse, mas o ultimo dinheiro que possuia, havia-o hoje mesmo dado para a ajuda do enterro do chefe d'uma familia infeliz. Chorei tambem, Sr. alcaide, e chorei muito, pedindo ao nosso santo Patriarcha o seu valioso auxilio, uma inspiração qualquer, pois tinha a meu cargo cem boccos a que devia matar a fome. São duras provações estas, lá isso são.

—Arredito o que V. Rev.<sup>ma</sup> me está dizendo, mas, ainda assim isso não explica o motivo de Fr. Diogo . . .

—Leia um papel que elle deve ter ainda talvez comsigo e tudo ficará claro que nem agoa, por mercê de Deus.

O Fr. Diogo, instinctivamente, entregou ao alcaide o papel que o guardião lhe dera, um leigo aproximou uma lanterna, e o chefe da policia len em voz alta o seguinte: «Meu respeitavel amigo e Sr. Sergio Pereira Ribeiro—Venho rogar encarecidamente a Vossa Senhoria, como syndico d'esta veneravel ordem a meu cargo, a esmola de emprestar ao convento a quantia de cem mil reis, porquanto estamos absolutamente, sem dinheiro. Deus permittirá que em breve, como espero, seja a Vossa Senhoria, satisfeita esta divida, pois que o sen auxilio nunca abandona os humildes do coração. Pode V. S.<sup>a</sup> entregar, querendo, o dinheiro ao portador d'este bilhete, o nosso irmão Fr. Diogo.

O guardião do convento de São Francisco.

*Fr. Guilherme da Conceição»*

O alcaide não sabia o que dissesse d'aquillo tudo, porem, ainda assim acrescentou ás suas anteriores accusações.

—Mas o Sr. padre guardião deve notar uma coisa, é que eu e a minha gente, não encontramos o Fr. Diogo á porta do Sr. Sergio Pereira Ribeiro, mas muito mais para deante . . .

O protegido da commuidade accudio então.

—Já lá havia estado, mas S. Senhoria não estava em casa e eu andava-o procurando . . .

—Por aquelles sitios, ora, ora, ora essa é que me faltava ouvir!!!

—Seja lá como fosse, meus filhos—tornou Fr. Guilherme—isso agora é já uma questão de sitios, uma questão com um terceiro, uma questão secundaria em fim. En, contudo, não posso deixar de reprehender, e muito severamente, o nosso irmão Fr. Diogo, não pelo facto da sua sahida do convento que, como está plenamente demenstrado foi regularissima, mas sim por não ter ido revestido da sua vestimenta talar - e sorvendo uma pitada e fingindo se muito zangado, o bom velhinho continuava—mas de calças e casaco como qualquer marinheiro. Oh ! . . . escandalo ! . . . escandalo ! ! . . .

—Perdão, padre guardião, - dizia com voz constricta e parecendo querer chorar, o anafado Fr. Diogo.

—Isto é um caso inaudieto, um caso nunca visto e que estava, infelizmente, reservado para os meus ultimos dias. Venha á culpa Fr. Diogo, aqui publicamente, diante do Sr. alcaide e alli d'aquelles senhores e deixe-me cobril-o com esta minha capa.

Fr. Diogo, aproximou-se do guardião e este tirando dos hombros a especie de manto que o abrigava lançou-o sobre as costas do penitente.

A comedia estava acabada.

O alcaide, a mastigar engoliu a pillula, seguindo o prudente conselho de calar-se, com medo de compromettimentos n'aquelle negocio, que d'esta forma tinha tomado uma muito differente feição e pedindo desculpa da balburdia que tinha vindo fazer no convento, retirou-se meio corrido de vergonha.

Espinhos do officio.

A portaria do convento fechou-se em fim.

A sós com os frades, Fr. Guilherme da Conceição ordenou ao escrivão do convento que na manhã seguinte lavrasse um termo de um mez de prisão disciplinar contra o delinquente, e, deitando-lhe a sua benção, retirou-se, com o mesmo ceremonial com que tinha vindo, ladeado pelas authoridades d'aquella casa, que o acompanharam até á porta da sua cella.

Conseguira d'esta forma salvar a dignidade conventual.

Conta-se tambem do bondoso e tolerante guardião de São Francisco, com o mesmo Fr. Diogo, o seguinte caso.

Havendo já o turbulento frade cumprido o seu mez de reclusão, que, diga-se a verdade, não era das mais rigorosas, e começando aquelle nefando acontecimento, da sua nocturna e furtiva sahida do mosteiro, a cahir no esquecimento, foi este, n'uma calida tarde de Julho, bater á porta da cella do guardião, que estava pacificamente gosando a sesta.

Bateu uma, duas, tres vezes, as pancadas do estylo, sem obter resposta e afinal, já desesperado, deu tal investida á porta, que parecia que a mesma ia dentro.

Fr. Guilherme da Conceição conheceu desde logo, por semelhan-



te procedimento, quem o vinha perturbar e perguntar do interior com a sua mais doce voz:

—Quem é que está ali?

—Sou eu, padre guardião, é o Fr. Diogo que deseja fallar a V. Rev.<sup>ma</sup>

—Agora não posso, meu filho, estou a dormir.

—Ora essa! . . . pois o Sr. padre está dormindo e fallando?! . . .

—E' que estou sonhando.

—Pois acordado, a dormir, ou a sonhar, a porta hade ir dentro, lá isso vae . . . — e o Fr. Diogo, semelhante a um touro, dava nova investida contra aquella dura barreira.

O guardião achou mais prudente abrir.

—Que queres, meu filho? — perguntou sem o minimo agastamento.

—E' que, seberá V. Rev.<sup>ma</sup> que ali no convento estão-me fazendo um habito novo, que este, o unico que possuo, já está uma miseria, e eu preciso agora da sua licença para sahir, pois quero ir comprar linhas . . . a obra está parada.

Fr. Guilherme viu, desde logo, do que se tratava, o seu compa-nheiro desejava espairecer; — illudindo, porem, o seu pensamento, respondeu:

—Ora Deus seja louvado, vieste na melhor occasião e nem precisa encommo-dar-te a sahir, eu tenho aqui um novello de linha que te offereço.

E o velho guardião tirava, effectivamente, dos escaninhos d'uma grande papelreira de madeira do Brazil o artigo que o seu ad-ministrado dizia carecer.

—Obrigado, padre guardião, mas sempre tenho que sahir faltam tambem agulhas.

—Tambem tenho agulhas, — e o paciente frade sacava d'uma outra gavetinha um pequeno embrulho que, egualmente entregou ao Fr. Diogo.

—Obrigado, padre guardião, mas ainda tenho que sahir, falta-me tambem o fôrro para o habito.

—O fôrro, ora isso agora é mais custoso, sim, tens de sahir para o comprar . . .

—Até que emfim — murmurava de si para si, o requerente.

—O fôrro. . . sim, o fôrro. . . ora esta, que cabeça a minha! . . . olha cá, Fr. Diogo, eu tenho alli um bocado de panno que reservava para mim, mas isto são dois dias de vida, eu já estou velho e sabe Deus quem d'elle se aproveitaria, offereço-t'o pois, tenho immenso prazer que do mesmo te utilises, está tudo arranjado e sempre ponpas esses vintens . . .

Mas é que eu ainda preciso sahir . . .

—Para que?! . . . que habito tão complicado, meu filho.

—Qual habito, nem meio habito, Padre guardião, eu o que quero é ir ver uma rapariga . . . perdõe-me a franquesa.

—O' filho, eu liúlas, agulhas, fôrro e até colchetes, se quizeres, posso-te arranjar . . . agora isso que te deixaste dizer, é mais difícil, *non possumus*, como diz o santo Pontífice.

—O' Padre guardião, pelo amor de Deus . . .

—*Vade retro Satanas*, não me estejas a tentar.

—Qual tentar, nem qual carapuça, padre guardião, se V. Rev.<sup>ma</sup> a visse deixava-me, immediatamente, ir passar-lhe pela porta . . .

—Credo ! . .

—Olhe o nosso Padre que haverá poucas mulheres tão galhardas. Oh! aquillo é oiro de lei, fazenda que não desbota, em com entusiasmo o digo, tem boa cara, bons olhos, bonito cabello, uma elegancia nas formas, um porte modesto no andar, é um anjo em fim, acredite, acredite isto ! . .

—Com effeito ! . .

—E então, se o Padre guardião lhe visse o pésinho, oh ! . . soberba roísa, um pé de criança, pequenino, cabe nos na palma da mão . .

—Com effeito ! !

—E então o seu fallar, padre, aquillo é um canarinho a cantar, tão doce, tão meigo, a gente escutando-o sente assim uns arrepios cá por dentro e faça idéa, quando ella me pergunta, com as lagrimas nos olhos, coitadinha ! . . o meu Fr. Diogo, porque não appareceste cá hontem ? . . Era preciso ter um coração de pedra para um christão não lhe cahir aos pés, de joelhos.

—Com effeito ! ! !

—Ora acresce ainda, a isto tudo, que é uma rapariga livre, vivendo sosinha com uma tia beata, que leva em gosto a nossa amizade . . . se não fosse o convento, padre guardião, dia e noite estaria sempre junto da Margarida, aqui morro, morro irremediavelmente. Arre com o diabo ! . . despejei tudo.

—Que desespero e palavras são essas, meu filho, não sabes que a exaltação d'amino é um grande peccado, ora entra em ti por quem és . . .

—Não é possível, esta paixão é superior as minhas forças, tenho compaixão de mim, padre.

Fr. Guilherme esteve pensativo alguns momentos, passou a mão descarnada pela testa alva e lisa como um pergaminho, evocou talvez na mente alguma saudosa lembrança da sua mocidade, era velho, mas tambem já fôra rapaz, e o coração que actualmente estava gelado para as paixões terrenas, quem sabe em que enredados matagaes não teria, n'outro tempo andado embrenhado ?

Aonde isso tudo já ia !

—Então, padre guardião, decida da minha sorte . . .

—Meu filho,—respondeu n'acção, com bondoso sorriso—diz-nos

a nossa santa lei que, não só de pão vive o homem. Ora pois, em vista de tudo quanto me tens exposto, concedo-te a licença pedida, mas nada de escandalos, toma sentido.

—Beijo-lhe as mãos, padre guardião, o meu unico pesar é isto ser só por uma tarde, pouco tempo terei de folga.

—Estás dispensado tambem de recolher hoje ao convento . . . vae-te em paz.

Fr. Diogo sahio fegoso, apressadamente, parecendo-lhe aquillo tudo ainda um sonho e com medo que o guardião se arrependesse.

Sosinho afinal na sua cella, o velho Fr. Guilherme fechou a porta, a sorrir e murmurando apenas estas palavras.

Coisas da mocidade ! . . .

Agora que o leitor já pode fazer uma tal ou qual idéa do caracter do guardião dos franciscanos, voltémos á visita do Bispo d'Angra a esta ilha e da sua residencia no mosteiro confiado aos cuidados d'este bondoso ancião.

Orçava por sessenta annos de idade, D. José Pegado d'Azevêdo, quando visitou a ilha do Fayal. Era homem bem apessoado, de aspecto mais militar do que ecclesiastico, apaixonadissimo por musica e bellas artes, dado a cavallarias e divertimentos.

A sua méza era lauta e franca para os amigos, bem como esmolava os necessitados, gostava de bons ditos e joviaes conversações, e embora muito cioso das prerogativas que pertenciam á sua elevada dignidade, no trato intimo era assaz llano e despido de qualquer apparencia monastica ou severa.

Zangava-se, porem, com facilidade, quando o contrariavam, ou quando entendia que de proposito lhe faltavam ao respeito.

Este Prelado havia sido eleito Bispo d'Angra em 1800, ou talvez mais acertadamente em 1801 e a 13 de Dezembro do anno seguinte, com a mais luzida pompa deu entrada na Sé Cathedral d'aquella nobre cidade.

Pertencia á congregação de São Philippe Nery, fôra prior da igreja de Santos, em Lisboa, constando, o que realmente parecia pelo seu aspecto, que anteriormente á sua vida ecclesiastica, havia sido militar.

Apenas investido no governo da diocese deu provas de grande illustração e zelo pelos casos em que tinha de entrevir e tentou, ainda que improficuamente, corrigir abusos, estatuir regulamentos e fazer entrar na devida ordem muitos negocios que andavam affastadissimos do seu verdadeiro trilho.

D'aí se originaram os primeiros desgostos que, augmentando successivamente, lhe civaram de espinhos os dez annos do seu agitado governo.

Ainda, porem, no tempo da sua visita á ilha do Fayal, em 1803, o anno do Bispo não tivera tempo para se azedar de todo, ainda con-

servava doces illusões de uma pacífica e proveitosa estada nos Açores, e, vivendo na opulencia, colhia melhor as rosas da vida do que lhe sentia os espinhos.

Ora a sua recepção na Horta não podia ser mais prazenteira e bem acciita, as ordens religiosas, a cleresia secular e todos os particulares de alguma importancia esmeraram-se em tratar o melhor possível, em obsequiar por todos os modos ao seu alcance, um tão illustre visitante.

O genio sociavel de D. José dava a isto facil ensejo, e o convento de São Francisco, donde se albergara, tornou-se o ponto de reunião da mais selecta sociedade, com méza posta desde a manhã até à noite e alli se jogava, conversava e passava agradavelmente o tempo, pelo dia anteante até deshoras da noite.

A cosinha do convento, tornara-se um vasto campo de batalha, a mortandade de suínas victimas e de gallinhas, patos e perus, ia tomando proporções fabulosas, os cosinheiros de convento reforçados com os que consigo trouxera o Sr. Bispo, não tinham mãos a medir, os fornos estavam sempre accêsos, quanta panela havia no convento a ferver no lume, um cheiro apetitoso a carne assada e a fritos por todos os corredores d'aquella extensa casa e os serventuários dos conventos das religiosas de São João e Gloria, já estavam estafados de tanto acarretar fartos presentes de gloseimas e enormes taboleiros de bella e fresca massa sovada (pois S. Ex.<sup>a</sup> não se dava com pão alvo, sem leite e assucar) e bandejas de manjar branco e papas rosadas a todos os momentos e em todas as occasiões.

E então n'aquella epocha que o assucar era tão caro, a quatro centos reis a libra!

Os nobres da terra, que mais privavam com S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> tambem deram um bom contingente para regalar o seu amigo, as partidas campestres succediam-se logo que caíva um dia bonançoso e n'aquella grande patascada não esquecer uma excursão ao cimo da ilha, a pittoresca Caldeira.

Do destroço que por essa memoravel occasião houve em diversas viandas, ainda hoje se conserva tremenda memoria, os mais preciosos vinhos do Pico entornaram-se, sem conta nem medida, por aquelles agrestes sitios e o proprio Bispo confessou que a recordação de semelhante dia só morreria com elle.

Que bellas vistas, que patascada e que grande comesana!

Fazia parte do acompanhamento de D. José, o Sr. Jorge da Cunha Brum Terra e Silveira, mais tarde Capitão-mór de ordenanças, que concorreu com quasi toda a despeza d'esta digressão, com reserva do *desser* que correu por conta das freiras que, valha a verdade, fizeram maravilhosos doces e admiraveis artefactos de assucar e ovos.

Pois trabalhos de alfenim!... oh!... nisso então eram grandes, houveram do mesmo arvores brancas como neve, carregadas de ho-

las doces e vermelhas imitando damascos, bonecas doiradas, n'um chão de *flo d'ouros*, pombinhas de azas abertas e olhos vermelhos, muitos corações de tamanho quasi natural, com as iniciaes em ouro, das offerentes, e centos de cestinhos arrendados, com difficéis trabalhos de papel picado e contendo delicados confeitos.

Ora o Sr. Jorge da Cunha, fidalgo dos quatro costados, homem generoso, rico e tratando-se á lei da nobresa, por saber que o seu amigo Bispo gostava muito de queijos da ilha de São Jorge, mandou alli, immediatamente, fabricar um de tamanhas proporções que desembarcou no Fayal em uma padiola ás costas de homens e que assim foi conduzido, como n'um andor, para os apoentos de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> em São Francisco.

Á imitação d'isto quanta gente desejava ser agradavel ao Prelado tambem lhe mandavam presentes dos ditos queijos ainda que mais pequenos, tanto assim que quando d'esta ilha sahio com destino á Terceira, foi, na comitiva das embarcações que o acompanharam, um barco do Pico, exclusivamente carregado d'aquelle genero.

E não só de coisas de saborosa manducação era affecto o Sr. Bispo, a lonça da India, então aqui muito abundante e proveniente dos navios vindos d'aquella remota paragem, que n'este porto estacionavam, tambem tentava sobremodo o illustre Prelado.

Quando S. Ex.<sup>a</sup> ia de visita a qualquer residencia, nunca lhe escapava de gabar muito todas as peças e jarras d'aquelle bello barro que adornavam as mezas da sala e se alli passava um bocado da noite e tomava chá, era para elle um grande enlevo um trem completo d'aquella procedencia, e tanto gabava, mirava e elogiava, que só faltava pedir que lho dessem.

Nestas circumstancias lá ia o trem da India, as jarras ou tigellas no dia seguinte, de presente ao Sr. Bispo, com que vontade, por vezes, sabe-o Deus.

Alguns vigarios das freguezias ruraes da ilha, que S. Ex.<sup>a</sup> visitou, com larga comitiva para hospedar e tratar convenientemente toda aquella gente, ficaram (perdoem-nos a força de expressão) arruinados para fillos e netos e houveram senhoras amas que n'esses infastos dias, vendo ir por agua abaixo o fructo de longas e custosas economias, choraram lagrimas de sangue podendo-se d'estas infelizes dizer com verdade: *Vox in Romæ audita est* . . . e, como a biblica desgraçada, ninguem mitigava a sua dor!

A visita do Sr. Bispo era um tufão que passava, arrastando tudo... Safa! . . .

E o pobre do Fr. Guilherme da Conceição, o bom velhinho, guardião de São Francisco, esse, coitado, já andava tambem desnordeado com tamanhos gastos e pensava, pensava muito e amargamente, como, em proveito da sua ordem, havia conjurar a devastação que lhe ia por casa.

Dissemos, antecederentemente, quando mencionamos a chegada de D. José Pegado, que este trazia consigo um bobo para o divertir.

Ora d'esta pobre creatura que com o Bispo viera do continente, que tinha apparencia de leigo de algum convento e que demonstrava nas suas acções uma mistura de velhacaria e tolice, contando muitas historias, vestido sempre de preto, de cara rapada e com um grande chapéu de Braga, do abas largas, a lhe resguardar do sol o rosto amarello de cera, com olhos pequenos e vivos que piscava constantemente, era difficil precisar a idade e a quem lh'a perguntava respondia invariavelmente: os trinta já lá vão, mais ao Sr. Bispo;—mas não iria muito longe da verdade quem lhe concedesse, d'uns cincoenta a sessenta janceiros.

Manuel de Jesus, que assim se chamava, tomava, por vezes, grandes familiaridades com S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, que ora se zangava com elle, ora se ria das suas partidas, era bem acceito de todos que queriam lisongear o Prelado e passava uma santa vida sem fazer coisa alguma, rondando as uchas de São Francisco, ou indo para as portarias dos conventos dar trela aos ociosos, que sempre alli abundavam.

As freiras, por ser da casa do Sr. Bispo, tinham-no em grande conta e regalavam-no, sempre que apparecia na portaria, com covilhetes de marmelada e pratalhadas de diversos doces, as noviças e educandas com elle se divertiam em alegres conversações, e, se o Manuel de Jesus nunca regeitava os farelórios e goloseimas, tambem nunca deixava de contar ás complacentes religiosas alguns casos alegres e frescos, por vezes muito frescos que, com grande gaudio da gente nova, davam assumpto para tres dias de engraçados commentarios n'aquella populosa casa.

Estes entretenimentos umas vezes eram atravez da roda da portaria, outras no parlatorio, para evitar a presença de abelhudos curiosos.

Não havia muitos dias que D. José Pegado, por um capricho, fôra n'uma tarde dar um passeio, a pé, até á pittoresca freguezia dos Flamengos e embora esta visita áquelle sitio não tivesse, n'essa occasião character algum official, ainda assim era numeroso o acompanhamento de padres, frades e amigos que seguia S. Ex.<sup>a</sup>.

O Manoel de Jesus tambem se convidara para a digressão, tinha comido n'aquelle dia, como um alarve, cabeça de porco recheada, um petisco de muita affeição do Sr. Bispo e d'elle, e o peso do estomago instinctivamente aconselhava-o a dar um largo passeio, quando não arrebentava,

Caminhava, pois, na frente do rancho, emparelhado com seu amo, este, porém, pelo meio do caminho, enquanto o pobre servo junto da parede, e cantarolando, a meia voz, uns trechos de matinas.

Quasi á entrada da freguezia, o Manoel de Jesus começõ de re-

pente a correr e tirando o chapéu pô-lo, apressadamente, sobre o quer que fosse que estava no chão, exclamando:

—Ah! . . . Sr. Bispo, como é lindinho, eu nunca vi outro assim! . . .

—O que é Manuel, o que é? . . . perguntou D. José Pegado.

Um canarinho, Sr. Bispo, todo amarelinho, com as azinhas abertas, aí! como é ludo, e está aqui debaixo . . .

O Bispo gostava muito de passaros e criações.

—Espera, Manuel, espera, não levantes o chapéu . . .

E todos os circumstantes vendo o interesse do Bispo, no achado do seu servo, exclamavam como se houvessem descoberto a pedra philosophal:

—Um canario, ora esta, um canario!!

—Não tires o chapéu, Manuel.

—Não Sr., Sr. Bispo, mas não vá elle fugir, se agente lhe mecher . . .

—Não bulas, espera homem, espera . . . — e o Bispo, agachando-se, foi introduzindo a mão por baixo da aba larga do chapéu do seu servo.

—Aperte-o o Sr. Bispo bem, que elle anda aos saltos . . . elle foge, Sr. Bispo, elle foge.

—Não foge, homem, espera.

Toda a comitiva estava em redor de D. José, com olhares de lynce, para aquelle grande acontecimento.

O Bispo metteu então, de todo, subitamente, a mão para o interior da improvisada armadilha, apertando com força o primeiro objecto que alli encontrou.

Erguen-se, porém, logo dando um ai! e varejando para longe o chapéu.

Estava com um enorme onrigo bem fincado na palma da mão, proveniente d'uns castanheiros que se debruçavam por cima dos muros, n'aquelle sitio.

—Ooh!!!—exclamaram todos os padres, tratando logo de tirar da dextra de S. Ex.<sup>a</sup> aquelle doloroso objecto, em quanto o Bispo, fulto de colera, procurava na roda o Manuel de Jesus.

Alelu, n'uma volta da estrada, não viram mais do que o velhaco, correndo a bom correr e adejando-lhe as abas da comprida sobreca-saca, como se fossem as azas d'um morcego enorme.

Um frade já lhe tinha acutelado o chapéu, o Manuel de Jesus, n'aquelle dia, não appareceu mais perante seu amo, e o Bispo, de volta para a Horta, como viesse já então de bom humor, ria a bom rir, cada vez que se lembrava de semelhante incidente.

No dia seguinte fizeram-se as pazes.

Em o Bispo indo para o campo e o Manuel de Jesus ficando no convento, havia sempre extravagancia certa.

As freiras mereciam-lhe, n'este particular, maior consideração.

E, se não, apresentemos exemplos.

Uma vez tinha D. José Pegado ido em visita, á freguezia do Capello, aonde se demoraria dois dias e o Manuel de Jesus que não estava para caminhadas, deixou-se ficar, muito commodamente em São Francisco.

Foi espaiar um bocado, depois d'um bom jantar, ao meio dia e socegada sesta, dirigindo-se até ao convento das freiras de São João, de cujas portas a dentro, entre professoras, noviças, famulas e educandas, haveria então umas cem mulheres.

Um portão da cerca do convento estava aberto, tres carros com mantas de palha alli parados e uns camponeses, escoltados pelos familiares do serviço externo da casa, a conduzir a palha que as freiras haviam comprado, para uns telheiros no fim do mesmo cerco.

O Manuel de Jesus botou tambem ás costas uma manta, ajudando os camponeses na conducção do artigo vendido, repetiu duas ou tres vezes aquelle trabalho, descansou, andou pela cerca, tornou a conduzir outra carga, tornou a descansar e afinal desapareceu, sem se saber para aonde.

A's trindades, findo o trabalho, o mosteiro foi fechado, os serventuários retiraram-se e reinou em todo aquelle vasto edificio o mais profundo socego.

Houve as rezas da noite, a ceia, soon a hora de recolher e tudo sem incidente qualquer, como de costume.

Perto da meia noite, porem, rebentou uma grande balburdia em toda aquella santa casa, pois que de repente sentiram-se uns passos pesados, uns passos de homem, a correr loucamente pelos corredores, tocando uma forte campainha e, gritando a bom gritar: *Graças a Deus!.. cá temos um bode!*

Que levante e que indescriptivel scena!

A maioria das freiras ergueu-se espavorida, julgando ser chegada o juizo final, velhas entrevadas que de ha muito não iam sequer ao côro saltaram lepidas das camas, como se tocadas por uma moderna machina, electrica, algumas não se atreviam a abrir as portas das cellas e, fazendo promessas aos santos, barricavam-se contra o mysterioso inimigo com mezas, cadeiras e oratorios, outras deram-lhe flatos, em quanto as mais novas, em encantador desalinho de vestimenta, abriam negas das portas para espreitar para fora.

A madre abbadessa estava desorientada, attonita, as graves defnidoras petreficadas e á luz baça e amortecida das lampadas dos corredores, aquelle vulto de homem, demonio, ou o quer que era, sempre a badalar na campainha, a correr d'um para outro sitio e a gritar como um damnado: *Graças a Deus!.. cá temos um bode!*

Afinal no meio da confusão e barburinho causado por tão estranho acoutecimento, as raparigas, sempre mais destemidas, reconhece-



ram o vulto que lhes passava pela porta do dormitório e uma d'ellas exclamou, soltando uma grande risada:

—E' o Manoel de Jesus!

O riso foi então communicativo, a despeito da gente séria do convento, as noviças, educandas e algumas mães-famulas, faziam n'uma algazarra de metter medo, haviam gargalhadas que pareciam bolar abaixo o convento e a respeitavel abbadesa bem gritava que estivessem sociegadas, que isto era um escandalo, mas a mocidade irrequieta começou, já sem susto, n'uma especie de jogo dos quatro cantos, acompanhando o Manoel de Jesus nas suas correrias.

—E logo então, com o indecente animal com que elle se comparava! . . . — dizia limpando os oculos uma gorda deffinidora que já tinha recobrado a falla e que sempre gosara fama d'um baluarte de virtudes, d'um verdadeiro dragão de severidade.

A este tempo a madre abbadesa mandára apressadamente tocar á campá e dentro d'uma hora, vinha a alçada que a lei ordenava em semelhantes casos, retirar d'aquelle innocente aprisco, o lobo, embora amalucado, que furtivamente alli se introduzira.

Este caso deu muito que fallar, mas em fim como era com o criado do Sr. Bispo e demais a mais, sem maxima responsabilidade dos seus actos, *por ser uirvjo que tinha telha corrida*, como hoje se diz, não houve, nem podia haver, qualquer procedimento judicial.

Dizia-se até, *pela bocca pequena*, que D. José Pegado quasi que se finara de riso, quando lhe contaram tão estranha aventura.

Depois d'isto decorreu algum tempo, em perfeita calmaria, e estamos na vespera do Bispo, apoz de haver visitado todas as freguezias fayalenses, passar, qual peregrino, para a fronteira ilha do Pico.

No dia designado para a partida, o Manoel de Jesus appareceu, em meia manhã, na portaria do mosteiro da Gloria, seguido d'um enorme e ameaçador cão de fila, da temivel raça Terceirense, o qual D. José Pegado tambem trouxera consigo.

Bateu na *roda*, egual na forma a um berço empinado que alli existisse e logo a curiosa irmã porteira, applicando um dos seus gazeos olhos ao pequenino buraco do fundo da *roda*, disse para fóra:

—Ah! . . . ainda bem, Deus seja louvado, é o Sr. Manoel de Jesus, as Sur.<sup>as</sup> freiras e a Sur.<sup>a</sup> madre abbadesa, primeiro que todas, estavam mortinhas para saber noticias da saude de S. Ex.<sup>a</sup>, as quaes desde hontem ignoram . . . Como está o Sr. Bispo, coitadinho?

Ouvindo estas fallas, um grande numero de religiosas, que estavam no espaçoso aposento para aonde deita a *roda*, entretidas a fazer doce de marinelllos, nos quaes os pedaços nadavam em grandes alguidares de barro, meios cheios d'agua, largaram logo a sua tarefa, aproximando-se todas da *roda*, para saciar a represada curiosidade.

O Manoel de Jesus respondeu:

—O Sr. Bispo vaé passando sem maior novidade, de noite dão-

lhe ás vezes a modo d'uns flatos, aquillo certamente é hysterico, eu tambem padêço . . .

—Hysterico, paciencia! — acudiram algumas compadecidas religiosas — a gente bem reza, bem faz novenas pela saude de tão bom prelado . . .

—O Sr. Bispo sabe tudo isso e tem em grande estimação este convento, esta é que é a verdade, e tanto assim que me mandou agora aqui, com um recado para a Sr.<sup>a</sup> abbadessa, um favor que tem de lhe pedir.

A abbadessa que estava por detraz d'algumas ladinas noviças, afaston-as, immediatamente, para os lados e abrindo caminho até junto da *roda*, respondeu ao servo de S. Ex.<sup>a</sup>.

—Eu aqui estou, Sr. Manuel de Jesus, para cumprir as ordens do meu superior, diga vocemecê o que é.

—E' que o Sr. Bispo tem uma cadelinha, pequenina, branca e muito felpuda, que uma senhora lhe deu na Terceira, áquelle bicho o Sr. Bispo quer muito.

—Tudo isso são provas d'um bom coração.

—Sim senhora . . . ara o Sr. Bispo, como vae hoje passar o mar, não pode levar a cadelinha, coitadinha, e lembrou-se que as senhoras talvez não tivessem duvida de a ter consigo durante alguns dias, ella dá pouco incommodo, é muito acceitadinha . . .

—Pois não, Sr. Manuel de Jesus, diga vm. ao Sr. Bispo que com todo o gosto recebemos a sua . . . ella como se chama?

—Saltôna.

—A sua Saltôna e que será muito bem tratada. A cadelinha o que costuma comer, Sr. Manuel de Jesus?

—Toda a casta de ignarias, é de muito boa bocca.

—Ainda bem, ainda bem. Quando é que o Sr. Bispo a manda?

—Eu já a trazia comigo, aqui n'uma cestinha, para se as senhoras a quizessem . . .

—Coitadinha! . . . tire vm. o animal d'essa prisão, para que não se magôe, ou pouha vm., quanto ailes na *roda* a cesta . . .

—Sim senhoras . . . ellaahi vae.

E Manuel de Jesus agarrando valentemente no cão de fila que o acompanhava e que estivera deitado aos seus pés, mettia-o a rosnar dentro da *roda*, fazendo esta girar com velocidade.

O cão, espantado, apenas se viu no interior do convento e no meio de tanta gente, saltou da *roda* para o chão, entornando dois alguidares com as talladas de marmello e de pello irigado, raivoso, começou a ladrar horivelmente.

Foi uma debandada geral. D'esta vez ao inverso do que acontecera no convento de São João, novas e velhas todo fugio, esquecendo-se, porem, de fechar a porta de comunicação para os corredores, e o cão, completamente á solta, começou a vaguear por toda a casa,

farejando as portas das cellas em que sentia gente e indo parar a final na vasta cozinha, atassalhando os comestiveis que encontrou.

Como havia ser aquillo agora, que inquietação, que susto!

Quem é que com uma fera semelhante em casa se atreveria a abrir sequer uma grela da porta?

Felizmente muitas das janellas do convento deitavam para a rua publica e as pobres freiras, aterrorisadas, contavam a quem passava as tristes condições em que se achavam, perfeitamente encurraladas!

Alguem foi dar parte do que occorria ao Onvidor, juntou-se novamente a alçada necessaria para entrar n'uma clausura, vieram tambem alguns frades de São Francisco, já familiarisados com o cão do Sr. Bispo e conseguiram afinal levá-lo, por bons modos, até um pátio do seu convento, aonde foi acorrentado.

A esse tempo já o Manpel de Jesus, mais o seu amo, n'um barco todo embandeirado, iam a mais de meio canal, demandando com vento de leição a negra costa da ilha do Pico.

Só muitos dias depois é que constou ao Bispo aquella nefanda tropelia do seu domestico, a qual, ainda assim, passado o susto, não conseguiu fazer zangar as bondosas freiras, cujos presentes de biscoitos e doces lhe choviam, diariamente em casa, como o Maná no deserto, embora estivesse nas mais remotas povoações da extensa ilha que andava visitando.

Santa gente!

Ao terminar n'estes apontamentos as referencias que tivemos de fazer ao servo que acompanhava D. José Pegado, embora fosse humilde e meio parvo, ainda assim notamos, com certa admiração, que no Fayal estando, com o decorrer dos annos, quasi de todo esquecida a visita d'aquelle Prelado e rarissimas pessoas tendo d'aquelle facto qualquer reminiscencia, ao contrario d'isso as Picardias do Manuel de Jesus tem ainda de viver por muito tempo e que nunca se falla de semelhante Bispo, n'esta parte da sua diocese, sem que a conversa venha a descabir no servo, em que o povo achava muita pilheria.

As providencias ecclesiasticas adoptadas nas ilhas do Fayal e Pico pelo illustrado Bispo, a bem do augmento da religião, moralisação, prosperidade e melhor maneira de viver dos seus administrados, não se sabe hoje quaes fossem, pois que a inexoravel lima do tempo as foi cerceando, embora estas, como acredito, tivessem sido bem rijas; mas as facecias d'um jogral insignificante sobrenadaram á tona dos oitenta e dois annos já decorridos desde a sua estada n'esta ilha e promettem ainda durar por muito tempo.

Que tristes conclusões d'aqui não se podem tirar.

Durou alguns mezes a visita do Bispo ao Fayal e Pico, estando em todas as freguezias d'estas duas ilhas, descansadamente e como quem não tinha muitos desejos de sahir d'aqui e afinal a sua partida para Angra foi imponente, sendo escoltado, como nos contou um au-

ção testemunha occular d'esta scena, por muitas embarcações todas embandeiradas e nas quaes iam muitas das principaes pessoas do Fayal e Pico, tanto pertencentes ao estado ecclesiastico, como ao secular.

Não occorren, ao que parece, nenhum outro incidente que melindrasse o Bispo, por occasião de haver deixado esta ilha, na sua segunda visita á mesma, ou para melhor dizer na continuação da primeira, pois *que houve uma pequena interrupção em que D. José Pegado foi á Terceira, por causa de mudanças no pessoal administrativo d'aquella terra.*

No emtanto aqui considerou-se sempre, como uma unica visita a estado de D. José Pegado, no Fayal, embora tivesse havido essa temporaria ausencia, ao envez do que achamos escripto em diversas obras que tratam d'este assumpto.

Nas vespéras da sahida de D. José Pegado do Fayal e achando-se como anteriormente á sua ida do Pico, residindo no convento de São Francisco, procurou-o, n'uma manhã, Fr. Guilherme da Conceição e depois de alguns momentos de conversação, em que o Bispo agradecia ao edoso guardião a boa acolhida que no seu convento recebera, este lhe respondeu:

—Todos os filhos d'esta casa fizeram, é certo, quanto esteve ao seu alcance para se tornarem agradaveis a V. Ex.<sup>a</sup>, e não me peza a consciencia de haver faltado ao respeito, ou á consideração devida ao grande sacerdote, que nos deu a honra da sua companhia.

—Effectivamente, padre guardião, a recordação da minha estada n'este convento, ser-me-ha sempre muito aprasivel.

—E tambem a nós, Sr., V. Ex.<sup>a</sup> encheu-nos de beneficios e graças, louvado seja Deus!

—E alem d'isso, um tratamento esplendido, em, na verdade, não exigia tanto.

—Lá n'essa parte, perdõe-me V. Ex.<sup>a</sup>, mas não tem rasão, a despesa foi grande, com certesa, mas V. Ex.<sup>a</sup> estava no seu direito, podia gastar as suas rendas como muito bem quizesse...

—As minhas rendas não, padre guardião, dissei antes as vossas.

—Agora é que não percebo... a continha é elevada, isso é verdade, mas emfim, repito, V. Ex.<sup>a</sup> pode gastar o que é seu como bem lhe apronver.

—Mas que conta, padre?!

—A designação da despesa feita por V. Ex.<sup>a</sup> n'esta casa, isto é, só as despesas grossas, por quanto as miudas a Ordem entendeu não as apresentar a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, está tudo aqui Sr., orça por nas 2:500,000 reis, V. Ex.<sup>a</sup> pode examinar á sua vontade não haja alguma omissão, erro, ou engano.—E o Fr. Guilherme punha sobre a meza, junto da qual estava sentado o Bispo, umas poucas de folhas de papel, cheias de addições, que tirára do seio do habito.

—Mas então os padres querem dinheiro pela minha estada no convento ? !

—V. Ex.<sup>a</sup> está talvez admirado por causa da conta vir tão tarde, mas a Ordem não o quiz andar a importunar e como isto estava certo, reservou-se para o fim a sua apresentação.

Esta é nova ! . . eu então tenho de pagar tudo o que está ahí escripto ? . .

—Quem se atreveria a duvidar d'isso, Ex.<sup>mo</sup> Sr. ?

—Eu é que duvido ainda muito do procedimento do Sr. padre guardião, parecia-me outra qualidade de homem . . .

—Mas que fiz eu, Sr. ? ! . . V. Ex.<sup>a</sup> pode examinar as contas, está tudo com clareza, parece-me, lançadas por dias, com boa letra . . .

—Quaes dias, nem meios dias, eu não pago nada.

—V. Ex.<sup>a</sup> está-se divertindo com o misero guardião de uma ordem mendicante . . .

—Quem sou eu padre ?

—O nosso pae espiritual. Rev.<sup>mo</sup> Sr., e nm pae não quer, com certeza, a desgraça dos seus filhos, alem d'isto os mínguados rendimentos d'este mosteiro estão sujeitos á rigorosa inspecção do Sr. Provincial, que está a chegar a esta ilha e ao qual tenho de prestar restrictas contas dos nossos gastos, ora seria um caso estupendo, que nós que vivemos das esmolas dos fiéis, estivessemos a banquetear a V. Ex.<sup>a</sup> que ganha tanto, o que diria o nosso Provincial, o que diria o publico, o que diriam os pobres que soccorremos d'essas mesmas esmolas que nos dão ? . . nem pensar n'isso é bom.

—E' uma lição que o padre me quer dar ? — perguntou ainda, e irado, o Bispo, ao que Fr. Guilherme lhe respondeu, com a sua usual mansidão.

—Não Sr., é a simples lembrança do cumprimento d'un dever, é bem exacto aquelle ditado, não sirvas, a quem servir, nem peças a quem pedir . . . a ordem dos franciscanos está n'este ultimo caso.

—Bôa maneira de receber hospedes, não tem duvida !

—Fizemos o mais que podemos, meu Sr., já disse a V. Ex.<sup>a</sup> que, embora com grandes sacrificios, fechamos os olhos ás despesas miúdas . . . e assim mesmo sabe Deus a quanto avultam.

—Pois, meu padre, não lhe pago nem cinco reis.

—Como V. Ex.<sup>a</sup> entender, eu d'isso é que não tenho responsabilidade, reuno as dignidades da Ordem declara se a deliberação de V. Ex.<sup>a</sup> e o Sr. Provincial já saberá que fim levou o nosso dinheiro.

—Então, o padre quer-me fazer passar por um caloteiro ? ! . .

—Deus me livre de tal, declaro simplesmente que V. Ex.<sup>a</sup> não quiz pagar a despesa, nada mais.

—O padre o que é, é um grande espartalhão.

—E V. Ex.<sup>a</sup> um nobre Bispo, um fidalgo, um cavalheiro na maior extensão da palavra . . . a vinda de V. Ex.<sup>a</sup> a qualquer mosteiro

deve tornar-se n'um beneficio e não em pesado onus, e debaixo d'este ponto de vista, ousa ainda pedir a V. Ex.<sup>a</sup> que se lembre uma vez por outra de acendir com algumas esmolas que possam fazer face às nossas necessidades . . .

— Pois não ! . . . o que o padre quizer, é dizer . . . esta é nova ! . . .

— V. Ex.<sup>a</sup> manda mais alguma coisa ?

— Mais nada e . . . agradeço-lhe a visita — responden o Bispo sorrindo sardonicamente.

— Deus fique com V. Ex.<sup>a</sup>, a quem peço a sua veneranda benção.

— Mas, a respeito da conta, afinal em que ficamos ?

— No que V. Ex.<sup>a</sup> quizer, deixo esse negocio á sua sabia consciencia.

D. José Pegado passeava, agitadoamente, pela salla, até que parando de subito em frente do franzino franciscano, disse-lhe com voz aspera:

— O padre considera-se um homem honrado, não é assim ?

— Nunca duvidei d'isso, Ex.<sup>mo</sup> Snr.

— Pois saiba que ha muito quem não lhe fica atraz, e eu sou um d'elles . . . apresente essa conta ao meu secretario e diga-lhe que ordenei o seu pagamento.

Se elle não tiver todo o dinheiro, que procure da minha parte o meu amigo morgado Jorge da Cunha, com quem depois me entenderei.

— Obedeço, immediatamente, e beijo as mãos a V. Ex.<sup>a</sup>.

Em quanto o guardião se retirava D. José Pegado dizia, a meia voz, vendo samir-se no corredor aquella debil figura:

— Que snorio ! . . . Puzeram-lhe bem o alcunha de *padre Fastio*, não come, nem deixa comer os outros.

O guardião, a seu turno, tambem repella no mesmo tom:

— Isto foi mais difficil do que tirar uma alma do inferno, mas enfim, sahi victorioso. Cheguei cantando o *Miserere*, mas á sabida posso entoar um *Te Deum* !

Na noite que precedeu o embarque do Prelado, já a deshoras, ouviram-se algumas vozes lamentosas pelos corredores do convento, as quaes exclamavam: Quereinos ir para casa dos nossos donos !

Sahiram logo das suas cellas os frades mais graduados para indagar que novidade era essa e ainda conseguiram divisar nos vultos que se escondiam n'um ou outro sitio, mas não podendo averiguar, desde logo, quem fossem.

As vozes sahiam, porem, dos arredores d'uma despensa, que estava atnizada de bôa louça da India e d'outros valiosos artigos que tinham, na Horta, offerecido ao Sr. Bispo e que este ia levar consigo.

Constou, depois, que semelhante alarido havia sido feito por pilheria de alguns espartalhões leigos, como uma especie de satira ás preciosidades que, com mais ou menos vontade, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> tinha

tido labias de angariar das principaes casas foyalenses, para regalo proprio.

Houve, em todas as epochas, más linguas, é bem verdade.

O tempo, talvez, mais feliz, do muito accidentado governo de D. José Pegado, foi o que se demorou na então Villa da Horta, respeitado e querido por todos e vivendo consoante ás suas inclinações faustosas e sem esse acervo de intrigas que, em seguida, tanto lhe conturbaram o animo.

Desde que regressou para a séde do bispado, começaram, ou talvez para melhor dizer, continuou a sustentar as maiores desintelligencias e sérias questões com o cabido e parte da nobresa da terra, tanto assim que, para izentar-se de alguma sorte áquelle desagradavel modo de vida, a titulo de visita, foi para a ilha de São Miguel, isto no anno de 1811.

Alli, como na Terceira, foi-lhe a vida eivada de dissabores, por quanto a relaxação do clero, as scenas pouco edificantes que occorriam, tanto nos conventos de religiosos, como de freiras, o seu genio violento e por vezes falta de prudencia, tornaram-se em outros tantos elementos que lhe acarretaram um oceano de inquietações, a braços sempre com inimigos implacaveis e poderosos.

O governo da corte dava provimento ás accusações que dos Açores iam contra o Bispo e este desautorizado, sendo o alvo de grandes animosidades, traduzidas em insultos, falta de observancia ás suas determinações e n'uma serie de afrontosos pasquins, a que elle não era superior, não lhe davam um momento de socção.

Afinal uma questão com um frade franciscano, chamado Fr. José dos Anjos, adrede levantada por este para provocar e accender a ira de D. José Pegado, deu-lhe o ultimo golpe, atirando-o para o leito da morte, victimia d'um insulto apoplectico.

Este frade, mais tarde e por causa d'isto, foi degredado, conjuntamente com outros seus cúmplices.

O Bispo falleceu, em Ponta Delgada no convento dos Gracianos no dia 19 de Junho de 1812.

Não deixou bens de fortuna.

O seu testamento é um documento importante e mui digno de ser lido, patenteando claramente os seus principios d'este illustrado Prelado, os seus verdadeiros sentimentos religiosos, bem como o commovente amor e dedicacão que consagrava a sua mãe, então octogenaria, que deixava aos cuidados de alguns fieis amigos.

Amante das letras, legou a sua bibliotheca para o futuro seminario que já previa ter de ser creado na diocese.

Pondo de parte alguns defeitos, tues como grandes despesas no seu tratamento, orgulho da sua elevada posição e genio, por vezes, irascivel, mas assaz recto, ainda assim, D. José Pegado d'Azevedo, foi uma das mais notaveis authoridades ecclesiasticas que tem honrado os Açores.

res e os regulamentos, pastoraes, exhortações e outros documentos, firmados do seu punho e ainda hoje existentes, revelam muita sciencia a par de notaveis dotes de escriptor.

O mais fino ouro tem sempre alguma liga, sem que por esse facto venha a valer menos, nem o sol deixa de entornar a jorros benéfica luz, embora contenha em si algumas manchas.

A bondade absoluta não pertence á terra, nem o Bispo d'Angra, de que tratámos, merecia de sorte alguma a constante e fêra opposição com que abundosos inimigos envenenaram a sua permanencia n'estas ilhas.

Já todos, porém, dormem nos sepulchros, fim inevitavel das grandes, ou pequenas luctas, de triumphos ou derrotas, dos vencidos ou vencedores.

Deligenciámos obter a relação dos padres existentes no convento de São Francisco, por occasião da visita do Bispo D. José Pegado d'Azvedo.

Não nos foi isto possivel.

Ainda assim, n'essas pesquisas, encontrámos e conseguimos formular as relações de todos os frades e freiras, existentes na Horta no anno de 1832, extrahidas d'um curioso documento official, feito em observancia do §.º 13 do Decreto da Regencia de 26 de Novembro de 1830, o qual permaneceu por muitos annos em poder d'um particular, entre umas rrimas de papeis velhos, julgados completamente inúteis.

Apesar das ordens religiosas já então irem em evidente decadencia, ainda assim era avultado o numero dós seus filhos, como passamos a demonstrar.

## 1832

### CONVENTO DE SANTO ANTONIO

na Parochia da Matriz do Santissimo Salvador, da Villa da Horta, na ilha do Fayal

*Relação do pessoal do mesmo convento*

N.º	Nomes	Estado	Annos de idade	Profissão
1	Fr. Domingos de S. Francisco (1)	Religioso	42	Sacerdote
2	Fr. Antonio de St. <sup>a</sup> Clara	"	72	Leigo
3	Antonio Sebastião Corrêa (hospede)		53	
4	Francisco José		30	Criado

(1) Guardião.



1832

CONVENTO DO CARMO

na Parochia da Matriz do Santissimo Salvador da Villa  
da Horta. na ilha do Fayal

*Relação do pessoal do mesmo convento*

Numero	Nomes	Estado	Annos de idade	Profissão
1	Fr. Manuel do Canto (Prior)	Religioso	48	Sacerdote
2	Fr. João de Deus	"	58	"
3	Fr. Jacintho da Conceição	"	49	"
4	Fr. Manuel Peixoto	"	56	"
5	Fr. Serafino Candido	"	27	"
6	Fr. Manuel Estacio	"	29	"
7	Fr. João de Deus Amaral	"	28	"
8	Fr. João de St. <sup>o</sup> Elias	"	30	"
9	Fr. Antonio Victorino	"	51	Corista
10	Fr. José da Trindade	"	28	"
11	Fr. João de São José	"	24	"
12	Fr. João de S. <sup>ta</sup> Thereza	"	22	"
13	Fr. Manuel de S. <sup>ta</sup> Anna	"	67	Leigo
14	Fr. Agostinho do Coração de Jesus	"	54	"
15	Fr. Manuel d'Ascensão	"	33	"
16	João dos Santos (1)	Solteiro	50	
17	João Ignacio da Costa Brum (2)	"	20	

Resumo

Sacerdotes	8
Coristas	4
Leigos	3
Recolhidos por caridade	1
Hospedes	1

Total . . . . . 17

Frequentavam tambem diariamente o convento do Carmo :—José Fialho, casado, de 48 annos, cosinheiro d'aquelle casa e morador na rua de S.<sup>to</sup> Elias. bem como Jacintho José, casado, de 25 annos, criado, morador na rua do Carmo.

(1) Cego, recolhido por caridade. (2) Hospede.

1832

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

na Parochia da Matriz do Santissimo Salvador, na Villa da Horta, ilha do Fayal

*Relação da pessoal do mesmo convento*

Número	Nomes	Estado	Anos de idade	Profissão
1	Fr. Felisberto da Visitação (1)	Religioso	40	Sacerdote
2	Fr. Guilherme da Conceição (2)	"	80	"
3	Fr. Pedro d'Alcantara (Definidor)	"	50	"
4	Fr. Joaquim de Jesus Maria	"	70	"
5	Fr. Antonio d'Assumpção	"	60	"
6	Fr. Antonio de Padua	"	63	"
7	Fr. José do Amôr Divino	"	49	"
8	Fr. João Evangelista	"	38	"
9	Fr. Francisco de Jesus Maria	"	56	"
10	Fr. Manuel do Amôr Divino	"	49	"
11	Fr. Henrique da Purêsa	"	26	"
12	Fr. Manuel de São Francisco	"	70	"
13	Fr. Manuel da Visitação	"	30	"
14	Fr. José de Santa Barbara	"	30	"
15	Fr. Mathcus de Sant'Anna	"	50	Corista
16	Fr. Manuel d'Assumpção	"	28	"
17	Fr. José de Santa Thereza	"	26	"
18	Fr. João de Jesus	"	27	"
19	Fr. Thomaz do Coração de Maria	"	20	"
20	Fr. Vicente do Rosario	"	20	"
21	Fr. Antonio de Jesus	"	20	"
22	Fr. Manuel de São José	"	78	Leigo
23	Fr. Raymundo de St. <sup>a</sup> Catharina	"	50	"
24	Fr. Francisco de São Luiz	"	50	"
25	Fr. José da Sacra Familia	"	50	"
26	Fr. José das Dores	"	40	"
27	Fr. Antonio	"	18	Pupillo
28	Fr. Felisberto	"	14	"
29	Fr. Antonio	"	15	"
30	Fr. Antonio	"	12	"
31	José (3)	Solteiro	17	Estudante
32	José (4)	"	16	"
33	Manuel (5)	"	12	"
34	Francisco (6)	"	10	"

(1) Guardião. (2) Ex-guardião—Padre da Provincia. (3) Hospedeiro, natural de Pedro Miguel.  
(4) Idem da Ribeirinha. (5) Idem do São Mathcus do Pico. (6) Idem.

### Resumo

Sacerdotes . . . . .	14
Coristas . . . . .	7
Leigos . . . . .	5
Pupillos . . . . .	4
Hospedes . . . . .	4
<b>Total . . . . .</b>	<b>34</b>

Havia ainda o religioso Fr. Bartholomeu, de 53 annos de idade, então preso nas cadeias da Horta.

## 1832

### CASA DO ORATORIO

Este domicilio religioso era situado na rua de St.<sup>o</sup> Antonio, em frente d'uma parte do convento de São João, residindo alli, permanentemente, tres padres franciscanos, para accudir de prompto a qualquer necessidade espirital das reclusas do convento, á custa do qual eram sustentados.

Número	Nome	Estado	Annos de idade	Profissão
1	Fr. José da Vera Cruz (1)	Religioso	73	Sacerdote
2	Fr. João da Natividade (2)	"	73	"
3	Fr. Francisco da Columna (3)	"	34	"

(1) Vigario das freiras de S. João. (2) Confessor das ditas. (3) Capellão das ditas.

**1832**

**CONVENTO DA GLORIA**

na Paroquia da Matriz do Santissimo Salvador, na Villa  
da Horta, ilha do Fayal

*Relação do pessoal do mesmo convento*

Numero	Nomes	Estado	Anos de idade	Profissão
1	Aurelia Luiza (Abbadessa)	Religiosa	54	Professa
2	Prudencianna Balbina (Vigaria)	«	52	«
3	Isabel Narcisa (Immediata)	«	63	«
4	Rosa Claudia (Definidora)	«	56	«
5	Maria Eugenia (Definidora)	«	53	«
6	Bernarda Narcisa (Definidora)	«	58	«
7	Felicia Thomazia (Definidora)	«	52	«
8	Quiteria Ignacia	«	84	«
9	Anna Theodora	«	34	«
10	Marianna Isabel	«	53	«
11	Anna Felizarda	«	53	«
12	Marianna Thomasia	«	53	«
13	Maria Delfina	«	54	«
14	Luiza Marianna	«	54	«
15	Isabel Margarida	«	56	«
16	Maria Rita	«	56	«
17	Rosa Dometilla	«	61	«
18	Anna Cordola	«	48	«
19	Maria Filicianna	«	58	«
20	Maria Margarida	«	60	«
21	Jenovefa Dometilla	«	48	«
22	Gertrudes Candida	«	48	«
23	Joaquina Emerencianna	«	47	«
24	Maria Barbara	«	46	«
25	Maria Magdalena	«	45	«
26	Jeronyma Felicianna	«	48	«
27	Rita Libania	«	44	«
28	Maria Anrora	«	32	«
29	Maria Benedicta	«	35	«
30	Maria Carlota	«	46	«
31	Isabel Emelianna	«	45	«
32	Maria Crescencianna (Educanda)	Solteira	32	«
33	Rosalia Marianna (Educanda)	«	45	«

Numero	Nomes	Estado	Anos de idade	Profissão
34	Maria Margarida	Solteira	26	Educauda
35	Joanna Isabel	"	33	"
36	Joanna do Rosario	"	63	Famula
37	Francisca de St. <sup>a</sup> Antonio	"	54	"
38	Maria do Coração de Jesus	"	25	"
39	Maria do Espírito Santo	"	24	"
40	Quiteria da Gloria	"	20	"
41	Maria do Nascimento	"	22	"
42	Claudianna do Soccorro	"	20	"
43	Rosa do Amor Divino	"	20	"
44	Thereza da Soledade	"	61	"
45	Luiza de São Thomaz	"	22	"
46	Maria Jacob	"	20	"
47	Rosa de Santa Anna	"	63	"
48	Verdianna de São Jacintho	"	58	"
49	Eugenia do Carmo	"	56	"
50	Maria de Santa Roza	"	25	"
51	Catharina da Apresentação	"	65	"
52	Beatriz da Piedade	"	24	"
53	Anna de São Vicente	"	58	"
54	Maria do Rosario	"	44	"
55	Theresa de São José	"	85	"
56	Theresa d'Annunciação	"	76	"
57	Rosa de Jesus	"	63	"
58	Angelica do Carmo	"	45	"
59	Maria d'Annunciada	"	87	"
60	Marianna de St. <sup>a</sup> Rita	"	33	"
61	Isabel da Conceição	"	33	"
62	Maria da Encarnação	"	32	"
63	Roza Thomazia	"	49	"
64	Maria do Amor Divino	"	68	"
65	Francisca Homilianna	"	62	"
66	Theresa Ignacia	"	60	"

Número	Nomes	Estado	Anos de idade	Profissão
67	Maria de Nazareth	Solteira	64	Criada
68	Maria de Santa Anna	"	37	"
69	Maria da Conceição	"	33	"
70	Maria dos Anjos	"	18	"
71	Francisca Maria	"	22	"
72	Anna Perpetua	"	21	"
73	Anna de Santo Alberto	"	14	"
74	Josefa de Jesus	"	27	"
75	Luiza do Sacramento	"	24	"
76	Clementina de Jesus	"	26	"
77	Marianna da Gloria	"	22	"
78	Luiza Joaquina	"	54	"
79	Anna Luiza	"	67	"

### Resumo

Freiras professoras	31
Famulas	31
Criadas particulares	13
Educandas	4
<b>Total</b>	<b>79</b>

Era então capellão do convento da Gloria o Rever.º padre Pedro Lourenço da Rocha, de 54 annos de idade e morador na Travessa de São João.

Francisco Ferreira Drummond nos seus annaes da Ilha Terceira, da qual foi illustre filho, no tomo 3.º a pag. 189, tratando dos acontecimentos occorridos nos Açores, no anno de 1809, com relação à fuga de diversas freiras do convento da Gloria, na ilha do Fayal, escreve o seguinte:

«—Aconteceu neste anno aquelle estrondoso caso de egresso e rapto de cinco religiosas do convento da Gloria na ilha do Fayal, por sugestões de certas inglezes que em navios mercantes foram áquelle porta, levando quatro d'ellas a seu bordo, e deixando uma, que por ter quebrado uma perna, dizem, fôra achada em estado deploravel, e por caridade acompanhada mesmo alla noite, assim pelo commandante militar da ilha, como pelos confessores do proprio convento, onde ficou reclusa na cella em quanto viveu. Porem as outras infelizes levadas a diversos pontos lá foram deixadas nos braços do desamparo, e victimas da ultima miseria. Pelas devassas a que logo se procedeo, entendeu-se que haviam complices, mas assim estes como os raptos, não deixaram de encontrar protecção nos paizes que adoptaram como patria, em que vissem subtraídos ao justo castigo que mereceram.»

O nosso erudicto mestre e respeitavel amigo, o Sr. Antonio Lourenço da Silveira Macêdo, na sua «*Historia das quatro ilhas que formam o Districto da Horta*,» referindo-se tambem a este facto refere o seguinte no vol. 1.º a pag. 306:

«—Succedeu por este tempo um facto bem escandaloso na Villa da Horta, que muito penalizou os seus habitantes: foi este o rapto de cinco religiosas do convento da Gloria por uns inglezes d'um navio mercante, que tendo sabido de tarde, demorou-se velejando em frente da bahia, até anoitecer: tendo, porem, uma d'ellas a infelicidade de quebrar uma perna e não podendo por isso seguir foi pela manhã achada e recolhida ao convento passando o resto da sua vida reclusa na cella: as outras constou que casaram com os ditos inglezes.

Uma d'estas (soror Anna Luiza Emmerenciana) foi ter á Bahia e entrou para o convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, d'onde escreven as suas irmãs do Fayal, manifestando-lhes desejos de regressar ao seu convento, requereram estas ao Cabido a licença necessaria para esse fim, que lhe foi concedida em 19 d'Agosto de 1815: mas não se chegou a verificar a dita vinda. — »

Muito bem.

Pela leitura dos antecedentes trechos parece que devemos evocar sobre aquellas indomitas freiras, sobre aquellas ovelhas desgarradas, que, com o seu mau comportamento *escandalisaram e penalisaram* uma povoação inteira um raio vingador que as fulminasse de vez, a ellas, incorrigiveis peccadoras que vieram macular a honra do seu convento, para aonde, segundo podemos inferir, todas as esposas de Christo entravam com o sorriso dos eleitos nos labios, com brancas açuca-

nas na frente, com a alegria de quem da melhor vontade se desprende de todas as materialidades do século para, castas pombas, se abrigarem á sombra protectora dos claustros, passando a vida em preces e extasis dos quaes a nós, pobres profanos, não é dado avaliar o sabor de tão celeste ambrosia.

Quem será capaz de impugnar semelhantes verdades?

Eu, que respeito muito Drummond, como um trabalhador infatigavel e Macêdo como um cavalheiro, cuja vida tem sido sempre dedicada a proliadas lides litterarias, se ouso, n'estas simples *Notas*, sem a minima pertença de Historia, aventar algumas observações sobre o tal rapto das freiras é tão somente como um meio de illucidação, por quanto nós todos o que procuramos é a verdade e esta só pode surgir da discussão serena e desapassionada, como serenas e desapassionadas são as cinzas d'aquelles a quem estas reminiscencias vão encontrar nos sepulchros, por lhes dizerem respeito.

Em 1809 e ainda depois, toda a tendencia da gente rica da Horta era metter as filhas no convento e isto, somos obrigados a confessar, as mais das vezes independentemente da sua vontade e sem as consultar, por quanto servia este procedimento de não desfalecer com partilhas, ou alimentos, as abastadas casas então aqui existentes, bem como de se libertarem os pais da responsabilidade que sempre pertence a um chefe de familia, com relação ao destino das suas filhas.

As mulheres na familia, não era raro serem consideradas como um incommodo, davam-nas, pois, a Deus e as abbadessas que tomassem conta da sua conducta, se acaso podessem, o que nem sempre acontecia.

Temos, a este respeito, provas evidentes, as quaes circumstancias especiaes d'uma terra pequena, nos obrigam, por enquanto, a calar.

Ora a fuga das freiras do convento da Gloria, bem como de duas religiosas do convento de São João, não se effeitnou de uma vez, e conjunctamente, como parece deprehender-se dos excerptos que transcrevemos.

A sortida da primeira é facto que, apesar do seu tragico desenlace, abriu o caminho ás que se seguiram, mas medeiaram alguns mezes entre estas occorrencias, como já haviam medeiado alguns annos (não podemos averiguar quantos) em que a primeira fugitiva, uma freira professa do convento de São João, havia-se ausentado d'esta terra, com o boticario da Misericordia da Horta, M. do Paraizo, estabelecido proximo da igreja do mesmo nome, que foi mais tarde demolida e o qual morava na rua do Sacco, com uma sua irmã chamada Marianna do Paraizo, tendo ambos vindo do continente para o Fayal.

Este boticario foi o mestre de Francisco da Silva Ribeiro aqui muito conhecido e que deixou de si honrosa memoria.

As relações amorosas do Paraizo com a freira Marianna Clara,



não eram um segredo, toda a gente da Horta d'isto tinha ouvido falar, tornando-se com o andar do tempo um escândalo da especie d'aquelles que á força de muito conhecidos, já não interessam ninguém.

Nas cartas que o boticario escrevia á amante (duas das quaes ainda existem) a perspectiva de uma fuga para paiz estrangeiro, aonde podessem viver juntos, era o thema favorito.

Aquelle idéa foi amadurecendo e tornando-se mais vehemente.

Veio occasião de molde para satisfazerem semelhante empenho.

Uma vez, achando-se fundeada, na bahia da Horta, uma chalupa ingleza, aqui arribada para reparar avarias e que se destinava para as West-Indias, o boticario entendeu-se com o capitão d'aquelle pequeno navio, relativamente a receber a seu bordo dois passageiros e tendo a annuncia d'este avisou a amante, entrou pelo muro da cerca do interior do convento e diz-se até que com a annuncia da abbadesa, que fez a vista grossa, fugio a freira Marianna Clara, pois que o maior empenho dos dignatarios do convento era verem aquelle respeitavel recinto livre de uma sua irmã toda entregue ás profundidades da existencia.

No outro dia constou, na Horta, que havia fugido a freira do Paraizo, como aqui era conhecida e que este tambem não apparecia dizendo-se logo e confessando a propria irmã do boticario que tinham seguido, na antecedente noite, na chalupa ingleza, que então deixara inesperadamente este porto.

O caso, porem, não fez sensação a não ser mais tarde, pelo seu fatal desenlace, porquanto, tempos depois, soube-se no Fayal que o navio havia soffrido, no alto mar, grandes tempestades e que fôra a pique, perecendo parte dos seus tripulantes, bem como os dois fugitivos.

Os espiritos mais severos quizeram ver n'isto um castigo do Altissimo.

Mezes e annos foram decorrendo e este facto cahio gradualmente no esquecimento.

Ainda assim estas duas mortes, de gente conhecida n'esta ilha, foram o prologo de um drama que teve mais actos, alguns dos quaes assaz tragicos, outros verdadeiramente comicos.

Colleccionâmos em seguida o que a semelhante respeito conseguimos saber e terminaremos esta referencia dizendo que a freira do Paraizo, filha de Manuel Machado Sena, homem rico e de mans ligadas, entrara violentada para o convento e sob os peiores auspícios.

O pae decretara aquelle destino ás suas duas filhas Marianna e Bernarda, raparigas ainda; de boa educação e assaz formosas.

D. Bernada Sena rebelou-se abertamente, contra as determinações paternas, que lhe foram prescriptas em tom severo e authoritario e declarou a sua mãe que antes morreria, do que ir para o convento e

que tomassem sentido se ella, e o pae, não queriam ficar com uma morte ás costas.

A mãe, apesar de prestar pouca attenção a semelhante ameaça, sempre a communicou ao marido, o qual respondeu com sarcástico e ameaçador sorriso:

—Fica descansada, eu lhe direi se hade ir ou não, aqui está dinheiro, manda-lhe já fazer, mais à irmã, o habito de noviga e não quero mais reflexões: aqui quem manda sou eu. E a Marianna, sempre quero saber, de que opinião está?

—Calou-se e não proferio palavra, mas tambem, acredito que tem poucos desejos de ir para a Glória.

—Queria talvez casar com o boticario, um trapaga, vindo não sei d'onde e que ninguém sabe quem é. Isto não se acredita! Eu bem tenho dado pelo namoro, mas tenho andado calado, por que seria por pouco tempo, em todo o caso, vocemecê é que tem a culpa.

—Eu?!

—Era esbofetear-as rijamente que ellas entrariam no trilho, ou quando não eu me encarregarei d'isso. Mande fazer-lhe os habitos e não temos mais que fallar.

A consorte de Manuel Machado Sena, era uma verdadeira escrava do seu senhor, ao qual obedecia cegamente, como muitas das esposas d'aquelle tempo de bella e charnida educação antiga.

Foi preciso tomar as medidas dos habitos.

As duas irmãs prestaram-se áquelle cerimonia, caladas, automaticamente.

A costureira, emquanto na presença da dona da casa, lhes tomava as medidas, acompanhava tres criadas e uma velha escrava, africana, nos elogios á vida ditosa e descansada da clausura, bendizendo os paes que entregavam as filhas a Nosso Senhor, que havia, por este facto, encher de muitas prosperidades aquella religiosa familia.

—Olé!...

—Haja cuidado na feitura d'esse traje,—disse afinal, com dubio sorriso D. Bernarda, quero uma mortalla elegante e escusado será fazerem-me outra.

—Aujo do ceul—responden a costureira,—mesmo quem vae para aquellas casas já sabe como hade acabar, tem a sua sorte certa, sem perigo de lhe faltar confessor ou os sacramentos.

—Louvado seja o Senhor!—ponderaram, em coro, as criadas.

—E tu, Marianna, não dizes nada?—perguntou, à irmã, D. Bernarda.

—Que heile eu dizer, filha, se não que atraz do tempo, tempo vem...

Quando a esposa de Manuel Machado Sena lhe deu parte que os habitos estavam promptos, este, n'uma noite, á ceia, disse ás filhas

que no dia seguinte se levantassem ás trindades da manhã, pois que iriam para o convento, acompanhando-as até á portaria o irmão Manuel. Apesar do convento ser muito proximo da sua casa, ainda assim por decencia iriam de cadeirinha.

Com este filho Manuel, havia uma outra pendência.

O rapaz, primogénito e então de 23 annos, namorava uma menina, natural da Horta, virtuosa, de gente limpa, mas de poucos meios pecuniarios, casamento a que o pae se oppunha, formalmente, por querer que o filho casasse com uma prima rica, porquanto entrando as filhas para a clausura, ficava toda a riqueza na familia e constituiria talvez um morgado, sua maxima ambição.

Dois rapazes mais novos, que ainda tinha, havia mandal-os sentar praça, em elles chegando á idade.

Que exemplar familia, e havia tantas assim ! . .

N aquella noite as duas irmãs, como habitualmente, beijaram a mão ao pae e a mãe e retiraram-se cada uma para o seu quarto, sem proferir palavra.

Na manhã seguinte, Marianna, foi a primeira a levantar-se, indo ao aposento da irmãa ver se já estava de pé.

A porta estava fechada por dentro e apesar de ella bater ninguem lhe respondeu.

Bateu segunda e terceira vez, sempre com o mesmo resultado.

Estranhando aquelle facto foi dar parte á mãe do que occorria.

Veio toda a familia e o pae, depois de ter, de fóra, intimado asperamente, e em termos improprios, a filha, a que abrisse já a porta, como não obtivesse resposta, com dois punta-pés fez rebentar a fragil ferhadura d'aquella divisão do interior da casa.

D. Bernarda estava birta e estendida sobre a intacta cama, que lhe servia de coga, vestida de noviça e com um candieiro de metal accêso, ao lado, sobre uma pequena banca de cabeceira, aonde tambem se divisava um copo contendo os restos d'uma poção branca, bem como uma pequena colher de prata.

A sua physionomia estava serena, parecendo realçar aquelle profundo somno a distincta formosura que possuia.

As mãos, porem, é que pareciam feitas de cera e estavam frias de neve.

Todos os espectadores d'aquelle lugubre quadro permaneciam a tremer, aterrorisados e só o pae é que se atreveu a chegar-se ao pé do leito, apalpando a fronte da filha e examinando o resto do conteúdo do copo.

Afinal disse, com mal segura voz:

—Ora esta ! . . vocês querem ver que a pequena foi-me ao resalgar ? . . Diabo ! . . en havia tel-o fechado, era para os ratos . . . E' isso, foi-me ao resalgar, por querer vencer a sua teima injustificavel. Isto só no inferno ! . .

O filho Manuel fora já a toda a pressa chamar o medico Zeferino Gonçalves, então morador na rua do Mar, veio este e constatou a morte da rapariga, por effeito de haver ingerido uma valente doze de arsenico.

O caso, não obstante, foi abafado o mais que poudo ser dando-se-lhe outra côr, um ataque qualquer que deixara morta a infeliz D. Bernarda, isto a pedido do pae, para não deslustrar toda a familia e poder a defunta ser enterrada em sagrado, o que era de tudo o mais importante.

Ainda assim correram sinistros rumores a semelhante respeito, mas não houve indagação alguma por parte da justiça. Ninguém se queixava . . .

Passados os dias de nojo, pela morte da irmã, D. Marianna, entrou, não obstante o occorrido para o convento da Gloria, aonde permaneceu até á noite da sua fuga com o boticario.

Enquanto ao filho mais velho de Manuel Machado Sena, foram taes as desordens com o pae, por causa do casamento a que este o queria obrigar, que endoideceu, tornando-se em breve furioso.

Toda a gente da Horta, e não precisa ser muito velha, ainda se deve lembrar de n'uma torre de uma casa da Praça (actual Alameda da Gloria) existir uma janella, tapada com taboas, atravez da qual se ouviam os gritos d'um doido, semelhante ao uivar d'um animal selvagem.

Eram do filho de Manuel Machado Sena, que por morte dos paes ficou a cargo dos seus dois irmãos mais novos, Silverio Dias e Francisco de Paula, que alcançámos perfeitamente.

Em vista de tudo isto que grande criminosa não foi D. Marianna em fugir do convento a que tão boas e exemplares recordações ainda-vam ligadas ?

Afiçamos ao leitor que, no Fayal, não foi este um caso unico no seu genero, havendo muitos outros com identicos, ou muito aproximadas peripecias.

\* \* \*

Vem agora apêllo fallarmos do clandestino egresso do convento da Gloria das duas religiosas D. Roza Lima de Mello e D. Marianna Isabel Labath, que mais chamou a publica attenção, pelas excepcionaes circumstancias de que foi revestido.

D. Roza, a principal promotora d'este acontecimento, era uma das mais notaveis formosuras da Horta, filha de Lino José de Mello e de sua mulher D. Isabel Lima de Mello, residentes n'uma boa casa da rua d'Aréa, nas proximidades do Castello-Novo, na freguezia da Conceição.

Era gente abastada, vivendo dos seus rendimentos, a maior par-

te dos quaes constava de excellentes vinhedos da ilha do Pico.

Chegada D. Rosa á adolescencia começou o pae a demonstrar desejos de que ella entrasse para o mosteiro da Gloria, isto ainda que contra a vontade da filha que nutria profunda aversão para a clausura.

As instancias, porem, continuavam, o seu viver no domicilio paterno ia-se tornando um inferno constante, chamavam-lhe namoradeira e que com o sentido em casamentos é que não queria professar, promettendo o pae que venderia os seus haveres, para poder esbanjar o seu dinheiro antes de morrer, deixando-a uma mendiga, desobediente e atrevida.

A familia de Lino José visinhava-se muito com a dos Sequeiras, gente honrada e bemquista e era n'essa moradia que a pobre rapariga viaha desafogar as suas magoas, sendo alli recebida com verdadeira amizade, chegando o cheto d'aquella casa a estranhar ao seu amigo a violencia que queria praticar com aquella creança.

Baldadas, embora muito loavaveis, diligencias, Lino José do Mello conservava-se inflexivel no seu proposito, não attendendo a quaesquer considerações;—queria a filha freira a todo o transe.

D. Rosa, pois, para se livrar da misera vida que estava passando em casa do pae, mas com o firme proposito de não chegar a professar, recolheu-se ao convento da Gloria, como lhe era indicado aonde permaneceu durante mais de dois annos.

Da seriedade do seu caracter, jamais deu provas em contrario, sendo carinhosa e obediente para todas as freiras, respeitadora das anciãs e uma boa companheira para a gente nova alli existente.

O pae rariissimas vezes a ia visitar, só por alguma festa, não tinha tempo para isso, andava sempre atarefado na governação dos seus haveres.

A mãe, coitada, deplorava com lagrimas a infeliz sorte que destinavam á filha, mas ainda assim não se atrevia a contradizer o marido.

Esta subserviencia passiva das mulheres aos maridos que, n'aquella epocha, geralmente se notava na Horta, até mesmo quando se tratava de decidir da sorte dos filhos é um facto physiologico do qual não podemos com facilidade atinar com a causa, a não ser o producto de uma educação adestrada, desde a infancia, para semelhante fim.

O marido, no interior da familia, era omnipotente, governando completamente a seu talante os bens que herdara, ou grangeara, e os seres que lhe deviam a vida.

Podia cabidar a sua casa, é este ainda hoje o termo conservado pela gente do campo, como muito bem lhe aprobeasse, não tinha que dar contas a ninguém.

Final o severo pae entendeu que se prolongava demasiadamente o noviciado da rapariga, era tempo de acabar com tantas irresoluções e quanto antes melhor.

Preparou-se, pois, a solemne festa da profissão, espiandida e em relação aos abastados meios de Lino José de Mello.

Alguns amigos da família aconselhavam occultamente a D. Rosa que dissesse sempre que não queria professar, o que podia fazer mesmo no acto da cerimonia religiosa.

Chegou o dia designado, no convento ia grande asafama, toda a cleresia havia sido convidada para assistir á festa, em casa de Lino José estava-se preparando para depois da sahida dos assistentes, da egreja, um grande banquete e os sinos do mosteiro atroavam os ares com os seus repetidos repiques.

Era um dia de muito jubilo na terra e . . . no cen.

Antes de começarem os actos religiosos e quando já a egreja da Gloria estava apinhada de povo e os padres revestindo-se na sacristia, no côro de cima do templo, todo gradeado e d'onde as freiras costumavam presenciar as suas solemnidades religiosas, assumou contra as grades a airosa figura de D. Rosa de Lima, dizendo para o povo em voz alta e intelligivel.

—Saibam todos que eu não quero professar, obrigam me a isso!...

Houve um estranho borborinho na egreja, as mulheres, sentadas no chão lageado do templo, levantaram-se para poder ver melhor a rapariga, todos tinham os olhos n'aquellas grades, os padres, da porta da sacristia, vieram espreitar o que occorria, os homens fallavam em voz mais ou menos alta.

Um escandalo enfim !

Lino José de Mello, a este tempo, estava na capella môr, sentado n'uma das cadeiras que alli haviam mandado pôr, para os convidados e pessoas de maior consideração, vestido de casaca e collete de seda da India, calção e meias de seda, sapatos de fivellas de prata, reluzente espadim e sustendo debaixo do braço um chapéo armado.

Ergueu-se tambem, com o rosto enfiado e desnaturado pae, em vista do estranho procedimento da filha e descendo pelo carreiro aberto, para passagem, do meio da egreja, disse á filha que pedisse licença á Sr.<sup>a</sup> Abbadessa para chegar ao parlatorio a fallar com elle e sahindo para o exterior do templo, costou o adjuncto convento, entrou na portaria toda enramada com verduras e flores e d'alli subio até ao segundo andar.

A filha, pallida, nervosa e sustendo-se a custo contra as grades do parlatorio, já alli guardava o pae.

Lino José de Mello fechou a porta da entrada e disse-lhe apenas estas palavras, desembainhando o espadim, agudo e relusente, como um punhal:

—Tu não professas, estás no teu direito, mas eu juro-te por estes cabellos brancos que tenho, que hoje mesmo vaes para casa, que te enterro no peito este ferro e que me suicido depois. A sorte está lançada, a vergonha será apenas de poucas horas. Eu te amaldiço-o !

—Professo ! . . . — exclamou aterrorisada a rapariga, mas tambem juro a meu pae que será por pouco tempo.

—Faz como quizeres.

Voltaram para os seus respectivos logares.

D. Rosa prestou, no decurso da liturgia da egreja o indispensavel juramento e a cerimonia correu sem mais incidente algum notavel.

Conformara-se, ao que parecia, á sua sorte.

Alguns mezes depois fundeava na bahia da Horta um navio de guerra inglez, uma corvêta, sendo aqui uso estabelecido de quasi todos os estrangeiros que aportavam ao Fayal, irem visitar as freiras, aos parlatorios dos conventos, o que era muito do agrado das boas religiosas, para quebrar a monotonia da clausura e as quaes regalavam com muitos doces e delicadas merendas os fatigados nautas.

A corvêta demorou-se aqui alguns dias e o seu commandante um formoso e esbello rapaz era assíduo, todos os dias, no parlatorio da Gloria, em quanto outros officiaes iam até São João.

A peregrina formosura de D. Rosa não lhe passou despercebida e com ella conversava até muito o commandante da corvêta em francez, idioma que ambos conheciam.

Quem sabe o que diziam e combinavam !

O parlatorio tinha duas grades de ferro, assaz espaçadas entre si, e ao lado, na parede, uma pequena *roda*, pela qual, quando não era por uma pasinha, atravez das grades, as freiras passavam aos seus visitantes arrobas de assucar, convertido em magnificos confeitos e outras golodices.

Numa d'essas vezes, n'um pires de cristal, com guardanapo de fino panno de linho, todo franjado, D. Rosa offereceu ao commandante alguns docinhos, alli, á vista das outras freiras, mas quando o pires voltou para o interior do convento, levava entre o guardanapo e o fundo do mesmo, uma pequena lima de aço fino.

Nem as *escutas*, ou delinidoras, deram por semelhante tramaioa.

A corvêta ingleza continuava a demorar-se fundeada, na bahia da Horta, apesar de já ha alguns dias ter abordo toda a aguada e refrescos de que carecia.

Uma das companheiras de convento de D. Rosa de Lima era a freira, aproximadamente da mesma idade, D. Marianna Isabel Labadi, pertencente a uma illustre familia d'esta ilha.

Ignoramos as peripecias que se haviam dado, por occasião da sua entrada para o convento, se fôra com violencia ou por sua livre vontade, mas o facto é que elle muito desejava vêr-se d'aquella casa para fóra.

Pela afinidade de sentimentos ligou-se, na clausura, em estreita amizade com a filha de Lino José de Mello.

Eram quasi inseparáveis e conversavam horas inteiras, fechadas, ora na cella de uma, ora na cella da outra.

Uma das cazas do convento da Gloria estende-se, como é sabido dos conhecedores d'esta localidade, em metade do comprimento da Travessa da Carrasca, aonde não ha habitações e defrontando sómente com alguns muros.

É um sitio bastante eszenzo, de noite, tanto mais na epocha a que nos referimos, á mingoa de iluminação e alem d'isto estreito e tenebroso.

A cella de D. Rosa de Lima, gradeada de ferro, deitava para essa Travessa, sendo a segunda janella acontar do lado da rua do Meio para a antiga rua da Misericordia.

N'uma noite serena e escura, em que as estreilas fulgiam vivamente no fundo firmamento, havendo já soado meia noite, alguns marinheiros da corveta, acompanhados pelo seu commandante, acercaram-se do convento da Gloria, pela travessa da Carrasca.

Aguardava-os alguém, com certeza, por quanto, immediatamente, a janella da cella de D. Rosa de Lima foi levantada, com cautella, e, reconhecidos quem eram aquelles individuos, sentio-se o tenido dos ferros da grade, correndo alguns dos varões nos aneis que se sustinham e ficando a abertura necessaria para dar passagem a um corpo de mulher.

Feito isto uma voz feminina disse da janella, para os do caminho, em francez:

—Está prompto!

Os marinheiros inglezes desdobraram, então, por debaixo da janella da cella um bocado de lona, que haviam trazido de bordo, aguentando-a valentemente, á altura do peito e o commandante que presidia, com a maxima cautella aquelles preparativos, disse para cima, na mesma lingoagem:

—Agora!

D. Rosa de Lima baldeou-se, é esta a expressão propria, da janella da cella, que terá uns sete metros d'altura, para o caminho. O chô que foi grande para os marjos que sustinham com força o panno e a fugitiva, sem, felizmente, se haver magoado e só algum tanto estonteada pela queda, poz-se immediatamente em pé, na calçada e dando o braço ao official inglez, seguiu na direcção da rua do Meio.

Os marinheiros esperavam seguramente, uma segunda fugitiva, pois esticaram de novo a lona, retomando a antecedente posição.

Uma outra freira assumou á janella, era D. Marianna Isabel Labath, debrriçou-se para o caminho, esteve prestes a atirar-se, como a sua companheira, mas vacillou e com voz tremula disse algumas palavras para quem a aguardava, das quaes os marinheiros nada entenderam por ser em portuguez, e retirou-se para dentro.

Vinha a ser o caso que D. Marianna tivera medo de dar um tão



arriscado salto, dizendo que esperassem, pois ia fazer dos lençóis da cama da sua amiga uma corda pela qual se deixaria escorregar.

Tudo isto, porém, levou tempo.

D. Rosa de Lima e o commandante da corvêta, receiosos de algum importante encontro com gente da terra, iam seguindo sempre na direcção do sítio da Boa Viagem, junto do mar, em quanto que a Labath, no interior da cella, às escuras, engendrava um apparelho para descer.

Demorou-se, evidentemente, n'aquelles arranjos, os marinheiros que não a viram apparecer, sentiram ao longe passos e temendo ser descobertos, bem como julgando que a freira desistira do seu intento, botaram a correr ao encalço do commandante.

Não havia tempo a perder, o escaler de bordo aguardava-os no mar, em frente da ermida da Boa Viagem e approximando-se do areal, recebo-os apressadamente.

No escaler, á pópa já se achava, de pé, o commandante, tendo junto de si, sentada no leito da ligeira embarcação a fugitiva.

Vogaram logo, á força de remos, para a corvêta, cujos pharoes se divisavam a meio da bahia.

No convento, D. Marianna Isabel Labath, julgando que os marinheiros ainda a esperavam, firmes no seu posto, com dois lençóis amarrados, engendrara afinal uma corda, amarrando uma das extremidades do mesmos a um varão da janella, deixando-se em seguida escorregar para o caminho.

A menos de meia altura, porém, da descida, o nó que ligava os dois lençóis desamarrrou-se e a freira cahiu, felizmente sobre a grossa herva que crescia contra as paredes do mosteiro, magoando-se ainda assim, achando a travessa da Carrasca completamente deserta e sem saber o que fizesse de si.

O baque que soffrera não a impedia, por enquanto, de andar e sabendo que o sítio ajustado para o embarque era na Boa Viagem, para alli se dirigio, na esperança de encontrar a sua companheira, descendo consequentemente a mencionada Carrasca, atravessando parte da rua do Meio, travessa da Boa Viagem e o largo areal, até á beira do mar.

Se tivesse uma perna quebrada, como depois se inventou, era isto impossivel, até mesmo arrastando-se pelo chão, por não ser, d'essas circumstancias insignificante semelhante distancia.

Quando, offegante e angustiada, chegou á beira d'agua, apenas conseguiu encherger a distancia o vulto de uma embarcação que se afastava e gritou por soccorro, mas sem resultado algum, pois era já impossivel ouvirem-na.

Não se divisava uma unica luz em toda a extensa cortina de casarias que, na Horta, defrontam com a bahia e o longo areal tinha

uma solidão de sepulcro e somente algumas nocturnas aves marítimas soltavam a espaços, nus lamentosos pios.

Achava-se perdida, abandonada!

A pobre D. Marianna, sem saber o que fizesse de si, chorava amargamente a sua negra sorte e lembrava-se de voltar para o convento, mas como? os lençãos haviam rebentado e só o primeiro a altura que não se podia chegar, estava, como uma flâmula, a ajeitar ao vento, preso nos fragmentos das grades, lembrou-se também, apesar de ser uma grande vergonha, de ir bater ao portão da sua família, mas n'essa epocha do anno estavam nas vindimas da ilha do Pico e a casa sem ninguém.

Tranzida de susto e lavada em lagrimas a infeliz senhora foi abrigar-se debaixo das arcadas do mercado, a breve distancia da ermida da Boa Viagem.

Felizmente no tempo que decorria as noites eram ainda breves e alguém com certeza alli a viria encontrar, dentro em poucas horas, e prestar-lhe talvez o necessario soccorro n'aquelle afflictivo transe.

Assim acontecen.

No canto da Boa Viagem, defronte da casa do abastado proprietario Antonio d'Oliveira Pereira, morava então um sujeito chamado Francisco do Couto, escrevente de cartorios, o qual tinha tres filhas muito garridas e alegres, sendo elle, por habito, um grande madrugador.

Francisco do Couto sahindo n'aquella madrugada de casa, ainda alpartido, foi até ao proximo portão da Boa Viagem olhar para o mar, ver se havia chegado algum navio, ou se os *Terraços*, já tinham vindo do mar, com o usual abastecimento de peixe para a povoação.

Nem uma coisa nem outra, o que elle sentia era uma brisa esper-ta e fria que lhe mordida o nariz e as mãos.

Abrigou-se a tossir debaixo das arcadas do mercado, ouvindo então, sabida d'um canto do mesmo uma voz feminina, dando gemidos e ais. A meia claridade do dia não deixou perceber, desde logo, o quer que fosse.

Aproximou-se, pois, da outra extremidade das arcadas e com grande espanto seu encontrou uma freira estendida por terra e com a cabeça enroscada á parede.

Entraram em explicações e D. Marianna contou-lhe minuciosamente tudo o que havia acontecido, pedindo-lhe de mãos postas o seu auxilio em tão desgraçada conjunctura.

O Francisco do Couto era afinal um bom homem, ouvindo a narrativa da freira e todas as peripecias d'aquella aventura, umas vezes dava-lhe vontade de rir, outras de chorar, mas lembrava-se que tinha filhas e que ninguém sabia para que estavam guardadas, podendo as mesmas também alguma vez vir a carecer de estranho auxilio, ou de caridosa commiserção das suas faltas, embora por gente alheia.

—Ora vamos com Deus — disse elle — não esteja a Sr.<sup>a</sup> D. Marianna Labath para ali a chorar, como uma Magdalena, mulheres sempre fazem tolices, mas enfim o que não tem remedio, remediado está. Venha d'ahi, que vou recolhê-la em minha casa . . .

—Deus lhe pague, Sr. Francisco do Couto, eu sou muito infeliz, muito, mas desinquietaram-me . . .

—Sim, sim, sim, vm.<sup>as</sup> todas fazem o que podem, agora, porem, não se trata d'isso e vamos até á minha casa, são d'aqui dois passos...

—Que vergonha, meu Deus, que vergonha !

—O que eu tenho de portas a dentro é tudo gado fêmeo, venha a Sr.<sup>a</sup> d'ahi . . .

—Mas é que eu custa-me muito a andar, Sr. Francisco do Couto, pisei-me esta noite n'um pé e agora é que são dores . . . ih, Jesus!

—Essa agora é que é peor, eu não posso com a Sr.<sup>a</sup> ás costas, nem ao collo, já estou velho para essas africanadas, veja a Sr.<sup>a</sup> se se aguenta . . .

—Valha-me Deus ! . . que dôr ! . . não posso . . .

Providencialmente appareceram então dois pescadores, trazendo para o mercado, atravessado n'um pau, um grande cesto de chicharros.

O Francisco do Couto gritou-lhes :

—Pshin ! . . ó rapazes, ajudem-me vocês aqui.

Os dois *Terraços*, largaram o cesto, contra o muro e approximaram-se, ficando pasmados de encontrar uma freira, áquella hora e naquelle sitio.

—A' largato . . . *olhora* ! . . uma freirinha ! ! .

—Peguem-lhe vocês n'esse braço, que eu aguento n'este e vamos a andar para diante . . .

—E se nos vierem *roibar* os chicharros ?

O segundo *Terraço* accndio logo :

—O' excommungado ! . . má raios te partam ! . . *sugiga* já a freirinha, que este senhor paga tudo, alqueires de patacaria que fosse. O' Sr. Francisquinho, como é que esta freirinha de Nosso Senhor veio ter aqui ? . . *sugiga*, beiti, largato ! . .

—Não são contas do rosario de vocês. Vamos para diante.

Chegados á porta da moradia do Francisco do Couto, deu-lhes este alguns trocos de cobre, para beberem de agua-ardente.

—Seja tudo em louvor do Senhor Espirito Santo, quando o Sr. Francisquinho quizer que a gente acarrete mais freirinhas é dizer, a gente está promptos, é perguntar pelo Cabecinha de Pau e o Casola, que somos nós, ou se a gente estiver no mar pelo Malcasado, o tio Governo, o Doutor, o Corta, o Garalha, o Botta abaixo, o Baleca, o Papagaio, o Garapau, o Cheira-vintem, o Troca-patacas, o Gaiato, o Cabaça, o Fundão, o Galinha, ou o Cana-Cana, que todos são da nossa companhia.

—Vão vocês com o diabo ! . .

—Sim Sr., Sr. Francisquinho, seja tudo pelo amor de Deus.

Apenas chegada á hospitaleira moradia, Francisco do Couto entregou a freira ás filhas, indo dar parte do occorrido ao ouvidor ecclesiastico Francisco Xavier da Silva, cavalleiro de reconhecida prudencia e illustração, que mellor do que elle se saberia tirar d'aquelle negocio ou de qualquer mais difficil bico d'obra.

O ouvidor ouviu pacientemente o narrador, sem o minimo agastamento, dizendo-lhe afinal:

—Eu vou já a sua casa, Sr. Francisco do Couto, vá adiante, não se demore e de passagem toque na porta do cirurgião Zepherino Gonçalves, será conveniente que elle tambem por lá appareça, pois é um homem experimentado e de bom conselho. Em todo o caso o menor barulho possível, n'essa grande embrolhada.

D'ahi a pouco mais de meia hora estava o ouvidor, o medico e o dono da casa, onde se refugiava D. Marianna, todos reunidos na pequena sala d'este ultimo, conferenciando sobre o destino que deviam dar á freira.

—Sou de opinião que deve voltar immediatamente para o convento,—dizia o Ouvidor.

—Isso com certeza,—acudiu o medico—o peor, porem, é que vai desde logo para o carcere e com um processo ás costas.

—O caso é serio, lá isso é,—acrescentava o Francisco do Couto.

—E como a acha, o doutor, de saúde, resentio-se muito da queda?

—Eu já a examinei, Sr. Ouvidor, e tirando a alteração produzida por uma noite mal passada, a pisadura do pé, não vale nada, está apenas delorido, devendo ficar em breve boa e capaz d'outra.

—A pobre da freira ter de ir para o carcere é que é triste.

—Mas que quer o Sr. Francisco do Couto, não lhe vejo outro remedio . . .

—Perdão,—retorquiu o Ouvidor—o nosso doutor é que podia evitar isso.

—Eu ? ! . . mas como assim, não governo no convento.

—Bem sei, mas se fingisse que a D. Marianna tinha uma doença séria, ou que lhe havia acontecido um grave accidente, em lugar de baixar ao carcere, já ella ficaria tratando-se na sua cella, o Sr. iria visitá-la uma vez por outra, como facultativo do convento e enquanto durasse essa doença, que aliás poderia ser longa, o caso iria arrefecendo e depois veríamos . . .

—Bem lembrado,—acudiu o dono da casa.

—Estes diabos d'estas freiras são a minha inquietação,—retorquiu o medico—tem-me feito mentir mais vezes na minha vida, do que cabellos tenho na cabeça, vejam esta agora ! . .

—Ora, que lhe ha de o dr. fazer,

—Seria uma deshumanidade mandar a freira para o carcere . . .

—O Sr. Ouvidor gosta muito de passar culpas, por isso ellas fazem o que fazem, mas enfim, pela consideração que me merece, vá lá mais esta embrulhada, attestarei o que quizerem, a D. Marianna que se aprompte emquanto é manbásinha, para ir para o convento, pois que mais tarde juntar-se-hia gente. Estas freiras, estas freiras são os meus peccados.

—O dr. —acrescentou o Ouvidor: é um grande *ralhão*, mas afinal de contas um coração d'ouro.

E' que vocemecês, passada a refrega, voltam socegados para sua casa e eu é que aturo as massadas... Em ellas me vendo no convento não ha tolice que não escogiem, uma diz que sente frio, outra calor, uma que anda a espirrar, outra a tossir, é um inferno, um nunca acabar.

Ainda assim, Francisco do Couto foi chamar uns cadeireiros, que foram logo buscar, mesmo sem licença, como era uso, uma cadeirinha, forrada de sêda da India, que estava sempre detraz da porta da rua do Sr. Antonio d'Oliveira Pereira e entrando para a mesma a fugitiva, escoltada pelos seus tres generosos protectores foi bater à portaria do convento da Gloria, entrando escuteiramente e recolhendo-se logo á sua cella, por dizer o medico, haver fracturado uma perna e achar-se perigosamente enferma.

O caso deu muito que fallar, em toda a ilha, sendo aberta a semelhante respeito uma devassa.

Havia então n'aquelle convento uma santa creatura, tambem freira professa e chamada D. Maria Aurora, pertencente á familia Rocha, da Horta.

Esta respeitavel senhora, movida por verdadeiros sentimentos de commiserção e acreditando, com toda a sinceridade, na doença da sua companheira D. Marianna Isabel Labath pedio e instou, apesar das recusas da supposta enferma, para ir pernoitar na cella da mesma, velando-a dia e noite, emquanto durasse a sua molestia.

Em breve, porem, habitando juntas, reconheceram o embuste da tal fractura da perna, e, redobrando ainda assim, de carinhos para a sua irmã de clausura, era quem a acompanhava alta noite a tomar ar e dar alguns passos na cerca e no cemiterio, por quanto D. Marianna, durante o dia, conservava-se deitada sobre a cama, recebendo amiudadas e curiosas visitas do numeroso pessoal d'aquelle casa.

Na noite seguinte á da fugida das duas freiras, alguns rapazes da Horta, foram, em segredo, ao areal junto do Castello-Novo, aonde os *Terraços* varam as suas lanchas de pesca, buscar uma d'aquellas embarcações, que trouxeram á força de braços até ao portão do mosteiro da Gloria, deixando-a alli bem espediada e direita, de remos armados e com uma bandeira ingleza hasteada na pópa.

Toda a gente, de manhã, rio-se muito d'aquelle espectáculo, não

havendo tambem freira alguma que, atravez das grades, não viesse ver a *brincadeira*, umas zangando-se, outras levando o cazo de chacota, e os pobres *Terraços*, a praguejar, que nem damnados, tiveram de vir buscar ás costas, a sua lanchar, para sahir ao mar.

Appareceram tambem, pelas esquinas, alguns pasquins em verso, com pinturas eroticas e d'uma nudez revoltante, pondo as freiras todas pelas ruas da amargura, mas isto só provocou hilariedade e debalde procuramos o motivo por que, semelhantes factos, segundo o dizer d'um circumspecto historiador, *muito penalisaram* os habitantes da Horta.

Estamos até persuadidos que, n'esta povoação, todas as familias, tanto na noite da fuga, como nos dias subsequentes, almoçaram, jantaram e celaram como habitualmente, e, em quanto aos roubadores das freiras, se accaso ainda hoje vissemos, attendendo aos precedentes da entrada de muitas para os conventos, não seria mal cabido ir-lhes concedendo alguns premios de virtude, o de Montoyon, por exemplo.

Aquillo tudo foi mais por piedade, do que por lebidinoso amor, viam algumas d'aquellas infelizes raparigas enclausuradas contra a sua vontade e, santos homens!, tentavam dar-lhes a apeteçida liberdade, rompendo os varaes da gaiola afim d'essas avesinhas, de sonôro canto e fina plumagem, poderem ir correr terras e ver mundo.

Santos homens, repetimos, apesar de pertencerem a uma religião diversa da nossa.

São maneiras de pensar.

Apesar da devassa, da publicidade do facto, dos pasquins, do escandalo em fim, D. Marianna Isabel Labath, não permaneceu uma unica hora que fosse no carcere do convento. O curativo da perna fracturada, dizia o medico Zepherino Gonçalves, era rebelde a todo o tratamento e tinha de durar muitos e muitos mezes. se accazo elle não se visse alguma vez obrigado a serrar a mesma, como se serra um ramo d'uma possante arvore.

Quando o velho medico dizia isto, era um dia de lagrimas no convento, todas as freiras se condoiam da enferma, não havendo, honra lhes seja, carinhos que não lhe fossem prodigalizados.

Passaram mezes e annos e afinal D. Marianna andava livremente por todo o convento.

Grandes foram os extremos de amizade que, desde aquella desgraçada noite da fuga recebera de D. Maria Aurora e tanto assim que tornando-se na clausura duas inseparaveis amigas, quando foram extinctos os conventos viveram tambem, sempre juntas no seculo.

Foi na rua do Mar, n'uma casa proxima da Boa Viagem que ainda na nossa infancia, viemos a conhecer estas duas senhoras, prestacionadas então pelo Estado.

D. Maria Aurora Rocha morreu, etica, com 75 annos de idade no dia 14 de Junho de 1865, cercada do respeito e consideração de-

vidas a uma dama de elevadissimas e incontestaveis virtudes e a pobre D. Mariana, anteriormente, a 11 de Abril de 1862 havendo, porem, cahido, nos seus ultimos annos n'uma monomania religiosa, com intermittencias de completa alienação mental. Tinha 83 annos.

D. Rosa de Lima essa foi, relativamente, feliz.

Tendo havido por occasião do seu rapto queixas das authoridades locais, ao general, residente em Angra, este dirigio-se officialmente ao governo da metropole, denunciando-se o facto, d'um official da marinha de guerra d'aquella nação ser o author e andar envolvido em tão improprias aventuras, n'estas verdadeiras tropelias.

O governo inglez deu attenção a semelhante reclamação, correndo em Londres um processo a esse respeito, do qual resultou o commandante da corveia soffrer, por castigo, uma estação de dois annos no Mediterraneo, isto é, n'uma das mais agradaveis paragens do mundo para semelhante fim.

Constou depois n'esta ilha, como é muito natural, que D. Rosa de Lima passou tambem dois annos na Italia e nos diversos portos aonde permanecia o navio do seu amante e raptor.

Expiada a culpa e quando voltou á patria, desposou solemnemente e de seu motu proprio aquelle official da marinha britannica a sua amante, estabelecendo-se em Londres, com grandesa e fausto.

O marido de D. Rosa de Lima chegou ao elevado posto de almirante, morrendo em avançada idade.

Ainda recentemente existia na Inglaterra esta senhora, já então viuva e com uma filha, indo d'esta ilha visitar-a o seu sobrinho Francisco Antonio da Silveira, pharmaceutico.

Falleceu, depois, tambem assaz edosa.

Teria sido, accaso, mais feliz no convento? — não o acreditam is.

\* \* \*

Com relação ao rapto de mais duas freiras, ainda do mesmo convento da Gloria, soror D. Anna Luiza Emmerenciana e soror D. Branca de la Cerda, filha d'uma distincta familia fayalense e irmã do notavel poeta, João Pereira de la Cerda, muito pouco se sabe, constando que fugiram, nocturnamente, com uns capitães de navios mercantes, *tambem inglezes* e pelo postigo d'um portão lateral do convento, que ainda hoje existe, na Travessa da Gloria.

O pouco que podemos averiguar, com alguns visos de verdade, é que estas duas religiosas fugiram com o capitão e piloto d'uma barca estrangeira, ignora-se a nacionalidade, que a esta ilha havia arribado e aonde, por causa de grossas avarias que soffrera no alto mar, se demorou alguns mezes.

Descendentes de John Bull, o que não nos parece natural, pela constante repetição do facto, carregam ainda, aos olhos de muita gente, com a gloria de mais esta aventura.

Pois já não havia mais nações na terra?

D. Anna Luiza Emmerenciana e D. Branca de la Cerda, mais tarde, no decurso de uma accidemada vida, foram parar ao Brazil, recolhendo-se ao convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, na cidade da Bahia, aonde fallaram com ellas individuos d'esta ilha que á Bahia tinham ido em especulações commerciaes da vendagem de vinhos do Pico.

Com a vista dos seus compatriotas accenderam-se no coração de D. Anna Luiza Emmerenciana vividas saudades da sua terra e profundo desejo de para a mesma voltar, entregando, n'este sentido, uma petição a um dos seus patricios para a apresentar á madre abbadessa da Gloria.

No convento houve grande alegria com a recepção de semelhante missiva e os mais sinceros desejos de annuncia á supplica da irmã d'aquella casa existente em remotos climas.

Requereram as freiras do convento da Gloria, implorando do cabido em Angra, a permissão de ser acolhida novamente n'aquella casa sorôr Anna Luiza Emmerenciana, sendo providas na sua petição, noticia esta que foi celebrada com varias devoções na egreja do Mosteiro.

Isto occorria no anno de 1813.

Ou fosse, porem, por doença, ou por qualquer outra circumstancia, não chegou aquella religiosa a effectuar o seu regresso para o Fayal, nem jamais aqui tambem voltou a sua companheira D. Branca.

Ambas falleceram em terra estranha e assaz longinqua.



**1832**

**CONVENTO DE S. JOÃO**

na Parochia da Matriz do Santissimo Salvador, na Villa  
da Horta, ilha do Fayal

*Relação do pessoal do mesmo convento*

N.º	Nomes	Estado	Anos da idade	Profissão
1	Maria Rita (abbadessa)	Religiosa	67	Professa
2	Luiza Thomazia (vigaria)	"	58	"
3	Francisca Marianna Telles (def. <sup>a</sup> )	"	87	"
4	Thereza Joaquina ( " )	"	84	"
5	Ignacia Bernarda ( " )	"	84	"
6	Isabel Margarida	"	85	"
7	Catharina Perpetua ( " )	"	79	"
8	Rita Francisca	"	76	"
9	Genovefa Felicia	"	79	"
10	Eliza Thomazia	"	66	"
11	Prudencianna Roza ( " )	"	70	"
12	Marianna Narciza ( " )	"	62	"
13	Cecilia Magdalena	"	62	"
14	Maria Magdalena Linhares ( " )	"	57	"
15	Francisca Rita ( " )	"	58	"
16	Antonia Marianna Linhares ( " )	"	56	"
17	Rita Izabel	"	55	"
18	Maria Rosalia	"	54	"
19	Joanna Thomazia	"	64	"
20	Ignacia Isabel	"	50	"
21	Maria Vicencia	"	56	"
22	Maria Felicianna	"	49	"
23	Maria Candida	"	51	"
24	Barbara Benedicta	"	49	"
25	Maria Helena	"	55	"
26	Maria Luiza Telles	"	49	"
27	Anna Luiza	"	50	"
28	Damianna Francisca	"	50	"
29	Francisca Ursula Telles	"	47	"
30	Maria Carlota	"	46	"
31	Maria de Pazzi	"	55	"
32	Maria Isabel	"	45	"



Kupare	Nomes	Estado	Anos de idade	Profissão
33	Joanna Margarida Telles	Religiosa	45	Professa
34	Antonia Carlota	"	44	"
35	Joaquina Marianna	"	44	"
36	Maria Thomazia	"	45	"
37	Maria Barbara	"	50	"
38	Rosa Emmerenciana Telles	"	43	"
39	Ignacia Delfina Telles	"	42	"
40	Isabel Narcisa	"	47	"
41	Mauricia Candida	"	44	"
42	Roza Luiza	"	44	"
43	Aurelia Luiza	"	41	"
44	Pulqueria Ludovina	"	43	"
45	Marianna Delfina	"	40	"
46	Rozalia Francisca Telles	"	39	"
47	Anna Dorothea	"	38	"
48	Maria Delfina	"	41	"
49	Marianna Felisarda	"	38	"
50	Raquel Felisarda	"	38	"
51	Clara Ludovina	"	41	"
52	Maria Angelica	"	32	"
53	Rosa Candida	"	38	"
54	Luiza Izabel Telles	"	36	"
55	Maria Constança	"	46	"
56	Rosalinda Angelica	"	54	Noviça
57	Thomazia Alexandrina	Solteira	34	Educanda
58	Francisca Joaquina de Lacerda	"	35	"
59	Brizida Micaella	Viuva	71	Encostada
60	Roza de St. <sup>a</sup> Catharina	Solteira	90	Famula
61	Josefa de St. <sup>a</sup> Rita	"	61	"
62	Simôa de St. <sup>a</sup> Anna	"	85	"
63	Maria do Espirito Santo	"	88	"
64	Maria de São Jacintho	"	77	"
65	Maria de Santa Rita	"	61	"
66	Agneda do Amor Divino	"	69	"
67	Maria do Carmo	"	50	"
68	Thereza do São Joaquim	"	73	"
69	Thereza do Sacramento	"	78	"
70	Rita de Jesus	"	66	"
71	Josefa de Jesus	"	63	"
72	Anna de São Bôaventura	"	70	"

Número	Nomes	Estado	Anos de idade	Profissão
73	Thereza do Nascimento	Solteira	87	Famula
74	Ignacia de Jesus	"	63	"
75	Isabel de São Francisco	"	67	"
76	Francisca de St. <sup>a</sup> Maria	"	68	"
77	Quiteria de São João	"	55	"
78	Anna de São Vicente	"	56	"
79	Rosa de Santa Anna	"	68	"
80	Helena de St. <sup>a</sup> Rita	"	68	"
81	Anna do Céu	"	56	"
82	Francisca do Desterro	"	54	"
83	Marianna de São Jeronimo	"	59	"
84	Maria de St. <sup>o</sup> Antonio	"	76	Creada
85	Marianna de St. <sup>a</sup> Rita	"	61	"
86	Maria do Desterro	"	27	"
87	Francisca dos Anjos	"	30	"
88	Maria de St. <sup>o</sup> Ignacio	"	72	"
89	Joanna de Jesus	"	32	"
90	Francisca de St. <sup>o</sup> Ignacio	"	55	"
91	Marianna de Santa Thereza	"	75	"
92	Luiza do Amor Divino	"	30	"
93	Joaquina do Carmo	"	14	"
94	Luiza dos Anjos	"	42	"
95	Roza de St. <sup>a</sup> Maria	"	40	"
96	Paciencia do Céu	"	25	"
97	Rita de St. <sup>a</sup> Catharina	"	52	"
98	Maria de São Bernardino	"	28	"
99	Anna de Belem	"	60	"
100	Ignacia de São José	"	32	"
101	Luiza do Espirito Santo	"	38	"
102	Francisca de Jesus	"	16	"
103	Maria de Nazareth	"	28	"
104	Francisca do Coração de Maria	"	48	"
105	Angelica do Desterro	"	37	"
106	Catharina de St. <sup>a</sup> Isabel	"	62	"
107	Maria da Pureza	"	23	"
108	Anna de São José	"	32	"
109	Maria de St. <sup>a</sup> Izabel	"	40	"
110	Luiza do Coração de Jesus	"	18	"
111	Anna do Coração de Jesus	"	29	"
112	Roza da Anunciada	"	30	"

Numero	Nomes	Estado	Annos de idade	Profissão
113	Maria dos Anjos	Solteira	23	Criada
114	Francisca do Coração de Jesus	"	23	"
115	Rita do Amor Divino	"	36	"
116	Maria da Conceição	"	25	"
117	Catharina de St.º Antonio	"	18	"
118	Maria de São Joaquim	"	38	"
119	Helena da Annunciada	"	47	"
120	Rita do Coração de Jesus	"	40	"
121	Maria da Annunciada	"	30	"
122	Maria das Dóres	"	14	"

### Resumo

Freiras professoras	55
Noviças	1
Educandas	2
Encostada	1
Famulas	24
Criadas particulares	39
<b>Total</b>	<b>122</b>

Havia ainda a religiosa Margarida Graham, de 30 annos de idade, então por doença residindo fóra do mosteiro, n'uma casa da rua da Misericórdia, hoje de D. Pedro 4.º.

Os criados, para o serviço externo do convento de S. João, eram seguintes:

José Joaquim Ferreira, casado, de 47 annos, morador na travessa de Santo Antonio.

Mannel Caetano, casado, de 44 annos, morador egualmente na travessa de Santo Antonio.

Manuel, solteiro, de 18 annos, filho de Isabel Marianna, moradora na rua da Matriz Velha.

Com relação a D. Margarida Graham, que acima mencionámos e que, apesar de freira professa residio por muito tempo fóra da clausura, conseguimos obter as seguintes informações:

Para a illa do Fayal viera, havia já bastantes annos, no cargo de vice-consul inglez, um cavalheiro d'aquella nacionalidade, de religião protestante, chamado Alexandre Graham.

Era homem que se tratava com grandesa, tendo tambem na sua patria um irmão muito rico, que o protegia, não cessando de lhe remetter valiosissimos presentes, tanto em dinheiro, como em objectos de subido preço.

M.<sup>l</sup> Alexandre Graham tinha tres filhas, D. Maria, D. Ignacia e D. Margarida, que todas professaram no convento de São João, da Horta, aonde durante alguns annos viveram juntas.

• Para maior commodidade d'estas senhoras, Alexandre Graham mandou construir, na cerca do convento, uma grande casa de tres andares (um para cada filha) precedida de larga escadaria e mobilada com grande luxo, aonde as mesmas residiam, com as suas criadas, sujeitas ás obrigações da clausura, mas, ainda assim, em relativa liberdade.

Além do dote com que entraram para o convento, tinha cada uma das filhas de Alexandre Graham, uma mesada de cincoenta mil reis, para o seu bolsinho, não contando repetidas e valiosas dadivas que, tanto o pae, como o tio, residente na Inglaterra, pelas festas, ou de annos &, lhes faziam, e que constavam, por vezes, de esplenda louça da India, que a possuíam como ninguem no Fayal, baixellas de prata, peças de finissimos pannos, quando não eram rôlos, muito regulares, de libras sterlingas.

Assim as freiras Grahams eram falladas pela sua riqueza, sendo as tres irmãs de character muito generoso, esmolando a muita gente e accudindó, por vèzes, com mão larga, ás necessidades do convento, ou das suas companheiras menos favorecidas da fortuna.

Todos os dias ia, á portaria de São João, mandado do pae, um velho prêto que este trouxera consigo, receber as ordens das Srs.<sup>as</sup> Grahams, ou comprar-lhes quaesquer artigos de que carecessem.

Este africano, conhecido na Horta e em casa do vice-consul, pelo nome de *Mani*, andava sempre muito acceiado, de chapéu armado, grandes collariinhos, cadeia d'ouro no relógio, casaca e botas muito envernizadas, de cano alto e com a respectiva borla de retroz azul ferrete.

Dizia ter sido rei, na sua terra, como o nome indicava.

O *Mani* era um homem essencialmente sério, gosando inteira confiança do velho inglez, e tratado como um pagem, ou criado grave.

Vivia em casa de M.<sup>l</sup> Graham, n'um quarto muito bem mobilado, ao rez do chão, e alli mesmo lhe vinham trazer as quotidianas refeições.

Ora, D. Margarida Graham, senhora muito formosa, elegante e de

esmerada educação, apesar da grandesa com que vivia no convento, começaram a desgostar-se da reclusão d'aquelle mosteiro, deligenciando obter de Roma, a título de doente, um breve pontifício que lhe permitisse viver no seculo.

E nem foi attribuida na Horta semelhante resolução a menos respeito para com a nossa fé, tanto mais que Alexandre Graham, a petida da esposa, natural d'esta ilha, e das filhas, consentira em baptisar-se, entrando no gremio da religião catholica romana, o que deu logar a grande regozijo publico e a notaveis festas nos conventos e em casa do neophito, festas tanto mais ruidosas, quanto era elevada a posição do mesmo.

Ainda assim a concessão para D. Margarida Graham sair do convento ia custando, segundo se dizia, grossas sommas e afinal foi esta provida no seu desejo, mas quando o pae já havia fallecido, bem como algum tempo antes a sua mãe.

D. Margarida deixou, pois, a clausura, indo residir com duas criadas e o preto *Mami*, por criado grave, para uma casa, que lhe pertencia, sita na rua da Misericórdia (modernamente de D. Pedro 4.º) e que hoje tem o numero de policia 9.

Vivia á lei da nobreza, relacionando-se com as principaes familias da Horta, frequentando sociedades, embora vestida de freira, e estabelecendo ás terças-feiras umas partulas em sua casa, ás quaes concorriam diversas damas e cavalheiros da aristocracia fayalense, sendo ella uma das parceiras ao voltarete, do governador politico militar, o tenente coronel Diogo Thomaz Rocheleben, um dos mais assíduos frequentadores d'aquelle casa.

Este distincto official do nos-o exercito, oriundo de uma familia allemã e que esteve no Fayal mais de quatro annos, isto é, desde Janeiro de 1823 até 2 de Setembro de 1828, era alem de um militar illustradissimo e de grande tacto governativo, um cavalheiro de finas maneiras, de figura agradável, essencialmente amante de musica e apesar de homem serio e investido d'um elevado cargo, não desdenhando de fazer parte, como tocador de violino, no que era eximio, d'uma orchestra de attadores, então na Horta existente, na qual tocou por varias vezes em espectaculos de um theatro de curiosos, então aqui existente.

Teria n'esta epocha, de quarenta a quarenta e cinco annos sendo muito estimado da sociedade elegante d'esta terra.

D. Margarida Graham contaria uns trinta annos já feitos.

A assiduidade do governador Rocheleben á moradia d'esta senhora começou a dar que fallar, tanto mais n'uma pequena localidade, na qual nem sempre abundam assumptos de variada conversação, crescendo ainda que a elevada posição d'aquelle official e as circumstancias excepçionaes em que se achava a religiosa do convento de São João.

\* Diogo Thomaz Rocheleben  
Chefe de Horta.

mais dava nas vistas, aticando a curiosidade publica, na expectativa de algum grande escandalo.

Não ignorava D. Margarida o que, a seu respeito, já se andava vozeando, mas isto não conseguiu molestal-a e, muito ao contrario, parecia não desejar occultar o seu affecto pelo tenente coronel Rocheleben, continuando este a visital-a frequentes vezes, a concorrer ás partidas e a dedicar-lhe mil attentões.

Houveram, acaso, alguns compromissos amorosos entre a freira e o governador militar?

Assim parece.

D. Margarida Graham, que já havia obliido, em Roma, despacho favoravel áquelle difficil demanda para viver fóra do convento, intentou então outra, ainda mais séria acção, qual a de possuir um breve pontificio que lhe annullasse os votos.

O fim d'isto, todos sabiam, era o seu projectado casamento.

Patrocinava poderosamente, esta nova pretensão o tio que estava na Inglaterra e tanto d'aqui como d'aquelle paiz, dizia-se que importantes sommas seguiam para Roma, affin de aplanar as difficuldades que, necessariamente se levantariam a semelhante respeito.

As noticias que chegavam eram, não obstante, promettedoras.

Não perdia, no entanto, o seu tempo D. Margarida, na então muito animada sociedade da Horta, bailes, partidas campestres, jantares &c, faziam-lhe passar alegremente a vida, tanto mais que a todas essas festas concorria tambem, pelo seu genio tratavel e amigo de boa companhia o governador Rocheleben.

Uma vez a freira Graham, que jámais havia visitado a esplendida Caldeira, sito no cume d'esta lha e uma das primeiras bellezas naturaes dos Açores, lembrou-se de arranjar uma grande caravana, para alli ir passar um dia.

Agremiaram-se áquelle pensamento diversas familias, das principaes da Horta, constituindo assim um rancho de numerosas damas e muitos cavalheiros.

D. Margarida Graham foi incansavel nos preparativos e o prelo *Mani*, apesar da sua fleugma e seriedade, quasi musulmana, esteve d'esta vez arriscado a perder o juizo, tanto mais tendo a sua elegante senhora declarado, positivamente, aos exorcicionistas, que corria por sua conta tudo o que dissesse respeito a comestiveis, parte obrigatoria de semelhantes digressões.

Felizmente n'aquelle casa havia dinheiro, muita louça da India e abundosa baixella de prata.

Ao major João Pedro Soares Luna, commandante d'um corpo de artilheria superior a cem praças, na Horta existente, e que trouxera do continente uma grande barraca de campanha, foi esta pedida, para abrigo das damas nas agrestes cumieiras da *Caldeira*, a qual foi pres-

tada da melhor vontade, tanto mais fazendo o seu possuidor também parte da comitiva.

Para maior commodidade das damas n'aquella longa jornada, de tres horas de continua subida, arranjaram-se, como o melhor meio possível de locomoção n'aquellas maus caminhos, diversos carros puxados a bois, com vistosos toldos e boas enxergas aonde as mesmas fossem sentadas e escoltadas por alegre sequito de cavalleiros.

Cada carro era precedido por dois homens de serviço, armados de machado ou sacho, para aplanar os *calços* que sempre se encontram no matto, produzidos pelo correr das aguas durante o inverno.

D. Margarida Graham, a promotora d'aquella festa, ia no ultimo carro e alguns dos rapazes d'aquella grande patuscada a pedido do governador que, como já dissemos, era entusiasta por muzica, levaram diversos instrumentos, com que animavam o transitio.

A freira parecia uma princesa que ia em viagem e o vozear d'aquella alegre turba e a bulha de tantos carros e cavallos, fez levantar das camas muitas familias, ainda lusco-fusco, para ver passar a caravana, na sua peregrinação a esta especie de Meca fayalense.

Os primeiros alvores da madrugada prometiam um dia esplendido, a aurora vinha vermelha, o ceu não tinha uma nuvem e o vento estava sereno.

De mais a mais havia uns poucos de dias que não chovera, requesito necessario para, mais agraavelmente, ir aquelle altheroso sitio, aonde existem musgos enormes em que nos afundámos até aos joelhos e que, estando orvalhados, alagam immenso.

A primeira paragem foi n'uma planicie, nos mattos da freguezia dos Flamengos, aonde um frugal almoço foi servido, leite morno, alli mesmo mugido das vacas que andavam nos pastos, diversas viandas assadas, pão finissimo, expressamente para este dia manipulado no convento de São João, doces e vinhos generosos.

Os primeiros raios do sol nascente alegravam aquelle quadro realmente encantador, a brisa acre e perfumada dos descampados estimulava o appetite das mais melindrosas damas e finda a refeição, aos sons festivos da improvisada orchestra, recommegaram a jornada.

Era preciso chegar cedo á beira da *Caldeira*.

Assim aconteceu, a subida das serras teve actual um termo e a immensa cratera, vencidas as derradeiras escarpas que a circumdavam, abriu-se repentinamente aos pés dos visitantes, na sua imponente magestade, não deixando, porem, ver as suas encostas até ao fundo, pois que apresentava, talvez a meia altura, o aspecto de um mar de nuvens, que rolavam umas de encontro ás outras, n'aquella vasta bacia de 5.500 metros de circumferencia e 1.021 metros de profundidade.

Era a vista de um grande lago limitado por formosissimas margens.

O sol erguia-se, porem, no desanviado firmamento e á propor-



ção que ficava mais alto, tingia de doiradas cambiantes a alvura das movediças nuvens e estas começaram a erguer-se lentamente, umas em graciosos espiraes, outras como passaros gigantes que desdrolassem enormes azas.

Subiam, subiam lentamente, pairavam alguns momentos ao nível das cumieiras e depois o mais leve sôpro do vento as levava para o espaço, em diferentes direcções.

Este phenomeno que, no principio se operara com lentidão, redobrava, agora, de velocidade e as ultimas nuvens, as mais do fundo, pequenas e nitidas, atiradas celeremente pelo sol, pareciam um numerozito bando de pombas que fugiam espavoridas das grandes profundidades aonde haviam pernoitado.

A *Caldeira* ficou afinal completamente limpa.

A vista admirada dos espectadores d'aquella maravilha da natureza, ponde então descer até ao fundo da cratera, em baixo perfeitamente plana, e com formosissimas relvas circumdando uma lagôa, semeada de algumas verdejantes ilhotas, em quanto que pelas vertentes da *Caldeira* uma enorme variedade de plantas silvestres, delicadas e festivas côres, fetos, urzes, zimbrieros, hagas e flores rubras, brancas ou amarellas, polidavam por toda a parte.

Um encanto emfim.

Gastam-se, geralmente, duas horas em correr a *Caldeira* em redor, das summidades da qual se vão avistando todas as freguezias do Fayal, dispersas de distancia em distancia no litoral da ilha, com a unica excepção dos Flamengos, a mais d'uma legua distante da beira-mar.

Correr a *Caldeira* em roda é o usual passeio de quem visita aquelles ermos, em quanto se aguarda o jantar e assim fizeram os nossos convivas depois do necessario descanso e de contemplar alegremente aquelle admiravel panorama.

Esta *Caldeira* da ilha do Fayal é, indubitavelmente, assaz formosa, mas, ainda assim, ha nos Açores, outra no mesmo genero, mas muito superior em belleza.

Referimo-nos ao Valle das Sete Cidades, em São Miguel, do qual já tratamos no primeiro volume d'esta obra.

Enquanto damas e cavalheiros percorriam a beira da *Caldeira*, enquanto D. Margarida Graham, conjunctamente com o tenente coronel Rochelebeu admiravam varios sitios d'aquelles arredores, enquanto o major Luna, parando ora n'uma ora n'outra saliencia do terreno, tomava notas n'uma carteira, para depois mandar d'aqui fora imprimir, em folheto, uma descripção d'aquelle logar, denominando a grande altura em que se achava, centos de metros acima do nível do mar, a *varanda dos encantos da natureza*, a criadagem, que acompanhava os excursionistas, armara a barraca de campanha, ajuntara, para servir de môsa, um grande estrado, adrede trazido da Horta, hastea-

ra paus com bandeiras em redor da hospitaleira tenda e enfeitara com festivos festões de verdura e flores, todo o interior d'aquelle recinto, que até se achava alcatifado, pois que nada esquecera á providente freira, para commodidade do prestito que a acompanhava.

Pela uma hora da tarde começaram a chegar, da Horta, diversos homens com tabuleiros á cabeça, carregados de comestiveis, por quanto d'esta forma vinham melhor acondicionados, do que as eguarias amachucadas em cestas.

D. Margarida Graham havia encomendado no seu convento, aonde viviam as irmãs, um opiparo jantar, sem olhar a gastos e as freiras mettidas em bicos e com ordem frauca, fizeram requintes de gostosos manjares e delicadissimos doces, alem do grande numero de alentadas e succulentas peças de resistencia.

Alcatras de vacca, lombos de porco, perus, patos, gallinhas e pombas eram ás duzias, sem contar enorme prohisão de tigellas de marmelada, covilhetes de doces d'ovos, manjar branco, papas rosadas e centos d'outras golodices.

Os magnificos vinhos do Pico e finissimos licores tambem alli brilhavam em botellas de cristal.

Toda a longa da mesa era da India, os vidros de finos lapidados, facas, garfos e colheres de prata.

Não fazia vergonha a quem quer que fosse, até mesmo a uma regia personagem os aprestos de semelhante banquete.

O *Mam* é que estava presidindo áquelles arranjos todos, em quanto a sua formosa ama, andava de braço dado com o Governador a apanhar flores e fetos do matto, e o resto dos convivas entreterendo-se como melhor podiam.

E havia alli muito que ver e muito que admirar, sem que, nem por sonhos queiramos insnuar ao leitor que esta funcção era semelhante áquella de que trata Nicolau Tolentino d'Almeida, o nosso Boileau portuguez, abundante em peripecias, não lhe esquecendo até, a respeito de certa matrona, notar que—

Pondo contra a luz a mão,  
E crendo que n'esta rua  
Esta São Sebastião,  
De Venus á estatua nua  
Paz mesura e oração.

Não senhores, isto aqui era a sério.

A hora de jantar havia sido combinada para as duas depois do meio dia, ficando até então os convidados livres para ir aonde lhes agradasse.

Áquella hora somente é que todos deviam estar reunidos.

N'isto andara com verdadeira mestria a esperta freira, pois em

semelhantes partidas é quasi sempre dos maiores defeitos cada pessoa estar sujeita á vontade do seu amphitrião, tornando-se por consequente um dia que se espera de folga n'um dia de verdadeira sujeição.

Pois não é verdade?

D. Margarida Graham, por exemplo, subio lá para cima d'uns setros mais o Sr. Governador, rapazes e raparigas, a gente nova, foram juntos ver diversos sitios distantes, enquanto que os individuos pacatos e já de certa idade, estendidos na relva, gosavam a frescura e os pacíficos encantos d'aquelles ermos, sem o incommodo de longos passeios, que lhes seriam penosos.

Houve danna, já entrada em annos que se sentou á entrada da barraca, não se arredando nunca do quartel general.

Assim, sim, tudo o mais seria prazer para uns e aborrecimento para outros, para ser um dia cheio é preciso que todos estejam á vontade como em sua casa.

Approximaram-se as duas horas da tarde, bem como os convvidados, um ou outro mais abelhudo, ou de melhor estomago, já penetrara no interior da grande barraca, ficando deslumbrado de quanto alli vira, uma profusão enorme, que nem na grande festa dos Carmelitas da Horta, no jantar da prova dos seus excellentes vinhos, em dia de São Martinho.

O *Mamã* dava a ultima de mão áquillo tudo e diversas fogueiras estavam accésas n'aquelles arredores, para aquecer alguma peça de vianda que por ventura estivesse resfriada.

Afinal a hora solenne soou.

Entrou todo o rancho para o interior da barraca, sentavam-se em redor do estrado, D. Margarida ao lado do Governador, os namorados procurando amáveis visinhanças, a gente sisuda carregando toda para um lado e com olhos nas terrinas.

La começar o banquete.

Devemos observar, porem, que haveria uma meia hora, algumas nuvens tinham vindo posar-se nas mais altas saliências dos cumieiras da *Caldeira* e que um vento esperto se alevantara.

O sol escurecêra quasi repentinamente.

—Teremos chuva? — perguntou alguém.

—Qual! . . . isto não é nada, algumas nuvens que vão passando, d'aqui a instantes temos outra vez um tempo soberbo.

Apesar, porém, d'estes bons desejos, as nuvens começaram a tomar imponentes dimensões, correndo pressurosas pela crista dos montes, engolfando-se no interior da cratera e accumulando-se por toda a parte;— o tempo tornou-se tambem mais sombrio, parecendo o cahir da noite.

E que ventania, Santo Deus!

Os pamos da barraca-do Luna, pareciam as velas d'um navio.

ora enfunando-se, peçadas de vento, ora subitamente retomando a pancada, á sua antecedente posição.

Um ou outro conviva já se havia erguido, indo vêr á abertura da tenda o cariz do tempo.

—E então ? ! . . — perguntavam-lhe de dentro.

— Isto não é nada, são nuvens que passam, o vento é que está atrevido.

— Em todo o caso o mais acertado é irmos comendo alguma coisa, por que isto n'estas alturas . . .

— Não é seguro, lá isso é verdade.

D. Margarida servia então a sôpa e os ditosos que da mesma chegaram a provar, pela amostra poderam avaliar a sciencia culinaria das freiras de São João.

Que sôpa saborosa !

De repente, porém, uma impetuosa rajada de vento berrou como uma matilha de lobos n'aquelles descampados, a barraca gemen lugubremente, mostrando, toda enfunada, fortes tendencias de voar pelos ares, ditas ou tres estacas do lado do vento foram arrancadas e um rasgão bem comprido deixou a intemperie vir bater de choíre nos convivas.

As damas, aterrorisadas, soltaram um grito de pavor, o tempo escureceu ainda mais e dentro da barraca era quasi lusco-fusco.

— Isto vai-se toruando serio, muito serio ! — exclamava um mais pusillanime chefe de familia — n'estas alturas uma borrasca é de respeito, olê ! . .

— Qual ! . . isto não é nada, são nuvens que vão passando — respondia um rapaz, que apesar da tormenta se achava, excellentemente, ao lado da filha do mesmo.

Os criados taparam, como poderam, o rasgão da barraca e batiam com pedras nas estacas, para as segurar melhor.

Baldados esforços.

A tempestade ia n'um *crescendo* e rehentava, agora, em toda a sua furia.

A barraca, sempre com tendencias de indomita ave, despedaçou as peias de toda uma banda, atirando-se de pancada por cima da mesa e d'alguns dos convidados, houveram gritos, desmaios e contusões, erguendo-se subitamente quem ponde e ficando outros embrulhados nas dobras da lôna, a criadagem acendio em soccorro dos naufragos, uma parte do estrado virou e começaram a rolar pelo chão, pães e alcatras, garrafas e terrinas.

Um azulado relampago illuminou então todo o firmamento, seguido de estrondoso ribombar do trovão e d'uma chuva tão densa e cerrada, que parecia deitada do céu a potes.

— Misericordia ! ! . morrêmos todos aqui !

— Apromptem os carros, apromptem os carros — bradavam outros.

— E' melhor procurar algum abrigo, devem haver por ali furnas.  
—Vamos embora quanto antes, é descer enquanto é tempo.

Ontra fusilada e respectivo trovão.

Alagados, uns sem chapen, que lhos arrebatara o vento, as damas embrulhando-se a muito custo nos challes, escorregando n'uns sitios, enterrando-se no alto musgo em outros, toda a gente descia apressadamente do cimo da *Caldeira*, em procura dos carros e bestas que haviam ficado mais abaixo, n'um sitio relativamente plano.

Não disse bem toda a gente, é falso.

Os criados, carreiros e homens de sacho e machado, como esfomeados abutres, apesar da tormenta, lançaram-se com unhas e dentes, é este o termo proprio, ao magnifico jantar, deixando os amos entregues ao seu destino, em tão arriscados e ingremes sitios.

N'aquella immensa debandada arrojaram-se sofregos ás melhores peças de viandas e aos mais soberbos vinhos e parecendo inconscientes da tormenta, o menos que cada um tinha na mão, ou em que fiava os dentes era n'um peru assado, n'um lombo de porco, ou n'uma alcatra.

Disfarçavam a chuva, empinando garrafas.

Dois unicos d'estes homens não estavam desmoralisados, o *Mani* e o camarada do major Luna.

O prêto, principalmente, tornara-se furo de raiva; gritava que deixassem *a de comida*, que fossem em auxilio dos amos, *mas os brutos a nada se moviam!*

O *Mani*, desesperado, lembrou-se então do seu paiz e dos seus tempos de luctas, alinou por terra o chapen armado, alison a carapinha, inclinou o corpo para diante e chegou os braços em sentido contrario e, de cabeça baixa, como um toiro, investio de marrada contra o primeiro marão que vio na sua frente.

A pancada foi valente, espantosa, o homem foi ao chão, em redemoinho por cima da relva, mas, não obstante, nunca largou o peru assado que estava devorando e, quando veio a parar, sentou-se no chão e continuou, como se coisa alguma houvesse occorrido, na sua manducação.

Que ar o da *Caldeira* para abrir vontade de comer . . .

Este mesmo processo, e com eguaes resultados, foi applicado pelo prêto a mais de meia duzia.

Pobre *Mani!* . .

O camarada do major Luna acercara-se do amo e elle e varios cavalheiros é que puseram, a muito custo, em marcha a caravana.

Nas alturas o prêto continuava ainda ás marradas.

Que difficil descida!

O vento, abaixo das cumieiras, não era tão forte, mas a chuva tinha visos d'uma repetição do diluvio universal.

D. Margarida, não sabemos por que artes, teve labias de no car-

ro em que ia, accomodar n'um cantinho o governador Rocheleben. Sempre é bom fazer bem.

À beira do matto, em mais de meia tarde e nas primeiras casas que encontraram, foram recolhidos os excursionistas.

Ninguém tinha um fio enxuto, nem o mesmo governador, apesar d'um challe que lhe emprestara a caridosa freira.

As senhoras, aqui e além, em diversas casas, foram-se abrigan-do e não poucas mettendo-se nas camas, que a gente dos Flamengos lhes offerecia, em quanto a sua roupa seccava ao lume, ou vinham portadores à Horta em busca d'outras vestimentas.

Foi rara a dama que chegou a sua casa, pernitoando quasi todas n'aquella campesina freguezia.

Os homens é que muitos d'elles vieram até à Horta, enxugar-se e em busca de soccorros para os naufragos que tinham deixado os Flamengos de cima.

O *Moni* só no outro dia é que appareceu, escalavrado, rôto e sem chapéu.

Estava soturno, terrível.

Da louça da India, da sua ama, não havia escapado nem uma unica peça, das vitualhas nem o mínimo fragmento e, para cumulo de desgraça, se o fiel servo havia conseguido acautellar muitas facas e garfos de prata, ainda assim faltavam umas tres duzias de colheres de sopa d'aquelle precioso metal.

Confessou o prêto, uma vez que conseguiram que elle fallasse, que a não ser na sua terra, quando perdêra uma batalha com outros pretos seus inimigos, que o aprisionaram, para depois o vender, apesar de ser rei, jamais soffrera um desgosto igual.

O roubador da prata foi, mais tarde, descoberto, entregando o furto e a pedido da generosa D. Margarida não houve contra elle qualquer procedimento judicial.

Ficou fallada, na chronica fayalense, aquella excursão.

Em 1828, por motivos politicos e temendo na Horta um movimento revolucionario, a que não tinham força para resistir, sahiam de noite, n'um hiate, da bahia de Porto Pim, o governador Rocheleben e o major Luna.

O breve de Roma, annullando os votos religiosos de D. Margarida, ainda não havia chegado, nem jámais chegou, apesar do muito dinheiro despendido e isto, conjunctamente com a ausencia do seu affeiçãoado desgostou muito a elegante freira.

Pouco depois enfermou, apprehensiva e triste, e recolhida a casa arrastou por alguns tempos uma penosa existencia, até que veio a fallecer na Horta, sem jamais realisar tão desejado consorcio.

Ainda assim morreu no seio da oppulencia.

A's duas irmãs que sobreviveram, continuou o tio a mandar-lhes

da Inglaterra a usual mesada, mas fallecendo tambem este, um fillio que tinha negou-se a satisfazer semelhante compromisso.

Gastaram muito dinheiro n'uma demanda sobre este assumpto, nos tribunaes inglezes, mas sem resultado que lhes fosse satisfatorio.

Os ultimos dias d'estas duas senhoras, das quaes ainda conhecemos a mais nova, D. Ignacia, foram passados no seu mosteiro e mais tarde, pela extincção das ordens religiosas, em modestas moradias, como pensionistas do Estado.

\* \* \*

Em quanto ao major João Pedro Soares Luna, pela maneira distincta por que se portou n'esta ilha e pelo desenvolvimento que na Horta deu á arte theatral, não merece que o seu nome passe desaperebido.

Existia n'esta povoação, anteriormente a 1824, um corpo, permanente, de artilheria de umas 150 a 200 praças, com os seus respectivos cadetes, sendo commandado por um capitão e tres officiaes subalternos, até que, n'aquelle anno, veio de Lisboa tomar a direcção do mesmo o major Luna, de que tratamos.

Os seus antecedentes eram honrosissimos, alem de um official muito illustrado, severo mantenedor da disciplina militar, aliava a estas bellas qualidades extrema delicadesa de maneiras e uma firmeza de character d'aquellas de antes quebrar que torcer.

Fizera, com muita distincção a campanha peninsular, sendo gravemente ferido na cabeça, durante uma acção e deixado por morto no campo da honra.

O major Luna era um decidido amator de espectaculos theatraes, conhecendo uma infinidade de peças tanto portuguezas, como estrangeiras, e sendo no palco um enrioso de muito merito.

Na vida folgada que veio encontrar na Horta, tinha muitas horas livres e sobeja oportunidade de dar largas ao genio amante de instructivas distracções, tanto mais que o seu superior, o governador Rocheleben, incitava-o n'esse gosto pelas bellas artes, acompanhando-o nos seus civilisadores tentames.

O tenente coronel Rocheleben morava então na residencia do Livramento, aonde ainda actualmente costuma albergar-se a primeira autoridade militar da ilha e nos jantares que, aos domingos, este offerecia aos seus amigos e aos quaes sempre concorria o major Luna, commandante do corpo de artilheria, cujo quartel era no lado do norte do collegio dos Jesuitas, aonde actualmente funcçãoa o Tribunal judicial, era a conversa obrigada certos melhoramentos, ajuda indispensaveis para o bom nome d'esta terra.

A construcção de um theatro, ainda que de pequenas dimensões, era um dos grandes desejos do major Luna, porquanto no Fayal, em-

hora, já desde 1817, tivesse havido um theatro n'uma sala da vasta residencia do abastado morgado José Francisco da Terra Brum, de quem teremos ainda occasião de fallar, como um dos mais distinctos cavalheiros da Horta, ha alguns annos a esta parte que no mesmo não se representava, desde que começara a agitar-se a questão politica e a reinar mais acentuadas dissidencias entre a pequena familia faya-lense.

O major Luna, porem, em se tratando de espectaculos scenicos, tinha alma até Ahneida, como vulgarmente se diz, andou, parafasou, accercon-se de rapazes, mettendo-os a fogo n'esse empenho, len-lhes dramas e comedias, conseguiu arranjar uma vasta casa, propria para tal fim, (hoje pertencente á Sociedade Cooperativa, no Largo do Bispo D. Alexandre) pintou os bastidores e o panno de bocca, arranjou dinheiro e o Governador Rocheleben ajudou tambem, poderosamente a empresa e afinal o theatro «Bôa União» achou-se completo.

A escada, porem, pela qual sa subia para o primeiro andar, que servia de sala de espectaculo, é que estava ainda uma verdadeira miseria, estreita, mal getosa, velha.

Na vespera da primeira recita e já ando o ensaio geral o Luna estava radiante, aquillo ia ser um acontecimento, uma pedra branca nos annos da nossa historia, uma coisa muito e muito fallada n'uma pequena localidade, os bilhetes haviam sido disputados, o dobro que fosse não chegaria para a gente que desejava vir ao theatro, o drama promettia correr muito regularmente, o Rocheleben contava maravilhas da orchestra por elle ensaiada e na qual tambem figurava como primeiro violino e tudo annunciava uma bella e muito aprasivel noite.

E, contudo, havia alli um ponto negro, horrendo, disforme — a maldicta escada !

O major Luna, apesar de ja ter gasto uma bôa porção de patacas, mais talvez do que podia, em coadjuvar a feitura do theatro, não lhe soffria, não obstante, o generoso animo que subsistisse aquelle aborto no meio d'uma elegante obra.

Mandou, pois, chamar, áquella mesma hora, alguns carpinteiros e como houvesse uns restos de madeira limpa, ordenou-lhes que destruissem, immediatamente a velha escada e indo collocar-se, no primeiro andar, na especie de portaló que ficou em aberto, declarou positivamente que d'alli não desceria se não por uma escada nova e espaçosa, a qual tinha de ser feita n'aquella mesma noite.

Trabalharam, com aluna, desde logo, os carpinteiros e o Luna para os animar, mandou buscar uma bôa porção de garrafas de optimo vinho, do qual lhes dava amudadas libações.

O milagre operou-se, os mestres desempenharam-se e, effectivamente, ás seis horas da manhã seguinte, descia o dedicado amante da arte scenica pela nova escada, triumphante e satisfeito.

Já a entrada do seu theatro não tinha o aspecto de uma espelunca.



O theatro do Luna, como ainda hoje na Horta é designado, pela gente d'aquelle tempo, teve epochas florescentes, ainda actualmente recordadas com verdadeira saudade, tornando-se n'um poderoso elemento civilizador e contribuindo, porventura n'esta localidade, para esse decidido gosto pela arte de Palma aqui existente.

Com o decorrer do tempo, começaram então a nublar-se, cada vez mais, os horisontes politicos da patria, vindo pôr sérios estorvos áquelles pacificos passatempos.

Em 1828 achava-se o corpo de artilheria existente no Fayal e, como já dissemos, commandado pelo major Luna, augmentado com um contingente de soldados e officiaes que não merecendo a confiança do Governo constitucional da ilha Terceira, para aqui haviam sido deportados.

No Fayal corriam rumores d'uma projectada aclamação de D. Miguel, a qual, effectivamente, se effectuou, sendo os seus principaes caudilhos os taes deportados, vindos de Angra.

Do que se andava tramando tivera conhecimento o tenente coronel Rocheleben e o major Luna, e, julgando-se impotentes para domar a revolução, fugiram na noite de 3 de Setembro, da bahia de Porto Pim, n'um biate estrangeiro que alli se achava fundeado, seguindo d'esta ilha para a Inglaterra e d'alli voltando para os Açores, indo reunir-se, na ilha Terceira, aos emigrados do continente, porquanto alli predominava o governo constitucional, mantido pelo bravo batalhão de Caçadores 5, deportado da metropole pelos seus sentimentos liberaes.

Aclamado D. Miguel, no Fayal, nomearam os revoltosos, como Governador, ao coronel Antonio Isidoro de Moraes Ancora, deportado da Terceira e que residia no convento de S. Francisco, aonde o foram buscar com grande alarido.

Este coronel Ancora era, porem, um homem moderado e de fino tracto, não agradando, em breve, aos exaltados, por quando nos nefastos tempos de commoções politicas mais prevalece a violencia e a força, do que a tolerancia e boa razão.

O Coronel Ancora havia sido deportado do continente para o Batalhão de Artilheria d'Angra e d'alli para o Fayal.

Por esta occasião era corregedor d'esta ilha o D.<sup>o</sup> Miguel Maria Borges da Camara, pae do notavel litterato fayalense, D.<sup>o</sup> Miguel Street d'Arriaga e Juiz de Fôra o D.<sup>o</sup> Manuel Antonio Garcia da Matta, natural de Thomar, ambos cavalheiros estimabilissimos.

O major Luna, em Angra, assumio o commando do Batalhão Academico, e, de todos é sabido, que esse heroico corpo era um dos mais difficeis de ser dirigido com acerto e a contento da irrequieta mocidade de que se compunha, em cuja difficil tarefa já tiubam naufragado outros distinctos officiaes.

Ainda assim, desde que este official estava á frente do mencionado Batalhão, embora mantendo entre os seus subordinados a mais ri-

gorosa disciplina, tornou-se, não obstante, pelo seu genio cavalheiresco, delicadas maneiras e consideração com que tratava os seus soldados, rapazes illustrados e de fina educação, querido d'elles todos cessando todos e quaesquer attritos que, antecedentemente, se haviam dado entre os commandantes e os seus subordinados.

Partindo a expedição para Portugal, á frente dos briosos e heroicos accademicos fez o major Luna toda a campanha da liberdade, cobrindo-se de louros e gloria, como já nos Açôres, na batalha da Ladeira da Velha.

A familia do major Luna era toda *malthada*, como então se dizia, e nestas condições foi muito perseguida pelo governo de D. Miguel, a ponto tal que, quando findou a campanha da liberdade, teve este official de recolher na sua moradia diversos membros da mesma, os quaes aquelles tempos calamitosos haviam deixado orphãos e sem meios de subsistencia.

Do soldo do major Luna é que se sustentavam e á sua sombra viviam.

Serenada a guerra, veio depois o governo de Costa Cabral com o qual não sympathisava, visto que professara inalteravelmente idéas liberaes muito avançadas, as quaes mal se coadunavam com um governo que julgava authoritario e pessoal.

Bandeou-se, pois, com a opposição, tornando-se um decidido patuleia.

Foi victima da sua firmeza de character.

A alta intelligencia de Costa Cabral conhecendo o prestimo e importancia de semelhante inimigo, tentou por diversas vezes atrahil-o ao seu partido, tendo-lhe sido feitos offerecimentos de pingues commissoes e rendosos empregos, mas a resposta do Luna era invariavelmente «Do actual governo nada peço, nem coisa alguma quero acceitar, embora tenha de soffrer as maiores privações.»

Parece que n'aquelle tempo, como hoje em dia, as commodidades da vida affastam-se de quem assim procede.

Os annos foram decorrendo, acercando-se d'aquelle honrado homem grandes necessidades para occorrer á sua sustentação e da sua numerosa familia.

A miseria bateu-lhe, desapiadadamente, á porta.

Uma vez confessou elle, com a voz tremula de emoção, a um seu amigo, do qual fôra padrinho do casamento, que ainda não tinha ido fazer uma visita a joven noiva por uma circumstancia que lhe parecia incrível e accrescentou a meia voz, «não tenho um par de botas que não estejam rotas.»

Final o major Luna começou a tornar-se taciturno, desanimado, e a frequentar menos alguns pontos de Lisboa, aonde convivia com os seus amigos politicos.

Mais tarde rarrissimas vezes apparecia, mettido em casa, fechado

no seu quarto, d'onde não havia fazel-o saber, e, como é sabido, quem não apparece afinal esquece.

Na sua pobreza tambem pouca gente o procurava, a politica não dava tempo . . .

O major Luna declinava evidentemente para a sepultura.

Um dia, e foi breve, correu em Lisboa, que elle acabava de fallecer, cívado de desgostos, n'uma modestissima casa d'alaguer, na rua de São Bento.

Tal foi o misero fim do honrado e distinctissimo Commandante do bravo batalhão Academico, durante a guerra da liberdade.

Merecia, com certeza, um melhor destino, em renumeração dos seus serviços á patria, os quaes foram importantissimos.

Provou-se mais uma vez que as revoluções, semellante a Saturno -- não é raro devorarem os seus mais dilectos filhos.

\* \* \*

Occorren, em Setembro de 1810, no convento de São João o facto que motivou estas referencias, a fuga da religiosa Delfina Clara, com um capitão d'um navio *inglez*, (este termo parece, n'aquelle tempo, generalisar-se a todo e qualquer estrangeiro, como vimos quando se tratou de algumas fugitivas do convento da Gloria).

O caso passou-se o mais singela e commodamente possivel, combinada a freira com o estrangeiro com quem ia fugir, n'uma bella tarde em que por um portão lateral do convento estavam recebendo numa grande carrada de lenha, passou por junto d'aquelle sitio um magote de estrangeiros e D. Delfina Clara, vestida de homem, sahio do convento e confundindo-se com elles deu o braço ao seu raptor, atravessando no meio d'aquelle turba as ruas da Horta, sem que pessoa alguma tivesse a minima desconfiança do que occorria, nem os mesmos homens do campo, entretidos na sua faina de descarregar o carro.

A freira embarcou, muito serenamente, n'um escaler do navio, que estivera amarrado ás pedras de St.<sup>a</sup> Cruz, desde algumas horas antes.

A embarcação em que ia essa fugitiva, por o vento haver escasseado, demorou-se ainda a subsequente noite na bahia da Horta e como dessem pela falta de D. Delfina Clara, no convento, e uma lancha de pescadores que passara junto d'aquelle navio, ter dito que avistara uma mulher portugueza abordo, quando o sol vinha nascendo, alguns ingenuos fayalenses, munidos de compridos oculos, foram para o lado do mar e sentados na cortina de muralhas que cingem a Horta, para resguardar dos temporaes, assestavam aquellas tranças contra o navio que então estava a desfaldar os pannos.

Não passou isto desaperecebido de bordo, e o vulto da tal mulher, no tombadilho do navio, era bem visivel, abauando com alvo lenço pa-

ra terra, ao tempo que alguns foguetes deitados das vergas do navio, esturgiam os ares.

Uma verdadeira pandiga !

D'esta freira, não nos consta, que tornassem a haver aqui noticias, ignorando-se, passa sempre, qual o seu destino.

Parece-nos que Francisco Ferreira Drummond, nos *Annaes da Ilha Terceira*, enganou-se, attribuindo a esta freira, ou por sua causa, certos factos occorridos na Horta, quando esses diziam respeito a D. Roza de Lima, filha de Lino José de Mello e de sua consorte D. Isabel Lima de Mello, que fugio com um official da marinha de guerra ingleza, como já vimos, e não a D. Delfina Clara, que deixou o seu convento em companhia de gente de menor importancia.

Tambem alli, a pagina 209 e 210 do 3.º volume diz-se que D. Miguel Antonio de Mello, então general dos Açores, escrevera ao governador militar do Fayal, ordenando-lhe que mandasse prender nas cadeias da Horta a um clérigo minorista, chamado Thomaz José de Bettencourt, conivente n'aquelle acontecimento, vadio e causador de muitos disturbios.

Ora este snjeito, que ainda chegámos a conhecer em avançada idade, na cidade da Horta, foi um cavalheiro assaz respeitavel, que exerceu importantes cargos publicos e geralmente considerado.

Quando occorreu o rapto de D. Delfina Clara, era bastante novo e nem nos parece que lhe fossem bem applicados tão feios termos.

Thomaz José de Bettencourt, era filho de Antonio Silveira Bettencourt, honrado lavrador da freguezia de Castello Branco, n'esta ilha, e na Horta, effectivamente, veio estudar latim, com destino de mais tarde se ordenar.

Tinha, como muitos rapazes de então, por entrar isto quasi em moda, um namoro com uma freira do convento de São João e já estava, como se vê em idade de trabalhar por sua conta, sendo por consequencia muito pouco provavel que servisse de corrector aos amores de outrem, nem jamais aqui constou que tivesse a minima connivencia no referido rapto.

E' facto que por causa do convento de São João foi preso na Horta, fugindo em seguida para a ilha Terceira, mas o caso é differente e como se segue, a darmos credito ás informações que a semelhante respeito conseguimos obter.

Os amores de Thomaz José de Bettencourt com a sua freira eram uns amores felizes, ao que parece, não sendo raro, uma vez por outra entrar este novo Romeo no tranquillo retiro da sua Julieta.

Havia da parte da mocidade elegante da Horta uma tal ou qual vangloria em não occultar, demasiadamente, estas aventuras, e isto por vezes não somente com relação á juventude, mas até, não raro, com a velhice sem vergonha, d'onde sahia o conhecido e incorregivel typo dos *freiraticos*, que os havia de todas as edades e condições.

Ora o *calvario* de São João, como lhe chamavam, isto é, aquella pequena elevação de terreno, nos arredores do convento, era o ponto de reunião da rapaziada, fina da Horta, que para alli iam cavaquear quasi diariamente, tocar viola e guitarra, soltar descantes, improvisar versos &c. não sendo raro em cambio de tantas attentões o entretenimento offerecido ás freiras, descerem por entres as grades das janellas do mosteiro, elegantes cestinhos de vime, replectos de bôlos finos, ou confeitos, outras vezes atulhados de covilhetes de marmellada.

D'um d'estes frequentadores d'aquelle sitio sabemos nós que nunca restituia ás freiras, o cesto, guardanapo e prato em que lhe offereciam as golodices, a pretexto que era tanto o affecto que tinha a tudo que vinha d'aquella casa, que jamais consentiria em se apartar d'aquelles objectos.

Arranjou, assum, um armario de bem sortida louça.

N'uma d'essas tardes, pois, de descantes e musica, tardes ainda lembradas com profunda saudade por algum raro velhote que a morte tem até hoje respeitado, sendo coetaneo d'essas partidas, estando-se fallando das excellentes fructas da ilha do Pico e d'uns magnificos figos que n'aquella manhã haviam apparecido, á venda, no mercado, Thomaz José de Bettencourt disse em tom jactancioso:

—Os Srs. podem dizer para ahí o que quizerem, eu cá sustento e affirmo que não ha figos melhores, em todo o mundo, do que os de uma certa figueira que eu conheço, alli da cerca do convento. Dôces que nem assucar ! . .

—Isso é phantasia, você o que quiz foi gabar-se á gente de já os haver provado, talvez mesmo ao pé da arvore . . .

—Ao pé ou de longe, não tratamos agora d'isso, o que eu digo é que são optimos e de tamanho tal que meia duzia enchem um prato, mas eu é que os sei apanhar . . .

—O Diabo ! . . quem os atracasse agora.

—Se os meus amigos querem eu incumbo me d'isso, vão-se embora, assim como quem não sabe de nada, deixem o resto por minha conta e esperem-me á porta da botica do Francisco da Silva. Isto é dito e feito.

—Este Thomaz José é um homem das Arabias !

—Vocês querem ou não querem os figos ?

—Valeu ! . . mas você se vae lá dentro, não se demore, hein ?

—Fiquem descansados e toca a saffar!

Sozinho, afinal, o Thomaz José deixou escurecer algum tanto e chegando-se por debaixo d'uma certa janella do mosteiro, disse o quer que fosse para cima, retirando-se em seguida uma mulher que alli estava.

Momentos depois o arrojado mancebo trepava, como um gato, por um canto, seu muito conhecido, do muro da cerca, parecendo que já

no interior haviam posto uma escada, pela pressa com que elle desapareceu de cima do espigão da parede.

Emquanto isto se passava em São João, os rapazes companheiros de Thomaz José de Bettencourt, tinham ido para a designada botica, com a excepção de um unico que, motivando dores de cabeça, ia, segundo declarou, para casa.

Isto, porem, era falso, este rapaz tinha má vontade ao Thomaz José, por causa de certas rivalidades com uma rapariga, sobrinha d'um ourives da rua de São Francisco e foi denunciá-lo ao juiz de fora e Ouvidor, para que o atracassem na saída.

Forte patifaria!.. o Thomaz José nunca disse que este Judas não comesse dos figos.

Como coisa da fortuna demorou-se o estudante de latim dentro, ou na cêrca do convento mais tempo do que, rasoalmente, devia, dando assim tempo ao juiz de fora, ouvidor e alguns esbirros a irem-se collocar de alcatêa, cosidos com o muro que lhe haviam indicado.

Era já noite fechada.

O Thomaz José afinal, com um grande guardanapo de laubados figos, amarrado pelas pontas, appareceu triumphante e escarranchado no espigão do muro e d'alli, com o maximo cuidado, tratava de descer.

Quando, porem, ia a saltar em terra, em vez de se firmar no solo, foi cahir nos braços d'uma corja de quadrilheiros!

Fallou e praguejou muito o prisioneiro, porque, quantos o conheceram sabem que era extremamente garrulo, protestou a sua innocencia, como melhor ponde, mas afinal não teve remedio senão ir para a cadeia, a dois passos d'alli, na Praça Velha.

A toda a gente deu vontade de rir aquelle caso e tanto mais quando se dizia que mesmo, junto da cêrca, haviam comido os figos as authoridades que haviam effeituado a prisão.

Thomaz José de Bettencourt, devido seguramente á *vista grossa* dos da governança fugio em breve da cadeia para um hiato que ia para a ilha Terceira, aonde, dizia elle, se queria justificar *plenamente*, perante o Sr. general.

Não sabemos como, por lá, se houve, mas em pouco tempo, cursava em liberdade, uma afamada aula de mathematica em Angra, então existente, tornando-se um estudante distincto n'aquella sciencia.

Mais tarde regressou á sua patria, deixou as freiras em descanço e casou.

D'este matrimonio conhecemos um filho e uma filha, senhora muito respeitavel, educada com esmero e ainda hoje existindo em Lisboa.

E' a vinva do professor de lingoas no lyceu nacional da Horta, o Sr. Carlos Vieira Goulart.

O filho foi o Dr. Thomaz José de Bettencourt, formado em medicina na Universidade de Bruxellas, verdadeiro homem de sciencia e ao

qual esta ilha deven, em grande parte, nm dos seus mais valiosos melhoramentos,—a illuminação da cidade da Horta.

Este prestante cidadão falleceu ha pouco.

Ora devemos confessar que o tal *codio* de que nos fallou Drummond foi um bom pae de familia e que deu boas contas de si.

Temos-nos, n'estas *Notas*, demorado mais do que deviamos sobre assumptos concernentes aos conventos da Horta, mas por vezes um sentimento de justiça a isso nos obrigou, bem como o desejo de elucidar um ou outro mais obscuro ponto.

Ainda assim estes anomaes factos acontecidos na Horta, devidos á fragilidade inherente aos mortaes, bem como á ociosidade feminina, não podem comparar-se com outros, de maior vulto, que nos Açores houveram.

E se não leia-se o mesmo Drummond quando tratou d'um processo que houve n'uma outra localidade.

Diz o seguinte um dos documentos de que se servio:

«**Pronuncia**— Obrigam as testemunhas perguntadas no presente sumario a prisão e livramento a madre Anna Cherubina pelo trato illicito em que se tem versado com o dr. juiz de fôra d'aquella villa Francisco Lourenço d'Almeida, dando-lhe ingresso dentro da clausura, aonde foi visto com a dita religiosa, havendo para isto escalado o muro da cerca da mesma clausura. Obrigam mais á reverenda madre Abbadessa Antonin Joaquina, e suas sobrinhas Anna Ludovina, Antonia Ricarda e Clara Victorina como seductoras e alcoviteiras, e auxiliaadoras do dito trato, á vista da prova que contra ellas resulta da sobredita devassa.»

(*Anuaes da Ilha Terceira, Tom. 3, Doc. LL*)

Isto é que foi um cazo para arripiar os cabellos de uma população, um escandalo, um motivo de consternação geral!

As nossas freiras, apesar de se dizer que o seu comportamento *penalisou* os Hortenses, eram apenas umas pombas mansas, que o mais que faziam era bater as azas, por esses mares fôra.

Bom proveito!

Mappa geral do pessoal de todos os conventos existentes na Villa da Horta na ilha do Fayal

Denominação dos Conventos	Conventos de		Freiras pro- fessas	Noviças	Fam- u- las	Edu- ca- das	Criadas paten- taes	Frades	Cris- tas	Leigos	Hospe- des	Creados residindo no convento	Pupillas	Total
	Religiosos	Religiosas												
N. Sr. <sup>a</sup> da Gloria	—	Religiosas	34	—	31	—	4	13	—	—	—	—	—	79
São João (4)	—	"	56	1	24	3	1	39	—	—	—	—	—	124
Santo Antonio	Religiosos	—	—	—	—	—	—	—	1	1	1	1	—	4
N. Sr. <sup>a</sup> do Carmo	"	—	—	—	—	—	—	8	4	3	2	—	—	17
S. Francisco (2)	"	—	—	—	—	—	—	15	7	5	4	—	4	35
Caza do Oratorio	"	—	—	—	—	—	—	3	—	—	—	—	—	3
			87	1	55	3	5	52	14	9	7	1	4	262

(1) Uma freira fóz do convento.

(2) Um frade preso nas cadeias.



# 1762

## COLLEGIO DOS JESUITAS

Relação do pessoal d'esta oaza religiosa, por occasião da  
sua expulsão, no dia 1.º de Agosto do anno acima  
designado

Número	Nomes	Profissão	Observações
1	Antonio de Andrade	Sacerdote	Reitor
2	Joaquim José	«	
3	Domingos Antunes	«	
4	André Rebello	«	
5	Diogo Alvares	«	
6	Mannel Mourão	«	
7	José de Paiva	«	Mestre de latim
8	Luiz de Paiva	«	Perf.º dos estud.
9	Fr. Lobato	Religioso	Despenseiro
10	Fr. José da Cruz	«	Procurador
11	Fr. Luiz Ferreira	«	Sachristão

## O COMMENDADOR BERNARDINO JOSÉ DE CASTRO

(1817)

Andava, então, accêsa a guerra da America do sul, Paraguay e Rio da Prata, na qual os portuguezes contra o celebre Artigas iam praticando prodigios de valor, havendo já tomado, sob o commando do tenente general Lecor, a praça de Montevideo, seu principal reduto. /2

\* O reinado de D. João 6.<sup>o</sup>, que governava ainda com o titulo de Principe Regente, apesar da morte da Sr.<sup>a</sup> D. Maria 1.<sup>a</sup>, já ter occorrido um anno antes, em 20 de Março de 1816, auspiciava-se agora mais esperançoso e o Principe que a 8 de Março de 1807 desembarcava, fugido, no Brazil, cobria d'alguma sorte a vergonha d'aquelle pusillanime passo, com algumas palmas colhidas longe do seu paiz.

E, contudo, Portugal ainda era, então, uma potencia de primeira ordem, sendo apenas decorridos dois annos que no congresso de Vianna, em 1815, por occasião da paz geral, os nossos plenipotenciarios, como representantes de uma grande e poderosa nacionalidade, haviam assignado as actas do respectivo congresso, repousando as armas ainda ensanguentadas das pugnas com a republica franceza e em seguida com os exercitos de Napoleão 1.<sup>o</sup>.

Em Lisboa, ou para melhor dizer, em todo o reino, grassava ainda assim o mais fundo descontentamento, entregues, como estavam, á influencia directa da Inglaterra, representada por Lord Beresford, influencia que se fazia sentir até nos mais insignificantes negocios, tentando dominar-nos, como um usurpador soberbo pode dominar uma terra conquistada traiçoeiramente.

Estabeleceram-se então o terror, como o unico reduto de salvação, em vista das demonstrações de ira que começavam a irromper ora n'um ora n'outro sitio do paiz, como prenuncios de uma irrupção tremenda e ameaçadora que, infallivelmente, devia rebentar mais cedo ou mais tarde.

Semelhante á morte esta occorrença seria certa, mas a sua hora é que se tornava, ainda, incerta.

Proseguindo no seu sanguinario proposito, teve Lord Beresford a audacia de, á face de uma população inteira, prender como reus d'alta traição dezeseite bravos portuguezes que não lbe eram affectos e forjando um maudicto processo, no qual uma das principaes accusações era de pertencerem á seita dos pedreiros livres, mandar queimar alguns em vida e degolar outros.

No numero dos primeiros contava-se o illustrado e valente Gene-

ral Gomes Freire de Andrade, o qual com notavel merito e brillantismo militara em paizes estrangeiros, cercado da mais distincta reputação.

E' do dominio de todos que tão barbaro procedimento só servio de apressar em Portugal o movimento liberal, effectuado na cidade do Porto a 24 d'Agosto de 1820, donde começou a regeneração d'este paiz.

Foi exactamente n'esse anno de 1817, quando Portugal estava tão agitado por indomitas paixões politicas, umas pugnando pela sagrada liberdade da patria, outras combatendo as mais justas aspirações do povo, que a 17 de Julho entrava na bahia da Horta, procedente do Rio de Janeiro, a nan «Vasco da Gama», conduzindo tropa, com numerosa tripulação e sob o commando do Commendador Bernardino José de Castro, ao qual tambem obedeciam outros navios que seguiam a nau.

A «Vasco da Gama» adiantara-se, porem, na sua derrota e chegara aqui primeiro do que os seus companheiros de viagem.

O Commendador Castro vinha muito enfermo e regressava a Lisboa acompanhado da sua familia e criadagem, sendo tão melindroso o seu estado que não ponde desembarcar, para lograr descanso em terra.

As autoridades locais e principaes cidadãos foram logo a bordo cumprimentar o Commendador, o qual, ainda que muito debilitado ainda conseguiu reccebel-os pessoalmente.

No dia 20, proximo do meio dia, a «Vasco da Gama» dando inesperadamente um tiro de canhão arriou a meio mastro a bandeira nacional, crusou as vergas e em breve chegou a terra um escalor dando a triste noticia que acabava de fallecer o commandante da nau.

Immediatamente dirigiram-se para bordo muitos dos mais distinctos cavalheiros d'esta localidade, demonstrando todos, á familia do illustre finado quanto os penalisava semelhante acontecimento e acompanhando-a em tão doloroso trance.

N'esse mesmo dia, pelas quatro horas da tarde, veio para terra o cadaver.

Tanto os escaleres da nau, como muitas embarcações da Horta, cheias de gente de todas as classes da sociedade e com bandeiras em signal de luto, formavam alas, desde o fundeadouro d'aquelle vazo de guerra até ao caes, ao troar de uma salva poz-se em movimento o lugubre prestito, composto do escalor que condazia o faretro, junto do qual o capellão da nau e de algumas outras embarcações, com a officialidade do navio, tropa e marinhagem.

Apenas chegados a terra, salvou o castello de St.<sup>a</sup> Cruz, sendo o caixão esperado no caes por toda a numerosa tropa de linha e milicias, aqui então existente, pelas autoridades e nobresa da terra e por immenso concurso de povo.

Os sinos de todas as egrejas da Horta começaram então a dobrar a finados e o feretro que continha os restos mortaes do Commendador Castro, coberto com a bandeira portugueza e conduzido pelos mais graduados officiaes de bordo e acompanhado, na melhor ordem, por toda aquella comitiva, dirigio-se lentamente pela rua do caes até à de São Francisco, aonde, parando, foi o cadaver levado para a sala principal de Sergio Pereira Ribeiro, cavalleiro professo da ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo e mais tarde nomeado commendador da mesma ordem, vice consul Francez e cavalleiro muito respeitavel d'esta localidade, dotado de um genio essencialmente franco e sociavel.

A abastada casa de Sergio Pereira Ribeiro era então uma das mais elegantes moradias da Horta, distinctissima no fino tracto e delicadesa de maneiras, hospedando ou privando, pela sua posição official, com quasi todos os estrangeiros de educação que a esta ilha aportavam.

Era uma familia do bom tom, como modernamente se diz.

Ainda assim, não comprehendemos bem a razão de n'um enterro d'um official da marinha portugueza, feito officialmente e com grande pompa, ser o feretro alli depositado e na frente da moradia do vice consul francez organizado o sahimento, quando a breve distancia d'alli existia, como actualmente existe, a igreja de S. Francisco, com espaçoso atrio, sendo edificio de uma ordem monastica portugueza, isto é, tendo mais character nacional, do que a habitação do representante de uma nação estrangeira.

Devia, para tanto, haver um motivo qualquer, que hoje ignoramos.

O prestito funebre, que sahio ás 6 horas da tarde desde a casa do vice-consul francez até à igreja do Carmo foi imponente, augmentando a anterior e já muito numerosa reunião de pessoas, a cleresia e todas as ordens monasticas d'esta ilha, isto é, franciscanos, carmelitas, padres de S.<sup>o</sup> Antonio e do Oratorio.

O concurso de povo pelas ruas que conduzem ao Carmo era enorme, achando-se as janellas replectas das damas fayalenses trajando rigoroso lucto.

O feretro ficou depositado na igreja dos Carmelitas, até ao dia seguinte, no qual, com identica pompa se celebrou um officio de corpo presente, sendo prestadas ao illustre finado todas as honras militares devidas á sua elevada patente.

A este officio, por aviso do Ouvidor, concorrerem todo o clero da ilha.

O Commendador Bernardino José de Castro jaz sepultado no cemiterio que era da Ordem do Carmo, mas sem uma simples lapide commemorativa que indique o seu derradeiro leito.

Poucos dias depois d'estes acontecimentos entrava na bahia da Horta a fragata «Venus» e logo depois a esquadra a que a mesma pertencia.

Aguardava ainda estes navios a nau «Vasco da Gama», partindo todos, conjunctamente, d'este porto.

Continuou, ainda n'este anno de 1817, uma grande affluencia de navios do Brazil, n'este porto, tanto na sua ida de Portugal como no regresso á patria, dando tambem causa a isto a haver sido descoberta uma conspiração para tornar independente Pernambuco, enviando para alli o governo da metropole varios reforços militares, bem como uma alçada judicial.

Nestes embates politicos foram instaurados diversos processos, soffrendo muitos dos conspiradores a pena ultima.

Foi um anno de sangue!

---

## O GENERAL ANTONIO JOSÉ CLAUDINO D'OLIVEIRA PIMENTEL

(1823)

Esta epocha e todo o decurso do anno antecedente, designa uma quadra auspiciosa para os fayaenses, havendo com o advento ao poder das idéas constitucionaes, sido desfeita a cadeia de ferro que sujeitava o Faya à ilha Terceira.

De semelhante independencia todos, aqui, se congratulavam e as festas religiosas, bailes, illuminações e cavalhadas, effectuadas na Villa da Horta não tornaram a ter rivaes, chegando a sua memoria, até aos nossos dias, nos mais levantados termos e das mesmas tratando minuciosamente o Sr. Antonio Lourenço da Silveira Macedo, na sua «Historia das quatro ilhas que formam o districto da Horta».

Não ha, porem, gosto perfeito n'esta vida.

A 19 de Novembro de 1822, o notavel apostolo da revolução liberal portugueza, Manuel Fernandes Thomaz, fallecia, no continente, entregando aos vindouros a manutenção da sua gloriosa obra e esta consternadora noticia veio enluctar, algum tempo depois, uma parte da população d'esta ilha e volver em mortuarios crepes os festões floridos que, pouco antes, haviam adornado os Paços do Concelho da Horta, assim como o seu principal templo.

Foram sollemnes, na egreja Matriz, as exequias prestadas em Janeiro de 1823, a tão distincto vulto da nossa nacionalidade, armando-se, alli, um grandioso mausoleu, com emblemas, disticos e innumerables lumes, e assistindo à fúnebre cerimonia enorme multidão, composta de todas as classes da nossa sociedade.

Representavam então, em côrtes, este Districto, os desembargadores Manuel José d'Arriaga e Roque Francisco Furtado de Mello, missão esta em que demonstraram enxcedível zêlo e actividade a bem dos interesses dos seus constituintes.

Ora, enquanto a pequena sociedade fayalense, unida fraternalmente na realisação de alguns úteis commetimentos lograva vida descansada e, relativamente, feliz, em Portugal taldavam-se de ameaçadoras nvens os horisontes politicos.

Os grandes principios da revolução social de 1789, estabelecidos em França e d'aquelle foco irradiados em toda a Europa, não eram bem vistos pelo Infante D. Miguel e embora em Portugal tivessem sido solemnemente juradas as bazes da nova constituição da monarchia e Sua Altêsa acompanhando o Senhor D. João 6.º, houvesse lançado a primeira pedra do monumento constitucional que, no Rocio, ia ser levantado, em 27 de Maio de 1823 partio com alguma tropa para Santarem, agregando-se-lhe outros corpos, alem da infantaria n.º 23 que o seguira, e como o Senhor D. João 6.º, á frente tambem de tropas, houvesse partido para Villa-Franca, reunem-se pae e filho e conseguem um pronunciamento a favor da causa real e mudança de ministerio, entrando triumphalmente em Lisboa, a despeito dos preparativos de resistencia ordenados pelas Côrtes.

O tal começo do monumento constitucional e as cadeiras dos deputados foi tudo demolido e desfeito pelo povo, *nobresa e frades*, segundo o dizer d'um historiador contemporaneo !

Sempre a comedia a envolver-se com a historia.

O Infante D. Miguel foi, então nomeado generalissimo, sendo-lhe entregue o commando em chefe do exercito.

Reassumidos, assim, os *poderes magestáticos* (é este o termo consagrado) ao Senhor D. João 6.º, é facil de prever que os devotados campeões das idéas liberaes e que por ellas tinham sacrificado tudo, deviam ser varridos do reino, ou pelo menos collocados em lugar seguro, aonde não podessem exercer qualquer influencia politica.

Ainda assim, a indole incontestavelmente bondosa do Senhor D. João 6.º, foi moderada para os liberaes, indo se El-Rei dos mesmos *descartando*, como melhor podia, mas sem grandes violencias.

N'estas circumstancias veio para a ilha do Fayal, deportado, um liberal convicto, incorregivel e intransigente, que fazia parte da veneranda casa dos Pimentéis, de Moncorvo, do qual terá sempre de falar com respeito a historia contemporanea do nosso paiz.

Quaes eram, porem, os antecedentes de Antonio José Claudino d'Oliveira Pimentel ?

Os de um militar ás direnas.

Contava, então, este valente, 47 annos de idade, possuia uma figura respeitavel, era muito dado a cavallarias e havia sido cadete e official de marinha e depois, em terra, effeituado brilhantes rasgos de

coragem, na guerra peninsular, combatido no Brazil a favor do predomínio portuguez e affrontado denodadamente a senha sanguinaria de Lord Beresford, seu implacavel inimigo, porquanto almas d'aquella tempera repugnam sempre aos tyrannos.

A cabeça de Claudino Pimentel, como a de tantos outros heróicos portuguezes, não havia talvez já rolado no cadafalso, por ordem do sanguinario inglez, que dominava o reino, devido seguramente á especial consideração que aos seus altos serviços testemunhava o Senhor Dom João 6.º, o que, ainda assim, não impedio de, mais tarde, quando Sua Magestade entrou de novo na posse dos taes *poderes magesmaticos*, de o mandar deportado até uns rochedos do meio do oceano.

E' caso para se dizer: amigos, amigos, mas negocios á parte.

O illustre escriptor, o Sr. Pinheiro Chagas, n'um seu magnifico trabalho, concernente ao bravo militar de que tratamos e publicado no 1.º anno da *Ilustração Portuguesa*, menciona nos seguintes termos a sua vinda para os Açores:

«Claudino Pimentel foi demittido (era então general das armas da Provincia de Traz os-Mouros) e desterrado para a ilha do Fayal, e talvez devesse ainda assim a benignidade relativa com que foi tratado ás boas recordações que d'elle conservava El-Rei D. João 6.º.

Dois annos esteve Claudino no Fayal e na Graciosa, para aonde o mandaram por parecer inconveniente a sua permanencia n'uma ilha populosa, e aonde já conquistara muitos amigos.»

Muito poucas reminiscencias existem na Horta da permanencia d'este valente cabo de guerra, a não ser a sua amizade com o governador Rocheleben, tambem então, n'aquelle tempo chegado ao Fayal e cujos sentimentos liberaes, apesar da feição politica predominante e do cargo de que se achava investido, começou desde logo a demonstrar-se pela sua illustração, prudencia governativa, moderação em todos os seus actos e tolerancia para com todos os partidos.

Claudino Pimentel era eximio em montar a cavallo e, quasi diariamente, dava longos passeios aos mais pittorescos sitios da ilha acompanhando, por vezes, de alguns cavalheiros com os quaes se relacionara desde a sua chegada e cujos sentimentos politicos, a favor da suffocada constituição, não eram de ninguem desconhecidos.

O governador Rocheleben fazia, porem, a vista grossa a semelhantes intinuidades do deportado politico e não era raro acompanhal-os uma ou outra vez, n'essas excursões.

As noites, á mingoa n'esta terra d'um clmb qualquer, passava-as o general Claudino a jogar pacificamente o grão, no convento de São Francisco, aonde as pilherias inoffensivas dos nossos bonacheirões e obsequiadores frades lhe distrabiam as horas de exilio.

Tanto na sociedade Hortense, como no interior dos conventos, o que é facto é que o general Claudino, começava a tornar-se muito sym-

pathico e que as suas conversas eram, abertamente, em opposição á politica então dominante.

Teve d'isto conhecimento o capitão general Stockler, então estabelecido em Angra e fiel á causa embora ingrata, que sustentava quiz pôr um termo ás atenções que começavam a convergir sobre o distincto deportado e n'esta conformidade, inesperadamente, ordenou a sua sahida do Fayal para a ilha Graciosa, por mais insignificante e menos eivada de sentimentos liberaes.

Isto occorreu poucos mezes depois da sua chegada ao Fayal, no brigue «Constancia», a 3 de Julho de 1823 e na ilha Graciosa foi preencher o seu tempo de exilio, o qual durou até 1825.

Em troca de Claudino Pimentel veio para aqui, tambem deportado o major João Leandro Valladas, acompanhado de um camarada e um filho de 9 ou 10 annos de idade, mas já vestido de cadete, que pela novidade d'aquelle trajo em tão verdes annos e em attenção ao pae, começou a ser o enlevo de muitas familias e das freiras constitucionaes, que as havia extramamente parladoras e de antes quebrar que torcer, no que dizia respeito á politica.

O major Valladas, um sujeito extremamente gordo, emquanto aqui se demorou, morou n'uma casa que fazia esquina para o canto de D. Joanna, no local em que hoje existe o predio pertencente ao Sr. Conselheiro Terra Pinheiro e na mesma residio tambem o general Claudino entrando o segundo, quando o primeiro sahio para a Graciosa.

O filho do Major Valladas, militar desde o berço, por assim dizer, seguiu sempre a carreira das armas, chegando a elevados postos.

Terminaremos esta referencia, atinente ao general Claudino Pimentel, dizendo que, provavelmente, foi o mais socegado tempo da sua vida aquelle que, como deportado politico, passou nos Açores passeando a cavallo ou jogando o gamão com uns pobres frades.

Em 1825, devido a empenhos da sua distincta familia, conseguiu voltar a Moncorvo, terra da sua naturalidade, causando, logo em seguida a inesperada proclamação da Carta Constitucional tal alegria ao seu edoso pae, o capitão mór de ordenanças João Carlos d'Oliveira Pimentel, que não paude resistir áquelle choque, do qual falleceu.

No anno seguinte, havendo fallecido El-Rei D. João 6.º e começando, pela proclamação da Carta, a que nos referimos, a serem publicados todos os actos governativos em nome do Senhor D. Pedro 4.º, de cujo documento fora portador o inglez Carlos Stuard, o general Claudino Pimentel assumio o commando de uma divisão de dois mil homens, na Beira Alta.

Começou então a guerra dos sectarios do antigo regimen e dos pugnadores das novas idéas e n'essa grande lucta occupou sempre proeminente logar o valente general.

A meio caminho, porem, foi ingrata a sorte.

Depois de tres annos de luctas e de sacrificios veio a cahir nas



mãos dos miguelistas e soffrendo os maiores insultos e vexames foi, afinal encarcerado na torre de São Julião, em Lisboa e d'alli, pelo crescido numero de presos que diariamente iam enchendo as enxovias, transferido para a cadeia da Relação do Porto, aonde o veio encontrar a sentença que o condemnava a cinco annos de degredo para as Pedras Negras.

Não chegou, porem, a cumprir este castigo, nem teve o jubilo de presenciar a restauração das idéas liberaes, por haver fallecido, no carcere a 13 d'Agosto de 1830, com 57 annos de idade.

O general Claudino Pimentel foi um dos grandes martyres da causa constitucional portugueza e a sua memoria digna da maior veneração pelos serviços que prestou ao paiz, militando, desinteressadamente e do coração, nas fileiras do progresso.

---

## JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES

(1831)

As grandiosas scenas do oceano indomito e soberbo, as alcantiladas montanhas cujo cume donegrido vai sumir-se entre as nuvens, a severidade das serras fechadas em verde-negro e gigantesco arvoredo, os valles profundos e profundas crateras, expolio de mal extinctos vulcões, os admiraveis panoramas, enfim, que por toda a parte abundam na muito accidentada estrutura do archipelago açoriano, deve, com certeza, impressionar profunda e indelevelmente o visitante d'estas plagas, por mais prosaico que seja, ou menos propenso a sentir a influencia d'algumas paginas admiraveis da natureza, no seu embotado animo.

Para os poetas, porem, para os homens de genio e talento, para os artistas, para todos que tiverem imaginação ardente e viva, os quadros magestosos d'uma paisagem açoriana, com o seu imponente socego e avantajados delineaamentos, com essa indisivel melancolia dos terrenos outr'ora requeimados por turbilhões de fogo, deixando ainda hoje, atravez da frondosa verdura, irromper de espaço a espaço alguns montões de pedras negras, ou vermelho escuro, como se n'aquelle mesmo momento ainda estivessem soffrendo á acção do vulcanismo, tornam-se n'um perenne manancial de inspirações, tocadas de uma vaga tristeza, que imprime ao character d'estes povos um aspecto serio e meditativo, reflectindo-se n'elles, como nos Bretões, com os quaes tem grande analogia, certa asperesa do meio em que existem.

O povo açoriano na sua generalidade de fé vivida e vehemente, capaz dos maiores sacrificios e devotada afeição a qualquer causa a que se entregue, é, ainda assim, um povo muito pouco expansivo e limitadamente sujeito aos assomos de enthusiasmo que, d'um momento para o outro, anima por vezes as classes trabalhadoras de outras localidades.

N'estes isolamentos do oceano a corrente das idéas que, no continente, agita uniformemente diversas nações, soffre um corte antes de chegar até nós, uma solução de continuidade que dá aos açorianos o tempo necessario para reflectir e encarar fixa e defidamente qualquer assumpto, antes de ao mesmo se entregarem d'alma e coração.

Em vez dos comicios, das reuniões, dos ajuntamentos, nos quaes a voz, cheia de prestigio, d'um orador notavel, ou d'um tribuno popular, leva o povo a adoptar um ou outro partido, esta ou aquella facção, o açoriano, entregue somente a si, na sua humilde choca, ou na sua pequenina barca de pesca, é livre no pensar, menos sujeito a estranhas e por vezes interesseiras influencias, escolhendo uma causa por convicção, izempta de quaesquer enredos, ou rasteiras conveniencias.

Assim o provon sempre a sua conducta.

Se não intimidaram os açorianos as hostes de Castilla, nem mais tarde o poder do Regente para se afeiçoarem ao infeliz D. Afonso 6.<sup>o</sup>, também modernamente, na guerra da liberdade, não regatearam uma unica gota do seu sangue, embora parecesse empresa incrível um punhado de bravos ir atacar numerosissimo exercito, forte nos seus reductos, bem provido de viveres e munições, enquanto a força expedicionaria não passava de um bando de aventureiros, semelhantes aos bandos das aves maritimas que, ao nascer da aurora, vemos levantar do cimo dos ilheos semeados aqui e alem das rousas escarpadas praias.

As aves maritimas são, effectivamente, atrevidas, criadas no meio do oceano immenso, sem limites, ouvindo-lhe o incessante bramir e experimentando-lhe a indomita furia, arrastadas por vezes, poisadas sobre fragil lenho na crista de alterosas e imponentes vagas, outras vezes assistindo, em face das tormentas ás victorias do mar, quando rompe e despedaça rochedos; - as luctas Lilliputianas dos mortaes, por maiores que pareçam, devem-se-lhe afigurar um brinquedo de creanças, quando comparadas com as pugnas gigantesças da natureza, maxime aqui, nos Açores, aonde os vulcões e o oceano presidem a todos os acontecimentos notaveis, de que ha recordação.

O marinheiro insulano é também uma ave do mar, arrosta em duas taboas mal unidas uma enfiada de vagas semelhantes a montanhas, espumantes e rugidoras, e, depois d'esta prova, pode sorrir com desdém ás balas que lhe arremesso pesada artilheria, por quanto já vio a morte de mais perto.

Verdadeiro combate é o primeiro, ali sim, ali é que se conhecem os bravos, ali é que a vida está presa por um tenue fio, dependendo do mais pequeno desvio do leme, ou de um simples movimento da prôa da embarcação fóra do verdadeiro rumo a seguir.

E estas batalhas, para elle, durante os longos mezes do inverno, são quasi diárias, por quanto as rochas informes das entradas dos portos, inhospitas, agudas e traiçoeiras, ladeando, alterosas, estreitos carreiros, que elle tem de crusar e aonde a vaga refere em oppostas direcções, são como fileiras de ameaçadores phantasmas, que divisa, alta noite, á baça claridade da phosphorecencia da rébentação, avidos de o ver despedaçado, ou sumido para sempre nos medonhos sorvedouros entre uns e outros existentes!

Foi esta a população que vieram encontrar os academicos, que por seguir as idéas constitucionaes, procuraram acotar-se na ilha Terceira, unica terra portugueza aonde, então, tremulava a bandeira da patria independencia.

Não pertence á indole d'estes ligeiros apontamentos descrever a tomada das ilhas d'este archipelago pela Divisão expedicionaria, commandada pelo notavel conde de Villa-Flor, já muito e por escriptores eruditos e até testemunhas participantes d'esses acontecimentos tem sido narrado, como subsidio para uma curiosa obra que ainda está por escrever, a historia da revolução liberal nos Açores, e ultimamente a serie de documentos á mesma atinentes que tem publicado o *Archivo dos Açores*, dá ensejo sofficiente a qualquer individuo alli ir buscar abundosa copia de informações a semelhante respeito, sendo o nosso fim, somente, ao traçar estas linhas, recordar a estada na ilha do Fayal do notabilissimo orador José Estevão Coelho de Magalhães, do qual os portuguezes tanto se podem orgulhar, ou talvez mais, do que a Hespanha se orgulha d'esse genio assombroso que se denomina Emilio Castellar.

Algumas palavras apenas sobre a rendição da ilha do Fayal.

A divisisão constitucional depois de haver tomado sem resistencia a ilha do Pico, havendo desembarcado na freguezia das Ribeiras, no dia 21 d'Abril de 1831 e d'alli seguido para as Lagens, São Roque e Magdalena, isto é, para as tres villas da ilha, nas quaes successivamente se fizera a acclamação da Rainha e da Carta, estacionou n'aquelle ultimo porto depois de a 9 de Maio haver tomado a ilha de S. Jorge, com effusão de sangue, em diversos pontos da mesma.

D'esta refrega dizia o major José Joaquim Pacheco, commandante da tropa constitucional que alli tinha ido, em carta particular, datada mais tarde do Fayal a um seu amigo militando nas fileiras contrarias e que elle queria chamar á sua causa: «porem na ilha de São Jorge aonde consegui desembarcar dois capitães, o Almeida do 7 e o outro de n.º 4, quizerão fazer-se fortes e foram victimas da sua obstinação, que me obrigou aos codilhar, sem lhes deixar fazer vasa.»

Que amor e saudade a lembrada jogatina do voltarete, em tempos de descanso, que nem n'estas occasiões lhe esquecia !

Os acontecimentos da ilha Terceira, a tomada de São Jorge, a feição pronunciadamente liberal da maioria da população fayalense e a duvidosa resistencia que a mais aguerridos soldados poderiam oppôr as tropas milicianas na Horta existentes, deviam, com certeza, desanimar as authoridades da governação da terra, tanto mais que no dia 11 de Maio o brigade «Liberal» veio aqui trazer um officio do Conde de Villa Flor aconselhando a obviar-se, por meio de uma honrosa capitulação, o derramamento de sangue, como acontecera na ilha de São Jorge.

As authoridades miguelistas foram, porem, de opinião contraria áquelle sensato alvitre, apesar das circumstancias que apontámos, reunindo-se em seguida a Camara para pedir socorros para Lisboa, quando estava com os contrarios á porta !

Indica isto de certo as atribulações, ou indicisões, em que todos andavam.

O quadro, porem, tendia a assombrar-se gradualmente.

Acontecimentos politicos passados na Europa em 1830 e que expulsaram do throno francez Carlos 10.<sup>o</sup>, bem como, na Inglaterra a recente morte de Jorge 4.<sup>o</sup> e a sahida do ministerio d'aquella nação de lord Wellington e Aberdeen, foram repercutir-se logo depois na America, promovendo alli, a 7 de Abril de 1831, uma revolução que arredou do throno D. Pedro d'Alcantara de Bragança e Bourbon, imperador do vastissimo imperio do Brazil, o qual nomeou tutor dos seus filhos José Bonifacio de Andrade e Silva, abdicando a corôa no illustrado D. Pedro, que ainda actualmente alli governa.

De bordo da nau inglesa «Warspite», na qual se refugiara, traçou o imperador uma sentida carta de despedida aos brasileiros, em data de 12 d'Abril do mesmo anno.

A 30 de Maio seguinte, uma importantissima noticia rebentou inesperadamente na Horta, isto no meio da agitação geral em que andavam os animos.

Pela frequencia de navios, especialmente inglezes, que então povoavam estes mares, passava quasi desapercibida a appareção de mais uma fragata d'aquella mesma nação que bordejava ao sul da bahia e como este navio carecesse de alguns refrescos, havendo-lhe estes sido fornecidos, no acto da lancha de serviço regressar para terra, appareceu na amurada do navio um militar que declarou aos marinheiros acoreanos ser D. Pedro, dando-lhes quatro moedas, bem como um bilhete firmado pelo seu proprio punho, no qual animava os consuetudinarios a continuar na defesa da sua causa e da sua angusta filha, e uma carta para o Conde de Villa Flor.

O Senhor D. Pedro vinha acompanhado da imperatriz, na fraga-

ta «La Volage,» enquanto a Senhora D. Maria seguia para Brest na fragata franceza «La Seine».

A carta a que nos referimos foi em breve tempo entregue ao Conde Villa Flor que ainda se achava, então em São Jorge, e a noticia d'este importante facto, com incrível rapidez se espalhou pelas outras ilhas, com as quaes havia amudadas relações, sobre tudo devido a uma pequena chalupa ingleza, armada em guerra pelos constitucionaes e denominada «Water Witch», a qual prestou grandes e arrojados serviços n'estas difficeis conjuncturas. Effectivamente no numero onze da «Chronica», periodico que se publicava em Angra, relativo a 12 de junho de 1831 e fora, antecedentemente, o orgão da Illegencia provisoria e que alli continuou a publicar-se até 6 de Julho de 1832, passando depois a ser impresso em Ponta Delgada com o titulo de «Semanario dos Açores», formando essa collecção, actualmente um importantissimo documento d'estes acontecimentos, encontra-se a seguinte noticia:

—«O boato que ha dias tem corrido, espalhado em São Jorge por uns pescadores do Fayal de que tinha passado na altura d'esta ilha uma fragata ingleza com S. M. o Imperador D. Pedro, vai tomando corpo, pois que o capitão Nogueira, commandante da força expedicionaria que se achia no Pico, mandou um official a bordo da fragata ingleza «Galathea» surta no Fayal verificar estas noticias que foram confirmadas pelo commandante da mesma fragata, dizendo que o Imperador, a Imperatriz do Brazil e a Rainha de Portugal, tinham alli passado para a Europa, aquelles para Inglaterra e esta o'uma fragata franceza para Brest.»

Com a passagem do Imperador pela bahia da Horta, dando assim mais vida ás idéas liberaes já tão pronunciadas n'esta ilha, começou uma verdadeira derrocada para o partido opposto, bem evidente na encontrada adopção de diversos alvitres, nos consecutivos conselhos das authoridades militares no castello de St.<sup>a</sup> Cruz, nas reuniões extraordinarias da Camara e na irresolução e divergencia de opiniões em todo e qualquer negocio publico.

Final resolveram, a 6 de Junho, mandar um emissario á ilha de São Jorge, aonde então estava o Conde de Villa Flor, para combinar as condições da capitulação, sendo escolhido para esta melindrosa commissão o major d'infanteria 7, da qual estava aqui uma parte, D. José Maria Carlos de Noronha, por antonomasia D. José Periquito, como vulgarmente era conhecido na ilha.

Este militar, fidalgo dos quatro costados, compadre de D. Miguel e costumado na corte aos maiores regalos, era um bellissimo cavalheiro, muito amigo de divertimentos, bailes e jantares, ajudando invariavelmente á missa, ora n'uma ora n'outra egreja, aonde ia o corpo a que pertencia, dando-se bem com todos, fossem constitucionaes ou miguelistas e casado com a illustre fidalga D. Maria d'Arrabida, senho-

ra d'altos dotes de espirito e de coração, pertencente á nobre casa Mesquitella.

D. José Maria Carlos de Noronha sabia pois, de madrugada, n'um escaler, com destino a São Jorge e parecendo animado das mais inabalaveis convicções pela causa que ia representar.

Chegando, porem, áquella ilha, foi ali encontrar, na tropa expedicionaria, muitos amigos e até parentes, collocados nos mais importantes postos, houveram abraços, lagrimas, enternecimentos, muitas saudes e muito alegres e saudosas recordações de mais tranquilos tempos, resultando de tudo isto que o *bon-vivant* D. José, queria mandar o escaler para o Fayal e ficar com os seus amigos do continente.

Achava-se alli perfeitamente, á vontade, e enquanto ao resto, *regar la gaitère*, como mais tarde dizia Balzac.

Oppoz-se, porem, muito sensatamente o Conde de Villa Flor a semelhante desejo, dizendo-lhe que não convinha n'um negocio tão serio abandonar os seus constituintes que, impacientemente, talvez o esperavam e que o verdadeiro caminho era regressar para o Fayal a dar conta da sua commissão, sendo concedido o praso de tres dias ás autoridades d'esta ilha para aceitar, ou não, as condições de uma honrosa capitulação.

Annuio afinal a isto D. José Maria de Noronha, e sabe Deus com que vontade, abraçando os numerosos amigos novos e velhos e já planejando divertimentos, bailes e saraus, para quando a sorte das armas de novo os reunisse.

Perto da noite o escaler chegou ao caes da Horta, sendo a primeira pessoa que a multidão, que alli concorrera, divison, dando vivas a D. Miguel e accenando um lenço o mesmo D. José, incapaz, como dissemos de fazer mal a pessoa alguma, mas seguramente improprio tambem para commissões d'aquella ordem, que não estavam no seu temperamento alegre e despreoccupado.

Isto e a alta posição de alguns dos seus parentes explica sobejamente a benevolencia com que mais tarde foi sempre tratado pelo governo constitucional, sendo-lhe até entregue o governo de um castello.

Não tinha indisposições em campo algum.

Nem todos podiam dizer o mesmo e não era, por exemplo, pequeno o descontentamento de alguns esturrados da Horta, tanto da tropa como paesanos, contra o coronel Antonio Isidoro de Moraes Auro-ra, governador do castello, desde que, como já vimos, antecedentemente, em consequencia da fuga do seu antecessor Rocheleben, assumira aquelle cargo, por effeito d'um movimento militar.

Taxavam-no, agora, de incompetente e frouxo, porque este militar, diga-se a verdade, em todos os conselhos effituados no mesmo castello, aonde risidia, votava por medidas até certo ponto conciliadoras, repugnando-lhe violencias, dilates ou vinganças.

Era a antithese do syndicante Torres, desembargador, chegado recentemente de Lisboa e filho do muito conhecido Almirante portuguez Torres, homem de cabellos no coração, como diz o povo e que quando não andava a caçar coelhos e codornizes, divertimento de que era apaixonadissimo, caçava aquelles que bem ou mal, suppunha não serem affectos a D. Miguel, enchendo as prisões de gente, por vezes completamente innocente, e syndicando, para a conecção d'um celebre e volumoso processo, sobre factos insignificantes, passados muito antecedentemente e quando estava em vigor a anterior constituição, como governo legitimo do reino.

O Syndicante Torres grangeara na Horta, por tão violento procedimento, a fama de uma especie de Fouquier Tinville, estabelecendo o terror n'esta pequena localidade.

Notaremos aqui, incidentemente, que a Providencia reservava a este sujeito uma horrenda provação, quando estes acontecimentos, a que nos estamos referindo, já pertenciam de ha muito á Historia.

Pelos annos de 1840 estava então o desembargador Torres residindo em Lisboa, na rua do Salitre, an Rato, quando a celebre e nefasta quadrilha de ladrões, da qual era chefe o boleeiro Diogo Alves, amedrontava Lisboa, com uma incrível serie dos mais sanguinarios e mysteriosos crimes.

O Torres tinha então um filho, rapaz talvez n'uns quinze annos, o qual tendo ido dar, montado n'um jumento, um pequeno passeio pelos arredores da capital, no seu regresso á casa paterna foi barbaramente morto pelo Diogo Alves e companheiros para lhe roubarem o relógio!

Prosigamos, porem, nos acontecimentos relativos ao Fayal.

Facilmente se deprehende que o coronel Ancora, como homem moderado não satisfazia as exigencias do Syndicante e d'alguns outros individuos, sendo tambem um seu decidido antagonista o tenente Cabral de Teive, d'artilheria, ferrenho realista, chegando estas discordias a ponto de n'uma noite este official, acompanhado de soldados, ir buscar duas peças de campanha, para violentamente depôr o governador do cargo que exercia, ficando elle em seu lugar. movimento este que abortou pela comparencia de varios militares que lhe demonstraram, em fortes termos, a inconveniencia de, nas criticas circumstancias em que se achavam, dar tão publico testemunho da discordia e insubordinação que reinava na guarnição fayalense.

Era tambem publico que o coronel Ancora, cívico de toda a sorte de desgostos, secunbira de animo, a ponto de dizer ás pessoas com quem privava que já por varias vezes estivera tentado a suicidar-se, atirando-se para a rua, da altura do castello, no sitio em que está o pau da bandeira.

N'estas circumstancias não era difficil de prever qual seria o desenlace d'este anomalo estado dos negocios publicos.

A tropa expedicionaria que do Pico fora á tomada de São Jorge e reforçada agora com novos destacamentos vindos de Angra, aonde tinha ido o Conde de Villa Flor, preparava-se na Magdalena para atacar o Fayal, apesar da presença, na bahia da Horta da corveta «Isabel Maria», que demovera a guarnição da ilha do seu proposito d'uma capitulação.

A 23 de Junho a anarchia no Fayal tinha chegado a tal ponto, maxime com a noticia do regresso do Conde de Villa Flor, n'aquella madrugada, á villa da Magdalena, que o syndicante Torres vendo a terrivel espada de Damocles suspensa sobre a sua cabeça e que d'um momento para outro podia rebeatar o tenue fio que ainda a sustinha, entendeu, para segurança propria, fugir n'um biate que da bahia do Porto Pim estava a sahir para Lisboa e no qual tambem foi a distincta familia do fallecido Sr. Jorge da Cunha Brum Terra e Siveira, tenente coronel de milicias.

O coronel Ancora officiou então a Luiz da Terra Peixoto de Lacerda, capitão de milicias, para tomar conta do commando militar dando em seguida ordem á tropa para evacuar a ilha, tanto na corveta «Isabel Maria», que se dirigia para São Miguel, como em dois outros navios, uma escuna e um brigue americano para este fim fretados.

Começou o embarque, fazendo-se a corveta e a escuna de vella e estando ainda, pela tarde adiante fundeado na bahia o terceiro navio, com o panno já solto, mas cahido ao longo dos mastros, pela falta, quasi absoluta de vento.

A ordem da evacuação fôra, ainda assim, tão precipitada que não deu tempo a recolher diversos destacamentos dispersos em varios sitios da ilha.

Uma inesperada e lamentavel occorrenciã veio, porem, complicar ainda mais a partida do brigue americano.

Quando já estava embarcada quasi toda a restante guarnição da ilha, e a fragata e a escuna já bem distantes para o sul, alguns soldados retardatarios e embriagados, proferindo insultos e ameaças, iam-se dirigindo para o caes, depois de em varias ruas haverem disparado tiros e cantado obscenidades.

Nas casas proximas do sitio do embarque estava muita gente nas janellas, movida por natural curiosidade, quando de braço dado um anspeçada e um soldado, a cambalear avinhados, chegaram á esquina do castello, aonde termina a rampa que desce para o embarcadouro.

N'esta occasião o anspeçada maneando primeiro com fanfarrice a sua espingarda, repentinamente metteu-a á cara, fazendo fogo na direcção das casas, que, como já dissemos, tinham as janellas apinhadas de gente.

Este tiro disparado á tãa, fôí ferir gravemente um mancebo, subdito inglez, que alli se achava, como simples espectador e que era filho do commerciante Diogo Searle.



Tomou, immediatamente, o respectivo consul, conhecimento d'aquella criminosa occorrença, dirigindo se em seguida para bordo da fragata ingleza «Galathée» que n'estes mares e então na bahia da Ilhota permanecia, para proteger o commercio e segurança dos britannicos nos Açores, sendo commandada pelo capitão de mar e guerra Napier, mais tarde almirante e conde do Cabo de São Vicente.

Este bravo official, o qual, evidentemente, quanto a sua posição official lhe permittia, sympathisava bastante com a causa liberal, era então um homem de meia idade, sem a minima apparencia da raça anglosaxonia, de estatura regular, trigueiro e barbado, apresentando-se sempre em terra com o chapim armado muito descalhado para as costas, dragonas no mesmo sentido, farda aberta no peito, com um grande lenço de seda preta ao pescoço, cujas pontas lhe cahiam até ao estomago, calças brancas muito largas e muito compridas, com as extremidades geralmente enfiadas dentro de grosseiros sapatos e para terminar esta estranha apparencia munido d'uma grande espada e debaixo do braço, invariavelmente, um chapéu de sol azul, enorme, descommunal, terminando o comprido cabo do mesmo por avantajada bola de marfim.

Um typo!

Está bem de ver que este desleixo, ou excentricidade de trajo, não tinha coisa alguma com as suas distinctas qualidades scientificas, com a sua valentia e optimos predicaes nauticos, circumstancias estas a que deveu a sua elevada e merecida posição social.

Dentro em pouco tempo, pois, um escaler da «Galathée» conduziu o commandante Napier e o consul inglez, prolongava-se com o brigue americano, aonde já se achava o criminoso anspeçada e o resto da tropa que debandava, embargando a sabida d'aquelle navio, em quanto lhes não fosse entregue o delinquente, o qual a 24 de Setembro seguinte foi fusilado no mesmo sitio em que praticára o crime.

Independente, porem, d'esta exigencia, era impossivel o brigue levantar ancora, perquanto com o declinar da tarde, não corria a minima aragem, havendo a maxima quietação na atmosphera e nas serenas ondas da bahia, que pareciam estanhadas.

A este tempo devisavam-se já, sahindo do porto da Magdalena do Pico, uma porção de pequenas embarcações, movidas a remos e que na direcção do Fayal, começavam a atravessar o canal que separa estas duas ilhas.

Era a tropa expedicionaria.

Temos agora, embora nos detenhamos alguns momentos, de fazer um parenthesis n'esta narrativa, para registar o seguinte facto, que apesar de relativamente insignificante, diz, ainda assim, respeito a este memoravel dia.

Veio a ser o caso:

Já antes da complicaçào com o consul inglez e commandante da

«Galathéa», por causa do aspeçada embarcado no brigue americano, era mais que evidente para a maior parte dos fugitivos, a completa impossibilidade da saída d'este navio, pela grande serenidade do tempo, sendo a consequencia d'isto ficarem em breve prisioneiros.

Invejavam, conseqüentemente, a sorte d'aquelles seus compaheiros que havendo embarcado mais cedo, para bordo da corveta «Isabel Maria», cujo alvo velame ainda se divisava ao largo, na direcção de sueste, demandava, como tambem a escuna, a ilha de São Miguel, ainda sujeita ao governo realista.

Atracada ao brigue americano estava então uma pesada e grande lancha, das que se empregam na amarração dos navios que procuram a bahia da Horta e que n'esse dia se occupara a conduzir para os tres navios, já mencionados, tropa e bagagens, tendo ainda no seu farto bôjo uma botica militar, algumas duzias de linhões para os enjoados e diversas enxergas e caixas, dos soldados, as quaes para o interior do navio começavam a ser içadas.

O tenente Mello, de infantaria n.º 1 e alguns soldados, talvez dez- oito, desejosos de se eximirem de ser aprisionados, combinaram entre si de saltar para a lancha e seguir no encalço da corveta, que imaginaram, à força de remos, ainda poder alcançar, embora já estivesse a grande distancia, pois sahira do ancoradouro ha mais de seis horas.

Na confusão que ia abordo do brigue americano, atulhado de tropa em perfeita anarchia, deixaram-se da amurada escorregar pelo cabo que aguentava a lancha e apenas no interior d'esta, desamarraram-na logo, instando com os homens do mar, que a tripulavam, para que amassem os remos, ao que elles não queriam annuir sem saber o destino que levavam.

O tenente Mello indozira, tambem, a que o acompanhasse um cadetesinho, talvez d'uns quinze annos de idade, que se achava abordo e ao qual sorria a idéa de fazer uma *viajada* e de livrar-se de ficar prisioneiro.

Este rapaz havia sentado praça por causa de um namoro que tinha com uma menina que gostava muito de fardas e tanto mais das de cadete, com a sua reluzente estrella no braço.

Os homens da lancha praguejavam que nem damnados, alguns soldados, da borda do brigue, gritavam que queriam as suas caixas, o tenente Mello, porem, respondia que estivessem descansados a esse respeito, que tudo mais tarde lhes seria entregue e com promessas, ou ameaças, pondo-se elle e os soldados tambem aos remos, para ajudar os mariuheiros, começaram a vogar, vagarosamente, no rumo do sul.

Tinham que remar!

Ao sol pôsto, já fora do monte da Guia, viram as embarcações que conduziam a tropa expedicionaria, a meio canal, e d'alli por diante a maré n'aquella altura começou a impellir com mais vehemencia

a lancha. Em breve as brumas da noite começaram a confundir tudo o que ficava distante, deixando só bem patentes os alterosos contornos das duas ilhas, cujos escuros cumes se destacavam acima dessa nevoa que, se meliante a alva cinta, as envolvia desde o nível d'água até á sua zona media.

A lua campeava já no firmamento e a sua serena e branda claridade espelhava-se nas aguas adormecidas e calmas.

Que doce quietação tão differente das agitadas scenas que se estavam dando em terra !

O silencio era alli profundo e só intercoitado pelo cadenciado ranger dos remos, nos toletes, ou pelo siciar da maré, referendo contra a proa da lancha, que a cortava transversalmente.

Assim decorren muito tempo, a terra distanciava-se visivelmente, tornando-se quasi indistinctos os seus delineamentos e representando apenas uma infortae massa escura, no horisonte, e algumas aves maritimas, em nocturnas pilbagens, vendo a solidão invadida por aquelles intrusos, passavam ás vezes proximas da lancha, em celere vôo á tona d'agua, saltando espavoridos gritos.

A lancha bojuia e valente, tinha os movimentos lentos e cadenciados d'uma espagosa rede e os soldados que iam aos remos, coadjuvando os marinheiros fayalenses, foram pouco a pouco cedendo á acção soporifica do silencio, do balanço e do monotono bater dos remos.

Uns encostavam-se estonteados, á borda da embarcação, outros mais commodistas deixavam-se escorregar sorratamente até á caverna e em breve um somno profundo d'elles se apoderava.

O tenente Mello que dirigia esta viagem, estava, de bruços estendido no leito de proa, com a cara apoiada nas duas mãos e fixando sempre no horisonte o ponto aonde julgava que devia estar a corveta e imaginando, por vêzes, como quem de nute fica attentamente o mar, divisar ao largo transitorios lumes, o pharol, quem sabe ?, do navio que talvez, perto da noite tivesse apercebido aquella embarcação que para ella se dirigia.

Vã esperança, porem.

Os marinheiros vendo tudo socegado abordo, disseram algumas palavras em voz baixa, entre si, começando uma banda a *sahir* em quanto a outra remava a proa da lancha a descrever um meio circulo, em sentido contrario d'aquella em que proseguiam.

—Que diabo de historia é esta ? ! — gritou-lhe immediatamente da proa o tenente Mello — temos pouca vergonha, ou que é isto ? . . Vocês julgam que não os percebo ? . . querem voltar para o Fayal, hein ? . . pois estão bem servidos comigo, toca a endireitar já a embarcação e a mettel-a em rumo direito, quando não . . . haja sentido! . .

—O' Snr. a gente já não pode alcançar a corveta, e mesmo que

assim fosse, não estamos obrigados a ir parar a São Miguel. Ora o diabo, *home*.

—Leva rumor ! . . vocês comigo não brincam, é remar para a frente . . .

—Que te leve o diabo ! . . resmungaram a meia voz os marítimos, mas como a força faz lei, apesar de extenuados, continuaram lentamente no seu triste fadário.

Pela noite adiante declararam, positivamente, que já não podiam remar mais, o tenente chamou pelos soldados para os substituir, mas d'estes apenas tres ou quatro accudiram e ainda assim estonteados com somno e sem pratica alguma de coisas do mar, e n'estas circumstancias vio-se obrigado a recolher os remos por algum tempo e a deixar ir indo a lancha á mercê da corrente e d'uma brisa do norte que então começava a levantar-se.

Sempre ia ganhando espaço.

Foi, para os que estavam acordados, bem longa aquella noite.

Afinal surgiu a manhã, o oriente incendeu-se em purpurinos claros, um dilúvio de vivida claridade espancou as nocturnas sembras, o mar oucresceu-se ao sopro, mais esperto da brisa da manhã, uma brisa do norte, e em breve o esplendido sol veio povoar o dorso das ondulantes e pequenas vagas de turbilhões de pontos luminosos.

Apesar da estação o calor dos primeiros raios do sol reacimou gostosamente os tripulantes da lancha, que haviam dormido ao ar livre e que estavam meio entorpecidos, tudo se poz a pé, interrogando avidamente os horizontes.

Nem uma unica vella, enaquanto a vista alcançava, solidão completa e só muito distante, mnito, as duas ilhas do Fayal e Pico.

Forçoso era, pois retroceder, mas isto ainda assim não seria empresa facil n'aquella pesada embarcação e tanto mais quando o vento refrescava, tornando-se lhe contrario, requerendo bastante força nos remos para poder vencel o e isto nas precarias condições em que os tripulantes se achavam, cansados e sem, ha muitas horas, haver tomado qualquer alimento.

Era quasi tentar um impossivel, devido ás más qualidades nauticas da enorme lancha da amarração, boa para conduzir ancoras aos navios, d'um porto abrigado, mas impropria, sem pauno, para outros serviços.

Ainda assim, a lancha d'esta vez, sem impugnação do tenente, virou de rumo, os marinheiros armaram todos os pesados remos, começando lenta e pesadamente a caturrar contra o vento.

Havia fome abordo e mais do que fome, sede, e os limões que ainda estavam na caverna, foram gradualmente desaparecendo, em vista das exigencias estomacaeas.

Um esquisito alinço !

O ultimo recurso seria a botica, mas isso flava mais fino, como vulgarmente se diz.

Pelas dez horas da manhã, talvez, segundo a altura do sol, porquanto ninguém abordo tinha relógio, avistaram ao longe, para oeste, o veleiro de um navio, o qual d'ahi por uma hora, os olhares, affeitos ao mar, dos remadores, reconheceram ser uma barca baleeira, provavelmente americana.

O navio seguia velozmente, n'uma bolina cerrada, ainda que n'uma linha muito affastada da lancha.

Na ponta de uma vara arvoraram, pois, um lençol, tirado das bagagens, desfraldando ao vento esse signal de soccorro, porquanto temiam ainda que a baleeira os não tivesse apercebido, ou continuasse a seguir no rumo que levava, como muitas vezes tem acontecido em difficeis lances maritimos.

A sorte d'esta vez foi-lhes, não obstante, favoravel, pois que os marinheiros que, nas pontas dos mastros, estavam de vigia á baleia, de ha muito que tinham dado por aquella embarcação, sem governo, no meio das ondas.

Assim, quando o lençol foi desfraldado, a barca içou, immediatamente, na mezena, a bandeira americana, em signal de reconhecimento, mas como estivesse muito a sotavento apesar da lancha puxar muito para o navio, só depois de varios bordos e muito tempo é que conseguiu avisinhar-se da mesma, atravessando, para virem á falla.

Os marinheiros fayalenses, que todos mais ou menos *linguejam* inglez, ainda que geralmente bastante estropiado, conseguiram explicar á gente da barca baleeira como alli se achavam, dando a perros a sua vida e na impossibilidade de, sem alheio auxilio, poderem voltar para o Fayal.

O capitão da barca, um velho muito gordo e muito vermelho, achou pilheria no caso, atirou com um cabo para os da lancha, fel os subir para o convez, dando risadas e uma palmada nas costas de cada soldado que lhe entrava em casa, fazendo com as mãos e com a bocca o acêno de quem dispara uma espingarda e depois, com a lancha a reboque, pela pópa do navio fóra, proseguio na sua interrompida derrota.

Aos marinheiros fayalenses disse elle que, em vista do vento que reinava, não lhe era possível ir deitar a gente que tinha abordo na bahia da Horta, por que isso o retardaria muito, mas que na costa do sul do Pico, pela qual ia passar, consentiria em desembarcar os no ponto que escolhessem.

O jantar da companhia americana foi generosa e valentemente partilhado pelos portuguezes, convidando o bom e folgasão velho ao tenente e cadete para a sua méza da camara.

Magnifico banquete, jamais aquella gente toda achou uma panela tão bem temperada. Pois o *puding* isso estava maravilhoso!

Ao descahir da tarde, exactamente vinte e quatro horas depois da partida da lancha da habia da Horta, a baleeira defrontava o porto de São Matheus da ilha do Pico, descendo para essa embarcação a tropa e os marinheiros fayalenses, afim de se approximarem da terra, isto com a excepção de dois soldados e tres marinheiros, que se ajustaram com o capitão americano para ir á baleia, dando graças a Deus d'aquella boa fortuna.

A barca largou então o cabo que aguentava a embarcação insulana, fazendo-se em breve ao largo, para proseguir na derrota de que se vira obrigada a afastar por algumas horas, e a lancha demandava as negras pedras que lhe ficavam em frente, na direcção do porto da picoense povoação.

De bordo via-se distinctamente muitos paisanos e alguns soldados, com o fardamento da tropa liberal, no cascalho em que se desembarca, ao tempo que uma pequena embarcação era deitada ao mar, dirigindo-se em breve, com celeridade, para os inesperados visitantes d'aquelle sitio.

Deveinos notar que desde a tomada da ilha do Pico, no dia 21 d'Abril antecedente, tinham ficado guarnecendo os seus differentes portos, algumas guardas da tropa liberal, assim como alguns individuos, dos principaes das localidades e reconhecidamente affectos ao novo governo, haviam tambem sido incumbidos de alli permanecerem, para providenciar sobre qualquer eventualidade que podesse occorrer.

Um dos tripulantes da embarcação picoense, que vinha de pé á pópa da mesma e que pelo trajo se destacava da companhia, vestida pobremente, intimou os da lancha a que fizessem alto e que dissessem o que queriam.

O tenente Mello respondeu-lhe que era uma força realista que vinha entregar-se á authoridade d'aquelle sitio e só então lembrando-se do cadete que até esse momento havia completamente descurado, por ser *um creangola* e que estava, encostado á borda da lancha, vendo curiosamente aquellas anormaes scenas, chamou-o para junto de si, dizendo:

—O Sr. vae ser, por mim, incumbido d'uma importante commissão, qual a de ir entregar esta minha valente espada ao commandante do destacamento que estiver em São Matheus.

—Mas porque não vae o Sr. pessoalmente ?

—Não lhe admitto quaesquer reflexões, é obedecer quanto antes ás ordens do seu superior . . . —e mentalmente repetia — Assim era eu tolo, quem vae adiante é que soffre o primeiro repellão . . .

O cadete perplexo e com a immensa espada do tenente Mello, so-braçada, saltou para a embarcação do Pico, a qual se dirigio para o porto, ficando a lancha, á entrada do mesmo e sobre os remos.

No cascalho mesmo, foi feita a entrega do tal terrivel gladio, ao commandante do destacamento alli estacionado que era, apenas, um

sargento com uma duzia de soldados ás suas ordens e de terra fizeram logo signal aos da lancha que podiam approximar-se.

Tinha affluído muita gente a presenciar esta scena, homens, mulheres e creanças, mas ainda assim, o desembarque effeitou-se, diga-se a verdade, sem uma unica palavra insultuosa ou aspera da parte dos governantes ou dos soldados constitucionaes e até ao contrario, as mulheres especialmente, condoiam-se bastante da sorte dos recém-chegados e dos trabalhos que estes lhes contavam que acabavam de passar.

Fuita a entrega do armamento, que, acatellado chidadosamente destinaram um armazem para os soldados descansar, enquanto o tal individuo que fora indagar o que a lancha queria e que parecia alli o principal agente da authoridade, convidava o tenente e o cadete, para se recolherem n'uma casa proxima, da qual fazia o seu quartel general.

Era o Silva, de São Matheus, um abastado proprietario, que havia corrido muito mundo e que gosava merecida consideração pela sua riqueza e fino trachi.

Para aquella casa se dirigiram, pois, os dois prisioneiros, o sargento que commandava o destacamento e dois individuos, acolytos do obsequiador Silva, os quaes pedimos permissão ao leitor de lhos apresentar.

Eram ambos já entrados em annos, um d'elles, porem, de apelido Alvares, bem apessoado, alto, corado e cheio de carnes, parecendo um *estrangeiro*, como diz o povo, quando se quer referir a um homem bonito. Estava este sujeito vestido de preto e na fronte espaçosa, quasi sempre animada d'um sorriso, lia-se a satisfação inteira de quem realison algum útil commettimento a bem da humanidade, parecendo marcado pela Providencia com o mysterioso sello da predes-tinação.

Animava-o o sagrado fogo do genio, conhecendo-se logo isto no seu porte e lhanas maneiras e, feliz mortal, a satisfação intima transparecia por todos os seus poros.

O seu companheiro era um outro typo, orçava bem pelos seus setenta Janeiros, magro, de tez encarquilhada e amarella e aspecto pouco sympathico. Trajava calças brancas, collete de cores vivas, gravata enorme, comprida sobre casaca de panno azul, com grandes botões de metal amarello, occulos redondos e um chapau alto e pelludo, de formas colossaes, que rivalisava, nas suas avantajadas proporções, com o immenso guarda chuva de alpaca, de ponteira de latão, traste este que tinha debaixo do braço e que jamais largava.

Havia n'aquelle homem o quer que fosse de sinistro, de terrivel, vindo-nos logo á idéa que elle devia ser um inquietador da humanidade.

Apenas chegados a casa, o Silva, aquelle individuo que os con-

vidara, mandou accender luzes, pois já era lusco-fusco, pedindo em seguida licença para se ausentar por algum tempo, ia mandar preparar a ceia para os soldados, assim como uma ou duas gallinhas cozidas para todos os que alli estavam e dizendo ao tenente Mello e ao cadete que podiam estar á sua vontade, que o partido que via a seguir era remetter-os, mais a sua gente para o Fayal, acompanhados d'um officio, mas que isso não tinha pressa, tanto mais que o tempo estava soberbo e que a qualquer hora poderia sair uma embarcação do porto.

Retirou-se, pois, no proposito d'aquelles culinarios arranjos.

O velho da sobrecasaca azul e botões amarellos foi o primeiro a romper o silencio, perguntando, com modo brusco, aos recém-chegados:

—Os Srs. conhecem-me, sabem quem eu sou ?

—Tenho idéa de já o ter visto, na Horta, mas não estou bem certo . . . — respondeu o tenente.

—Pois aconteceu-lhe o contrario de que a quasi toda a gente, que me conhece como a cão ruivo, attendendo a que tenho dado muito que fallar, eu, aqui aonde o Sr. e esse menino me vê, sou nada menos do que o alferes de ordenanças Rhombo, nome este que escrevo sempre com um R e um h.

—Bem sei — accudiu o cadete — o Snr. alferes é aquelle das demandas.

—Exactamente, menino, o Rhombo das demandas, pois olhe o Sr. tenente, que sempre lhe quero dizer, que ja tenho posto em juizo setenta e duas causas, dezeseis das quaes ganhei, quarenta e seis tenho perdido, andando ultimamente, apenas, com dez entre as mãos.

—Saffa ! — exclamaram a um tempo o tenente Mello e o Alvares.

—Pode rir-se á vontade, Sr. João Machado, mais ali esses Srs., mas olhem que eu sou capaz de pôr uma demanda até ao senhor São Pedro, chaveiro do ceu, se eu entendesse que tinha razão, ou, digo mais ainda, mesmo que a não tivesse, isto em mim é um vicio, ao qual não posso resistir . . . a minha natureza carece da atmosphera dos tribunaes.

—Mas você, Sr. alferes Rhombo, tambem por causa d'isso tem-lhe acontecido cada uma . . .

—Não contesto, mas provarei exuberantemente que semelhantes civicias são improducentes, á mingoa dos necessarios elementos justificativos.

—Aquelle cazo das ordenções, por exemplo, — continuou, ainda, o Alvares, com malicioso sorriso.

—Isso foi a maior pouca vergonha que tem havido, desde que o mundo é mundo. Ora eu conto aqui a estes Srs. essa occorrenciã, para que vejam se eu tenho ou não razão. Ha tempos indo ao Fayal levei, como costume, um homem atraz de mim, com uma grandê cesta e dentro d'esta as ordenções do Reino, porquanto sempre é bom um



homem andar prevenido com aquelle *vade-mecum*. Como tivesse de ir ao estauque comprar uns cadernos de papel sellado e de mandar o men servente fazer algumas compras, pedi n'uma loja de fazendas, que me deixassem ficar alli a cesta, que eu depois a viria buscar e fui tratar dos meus negocios e de passagem fallar com tres advogados, junto dos quaes rabisquei as minutas de sete requerimentos e dois libellos, isto enquanto o diabo esfrega um olho. A' hora da sahida dos barcos para o Pico, fui á tal loja buscar as *preciosas*, uma edicção magnifica, grande, com o retrato d'El-Rei D. José no frontespicio e mais abaixo diversas figuras e uma cobra, symbolo da espertesa, e vim muito satisfeito para casa, como se cousa alguma houvesse acontecido todas as demandas iam bem . . .

—O alferes o que tem é estragado metade dos seus haveres com esses demonios, antes lhe tivesse dado p'ra gostar de mulheres . . .

— Não faço agora uma replica, Sr. João Machado Alvares, para não interromper o fio da historia, mas logo fallaremos, o Sr. é que tem uma telha corrida com as taes . . . enfim, vamos agora ao caso das Ordenações, sabem o que o tal mariola do logista, com uma sucia que alli estava, tinham feito ? . . . Quintaram-me as folhas das minhas Ordenações, como se fossem soldados d'um batalhão rebelde, de cinco em cinco fallava uma ! . . . O que valen foi eu dar por semelhante desaforo e desacerto quando já estava n'esta ilha e no momento em que mettido na cama la ler nas mesmas alguns capitulos. . .

Os circumstantes riram, no que tambem os acompanhou o narrador, mas com uma risada sécca e sacudida, como se houvesse agitado um sacco de nozes

Proseguiu ainda:

Quiz logo na manhã seguinte embarcar para o Fayal, afim de me desafrontar, mas parecia de proposito, o mar rebentava ali contra essa costa de tal sorte que não podia sahir embarcação alguma, isto durou uma semana e eu, já desesperado, parti para a villa da Magdalena, cujo porto devia estar abrigado. Apenas cheguei alli, com quem imaginam os Snrs. que en deparo ? . . . exactamente com o tal patife do logista, que viera talvez espairecer para a minha terra ! Não fui senhor de mim, passou-me uma nuvem de sangue pelos olhos, acerquei-me do malvado, levantei a mão e . . . zás, ferrei-lhe a mais dura bofetada, que elle em sua vida tinha provado. Eu cá sou assim !

—E as consequencias d'isso ? . . . —perguntou sardonicamente o outro picense.

—Ora Sr. João Machado, Sr. João Machado, é preciso não entender nada de justiça, como lhe acontece, para não ver, desde logo, que as consequencias naturaes d'estas vias de facto e do logista estar a berrar como um pecesso, ajuntando alli muita gente, foi eu ir parar á cadeia, isso está claro.

—O homem tem genio! — murmurava para o cadete o tenente Mello.

—Mas veja o Sr. tenente — acrescentou o Rhombo — que ainda n'esta minha prisão houve grande *brudalheira*, pois que o carcereiro, com o qual eu já tivera um pleito juridico, fingio, por *magolha*, que não achava a chave da cadeia, que é no pavimento inferior do edificio da Camara Municipal, opinando então o P.<sup>e</sup> Vigario, ao qual eu levava já duas vezes ao banco do meio, que o verdadeiro era ir-se buscar uma escada de pedreiro e eu, em vez de entrar pela porta, introduzir-me pelas janellas dos Paços do Concelho, passando d'alli para a reles enxovia.

—Queriam dar um espectaculo com V. S.<sup>a</sup>.

—Quem visse! — acudio sinceramente o cadete:

—Pois olhe que teve mesmo que ver, porquanto eu quiz mostrar áquelles toleirões que não tinha medo e subi resolutamente a escada, no meio d'uma vaia terrivel, d'uma assobiada monumental do muito povo que se havia ajuntado. O alferes Rhombo é assim! . . senti zunirem-me aos ouvidos diversas pedras, mas os patifes não tinham a mão certa e uma apenas me alcançou o chapeo . . .

—O Sr. é um heroe!

—Obrigado, meu tenente. O resultado do juiz, do qual eu já tinha dado tres contas, não haver tomado a peito esta offensa a um homem da minha catadura e conservar-me oito dias na gaiola foi, de miguellista acerrimo que eu era tornar-me n'um liberal dos quatro costados, em vindo juizes novos, que não estejam prevenidos contra mim, vae ali haver o diabo a quatro, as demandas hão de ferver mais bastas do que arêa, eu lhes direi, vae cair sobre esta terra uma segunda praga do Egypto.

A este tempo o hospitaleiro Silva, entrava na sala, acompanhado d'uma rapariga com uma grande terrina, contendo gallinha cosida e um caldo fumegante, do qual o apetitoso cheiro invadio deliciosamente todo aquelle recinto.

Estendeu a robusta picoense sobre a meza alva toalha de linho, enfileirou alguns pães e garrafas de vinho e os convivas sentaram-se alegremente á meza, esquecendo os prisioneiros, diga-se a verdade, a sua melindrosa posição, em vista d'aquelle franco acolhimento dos constitucionaes.

Ocupou o lugar de honra á meza o sargento, que commandava o destacamento existente em São Matheus, um robusto rapaz de poucas fallas, mas que comia e enchia os pratos dos seus companheiros, a não poder mais.

Trocaram-se saudes e mais saudes, todos se achavam á vontade, apesar da quadra agitada por que passavam, e até o tenente Mello, segredava ao cadete, que lhe ia parecendo que a respeito de liberaes

o diabo não era tão feio como o pintavam, no que este também concordava.

—Então, enquanto eu estive lá por dentro, cavaquearam muito sobre política e sobre a esplendida entrada hontem da divisão no Fayal, não é assim? — perguntou o Silva.

—Não trocámos uma palavra a semelhante respeito — respondeu o Alvares — e somente o Sr. alferes Rhombo tem estado a contar-nos algumas peripecias por que tem passado.

—Effectivamente, tem sido bastantes.

O Rhombo, com uma perna de gallinha atravessada na bocca, conseguiu, ainda assim, dizer: — em vindo juizes novos, gente capaz, derroto mais de meia duzia. Olé! . . .

—Emfim — tornou o Alvares — cada um para o que nasceu, o nosso alferes foi para as demandas e eu cá para as industrias, principal ramo da publica prosperidade e do adiantamento d'uma nação. Não é assim, meu cadete? — e puchava-lhe, a brincar, por uma orelha.

—Eu cá não sei . . .

—Você hade saber melhor o que é namorar, não é assim? o menino tem olho de ser muito maganão. Ora, empine lá mais este copo, repare depois bem para mim e diga-me qual é a minha industria?

—O Sr. talvez faz aguardente, tem alambiques . . .

—Qual aguardente, nem qual carapuça, servo de Deus, eu fubrico coisa muito mais fina. Diga-me, com franquesa, o menino tem alguma rendedura, ou é são e escoreito?

—Eu não tenho rendeduras . . .

—Pois quando as vier a ter, isso é quasi infallivel, procure-me e está salvo, fundas e emplastos são a minha especialidade . . . o Bernardo gostou muito de os ver manipular . . .

—Qual Bernardo?

—O meu amigo Bernardo de Sá Nogueira, engenheiro e um dos principaes vultos da briosa expedição libertadora, o qual aqui passou alguns dias e a quem expliquei a utilidade e incontestavel merecimento das descobertas que na minha especialidade tenho feito. Sympathico deveras com aquelle galhardo rapaz!

—Bem sei quem é, — accudio o tenente Mello, levando aos labios, com mão tremula, mais um copo de vinho — foi o militar que do brigade «Liberal» veio n'um escaler, até proximo do caes da Horta, como parlamentar, offerrecer-nos as bazes d'uma capitulação. Por signal que esteve todo o tempo que o escaler aguardou, sobre os remos, a lancha que de terra ia ao seu encontro, a olhar com um oculo para as peças do castello. Eu é que havia ser o governador — Puni! . . . lá vae metralha.

—Deixe-se o tenente d'essas fumaças bellicas, que já nada lhe aproveitam, e voltemos aos meus emplastos. O rapaz, pelos modos, quer-me proteger e hade vil-os a fazer adoptar por todo o exercito

portuguez — Aquillo é que hade ser vender, fiquei de lbe escrever, mais tarde, sobre o assumpto.

—O amigo Alvares — accudio o alferes Rhombo — se você se lembrar, como diz que elle é triumpho, conte-lhe lá na carta as poucas vergonhas que tenho soffrido e que nos mandem para as Comarcas juizes que sejam uns *vardascas*.

—Verei, verei o que posso arranjar para servir o meu amigo. Lá vae á nossa . . .

—Toque . . . hurrah ! . . Viva a liberdade, rapasiada !

Viva ! — gritaram todos, incluindo o tenente e o cadête.

Esta reunião, nas bellas disposições em que estavam os animos, prometteia prolongar-se muito pela noite adiante, o dono da casa que, não obstante, tinha conservado sempre a sua serenidade habitual, havia sahido para o exterior da moradia uns dez minutos antes e voltou agora dizendo:

—Os amigos que vão para o Fayal em querendo embarcar tem tudo prompto, aqui está tambem o officio que os deve acompanhar, já fallei tambem a alguns barqueiros para ajudar os remadores e irá uma embarcação de pesca para os ir rebocando, o que será bom é não se demorarem muito por que a maré agora é a favor.

—Eu — declarou o commandante do destacamento — com meia duzia de soldados, em vista das instrucções recebidas, tenho de acompanhar os prisioneiros até ao Fayal, mas isto por mera formalidade, está visto.

—E nós — acrescentou o tenente Mello, erguendo-se da meza, mais o seu companheiro — temos de agradecer a V. S.<sup>as</sup> indos, e com especialidade ao Snr. Silva, tantos obsequios que nos dispensaram

—Não tem coisa alguma que agradecer, tanto mais que isto são azares da sorte . . .

—Exactamente, azares da sorte, — disse ainda o Alvares — quem sabe se precisam alguns dos meus emplastos, nada de ceremonias . . .

—Por enquanto agradecemos.

—Hajá saude, rapazes, — exclamou tambem o velho de casaca azul — e lembrem-se uma vez por outra do alferes Rhombo — e digam lá no Fayal aquelles tratantes que me quintaram as ordenações, que a minha vingança será estrondosa, que heide cahir sobre elles com um chuveiro de demandas, e que ficarão todos pelas ruas da amargura.

D'estes dois ratões resam as chronicas locais que deram cabo d'uma boa porção dos bens que possuiam, um com a sua industria o outro com as suas rabulices, sendo o primeiro tambem victima d'uma fiadoria dos dizimos.

(Continua)

A amizade de João Machado Alvares para com o destemido Bernardo de Sá Nogueira foi, effectivamente, muito duradoura, sendo um facto sabido por muita gente que este picoense decorridos alguns annos mimoscara o nobre visconde de Sá da Bandeira com um presente, acautelado n'uma caixa de madeira.

O bravo titular, lembrando-se da sua estada nos Açores e da localidade em que conhecêra o remettente, imaginou que o conteúdo da caixa, seriam excellentes queijos do Pico, tendo curiosidade na abertura da mesma.

Enganou-se, o que alli estavam eram algumas fiúdas e mais de trezentos omplastos.

Terminaremos este incidente dizendo que as lanchas em que iam os nossos conhecidos, n'aquella noite de 24 para 25 de Junho de 1831, fizeram perfeitamente, debaixo d'um luar esplendido, a travessia do Pico para o Fayal, aonde chegaram quasi de madrugada, ao som dos hymnos liberaes cantados pelos soldados da expedição.

Era a primeira vez que os prisioneiros ouviam aquellas notas.

Do caes da Horta deram entrada no castello de St.<sup>a</sup> Cruz, indo engrossar o numero dos prisioneiros que n'esta ilha se elevou a 304 individuos, isto é, a tropa que pretendia seguir no brigue americano e que depois se entregara, bem como diversos destacamentos estacionados em varios pontos da ilha, os quaes na precipitação da sahida das anteriores autoridades não haviam sido mandados recolher.

Toda a gente prisioneira sahio em breves dias da Horta, para Angra, nas embarcações constitucionaes, passando a maior parte a fazer serviço nas ficleiras liberaes, especialmente para caçadores n.<sup>o</sup> 2.

Chamavam a este corpo, por antonomasia, o batalhão de Nossa Senhora da Rocha, porquanto n'uma revista ás caixas dos soldados aprisionados, de que em grande parte se compunha, haviam sido encontradas grande numero de imagens da St.<sup>a</sup> Mãe de Deus, sob aquella invocação.

Egnalmente eram denominados os *pescados* aquelles soldados miguelistas, depois espalhados pelos diversos corpos e que tinham tomado parte na batalha de 11 d'Agosto, na Terceira, isto em allusão aos liberaes haverem salvado muitos de ser arrebatados pelas vagas, na pessima posição do desembarque, em apurmadás barrocas do mar.

Affastados temos de ha muito andado e mais, com certeza, do que tencionavamos do principal assumppto que motivou esta referencia, n'esta comessinha conversação com o benevolo leitor, estraviâmo-nos, por vezes do caminho direito e divagamos livremente, como um estudante em ferias, por esses campos fóra, repousando aonde mais nos agrada, já para admirar uma paisagem, ou para colher uma agreste flor, únicas de que nos é dado fazer modesta collecção.

A estrada Coimbra não é, porem, difficil de encontrar e irrompendo do seio d'estes massiços de mal cultivados arbustos, em que

nos temos embrenhado, prosigamos agora em linha recta, para chegar a casa com dia.

Deixámos, se nos recordamos bem, a expedição liberal, que havia sabido da Villa da Magdalena, a atravessar, já perto da noite o canal que separa o Pico da ilha do Fayal, para aonde se dirigia.

O desembarque da força principal effaltou-se no vasto areal da freguezia da Praya do Almoxarife, approximadamente uma legoa ao norte da Horta, da qual é separada pela grande lomba da Espalimaca, (agulha em estranho idioma) ao tempo que outras embarcações, ainda que em menor numero, atravessavam a baía da principal povoação da ilha, até ao unico caes, então existente.

Aos bellicos sons das cornêtas militares, que só recentemente os fayalenses ouviam á frente de tropas, porquanto, até então, o uso era tambores, seguiu da Praya do Almoxarife a divisão em columna cerrada, pela íngreme ladeira que sobe a lomba, batendo já a lua de chapa nas reluzentes baionetas das armas, que apresentavam o fulgor de uma ceara de prata ondulando no fundo escuro dos arvoredos circunvisinhos.

O nobre conde de Villa Flôr, que commandava a expedição, devia estar satisfeito do bom exito da sua empresa, aquelle passeio militar ia-se gradualmente tornando n'uma ruidosa ovação, o povo apinhava-se em todo o seu trajecto, para ver passar a tropa, os vivas aos libertadores irrompiam amudados e com a approximação da Horta mais vehementes e expansivos se tornaram, havendo grande enthusiasmo, achando-se a maioria das casas illuminadas, os sinos atroando os ares com festivos repiques, bem como innumeros foguetes e outras demonstrações de publico regosijo, esmerando-se cada qual em obsequiar o mais possivel os recém chegados.

Da lisongeira impressão que ao Conde de Villa Flor e a toda a tropa liberal canson esta fraternal e vivida recepção, ha sobejas provas nos documentos da epocha que se referem a estes acontecimentos.

No numero dos soldados, pertencentes ao batalhão academico, que acompanhavam a expedição e cujo fardamento era calça branca, ou preta, conforme a estação, farda preta, com canhões e gola de veludo da mesma côr, avivados de vermelho e gorro preto, com pequena palha, avivado tambem semelhantemente, poder-se-hia notar um rapaz, então de 22 annos de idade, muito emmagrecido, apenas com um pequeno bigode, de apparencia flente, mas ainda assim, differenciando-se da generalidade dos seus companheiros, por esse mysterioso *não sei que*, imprimido invariavelmente pelo genio na fronte dos seus raros eleitos, bastando fital-o por alguns instantes para se reconhecer que estava alli um homem de talento, embora em bem pessimas condições physicas e aspecto de um tísico.

A tropa que acabava de entrar na Horta aquartelou-se nos redutos militares aqui existentes e a officialidade e cadetes nos conventos

de São Francisco e Carmo, bem como por casas particulares, que jubilosamente os recebiam.

O solícito conde de Villa Flor presidia, incontestavelmente, á instalação de todo o pessoal debaixo das suas ordens e se a mais rigida e exemplar disciplina era mantida por todos os militares, tornava-se tambem impossivel mais delicadas maneiras para com elles da parte do seu distinctissimo capitão general.

Como um dos principaes da localidade acercara-se do conde de Villa Flor o sargento mór de ordenanças Antonio d'Oliveira Pereira, de cujas excellencias e bondade de caracter e educação já tinha as melhores informações o commandante da expedição.

Mandou este, por uma ordenança, chamar á sua presença o militar enfermo, a que já nos referimos, e quando o seu subalterno se lhe apresentou, perfilado como uma fita e fazendo a continencia militar, o conde disse lhe:

—O Sr. vai ser aboletado em casa, aqui, do Sr. Oliveira, o cirurgião do batalhão lá mesmo o irá visitar diariamente,—e depois, chamando de parte o sargento mór, acrescentou em voz baixa:—Recomendo-lhe muito especialmente, Sr. Oliveira, aquelle rapaz, é um excellentemente e distincto moço, pertencente á familia de um honrado medico de Aveiro. Chama-se José Estevão Coelho de Magalhães.

—As ordens de V. Ex.<sup>a</sup> serão fielmente cumpridas.

—Ordens não, isto é um obsequio que lhe peço e que, desde já, agradeço.

O conde affastou-se d'alli, para ir prover a varias requisições, ao tempo que o honrado Oliveira dirigia-se ao seu aboletado, dizendo-lhe com a sua uzual bonhomia:

—Venha d'alli, Sr. José Estevão, o Sr. deve carecer de descanso e d'aqui de São Francisco, até a minha casa, é um bom bocado, para quem já deu uma caminhada.

—Effectivamente aquella ladeira da Praya do . . .

—Almoxarife.

—Sim, do Almoxarife é custosa de subir e eu ando fraco . . . de mais a mais com este arsenal bëllico ás costas . . .

—Não pode ser agradavel, isso com certeza.

Foram seguindo.

Eu sinto, Sr. Oliveira, ter de o incomodar, isto deve ser, porem, por poucos dias . . . —e o rapaz cambaleava visivelmente de cansaço —vamos de vagar se faz obsequio.

—Dê-me o seu braço, anda tanta gente n'estas ruas, que melhor será irmos pelo lado do mar, o Sr. sente-se incommodado?

—Ia-me dando uma vertigem... ha tempos que soffro muito e se não fosse a Liberdade, esta idéa sagrada que defendemos, já talvez fosse um cadaver, é ella que me anima, que me dá vida e que atravez d'estes dias de incertezas e crueis privações nos deixa antever um

sonho talvez, mas um sonho esplendido, a redempção da minha pátria, á qual amo tanto, tão entranhadamente, como amava a minha querida mãe, aquella santa que lhe repousa no seio.

Apesar da fraquesa do aboletado e do esforço que fizera para proferir estas palavras, havia, ainda assim, tanto fogo, tanta energia e tão suaves modulações na sua voz, que o seu companheiro parou para ouvi-lo e quando elle finalizou, não sabemos como, tinha duas lagrimas a lhe rolar pelas faces.

—Venha d'ahi, homem de Deus, o Sr. tem uma maneira de dizer as coisas . . . ora esta! pois não estou a chorar.

—E' o seu bom coração . . .

—Eu sei lá o que é,—e olhando para a figura franzina de José Estevão, acrescentava a meia voz—Pobre rapaz!

Chegarão afinal a casa, a mesma propriedade de vasta frente e dois andares, sita á esquina da travessa da Misericórdia, que ainda hoje pertence á respeitavel familia Oliveira, entrando para a sala, adornada d'uma meia dúzia de espelhos redondos, com largas molduras douradas, um piano e varias jarras da India, bem como mobilia estofada de vermelho, no gosto d'aquelle tempo.

O dono da casa foi dentro mandar preparar um quarto para o seu hospede e pouco depois voltava á sala, dizendo-lhe ainda:

—O Sr. José Estevão o que mais carece agora é de reponso e portanto amanhã é que o apresentarei á minha familia, indo agora somente indicar-lhe o seu quarto, já lá deve estar uma gota de chá, se precisar de alguma coisa chame com toda a franqueza, como se estivesse em sua casa.

—Agradeço tão boa recepção, trata me como a um filho.

—O que desejo é que esteja á vontade e que durma bem.

—Boa noite.

Ao futuro grande tribuno portuguez offerecia effectivamente a sua boa estrella uma hospitaleira e distincta moradia, como se respeitasse, desde então, os altos meritos d'aquelle mancebo fadado para tornar-se uma brillantissima gloria patria, um dos mais notaveis voltos do paiz.

Em 1831, a familia do sargento mór de Ordenanças Antonio de Oliveira Pereira era numerosa, compondo se alem d'este cavalheiro que então contava 41 annos, da sua virtuosa esposa D. Francisca Elcodora Pacheco d'Oliveira, oriunda da ilha Terceira, da mesma idade e das suas filhas D. Maria, D. Francisca, D. Carlota e D. Marianna, a primeira apenas de oito annos, a segunda de cinco e as duas ultimas, gemeas, de um anno.

Tinha tambem quatro filhos, o mais velho João, com treze annos, Joaquim que contava onze, Antonio com oito e José, o mais novo, apenas com tres.

Havia ainda a creada Agueda, septuagenaria e que envelhecera



na casa, Beatriz de cincoenta e nove annos, Barbara de quarenta e um e Vicencia, uma rapariga de vinte e tres primaveras.

Contava-se ainda alli o creão Francisco e varios quinteiros e homens de serviço, que diariamente frequentavam aquella habitação.

E não se admire o leitor de o determos n'estas minuciosidades, pois alem do desejo de aqui mencionar toda e qualquer indicação dos factos a que nos referimos, é tambem certo que em muitas casas antigas, da tal educação que hoje faz sorrir desdenhosamente algumas nullidades endinheiradas, não se sabe como, e que julgam que um sacco de patacas pode supprir tudo, n'essas casas, repito, os servos e patrões formavam uma especie de *clan*, adoptando até aquelles, não raras vezes, o nome da familia a que pertenciam.

Chegaram até nós alguns especimens d'essa raça que está a extinguir-se e que, pela transformação que experimentou, talvez ninguém, de futuro, acredite que chegou a existir.

Tinha, assim, para mais de vinte pessoas a casa em que se albergou José Estevão.

E não era este o unico hospede que, n'essa occasião, tivesse o sargento mór Oliveira, porquanto já na sua abastada moradia se achavam diversos officiaes da expedição.

O aposento destinado para José Estevão foi no primeiro andar, á esquerda da porta que abre para a escada da casa, uma bella sala de duas janellas rasgadas, chamada o quarto do Oratorio, sufficiente, pelas suas dimensões, para alli ouvir missa toda a familia de casa.

O motivo do quarto do Oratorio ser destinado para o recém-chegado, foi por já, no segundo andar, estarem todos os quartos que havia disponiveis, occupados pelos aboletados e só para alli passou José Estevão quando estes sahiram e elle ficou, sosinho, em casa do seu patrão.

Se n'aquelles dias o Oratorio teve um intruso, no sagrado mister para que fôra destinada, está justificada a apparente irreverencia, pela pratica d'uma das obras de caridade, velar pelos enfermos.

A criada, especialmente destinada para tratar do joven academico, foi a Barbara, mulher já quarentona, feia, de aspecto varonil, voz cheia, secca e sacudida, uma verdadeira virago emquanto ao aspecto.

Como, porem, tanto a triado dizem os inglezes *«All is not gold that glitters»*, ninguém se fie nas apparencias, ou nem tudo que luz é ouro.

Debaixo d'aquella pouco atrahente figura, debaixo d'aquella incontestavel fealdade, de modos bruscos, a natureza dotara aquella pobre mulher com um coração bondoso e compassivo.

Conhecia-a bem o sargento mór quando a mandou tratar d'um doente.

Effectivamente, para José Estevão a Barbara foi o mais dedicada

possível, velando-o como a um filho, não tendo um descuido nem um esquecimento, parecendo um camarada, cumprindo com exactidão militar e solícita boa vontade tudo o que o joven militar lhe ordenava.

Jamais se esqueceu o grande tribuna do levantado procedimento d'esta açoriana e ainda, mais de trinta annos depois, quando escrevia á familia Oliveira, perguntava sempre: — *Como ia a boa velhota Barbara?*

Esta collacção de cartas de tão notavel vulto do nosso paiz e que seriam uma gloria conservar, perderam-se, ou extraviaram-se, não conseguindo nós obter uma unica que fosse, para figurar d'estes apontamentos, apesar da boa vontade e diligencias dos sobreviventes membros da familia em casa de quem elle esteve.

Estabelecido o governo constitucional e nomeadas novas authoridades, houveram diversas demonstrações de publico regosijo, augmentadas ainda em breve tempo quando, tomada tambem a ilha de São Miguel, d'alli regressaram alguns fayalenses que estavam presos como liberaes, isto em Agosto de 1831.

No Fayal havia ficado alguma tropa de infantaria e de artilheria, até á chegada, a 8 de Julho, do batalhão de caçadores 12, que veio guarnecer a ilha.

José Estevão ficou tambem na Horta, sem que fosse rendido, continuando a residir, como todo o tempo que na ilha esteve, com a familia Oliveira.

No livro «José Estevão, esboço historico, por Jacintho Augusto de Freitas Oliveira, bacharel formado em mathematicas», diz alli o seu illustre author, a paginas 70, que a conquista das ilhas do Fayal, de São Jorge e de São Miguel já se fez debaixo das ordens de D. Pedro.

Ha n'isto um engano manifesto, a chegada do Sr. D. Pedro aos Açores foi no dia 22 de Fevereiro de 1832, desembarcando na cidade de Ponta Delgada, quando todo o archipelago já estava liberto do anterior governo e apenas, antecedentemente, havia passado pela bahia da Horta, quando vinha do Brazil, na fragata ingleza «La Volage», com destino á Inglaterra, como já tivemos occasião de ver n'outro lugar d'estes apontamentos, mas isto antes da conquista das mencionadas ilhas, que foi effectuada, exclusivamente, sob as ordens do general Conde de Villa Flor.

Mais uma vez, como geralmente, no que temos visto escripto a respeito dos Açores, tanto na epocha a que nos referimos, como em outras, não é raro encontrar palpaveis erros.

Admira, porem, isto mais quando a historia é contemporanea e não são estrangeiros que de nós tratam.

As primeiras semanas da estada de José Estevão, na Horta, foram verdadeiramente desanimadoras, enfraqueceu de dia a dia e a molestia que o minava parecia arrastal-o, sem compaixão, para um termo fatal e breve.

A sua extrema fraqueza não lhe permitia sahir do quarto, nem aos serões ir até á sala do sargento-mór, compartilhar da alegre convivência d'aquelle familia, que o tratava como a um filho.

A criada Barbara não abandonava o enfermo uma hora que fosse, velando-lhe as mal dormidas noites, contando-lhe historias aqorrianas e casos da sua vida, destrahindo-o enfim, como melhor lhe ditava o seu bom coração e sendo exactissima em cumprir, quer de dia, ou alta noite, todas as prescripções do medico. nas quaes, ainda assim, não tinha grande confiança, pois dizia muitas vezes aos aunos, com as lagrimas nos olhos.

—A Barbara bem faz a diligencia de ver se salva aquella creança, mas, coitado, a morte está a empurrar-o para a cova, isto em passando o bom tempo e vindo o começo do inverno, vai se com toda a certeza. Só se o Senhor Espirito Santo fizer um milagre, eu bem lhe tenho pedido . . .

Assim doente, recolhido no seu quarto, entre estranhos, embora bondosos, sentindo decorrer lentamente o tempo e com a imaginação angustia da e apprehensiva sobre o destino da sua familia, com a qual, devido ás commoções politicas da epocha, raras vezes tivera communicação por escripto, a permanencia de José Estevão no Fayal, devia ser uma triste provação se, ainda assim, as auras da mocidade, apesar d'estes azares da sorte, não fizessem uma vez por outra, sorrir uma tenue flor no descampado que ia trilhando, se não visse no firmamento algumas d'essas abençoadas nugas de ceu azul. que apesar de todos os contratempos a Providencia, não raro, offerece á gente nova.

A's vezes depois de um dia de tristezas e soffrimento, fin d'ito ou um disparate da *velhota* Barbara, fazia-o rir a bom rir, esquecido de tudo o mais.

O sargento-mór desejava patrocinar ao seu hospede quaesquer distracções, mas estas, pelo estado do enfermo limitavam-se a ministrar-lhe, quasi a medo, a leitura de alguns livros, com o que a solícita enfermeira embirrava solemnemente, dizendo que era mal permitido *puxar* assim pela memoria e que melhor empregaria elle o seu tempo, acompanhando-a com um rosario, á noite, nas suas rezas.

N'esta parte, porem, é que José Estevão, apesar de naturalmente religioso, desobedecia á sua mentora e como fossem em resumo numero os livros que n'aquelle casa se encontravam, valia-se o dono da thesma de um amigo que possuia uma livraria, razoavelmente fornecida, obtendo d'alli, por emprestimo, muitas obras que o academico lia com avidez.

Tenho, junto da mesa em que escrevo estas linhas, os primeiros d'esses livros que foram para casa do Sr. Oliveira, sendo, em vinte volumes o *«Dictionnaire Universel, historique, critique et bibliographique, par une société de savants français et étrangers — Paris — 1810.»* que José Estevão leu, no decurso de mezes, do principio ao fim, como lia sem-

pre com maior agrado as obras que versavam sobre historia, ou attinentes á vida de homens illustres.

Aquelles livros, independente do seu valor litterario, são-nos extremamente caros, como recordação d'uma gloria patria.

Puerilidades!—dirá muita gente.

Embora.

Findou afinal o verão d'aquelle anno, aos grandes calores de uma prolongada estiagem, succedem, com a entrada de Outubro mais supportaveis dias, brisas miligantes que fartavam os pulmões d'um ar fresco e mais salutar do que essa temperatura, que por vezes aqui reina de 84 grãos de Fahrenheit, em Agosto e Setembro.

Se n'este clima, por assim dizer, não sabemos o que seja a Primavera, passando rapidamente dos frios do inverno ao calor do estio, ao contrario d'isto os nossos outoumnos são, geralmente, formosissimos tornando-se até a mais aprasivel quadra do anno e dando tanto na cidade, como nos campos, dias esplendidos e docemente temperados.

O cahir das folhas é, pois, aqui quasi sempre benigno, salvo para algumas vidas que se apagam myrradas pela tísica, como nos vallados pendem no hastil, exaustas, as flores tocadas pelos primeiros sopros do nordeste.

Quando, n'estas circumstancias, maiores receios inspirava a compromettida saude do academico e quando a devotada Barbara fazia, sem que elle ouvisse, tristes predicções, convicta de que o rapaz não chegava ao anno novo, a natureza, por mysterioso esforço, começou a reagir tenazmente contra a torrente que o impellia para a sepultura.

Aquella existencia era preciosa.

As noites começaram a offerecer algum descanso ao enfermo, succedendo ás terriveis insomnias benefico somno, a alimentação começou a ser saboreada com um certo prazer, quando, até então, era tomada com pronunciado tedio e o enfermo que raras vezes sahia do seu aposento, fez algumas agradaveis surpresas, apparecendo inesperadamente na sala, aonde á noite se reunia a familia e a brincar, com prazenteiro aspecto com as creanças que o cercavam de meigos e innocentes sorrisos.

A Barbara é que continuava renitente nos seus máos agouros, dizendo amindadas vezes: Coitado, aquillo é a visita de saude e está alli, está na cova . . . — e redobrava de carinhos e cuidados.

O primeiro dia que o enfermo conseguiu sahir á rua, foi uma verdadeira festa de familia. Acompanhou-o o sargento môr, a cujo braço se encostava e ja precedido por duas meninas da casa, pelas quaes demonstrava mais predilecção.

Que disvelo e exemplar comportamento d'aquelle honrada gente!

D'alli a mezes já as melhoras eram tão accentuadas que, até a Barbara cedia á sua incontestavel evidencia, attribuindo, porem, tudo ás suas rezas e muitas promessas que havia feito.

A questão politica começou então, de novo, a alvoroçar José Estevão e nas suas incertezas, ou ridentes crenças, esquecia-se dos papadocentos phisicos.

A Barbara durante a doença e nas longas conversações com o enfermo sabia-lhe a vida palmo a palmo e andava sempre a dizer em casa, que o seu protegido fazia annos a 26 de Dezembro, pela festa do Natal e que se elle até lá chegasse, tencionava fazer-lhe uma bonita offerta, mas que isso era segredo . . .

Vaidades, quasi maternas !

Effectivamente, passada a noite do Natal, na qual José Estevão foi ouvir missa, para uma tribuna da egreja Matriz, conjunctamente com a familia de casa, chegou aquella desejada data.

E cabe-me aqui dizer que o futuro grande orador portuguez, apesar da sua idade e profissão militar, demonstrava sempre bem entendidos sentimentos religiosos, concorrendo aos templos e nunca, antecedentemente, empecendo com ironias, ou ditos menos respeitosos, as rezas que de rosario em punho, a sua enfermeira repetia, durante as horas que o velava.

D'estes sentimentos religiosos den este notavel cidadão exuberantes provas em todo o decurso da sua vida e chamando os Sacramentos n'outra enfermidade que teve em 1852.

A este respeito diz muito sensatamente um seu biographo.

«Que consciencia mais limpa, que alma mais pura se apresentou ainda ao ju'gamento de um padre ? !

Amei a Deus, amando a minha patria, como ainda ninguem melhor a soube amar; amei os homens com todo o amor e todo o affecto que esta alma e este coração poderiam sentir, se todos elles fossem filhos do meu velho pae; — discipulo de Christo, combati contra os despotas e préguei por toda a parte onde chegou a minha voz — a liberdade, a egualdade e a fraternidade: Como Elle soffri chufas e apedrejos, como Elle padeceria o martyrio e a crucificação, se dez-nove seculos de luz não tivessem já esclarecido os corações dos homens; como Elle morro sem odio aos meus perseguidores, antes offereço a minha agonia a Deus para os salvar ! »

Não antecipemos, porem.

Ninguem, na casa Oliveira, dera o minimo indicio de que sabia a data dos annos do academico, e este, sem fazer tambem essa declaração, veio na manhã d'aquelle dia, 26 de Dezembro, sentar-se como habitualmente á meza do almoço.

Notou, é verdade, certo ar mysterioso nas creanças, uns sorrisos mal escondidos e uns segredinhos de que estava bem longe de adivinhar a causa.

A Barbara appareceu a trazer uns pratos, mas de corrida, como

quem no interior da casa estivesse muito atarefada e com uma dominó-neira branca na cabeça, à vista da qual entraram todos a rir francamente, ao tempo que a serva, por detrás da cadeira do academico, com o indicador nos labios, fazia o signal de silencio.

Acabado o almoço, todos se levantaram e José Estevão foi para o seu quarto.

Abrindo, porem, a porta, estava de surpresa, a sua cama estava ricamente preparada com uma colcha de setim branco, bordada a maliz, encimada por um grande travesseiro de luxo e almofada com rendas e bordados, sobre as bancas jaras da India repletas de junquillos, camelias e rosas d'inverno e, nas janellas, as modestas cortinas de cassa, da generalidade dos dias, substituidas por cortinas bordadas de difficeis labores, sanefas de cores vistosas e fartas prisões de cordão de seda com grossas borlas de retroz.

Aquillo parecia um quarto para noivos.

As crianças com a sua impaciente curiosidade haviam seguido José Estevão e cada uma, a seu turno lhe vinha offerecer pequenos ramalhetes de flores e beijos ainda mais frescos do que as mesmas.

O academico sentio-se sensibilizado, aquelle meigo chilrear da infancia, aquella alegria franca e sandavel entornava-lhe, na alma, como um suave balsamo, subindo ainda de ponto a sua commoção quando a Barbara, entrando tambem alli, lhe apresentou, muito envergonhada, umas varas de bom panno fino, preto, para um fardamento novo, pedindo lhe desculpa d'aquelle . . . atrevimento.

O coração sensível de José Estevão bateu-lhe fortemente no peito sempre aberto aos mais nobres sentimentos, como uma harpa eclica que, nas alturas da serra vibra ao menor sôpro da brisa;— devia, talvez, áquelle mulher estar ainda vivo e era ainda ella, uma pobre, que com o sacrificio das suas pequenas economias queria vestir um desconhecido, um forasteiro, tendo, quem sabe?, por prospectiva um futuro de miseria e cruéis privações.

Quiz fallar, mas aquelle grande e inspirado orador que mais tarde teria suspensas ao ouvir o seu verbo eloquente as multidões assombradas pelas scintillações do genio, aquelle homem que seria a gloria do parlamento portuguez, não poudo articular então mais do que esta simples palavra:— Obrigado! —e as lagrimas de ha muito comprimidas, rebentaram lhe irresistivelmente a flux, inundando-lhe as honradas faces.

N'essa noite o sargento-mór, reunio em casa, as familias das suas mais proximas relações, havendo alli uma animada *soirée*, em honra de José Estevão, com excellente serviço e delicadissimo tratamento, como todas as frequentes reuniões que se davam n'aquella moradia e das quaes ainda hoje subsiste a fama.

Não foram, felizmente, ficticias as melhoras do academico, avigorou e restabeleceu-se, ainda que vagorosamente e só d'esta ilha salvou

em meados de Junho de 1832, indo reunir-se, em São Miguel, ás tropas que a 23 do mesmo mez d'alli partiram para ir combater em Portugal.

A permanencia de José Estevão, na Horta foi, assim, de um anno, menos poucos dias.

Aleou-se, então, a guerra em toda a sua força e nas diversas batalhas que foram feridas o importantissimo papel que elle representou, arriscando milhares de vezes a vida, especialmente no Porto, na heroica defeza da Flecha dos Mortos, são factos que pertencem á historia hodierna e ao alcance de todos, ganhando n'essas pugnas a condecoração da Torre e Espada, como um dos mais estremos defensores da Liberdade.

Como tribuno parlamentar aguardava o, porem, uma não menos honrosa missão, sendo aquelle o campo aonde elevou a sua gloria e fama ao seu maior apogeu, porquanto a sua insinuante, inspirada e dominadora linguagem, representou, invariavelmente, não os interesses d'um ou outro partido, nem as mudaveis cambiantes d'uma ou outra facção politica, mas sim a voz do povo, cujo bem estar velava, desprezando completamente de quaesquer interesses, ou conveniencias pessoases.

Isto é tão raro !

Derrotados afinal os miguelistas em Alnoster, pelo conde de Saldanha e a 16 de Maio de 1834 na Asseiceira, pelo duque da Terceira, ficou decidida a victoria das tropas constitucionaes e a convenção de Evora Monte, pondo um termo a essa lucta fratricida, indicava o caminho do desterro á D. Miguel.

Reabriram-se, com a paz, as aulas da Universidade e José Estevão, então primeiro tenente de artilheria, para allí voltou a concluir o interrompido curso de leis.

Em 1837 formava-se na faculdade de direito, sendo n'esse mesmo anno eleito, por Aveiro, deputado ao Congresso Constituinte.

E não podemos, aqui, furtar-nos a apresentar ao leitor os excellentes periodos a este respeito traçados por Bulhão Pato, no livro que tem por titulo «Sob os Ciprestes», quando n'essa epocha, a que se refere o notavel poeta, a fama do grande orador lhe chegou aos ouvidos e que Bulhão Pato, na sua infantina curiosidade, desejou conhecer aquelle homem de quem tanto se fallava.

Reconhecerá, acaso, o leitor, no esplendido retrato que se segue, o academico que estivera no Fayal e ao qual seis annos de luctas inarciaes, haviam mudado, completamente, de aspecto.

Eis o bom oiro de lei, que nos apresentou o autor da Paqueta:

—«Juntei com meu pae para que me levasse ás cortes. Tinha já visto o theatro e queria ver aquelle oniro theatro mais real e não menos cortado de paixões

nobres e miseráveis, de lances, de situações, de scenas, de peripecias e principalmente de enredos!

Ceden, ás minhas instancias, a lenidade paterna.

Fui um dia a S. Bento.

José Estevão tinha a palavra.

Aquella figura elegante, gentilissima, arrebatadora, ficou-me gravada no espirito, tão fundamentalmente, que me parece estar-a vendo agora diante de mim.

O cabello fino, lustro, anelado, castanho escuro, povoava-lhe a cabeça de vinte e sete annos, bella e correcta como uma obra de arte nos dias áureos da Grecia ou nos prodigiosos dias da Renascença. A barba longa, não demasiado espessa, de uma tinta mais clara que a dos cabellos, apartava-se na ponta do queixo, semelhante á barba de Christo nos quadros do Van-Dyck.

O rosto pallido; nos transportes da palavra, ora enfiava como se o sangue parasse na circulação, ora se lhe tingia de purpura. O nariz, levemente aquilino completava a graça e correcção do perfil.

As azas do nariz vincavam-se e pareciam palpar quando a paixão o inflava. Medindo o adversario, antes de lhe disparar a apostrophe fulminante, a cabeça erguia-se e conservava-se na immobibilidade ameaçadora do nebuloso parado, subitamente nos ares, antes de saltar sobre a presa.

Os olhos pequenos, vivissimos, faiscavam como dois relampagos. A boca era cortada com franqueza para acudir rapida á transmissão do verbo fluentissimo. A estatura elevada; delgada, mas o peito bombeado e amplo; o pescoço forte, desfilado dos hombros largos, e proprio para auxiliar os movimentos leoninos da cabeça energica.

Proporcionadissimas todas as partes da sua estatura. As mãos finas; o gesto inspirado; a voz com inflexões meigas, temiveis pateticas, suavissimas, apaixonadas, arrebatadoras!

José Estevão n'aquella idade, com o baptismo do exilio e o baptismo do campo da batalha, accêso no amor da liberdade e ferido com o amor da mulher, illuminado pelo genio, encarando um horisonte sem termo, advogando a causa da humanidade com a boca livre e os pulsos desapertados das algemas da tirania; coberto de palmas, nadando em gloria, como um dia de abril nada em sol, era a realisação na terra da maxima felicidade a que pode aspirar o homem!

Eu não sabia o que eram «camaras» nem «deputados», nem o que significavam as palavras «discursos» e «eloquencia», — não comprehendia o que José Estevão dizia, mas não podia tirar os olhos d'aquelle homem singular, e na minha alma infantil ficou gravada por muito tempo a sua imagem como uma coisa extraordinaria!

Tal é o poder do genio.

Durante o longo periodo de vinte e cinco annos, isto é, desde 1837 a 1862, que na tribuna parlamentar, como lente da cadeira de economia politica na Escola Polytechnica, ou como publicista dos jornaes «O Tempo», «A Liberdade» e a «Revolução de Setembro», do qual foi fundador em 1841, conjunctamente com Manuel José Mendes Leite, prestou os mais relevantes serviços ao paiz, advogando constantemente



te, na sua accidentada vida politica, as idéas da mais ampla liberdade e do engrandecimento nacional.

Era immenso o prestigio de que gozava e a multidão corria, avida, a escutal-o, aonde sabia que elle ia levantar a sua authorisada voz, nos comícios, nos clubs ou em São Bento.

Os seus proprios inimigos politicos, nas diversas ramificações do partido constitucional e que eram, por vezes, homens da tempera de Passos (Manuel) ou Rodrigo da Fonseca Magalhães, declaravam publicamente o respeito que lhes merecia a izempção de caracter do seu antagonista, bem como o seu privilegiado talento, o que mais exalçava a justa influencia que havia conquistado nos destinos da sua patria.

Teve José Estevão occasião, no ultimo periodo da sua vida de demonstrar à familia Oliveira, do Fayal, a sua gratidão e os longos annos que já haviam decorrido não esfriaram a boa vontade de lhe ser util, como effectivamente foi.

Decorreram ainda alguns dias e o inverno com os seus *gelidos mantos* amortalhava as campinas, espalhando por toda a parte uma indissivel tristeza.

Como o valeroso cedro que, em alterosa serra, domina pelas suas gigantescas dimensões os circumvisinhos arvoredos, cae, por vezes, repentinamente fulminado por desapiedado raio que o fere no coração. assim tambem José Estevão na opulencia do seu grande merito e no vigor ainda da sua existencia, contando apenas cincoenta e tres annos de idade, sentio-se de subito tocado pela mão descarnada da morte, resvallando rapida, inesperadamente para a sepultura, para esse grande e mysterioso oceano aonde se affundam todas as glorias e todas as misérias d'esta transitoria vida.

Deixava uma nação em luto, uma familia idolatrada, e todos os grandes commettimentos que, na vespera ainda lhe referviam na mente.

Estranha quietação a dos mortos, estranha serenidade a que se divisa nos seus pallidos rostos!

N'esse dia, a 4 de Novembro de 1862, a noticia do seu fallecimento echoou rapidamente na capital e em breve em todo o reino e a consternação do povo n'essa luctuosa conjunctura foi explintanea, grande, imponente.

No seu sahimento á mingoa de pomposos programmas a multidão apoderon-se do feretro, conduzindo nos seus braços aquelle homem notavel e excepcional, em quem depositava a maior confiança para velar pelas suas garantias.

A tribuna parlamentar portugueza, desde então, aguarda ainda quem o possa substituir, apesar de ter sido honrado com talentos da primeira plana.

Com relação á ilha do Fayal faremos apenas uma observação: para terminar estas linhas.

Com marmorea lapide está commemorada na cidade da Horta a

caza que servio de residencia ao Senhor D. Pedro IV, e, embora bem modesto seja semelhante padrão, demonstra, ainda assim, aos visitantes d'esta terra que prestamos veneração á heroicidade e que sabemos respeitar um sceptro e uma corôa.

Mas a realza não pertence, exclusivamente aos thronos, existe tambem uma outra, não menos respeitavel realza, a do genio, embora nasça n'um humilde tugurio, ou na desnodada moradia dos proletarios.

E foi n'este sentido que Béranger disse :

Des fleurs, enfants, vous dont les mains sont pures;  
Enfants, des fleurs, des palmes, des flambeaux !  
De nos Trois-Jours ornez les sépultures;  
Comme les rois le peuple a ses tombeaux.

Effectivamente, o povo tem tambem direito a honrar os seus mortos.

A casa, em que, na Horta, residio José Estevão aguarda ainda uma singela lapide que indique á moderna geração a passagem por esta terra de uma tão levantada gloria nacional.

Aqui fica consignado este alvitro, cuja realisação honraria a Camara Municipal que, representante do povo, pagasse essa divida de gratidão á memoria de quem pelo povo lidou constantemente.

---

## O SENHOR D. PEDRO IV

(1832)

Decorria o mez de Maio de 1834.

A 30 d'esse mez, depois de quarenta e sete dias de viagem, demandando a Europa, a fragata inglesa «La-Volage», proveniente do Rio de Janeiro, passava ao sul da bahia da Horta, communicando apenas com uma embarcação de terra, que lhe fora levar alguns refrescos.

Em breve espalhou-se na Horta uma inesperada, quão importantissima noticia, tanto mais nas circumstancias politicas de então, com a expedição constitucional já dominando na ilha do Pico.

Esta boa nova era que Sua Magestade Imperial, D. Pedro IV, estava a bordo d'aquelle vaso de guerra e que ao mestre da lancha faya-lense entregara um bilhete, firmado do seu proprio punho, confirmativo da sua passagem por estes mares, acompanhado da dadiwa de quatro moedas d'ouro e d'uma carta para o marechal de campo, conde de Villa Flor, commandante das forças que lhe eram affectas e á causa da Sua Augusta filha, que na fragata franceza «La Seine» se dirigia para Brest.

O consul inglez M.<sup>r</sup> Walker, incumbio-se de, com a maior brevidade, fazer chegar aquella missiva ás mãos do commandante das forças militares, como effectivamente fez, alentando summanente este facto o partido liberal d'estas ilhas, ás quaes em pouco tempo chegon tão grata revelação

A «Volage», com mais onze dias de viagem chegon a Falmouth, a 14 de Junho seguinte.

Nos Açores continuavam, bafejadas pela fortuna, as operações militares e no decurso de Agosto, e n'estes penhascos do oceano atlantico, aonde a foragida Liberdade viera acollar-se e juntar forças, para depois, qual aguia, arrojarse com indomita coragem a titanicas pugnas, já tremulava por toda a parte a bandeira azul e branca e a Junta Provisoria do Governo da capitania dos Açores, que havia sido eleita a 5 de Outubro de 1828, accudia de prompto a um complicado e difficil expediente.

Esta Junta Provisoria que no seu inicio era apenas composta de tres membros, o Brigadeiro Diocleciano Leão Cabreira, general d'armas da Provincia, o Reverendo João José da Cunha Ferraz, thesoureiro mór e do coronel de cavallaria José Antonio da Silva Torres, os quaes declararam em 28 d'outubro d'esse mesmo anno, ser a ilha Terceira o unico ponto aonde se sustentava os direitos d'El-Rei D. Pedro IV, teve depois as suas actas tambem assignadas por tres illustres a-

gorianos Theotonio d'Ornellas Bruges Avila, Pedro Homem da Costa Noronha e Alexandre Martins Pamplona.

A Junta, acabou, porem, com a chegada do Conde de Villa Flor, 22 de Junho de 1829, começando a Regencia do Reino em nome da Rainha e nomeando esta, com a noticia da chegada a Europa de El-Rei D. Pedro IV e da Senhora D. Maria II uma deputação para em seu nome ir cumprimentar os regios viajantes.

A deputação sahio d'Angra na escuna «Ilha Terceira» e era composta dos Srs. Theotonio d'Ornellas Bruges e Avilla, Manuel de Souza Raivoso e D. Carlos de Mascarenhas, tendo por companheiro de viagem o Marquez de Palmella e realisando encontrar Suas Magestades não na Inglaterra, para aonde se haviam dirigido, mas sim em Paris.

No respectivo discurso de felicitação, dirigia o seu Presidente a seguinte supplica ao Senhor D. Pedro, depois de a Suas Magestades haver assegurado os sentimentos de *respeito, amor e lealdade* que por Elles professavam os *membros da Regencia, os bravos defensores e os leaes habitantes dos Açores*.

—«Sirva-se, pois, Vossa Magestade Imperial de por-Se ostensivamente á testa dos negocios de Sua Magestade Fidelissima e de desembaragar e de seguir por todos os modos o fio delicado, e importante, que deve conduzir a um fim glorioso os nobres esforços da Nação Portuguesa: n'isto, Senhor, preencherá Vossa Magestade Imperial os deveres de Pai, tão caros a Seu coração; pagará o tributo á Patria, que o vio nascer e que é sempre tão sagrado para o homem de bem: recompensará todos os sacrificios que tem feito á causa da Legitimidade e da razão a fiel Nação Portuguesa, que tão digna se tem tornado de tão illustre recompensa; n'isto finalmente, achará Vossa Magestade Imperial com que completar os nobres sentimentos de Seu magnanimo Coração».—

A resposta do Senhr D. Pedro, foi o agradecimento de tantos sacrificios e que faria tudo o que houver por mais conveniente dos interesses da causa da sua Augusta filha; e da Carta Constitucional.

Effectivamente no dia 25 de Janeiro de 1832 sahia o Duque de Bragança de Paris, por Orleans, Tours, Angers, Nantes e Belle Isle, aonde o aguardavam as fragatas «D. Maria II» e «Rainha de Portugal», a corveta «Itino», a escuna «Terceira» e varios navios de transporte e d'onde devia seguir para a ilha Terceira.

Depois dos indispensaveis arranjos e preparativos para uma tão importante empresa, o Duque de Bragança, no dia 10 de Fevereiro, embarcava n'aquelle porto na fragata «Rainha de Portugal», precedendo o resto da expedição e levantando ancora com destino a Angra, para reunir-se e pôr-se á frente dos seus bravos defensores.

Foi trabalhosa esta viagem, a fragata «Rainha de Portugal» era um pesado navio e as inclemencias proprias da estação e as soberbas

vagas do oceano atlantico, fizeram com que em vez de poder tomar a ilha Terceira, estivesse no dia 22 seguinte em frente da cidade de Ponta Delgada, aonde içado nos mastros da fragata o pavilhão real foi logo salvado festivamente pelas fortalezas michaelenses.

A estada, pela primeira vez, do Sr. D. Pedro IV na muito formosa ilha de S. Miguel, prolongou-se até ao dia 2 de Março seguinte e foram estes dias de entusiasmo e de verdadeiro regosijo publico, sendo por toda a parte o regio hospede acolhido com o maior respeito e veneração.

Houve, na egreja Matriz, um solenne *Te-Deum* por tão fausto acontecimento, ao qual concorreu Sua Magestade, bem como a Camara Municipal de Ponta Delgada, Clero, Officialidade militar, os principaes da ilha e muito povo, assim como uma revista da tropa da guarnição, exercicios do batalhão de caçadores 5 e infantaria 18, visitas aos quartéis, bailes na residencia do consuli inglez e Camara Municipal, bem como uma sumptuosa festa nocturna, em retribuição d'estes obzequios, offerecida por Sua Magestade a quinhentos convidados e realisada com a maxima sumptuosidade susceptivel n'uma ilha.

As freiras do mosteiro de Santo André, de Villa Franca do Campo, que eram constitucionaes *enragés*, o que já haviam demonstrado n'uma fallada e *sui generis* felicitação ao Conde de Villa Flor os seus patrioticos sentimentos, offereceram, então, ao Senhor D. Pedro, para fornecimento da tropa expedicionaria, uma avultada porção de moios de trigo, já que, talvez bem a seu pesar, não podia dar bailes e funcções.

A par, porem, de tudo isto, não constava só de prazeres a estada do Duque de Bragança n'aquella localidade e bem ao contrario d'isto o trabalho abundava, havendo serios negocios a que provêr de prompto e sendo Sua Magestade muito solícito em obter a maior copia possivel de informações a respeito das necessidades da ilha, do seu commercio, industria e aspirações.

A's 2 1/2 horas da tarde do dia dois de Março, com a assistencia de todas as corporações da ilha, nobreza, tropa e immenso povo, Sua Magestade desceu o caes de Ponta Delgada, seguindo n'um escaler em direcção á fragata *Rainha de Portugal*.

Corria, porem, grosso mar no ancoradouro, a ponto do Senhor D. Pedro ter de acolher-se a um navio mercante, estrangeiro, que estava fundeado, até ás seis horas da tarde, occasião esta em que a fragata, que já andava de vella, approximando-se d'aquella embarcação conseguiu receber o regio passageiro, troando em seguida da alterosa bateria uma salva de viote e um tiros.

O vento na subseguente noite levantou-se rijo, mas favoravel e na manhã seguinte achava-se a fragata *Rainha de Portugal* na bahia da famigerada cidade d'Angra.

A chegada de S. M. I. ao fôco do liberalismo portuguez, aquella terra aonde já em outras epochas, como na actual, tamanhos prodigios de valor se haviam realisado na defesa da autonomia e direitos imprescriptiveis da patria, era um facto assaz jubiloso na realidade, tanto mais quando todas as difficeis circumstancias em que se achava o partido constitucional o aconselhavam, pois que, indubitavelmente, a presença do Duque de Bragança, avigorando ainda mais os animos, daria maior unidade a quaesquer operações ou destruiria atritos ou divergencias, sempre inevitaveis aonde todos se julgam com approximadas prerogativas.

A vinda do Senhor D. Pedro para a Terceira, pondo-se á frente das suas leaes tropas, significava a consolidação da pedra angular do novo edificio social que se tentava levantar em Portugal e que importava na regeneração de um povo escravizado.

E tanto assim o comprehendem S. M. I. que ao desembarcar na ilha, quiz já ir investido das insignias do poder.

Havendo, pois, pelas 9 1/2 horas da manhã içado o pavilhão real, ao som de uma salva a fragata recém-chegada e concorrentio em seguida a bordo da mesma os membros e secretarios da Regencia, que alli foram recebidos com as devidas honras, logo depois de um discurso de congratulação, proferido pelo Marquez de Palmella, S. M. I. mandando ler um Decreto, traçado a bordo da fragata, n'aquelle mesmo dia, assumia, na qualidade de Regente, a authoridade suprema da publica governação, até que fosse definitivamente, estabelecido em Portugal o Governo da Senhora D. Maria II.

Desembarcou pouco depois, acompanhado do ministerio novamente nomeado, do conde de Villa Flor, do marquez de Loulé e d'outras personagens do seu sequito.

As manifestações de regosijo dos Terceirenses foram imponentes como era natural, salvas nas fortalezas e nos navios de guerra, surtos na bahia d'Angra, arcos triumphaes, embandeiramentos, repiques de sinos, girandolas de foguetes, ruidosos, entusiasticos vivas e tamanha affluencia de povo, que era quasi impossivel transitar-se, especialmente nas ruas mais proximas do caes.

A Camara Municipal da cidade aguardava, solemnemente, S. M. I. e depois do discurso do estylo, preceden o regio cortejo, pela principal rua que conduz á sé cathedral, cuja extensão estava ladeada de tropa, juncada de ramos e flores, com as janellas festivamente armadas de sedas e damasco e nas quaes grande numero de damas presenciam aquelle notavel acto, acenando com os lenços, ou expandindo flores.

O entusiasmo era indissolvel e os vivas constantes.

Na cathedral houve então um solenne *Te-Deum* e findo este, achando-se já S. M. I. no palacio do governo, que fora destinado para

sua residencia, seguiu-se a recepção da Camara e de diversos militares de elevada patente.

A' noite, antes do jantar, apresentou a S. M. I., o Conde de Villa Flor, todos os officiaes de terra e mar, pertencentes aos diversos corpos e a armada, os quaes tiveram a honra de ser convidados para aquella banquete.

No dia immediato houve uma revista a todos os corpos da guarnição, que desfilaram perante S. M. I. com irreprehensivel firmeza e acceio, assistindo o Sr. D. Pedro, n'essa noite, a uma brillantissima recita, n'um theatro que os officiaes da guarnição haviam estabelecido em Angra, bem como na noite de cinco de Março a um luzido e sumptuoso baile que lhe offereceu o respeitavel cidadão Theotonio d'Ornellas Bruges e Avila, cujos serviços á causa constitucional foram dos mais importantes, se não por muito tempo o seu mais valioso esteio.

A estas seguiram-se outras publicas e amindadas demonstrações de regosijo e de veneração, tanto da parte de diversas corporações, como dos militares e particulares, podendo assegurar-se que a primeira semana da estada do Sr. D. Pedro, na ilha Terceira, foram dias de expansivo contentamento e das mais animadas e brillantes festas.

Acalmada, porem, essa effervescencia, o governo da Regencia de D. Pedro, que era composto de ministros da tempera do Marquez de Palmella, José Xavier Mousinho da Silveira e Agostinho José Freire, começou a trabalhar activamente nos multiplos negocios concernentes aos preparativos da expedição, isto sem treguas, nem descanso.

As secretarias funcionavam de dia e de noite.

Com a chegada de S. M. I. á ilha Terceira é tambem indubitavel que serenaram muito mais os odios politicos, sempre tão sujeitos a incendiar-se nas dissensões intestinas e que idéas de tolerancia politicas começaram a accentuar-se de dia a dia, sendo uma das mais atraentes feições da Regencia.

A este respeito diz muito sensatamente o erudicto historiador agoriano o Sr. Antonio Lourenço da Silveira Macêdo, que «estas medidas de clemencia e generosidade e a afabilidade de S. M. I. o Duque de Bragança valeram mais á causa liberal do que muitos mil homens recrutados á força ou por dinheiro.»

A alta competencia do Ministerio demonstrava-se assim a cada passo, nem d'outra maneira é possivel explicar, a não ser pela convicção, as adhesões que por toda a parte encontrava o governo do Regente, tanto nos Açores, como depois nos grandes feitos d'armas da campanha da liberdade.

Só onze dias depois foram recebidas, officialmente, no Fayal, as gratas noticias de quanto se havia passado na ilha Terceira, e em virtude das mesmas no dia 16 de Março foi celebrado um muito concor-

rido *Te-Deum* na igreja Matriz pregando com a sua usual proficiencia o Reverendo Ouvidor Francisco Xavier da Silva, sacerdote illustradissimo e affecto á nova ordem de idéas e o qual a 24 de Dezembro anterior fizera uma notavel circular a todos os vigarios d'esta ilha, induzindo os a auxiliar, nas respectivas parochias o recrutamento para a tropa de primeira linha, pois que, «assim como todo o cidadão é soldado e obrigado por direito natural a defender a sua vida e a sua subsistencia, assim tambem é obrigado a defender o Estado, em cujos domínios nascem e aonde está vivendo e se conserva.»

A Camara Municipal da Horta, então composta dos Srs. Antonio José d'Avila (futuro Duque d'Avila), José d'Almeida e Silva, José Curry da Camara Cabral, Thomaz José de Bettencourt, Nicolau Tolentino de Moura e Antonio Garcia da Rosa (que morreu Barão d'Arêa-larga) dirigio a S. M. I. uma felicitação, datada de 18 de Março d'esse anno de 1832, depondo reverente aos pés do Regente a sua homenagem de amor, respeito e devida adhesão, tratando-se em seguida da construção de um arsenal de marinha para reparo ou armação dos navios destinados á expedição, sendo, na freguezia das Angustias para este fim offerecido pelo cidadão José Sebastião Corrêa o uso fructo de um terreno que possuia, proximo do mar, no sitio de Santa Cruz.

Na parede d'este predio existe, actualmente, uma lapide commemorativa, com os seguintes dizeres:

N'este sitio de Santa Cruz  
em 1832  
se improvisou á custa dos habitantes  
da  
Cidade da Horta  
um arsenal maritimo que foi offerecido a  
S. M. I. O Duque de Bragança.  
Aqui se aprestou uma parte da armada  
que levou á Arenosa de Pampelido  
os 7.500 liberaes.

Esta memoria mandou pôr a Camara Municipal: era 1877

N'esta inscripção notaremos apenas, o que não ignorava, tambem,



de certo, a illustre vereação do supracitado anno que a então Villa da Horta só passou á cathedra de Cidade, em virtude do Decreto de 13 de Julho de 1833, por consequência em epocha posterior aos fóros que n'aquellas linhas já lhe são concedidos.

Este reparo significa apenas a rectificação de um lapso talvez.

A Camara Municipal, gerente em 1832, conseguiu, tambem realisar na Horta, voluntarios donativos para o provimento do arsenal, sendo estes mais ou menos valiosos, conforme as posses de cada proprietario, ou commerciante bem como que os homens validos de todas as freguezias ruraes, prestassem, alternadamente, um dia de trabalho, ou a sua importancia em dinheiro, medida esta que foi accellta gostosamente, como arceito foi o recrutamento a que se procedeu, o qual, sem a minima relutancia, excedeu toda a expectativa.

Estando n'estas circumstancias os negncios publicos no Fayal, havia toda a probabilidade de uma visita a esta ilha de S. M. I. e pensava-se na maneira mais digna de, n'esse caso, hospedar tão illustre personagem, indicando-se d'esde logo a casa d'um distincto fayalense, do qual passamos a dar algumas noticias, como a mais propria para tão elevado recebimento.

O Sr. José Francisco da Terra Brum, primeiro Barão da Lagoa, por Decreto de 22 de Dezembro de 1844, do Conselho de Sua Magestade (1834), Fidalgo da Casa Real, cavalleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo, capitão mór de Ordenanças e Coronel de Voluntarios, nasceu na, então, Villa da Horta, aos 9 dias do mez de Março de 1777, sendo seus paes o morgado Francisco Ignacio da Terra Brum e Silveira e D. Joaquina Clara de Noronha.

Na idade de vinte e seis annos, isto é, a 14 d'Agosto de 1803, casou com a Sr.<sup>a</sup> D. Francisca Paula da Terra Brum, que nascêra a 9 de Julho de 1787, filha do muito abastado e distincto morgado fayalense, o Sr. João José Paim Brum da Silveira Terra Leite, doutor formado em direito pela Universidade de Coimbra, fidalgo da Casa Real, e de sua consorte D. Marianua Victoria de Noronha.

Assim, o Morgado Terra, como mais vulgarmente era conhecido n'esta ilha o futuro Barão da Lagôa, alem de ser um cavalleiro da primeira nobreza dos Açôres, possuio tambem a maior casa vincular, fayalensê, pois ao morgado que herdou de seus paes, rennio uma muito maior casa, pertencente á sua virtuosa e muito respeitavel consorte.

Foi igualmente o mais importante proprietario de vinhas na ilha do Pico, as quaes lhe chegaram a render, como no anno de 1844, mil pipas de excellente vinho, tornando-se notavel o bom methodo e cuidado com que mandava trabalhar esses grandes tractos de terrenos.

Era o morgado Terra de elevada estatura, typo peninsular e apesar de uma certa franquesa que lhe era natural, dizendo sem rebuço o que sentia, temperava esta especie de rudeza de caracter, por atherente bonhomia, maxima integridade em todos os negocios e despren-

dimento de etiquetas, familiarisando-se com as classes proletarias, pelo que gosava muita popularidade.

Esta familiaridade não descahia, porem, em desrespeito e ninguém gosava na Horta de maior consideração em todas as classes.

Foi, tambem, este cavalheiro um optimo e exemplar administrador dos seus largos haveres, e, apesar de bastante economico, vivia com grandeza, estando a sua moradia sempre franca para os seus amigos, como a sua bolsa constantemente aberta para os necessitados, ou para qualquer commettimento de publica utilidade.

Nestes excellentes predicaos ninguém lhe levava a primasia.

Apesar, porem, da sua familia viver com o fausto correspondente á sua elevada posição, o morgado Terra era um cavalheiro assaz modesto, gostando que ficassem na sombra muitas das suas melhores acções e até, tendo sido nomeado cavalheiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo, o que n'aquelle tempo era distincção assaz apeteçada, guardou de tal sorte o diploma e veuera, que só por occasião do seu fallecimento é que se soube da concessão de semelhante graça, sendo no seu enterro a unica vez que lhe brillou no peito a cruz vermelha aberta em branco.

Apesar do morgado Terra não ter estados superiores, possuia contudo, bastante illustração e bom senso, tendo desenvolvido gosto artistico, apondo de na sua vasta residencia, como já vimos no capitulo terceiro d'esta obra, estabelecer o primeiro Theatro da Horta, aonde durante alguns annos se representou perante a melhor sociedade d'aqui, contribuindo, assim, poderosamente para a civilisação d'esta localidade.

Todas as quartas-feiras dava em sua casa uma muito concorrida partida e a espaços luzidos bailes e jantares, recebendo elle e a sua familia, com a mais selecta delicadesa, a boa sociedade Hortense.

As duas maiores festas, ainda assim, no decurso de cada anno, eram os bailes de 19 de Março, dia de São José, anniversario do baptisado d'este illustre fayalense e a 22 de Maio, anniversario natalicio da sua filha mais velha D. Joaquina, da qual o baptisado havia sido uma das mais falladas festas de que n'esta ilha ha memoria, porquanto achando-se, então, de visita no Fayal, o Bispo da diocese, D. José Pegado d'Azevedo, foi este Prelado quem se dignou de baptisar a recém-nascida, de tarde, na igreja de São Francisco, aonde concorreram com brandões accesos, todas as ordens religiosas da Horta, acompanhando, depois, processionalmente o Bispo até á morada do morgado Terra, aonde n'essa noite houve um grande banquete e sumptuosissimo baile.

Como fosse immenso o povo que se ajuntou na rua, em frente da casa, os criados faziam descer das janellas bandejas suspensas em cordeis, atulhadas de bolos, viandas e manjares finos, para que todos partilhassem da festa que reinava no interior d'aquella moradia.

Para os dois bailes a que nos referimos de 19 de Março e 22 de Maio, estava estabelecido não haver convites, sendo indeterminado o numero de convivas, pois que d'essas noites o Sr. Terra illuminava profusamente a casa e abria as suas salas, comparecendo ou fazendo se alli representar, espontaneamente, todas as familias da sua amizade, em numero sempre avultadissimo.

Uma orchestra de amadores de musica, patrocinada pelo morgado, concorria amiudadas vezes ás diversas renhiões, dando assim impulso na sua patria a esse poderoso meio de progresso, a sublime arte de Mozart, da qual era apaixonadissimo.

E em todos os actos publicos representava, tambem, com distincção a classe a que pertencia.

D'isto temos um exemplo bem frisante, occorrido no anno de 1804.

Sendo Regente em Portugal, o principe D. João, em consequencia da enfermidade mental de que, sem probabilidade de melhoras, estava soffrendo a Senhora D. Maria I.<sup>a</sup>, entendeu o governo officiar a todas as Camaras Municipaes, pedindo um donativo geral e voluntario para acudir ás urgencias do Estado e poder conservar a neutralidade, no meio dos embates politicos que então agitavam a Europa.

Nos Açores, semelhante pedido, foi acceito sem reluctancia e o Bispo D. José Pegado d'Azevedo publicou, então, aquella sua notavel Pastoral, dirigida a todo o clero secular e regular da diocese a respeito do donativo voluntario para as urgencias do Estado, documento este considerado um dos seus melhores escriptos e cuja doutrina foi muito commentada, avançando no mesmo o seu illustre signatario idéas modernas e, a dizer a verdade, pouco triviaes n'aquella epocha, como se vê nos seguintes periodos.

«Pagamos n'isto a Cesar, o que é de Cesar, o tributo é do Soberano, por tanto não se lhe nega. Acrescentaremos alem d'isto, por sabermos do que nos toca de mais perto, isto é, da historia da nossa monarchia, que os senhores reis d'este reino, e os mais reis catholicos, entre os soberanos da christandade, assim como foram zelosos protectores da santa egreja, nos seus dominios, promovendo a propagação da fé, em todo o mundo, onde a dispendios de sangue portuguez se arvorou a cruz de Nosso Senhor Jesus Christo, e concedendo magnificamente grandes honras e immunidades ao estado ecclesiastico; contudo não deixaram em todos os tempos, quando a necessidade publica assim o exigiu de accellar e até de pedir ao clero certas contribuições que concorressem ao mesmo tempo para a causa publica e para os seus vassallos sujeitos a muitos outros penosos encargos, conseguissem algum refrigerio na diminuição dos impostos, e dos tributos de outra sorte inevitaveis.

Isto é o que sempre se praticou em Portugal, as nossas leis, as cortes antigas, as historias portuguezas, assim como o provam evidentemente, são tambem outros tantos monumentos publicos e authenticos da fidelidade e do ardor, com que o clero portuguez acudio ao reino em semelhantes circunstancias: que

assim soube em todas as edades a religião, e piedade innegavel do throno portuguez combinar as immuniidades ecclesiasticas por elle generosamente concedidas, com aquella obrigação primitiva, natural, e inherente que tem todos os individuos de concorrer, quanto é da sua parte, para o bem commum do estado, e do imperio em que vivem feliz e pacificamente.»

Os habitantes da Horta, tanto civis, como ecclesiasticos, a pedido da Camara Municipal e do Bispo, concorreram todos, conforme as suas posses, para o bem commum da patria e d'aqui, n'uma escuma chamada «Nympha», foram para Lisboa, alem d'outros donativos em dinheiro e generos, um valioso carregamento de vinhos.

N'esta subscrição figurou o morgado Terra com vinte pipas do mais escolhido e precioso liquido da sua lavra.

Atada assim, como de todos é sabido, apesar do sacrificio pecuniario que fez, então Portugal, para assegurar a paz, as exigencias de Napoleão 1.º, em 1807, que não puderam ser em tudo satisfeitas, deram causa a entrar no paiz, invadindo-o, um exercito de 40:000 homens, commandado pelo general Junot, ausentando-se o Regente para as terras de Santa Cruz!

Aos aqorianos, contudo, não lhes poude restar escrúpulos de consciencia de não haver contribuido, largamente, para evitar este triste desenlace.

Exerceu o morgado Terra, com a maxima dignidade e honradez os primeiros cargos da governação d'esta ilha, entre os quaes, designadamente, o logar de membro da Junta Governativa, a qual em virtude da gloriosa revolução militar de 24 d'Agosto de 1820, que libertou o paiz do jugo britanico, foi aqui estabelecida, no meio de grandiosos festejos, como singulares foram as provas de adhesão ao Soberano Congresso, em breve reunido na Capital, em 16 de Janeiro de 1821.

Esta Junta Goveritativa, fayatense, foi composta dos seguintes cavalleiros.

Roberto Pires Alves de Miranda—Governador militar—Presidente.  
Estacio Machado d'Utra Telles—coronel de milicias—vice-presidente.

José Francisco da Terra Brum—capitão mór d'Ordenanças.

Francisco Xavier da Silva—Ouvidor Ecclesiastico.

Sergio Pereira Ribeiro—proprietario e consul francez.

Dr. José Francisco de Medeiros—proprietario e commerciante.

D'outra commissão, não menos importante, fez tambem parte o Sr. Terra, no anno de 1833, quando o governo liberal quiz contrahir o avultado emprestimo de 400:000\$000 rs., nos Açores, applicando ao pagamento do mesmo diversos rendimentos.

O morgado Terra foi, então, á ilha de São Miguel, aonde se reu-

niram os outros membros da Commissão nomeada para tratar d'este assumpto, que ficou assim constituida:

Theotonio de Ornellas Bruges Avila Paim da Camara Noronha—Presidente (Visconde de Bruges por Decreto de 8 de Dezembro de 1832).

Pedro Homem da Costa Noronha Ponce de Leão -Vice-presidente (Barão de Noronha por Decreto de 8 de Dezembro de 1832).

Antonio Mariauno de Lacerda (Carta do Conselho de S. M. em Janeiro de 1834).

Manuel de Medeiros Costa Canto e Albuquerque, (1.º Barão das Larangeiras por Carta de 27 de Maio de 1836.)

Jacinto Ignacio Rodrigues da Silveira (1.º Barão de Fonte Bella por Decreto de 12 de Março de 1836.)

José Francisco da Terra Brum (Barão da Lagôa, por Decreto de 22 de Dezembro de 1841).

Duarte Borges da Camara Medeiros, (1.º Visconde da Praia por Decreto de 7 de Maio de 1843).

Em seguida a isto e como recompensa dos seus bons serviços recebeu o illustre favelense a carta de Conselheiro de S. M. I. em Janeiro de 1834.

E devemos observar que, ainda que educado nos principios do antigo governo e da supremacia da nobresa, sympathisou sempre, por indole, com as idéas liberaes e aquelle homem a quem nada faltava, em consideração e riqueza, para viver na sua patria vida desassombrada e feliz, expoz-se, a bem da liberdade a soffrer perseguições, sendo aqui preso, como constitucional incorrigivel e enviado para Lisboa e d'alli, mais tarde, transferido para as prisões da ilha de São Miguel, aonde o foram encontrar, e libertar, as tropas constitucionaes, só então conseguindo regressar aos seus lares.

Compare-se esta integridade e firmeza de caracter com o liberalismo de alguns aventureiros . . .

N'estas viagens que fez sob prisão a experiencia fel-o conhecer bem os homens e os acontecimentos, como os occultos meios que determinam por vezes o seu procedimento, e, assim, quando se esperava que o morgado Terra regressando ao seio da sua estremecida familia, que dias tão amargurados acabava de passar, viria, exacerbado de soffrimento exercer aqui vinganças, retaliações ou represalias, ao contrario d'isto apresenton-se como havendo esquecido completamente a infausta epocha que decorrerá e os graves prejuizos que tivera, tratando a todos os seus conterraneos como amigos e sem que, jamais, alguém tivesse occasião de queixar-se de uma repriminação da sua parte, ou de um dito allusivo ao mau procedimento dos que haviam sido os seus perseguidores.

Homens d'esta tempera são raríssimos, tanto mais quando a sua fortuna os colloca em desassombrada independencia, á sombra do partido a que pertencem, então victoriosos.

Se jamais deixou de ser de uma generosidade a toda a prova, para os seus inimigos politicos (que jamais conheceu outros) e se muitas vezes, em difficeis crises lhes accudio com o seu valimento, ou com o seu dinheiro, jamais tambem o espirito de partido dominou as suas acções e se alguns desgostos a este respeito teve, foi por não se prestar a vinganças ou resentimentos.

A sua consciencia, a de um verdadeiro homem de bem e a estima geral de que gosou, invariavelmente, até á sua morte compensavam-lhe esses leves atritos, dos quaes era o primeiro a rir-se, na habitual hontonia e despreoccupado animo que o caracterisava.

As intrigas, os odios e as malquereças não tinham entrada n'aquelle levantado coração e se trabalhou muito, tomando parte activa na governação d'esta ilha, a sua missão foi, invariavelmente, conciliadora, antepondo sempre os interesses da patria a toda e qualquer outra consid'ração.

Que exemplo a seguir !

Por occasião da entrada no Fayal, a 23 de Junho de 1832, da expedição constitucional, como já acontecera com o tenente coronel Guido José Serrão, commandante da tropa de infantaria n.º 1 e n.º 7, foi hospedado na residencia do morgado Terra o nobre e heroico conde de Villa Flor, e isto com tal sumptuosidade e fino trato, que muito penhorou áquelle fidalgo, habituado, apesar de guerreiro, a todos os requintes da corte, com os quaes muito se comprasia e tanto assim que, como governador que havia sido da provincia do Gran Pará, no Brazil, a sua estada ficára, alli, memoravel pelo brilhantismo dos sa-raus e festas que no seu palacio offerecia, amiudadas vezes, á mais selecta sociedade da muito importante e rica cidade de Santa Maria de Bethlem, capital da Provincia.

Ora, desde a chegada á ilha Terceira, do Senhor D. Pedro, as providencias adoptadas pelo Regente, com relação a ampliar e desenvolver a instrucção publica e acabar com os dizimos sobre alguns generos, a que chamavam minças, causou uma boa impressão nos povos fayalenses, concorrendo isto poderosamente para haver a melhor harmonia entre governantes e governados.

Nesse anno, o dia 4 d'Abril, anniversario natalicio de S. M. D. Maria 2.ª, foi brilhantemente festejado na Horta, com um *Te-Deum*, salvas, parada, illuminação, fogos de artificio, musicas e uma luzida cavallhada, com bando e figuras allegoricas que recitavam pelas ruas e em frente das residencias dos principaes da povoação, odes e outras composições poeticas dos poetas da localidade, entre os quaes, n'esta especialidade, occupavam proeminente logar os Srs. Antonio Silveira Bulcão e Joao Pereira de la Gerda.

No dia immediato a estes festejos chegou á bahia da Horta a corveta «Junco» e logo depois, a 6 de Abril, a fragata «Rainha de Portugal» e dois transportes francezes, todas estas embarcações procedentes da Terceira, sabendo-se, então, oficialmente, que o Duque de Bragança, acompanhado de diversos personagens da sua corte, em breve visitaria esta ilha, satisfazendo assim aos desejos dos fayalenses e para inspecionar, pessoalmente, os aposentos para a expedição, que se estavam fazendo na Horta.

Tão alegre nova foi aqui recebida com verdadeiro alvoroço, rennindo-se, immediatamente, a Camara Municipal para tratar da maneira condigna de receber um tão illustre personagem e, muito naturalmente, a casa de José Francisco da Terra Brum foi logo lembrada para gozar da elevadissima honra de hospedar S. M. I.

Officiou, pois, a Camara Municipal n'este sentido ao morgado Terra, ao que elle annuiu gustosamente, não só com relação ao Duque de Bragança, mas a todo o sequito que o acompanhasse.

A familia do morgado Terra compunha-se, então (1832) das seguintes pessoas:

José Francisco da Terra Brum, de 55 annos.	
D. Francisca Paula da Terra Brum, sua consorte, de 45 annos.	
D. Joaquina, filha, solteira	26 "
D. Francisca " " " "	20 "
D. Maria " " " "	10 "
José Francisco da Terra Brum, filho, solteiro	23 "
Francisco " " " "	45 "
Thomaz " " " "	43 "
Manuel " " " "	40 "
João " " " "	3 "

e de seis criados e cinco criadas, dirigidos por Manuel José, então de 40 annos, oriundo da ilha Graciosa e que pela sua inpolluta honradez e extrema dedicação á familia do morgado, foi n'aquella casa, para aonde viera ainda muito novo, a chamado de um tio, mais considerado como um amigo, um homem de toda a confiança, do que um simples domestico.

Ao todo vinte e duas pessoas de portas a dentro.

Não se fez esperar a visita de S. M. I., porquanto logo no dia seguinte, 7 d'Abril, com tempo assaz sereno e mar chão, seria numa hora, approximadamente, da tarde, divisou-se ao longe, dobrando a extremidade do norte da fronteira ilha do Pico, uma embarcação a vapor que se dirigia no rumo da bahia da Horta.

A curiosidade dos fayalenses foi então grande, tanto pela expectativa em que estavam da visita do Regente, como pela circumstancia da chegada d'um navio a vapor, novidade esta que a maioria dos habitantes da ilha jamais haviam visto, sendo aquella embarcação que

gradualmente se approximava, vomitando espessas nuvens de fumo, o primeiro navio de semelhante systema que ao Fayal aportava, apesar de essencialmente marítimo o porto da Horta.

Admira-nos algum tanto este facto, quando attendemos á nossa posição geographica e ao crescido numero de embarcações que passam por estas paragens, crescendo ainda que a navegação a vapor devia, necessariamente, ser então muito mais morosa do que hoje e sujeita a maior numero de desarranjos no machinismo do que nos esplendidos *steamers* dos nossos dias e que, por conseguinte, cresciam as occasiões de qualquer attribada, ou carencia de mantimentos, alem da necessidade de refazer-se de carvão, embora estejamos persuadidos não haver ainda aqui abundosos depositos. Verdade é que a travessia transatlantica devia offerecer, com certeza, sérias difficuldades e que só, talvez, a tentasse um diminuto numero de embarcações do novo systema de navegação.

Ainda assim, desde 1807, como diz P. Tavernier, na sua Historia anedoctica do vapor «a invenção de Fulton começara a desenvolver-se, ao principio adstricta somente a rios e canais e em seguida abalanchando-se a rasgar o seio do oceano e dirigida quasi exclusivamente pela raça saxonica

A agnia da França ferida no coração e ainda conturbada da sua grande derrota de 1813 não prestava attenção, nem tomou a minima parte n'essa grande commista do progresso que, de anno para anno, ia logrando assombroso desenvolvimento e só em 1816, uma vez acidentalmente, é que a primeira embarcação, ingleza, movida a vapor, foi vista nas aguas do Sena, mas sem que lhe dessem importancia.

E esta indifferença prolongou-se até ao anno de 1825, no qual a marinha franceza começou a aproveitar-se das machinas de Watt, quando em breve ia já ser estabelecido um caminho de ferro, na rival Inglaterra, desde Liverpool a Manchester.

Esse navio que se approximava da Horta, como iamoz dizendo, era o «*Superb*», um barco de limitadas proporções, dois mastros e grandes caixas de rodas, o mesmo que no dia 30 de Janeiro anterior, em França, fazendo parte da esquadra constitucional, recentemente e com grandes sacrificios adquirida, havia ido a Nantes buscar S. M. I. mas que só dois dias depois conseguiu poder navegar nas aguas do Loire, conduzindo o Senhor D. Pedro a Belle-Isle, aonde foi recebido com saivas dos navios de guerra portuguezes, formando a esquadra cujo commando fora entregue ao vice-almirante Rose Jorge Sartorius o qual, immediatamente veio cumprimentar S. M. I. conduzindo-o em seguida para bordo da fragata «*Rainha de Portugal*», aonde ao som de uma salva de vinle e um tiros, ficou içado o pavilhão Real.

O «*Superb*» fundeou, todo embandeirado, na bahia da Horta, pelas tres horas da tarde, d'esse dia 7 d'Abril de 1832, ao troar da ar-



tilheria dos navios de guerra, que o haviam precedido, bem como de uma salva do Castello de Santa Cruz.

Como desde a vespera se sabia, publicamente, que era aquella embarcação a vapor em que S. M. I. viria d'Angra, apenas esta appareceu em distancia, muita gente de todas as classes da sociedade começou a affluir para o caes e suas immedições, tanto por curiosidade natural, como por entusiasmo politico, de maneira que em breve tempo foi tão compacta a multidão n'aquelles arredores que muito difficilmente por alli se podia transitar, e como já era publico que S. M. I. seria hospedado na residência do coronel de voluntarios José Francisco da Terra Brum, todas as janellas das numerosas moradias das ruas da Misericordia, Collegio, São Francisco e Caes, pelas quaes tinha de passar a regia comitiva, começaram a enfeitar-se com immensa profusão de bandeiras, colchas de damasco, ou de seda, ramagens e flores, vindo-se nas mesmas grande numero de damas, com os seus melhores trajos.

As residencias consulares estavam tambem, todas, embandeiradas e na egreja principal da povoação, preparava-se festivamente o altar mór, para um *Te-Deum* que na mesma tinha de ser celebrado n'aquella tarde, por tão fausto acontecimento.

O batalhão de Caçadores 12, que guarnecia a ilha, veio então, em grande uniforme, ao som das cornetas e commandado pelo major Menezes, postar-se em frente do portão do castello de Santa Cruz, a tempo que a Camara Municipal, em trajo de cerimonia, proprio d'aquella corporação e com a bandeira do municipio na frente, bem como todas as autoridades civis, militares e ecclesiasticas, tambem concorriam ao caes, para receber S. M. I.

A multidão tornara-se enorme e com tal rapidez se espalhou a noticia da chegada do regio visitante, que, até das mais proximas freguezias campestres, milhares de individuos chegavam apressadamente da Feteira, Castello Branco, Flamengo e Praya do Almoxarife.

Junto do caes balouçava-se, docemente, no mar, um grande e possante escalor, branco como um cysne e tendo a cinta dourada, bem como no painel da pôpa o nome «Amphytrite» e sobreposto a este as armas dos Terras Bruns, timbradas por duas cabeças d'aguia. Na pôpa do escalor tremulava a bandeira bicolor, toda de seda e com as armas nacionaes primorosamente bordadas.

O interior d'esta embarcação, pertencente ao morgado Terra, achava-se luxuosamente preparada, tendo costosos coxins na bancada da ré e seis marujos por banda, uniformizados e robustos, não contando o respectivo patrão.

Para o «Amphytrite» saltou então o seu proprietario, uma imponente e respeitavel figura, com o fardamento de capitão mór, azul, a vivo de vermelho, reluzentes dragonas, espada e chapen armado.

O escalor dirigio-se, immediatamente, a força de remos para o

vapor «Superb», indo, assim, aquelle distincto açoriano abordo, para acompanhar para terra e conduzir até à sua residencia, o Regente do reino.

Perto das quatro horas da tarde, depois de haver visitado os navios de guerra surtos na bahia, S. M. I., seguido do seu sequito, isto é, de alguns dos mais notaveis vultos da expedição liberal, desembarcava do «Amphytrite», no caes da Horta, ao som das salvas no mar e em terra e de entusiasticos vivas do povo, de repiques festivos em todas as egrejas e de outras demonstrações de regosijo publico.

No tracto até terra, S. M. I. dera a heura ao capitão mór de o mandar sentar à sua direita.

O presidente da Camara Municipal, o Dr. Antonio José d'Avila (mais tarde o nobre Duque d'Avila e de Bolama) dirigio então ao Duque de Bragança uma breve allocução; passando em seguida a real comitiva pela frente do Castello de Santa Cruz, aonde estava postado, como já dissemos, Caçadores 12, que fez a S. M. I. as respectivas honras militares, seguindo logo o prestito na direcção da casa do morgado Terra, sendo o Regente continuamente saudado pelos vivas do povo e no meio de um chuva de flores, lançadas das janellas pelas numerosas damas que nas mesmas se achavam.

A enorme multidão estava tão ávida de contemplar o regio visitante que, atravez das suas ondas, jamais conseguiu o Presidente da Camara e o Revd.<sup>o</sup> Ouvidor Ecclesiastico aproximarem-se de S. M. I., para o convidar a assistir a um *Te-Deum* na Matriz.

Chegados á casa da rua da Misericórdia (hoje de D. Pedro IV) e apresentada, pelo Conde de Villa Flor, a S. M. I. a familia do capitão mór, dignou-se tambem o Regente receber todas as autoridades civis, militares e ecclesiasticas que concorreram a cumprimental-o e, ao cair da noite, depois de tanto banquete no Paço, illuminou-se, expon-taneamente toda a povoação, repicando os sinos das egrejas e subindo ao ar grande numero de girandolas de foguetes.

A multidão, nas ruas, era ainda immensa, maxime em frente da residencia real.

A casa do morgado Terra, com a frontaria resplendente de luzes, recebia dentro em breve tempo grande numero de familias d'esta localidade e as elegantes fayalenses, com a sua formosura, ricas *toilettes* e proverbial boa maneira de apresentação, figuravam n'um animadissimo baile que se prolongou, até muito tarde, pela noite adiante.

Foi inexcusavel a animação das danças, o enthusiasmo que em todos se divisava e a profusão dos serviços, devendo notar-se que para a condigna recepção de S. M. I. e da sua comitiva, o morgado Terra não havia pedido a alguém o minimo objecto que fosse, tendo a sua casa montada de principesca maneira.

D'esde a chegada do Imperador a guarda de honra fôra feita por um contingente de caçadores 12, mas como se lhe apresentasse uma

força de Voluntarios, foi esta acceita, por attenção aos fayalenses, mandando recolher a primeira aos seus quartéis.

No dia immediato, 8 d'Abril, domingo da Paixão, recebeu, sollemnemente S. M. I., cercado da sua cõrte, as authoridades, diversas corporações e os principaes da terra e de tarde, das janellas do Paço, viu a procissão denominada do Triunpho, que n'esse dia percorre as ruas da Horta aonde desceram das freguezias ruracs a maioria dos habitantes da ilha, que irrompiam em animados vivas ao Regente, sempre que do caminho o divisavam.

A' noite outro grandioso baile geral sandava, ainda, na residencia do capitão mór, o praser da recepção de tão illustre personagem.

No dia 9, vestido de general, e acompanhado de todo o seu sequito, sahio S. M. I., a cavallo, indo visitar o arsenal de Santa Cruz, e ali mesmo se dignou de accetar um almoço que lhe foi offerecido pelo corpo commercial, passando em seguida uma revista ao batalhão de Voluntarios, indo tambem ver manobrar a artilheria do Castello de Santa Cruz e assistindo ao exercicio do batalhão de caçadores 12, visitando depois a alfandega e o hospital militar, estabelecido no convento de Santo Antonio.

N'essa noite offereceu a S. M. I. um grandioso bailo o benemerito consul americano Charles William Dabney.

No dia 10, segunda visita ao arsenal, digressões pelos mais apraziaveis sitios da Horta, indo em seguida o Regente jantar com o consul inglez Mr. Walker e honrando, á noite, com a sua presença, um baile que lhe offereceu M.<sup>o</sup> Lane, consul hollandez.

No dia 11, muito cedo, passou revista em ordem de marcha ao batalhão de caçadores 12, que seguia para a ilha de S. Miguel e ás sete horas da manhã, no meio de enorme multidão, ao som das salvas e de inumeros vivas ao Regente e á Carta Constitucional, embarcou S. M. I. mais o seu sequito, no mesmo escaler «Amphytrite», seguindo para bordo do «Superbo», que em breve levantava ancoras, com destino á ilha de São Jorge.

Durante a sua permanencia de quatro dias, na Horta, colheu o Duque de Bragança grande copia de informações sobre o estado da ilha, sua producção e commercio, providenciando a respeito de diversos assumptos attinentes á publica governação.

Os aposentos do Duque de Bragança, na casa do capitão mór, foram na parte do sul do interior da casa, deitando sobre o jardim, os quaes se achavam luxuosamente mobilados e ornamentados.

No quarto de dormir de S. M. I. ficava tambem o seu camarista Almeida, e n'uma salêta contigua o dedicado servo do morgado Terra, Manoel José, que acompanhara o seu amo em todo o tempo que este estivera preso em Lisboa e na ilha de São Miguel.

A impressão recebida pelo Regente da sua visita á ilha do Fayal, foi-lhe agradavel e teve, em geral, palavras assaz benevolas para as

pessoas que o rodeavam, apreciando muito a offerta de uma bandeira bordada por damas fayalenses, a qual, mais tarde, foi devorada pelas chamas n'um incendio, na cidade do Porto.

A figura do Duque de Bragança, quando esteve n'esta ilha, era imponente e de aspecto marcial, algum tanto trigueiro, estatura regular, barba cerrada e parecendo muito desprendido de preconceitos de gerarchia, pelo modo franco e afavel com que a todos tratava. Fumava muito e até pela rua, o que no Fayal só começa a usar-se desde a chegada da tropa constitucional, não sendo raro ver S. M. I. pelo braço do seu camarista Alencida (depois visconde do mesmo nome) ou do seu medico, o Dr. Tavares, brasileiro, grão dignatario da magonaria e subsequentemente physico mór do reino, logar, porem, que pouco tempo durou, vindo a ser extinto por lei.

Já durante a sua estada no Fayal, apesar de inculcar ainda robustez, a saude do Duque de Bragança não era prospera, pois que soffria bastante do estomago, limitando-se o seu alimento a uma canja de arroz e ligeira porção de carne assada, muito simples.

Era muito amigo de musica e até compositor, assim como nas festas religiosas acompanhava por vezes, em voz alta, na capella mór, os padres, nos seus cantos sacros.

Contava, n'esta epocha 34 annos de idade.

Devemos aqui mencionar que na vespera do regresso de S. M. I. as freiras do Mosteiro da Gloria, fizeram-lhe um avullado presente de doces *para a viagem*, incluindo no mesmo outros tantos corações de alfenim, como o numero de religiosas, de tamanho natural e tendo cada um em letras doiradas as iniciaes do nome da offerente.

Com a sahida de S. M. I. e do batalhão de caçadores 12, ficando a ilha guardada pelo corpo de Voluntarios, retomou a flotta o seu sosegado aspecto, de que ha tanto tempo andava affastada, por effeito das commoções politicas ultimamente occorridas.

As obras do arsenal de Santa Cruz continuavam com toda a actividade, para auxiliar a proxima expedição e os novos governantes esforçavam-se, n'aquelle tempo, ainda de vividas crenças, para se tornar uteis á commuidade.

Estamos a 22 de Maio seguinte, quarenta e um dias depois da partida do Duque de Bragança.

O morgado Terra, não cansado das sumptuosas festas que ultimamente, com a estada do Regente em sua casa, tinha dado, offerecia ainda, n'essa noite, um luzido baile á elite da sociedade fayalense, festejando o anniversario natalicio da sua filha mais velha D. Joaquina.

A noite apresentara-se serena, mas escurissima, d'essa escuridão peculiar ás noites fayalenses, da qual não sabemos a causa, mas que é reconhecida, especialmente, por todos os nossos maritimos e pescadores.

Na rua da Misericórdia a vasta frontaria da casa do capitão mór, com as suas treze janelas, rasgadas de frente, destacava-se alegremente illuminada no meio d'essas trevas e os accordes d'uma orquestra animavam o salão, ha pouco começado.

Na sala principal uma exuberancia extraordinaria de flores, dispostas em custosas jarras da India, embalsamavam o ar, rivaes, mas não excedendo, na frescura e belleza, essa porção de bonitas raparigas da aristocracia fayalense, que alli volteavam, no redemoinho das valsas e quadrilhas, em substituição da gavota, solo inglez e minuêtes ainda ha pouco em voga e cahidos agora em desuso, como pertencentes ao antigo regimen.

Como geralmente acontece, reunira-se muita gente do povo em frente da casa do capitão mór, para ver entrar os convidados, mas desde que o baile havia começado e que só tinham a contemplar o guarda portão de libré azul, canhões e gola encarnada e botões de prata, foram-se gradualmente recolhendo ás suas habitações, pelas desertas ruas da Horta, completamente desprovidas ainda de illuminação publica e escuras como um sepulchro.

Dessa hora em diante, como ainda hoje, não apparecia *uma alma* na phrasologia popular, a não ser algum grande estravagante recolhendo-se de alguma nocturna aventura.

Este isolamento das ruas fayalenses, durante a noite, den que falar ao filho de M.<sup>me</sup> George Sand, quando por aqui passou, ha annos, para a America, com o principe Jeronimo Napoleão, jogando-nos a esse respeito alguns chascos n'umas impressões de viagem que depois publicou, sem se lembrar que cada um, em sua casa, pode viver como melhor lhe aprouver.

Já é teimar!

Proximo das 11 da noite, de 22 de Maio de 1832, o vapor «Superb», já muito conhecido n'esta Ilha, entrava na bahia da Horta, fundeando alem do ancoradouro, denunciando-se apenas, em terra, a estada de uma nova embarcação n'este porto, pelo acrescimo de mais um pharol nos já alli existentes.

Não sahio ao mar qualquer lancha ou bote de serviço.

Pouco tempo, porem, depois, atracava ao caes da Horta um escaler de navio de guerra, conduzindo no leito de popa dois passageiros, que immediatamente saltaram em terra.

O caes estava deserto, á excepção d'um rapaz, de dezoito annos de idade que, accidentalmente, alli se achava e o qual ouvindo o bater dos remos n'agoua, se approximara das escadarias do desembarcadouro.

Este rapaz, chamado Ayres, era um sobrinho do Escrivão da Camara Antonio Silveira d'Avila, e quando os dois recém-chegados passavam junto d'elle, com as suas capas de marinha, um d'estes desco-

nhecidos, que estava vestido à paisana, agarrou-o subitamente n'um braço, dizendo-lhe com intimativa.

—Você está preso e tem de nos acompanhar, não quero que vá adiante denunciar a minha presença, vamos, para a frente . . .

—Oh! senhor! . . . deixe-me, eu . . .

—Silêncio, nem mais palavra, ninguém lhe quer fazer mal, — e não largou o braço do aterrorizado Ayres, que *bon gré, mal gré*, começou a andar ao lado do tal sujeito, sem saber o que tudo aquillo significava, nem quem era aquelle homem, agora todo embaçado e com a gola do capote levantada.

Até adiante da egreja de São Francisco não encontraram pessoa alguma e só proximo do canto de D. Joanna é que viram, a distancia uma luz caminhando para elles.

O individuo vestido à paisana, o qual já o moço fayalense desconfiava ser pessoa de consideração, por quanto o official de marinha que o acompanhava jamais emparelhava com elle, indo por fóra do ladrião e um pouco atraz, vendo approximar-se aquella luz, chegou o chapéu mais para os olhos, dizendo em voz baixa ao Ayres:

—Você não solte ahí meia palavra, tome cantella.

—Eu não digo nada, Sr., mas é que . . .

—Pshin ! . .

Cruzaram, então, com quem os encontrava, que era um cavalheiro já entrado em annos, vestido de casaca e gravata branca, empunhando na dextra um pequeno farta-fogo, traste ainda não ha muitos annos trivialissimo n'esta cidade. Vinha, evidentemente, do baile do capitão mór e recolhia-se cedo, depois de haver dado um apêrto de mão ao seu amigo Terra Brum.

Conheceu-o o recém-chegado que aprisionara o Ayres, porquanto depois d'elle passar, parou um momento, voltando-se para traz e dizendo com desfigurada voz:

— O velho, o velho, vae para casa deitar-te.

O fayalense a quem eram dirigidas estas palavras, julgando talvez ser alvo dos motejos d'alguns estroinas, voltou-se tambem, dando alguns passos para a frente e assestando o terrivel *ólho de boi* do seu farta fogo, sobre o grupo que inticava com elle, quando seguiu soccadamente o seu caminho.

O conviva do morgado Terra, exclamou então, admiradissimo:

—O que é isto, Senhor, Vossa Magestade aqui ? ! . .

—Não grites, homem, como está o capitão mór ?

—Perfeitamente, veio agora mesmo do seu baile.

—E eu para lá vou, desejo fazer lhe uma surpresa.

—Permitta-me, Vossa Magestade, que eu tenha a honra de o acompanhar.

—Isso não, vae lá ter, se quizeres, que estimarei bastante encontrar-te, mas deixa-me agora ir sozinho, levo aqui agarradô este ra-

paz, a unica pessoa que encontrei, para que não fosse adiante avisar alguém da minha presença.

Ora este cavalleiro com quem o Senhor D. Pedro deparara na rua de São Francisco, recolhendo-se á sua moradia, era o digno consul francez, Sergio Pereira Ribeiro, que pelo seu honrado character muita sympathia merecera, antecedentemente, a S. M. I., que lhe deu inequivocas provas da consideração em que tinha as suas optimas qualidades.

—Até logo, Ribeiro, — e o Regente continuou no seu destino, seguindo do official de marinha e ladeado pelo atonito Ayres, de boné na mão e a tremer de commoção, desde que soubera a alta personagem de que se achava junto.

Chogaram afinal á entrada da casa do morgado Terra, querendo o Imperador dar algum dinheiro ao seu prisioneiro, offerta, porém, que este não se prestou a aceitar, pedindo somente permissão para beijar a mão de Sua Magestade.

O guarda portão, admiradissimo, recebeu os agasalhos dos dois recém-chegados e queria correr escada acima, a avisar o morgado do illustre personagem que ia, de novo, honrar aquella casa.

O Regente oppoz-se formalmente a isto e concertando o fato subiu a larga escadaria que conduzia ao interior da habitação.

Esta occorrença tinha uma simples explicação.

S. M. I. tencionava, effectivamente, vir outra vez á ilha do Fayal, antes da expedição partir para o continente, afim de inspecção as obras que se estavam preparando no arsenal de Santa Cruz, mas sem que para isso, achando-se na Terceira, houvesse ainda designado um dia certo.

Fallando a este respeito com o seu camarista e amigo Almeida, lembrou-lhe este que o morgado Terra dava um baile na noite de 22 d'aquelle mez, por ser o anniversario natalicio da sua filha D. Joaquina e que seria de subito prazer para o distincto fayalense, a comparsa de S. M. I. áquella festa.

—Pois bem — respondeu o Regente — se o tempo der lugar, vou cabir-lhe em casa e sem que elle espere semelhante visita. Ao Terra, do Fayal, desejo o mais possivel ser agradavel.

Foi palavra de rei, como vimos.

E tanto o Imperador escolheu, então, de proposito aquelle dia, allindando a sua já projectada viagem ao verdadeiro prazer de obzequiar um cavalleiro que lhe era sinceramente affecto, que desembarcou de casaca, collêto e luvas brancas, sapatos de polimento, meias de seda e chapen de pasta, e com a gran-cruz da Ordem de Christo ao peito.

Vestimenta completa de baile.

Entrou no salão principal, procurando com a vista a Sr.<sup>a</sup> D. Francisca Paula da Terra Brum, a quem dirigio-se, logo, a cumprimentar

e depois tirando para dançar a sua filha D. Joaquina, bateu as palmas para se organizar uma quadrilha franceza.

Um viva espontaneo e prolongado saudou o regio recém-chegado, ao tempo que o capitão mór, sem saber explicar como aquillo fosse, estava radiante de alegria, assim como todos os seus convidados.

Apesar do baile estar muito concorrido haviam, ainda assim, algumas familias das quaes não estavam todas as pessoas, indo desde logo os homens dar parte a casa da chegada do Duque de Bragança, de sorte que dentro em menos de uma hora, achavam-se as salas do morgado Terra com o dobro dos convivas, do que antecedentemente á chegada do Imperador, pois que todos desejavam gosar tão angusta companhia.

Este inesperado acontecimento deu maior encanto áquella festa e este baile ficou marcado nas chronicas fayalenses como um d'aquelles em que o enthusiasmo, a alegria e a boa união tocam as raias do delirio.

O Regente ficou de novo Hospedado em casa do capitão mór e na madrugada seguinte os festivos repiques em todas as egrejas, a grande agglomeração de povo pelas ruas e os vivas prolongados e immensos, bem como um grande numero de casas embandeiradas demonstravam exuberantemente os patrióticos sentimentos da povoação.

Foi breve, d'esta vez, a permanencia de S. M. I. no Fayal, pois que na manhã do dia 24 depois de haver sido cumprimentado pelas autoridades e de ter tratado, no arsenal, de varios negocios relativos aos preparativos para a proxima partida da expedição, embarcou cercado de immenso povo, para o vapor que o conduzira e que seguiu em direitura a Angra.

O Duque de Bragança conservou sempre do Fayal as mais fisegeiras recordações e d'esta ilha fallava em levantados termos. Algumas concessões lhe fez, mas a implacavel morte que em breve o feriu a 24 de Setembro de 1834, veio obstar a que esta terra tivesse em S. M. I. o mais desvelado protector.

O respeitavel morgado José Francisco da Terra Brum, falleceu na sua patria, com 65 annos de idade, no dia 22 de Janeiro de 1842 e a sua virtuosa consorte a Sr.<sup>a</sup> D. Francisca Paula da Terra Brum, a 24 de Junho de 1837, cercados ambos da consideração e estima geral dos seus conterraneos, como as suas apreciaveis qualidades tinham sido devidamente consideradas pelo primeiro cidadão do paiz.

Foram sepultados no cemiterio de São Francisco.

Pelo prematuro fallecimento do filho primogenito do Barão da Lagoa, que foi Commendador de Christo e deputado da nação, usando o mesmo nome e titulo do seu illustre pae, devia ter succedido no titulo sua filha D. Maria da Gloria Terra Brum, que nasceu a 4 d'Agosto de 1838, o que, porem, não se realison.

Actualmente o representante d'esta casa, no Fayal, é o Sr. Ma-



nuel Maria da Terra Brum, cavalheiro muito distincto e que sustenta com dignidade o respeitavel nome dos seus antepassados e dos restantes membros da sua familia, que ainda existem.

Na casa do morgado Terra, hoje dividida em duas propriedades, uma pertencendo ainda á sua familia e a outra a estranhos, foi, ha poucos annos, collocada a seguinte lapide commemorativa:

S. M. I. O Duque de Bragança  
Dom Pedro  
em 1832  
habitou esta casa que então comprehendia as duas  
propriedades até á esquina  
e pertencia a  
José Francisco da Terra Brum  
Barão da Lagoa  
do Conselho de S. M. I. e Fidalgo da Casa Real.  
—  
Esta memoria mandou pôr a Camara Municipal: era de 1877

Consignamos n'estas breves linhas todas as informações que podemos obter, concernentes á estada no Fayal do magnanimo Duque de Bragança, bem como algumas indicações que dizem respeito a uma familia que lhe foi dedicada e da qual o chefe, com o maior desinteresse soffren bastante pela causa da liberdade.

Se por ventura todos aquelles que cercam os monarchas tivessem sentimentos eguaes ao honrado fidalgo insulano de que tratamos, as insignias do poder não seriam tão amudadas vezes voltidas em lacerante corôa de espinhos, como aconteceu ao Senhor D. Pedro IV, apesar dos seus gloriosos feitos d'armas.

## O PRINCIPE JOINVILLE

(1834)

O governo de Luiz Philippe, inaugurado em França, desde 9 d'Agosto de 1830, apesar de se esforçar por todos os modos, para o restabelecimento da ordem publica no interior d'aquella importante nação, adoptando tambem uma politica conciliadora e moderada nas suas relações com as diversas cortes estrangeiras, não era, ainda assim, bem visto aos olhos do governo do Sr. D. Miguel, que considerava uma extorsão a Carlos 10.<sup>o</sup> o evento ao throno do principe d'Orleans, cuja elevação ao poder não passava de um acto da revolução, que necessariamente teria, em breve, de desaparecer, com o restabelecimento do antigo regimen.

E não se guardavam atenuções ou disfarces n'esta animadversão dos ministros miguelistas, tornando-se constantes as queixas do consul francez, em Lisboa, feitas ao seu governo, sobre a maneira insolita, como não era raro em Portugal serem tratados os francezes.

Esse errado systema de querer governar pela violencia e pelo terror era a descida fatal pela qual se precipitava o governo de D. Miguel, augmentando diariamente o descontentamento publico, tanto no interior do paiz, como nas nações da Europa, que, á excepção da Hespanha, não haviam reconhecido o seu governo.

O odio, porem, aos francezes, era mais visivel do que aos subditos de qualquer outra nacionalidade, porquanto se considerava que de Paris irradiavam para todo o mundo os principios da grande revolução de 1789 e que não seriam perdidos todos os meios de soffocar as ideas que d'alli chegavam até nós, e que se alastravam diariamente, apesar da perseguição e do carcere, quando não era o patibulo, para os sectarios das ideas liberaes.

Fatal cegueira, tanto mais para deplorar, quando ella levaria a nobre patria de Camões a soffrer um grande desaire e uma verdadeira humilhação.

Accendeu, n'estas circumstancias, ainda mais, o resentimento ao governo francez, a que presidia Casimir Perier, as violencias praticadas com o estudante Bonhomme e o negociante Sanvinet, por delictos commettidos n'este reino, o primeiro por se haver comportado com menos decôro n'um templo e o segundo, condemnado a dez annos de degredo para Africa por, n'um dia de revolta, ter subido ao ar, d'um seu jardim, aberto ao publico, uma girandola de foguetes!

E não eram estas as unicas violencias.

Conhecedor d'este estado de coisas o governo francez, mandou a Portugal uma esquadra sob o commando do capitão Babaudy, para appoiar os protestos do consul francez, concernentes ás desfeitas que,

nos ultimos dois annos, soffriam os seus patricios.

Apenas a esquadra foi avistada do Tejo, sabendo-se posteriormente em terra qual a sua missão, o governo de D. Miguel quiz mostrar que não tinha medo, e n'esse mesmo dia mandou tirar da prisão o francez Bonhomme, e organizar uma especie de prestito. O paciente foi despidido até á cintura e ladeado de officiaes da justiça, esbirros e do carrasco, parando a comitiva nos logares mais publicos da capital era lida em alta voz a sentença e em seguida chibatado deshumanamente o pobre rapaz, isto com grande gaudio e no meio das chufas da réles população que acompanhava aquelle cruel espectáculo, proprio de uma nação de selvagens, que a tanto havia chegado a sua degradação.

Esta repellente scena durou algumas horas, como diz Victor de Novvion na sua monumental historia do reinado de Luiz Philippe, parecendo que todo o sentimento de decôro e de brio nacional, tinha abandonado os governantes na vertigem em que pendiam para a sua irremediavel perdição.

N'esse enodado dia, nos annaes da nossa historia patria, forçando a barra, fundeava no Tejo, em frente do caes das Columnas, o brigue francez «Endymion», com a Nota das satisfações que o consul francez tinha de exigir do governo de Portugal.

O Visconde de Santarem então ministro dos Negocios Estrangeiros, despresou completamente semelhantes exigencias, valendo-se do subterfugio que um consul não era individualidade assaz authorisada para tratar com um governo, do que resultou retirarem-se para bordo do «Endymion», alem do consul, muitos subditos francezes residentes em Lisboa.

O capitão Rabaudy, seguindo as instrucções do seu governo, bloqueou, immediatamente as costas de Portugal e destacou alguns navios da esquadra ás suas ordens para o mar dos Açores, a fim de aprisionar os navios de guerra portuguezes que cruzavam n'estas paragens e especialmente nas proximidades da ilha Terceira, para dar caga aos constitucionaes que n'aquelle reducto da liberdade se iam refugiando.

E não perderam o seu tempo os navios destacados para estes mares, os quaes foram o brigue «Endymion», de que ha pouco fallámos, e a fragata «Melpomene», navio que montava 60 valentes canhões de calibre 30.

A bandeira tricolor, que tremulava na mezêna d'estas embarcações, fora considerada pelo governo de D. Miguel como um labaro revolucionario e como tal merecedor da sentha destruidora da sua marinha de guerra, tanto assim que o general Henrique da Fonseca de Sousa Prego, em 12 de Setembro de 1830, officiava a um seu subalterno, o governador da ilha de São Jorge, dizendo-lhe que *no dia 25 de Julho havia arrebentado uma revolução em Paris, em consequencia*

da qual sahio da capital El-Rei Carlos X, ficando a nação dividida em partidas, que a punição de tão atroz delicto se seguiria de perto e que não deviam ser recebidas quaesquer embarcações com bandeira que não estivesse reconhecida.

Verdade seja que a 4 d'Outubro seguinte o general Prego tornava a officiar ao mesmo governador, em Circular com o N.º 29, pois que em vista das reaes ordens que recebera, devia ser *tolerada* a bandeira tricolor de que actualmente usavam os navios francezes.

O motivo d'esta contra-ordem é o que veremos em breve.

Crusava a esse tempo nos mares dos Açores, fazendo parte do bloqueio a corveta «Urania» navio de 600 toneladas e que montava vinte e duas bocas de fogo, commandada pelo official de marinha Andrade.

Foi com este navio que romperam as hostilidades.

A «Urania», na madrugada de 3 de Julho de 1831, achava-se nas proximidades e ao norte da ilha de São Mignel, ainda que não se avistava terra, e o official do quarto foi annunciar ao commandante que estavam á vista e dirigindo-se na sua direcção, dois navios de guerra, dos quaes ainda ignorava a nacionalidade.

Haviam já, como era sabido, complicações com os inglezes por causa do aprisionamento fóra dos limites do bloqueio de embarcações d'aquella nacionalidade e na duvida das intenções d'aquelles vãos de guerra o commandante da «Urania» mandou tocar a postos, desenvolvendo-se a bordo grande actividade bellica.

A bandeira branca, com as quinas portuguezas, desfraldou-se então na pópa da «Urania», começando immediatamente o brigue a lidar caça e tomando afinal a corveta sem que esta apresentasse a *minima* resistencia!

A fragata «Melpomene» conservara-se sempre a distancia, atravessada, como simples espectadora d'essa pouco edificante scena.

Se é difficil de explicar como tres notabilidades mythologicas, perdendo a sua habitual serenidade vinham gladiar-se nos mares açorianos, de bem má fama e como Endymion, rapaz de notavel formosura e atreito a estudos de astronomia, depois de haver attentado contra a hora de Juno, e de haver sido raptado por Diana que o transportou para o monte Latmus, aonde uma vez por outra o ia, occultamente, visitar, se achava agora de parceria com Melpomene, a severa Musa da tragedia, que empunha um punhal na dextra e na outra mão um sceptro e não se contentando já com duas amantes, ainda vae conquistar «Urania», uma simples rapariga, tambem dada á mania do estudo dos astros, tanto que não se retratava-se não toda vestida de azul e com uma corda de estrellas na fronte, se isto não é facil de explicar, como diziamos, o se ninguém pode atinar com o fio d'esta grande embrolhada da corte celeste, tambem, egualmente, não é menos difficil de decifrar o papel que n'este lamentavel incidente representaram to-

dos os portuguezes do navio aprisionado.

Lá que era gente accommodada, isso é indubitavel . . .

A guarnição da corveta «Urania» passou, immediatamente, não digo pelas forças caudinas, mas sim para bordo do brigue e fragata franceza e aquelle navio recebendo um troço da marinhagem estrangeira, dirigio-se, aprisionado e incolume para Brest, aonde depois foi vendido aos portuguezes constitucionaes para fazer parte da armada de D. Pedro !

E somos nós que dizemos *roupa de francezes* . . . com certeza que a das portuguezes tambem, não é raro, ter sido bem desbaratada.

Seis dias depois da captura da «Urania», o «Endymion» e a «Melpomene» surgiram no porto de Ponta Delgada, em S. Miguel, quando esta ilha já se achava entregue ao dominio liberal. Desembarcou o Immediato do brigue, dando muitos vivas, de chapau na mão, à Senhora D. Maria 2.<sup>a</sup> aos quaes respondiam os indigenas com eguaes brados ao Rei Cidadão e seguiu depois este official, escoltado de muito povo até ao palacio do governo, aonde se demorou algum tempo, não faltando em tudo isto a parte espectacular de que tanto gostam os da sua nacionalidade.

Tão pessimias são, invariavelmente, as consequencias das dissensões intestinas de qualquer povo, que um dos militares que acabava de aprisionar um importante vazo de guerra portuguez, era por portuguezes considerado como um heroe !

A esse tempo, no continente, a questão com a França tinha tomado o mais carregado aspecto, os verdadeiros pronuncios d'uma grande tormenta.

E vinha a ser o caso que o governo do Palais Royal continuando a julgar-se desconsiderado pelas authoridades mignelistas e não satisfeitas as suas reclamações, mandara reforçar o numero de embarcações que já tinha nas costas de Portugal, com navios de grande lotação e que constituíam assim uma imponente armada de dezeseite navios, sendo seis naus, quatro fragatas, tres corvetas e quatro brigues.

O commando d'esta esquadra foi confiado ao almirante Barão Rous-sin, o qual hasteou o seu pavilhão a bordo da nau «Suffren», enquanto que o almirante Barão Hugon, sob as suas ordens estava a bordo da nau «Trident».

Chegados às costas de Portugal, o commandante em chefe da esquadra destacou o brigue «Dragon» para, como parlamentar, ir a Lisboa intimar o governo portuguez que, se no prazo de vinte e quatro horas não fossem acceitas todas as requisições anteriormente apresentadas pelo commandante do «Endymion», bem como uma indemnisação pecuniaria para as despesas da guerra, que n'esta occasião lhe apresentava, a esquadra franceza forçaria o Tejo, decidindo as armas esta questão.

Isto foi a oito de Junho.

O brigue parlamentar entrou, effectivamente, em Lisboa e ao officio do Barão Roussin respondeu o governo portuguez com mal disfarçadas evasivas, regeitando as condições do almirante e opinando, para a resolução d'este conflicto, que essas exigencias seriam tratadas em Paris, pelo encarregado dos negocios da Hespanha.

O Sr. Joaquim Lopes Carreira de Mello, na sua *Historia de Portugal*, embora partidario e defensor do governo de D. Miguel, ainda assim quando trata d'este incidente, confessa o completo desleixo e imprevidencia do governo, procurando d'alguma sorte justificar o pelas probabilidades, então existentes, da Gran-Bretanha vir socorrer Portugal, affirmando este insuspeito author que a incuria do governo foi tal, que no dia em que a esquadra franceza entrava no Tejo é que um major d'artilheria, José da Roza Curado tinha ido à torre de São Julião, conhecer do estado d'aquella fortaleza, para a defeza da barra, achando-se tambem desguarnecidas muitas fortificações que protegeriam Lisboa contra qualquer invasão.

No Tejo achavam-se fundeados diversos navios de guerra portuguezes.

Decidido o ataque pelo almirante Roussin, em consequencia da resposta às suas reclamações, que lhe tronxera o «Dragon», esperavam simplesmente os francezes ensejo favoravel de poder transpor a barra, porquanto o vento, até então, lhes fôra contrario.

No madrugada, porem, do dia 11 de Julho, uma brisa esperta do quadrante do norte começou a enfiar as velas da armada inimiga, estando o tempo, enublado e de mau cariz e o mar assaz cavado.

Apesar d'isto, pelas 10 horas da manhã a «Suffren» içou o signal de apparelhar e em breve seis naus. Tres fragatas e tres corvetas, destinadas para a investida, collocavam-se em linha de batalha, ficando os restantes navios a bordejar fora da barra.

A  $\frac{1}{2}$  p. m. entrava, imponentemente no Tejo aquella divisão naval.

As fortalezas portuguezas e alguns dos nossos navios de guerra, por honra da firma, sempre se resolveram a disparar alguns incertos tiros, os quaes não incommodaram, nem retiveram, os francezes, que proseguiram no seu rumo, até que defrontando, bem em cheio a cidade, atrocaram os ares com repetidas bandas de artilheria, que foram em terra causar serios prejuizos e destroços, isto ao tempo que a fragata «Pallas» lá aprisionando sete navios de guerra portuguezes, independente dos tres navios que para semelhante fim destacara o almirante Roussin.

Pelas 4 horas da tarde, apenas com a perda de tres homens, quarenta feridos e algumas avarias no apparelho, estava victoriosa a esquadra franceza, e dictava leis ao governo portuguez, que foram logo acceitas, bem como uma indemnisação a pagar d'uns 140:000\$000 rs.

quantia que devia ser dividida pelos subditos francezes que haviam sido offendidos e pelas despesas da expedição.

Exigiu mais o almirante Roussin que as humilhantes condições que apresentava fossem assignadas, não em terra mas a bordo da «Suffren» e em seguida publicadas na «Gazeta official».

A Inglaterra n'esta questão, apesar de nossa alliada ha quatrocentos annos, crusou completamente os braços, tão errado é o caminho de confiarmos em estranho auxilio, quando em nós mesmos temos os recursos necessarios de vingar uma affronta nacional.

Ora o aprisionamento, pelos francezes, tanto no mar dos Açores, como no Tejo, da esquadra de D. Miguel, foi de grande e inesperado auxilio para o partido constitucional, porquanto, á mingoa de algumas embarcações, desteito o bloqueio estabelecido, ficaram livres as communicações dos emigrados com a Terceira, para aonde podiam seguir dos diversos depositos dos paizes estrangeiros, acompanhados de tudo quanto quizessem.

E, ainda assim, devemos confessar que nunca fôra tão apertado o bloqueio açoriano que, desde Junho de 1829 até FEVEREIRO de 1830, não deixassem entrar na bahia de Angra, com armas, mantimentos, fazendas e emigrados, trinta e quatro embarcações, das quaes trinta e uma inglezas, escunas na maior parte, bem como tres navios francezes, incluindo uma barca.

Distraio em breve a attenção dos portuguezes d'estes importantes factos, a momentosa questão politica, a lucta fratricida em que se ia debater o paiz, desde o desembarque nas praias do Mindello a 8 de Julho de 1832 das tropas de D. Pedro, havendo de sobejo em que pensar em casa, alem do insulto que nos fizera uma estranha nação.

Era, porem, indubitavel e reconhecido que as sympathias da França, estavam todas voltadas para o exercito liberal, para o partido constitucional portuguez.

Decorreu em seguida todo o periodo da campanha da liberdade, até que a 26 de Maio de 1834 assignou-se em Evora, mediante os generaes dos exercitos belligerantes, a convenção que indicava a D. Miguel o caminho do desterro e no dia seguinte proclamava o deposto monarcha ás suas tropas, annunciando-lhe que em breve se retirava do reino, deixando, assim, as insignias do poder que usoufrira desde o anno de 1828.

A 25 de Setembro d'esse mesmo anno de 1834, um membro da familia de Luiz Philippe, desembarcava, de passagem, em territorio portuguez.

Era o Principe de Joinville (Francisco Fernando d'Orleans) 6.º filho do monarcha francez, contando apenas dezeseis annos de idade, pois nascêra em 1818, o qual, como aspirante de marinha, vinha a bordo da corvêta «Belle Poule», em sua primeira viagem de instrucção.

O Príncipe de Joinville demorou-se somente dois dias no Fayal, sendo assaz obsequiado pelo digno vice-consul francez o Sr. Sergio Pereira Ribeiro, que falleceu no anno seguinte, bem como pelo benemerito consul americano Charles William Dabney, estando na sua bella residencia da «Bagatella» e com este cavalheiro e com um respeitavel Preceptor que acompanhava S. A. deu um passeio, a cavallo, pelos campos da ilha.

Ao Príncipe foram offerecidas algumas curiosidades da localidade que S. A. muito mostrou presar e na segunda noite da sua estada na Horta, o Sr. Dabney offereceu-lhe um baile, ao qual, porem, S. A. não ponde assistir, por ter de se recolher cedo para bordo, mas ao qual concorreu a officialidade da «Belle Poule».

Nas paginas de um livro pertencente á familia Dabney e ainda hoje na mesma devidamente conservado, traçou o principe de Joinville uma referencia á sua estada no Fayal e antes da sua partida mandou de bordo offerecer a duas creanças d'aquelle familia D. Rosa e Samuel um accordion e um relógio de ouro que lhe fôra dado pela sua regia e virtuosa mãe.

Apesar d'um rigoroso lucto que então pesava sobre a familia Ribeiro, ainda assim o vice-consul francez obsequiou em tudo que esteve ao seu alcance tão illustre viajante, que levou do Fayal as melhores impressões.

Foi, como vamos ver, reconhecido o Rei dos francezes á exultancia e bôa acolhida, liberalisada na pequena ilha do Fayal, ao seu sympathico filho.

Alguns mezes depois da estada na bahia da Horta da «Belle Poule», uma corveta franceza que se dirigia para o mar Pacifico, recebeu ordem de fazer escala por esta localidade, expressamente para entregar aos respeitaveis vice-consul francez e consul americano um presente de Luiz Philippe, sendo ao primeiro uma bocêta d'ouro, com as iniciaes do nome d'aquelle monarcha e ao Sr. Dabney um serviço para duas pessoas (tête-à-tête) de finissima porcelana de Sèvres, verde, branca e ouro, ainda hoje existente e, egualmente, com o anagrama de Luiz Philippe, em cada peça.

Se a modestia aprendida em tempos de adversidade foi sempre a caracteristica feição da exemplar familia de Luiz Philippe, é tambem indubitavel que o reconhecimento nunca deixou na sombra os favores dispensados ao Rei Cidadão, ou aos numerosos membros da sua casa real.

Ainda assim as optimas qualidades do *Napoleão da paz*, como então era denominado, não obstaram, de 1832 a 1846, a que houvessem sete attentados contra a sua existencia!



## O CONDE DE VARGAS

(1836)

Em Maio do anno que indicámos chegou, á ilha do Fayal, o notavel sabio dinamarquez Conde de Vargas, contando então oitenta annos de idade e vindo n'uma missão scientifica sobre estudos concernentes á geologia d'este archipelago.

Acompanhava este titular uma recommendação especial do governo portuguez, o que deu lugar á Camara Municipal da Horta em data de 14 de Março dirigir-lhe uma felicitação pela sua chegada a esta ilha.

Este venerando ancião foi obzequiosamente hospedado na esplendida residencia do consul americano Charles William Dabney, sendo a sua demora n'esta localidade approximadamente de 6 mezes, pois que n'um livro existente em poder da respeitavel familia Dabney, vimos traçadas pelo Conde de Vargas algumas linhas de agradecimento, em inglez, a valiosos obzequios recebidos alli em Setembro do mesmo anno.

Apesar da sua idade e da difficuldade da subida, o sabio naturalista fez uma excursão á alterosa ponta do Pico, 2.412 metros acima do nivel do mar e bem assim visitou os mais remotos logares d'aquella ilha, fazendo importantes collecções de plantas e productos vulcanicos.

Do Fayal correspondia-se, em todas as oportunidades com o grande Alexandre Humboldt, esse Aristotles dos modernos tempos, como lhe chama o Barão de Marajó, no excellente livro «A Amazonia» e cuja fama era já então universal, desde as suas viagens d'exploração ao continente Americano.

Esta correspondencia versava sobre averiguações que cumpria ao Conde de Vargas fazer, concernentes á mencionada existencia, por alguns escriptores, de uma estatua na ilha do Córvo, firmada, sobranceira ao mar, em elevado promontorio, e com a dextra indicando o occidente, talvez para annunciar aos navegantes europeus a existencia, n'aquella direcção, d'um continente, não esta que a ser exacta e anterior ao anno de 1492 viria roubar a Christovão Colombo a gloria da descoberta da America.

A par d'isto havia tambem a investigação relativamente ao achado n'aquella mesma ilha, no anno de 1749, de uma porção de moedas Cartaginезas e Cyrenaicas, as quaes d'aquella ilha haviam sido remettidas para Madrid, a um Padre Flores, que as offerecera a M. Poldo.

Apesar do pouco fundamento d'estas asserções e de se acreditar geralmente que a existencia da tão fallada estatua da ilha do *Marco*,

de Santo Antão, ou do Corvo, não passou de uma ficção, ou talvez da apparencia que, a distancia, algum rochedo apresentava com semelhante obra d'arte, é, ainda assim, evidente que um grande sabio, das proporções de Humboldt não as desprezava completamente, porque se o houvesse feito, no meio dos seus importantissimos e numerosos trabalhos, não desperdiçaria seguramente o seu precioso tempo a inquirir sobre uma futilidade, sem o menor vizo de verdade.

Assim, esta questão, que por algum tempo se ventilou no mundo scientifico não teve ainda uma solução, parece-nos, completamente satisfactoria, pouca ou nada provando, como affirmou o Sr. Antonio Homem da Costa Noronha, por louvaveis pesquisas feitas n'aquella propria localidade, que os actuaes habitantes do Corvo não tenham a minima noção da existencia da antiga estatua, no caso d'ella haver existido.

O mesmo acontece em diversas e mais populosas povoações com factos importantes da sua historia local e que mais directamente tocava o povo, cuja ignorancia é por vezes verdadeiramente desanimadora nas illas occidentaes do archipelago.

E' o mesmo que se perguntamos hoje a muitos dos *gabuchos* que velam pela manutenção das nossas instituições politicas quem foi o vulto gigantesco do Saldanha? — Nunca ouviram falar de tal, e, contando, isto é apenas de hontem e por assim dizer o cadaver do nobre Duque ainda está móruo.

Como na provincia de Yucatan, na America central, grandes ruinas recentemente descobertas, tem revelado a existencia de uma remota civilisação n'aquellas paragens, de povos cujos nomes hoje se desconhece, assim tambem nos Açores as indicações, não de uma adiantada civilisação, mas seguramente de um povoamento qualquer d'estas illas, tambem não é raro descortinar-se, referindo-se a um periodo muito anterior, com certeza, ao século XV.

E' um facto, geralmente sabido na ilha das Flores, que ha alguns annos dando-se alli um grande desmoronamento de terrenos sobranceiros ao mar, tão grande que a porção de terra e pedras cahidas no seio do oceano influiu nas agoas de maneira que as arremoeou em grandes vagas até á distante ilha do Corvo, no corte, quasi vertical que ficou na parte do promontorio ligado á ilha, e muitas duzias de metros inferior á sua superficie, foi avistada uma abertura, ou fuma, que chamou a curiosidade dos indigenas.

Subindo, a muito custo, alguns homens, desde a beira do mar até áquella elevação, verificaram ser um grande forno de cozer louça, perfeitamente construido e que estava, não se sabe ha quantos seculos alli soterrado.

Lembramo nos, tambem, não ha muito tempo, que n'uma digressão que fizemos, no Fayal, á freguezia campestina de Pedro Miguel, o, actualmente fallecido, Revd.<sup>o</sup> Vigario d'aquella povoação, P.<sup>o</sup> Amaral,

homem illustrado e muito investigador de curiosidades naturaes, nos haver offerecido um pedaço de madeira, muito leve, odorifera e perfeitamente conservada, fragmento de um grande cedro encontrado na raiz de uma pedreira, que alli andou em exploração e que para chegar á parte superior da mesma fôra necessario uma excavação de dois metros de boa terra.

Ha quantos seculos aquelle madeiro alli se conservava tão bem acondicionado?

E devia ainda notar-se, disse-me o Vigario, que semelhante arvore não parece ser indigena d'esta ilha, como a faya e outras plautas, mas sim importada de fóra, pois que não é abundosa em todos os sitios da ilha e que se uma povoação importante da mesma tem o nome da freguezia dos Cedros, podia ser por n'aquella localidade cultivarem maior numero d'essas plantas do que nas outras povoações, sendo, porem, em toda a ilha, actualmante, pouco trivial.

O madeiro a que nos referimos foi, pelo Vigario Amaral, offerecido ao Director das Obras Publicas d'este Districto Antonio Joaquim Pereira, o qual, conjunctamente com uma collecção de madeiras aqui obtidas, as remetteu para a respectiva Direcção Geral d'esse Ministerio.

Será acazo pelo cedro não ser indigena d'esta ilha que não o achamos mencionado na «Historia das quatro ilhas que formam o Districto da Horta», na relação das arvores aqui produzidas, declarando o respeitavel author d'aquella obra que seguiu n'esta parte os trabalhos sobre o archipelago açoriano, confeccionados pelo Sr. Accurcio Garcia Ramos?

Alguns escriptores que trataram do descobrimento, no seculo 15.º, d'este archipelago, bem como o Sr. Arruda Furtado, no seu muito apreciavel livro «Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açorianos», alludem ao facto de no mesmo haverem os descobridores encontrado morcêgos, sendo estes os unicos mamiferos aqui existentes.

E, contando, os cheirópteros parece-nos não poderem ser indigenas d'estas paragens, mas sim importados, como a generalidade dos outros animaes, consoante as necessidades do homem, ou accidentalmente com o decorrer dos tempos.

E' sabido que o morcêgo, essencialmente insectivoro e noctivago é um grande auxiliar para o desenvolvimento da agricultura, por prestar relevantissimos serviços, destruindo com incrível avidez grande numero de parasitas, insectos e borboletas, que infestam as searas, em detrimento do producto que o lavrador aguarda das suas sementeiras.

A aversão estúpida que os nossos actuaes camponozes demonstram pelos morrêgos, pode com um povo mais illustrado não ter sido sempre a mesma e bem pelo contrario avaliar este devidamente a benéfica missão e valioso prestígio d'aquelles trabalhadores crepuscula-

res, deligenciando a sua proximidade, nos beirões dos telhados ou nas furnas e concavidades dos penhascos que lhe cercavam os campos productivos.

Não seria, pois, para estranhar que apesar de não serem d'aqui naturaes e de alé este clima não parecer muito proficuo para a sua propagação, visto que a assim ser, deveria achar-se, como nos paizes orientaes muito mais desenvolvida a especie dos cheirópteros, os importassem do estrangeiro, isto é, das zonas quentes, aonde são trivia-lissimos diversas castas de morcegos, tanto mais quando aqui apenas temos a esperie pequena, exactamente aquella que devora sem tregoa os insectos, não havendo noticia dos parós, ou vampiros, que atacam os animaes e até o homem, na sua sofreguidão pelo sangue mórbido.

Segundo uma phrase de Figuer, quando diz que os morcegos já começam a apparecer na Hespanha e em Portugal, deprehende-se que em remotas eras não existiam n'aquelles paizes e talvez ainda menos no norte da Europa.

Ora se considerarmos os habitos e a maneira de viver dos cheirópteros, não iremos talvez muito longe da verdade, dizendo que necessariamente foram importados para estas ilhas e que os descobri-dores das mesmas em 1432, aqui os acharam, por que já outros po-voadores, antecedentemente a elles, talvez ha muitos seculos, os ha-viam trazido.

Henglin affirma raras vezes haver visto morcegos fora dos sens sitios antes do crepusculo e que inimigos da chuva e do frio, as suas caçadas são sempre breves e quasi de fugida, sendo alem d'isso su-geitos, com o resfriamento da atmospheria, á letargia ou sonno libe-rnal, permanecendo então, durante mezes, insensíveis e como mortos, dependurados dos tectos, no interior das habitações e sustentando-se da própria gordura, adquirida durante o estio.

Como podemos, pois admittir que um animal essencialmente ca-seiro e jamais emigrante, se abalançasse a cruzar o oceano, como as andorinhas, sem um unico ponto aonde repousar do seu fatigante vo-ar em zig-zag e temeroso sempre das chuvas e das ventanias tão fre-quentes nas asperas travessias do atlantico, especialmente na latitude aonde demoram os Açores?

A mesma guerra que lhe fazem os nossos camponezes e o pra-zer com que pregam o corpo palpitante do morcego na porta das suas moradias, se acaso conseguem apanhar um individuo d'aquella es-pecie, parece provar que pela sua raridade era aqui pouco vulgar, um objecto de curiosidade, e que lhe desconhecem ainda o prestimo, irmanando-o com a *praga* e com todas as aves e animaes damninhos.

Não acontece o mesmo nos paizes orientaes d'onde são oriundos ou na zona torrida, aonde tão profusamente se desenvolvem.

Alli as especies pequenas dos cheirópteros, com a unica que te-mos n'este archipelago, vivem muito socegradamente e em boa harmo-

nia com o homem, dependurados, sem panico, dos tectos das habitações e como o morcego é dotado de bastante intelligencia, não é raro domesticar-se, livrando tambem os rebanhos de uma infinidade de insectos que os perseguia.

Todas estas razões levam-nos a crer que os cheirópteros foram para aqui importados, n'uma epocha remota, e porventura como uma necessidade e que a sua propagação, devido ás inclemencias dos invernos insulanos, tem sido muito lenta e pouco abundosa, ao invéz de certas qualidades de ratos ao Fayal trazidos pelos navios que se desmancham em Porto-Pim e das rãs que ha somente alguns annos appareceram nos mattos, importadas da ilha de São Miguel e que hoje já se vão encontrando em quasi todas as nossas ribeiras, até mesmo dentro dos povoados.

O Conde de Vargas foi effectivamente ás ilhas das Flores e Córvo sem que, não obstante, podesse obter quaesquer esclarecimentos á cerca da Estatua e das moedas antigas, pois que os actuaes povoadores, é certo, que nada souberam responder a semelhante respeito.

De regresso á sua patria publicou o sabio naturalista um pequeno livro, em latim, concernente a estas ilhas, do qual enviou um exemplar á familia Dabney, mas que hoje não se encontra.

Foi quanto podemos colligir a respeito da sua estada n'estas ilhas occidentaes do archipelago açoriano.

---

## D. ANTONIO MARIA CLARETTE DE CLARA

(1857)

Fuzillava-se, então valentemente, na Hespanha.

Na manhã de 10 de Maio de 1857 entrava na bahia da Horta, procedente de Cuba o vapor de guerra, hespanhol «Pisarro», salvando immediatamente a terra.

No decurso d'esta salva notou se, no final, alguma irregularidade dos tiros.

Regressado a terra o escaler da visita da saude soube-se que o «Pisarro» condizia a seu bordo o Rev.<sup>mo</sup> D. Antonio Maria Clarette de Clara, arcebispo de Cuba e vulto muito importante na politica que então dominava na Hespanha, o qual ia transferido para o arcebispoado de Toledo, bem como que na occasião do recém-chegado vapor salvar á bandeira portugueza, houvera um lamentavel sinistro, occa-

sionando, um descuido, rebentar um tiro intempestivamente, o qual matou dois pobres artilheiros.

Mal foi sabido achar-se n'este porto um ecclesiastico de tão elevada cathegoria, logo as principaes authoridades Fayalenses, bem como diversos cavalheiros dos principaes se dirigiram a bordo a cumprimentar S. Ex.<sup>a</sup>.

O clero da Horta e muito povo, na espectativa do arcebispo desembarcar affluio logo ao caes e os adros da egreja de São Francisco e Matriz, acharam-se em breve apinhados de mulheres de capote de capuz.

Effectivamente o Padre Clarette, seguido do seu confessor e secretario, bem mal encarados por signal, e das authoridades portuguezas que tinham ido abordo, em breve desembarcou no caes da Horta, ao toar d'uma salva do Castello de Santa Cruz, incorporando-se no seu sequito muitos padres e escoltado por immenso povo.

O arcebispo caminhava pelo meio da rua, ladeado dos dois padres seus compatriotas e no centro do cortejo das nossas authoridades, exaltadas já com a sua veneranda benção, no que S. Ex.<sup>a</sup> era muito prodigo.

Dirigio-se a comitiva para a egreja de São Francisco, a primeira que lhe ficava em caminho e no Largo de Neptuno, apesar do vasto a aggluteração de povo era immensa, e o taulheiro quasi todo de joelhos recebendo um chaveiro de benções que o arcebispo lhe ia atirando de passagem e que cahiam por toda a parte, como o tr'ora chuveo o mapã no deserto.

Um dia cheio!

O Padre Clarette, para sermos justos e dizer a verdade, não primava muito pela belleza physica, que da moral essa então não mencionamos aqui, por desnecessaria, estando sobejamente demonstrada na historia do reinado de Isabel 2.<sup>a</sup>.

Era um homem baixo, d'uns cincoenta annos de idade, assaz nutrido, de côr trigueira esverdeada e com uma bem saliente cicatriz que das proximidades d'uma sobranceira lhe descia, um pouco transversalmente até ao labio superior, dando-lhe uma estranha expressão á physionomia, na qual reluziam dois olhos pequenos, negros e muito vivos.

S. Ex.<sup>a</sup> visitou n'este dia os templos de São Francisco, Matriz e Conceição, orando no primeiro demoradamente, visitando algumas das moradias das authoridades locais e indo afinal descansar, antes de se recolher para bordo, na casa do vice-consul de Hespanha D. Mariano Hanserden, que exercia aquelle cargo desde o anno de 1842.

Havendo tambem estado este Prelado no hospital e annexo Azylo de mendicidade, esmolou generosamente os individuos alli recolhidos, dando 15200 rs. a cada homem e 600 rs. a cada mulher. O pessoal, porem, do mesmo Azylo é assaz diminuto.

O governador militar mandou uma guarda de honra esperar o

arcebispo, por occasião do seu desembarque, ficando á sua disposição, da qual, porém, S. Ex.<sup>a</sup> prescindió.

Pouco tempo depois do Padre Clarette ter ido para bordo, remou até ao «Pisarro» um escaler da terra, para apresentar-lhe um officio congratulatorio da sua chegada a esta illa, que lhe dirigia a Camara Municipal da Horta.

Confessa esta illustre corporação n'aquelle documento que está possuida do maior jubilo e mais viva satisfação por ver entre si um principe da egreja catholica, adornado, como S. Ex.<sup>a</sup>, de todas as virtudes evangelicas, agradecendo tambem a honra de haver visitado a cidade e os respectivos templos.

Aquelle adorno de todas as virtudes evangelicas, se é verdadeira a historia, é que foi talvez para mostrar que tinhamos sangue peninsular e que tambem por aqui sabiamos manejar uma hespanholada, quando era necessario.

Apesar, porem, do papel essencialmente reaccionario do Padre Clarette, na politica do seu paiz, é possivel que andasse em tudo aquillo de boa fé e que tambem assim o acreditasse a Camara Municipal da Horta, pois que as ideas são conforme o meio pelo qual nós as recebemos.

Isto justifica até os Torquemadas.

E, effectivamente, como disse um distincto padre protestante n'uma das suas notaveis predicas n'um dos principaes templos de Boston — *The purest ray of sun light may be tinged and colored by the medium through which it passes, so the idea of God may be stained and discolored by the character of the mind, through which it passes*, o que nós onsaremos traduzir, em convesinha phrase nas seguintes palavras:

«O mais puro raio do sol pode ser tingido e colorido conforme o prisma que atravessar, assim tambem a idea de Deus pode ser maculada ou alterada, em consequencia do character do individuo que a recebe.»

O arcebispo de Cuba declarou, em casa do vice-consul Hanserden, que viria no dia seguinte a terra officiar nos funeraes dos dois soldados victimas do sinistro que occorrêra e que desejava que essa solemnidade religiosa se effectuasse com toda a pompa possivel.

Envidaram-se em terra, para este fim, todos os esforços, armando-se adequadamente o templo de São Francisco.

Pelas 10 horas da manhã do dia immediato um escaler do «Pisarro» conduzia dois caixões com os restos mortaes dos artilheiros, cobertos com a gloriosa bandeira hespanhola e acompanhados pelo capellão de bordo, seguindo-se n'outras embarcações o arcebispo, alguns officiaes de marinha e nmas cincoenta praças hespanholas, em grande uniforme e debaixo de forma.

O arcebispo foi recebido com as mesmas honras da vespera e pelo mesmo cortejo já seu conhecido.

As exequias, na egreja de São Francisco foram sumptuosas, officiendo S. Ex.<sup>a</sup> e concorrendo ás mesmas a cleresia da cidade, hem como diversos sacerdotes das freguezias ruraes.

Prestaram as honras fimebres ás duas victimas, tanto a tropa que viera de bordo, como um destacamento de infantaria da guarnição da ilha.

O arcebispo depois de terminado o officio, dirigio-se á moradia do vice-consul hespanhol, aonde lhe foi servido um lauto almoço.

S. Ex.<sup>a</sup> mostrou-se muito reconhecido aos obsequios que na Horta havia recebido e apenas chegou á sua patria escreveu para o Fayal demonstrando o seu reconhecimento pela maneira afavel como fora aqui tratado.

Pouco tempo depois da passagem por esta ilha do arcebispo de Cuba, aqui esteve tambem, n'outro navio de guerra, hespanhol, da mesma procedencia e prêso, o tenente que *viscara*, é este o termo lidimo, as feições d'aquella dignidade ecclesiastica.

Pertencia ao exercito e foi-lhe concedida licença de vir passear a terra, na companhia de diversos officiaes de marinha.

Era um rapaz ainda novo e de sympathico aspecto, não parecendo desanimado com a sua sorte, a que dera causa divergencias d'opiniões politicas.

Aquelle rapaz podia-se applicar o que escreveu o nosso bondoso Nicolau Tolentino d'Almeida, n'um caso parecido:

Feriu sacrilega espada,  
Movida por mão traidora,  
Cabeça que sempre fôra  
Até aos barbeiros vedada.

Do que não houve, depois, aqui noticia, foi do castigo ou indulto, que encontrou na Hespanha o perpetrador de semelhante desacato.

Cruzes!

Em todo o caso, como dissemos no começo d'esta referencia, n'aquella epocha fuzillava-se, valentemente, na Hespanha.





## D. PATRICIO XAVIER DE MOURA

(1857)

Esteve na Horta este respeitavel Bispo da diocese de Cabo Verde, desde o dia 13 a 16 d'Agosto do supra citado anno, chegando a este porto, com 22 dias de viagem, no brigue portuguez «Maria Emilia», o qual com 18 passageiros e um carregamento de urzella e pargueira aqui veio refrescar, em viagem para Lisboa.

Achava-se assaz debilitado e soffrendo da saúde o Rev.<sup>mo</sup> Bispo e apenas o brigue ancorou, effeito da, inesperadamente, o seu desembarque, recolhendo-se ao hotel inglez, aonde o foram cumprimentar as authoridades locais e cleresia, que S. Ex.<sup>a</sup> pessoalmente recebem, a todos captivando pelo seu trato franco e amena conversação.

Na tarde d'esse mesmo dia, bem como na manhã seguinte visitou os templos d'esta cidade, convento da Gloria, Misericordia, casa do ouvidor ecclesiastico, o Dr. Antonio da Terra Pinheiro e bem assim a familia do Governador Civil, Luiz Teixeira de Sampaio Junior, o qual se achava, então, ausente do Districto.

A 15 ouviu o digno Prelado missa na egreja Matriz, aonde foi immensa a concorrencia de povo e de tarde visitou a residencia e bellos jardins da respeitavel familia do consul americano, Charles William Dabney.

No dia 16, festejava-se, n'este anno, com extraordinario brilhantismo Santa Filomena, na egreja do Carmo, solemnidade religiosa a que S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>mo</sup> desejou assistir, apresentando-se no templo com os seus trajos prelaticios e dando, quando terminada a festa, o anel a beijar a uma multidão immensa de povo que alli concorrera, tanto da cidade, como das freguezias rraes.

O distincto secretario geral d'este Districto, dr. Miguel Street d'Arriaga, que então fazia as vèzes de Governador Civil, foi incansavel em obzequiar o Ex.<sup>mo</sup> Bispo, em tudo quanto estava ao seu alcance, acompanhando-o nas visitas aos templos, authoridades e particulares.

Na tarde d'este mesmo dia o dr. Street d'Arriaga offererem ao illustre visitante um luto banquete na sua residencia da rua de São Francisco, ao qual assistiram alem de diversas authoridades, alguns amigos mais intimos do Governador Civil interino.

Foram algumas horas bem passadas, das quaes se demonstrou muito reconhecido o venerando Prelado, sendo inexcusavel a muito distincta familia Street d'Arriaga nas suas demonstrações de respeito e affecto para o nobre hospede que honrava aquella casa.

A franquesa de maneiras e urbanidade de D. Patricio Xavier de Moura, atrahiam todas as sympathias, assim como os pobres bendis-

seram a sua estada n'esta ilha, pelas muitas esmolas que fez tanto nos seus passeios, como aos infelizes que o procuravam no hotel em que se albergara, recebendo-os sempre com evangelica caridade.

De casa do dr. Street d'Arriaga, acompanhado de numeroso sequito, embarcou o Bispo D. Patricio para o brigue «Maria Emilia», que já andava de vella, agradecendo antes de partir, publicamente e no caes da Horta, aonde era enorme a agglomeração de povo, a boa acolhida que tivera dos fayalenses, deixando alem d'isto, para ser publicada nos jornaes da localidade, uma sentida e delicada despedida.

No mesmo navio seguiam tambem alguns distinctos cavalheiros, entre os quaes o Physico mór, dr. Agostinho de Carvalho e Rodrigo de Sá Nogueira, empregados publicos de elevada graduação no archipelago de Cabo Verde.

---

## O SERENISSIMO INFANTE D. LUIZ

(1853)

Ao cahir da tarde de 2 de Novembro, com tempo assaz nublado, annunciou o facho da Espalamaca que dois navios de guerra, a vapor, demandavam a bahia da Horta.

Efectivamente, pouco depois, duas corvêtas portuguezas na mesma davam entrada, fundeando ainda antes de ser noite completa, que n'aquella estação e n'estas paragens desce rapidamente.

Visitadas pela repartição de saude e alandega, soube se, no regresso dos escaleres, que eram as corvêtas «Bartholomeu Dias» e «Sagres», a primeira das quaes sob o commando de S. A. R. D. Luiz, Duque do Porto, primeiro irmão do egregio monarca o Senhor D. Pedro 3.º, que governava então Portugal, cercado das bênçãos e do amor de todos os seus subditos, tão levantadas eram as virtudes com que, sábia e admiravelmente, dirigia os destinos da nação.

Esta plausivel noticia, que rapidamente se divulgou, veio encher de jubilo a população hortense, embora essa epocha fosse eivada de calamidades para esta ilha, pelas excepcionaes circumstancias que occorriam ha tempos e muito especialmente desde o memoravel furacão de 24 d'Agosto de 1857, havendo fome e grande miseria nas ilhas do Fayal e Pico, bem como escacez de generos alimenticios em todo o archipelago açoriano.

No Districto da Horta, mais provado na adversidade, se alguns generosos cavalheiros fizeram os mais louvaveis sacrificios pecuniarios

« envidaram os maiores esforços para conjurar d'algunha sorte a terrível crise alimenticia porque estavam passando estes povos, ainda assim, em face da grandesa da necessidade era necessario um braço mais potente para sustentar, ou ao menos minorar, o flagello que nos assolava».

Valen-nos então, por intermedio do benemerito consul americano Charles William Dalney, inspirado pelos santos sentimentos de caridade da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Francisca Dalney, sua exemplar consorte, os Estados Unidos da America, para aonde escreveu aos seus amigos e sociedades humanitarias a este respeito, sendo as suas supplicas, por mercê de Deus, attendidas de maneira tal, que excedeu toda a expectativa.

Em breve tempo chegavam, pois, ao Fayal, soccorros em generos que permittiram durante 135 dias, ser distribuidas a 1.589 individuos do Fayal e Pico, rações de milho ou trigo, em fariuza ou em grão, evitando-se assim a extrema penuria e desvalimento e as repellentes scenas que sempre accarreta consigo a miseria, quando estreita, apertadamente, nos seus desapiadados braços uma numerosa população, sem recursos alguns.

E devemos notar que no anno de 1857-1858, alem das importações já antecedentemente feitas, sahio d'esta pequena ilha para compra de cereaes, quantia superior a 200:000\$000 rs., esgotando-se, por assim dizer, o numerario existente.

Não se vivia, pois, aqui, desassombradamente.

N'essa mesma noite de 2 de Novembro, pelas nove horas, dirigiram-se a bordo da «Bartholomeu Dias,» n'um escaler d'alfandega, a cumprimentar o Principe, os Srs. Conselheiro Governador Civil do Districto, Antonio José Vieira Santa Rita, o Commandante da sub-divisão militar, tenente coronel Roque Francisco Portado de Mello, dr. Juiz de Direito Joaquim Maria de Miranda e Oliveira e director d'alfandega Nuno Antonio Porto.

### 3 de Novembro

Na madrugada d'este dia choveu copiosamente, o vento rondou para um outro quadrante, desanuviou-se o firmamento e os primeiros raios do sol nascente espelharum-se livremente por sobre as ondas bonauçosas da bahia.

S. A. R. pode então contemplar perfeitamente a esplendida vista do Pico, quadro arrebatador, tanto pela grande altura do cume da montanha, como pelas variadissimas cambiantes que esta apresenta nos seus ingremes e alterosos descampados a semelhante hora.

Do lado do oeste, no Fayal a cidade da Horta, com a sua alva casaria, toda entremeada de arvoredos e com sorridente aspecto, realçava, pelo contraste, o severo cariz do gigante das Açòres, sendo o

melhor ponto para admirar todo este magnifico panorama da amurada de um navio fundeado, como a «Bartholomeu Dias» nas agoas do canal, que separa as duas ilhas.

Às 6  $\frac{1}{2}$  horas da manhã, o Castello de Santa Cruz, o unico aqui existente com artilheria, içando a bandeira nacional, havia dado uma salva de vinte e um tiros, salvando tambem depois, pelas oito horas, a corveta «Bartholomeu Dias.»

Alguns membros do corpo consular, de diversas nacionalidades, foram, desde logo, abordo, cumprimentar o Sr. Infante, e pelas 11 horas do dia todas as autoridades, Camara Municipal, chefes de repartição e principaes cavalheiros da localidade, tambem com identico intuito, alli se dirigiram.

O acolhimento que receberam do Serenissimo Infante foi o mais delicado possivel, captivando a todos a affabilidade com que foram tratados.

Havendo S. A. R. annuciado aos visitantes que effectuaria o seu desembarque pela uma hora da tarde, regressaram estes a terra algum tempo antes da hora designada, a fim de aguardar o Principe sobre o caes e providenciar o seu condigno recebimento.

Como é bem de suppor uma «extraordinaria multidão, composta de todas as classes da sociedade favalense, concorreu áquelle sitio e suas immediações, estando todas as janellas repletas de damas primorosamente trajadas e achando se formado um destacamento de infantaria 18.<sup>a</sup> no cimo da rampa que conduz ao desembarcadouro.

O Principe veio n'um escaler de bordo, acompanhado do seu camarista o Conde de Linhares, D. Rodrigo, e ajudante de ordens, o capitão de fragata Antonio Sergio de Sousa, seguindo-se em outros escaleres a officialidade dos navios de guerra.

A Camara Municipal com o seu trajo de gala e cerimonia, aguardava S. A. R. nas escadas do caes, bem como sobre o mesmo as autoridades, secretario geral dr. Miguel Street d'Arriaga, delegado do Procurador Regio dr. João Vasco Ferreira Leão, administrador do concelho José d'Almeida e Silva, todos os chefes de repartições, com os respectivos empregados, clero, diversas corporações, grande numero de cavalheiros de consideração, alem de muito povo.

O Castello de Santa Cruz salvou por esta occasião, subindo aos ares, de diversos pontos da cidade, inumeros foguetes, o que se prolongou durante a estada em terra do angusto Principe, repicando tambem as torres de todas as egrejas.

S. A. R. seguiu em direitura á igreja Matriz, collocada quasi ao centro da cidade e das janellas das ruas que ia percorrendo, muitas damas deitavam flores sobre o nobre visitante.

A porta da igreja principal, os vereadores da Camara Municipal, que se haviam adiantado ao prestito, aguardavam S. A. R. com o palio armado, sob o qual, acompanhado tambem da collegiada d'aquelle

egreja, foi o Sr. Infante conduzido para o lado direito do altar mór, onde lhe estava reservado um vistoso docel e cadeira d'espaldar.

Seguiu-se um *Te-Deum* e findo este religioso acto, S. A. R. dirigio-se para o contiguo edificio do Governo Civil, no qual se achava convenientemente preparada uma sala, para o receber, sendo-lhe alli apresentadas diversas corporações, funcionarios publicos, e cavalleiros, dando a todos beija mão.

Perto das tres horas da tarde, sahindo do Governo Civil dirigio-se o Sr. Infante pelas ruas da Misericórdia e Matriz velha até ao largo da Torre do Relógio (hoje largo do Infante D. Luiz) d'onde gozou a bella vista que apresenta aquelle sitio; e descendo depois pela rua da Roda, tornou a seguir pelas ruas da Misericórdia e de São Francisco até ao caes.

Houve no seu embarque para bordo a terceira salva, n'este dia, do castello de St.<sup>a</sup> Cruz.

O Senhor D. Luiz era, então, um formoso rapaz de 20 annos, incompletos de idade, pois que nasceu no Paço das Necessidades a 31 d'Outubro de 1838, trajava uniforme de official de marinha e a todos penhorava pelas suas delicadissimas maneiras.

Na noite d'este dia houve illuminação em todos os edificios publicos e numerosas casas de particulares.

#### 4 de Novembro

N'este dia, anniversario natalicio de S. A. R. o Infante D. Augusto, embandeiraram as corvetas «Bartholomen Dias» e «Sagres».

No decurso da manhã foram abordo apresentar os seus respetos ao Principe, diversas authoridades, indo tambem cumprimentar S. A. o coronel Cray, do exercito inglez, que se achava então residindo n'esta ilha, em casa de seu sogro o consul britanico M.<sup>r</sup> Michen. visita que o Sr. Infante presou sobremodo, porque sendo o coronel um grande caçador, paixão tambem favorita de S. A., alli planejaram algumas digressões d'este genero de divertimento.

O vice consul da Belgica, Sr. Manoel Alves Guerra, hoje Visconde de Sant'Anna, tambem esteve a bordo, para offerecer ao Sr. Infante um baile, na sua residencia, e ao meio dia, a Camara Municipal, foi em corporação felicitar S. A. pelo anniversario natalicio do seu augusto irmão.

O Sr. Infante desembarcou, n'este dia, pelas duas horas da tarde, dirigindo-se immediatamente á Santa Caza da Misericórdia, de que era então Provedor o Sr. João José Paim da Terra Brum, filho do fallecido Barão da Lagoa.

S. A. R. foi recebido á porta da igreja de São Francisco, pertencente áquelle pio estabelecimento, pela respectiva Mèza, com ba-

landrans e varas, pelo Reverendo Capellão Padre José Daniel da Silveira, medico do banco dr. Thomaz de Bellecour e da enfermaria de cirurgia D.<sup>o</sup> Antonio Maria d'Oliveira, hoje Conselheiro de S. M., bem como por todos os empregados d'aquella casa, e depois de haver feito oração na capella mór, foi visitar o Hospital e adjuncto Asylo de mendicidade.

Na enfermaria de cirurgia, a cargo do benemerito dr. Antonio Maria d'Oliveira, prestou este facultativo diversas informações a S. A. R. concernentes ao importante serviço que lhe estava confiado.

Durante a visita do Sr. Infante, mostrou-lhe o Provedor, na enfermaria dos estrangeiros, um subdito norte americano, que alli se achava em tratamento e que bastante interessou S. A., pelas extraordinarias circumstancias que o conduziram ao Hospital da Horta.

Vinha a ser o caso:

No decurso do mez de Setembro, anterior, havia sahido de New-York, carregada de carvão e com destino a São Francisco da California, a galera americana «Margaret Tiron», de 1:000 toneladas.

Era um possante navio e com numerosa tripulação.

N'aquella estação, porem, são mal afumadas as costas da America, a *mãe das temporaes*, como lhe chamam os nossos maritimos.

Desde os primeiros dias de viagem o mar demonstrou-se iracundo, o navio affastava-se do seu rumo e uma soberba ventania, vinda de oeste, não lhe permitia mais do que algumas bolsos de pauco na alterosa mastreação.

Os dias 22, 23 e 24 de Setembro foram de um verdadeiro cyclone e medonhas vagas, de descommunal altura, varriam o navio, que ia fugindo, desde a pôpa à proa.

Afinal como impulso grandioso do mar a galera começou a fazer agoa e em quantidade tal, que desde logo foi julgada irremediavelmente perdida.

A cerração era humensa, no limitado horizonte não se divisava qualquer embarcação, o que, ainda assim, pouca esperança de salvamento poderia offerecer, n'aquelle desvairado embate das vagas.

Passadas algumas horas a «Margaret Tiron», como um moribundo no estado comatoso, estava quasi insensivel ao que em seu redor se passava, enterrada no mar até perto da cinta e arfando apenas n'um vato de agonia, em vez de tentar levantar-se na crista espumosa das ondas.

O convez era já um lago em todo o seu comprimento, no qual borbotões de escuma, batendo contra as amuradas, levavam na sua ingente furia quanto encontravam na passagem, ou lhe oppunha a minima resistencia.

Chegou o momento fatal.

Uma gigantesca vaga, negra e tremenda, ergueu-se a alguma distancia, pela pôpa da galera, sendo as suas proporções espantosas e do-

bando ameaçadora na direcção do navio, então quasi immovel, parecendo pelo refluxo da agua, descahir a ré, para' mais em chuo poder receber o golpe, como um condemnado que no patibulo se agitasse melhor para tornar mais rapido o momento que ia decidir da sua existencia.

Sobranceira á gólera a grande vaga formou uma aba immensa, debruada de espuma, e depois aquelle grande volume de agua cahio de pancada sobre a misera embarcação que unio um lugubre rangido aos gritos da aterrorisada companhia, desaparecendo da face do mar, afundada no seio do atlantico.

Algun tempo depois, da infeliz «Margaret» apenas boiavam sobre o cavado oceano, alguns fragmentos de madeira, bem como cinco marinheiros, agarrados, nem elles sabiam como, á caza do fogão, que se havia despegado do convex.

Fôra um desesperado *struggle for life*, que os fizera lançar mão do primeiro objecto que encontrara no redemoinho da voragem.

A muito custo, no embate furioso das vagas, conseguiram subir para o tecto da caza do fogão, que semelhante a uma jangada lhes offerecia, ainda que bem rasteiro com o mar, um tenue refugio, enquanto alguma vaga d'alli os não arrebatasse.

Ainda assim, estendidos sobre aquelle paradoxo e agarrados ao restorbo do mesmo, conseguiram não ser varridos pelo mar.

A tormenta, saciada de victimas, quebrou, afinal, de impetuosidade e chuvas torrenciaes fizeram acalmar o tempo e tornar o mar relativamente chão.

Toda a subsequente noite foi de cruéis incertezas para os cinco pobres naufragos, na duvida de estar, ou não, á vista algum navio.

A madrugada seguinte, já com tempo claro, veio desfazer-lhes de todo essa ridente esperanza, não se avistava na vastidão das agoas uma unica vela, era completa a solidão!

Tinhão fome e não havia alli uma unica migalha de alimento.

Em redor das taboas que os aguentavam viam, a espaços, passar alguns peixes e, como fazem os indios adestrados n'este exercicio, foi com a mão que conseguiram apanhar um d'aquelles habitantes do alto mar.

Doveraram-no immediatamente, sorvendo a agua da chuva de que estavam encharcados, o que d'alguma sorte lhes mitigou a sede.

O tempo continuava agora assaz bonancoso, mas os olhares avidos dos naufragos jámais descortinavam, em qualquer direcção um navio, e a fome ia-os enfraquecendo gradualmente, preferivel, ainda assim á sede, porquanto mata por desfallecimento, enquanto que a falta d'agua é pela febre, como é sabido.

William Kenedy, um rapaz de fraca apparencia e franzina constituição vio successivamente fallecer ao seu lado os seus quatro companheiros, alguns d'elles assaz robustos, e quando os deixava afual

ao mar, presenciava com terror, as fauces avidas de enormes tubarões; como se fossem corvos n'um campo de batalha, disputar, raivosos, as suas prêzas.

Sosinho afinal na jangada, aguardava d'um momento para o outro a sua hora suprema.

N'esse dia, porém, inesperadamente, um peixe veio, tanto á flor d'agua e tão proximo da beira das taboas que elle, repentinamente, conseguiu apanha-lo.

A agua potavel era a que de noite chovêra e que conservava cuidadosamente, dentro do chapeo, ao seu lado.

Passaram assim longos, interminaveis dias e noites, nem elle sabia bem quantos, conseguindo, por mais tres vezes, apanhar com a mão alguns peixes, dos quaes comia absolutamente o necessario para aguentar a vida, acatelando o resto.

O oceano continuava sempre calmo, mas em completa soledade.

Afinal Deus amerciou-se da sorte d'aquelle infeliz.

N'uma madrugada, varridas as sombras da noite, um hiate americano, baleeiro, pairava a breve distancia do naufragio e avistado este pelos homens de vigia, em breve uma canôa escurregava ao longo do costado do navio, vindo velozmente em seu soccorro.

Esta embarcação era o hiate, tambem americano «Oread».

Averiguada a data do naufragio da galera «Margaret Thron», havia dezesete dias que o marinheiro William Kenedy, pairava sobre as ondas!

O naufragio foi encontrado a 33 ° de latitude e 40.º de longitude, approximadamente.

A 24 d'Outubro o hiate «Oread» dava fundo na bahia da Horta, para refrescar, tendo de soffrer alguns dias de quarentena.

Quando findou este praso, William Kenedy deu entrada no Hospital da Horta, aonde se restabeleceu e ainda permanecia na occasião da visita do Sr. Infante D. Luiz, que com o mesmo conversou, dando-lhe uma esmola.

Com aquelle marinheiro provou-se mais uma vez o facto difficil de explicar, mas que geralmente se tem registado nos grandes sinistros maritimos, isto é, que os individuos de taes debil apparencia e mais fraca constituição, resistem muito mais do que os seus compa-nheiros robustos e sadios.

Quando no banco d'Arguin, nas proximidades da Costa d'Africa, em Julho de 1816, occorreu aquella tremenda catastrophe da perda da fragata franceza «La Meduse», que conduzia para São Luiz do Senegal, diversos empregados do Estado, com suas familias bem como crecido numero de colonos e que em 1819 immortalizou o notavel pintor Gericanld, collocando-o a par dos grandes mestres da arte, pelo seu magifico quadro «O Naufragio da Medusa», conservado ainda hoje cuidadosamente no muscu do Louvre, o governo francez, quando



veio a saber da chegada a São Luiz dos unicos quinze sobreviventes das cento e cincoenta e duas pessoas que n'uma jangada haviam procurado salvar-se das ondas, mandem abrir um inquerito official sobre aquella terrivel hecatombe e bem assim com relação aos restantes naufragos.

Esse interessantissimo documento, consigna nas suas paginas, firmadas por verdadeiros homens de sciencia, que os individuos que haviam resistido á grande violencia do mar e aos adustos e immensos areas que tiveram depois de atravessar, debaixo de ardentissimo sol, extenuados de fadiga, de fome e de sede, eram exactamente os que menos probabilidades pareciam offerecer de conservar a vida atravez de tamanhas privações e trabalhos.

No oceano, ou nos areas, havia ficado um largo rasto de cada-veres, mas da gente forte!

Continuemos, porem, a narrativa, principal objecto d'esta referencia e da qual nos afastámos por algum tempo, devido a um incidente maritimo que impressionou o Principe portuguez, n'aquella epocha todo dedicado á navegação.

Sahindo do hospital da Borta deixou alli S. A. R. uma esmola de 40\$000 rs., quantia egual á que offereceu ao Azylo d'Infancia desvalida.

Em seguida visitou a alfandega, situada então, n'esta cidade, nas mais pessimas condições e d'alli dirigio-se á casa da Camara Municipal vindo esta respeitavel corporação esperar S. A. á rampa adjuncta ao lado do norte do edificio em que funciona e que ultimamente, em 1883, lhe foi doado pelo Governo, devido a diligencias de dois benemeritos fayalenses, o Conselheiro Antonio Maria Barbosa e major do estado-maior Antonio José d'Avila.

A vereação municipal compunha-se então dos seguintes cavalheiros: Francisco Pacheco de Mello de Mariz Sarmiento, presidente — José Pamplona Moniz Corte Real, vice-presidente — Gaspar Pereira de Lacerda, fiscal — José Francisco da Camara Terra Berquó — José Maria d'Oliveira Pereira — Manuel de Brum Labat Athayde e Antonio José Ferreira Rocha, em substituição de Manuel Carvalho de Medeiros.

Era então Secretario da Camara Municipal o habil e prestante cidadão Manuel Victor de Sequeira.

Na janella central dos Paços do Concelho tremulava a bandeira da Camara, e a sala principal, aposentos adjunctos e escadaria estava convenientemente adornada, se não com sumptuosidade, ao menos com toda a decencia e com notavel profusão de flores, apesar da quadra do anno que então reinava.

S. A. R. acompanhado á esquerda pelo Presidente da Camara e seguido dos mais vereadores e respectivo Escrivão entrou no edificio, aos festivos sons dos sinos da Matriz e da Camara e de immensas girandolas de foguetes.

Acompanhavam também o Príncipe o seu camarista, conde de Linhares, ajudante d'ordens Antonio Sergio de Sousa, as autoridades locais, alguns chefes de repartições e muitos cavalheiros de distincção.

Depois de alguma demora na sala principal dirigio-se o augusto visitante á respectiva secretaria, examinando os livros das actas das sessões e contas de receita e despesa do municipio, dignando-se n'um dos primeiros, a pedido do Presidente da Camara, alli assignar o seu nome.

A sahida dos Paços no Concelho houve as mesmas demonstrações de regosijo do que no recebimento do Príncipe, acompanhando-o a vee-reação até á porta externa do edificio.

A quarta-visita, n'este dia, do Senhor Infante, foi ao Lyceu Nacional da Horta, que tambem estava convenientemente ornamentado.

O corpo docente d'esta casa de ensino compunha-se então dos Srs. João de Bettencourt Vasconcellos Corrêa e Avila, reitor, Manuel Augusto da Purêza, secretario, Cypriano Joaquim da Silveira, Antonio Lourenço da Silveira Macêdo, dr. José Joaquim d'Azevedo e Carlos Vieira Goulart, que vieram receber o Infante fora da porta do edificio, dirigindo-lhe pouco depois, n'uma das principaes salas do Lyceu, uma allocução o Reitor Corrêa e Avila, á qual em termos benevolos respondeu S. A. R., promettendo a sua coadjuvação na creação de algumas aulas de que ainda havia carencia, como de Theologia e Nautica.

Do Lyceu seguiu S. A. para a residencia do governador militar, tenente coronel Roque Francisco Furtado de Mello, hoje general, onde a distincta familia d'este bravo do Mirdeilo recebeu S. A. esmeradamente, sendo-lhe alli apresentadas diferentes damas da elite da sociedade fayalense e gosando o príncipe a magnifica vista que apresenta aquelle sitio do Livramento, bem como entrando na pequena ermida edificada no jardim d'aquelle predio.

S. A., uma hora depois, embarcava para a sua corvêta, salvando novamente o castello de Santa Cruz.

#### 5 de Novembro

O tempo n'este dia apresentou-se pessimo, havendo muito vento do quadrante do sul, chuva e o mar assaz agitado na bahia.

Apesar d'isto as authoridades foram, comb na vespera, abordo enmprimentar o Príncipe, que n'esse dia não desembarcou.

#### 6 de Novembro

Mellhor tempo.

Foram abordo as authoridades, Camara Municipal, consul americano Dabney e diversos cavalheiros. S. A. dignou-se de aceitar um

baile que n'essa noite lhe offereria o consul americano, promettendo tambem a sua comparencia ao baile que na noite de 7 seria dado pelo Conselheiro Governador Civil, bem como a pedido da Camara, designando a noite para um terceiro baile que esta corporação lhe fôra offerecer.

Effectivamente, S. A. R. deu entrada no consulado americano pouco depois das oito horas da noite.

A residencia da respeitavel familia Dabney estava decorada com esmero e simplicidade, tendo na sala principal e no logar de honra o retrato do Senhor D. Pedro 5.<sup>o</sup> circumdado de flores e em diversos sitios bandeiras portuguezas e americanas, entrelaçadas.

A' entrada da sala aguardava o Sr. Infante a familia do consul americano, que lhe foi apresentada pelo seu chefe.

O augusto Principe distinguio a casa em que se achiava dançando a primeira quadrilha com a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Clara Dabney, filha mais velha do consul americano, tendo por *cis-à-cis* o commandante da sub-divisão militar.

S. A. dançou animadamente durante o decurso da noite, retirando se para bordo pelas tres horas da madrugada.

### 7 de Novembro

Na noite d'este dia effitou-se o baile dedicado ao Sr. Infante pelo Conselheiro Governador Civil.

A casa escolhida para este fim, a qual então estava deshabitada, foi a mesma em que n'outro tempo, pertencendo ao distinctissimo morgado Terra, se hospedara, por duas vezes, o Senhor D. Pedro 4.<sup>o</sup>.

No quarto em que dormira o Imperador e sob um docel condigno, estava o retrato de S. M. I., bem como haviam alli damascos, sedas e alfaias que haviam sido do seu uzo.

As salas do baile achavam-se vistosamente ornamentadas, a extensa frontaria da casa toda illuminada, comparecendo no baile uma banda de musica.

Vieram receber, á porta da rua, o illustre Principe, o Governador Civil, commandante da sub-divisão militar, dr. juiz de direito, funcionarios publicos e diversos cavalheiros, tocando então a banda de musica o hymno do Senhor D. Pedro 5.<sup>o</sup>.

Conduzido o Snr. Infante, pelo Conselheiro Governador Civil ao quarto em que residira o Imperador, alli lhe foram apresentados todos os descendentes do morgado Terra, Barão da Lagoa, dedicado a-migo do magnanimo Duque de Bragança.

Depois d'esta apresentação, S. A. R. deu entrada nas salas do baile, dançando a primeira contradança com a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Julia Terra Carvalho, nora do fallecido Barão da Lagoa e tendo por *cis-à-cis* o Sr. Manuel Maria da Terra Brum, filho do mesmo.

O baile esteve animadissimo, retirando-se o Sr. Infante pelas seis horas da manhã.

A familia Terra Brum e mais algumas damas e cavalheiros, fôra convidada para fazer as honras da casa.

Ainda existia n'aquella familia um velho e honrado servo que fôra o criado do Imperador, quando alli mesmo estivera hospedado e que teve a honra de trazer um copo d'agua ao neto de S. M. I., já deccorridos vinte e seis annos.

Neste dia 7 de Novembro a corveta «Sagres» que, anteriormente, de passagem pela ilha Terceira, ali havia desembarcado alguma tropa, para reforçar a guarnição da ilha em consequencia do povo estar alvoroçado por causa de exportação de cereaes, deixou a bahia da Horta, com destino a Angra do Heroismo, a fim de recolher aquella força, e em quanto na Horta se descansava alegremente, no baile a que nos referimos, um violento tufão, pelas onze horas da noite, devastava parte do Concelho da Magdalena, na ilha do Pico, desde a villa até à freguezia das Bandeiras, derrubando muros, algumas casas, e arrancando antigos e valentes arvoredos.

#### 8 de Novembro

Este dia foi escolhido pelo Sr. Infante para uma caçada, na qual acompanharam S. A. o coronel Gray, Samuel Dabney e alguns officiaes de bordo, indo todos a cavallo até á Ponta Furada e d'alli dirigindo-se a pé para a Feteira alta.

No meio do campo foi servido ao Príncipe um refresco.

#### 9 de Novembro

Houve um jantar a bordo da «Bartholomeu Dias», para o qual foram convidados os Srs. Governador Civil, commandante da sub-divisão militar, presidente da Camara Municipal, juiz de direito, delegado do conselho de saude, guarda mór de saude, director d'alfandega, consul americano e vice-consul da Belgica.

S. A. R. na tarde d'esse dia veio a terra, visitando algumas propriedades e arsenal do Sr. Dabney e á noite compareceu no baile dado em sua honra pelo mesmo vice-consul belga, Sr. Manuel Alves Guerra, hoje Visconde de Sant'Anna.

Os aposentos em que teve logar esta luzida festa estavam esmeradamente decorados, havendo na sala principal um estrado, com cadeira de espaldar, reservada para o Sr. Infante. D'um e outro lado do estrado pendiam da parede, circundados de flores, os retratos do Senhor D. Pedro 5.<sup>o</sup> e Rainha D. Estephania.

S. A. R. foi recebido á porta da rua pelo Sr. Guerra, authorida-

des e diversos cavalheiros, aguardando-o no topo da escada a familia Guerra, *que lhe foi apresentada pelo dono da casa.*

O Sr. Infante dançou a primeira quadrilha com a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Guerra, sobrinha do seu hospede, tendo este por *ris-à-ris*.

O baile, como os antecedentes, esteve animadissimo, concorrendo tambem alli uma banda de musica.

S. A. R. retirou-se para bordo as 3 1/2 horas da manhã.

### 10 de Novembro

O tempo desencandeou-se pessimo, o mar bastante cavado, chuva e grande ventania do quadrante do norte, dando apenas lugar e isto mesmo com difficuldade, a que as authoridades fossem a bordo cumprir S. A.

### 11 de Novembro

Houve, n'este dia, nova caçada, sendo o sitio escolhido os matos do Chão-frio, aonde foi S. A. R. acompanhado dos mesmos cavalheiros que o haviam seguido em identica digressão no dia 8.

Além da magnifica paisagem que apresenta aquella parte d'esta ilha, mas que n'essa epocha do anno estava muito despida da maioria dos seus encantos e desprovida das flores agrestes que, durante o verão, alli pollulam por toda a parte, pouca distracção, seguramente, lhe poderia offerecer semelhante jornada.

Nós aqui, por assim dizer não temos caça, maxime no decurso do inverno, alguns coelhos que batidos da neve e frio não sahem das suas tocas e nos matos do Chão-frio algumas gallinhas, que é raro apparecerem, a não ser no verão ao descahir da tarde, quando vão beber agoa a alguma póça do descampado.

No regresso para a cidade a chuva cahia torrencialmente, abrigoando-se o Sr. Infante e a sua comitiva na pobre morada de uma viuva da rua nova da freguezia dos Flamengos, á qual, no dia seguinte mandou entregar a esmola de 40\$000 rs.

S. A. embarcou, n'esse dia, ás 5 horas da tarde, voltando, porrem, a terra, ás 8 1/2 da noite, para assistir ao baile que em sua honra dava a Camara Municipal.

Por mais commoda a casa, do que os Paços do Concelho, pediram os vereadores para se realizar este baile a bella residência do abastado proprietario, Commendador Sergio Augusto Ribeiro, sendo enfeitada a extensa entrada que a precede, numa rua povoada de arvoredos, com arcos de verdura e uma illuminação á veneziana, destacando-se no fundo, em grande transparente as armas do Principe.

O interior d'aquella moradia estava excellentemente decorado, ten-

do S. A., dois quartos reservados para descansar, ou tomar qualquer refresco.

Compareceu ao baile uma banda de musica.

Faziam as honras da casa as esposas e filhas dos vereadores, a consorte do proprietario d'aquelle predio, bem como alguns cavalheiros para este fim convidados.

A chegada do Sr. Infante, veio esperal-o, em corporação a Camara Municipal, dirigindo-lhe então o seu Presidente uma allocução congratulatória da honra que era concedida á mesma corporação com o recebimento de S. A. R.

O Sr. Infante dançou a primeira quadrilha com a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Gloria Terra Berquó, esposa d'um dos vereadores, tendo por *cis-à-vis* o major José Pamplona Corte Real, vice-presidente da Camara.

O baile correu muito animado e realmente, durante a estada do Sr. Infante na pacifica cidade da Horta, apresentava esta povoação um anormal movimento, sendo sempre grande a multidão de povo, nos sitios por onde sabia que tinha de passar S. A. R.

O baile da Camara Municipal terminou de madrugada

### 12 de Novembro

N'este dia o illustre hospede não veio a terra, indo como usualmente, a bordo as autoridades e bem assim o Reitor do Lyceu, apresentar a S. A. um livro para se dignar de assignar o seu nome, comemorando, assim, a sua visita á nossa primeira casa de ensino.

### 13 de Novembro

Pelas 8 horas da manhã, a corvêta «Bartholomeu Dias,» dando uma salva, que foi correspondida pelo castello de Santa Cruz, saíu da bahia da Horta, na direcção do norte.

Era o seu destino a ilha Terceira, porquanto estava dando cuidado ainda não ter regressado, á bahia da Horta, a corvêta «Sagres», que alli tinha ido buscar alguma tropa, como mencionámos nas occorrencias do dia sete.

Da estada do Serenissimo Infante D. Luiz na ilha Terceira e da honrosa maneira como foi recebido n'aquella heroica terra, publicou, em folheto, uma minuciosa descripção, o Sr. Felix José da Costa, a quem as letras açorianas deveram sempre curiosas informações.

Foram o Fayal e a Terceira as duas unicas ilhas, d'este archipelago, que visitou S. A. R., a quem o futuro destinava que cingisse a corôa portugueza, estando, não obstante, feitos grandes preparativos na ilha de S. Miguel, para o seu condigno recebimento.

Obstou, porem, a isto a inclemencia da estação, sendo muito tor-

mentosa a travessia da «Bartholomeu Dias» e da «Sagres» desde Angra do Heroísmo até á barra de Lisboa.

---

## O PRINCIPE ALFREDO, DA INGLATERRA

(1860)

A bordo da magnifica fragata ingleza «Euryalus» esteve na bahia da Horta, a 28 de Outubro, este filho da Rainha Victoria, na qualidade de guarda-marinha.

Houve as nsuaes salvas entre as fragatas e a terra, indo abordo diversas authoridades cumprimentar o illustre principe.

S. A. R. não ponde, porem, desembarcar, por estar doente e a «Euryalus», depois de haver recebido alguns refrescos partio, sem demora, para a Gran-Bretanha.

Este mesmo Principe tornou a estar na bahia da Horta no dia 3 de Maio de 1871, commandando a fragata «Galatée», mas como esta ficasse de quarentena, em breve sahio d'este porto.

---

## O PRINCIPE JERONYMO NAPOLEÃO

(1860)

Ainda quando a fortuna da familia do grande Napoleão 1.<sup>o</sup> retornara em França todo o seu antecedente esplendor, tocou na bahia da Horta, a 12 de julho d'este anno, vindo da America do norte, n'um esplendido hiato a vapor, o primo germano de Napoleão III, então Imperador dos francezes, acompanhado da sua virtuosa esposa a Princesa Clotilde, que muito melhor do que o marido conseguiu, á imitação da egregia Rainha dos portuguezes a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Pia, sua irmã, uma virente corôa de bençãos dos desvalidos da fortuna e da qual ainda ha pouco o notavel escriptor francez Edmond About escrevia nos seguintes termos:

*«Tous les saints ont quitté la terre; c'est grâce à cette inconstance que le ciel est si bien peuplé. Mais nous comptons encore parmi nous,*

*deux ou trois saintes. Je pourrais citer deux: la princesse Clotilde et sa sœur la Reine de Portugal.*»

O príncipe Jeronimo, vestido á paisana, e sua esposa, acompanhados de alguns officiaes de marinha desembarcaram immediatamente depois da chegada do hiate a vapor, dirigindo-se ao passeio publico acompanhados de uma senhora, filha do vice-consul francez, que então se achava na ilha do Pico, bem como d'um filho d'este cavalheiro.

O aspecto e traços physionomicos do Principe Jeronimo é bem sabido que retratam muito approximadamente as feições de seu tio Napoleão 1.º.

Na Horta o Principe apresentou-se um verdadeiro *ratão*, de chapéu do Chili muito denegrido, sobrecasaca em mais de meio uzo e umas calças brancas que estavam a pedir uma boa libra de sabão, ou melhor talvez uma valente barella e pelas ruas, ao lado da esposa, caminhava de cigarro ao canto da boca.

E' esta a verdade.

Concedêmos de barato que o Principe Jeronimo não prestasse a minima importancia á humilde cidade açoriana que, occasionalmente, visitava, é isso, até certo ponto, natural, mas que apparecesse com umas calças d'aquelle estado . . . *Sacré nom de Dieu!* . . .

Apenas constou pela Horta o desembarque de tão elevada personagem, sem o minimo aviso previo, as nossas bouacheironas authoridades, lançaram-se em busca do mesmo, como os alchimistas do seculo 16.º em busca da pedra philosophal.

Final sempre encontraram S. A. I., que estava muito descansadamente fumando talvez o seu decimo cigarrinho, sentado n'um incommodo banco do nosso jardim publico e pensando na sua vida, ou na do seu primo, com quem nunca fôra muito bem casado.

E não o largaram mais até embarcar, já perto da noite.

No caes da Horta, por essa occasião, entre umas rumas de taboado que estava desembarcando uma barca americana, achava-se já postada uma força militar para fazer ao Principe as honras de caza, salvando tambem o castello de Santa Cruz em seu obsequio.

Em quanto, no dia seguinte o hiate recebia algum carvão que necessitava, o Principe Jeronymo foi, n'um escalor movido a vapor, eagar ás pombas na costa da Feteira, sabindo d'este porto na subsequente manhã de 14 de Julho.

Acompanhava o Principe Jeronymo, n'esta viagem de recreio, Mauricio Sand, filho da notabilissima escriptora franceza George Sand.

Depois da sua chegada a França publicou aquelle viajante um livro descriptivo de semelhante excursão maritima, no qual metteu, quanto ponde, a ridiculo esta pobre, pequena, mas pittoresca cidade, mentindo, porem, n'alguns pontos, muito rasoavelmente.

Ainda assim, e valha-nos isso, o seu nome, quasi ignorado na lit-



teratura franceza foi sempre de someana importancia e não passava d'um reflexo pallido, mas muito pallido, do genio brilhante da sua progenitora, uma grande gloria d'aquella grande nação.

## O GENERAL PRIM

(1861)

Este notabilissimo e valente militar hespanhol, que tanto figurou na politica contemporanea, aportou ao Fayal, procedente de Cuba, no dia 27 de Junho d'esse anno.

Visitou os mais amenos sitios da cidade da Horta, bem como a egreja Matriz, examinando detidamente e elogiando muito, como perito conhecedor, duas grandes telas que alli existem, na capella da Senhora da Boa Morte, uma representando o passamento de Nossa Senhora e a outra o apostolo querido de Jesus expargindo flores no tumulto da Virgem, das quaes ignoramos a proveniencia, ou o author, indubitavelmente um artista de merito.

O general Prim foi cumprimentado pelas authoridades locais, mostrando-se muito penhorado pelas attensões que lhe dispensaram e captivando a todos, pelo seu modo franco, alegre e energica conversação.

Ouvia, com interesse, ter estado na bahia da Horta, em Abril antecedente, o Duque de la Torre, general Serrano, sentindo que o seu illustre compatriota não houvesse desembarcado, para gozar dos magnificos pontos de vista que apresentava a encantadora illha do Fayal.

O general Prim parecia mais um artista entusiasmado dos panoramas esplendidos da natureza, do que o feroso soldado que, em reuvidas refregas, com o mais completo desdenho pela morte, soube sempre affrontar os maiores perigos e cujo nome conquistara grande popularidade no brioso exercito do seu paiz natal.

O vapor em que recolhia a Hespanha sabio na manhã de 29 de Julho.

E' de todos conhecida a parte activissima que o celebre general tomou em todos os acontecimentos que agitaram a Hespanha, na epocha subsequente á data que encima esta referencia.

Em 1870, já nomeado marechal, achava-se investido no elevado cargo de ministro da guerra.

Tratava-se, então, no parlamento hespanhol de uma importantissima questão, da qual Prim era o mais acerrimo instigador e advogado e na qual envidava o prestigio do seu nome, ou quando fosse ne-

cessario o pezo da sua espada e essa questão era nada menos do que collocar no throno da Hespanha um príncipe estrangeiro, o Duque d'Aosta, idéa que por muito tempo não tivera o assentimento de Victor Manuel, mas que afinal, devido ás diligencias de Prim, e á impossibilidade da candidatura Hohenzollern e de D. Fernando, fora aceita pelo monarcha da Italia.

Embora o príncipe Amadeu fosse dotado das mais egregias virtudes e de todos os predicados necessarios para bem administrar uma nação, é facil de admitir que o advento ao throno de Hespanha de um estrangeiro, acarretou muito descontentamento no paiz, tanto mais que destruiu, por esta forma, as esperanças de todos os partidos alli existentes, desde os absolutistas até aos mais avançados republicanos.

Era quasi teutar o impossível.

No parlamento hespanhol trevejaram, então, os mais reuñidos debates a semelhante respeito e feriram-se alli verdadeiras batalhas, achando-se as paixões políticas tão exacerbadas, como um revolto e indomavel oceano.

Prim, sempre firme no seu proposito de remover as difficuldades políticas que assestavam a sua patria, com a adopção d'um reinante estrangeiro, conservava-se denodadamente na brecha, alvo de grandes vituperios e odios, sentindo em seu redor rogir as mais terríveis ameaças.

O ministro da guerra, no entanto, era um homem de pulso de ferro, d'estes de antes quebrar que torcer.

O Duque d'Aosta já estava em viagem para a Hespanha.

A sessão parlamentar de 27 de Dezembro de 1870, precedendo tres dias o desembarque do Duque em terreno hespanhol e menos de dois mezes a sua eleição, (16 de Novembro de 1870) tocou o cumulo da vehemencia e da agitação.

As cõrtes tornaram-se uma janla de furibundos tigres e o mesmo Prim, apesar do seu immenso sangue frio, indomita coragem e notaveis aptidões de consumado estadista, começou a trocar insulto por insulto, apostrophe por apostrophe e a esmagar sem piedade os que, tambem, desapiedadamente o queriam ferir.

Quando terminou a sessão estava, completamente, fora de si.

Não era desconhecido aos amigos do ministro da guerra o muito que em Madrid se andava tramando contra a vida d'aquelle valente militar e grande numero de policiaes tinham expressa ordem de o seguir disfarçada, mas tenazmente, por toda a parte, vigiando pela sua segurança a todas as horas do dia e da noite.

Havia até signaes combinados para o chefe da policia, perdido entre a turba e vestido á paizanh, conhecer o destino e as ruas que ia seguir o ministro da guerra e lançar no seu encalço uma porção de agentes vigilantissimos.

Estes signaes eram segundo a maneira que o marechal ahotoas-

se o fato, tivesse collocadas as mãos, aguentasse a bengala &c.

No dia, porém, a que nos referimos era tal a excitação de Prim, ao sahir do parlamento, fallando animadamente com varios individuos, que esquecendo-se das precauções que devia tomar, e que o chefe da policia em vão aguardou ansiosamente, não pareceu consciênte dos perigos que o ameaçavam.

Casualmente sustinha a bengala na mão direita, mas não da maneira que secretamente estava combinado e ainda assim, embora duvidoso, o chefe da policia mandou postar a sua gente n'aquella direcção e ter olhos de lynce para o menor incidente que occorresse.

Prim subiu para a carroagem e mandou *tocar* a toda a brida, para o ministerio da guerra, mas exactamente pelo lado contrario áquelle em que a policia o esperava!

A carroagem partiu como um raio e quando costeava os muros d'um extenso jardim, ouviu-se uma descarga de fuzilaria e uma porção de balas atravessam a caixa do vehiculo em diversos sentidos.

O corpo do infeliz Prim ficou crivado de ferimentos, recebendo sete balas no hombro esquerdo.

Eram feridas mortaes.

A sua agonia foi longa e repleta de sofrimentos dolorosos, pois que o marechal dotado de robusta constituição só veio a fallecer tres dias depois, a 30 de Novembro, no mesmo dia em que, por fatal coincidência, desembarcava na Hespanha o monarcha que lhe devia a corôa e cujo reinado, embora breve, foi repleto de cruéis dissabores e de amarguradas horas.

Do processo concernente ao assassinato de Prim jámais se poudo colher alguma coisa, ou talvez, para melhor dizer, colheu-se tanto e estava no mesmo compromettida gente de tão grande importancia, que esse saldo de contas está ainda por liquidar, nem, provavelmente, jámais se liquidará.

No entanto, a espaços, a imprensa hespanhola, em duas ou tres linhas cheias de termos emphaticos, estampa a semelhante respeito n-las noticias, que temos lido em diversos jornaes e que terminam quasi sempre, pouco mais ou menos, nos seguintes termos: «Revive e d'esta vez até á sua conclusão o affanado processo concernente á estupenda morte, do valerosissimo marechal Prim».

Já não é sem tempo.

*Caramba!*

---

## RAYMUNDO ANTONIO DE BULHÃO PATO

(1868)

A primeira vez que o festejado author da Paqueta esteve nos Açores foi, por motivos de doença, no inverno de 1866, chegando á ilha de São Miguel no vapor «Açorianos», no dia 26 de Novembro.

Quatro dias apenas depois de desembarcar na populosa cidade de Ponta Delgada, partio para Villa Franca do Campo, na companhia do seu amigo o Sr. Sebastião do Canto, a pedir, apesar da rigorosa estação, aos pávidos valles e planicies d'aquella esplendida terra, lenitivo aos padecimentos que, então, comprometiam seriamente a sua saúde.

O descanso, a quietação d'aquella campesina moradia, a hospitalidade franca, sincera e carinhosa em que tanto se distinguem os mihaelenses, d'essa hospitalidade que não se limita a banaes cumprimentos, mais ou menos adubados de phrases convencionaes, mas sim da que faz os velhos amigos e as duradouras sandaes, concorreram poderosamente para em breve tempo tornar o notavel poeta em outro homem, vigoroso de saude, retomando interesse em litterarios commitments e colhendo grande copia de apontamentos para o delicioso livro que, sob o titulo de «Flores Agrestes», publicou em 1870.

Effectivamente a Musa loura e ingenua de Bulhão Pato, como dos seus escriptos dizia nas Memorias da Litteratura Contemporanea o malogrado Lopes de Mendonça, devia exuberar de prazer n'aquelles tão uberrimos campos, nos quaes, apesar das geadas e cortante norte nunca lhe faltavam flôres para formar uma vistosa capella, nas suas divagações n'um ou outro sitio, quer fosse na quebrada de um monte, nas orlas d'uma terra lavradia, ou nas margens d'um lago azul, de limpidas aguas e frondosas margens, d'aquelles que tanto amava o suave author do *Jocelin* e da *Chute d'un Ange*.

E depois, de Dezembro em diante, a natureza começa, ainda que lentamente, a preparar-se para a sua proxima e esplendida festa da primavera e como aquellas pombas que esvoaçam adiante do carro de Venus, mensageiras de boas novas, assim tambem aqui e alem se divisam algumas singelas e rasteiras florinhas, azues ou vermelhas, que apoz muitos dias de fechado nevoeiro e pesadas chuvas, nos vem falar dos dias limpidos em que toda aquella ilha se tornará n'um vasto e sorridente jardim.

O clima açoriano foi benigno para com o recém chegado, parecendo poupal-o, conhecer-lhe a valia.

Em Janeiro seguinte tratava-se, em Ponta Delgada, d'uma festa

de caridade, em beneficio do Azylo d'infancia desvalida, e na qual Bulhão Pato ia tomar activa parte, deliciaudo, no theatro, a illustrada sociedade michelelense, com a recitação de algumas das suas mimosissimas composições poeticas.

Foi na noite de 22 d'esse mez que se effeilhou o beneficio a favor dos desprovidos da fortuna, a concorrência ao theatro era enorme, selecta, e Bulhão Pato, com a mestria que sempre encanta aos seus ouvintes, recitou primorosamente as poesias *José Esteram*, *A Volta*, da «Paqueta», o *Adieu* do mesmo poema e as suas magnificas traducções de Trueba «*As Flores para a Virgem*» e «*As Mães*».

A ovação ao illustre vate fôz sincera, entusiastica e vehemente, impressionando-o bastante e levando os seus hospedes a delicadesa, a ponto de o acompanhar, bem como a banda de muzica de Caçadores 11. que tambem concorrêra ao theatro, até á residencia do Sr. Antonio Borges da Camara Medeiros, aonde residia.

No saraú musico-litterario alguns eximios tocadores, como os Srs. Joaquim Barbosa, Francisco Barbosa e João Bernardo Rodrigues Junior, haviam tambem concorrido para o brillantismo d'essa noite executando magnificas peças de musica.

Foi uma noite cheia.

Alguns tempo depois, muito melhorado dos seus padecimentos physicos, Bulhão Pato vio-se apeser seu, obrigado a deixar a ilha de São Miguel, para regressar ao continente.

Partiu, pois, saudoso e reconhecido áquella formosa terra, aonde só favores recebera, no 1.º de Março de 1867, consignando n'uma carta que então fez publicar na imprensa da localidade, os vividos sentimentos de gratidão que lhe iaão na alma.

A sua demora nos Açores, n'esta primeira visita, foi de pouco mais de tres mezes.

A par da maneira cavalheirosa pela qual Bulhão Pato foi recebido na ilha de São Miguel, existe uma deploravel nota discordante e extremamente comica, ter sido excommungado, em consequencia de umas «*Cartas dos Açores*» que correram impressas.

Deus perdõe aos authores de semelhante sacrilegio!

Em 19 de Fevereiro de 1868 voltou pela segunda vez o distincto poeta aos Açores: em Junho seguinte visitava a cidade de Angra do Heroísmo.

Fez-lhe alli as honras da casa o Grémio Litterario, benemerita associação que n'aquella epocha se empenhava em desenvolver n'estas paragens ainda bem pouco propicias para tentames litterarios, o amor ao estudo e a qual, alem de outros civilisadores commettimentos, havia criado um periodico quinzenal, com o mesmo titulo da associação, que publicou vinte e quatro numeros, desde o 1.º de Fevereiro de 1868 a egual data do anno subsequente e habilmente redigido por João

Carlos Rodrigues da Costa, Antonio Gil, Santos Peixoto, Moniz de Bettencourt e alguns outros escriptores açorianos.

N'esta occasião demorou-se Bulhão Pato na ilha Terceira apenas tres dias.

Na noite de 24 de Fevereiro o Gremio Litterario d'Angra do Heroísmo offerencia ao eximio poeta um sarau litterario, estando a eza primorosamente ornamentada e concorrendo ao mesmo crescido numero de damas e cavalheiros.

João Carlos Rodrigues da Costa, amigo desde a infancia do poeta, dirigio-lhe uma allocução em nome do Gremio Litterario e dos Terceirenses, pelo sincero prazer que experimentavam com a sua visita aquella ilha.

Bulhão Pato, erguendo em seguida a voz, proferio então um magnifico discurso de agradecimento, sendo freneticamente applaudido.

Na manhã de 26 houve tambem nas salas do palacio do Governo Civil, prestado da melhor vontade, uma palestra litteraria em beneficio do cofre do mesmo Gremio Litterario, em que Bulhão Pato deliciou os seus numerosos ouvintes com a recitação de diversas das suas composições poeticas.

A moridade Terceirense personificada n'aquella associação, tratou de, por todos os meios ao seu alcance, tornar agradável o breve tempo da permanencia do poeta n'aquella heroica ilha.

Na sua peregrinação pelos Açores, chegon Bulhão Pato á bahia da Horta, na corveta «Estephania» na tarde de sabbado 17 de Julho de 1869, conjuntamente com outros passageiros distinctos, taes como o general Maldonado, commandante da divisão militar dos Açores, o Reverendo Padre Horta, muito apreciado e distincto cantor, algumas damas terceirenses e o Sr. João de Bettencourt V. Corrêa e Avila.

Foi, então, que tivemos o prazer de conhecer Bulhão Pato, n'um esplendido baile que em obsequio ao Sr. Corrêa e Avila deu n'essa occasião, na sua hospitaleira residencia o Sr. Thomaz da Silva Ribeiro, já actualmente fallecido, e ao qual concorreram todos os illustres passageiros da «Estephania» e bem assim parte da officialidade d'aquelle vaso de guerra, que a este porto, com escala por São Miguel e Terceira viera trazer 133 praças de caçadores 2. com receios, segundo se dizia, d'um levante do povo, por causa de contribuições.

*Quitte pour la peur*, como dizem os francezes, havia completo socoço no Fayal.

Ao baile a que nos referimos, como geralmente acontece na Horta, concorreu um soffrivel numero de damas estrangeiras, a par de muitas fayalenses e tanto alli se fallava inglez, como a linguagem nacional, denunciando-se assim a nossa proximidade da grande república americana.

Das damas estrangeiras e das portuguezas recordou-se depois Bulhão Pato nos mais lisongeiros termos, elogiando a sua formosura

e fim trato, no livro «Paisagens», composição ligeira, escripta um pouco superficialmente.

Ha n'aquelle pequeno livro, traçado ao correr da penna, embora esta fosse d'ouro, algumas inexactidões, que revelam evidente precipitação e que para os conhecedores da localidade e das pessoas não deixaram de ter uma certa pilheria, o Conselheiro St.<sup>a</sup> Rita, por exemplo, antigo Governador Civil d'este Districto, foi christmado em Conselheiro Santa Clara, Thomaz da Silva Ribeiro teve a honra de se tornar homonymo do notavel poeta e estadista Thomaz Ribeiro e a casa que Balthão Pato indica como o berço do nobre Duque d'Avila e Bolama, no cimo do Monte Queimado, embora pertencente à familia Avila, jamais teve a distincção de escutar os primeiros choros ou risos infantis d'aquelle distinctissimo fayalense.

No baile a que assistio Balthão Pato deliciou este a numerosa e selecta companhia com a recitação de algumas esplendidas poesias, sendo a que maior sensação produziu as «Flores para a Virgem», traducção esmeradissima de Trueba, como já mencionámos.

A brevidade da sua estada n'esta ilha não deu ensejo a que o poeta visitasse algumas das pittorescas aldeias fayalenses e especialmente o Capello, que lhe offereceria, com certeza assumpto para delicias paginas descriptivas, devido ás admiraveis prospectivas que apresenta aquelle solo essencialmente volcanico, as quaes encantam todos os visitantes que alli concorrem, tanto nacionaes como estrangeiros.

Cumpre vir reparar esta omissão.

Mais pobre a semelhante respeito do que actualmente, não tinha n'essa epocha a Cidade da Horta qualquer sociedade litteraria, falta esta que devia notar aquelle esmerado cultor das letras patrias e que depois a mocidade fayalense sonhe remediar, com louvavel zelo, estabelecendo o Gremio Litterario Fayalense, o Gremio Litterario Artista e a Sociedade Humanitaria. Uma segunda visita a esta ilha não seria tempo perdido. Voltará accaso?

## LADY FRANKLIN

(1869)

Jane Griffin, a respeitavel e veneranda viuva do malogrado almirante Sir John Franklin, a heroica destruidora das *serpentes negras*, na terra de Van-Diemen, de 1826 a 1836, quando alli estivera com seu marido, então governador da Diemenia e que do seu bolsinho par-

ticular despendeu uma grossa somma, conseguindo extinguir aquelle reptil, terror de semelhantes paragens, essa mulher distincta, que, mais tarde, desde o mysterioso desaparecimento do almirante Franklin na expedição aos mares arcticos, composta dos navios «Erebus» e «Terror», em Maio de 1845, apresentou ao mundo o mais sublime exemplo de dedicação e amor conjugal, esteve na cidade da Horta, chegada no vapor «Insulano, na primavera de 1869.

Já em avançada idade, pois nascêra no começo do actual seculo e abatida por continuos soffrimentos e dissabores, esta virtuosa senhora hospedou-se no hotel inglez e só d'alli sahio a visitar algumas egrejas.

O seu aspecto infundia o maior respeito e cercava-a a publica veneração.

Efectivamente a tenacidade com que Lady Franklin soube procurar o cadaver, ou quaesquer vestigios do seu infeliz marido e dos seus heroicos companheiros nas eternas regiões do gelo, nas grandes solidões das mais inhospitas paragens do mundo, não descansando um momento, não perdendo a fé, não desanimando nunca, apesar da quasi evidencia da sua morte, captou-lhe as sympathias de todas as nações cultas e deu-lhe um lugar distinctissimo entre as mais celebres mulheres contemporaneas.

E esta lucta, sem treguas, durou o largo periodo de quatorze annos, até que o vapor «Fox», mantido por sua custa, voltava á Inglaterra, em 1859, do paiz dos Esquimãos, confirmando a dolorosa realidade das sinistras apreensões que havia sobre o destino dos tripulantes do «Erebus» e «Terror».

Isto, porem, só se conseguiu, segundo o Dictionario dos Contemporaneos de Valpareau, depois de dezenove expedições, oito navios perdidos e dez milhões gastos !

Se é honrosissimo para a Inglaterra e Estados Unidos da America, quanto os seus illustrados governos e muitos particulares fizeram para o descobrimento, vivo ou morto, de Sir Jobu Franklin, a historia tambem sempre se curvará respeitosa perante essa dedicada esposa que, só deu por terminada a sua piedosa missão, quando já não havia o minimo vislumbre de esperanza com relação ao lamentavel destino d'aquelle que tanto amára.

Neste empenho consumio a vida e enormes capitaes.

Durma em paz no seu sumptuoso mausoleu quem tão virtuosa soube ser durante a sua permanencia na sociedade.



## FRANCISCO DE SÁ NORONHA

(1872)

Os ultimos dias do mez d'Abril d'este anno e o decurso de Maio subsequente foram assaz animados na Cidade da Horta, pelas civilisadoras diversões que n'essa epocha houveram, muito a aprasimento da melhor sociedade d'esta terra.

Na noite de 27 d'Abril effectuava-se, nas salas da antiga casa da sociedade, «Amor da Patria», com a concorrência de numero superior a oitenta damas e muito maior concurso de cavalheiros o primeiro sarau litterario, iniciado aqui por Zepherino Brandão, Domingos Mendes de Faria e o author d'estas linhas, no qual tambem tomaram parte, proferindo mimosas poesias ou bem elaborados discursos, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Hermenegilda de Lacerda e os Srs. Miguel Street d'Arriaga e D.<sup>o</sup> Henrique Herz.

A casa estava vistosamente ornamentada, luzes e flores por toda a parte, e nos intervallos que medelavam entre as recitações algumas senhoras da nossa primeira sociedade, preenchiam esses momentos cantando ou tocando ao piano escolhidas peças de musica.

A phylarmonica «Artistas» comparecera tambem, generosamente, a esta festa, executando um variado repertorio, o qual continha duas composições originaes, expressamente escriptas para aquella noite e devidas ao apreciavel talento do seu habil mestre, o fayalense Guilherme Pereira d'Oliveira, hoje infelizmente privado da razão e cujas numerosas produções musicaes, embora ligeiras, aguardam ainda um colleccionador competente e dedicado de coração á sublime arte de Verdi.

A primeira d'estas composições, a que me refiro, era um brilhante hymno denominado «Sarau Litterario» e a segunda uma esplendida valsa, «A Caridade».

A' meia noite, n'um dos intervallos e conforme estava annunciado, duas creanças, do sexo feminino e pertencentes ao Azylo de Santo Antonio, acompanhadas pelas Ex.<sup>mas</sup> Srs.<sup>as</sup> D. Clara Dabney e D. Francisca Gnerra, correram um tronco de beneficencia pelas pessoas presentes, o qual logo produziu a quantia de 95\$290 reis, sendo depois elevada a 106\$290 reis, que em acto continuo foram repartidos, immamente, pelos representantes do Azylo d'Infancia Desvalida e Azylo de Mendicidade, que se achavam presentes.

Alliada assim a idéa litteraria a um acto caritativo, esta festa deixou a todos bem impressionados, dando em resultado uma alluvião de saraus litterarios n'esta cidade, os quaes, afinal, por muito repetidos perderam todo o interesse, tanto mais quando n'uma pequena localida-

de são, quasi invariavelmente, as mesmas pessoas que apparecem a orar, n'essas reuniões.

Não acontecia, porem, isto, no primeiro, havendo o poderoso incentivo da novidade.

Pouco antes de começar o saraú litterario soube-se, na sociedade «Amor da Patria» que acabava de entrar na bahia o «Atlantico», um dos paquetes da carreira entre Lisboa e os Açores e que se achava abor-do do mesmo, vindo da Terceira, o maestro portuguez São Noronha, privando-o, desagradavelmente, a tempestuosa noite que estava, de poder desembarcar, e alli comparecer.

Precedia grande nomeada o notavel violinista e as cartas e jornaes anteriormente vindos d'Angra do Heroismo não cessavam de elogi- ar os seus grandes meritos de artista, como as suas não menos apre- ciaveis qualidades de perfeito cavalheiro.

Tinham razão.

Difficil seria encontrar um mais sympathico homem do que o bon- doso São Noronha, com a sua imponente figura, barba e cabello todo grisalho, maneiras delicadissimas e distinctas e com um sorriso repassa- do de melancolia a lhe voltear por vezes nos labios e com extrema modestia a transluzir-lhe nas menores acções.

Já antes de escutarmos o arrebatador violinista, o estimavamos sinceramente, como a um velho amigo.

Alem d'isto, comquanto São Noronha não fosse um litterato, nem possuisse profundos conhecimentos, alem da sua sublime arte, em que era exímio, havia, não obstante viajado muito, percorrer a detidamen- te o interior da America do sul, vivêra mezes entre os indios, por lá aprendera muitas canções e das suas recordações de remotos climas apresentava-nos uma variada collecção de incidentes e aneddotas de uma aventureira vida, que formavam o assumpto de um delicioso *fi- re-side*, em noites desabridas, entre o café, de que era apáixonadissi- mo e o fumo d'um bello charuto havano, dos quaes trazia sempre com- sigo abundoso fornecimento.

Que saudades que não temos d'alguns serões assim passados, na companhia d'aquelle excellente homem, a quem devemos bastante ami- sidade e que tão cedo devia cahir exangue, tocado pelas azas da mor- te, bem longe da sua patria.

Não antecipêmos, porem.

Depois da expectativa da noite do saraú litterario, realisado afinal regularmente, toda a attenção da gente fina da Horta, voltou-se para o recém-chegado maestro, tanto mais, e diga-se isto sem menoscabo dos brios indigenas, que n'algumas n'estas terras Lilipntianas rarissi- mas vezes temos occasião de ouvir um bocado de musica casoavel, que falle ao coração, que nos transporte ás doces regiões do ideal.

O maestro, porem, demorou por algum tempo deixar-se ouvir, um ligeiro incommodo de saude e o cansaço de uma viagem, embora bre-

ve, mas assaz tormentosa, reliveram-no quasi sempre na casa em que se hospedara, proxima da igreja das Angustias.

Para o primeiro concôrto de Sá Noronha, a 9 de Maio, no theatro União Fayalense, não havia um unico logar devoluto, disputando-se os bilhetes e isto sem programmas de feira, nem solicitações ou pedidos, coisas com que embirrava muito o distincto artista.

No theatro era tamanha a concorrência de senhoras que foi necessario, alem dos camarotes reservar-lhe logar na plateia superior, donde tambem se achavam algumas damas e cavalheiros da ilha de S. Jorge, que no «Atlantico» haviam vindo ao Fayal, para ouvir aquella nobilidade portugueza.

O aspecto do nosso theatro, elegantemente ornamentado, destacava-se n'essa noite da pobreza franciscana com que, então, geralmente se apresentava nos seus amudados, mas nem sempre muito escolhidos espectaculos.

Na plateia do principal theatro da Horta achava-se tambem um cavalheiro que era extremamente sympathico a toda esta povoação e a qual com os recursos da sua grande fortuna havia poderosamente valido a esta terra nos afflictivos transees d'uma nefasta epocha de fome, no anno de 1857.

Era o importante proprietario americano Mr. Forbes que a este porto viera, em viagem de recreio, no seu esplendido biate «Rambler» e ao qual uma banda de musica fora espontaneamente, comprimentar a bordo, que recebera uma attenciosa felicitação da Camara Municipal d'este Concelho, bem como uma delegação da benemerita sociedade Amôr da Patria, a lhe dar as parabens pela sua feliz chegada a esta localidade, que não esquecia o assignalado serviço que o philantropico americano lhe prestara, como um dos principaes subscriptores para a livrar das torturas cruéis e repellentes scenas da miseria.

Havia, pois, n'aquella sala d'espectaculos, litteralmente cheia de espectadores, uma atmospherá boa e festiva e uma certa expansibilidade que não é muito trivial nos insulanos, seja em que classe fór da nossa sociedade.

Subiu afinal a cortina e a figura imponente de Sá Noronha, alto, aprumado, com o cabello e barba já grisalho, com o distincto porte que lhe era peculiar e com o peito todo constellado de condecorações, apresentou-se ante o publico, sendo recebido com estrondosa salva de palmas e com fôrvidas demonstrações de enthusiasmo, da parte da mocidade alli presente.

O primeiro trecho de musica que Sá Noronha nos deixou ouvir, foi uma phantazia sobre motivos da opera a Traviata, o mais religioso silencio reinava em toda a casa e aquellas notas sentidas, vibrantes e replectas d'uma suave melancolia, passavam pelos nossos ouvidos como uma coisa nova e extraordinaria, como a revelação d'um novo mundo da arte, para nós completamente desconhecido, pobres des-

graçados, que em musica pouco mais conheciamos do que meia duzia de banas quadrilhas ou quatro estropeadas valsas, vibradas rudemente ao piano por alguma *distincta curiosa*, gloria dos nossos pacliorreutos e lymphaticos professores de 300 rs. por lição, (indo ás casas uma vez por semana)

Para a generalidade dos fayalenses, para a gente sedentaria, para os que nunca d'estes rochedos haviam sahido, aquillo, como ja disse, era uma verdadeira revelação! . .

A Traviata seguiu, no encantado violino uma *Murcha Militar*, depois o *Carnaval de Lisboa*, terminando o concêrto, isto é o acompanhamento da rabeça por um piano, com umas *valsas burlescas*, scintillantes de graça e desenvoltura.

A ovação ao eximio maestro foi sincera e vehemente, o theatro parecia vir abaixo com applausos, todos desejavam a repetição de tão bem passada noite.

O segundo concêrto, a 14 de Maio, constou de uma Fantasia sobre motivos da opera *Trovador*, de mimosissimo capricho, com variações *Ai! Jesus* e do *Carnaval de Lisboa*.

O terceiro concêrto, a 17 do mesmo mez, de uma fantasia sobre motivos da opera *Traviata* e da encantadora elegia *Os Tristes del Peru*, que causou profunda sensação e o mais vivo enthusiasmo em todos os numerosos ouvintes, sendo este o trecho de musica executado pelo distincto maestro que mais nos arrebatasse.

Finalmente a 22 de Maio ainda houve um quarto concêrto, de despedida, composto do *Ai! Jesus*, de uma mazurka e tambem da repetição dos *Tristes del Peru*.

No dia 24 Francisco de Sá Noronha deixava a cidade da Horta, no vapor «Atlantico», dirigindo-se para Angra do Heroismo e indo penhoradissimo da bella recepção que tivera no Fayal, tanto da parte do publico, como de diversos particulares, que o obzequiaram quanto ao seu alcance.

Acompanhou-o até a bordo do paquete uma banda de musica.

A idéa do notavel maestro era voltar aos Agores, no anno seguinte, com uma companhia de canto, para o que, de regresso ao continente, envidou muitas diligencias em Lisboa e no Porto, sem que, não obstante, podesse realizar o seu intento.

A este artista, uma verdadeira gloria nacional, jámais sorrio benevolmente a fortuna e de decepção em decepção, apesar do seu brilhante merito, como instrumentista e compositor vio-se afinal obrigado a ir procurar a *subsistencia* em terra estranha.

Em Janeiro de 1881 achava-se, havia já algum tempo, na capital do grande imperio brasileiro; e a 23 d'esse mesmo mez, victima da febre amarella e quando a fortuna parecia enfim protegê-lo, andando em scena o seu derradeiro trabalho, a opera comica «A Princesa dos Cajueiros», fallecia, apoz de muito rapido soffrimento.

Contava então 58 annos de idade, pois nascera em Guimarães no anno de 1823.

Poucos homens, em Portugal, tiveram maior jus ás grandes recompensas que n'outros paizes se concedem aos privilegiados talentos, sendo-lhe, porem, constantemente ingrata a patria, tratando-o como descaridosa madrasta.

O mimoso author das operas «Arco de Sant'Anna», «Beatriz de Portugal», e «Tagir», jámais logrou n'este paiz ver condignamente remunerado o seu trabalho, e, bem ao contrario d'isto, foram essas excellentes composições nacionaes prateridas por algumas frivolas operetas francezas, não raro somente notaveis pela desenvoltura de costumes que apresentavam em scena.

Assim, no que dizia respeito a proveitos pecuniarios, teve a mais restreita mediania, quasi a pobreza.

Nota-se como um felicissimo pensamento da sua sublime arte e que por si só formaria a reputação de qualquer compositor, a phrase plangente e delicada dos «Tristes d'el Peru».

O repertorio de São Noronha era limitado, mas correctissimo, revelando profundos conhecimentos musicaes, os mais valiosos segredos da nobre arte á qual, desde creança, se devotara com estremoso affecto.

Olvidado e quasi desaperecebido em Portugal, pobre, com a cabeça prematuramente coberta de cans, cansado d'um constante e mal retribuido trabalho, tentara mais uma vez o distincto maestro voltar ao Brazil, a terras americanas, na esperança de alli ganhar a subsistencia.

O desenlace d'isto foi o que já vimos e enquanto no theatro Phoenix Dramatico era posta em scena, com grandes applausos, a sua recente composição, tropeçava o author e cahia na cova aberta de uma sepultura.

Em seguida á sua morte, a unica pessoa de familia que contava, uma irmã edosa e pobre que residia no Porto, immersa na mais profunda dor quiz, apesar de fraca e abatida, ir em piedosa romagem visitar a campa do seu irmão, nas longinquas terras de Santa Cruz.

Conseguiu o seu designio e ainda ponde, de joelhos sobre aquelles humildes palmos de terra, rogar ao Altissimo pelo irmão que fôra o seu unico amparo e que sempre lhe havia dedicado a mais extrema afeição.

De regresso, porem, á casa aonde estava hospedada, sentio-se muito afflicta e incommodada de saude, constando em breve o seu passamento, que foi sinceramente lamentado por quantos a conhecêram.

*All is over!*

A colonia portugueza existente no Rio de Janeiro, com a sua pro-  
Vol. 2.º 30

verbal generosidade effectuou os funeraes d'esta desventurada senhora, repellido d'esta forma o que já havia feito ao inspirado author da «Princesa dos Cajueiros», que continuava ainda em scena.

Em Portugal só em 1885 é que foi ouvido o canto do cygne do pobre Sá Noronha.

A obra, porém, mais valiosa do maestro portuguez, na opinião de entendedores competentes, é a formosa partitura do «Arco de Sant' Anna», musica d'um caracter bem portuguez e na qual o mavioso violinista unio a sua individualidade ao interessante entreccho d'um notavel trabalho litterario do Visconde d'Almeida Garrett.

Acabavamos de escrever esta referencia quando, casualmente, deparamos n'uma correspondencia do Rio de Janeiro, para um dos primeiros jornaes do continente, com a seguinte noticia, que nos foi assaz grata:

«Os redactores do «Diario de Noticias», do Rio de Janeiro, iniciaram uma subscrição para o fim de se perpetuar, de modo condigno, a memoria do maestro portuguez Francisco de Sá Noronha. Adherindo a essa generosa iniciativa, a «Gazeta Suburbana» organison um concerto, cujo producto será applicado a tão nobre fim. O concerto será effectuado no dia 23 de Novembro (1885) no salão do theatro de São Pedro d'Alcantara.»

Possam os authors de tão formosa idéa realisar, n'aquelle uber-rimo paiz, este seu levantado proposito, é o que bem do coração desejamos, porquanto honrarão assim a nossa patria, bem como as cinzas d'um seu distinctissimo filho.

---

## D. JOÃO MARIA PEREIRA DE AMARAL E PIMENTEL

(1874)

Mais de meio seculo havia decorrido sem que o povo fayalense houvesse sido visitado pelo respectivo Prelado diocesano, quando nos fins do anno de 1874, o actual Bispo annuncion com alguma antecipaçào a sua visita a esta parte occidental das ilhas, sujeita á sua espirital administração.

Foi uma boa nova para todos, recebida aqui com alegria.

O Sr. D. João Maria, 28.<sup>o</sup> Bispo d'Angra, nascido em Portugal, na Villa de Oleiros, a 21 de Junho de 1815, bacharel formado em direito em 1839, chantre da Sé Cathedral de Bragança em 1850, socio provincial da Academia Real das Sciencias (1857), commendador da

Ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, par do reino &c, havia sido apresentado Bispo de Macau em 1863, diocese, porém, aonde não chegou a ir, sendo transferido para o Bispado d'Angra do Heroísmo a 28 d'Abril de 1872 e desembarcando na Terceira a 21 d'Agosto seguinte.

Na ilha do Fayal esperava-se a chegada de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> no dia 23 d'Outubro e em consequencia d'isto, desde a vespera, uma gratule parte da população de toda a ilha havia affluído á cidade da Horta, bem como muitos habitantes da ilha do Pico, para presenciar o desembarque do seu Bispo.

O «Atlantico», porém, um dos vapores da carreira entre Lisboa e Açores, demorou-se n'essa viagem mais do que habitualmente e só appareceu n'este porto depois da meia noite de 24 para 25 d'Outubro.

Um segundo tiro de peça, além do usual á chegada do paquete era o signal antecedentemente combinado, se accaso viesse n'aquella viagem o Reverendo Bispo e apenas foi ouvido em terra, apesar da hora adiantada da noite começaram os sinos de todas as egrejas a repicar, milhares de foguetes a subir ao ar, illuminaram-se os edificios publicos e muitas casas particulares e toda a cortina de muralhas que protege esta povoação contra as inelencencias do oceano, desde o monte da Guia até ao forte da Lagôa, illuminou-se vistosamente, formando uma cinta de fogo de mais de dois kilometros de extensão, a qual reflectindo-se nas tranquillas aguas da bahia, porquanto a noite estava muito serena, apresentava um deslumbrante espectáculo.

As ruas da cidade encheram-se immediatamente de povo, era um alvoroço geral.

O vapor foi visitado a essa mesma hora, indo a authoridade ecclesiastica, Reverendo Ouvidor José Leal Fortado e diversos sacerdotes cumprimentar S. Ex.<sup>a</sup> Reverendissima, que a todos recebeu benevolmente, subindo alguns instantes ao convez, para gozar do magnifico effeito das illuminações.

O Reverendo Bispo designou as 10 horas do dia seguinte para o seu solenne desembarque e a noticia da sua chegada n'essa mesma noite, correndo com incrível rapidez, chegou a todas as povoações ruraes da ilha, affluindo em seguida milhares de camponezes á cidade, desde que raiou a madrugada, bem como muitas embarcações com passageiros vindas da ilha do Pico.

Nas ruas mais proximas do caes era quasi impossivel o transitio.

Pouco depois das 9 horas da manhã, o Conselheiro Governador Civil do Districto, Commandante da Sub divisão militar, Secretario geral, Director d'alfandega, Chefe fiscal e Capitão do porto, Guarda mór da saude, Ouvidor ecclesiastico, collegiada da Matriz e muitos sacerdotes, tanto da Horta, como das freguezias ruraes, dirigiram-se abordo para cumprimentar o Reverendo Bispo e acompanhal-o para terra.

A philharmonica «Artistas», foi n'um escaler até junto do vapor,

tocando alli diversos trechos de musica, os numerosos navios que estavam fundeados na bahia embandeiraram-se todos e grande numero de lanchas, tanto d'esta cidade, como da Praya do Almojarife, enramadas e tambem com bandeiras foram collocar-se, em alas, nas proximidades do «Atlantico», apresentando uma esplendida prespectiva, tanto mais que o dia estava sereno, magnifico.

A's 11 horas, approximadamente, S. Ex.<sup>a</sup> Reverendissima deixou o vapor, e os escaleres remaram na direcção do caes, acompanhados pela musica, tocando festivos hymnos.

Quando o Sr. Bispo puz o pé em terra, o castello de Santa Cruz içou a bandeira nacional, dando uma salva de vinte e um tiros, e a phylharmonica «Nova Lyra» que no caes o aguardava, rompeu tambem com estrididos toques.

Aguardava, igualmente o Reverendo Bispo, toda a força militar, disponivel, bem como, em alas, as ordens terceiras e diversas irmandades, desde o caes até a um pavilhão levantado em frente da esquina superior do castello.

O Sr. bispo dirigio-se para alli, precedido dos sacerdotes e seguido das authoridades e funcionarios publicos da localidade, servindo-lhe de caudatario o commandante da sub divisão militar.

Perto do pavilhão sahio-lhe ao encontro a Camara Municipal da Horta, em traje de gala e com a bandeira do municipio, dirigindo o seu presidente ao illustre recém-chegado uma breve allocução, á qual S. Ex.<sup>a</sup> Reverendissima respondeu reconhecido.

Entrado no pavilhão beijou o Crucifixo que lhe apresenton o Ouvidor Ecclesiastico e alli aguardou, sentado, durante algum tempo, até que o prestito se organisasse.

Isto é que, então, se tornou quasi impossivel, porquanto o povo na sua ansia de se approximar do Reverendo Prelado, invadia tudo, n'uma compacta onda, respeitoso, mas não cedendo um palmo de terreno a quem quer que fosse.

Ainda assim os Procuradores á Junta Geral do Districto sempre conseguiram abrir o pallio, sob o qual devia caminhar o Prelado, as authoridades *furaram*, como poderam até junto de S. Ex.<sup>a</sup> Reverendissima, os padres, funcionarios publicos e outras pessoas convidadas para a recepção marinharam até junto do pavilhão, offegantes e apertados e afinal a comitiva poz-se em andamento, mas em muita confusão, até á egreja de São Francisco, a primeira que ficava no caminho e na qual o Sr. Bispo devia entrar a fazer oração.

Haviam acompanhado S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> vindos de Angra do Heroismo, os Srs. pregador regio, Reverendo João d'Aguiar Valladão, o Reverendo vigario João Laureano da Rocha, o Reverendo vice vigario Francisco de Salles de Souza e bem assim o Sr. Manuel Bazilio Coelho Rocha.



O secretario do Sr. Bispo, n'esta visita, era o Reverendo Padre Manuel Maria da Costa, da ilha Terceira.

Chegados ao templo de S. Francisco, depois dos canticos do estillo e do illustre Prelado haver feito oração no altar mór, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> revestio-se com as suas vestes episcopaes, organisando-se então, convenientemente, o prestito, pela seguinte ordem: irmandades, sacerdotes, o Prelado, debaixo do pallio, tendo por candatario a authoridade militar, Conselheiro Governador Civil e seu secretario, administrador do Concelho, Camara Municipal, funcionarios publicos e convidados, as dnas phylarmonicas «Artistas» e «Nova Lyra».

O transito tornou-se difficilissimo nas ruas, tal era a aglomeração de povo, as janellas estavam apinhadas de espectadores e na entrada da Matriz, o nosso principal templo e para aonde o prestito se dirigia deu-se de novo a confusão e borbório d'um grande e irrequeto ajuntamento popular.

Na egreja Matriz repetiram-se então as orações proprias de tão solenne occasião, celebrando S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> a missa conventual e dando em seguida a beijar o anel aos sacerdotes, authoridades e ordens terceiras.

D'alli, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> não quiz ir de trem, mas sim a pé, até á moradia que lhe estava destinada na rua de S. João e pertencente ao abastado padre, o Revd.<sup>o</sup> Manuel José das Neves, sendo ainda acompanhada pelas authoridades, sacerdotes e varias pessoas de distincção.

Em frente d'essa casa, quando o Revd.<sup>o</sup> Bispo alli chegou, com este acompanhamento e seguido tambem da phylarmonica «Nova Lyra», já estava postada uma força militar de caçadores, que fez as honras devidas á sua elevada cathegoria.

Estabelecido o Prelado n'esta cidade começou em breve a sua visita pastoral ás diversas parochias da ilha, escolas e estabelecimentos de caridade, sendo, invariavelmente, por toda a parte recebido com vividas demonstrações de respeito, com embandeiramentos, illuminações e varios testemunhos de publico regosijo.

De 25 d'Outubro de 1874 a 2 de Fevereiro de 1875, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> visitou todas as freguezias do Fayal, com excepção da parochia de Nossa Senhora das Angustias, na Horta, passando n'aquella ultima data á ilha do Pico, a começar pela freguezia de São Mathens, aonde no mesmo trabalho e com luzidas recepções se domorou até 18 d'Abril seguinte, faltando-lhe apenas visitar, por incommodo de saude, a Villa de São Roque e as freguezias de Santo Antonio e Santa Luzia.

Regressando á ilha do Fayal, effeitunou, então, a sua visita á parochia das Angustias nos dias 17, 19, 20 e 21 de Março e preparava-se para seguir viagem para as ilhas das Flores e Corvo, nas quaes já havia mandado annunciar a sua visita, quando peiorou a sua já muito vacillante saude, ficando n'um estado de grande abatimento e prostração.

Nestas circumstancias deliberou a immediata partida para a sêde da diocese, o que ainda assim ponde ter logar no vapor, «Atlantico», a 26 de Maio seguinte.

O embarque do Sr. Bispo foi concorridissimo, comparecendo no caes da Horta, para receber a derradeira benção do seu Pastor, quasi todo o clero da ilha, autoridades, varios cavalheiros de distincção e immenso povo.

Acompanharam S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> até Angra do Heroismo, os Reverendos Srs. Padres José Leal Furtado, Ouvidor Ecclesiastico e Vigario da egreja Matriz, o Pregador Regio Felisberto Augusto Vieira do Bem e José Moniz Barreto, cura da freguezia de São Mathheus do Pico.

O Reverendo Bispo d'esta diocese teve oportunidade, estamos persuadidos, de apreciar no Districto da Horta, uma população respeitosa e crente e bem assim, diga-se em abono da verdade, um clero illustrado que gosa, merecidamente, da publica consideração.

No anno seguinte, no dia 22 de Maio de 1876, com destino ás ilhas das Flores e Corvo esteve S. Ex.<sup>a</sup> Reverendissima de passagem n'esta ilha, hospedado na sua anterior residencia e seguindo o seu destino no dia immediato, pelas tres horas da tarde.

No dia 24 chegou á Villa de Santa Cruz, das Flores, e na visita a toda a ilha se demorou até ao dia 8 de Julho, no qual da freguezia da Fajã Grande embarcou para a remota ilha do Corvo, expondo-se aos perigos que, em pequenas embarcações, sempre offerece aquelle arriscado canal.

Regressou á ilha das Flores, freguezia de Ponta Delgada, no dia 13 do mesmo mez e d'alli para Santa Cruz, no dia 19, aonde permaneceu até ao dia 25, em que seguiu, no paquete, com escala pelo Fayal, para a sêde da diocese. No regresso d'esta viagem, foi hospedado na Cidade da Horta, pelo Commendador Manuel José de Sequeira.

Uma das attensões que na ilha das Flores, em Santa Cruz, mais penhorou S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> foi ao terminar o dia 21 de Julho, seu anniversario natalicio, ir procural-o, inesperadamente, em corporação, a Camara Municipal, de que era Presidente o Sr. Domingos Ribeiro de Carvalho, rogado ao Prelado a sua comparencia a um *Te-Deum* que na egreja Matriz ia ser celebrado por tão fausta occorrença.

Anunciando S. Ex.<sup>a</sup> a semelhante desejo, aguardava-o na rua immenso povo e bem assim a phylarmonica da Villa.

A frontaria do templo para aonde se dirigiram estava vistosamente illuminada e o seu interior ornamentado com pompa, tendo diversos disticos allusivos ás principaes epochas da vida de tão elevado visitante.

S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> subiu por essa occasião ao altar e quando findou aquelle solemne acto religioso, a phylarmonica florentina percorreu as ruas de Santa Cruz, havendo muitas demonstrações de publico regosijo n'aquella terra essencialmente hospitaleira.

## O VISCONDE DE CASTILHO

(1877)

A 24 de Novembro d'este anno, no vapor «Neptuno», chegava inesperadamente, á ilha do Fayal, nomeado Governador Civil do Districto da Horta o Snr. Visconde de Castilho (Julio), vindo substituir o Sr. Conselheiro Antonio José Vieira de Santa Rita, exonerado por Decreto de 11 d'Outubro antecedente do cargo que exercia desde 16 de Dezembro de 1857.

A demissão do Conselheiro Santa Rita, que no longo periodo de vinte annos viamos á frente d'este Districto, causou aqui profunda sensação, aonde S. Ex.<sup>a</sup> contava numerosos amigos, aonde havia encanecido no serviço publico, revelando sempre os dotes d'um funcionario honrado e de não trivial illustração na gerencia dos negocios que lhe eram confiados.

Não foram, pois, auspiciosas as condições especiaes em que o governo de Sua Magestade, presidido pelo nobre Duque d'Avila, e que ha pouco acabava de subir ao poder, nomeara o Visconde de Castilho, para semelhante commissão nos Açores, tanto mais que era este o primeiro cargo administrativo que elle ia servir e quando tinha por antecessor um cavalheiro a quem os seus proprios inimigos politicos não negavam incontestavel competencia para tão elevado cargo.

No dia immediato á sua chegada (25 de Novembro) tomava posse o novo Governador Civil, tratando com a maxima consideração e deferencia o seu edoso collega e demonstrando, desde logo, os mais sinceros desejos de administrar com acerto este Districto.

E, effectivamente, desde essa occasião um incessante lidar a bem dos interesses das quatro ilhas que lhe haviam sido confiadas, assignalou a estada n'estas paragens do illustrado Governador Civil Castilho. Se a sua nimia delicadesa a todos captivava, não menos o cercava de respeito a publica consideração, quando os seus administrados viam a primeira authoridade d'esta ilha promover, por todos os meios ao seu alcance, o seu desenvolvimento tanto material, como intellectual.

O Conselheiro Santa Rita encontrava no recém-chegado, ao qual entregara o poder, um amigo dedicado e affectuoso, e as nomeações que havia feito, da confiança exclusiva da authoridade, foram respeitadas, dando assim o Visconde de Castilho um publico testemunho de tolerancia e sensatez politica.

A momentosa questão do atrazo da instrucção primaria n'este districto chamou, immediatamente, todo o cuidado do novo Governador Civil e n'uma substanciosa circular aos administradores de Concelho, e publicada, tambem, na imprensa periodica, expunha bem claramen-

te quaes as suas idéas a semelhante respeito e os ardentes desejos de que se achava animado de melhorar as precarias condições em que n'aquella epocha, como actualmente, ainda nos achavamos em tudo o que dizia respeito á instrucção popular.

E seja-nos permitida aqui a transcripção de alguns breves extractos d'esse honríssimo documento, que é leitura para todos aproveitavel:

«Ill.<sup>mo</sup> Snr. — Venho pedir a V. S.<sup>a</sup> que chame com urgencia a attenção dos Reverendos Parochos para o importantíssimo assumpto da instrucção popular. Elles podem muito nas povoações. A influencia de que dispõe pela palavra e pelo sagrado character do seu ministerio, a sua sciencia e as suas virtudes, é indispensavel aproveitá-las em favor do povo, convidando-os a evangelisarem quanto possam o amor ás letras, e a propagarem, pelos modos directos e indirectos, a generalisação da instrucção primaria.

«E' banalidade apresentar as vantagens da instrucção dos felizes que a possuem; mas é urgentíssimo preconisar as sob todas as formas da persuasão opportuna e importuna aos desherdados da sorte, as populações analfabetas. Cumpramos todos esse dever.

«Os paes tem uma responsabilidade tremenda no futuro bom ou mau dos seus filhos. Preparar-lh'o tão bom quanto poderem é o seu dever principal, e dar-lhes a instrucção é o primeiro passo no cumprimento d'esse dever.

«Que significa aproveitarem-se de qualquer pretexto para deixarem de mandar à escola os filhos? significa, em ultima analyse, negligencia pela felicidade d'aquelles innocentes, que a Providencia Divina lhes concedeu como companheiros, pupillos e representantes; e essa negligencia é crime diante de Deus e crime diante dos homens.

«Lembre-mos de que nas populações ruraes d'este Districto ha uma tendencia reconhecida para a emigração; tendencia que é impossivel (e talvez inconveniente) reprimir de todo. Ora se o nivel da instrucção subir, já os meios de grangear a vida não hão-de escassear tanto, porque ha de dar-se uma de duas coisas: ou os pobres não emigram e a instrucção elemental que possuirem os habilitará para obterem nas nossas ilhas os meios com que melhorem de fortuna; ou emigram, e a mesma instrucção os habilitará para muito mais favoraveis collocações commerciaes ou agricolas nas terras forasteiras.»

Não será esta doutrina applicavel a todas as ilhas d'este archipelago?

Não se limitava, porem a isto somente o afân do Visconde de Castilho pelo ensino publico, visitava amiudadas vezes, tanto as escolas pu-

blicas, como as particulares e nas primeiras estabelecia premios aos alumnos que mais se distinguissem.

No palacio da sua residencia creou tambem uma escola de adultos, por elle proprio leccionada, retribuindo generosamente, do seu bolsinho, os homems que á mesma concorriam, pela maior parte trabalhadores da doca, alguns d'aqui mesmo, outros da ilha de São Miguel.

E' indubitavel que a sábia administração do Visconde de Castilho insuflava uma nova vida no Districto a seu cargo, a contento de todos e tendo por orientação elevados e nobres sentimentos.

Todas as classes da nossa pequena sociedade faziam a devida justiça ás salutaes intenções que animavam a sua primeira authoridade administrativa.

Alem d'isto a manêira respeitosa e a magoa profunda que demonstrou por occasião do fallecimento, 21 de Dezembro de 1877, do Sr. Conselheiro Santa Rita, fazendo, em termos sentidissimos, á beira da sepultura do mesmo o elogio d'aquelle respeitavel ancião, captou-lhe numerosas sympathias dos amigos politicos ou particulares de um cavalheiro que n'esta localidade residira por largos annos e que deixava honrada memoria.

Por estes tempos, porém, occorriam no continente novas mudanças ministeriaes, sahira do poder o nobre Duque d'Avila, imperava uma politica differente e por infeliz Decreto era exonerado da commissão que tão dignamente exercia no Districto da Horta, o Visconde de Castilho.

Semelhante noticia foi aqui, geralmente, mal recebida.

O Visconde de Castilho seguiu immediatamente para Lisboa, no mesmo paquete em que lhe viera a demissão, deixando na imprensa periodica uma saudosa despedida aos habitantes d'este Districto, que todos lhe eram sinceramente afeiçoados.

A sua permanencia na Horta foi desde 24 d'Outubro de 1877 a 9 de Fevereiro de 1878.

Alem da aptidão e notaveis qualidades do caracter official do demissionado, o nome litterario de Julio de Castilho já era vantajosamente conhecido pelos estudiosos e amantes d'uma leitura sã e amena como a que se encontra nas paginas do seu livro *O Eremitario* e n'outras diversas e apreciaveis composições do mesmo author, aureolado pelo talento que circumda a distinctissima familia que teve a ventura de possuir por chefe esse cego venerando, que será sempre uma das nossas glorias nacionaes—Antonio Feliciano de Castilho.

O povo ainda hoje diz que o Governador Civil de que tratámos veio a esta ilha *por engano*.

## O PRINCIPE DA CORÉA

(1883)

Já vai longo o segundo volume d'estas pobres *Notas Açorianas*, e o paciente leitor está desejando, assim como nós, mais variado assumpto.

Temos, porém, estado em boa companhia e valha-nos, ao menos isso.

Terminaremos, pois, não com chave de ouro, mas sim com uma trindade principesca.

Assim, temos ainda a registar o seguinte:

A bordo da corveta americana «Trenton», procedente de New-York chegou à bahia da Horta a 17 de Dezembro de 1883, o Principe Miuyon J-k, o qual estivera em Washington, na qualidade de ministro da Coréa, e que recolhia então para o seu longínquo paiz, ao norte da China.

Acompanhavam o Principe um secretario e interprete, sendo Miuyon J-k o primeiro embaixador que a Coréa mandara ás nações estrangeiras havendo celebrado esta personagem um tratado de commercio com os Estados Unidos da America.

O Principe, vestido com os trajos do seu paiz, desembarcou na cidade da Horta, indo jantar a casa do consul americano, o Sr. Samuel W. Dabney, visitando a igreja do Carmo e dando um pequeno passeio pela cidade.

Era homem illustrado e muito amigo dos commettimentos do progresso, que encarecia amindadas vezes.

Decorrido algum tempo depois da sua estada na Horta, lemos nos jornaes estrangeiros que em consequencia de uma revolta do partido retrogrado do seu paiz, o Principe Miuyon J-k havia sido barbaramente assassinado, conjunctamente com a numerosa facção politica que intentava implantar na Coréa alguns modernos tentames civilisadores.

Paz à sua memoria.

---

## O PRINCIPE HENRIQUE, DA AL- LEMANHA

(1884)

A 8 de Fevereiro de 1884 fundeava tambem n'este porto a corveta allemã «Olga», procedente das Bermudas, fazendo parte da sua guarnição o Principe Henrique, da Allemanha, filho segundo do Principe herdeiro d'aquella nação e neto do Imperador Guitherme e da Rainha Victoria.

Trocadas as salvas do estylo, S. A. R. foi cumprimentado pelas autoridades fayalenses e por diversos consules, que todos embandeiraram as suas residencias.

O Principe Henrique veio a terra amudadas vezes e no dia 10 acompanhado do consul allemão, o Sr. Herbert Dabney e de alguns officiaes de marinha, da «Olga», visitou a encantadora Caldeira d'esta ilha, admirando muito a esplendida prospectiva que das cumieiras da mesma se gosa.

A «Olga», depois de refrescar e tomar carvão, sahio d'este porto no dia 15 de Fevereiro.

---

## O PRINCIPE DE MONACO

(1885)

O Principe de Monaco esteve, egualmente, no Fayal, no dia 15 de Fevereiro de 1885, abordo da esenna monageslica «Hirondelle», de que é proprietario. A sua procedencia era de Lorient, em 11 dias de viagem.

Já era aqui conhecido este personagem, porquanto em 1879, em viagem de recreio, aportara á bahia da Horta, n'aquella mesma elegante embarcação, mas então com apparelho de hiate.

O motivo da segunda viagem do Principe de Monaco a estas paragens, tinha d'esta vez, um designio utilitario e scientifico, qual o de indagar as direcções, das correntes do *gulf stream*, tarefa esta a que se entregava com verdadeira dedicação, lançando n'estes mares muitos fluctuadores, que mais tarde tem sido encontrados e remettidos ao governo francez, segundo as indicações nos mesmos consignados, indicando os remetcentes a latitude em que foram encontrados.

Isto, melhor do que o seu pequeno Estado, notavel principalmente, por ser um ponto de reunião para jogadores, rivalisando o Casino com Spa ou Baden-Baden, fará seguramente áquelle Príncipe uma boa reputação nas nações da Europa.

\* \* \*

E' possível que, pela malha, deixassemos passar desapercibida a visita de algum homem notavel á ilha do Fayal, registamos, porém, o nome de todos aquelles de que tivemos noticia, e isto até, por vezes, com certa prolixidade.

Ainda assim, mesmo que se dê semelhante facto, ficaremos satisfeitos, pois é conveniente deixar sempre algum trabalho para quem nos succeder, acrescento ainda que Napoleão 1.<sup>o</sup> recommendava aos seus subordinados: *Pas trop de zele. Mr. le Perfect.*

Na ilha do Pico, para nos servirmos d'uma comparação açoriana, ha rabiscos de vinha que dão quasi uma segunda colheita, quando effectuados por gente esperta, d'olho vivo.

E' o que desejamos tambem que nos aconteça n'este campo, aonde, qual obscuro trabalhador, temos apenas cultivado algumas infestas plantas, creadas entre informes calhões e valentes silvados.





## INDICE DO 2.º VOLUME

	Pag.
Capitulo XVIII.	
—Martim de Bohemia (1486) . . . . .	1
—D. Jeronymo Teixeira Cabral (1601) . . . . .	6
—D. Fr. Antonio da Resurreição (1636) . . . . .	11
—O Conde d'Obidos (1654) . . . . .	16
—D. Fr. Lourenço de Castro (1673) . . . . .	20
—D. Fr. Clemente Vieira (1690) . . . . .	21
—D. Fr. Antonio Vieira Leitão (1696) . . . . .	22
—D. Manuel Alvares da Costa (1722) . . . . .	24
—D. Fr. Valerio do Sacramento (1744) . . . . .	24
—O Commendador José de Vasconcellos (1747) . . . . .	25
—D. Antonio Caetano da Rocha (1763) . . . . .	28
—D. João Marcellino dos Santos Homem Apparicio (1777) . . . . .	31
—Chateaubriand (1792) . . . . .	45
—O Marquez de Niza (1798) . . . . .	51
—D. José Pegado d'Azevedo (1803) . . . . .	52
—O Commendador Bernardino José de Castro (1817) . . . . .	126
—O General Antonio José Claudino d'Oliveira Pimentel (1823) . . . . .	129
—José Estevão Coelho de Magalhães (1831) . . . . .	133
—D. Pedro 4.º (1832) . . . . .	167
—O Principe de Joinville (1834) . . . . .	190
—O Conde de Vargas (1836) . . . . .	197
—D. Antonio Maria Clarette de Clara (1857) . . . . .	201
—D. Patricio Xavier de Moura (1857) . . . . .	205
—O Serenissimo Infante D. Luiz (1858) . . . . .	206
—O Principe Alfredo, da Inglaterra (1860) . . . . .	219
—O Principe Jeronimo Napoleão (1860) . . . . .	219
—O General Prim (1861) . . . . .	221
—Raymundo Antonio de Bulhão Pato (1868) . . . . .	224
—Lady Franklin (1869) . . . . .	227
—Francisco de Sá Noronha (1872) . . . . .	229
—D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel (1874). . . . .	234
—O Visconde de Castilho (1877) . . . . .	239
—O Principe da Corêa (1883) . . . . .	241
—O Principe Henrique, da Allemanha (1884) . . . . .	242
—O Principe de Monaco (1885) . . . . .	242

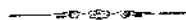
## ERRATAS

Pag	linhas	Erros	Emendas
3	7	— <i>asrolabio</i>	— <i>astrolabio</i>
5	18	— <i>perenigrator</i>	— <i>peregrinator</i>
6	4	— <i>pelas virtudes</i>	— <i>pelas vertentes</i>
6	17	— <i>estado</i>	— <i>estadio</i>
7	8	— <i>empenhacam</i>	— <i>empunharom</i>
8	1	— <i>aprovado</i>	— <i>approvada</i>
12	10	— <i>a lembrança foi</i>	— <i>a lembrança da</i>
13	35	— <i>dos seus irmãos</i>	— <i>para os seus irmãos</i>
13	35	— <i>da gente</i>	— <i>para a gente</i>
14	5	— <i>brucoliar</i>	— <i>bruculear</i>
20	18	— <i>de que acabamos de tratar</i>	— <i>de que tratámos</i>
22	35	— <i>pithoria</i>	— <i>pilhaia</i>
23	5	— <i>o Corvo</i>	— <i>o Cravo</i>
31	32	— <i>tentava entrar</i>	— <i>Tentava fazer entrar</i>
39	34	— <i>que parece</i>	— <i>que parece</i>
40	21	— <i>não queria</i>	— <i>não queira</i>
46	34	— <i>do humilde</i>	— <i>no humilde</i>
47	32	— <i>convulsionava</i>	— <i>convulsionava</i>
47	39	— <i>instituição</i>	— <i>instituições</i>
53	17	— <i>durante 50 annos</i>	— <i>durante uns 60 annos</i>
53	25	— <i>no começo do seculo 18.º</i>	— <i>no começo do seculo 19.º</i>
56	1	— <i>carallariças</i>	— <i>caralharias</i>
56	39	— <i>bette noire</i>	— <i>bete noire</i>
65	37	— <i>vox in Romæ</i>	— <i>vox in Roma</i>
68	44	— <i>burburinho</i>	— <i>borborinho</i>
76	23	— <i>ruinas</i>	— <i>rumas</i>
83	18	— <i>erudicto</i>	— <i>erudito</i>
83	20	— <i>refere</i>	— <i>diz</i>
84	9	— <i>Notas</i>	— <i>Notas</i>
86	33	— <i>traje</i>	— <i>trajo</i>
88	2	— <i>constatou</i>	— <i>contestou</i>
88	31	— <i>identicos</i>	— <i>identicas</i>
89	45	— <i>irresoluções</i>	— <i>irresoluções</i>
91	26	— <i>golodices</i>	— <i>gulodices</i>
92	3	— <i>cazas</i>	— <i>cazas</i>
92	35	— <i>que se sustinham</i>	— <i>que a sustinham</i>
94	1	— <i>sepulcro</i>	— <i>sepulchro</i>

Pag	Linhas	Erros	Emendas
95	— 26	— <i>largato</i>	— <i>lagarto</i>
96	— 27	— <i>dolorido</i>	— <i>doloroso</i>
98	— 17	— <i>lebidinoso</i>	— <i>libidinoso</i>
105	— 23	— <i>esplenda</i>	— <i>esplendida</i>
110	— 41	— <i>em bicos</i>	— <i>em brios</i>
110	— 13	— <i>socculentas</i>	— <i>succolentas</i>
110	— 17	— <i>gotodices</i>	— <i>gulodices</i>
112	— 1	— <i>retomando a pancada</i>	— <i>retomando de pancada</i>
113	— 40	— <i>puzerom</i>	— <i>pozeram</i>
121	— 11	— <i>gotodices</i>	— <i>gulodices</i>
134	— 36	— <i>Lilliputianas</i>	— <i>Luliputianas</i>
136	— 1	— <i>saudade a</i>	— <i>saudade da</i>
136	— 36	— <i>passava quasi</i>	— <i>passam quasi</i>
138	— 44	— <i>residir</i>	— <i>residir</i>
139	— 12	— <i>Fouquier Tinxille</i>	— <i>Fouquier Tinville</i>
143	— 38	— <i>a prôa</i>	— <i>e a prôa</i>
143	— 39	— <i>d'aquella</i>	— <i>d'aquella direcção</i>
147	— 10	— <i>que, acautelado</i>	— <i>que foi acautelado</i>
150	— 4	— <i>brudalheira</i>	— <i>bandalheira</i>
152	— 4	— <i>trumpho</i>	— <i>trunfo</i>
159	— 43	— <i>Universal</i>	— <i>Universel</i>
179	— 7	— <i>os aposentos</i>	— <i>os aprestos</i>
181	— 14	— <i>profissão</i>	— <i>profusão</i>
195	— 19	— <i>deixassem</i>	— <i>deixasse</i>
204	— 25	— <i>Movida</i>	— <i>Alçada</i>
216	— 11	— <i>desconçava</i>	— <i>dançava</i>
223	— 31	— <i>entanto</i>	— <i>emtanto</i>
224	— 10	— <i>paridos</i>	— <i>próridos</i>
228	— 34	— <i>suo</i>	— <i>sua</i>



# NOTAS AGORIANAS



# NOTAS AÇORIANAS

POR

ERNESTO REBELLO

---

TERCEIRO VOLUME

---

1887

PONTA DELGADA—ILHA DE S. MIGUEL.  
TYP. DO ARCHEIVO DOS AÇORES.

TIRAGEM DE 100 EXEMPLARES

# NOTAS AÇORIANAS

## XVIII

### A FESTA DOS PRETOS

(Ilha do Fayal)

Queim. ao cair de uma tarde de Outubro de 1824, houvesse passado, na Villa da Horta, em frente da vasta moradia do morgado S. . . , enviria seguramente, partido do pavimento baixo da mesma, por entre a nevoa crepuscular que começava a invadir esta marítima povoação, um irado vozear e mais alto do que este uns dolorosos gritos, que fizeram juntar alli perto alguns transeuntes, admirados de semelhante incidente em casa de tamanha consideração, abastança e prosapia.

Affual abriu-se a porta d'uma loja que dava para a rua e o morgado munido d'um azorrague sahio para o caminho, ladeado d'um frade de aspecto alentado e brutal, o capellão de S. S.<sup>a</sup>.

O morgado era um homem baixo, gordo e de faces oleosas como as do coveiro no soneto de Gonçalves Crespo.

Vinha vermelho de excitação e com o fado um pouco em desordem, como quem acabasse de fazer um pesado esforço, pois o chapéu armado cahia-lhe a um lado, a casaca abria uma costura debaixo do braço direito e havia uma fivela rebentada entre a extremidade superior das suas meias de seda e a beira dos calções, de bom panno inglez, côr de pinhão.

As cinco correias, de meia vara de comprimento cada uma, com nós na ponta que sahião do latego que empunhava, pareciam ter ainda umas crispações ameaçadoras, effeito do abundoso trabalho que acabavam de executar.

Os gritos do interior da loja volveram-se então n'uns prolongados gemidos, n'uma especie de nivos.



—Ladra para ahí quanto quizeres, cadella, que a lição fia de aproveitar-te, não tornarás por muito tempo a ser atrevida, nem a me dizeres que és livre. Livre?! então para que te comprei eu com o meu dinheiro?... passa fora!...

O frade ouvindo n'este momento um dos taes nivos, piscou um olho para os espectadores d'esta srenia, dizendo-lhes por troça:

*A coruja não canta de dia.  
Canta de noite, á Ave Maria.*

No meio do riso alvar que este dichote produzio, um dos assistentes, mais familiarisado com o morgado, ousou perguntar lhe:

— Então que vem a ser isso, V. S.<sup>a</sup> está agastado?

— Que querem vocês, ha diabos que não vem do Brazil se não para inquietar a gente, é atrevida e respondente, está hoje damnada por que dei uns pontapés no filho, um marau de quatro annos, que appareceu ahí não sei de quem...

O frade pareceu desejar mudar de conversa, ao que o morgado, porem, não prestou attenção, continuando ainda: E a dizer-me que eu não tornasse a tocar no mulato, porque tanto elle, como ella, eram livres, mas isto dito com uma raiva... Forte atrevida!

— E' o que veio fazer o tal Sr. Marquez de Pombal — acrescentou sentenciosamente o frade — com as suas asneiras da passagem ou não passagem da linha. Aquillo foi o maior pedreiro livre que jamais veio ao mundo, o que vale é que ha quarenta e dois annos já o diabo o tem para lá... temos todos essa data de rór, foi em 1782.

— Qual linha, nem meia linha — accudiu o morgado — a pancadaria é que ensina os brutos, o mais são historias, ella que me torne a dizer alguma que eu dispo-lhe a pelle.

— O Sr. morgado, — proferio para os espectadores um homem mais letrado que se achava no grupo — está perfeitamente no seu direito, a escrava é fazenda sua, pertence-lhe e hade dar-lhe o ensino que quizer, ninguém tem nada com isso.

— E' que não quero que me aconteça como ao marido da D. Eugenia, estes perros são muito resabiados...

— Lá isso foi um caso de que ninguém teve culpa, o Sr. morgado bem sabe que o mulato foi encontrado de manhã, fechado á chave como era costume.

— E quem diz a v.m.<sup>ce</sup> que elle não teve artes do Inimigo (o frade benzeu-se) para enganar a todos e embaçar a justiça? O que eu não entendo é como o Sr. Corregedor deixa andar aquelle mulato por ahí á solta, Isto vai-se acabando tudo...

— Mais a religião tambem, — acrescentou o frade.

— Eu cá tenho ouvido que foi um ramo de estopor, uma mau ar, que deu no seu senhor.

— Historias! . . o marido da D. Eugenia todas as noites, antes de se deitar costumava ir fechar o mulato n'uma loja, ao fundo da escada, para o ter mais seguro e talvez por desconfiar já do que elle seria capaz.

Ora se na manhã seguinte o foram encontrar a meio da escada de pedra, em camisa, todo ensanguentado, com a cabeça debaixo do corpo e com a chave ainda na mão, embora o mulato estivesse fechado por fóra, está claro que foi elle. Pois não é assim?

— Mas como?

— Eu sei lá como, aquelles diabos são muito fadidos e sabem muitos feitiços, botam mandinga em tudo . . . Se elles não fizessem tanto arranjo a uma casa de familia, eu não os queria ver, é preciso muita paciencia . . .

— *Conto a de Job* — accudio o frade.

— Exactamente, padre capellão, uma paciencia de Job, mas eu com uma filha e um filho, ambos dementes, quem é que os havia aturar? . . só negros. Vamos agora ver a Domingas o que arranjou para a ceia.

— Já são horas, Sr. morgado, eu já começava a sentir umas gastruras . . .

— Pois venha o P.<sup>o</sup> d'ahi. O<sup>s</sup> amigos, haja saude.

Deus fique com o Sr. Morgado e lhe de mais folgança.

Cinco minutos depois a rua estava deserta e o morgado e o frade, acercados d'uma bem guarnecida m-za cejavam desalmadamente, destacando-se dentre as viandas apetitosas um enorme garrafão de bom vinho do Pico, pertencente à lavra do dono d'aquella casa.

Trouxemos aqui, accidentalmente, o antecedente quadro, para indicar ao leitor que na epocha a que nos reportamos, isto é, ha uns sessenta annos, apesar de prohibida n'estas paragens, a escravidão ainda aqui estava em todo o seu vigor, havendo numerosos captivos tanto na Villa da Horta, como em todas as freguezias ruraes da ilha, especialmente em Castello Branco, que n'esta especialidade levava a primazia a qualquer outra povoação fayalense, pois que possuia muita gente grãda e nobre, a familia das *Senhoras Donas*, do Capitão da Carreira, dos Bettencourts, dos Pinheiros, etc.

Acreditámos, pela indole geralmente boudosa dos fayalenses, que o tratamento n'esta ilha applicado aos escravos não devia ser do peor e que factos como o que acima descrevemos não occorreriam, com certeza muito trivialmente, a não ser se, com vergonha o confessamos, se davam n'aquella epocha a semelhantes infelizes. Os maus e brutaes tratos que o nosso povo dá aos animaes, rebaixando-nos ainda hoje, perante os numerosos estrangeiros que constantemente aqui aportam, ao nivel de uma povoação meia selvagem.

*Dura veritas, sed veritas.*

Dos pretos, põem, resam muito succintamente as chronicas fayal-

lenses; haviam muitos é o que sabemos e os factos que sobrenadam á voragem do tempo, revelam mais excentricidades dos seus donos, do que verdadeiras maldades, como o que acontecia com um certo morgado que tendo uma grande bebereira no seu quintal, quando se tratava de apanhar os figos, mandava subir á mesma um preto já velho que possuía, ficando elle em baixo com uma vardasca na mão.

O Zacharias, desde que subia para a bebereira, devia estar constantemente a assobiar, para não poder comer da saborosa fructa, e se parava um instante, era fustigado em chegando ao chão.

Quem, na ilha do Fayal alimeitava poderosamente a importação de escravos era um capitão de navio, chamado C..., e natural da ilha Terceira.

Este individuo homem sério e que afinal morreu com boa fortuna pecuniaria, era o proprietario e capitão de um brigue que viajava quasi sempre para o Brazil, donde trazia muita e excellente madeira, assucar e diversos outros productos d'aquellas ricas colonias, bem como pretos e pretas, por quanto, embora este trafico estivesse de ha muito abolido por lei, effectuava-se ainda assim n'estas ilhas com muito mais descaramento do que actualmente se contrabandeia em tabaco.

Quem entregava na Horta ao capitão C..., de 80 a 120\$000 rs., o maximo, podia contar no regresso do brigue do Brazil, com uma creolla, moleque, ou preto, conforme a encomenda que fizera.

O capitão não vendia publicamente esses desgraçados, ia-os deixando pelas casas dos morgados, da gente rica e até de artistas.

Ninguém tinha nada que lhe dizer e isto durou assim largos annos.

A escravatura era, por consequente, assaz abundosa n'esta pequena ilha e da mesma se aproveitavam todas as classes da sociedade.

Nas tristes condições dos captivos, tinha ainda assim a gente de cor um dia de grande festa, no Fayal.

Era na domingo de Setembro em que a egreja reza das Dores de Nossa Senhora.

Havia, então grande asafama em todas as cazas que possuíam escravos e estes, embora das mais longiquas freguezias ruraes, desciam todos á Villa, sem distincção de sexo ou edades, para conjunctamente com os seus companheiros na mesma existentes, tomar parte na festa religiosa e grande jantar que nesse dia lhes era dado.

A festa effectuava-se no templo de São Francisco, adjuncto ao grande convento da respectiva Ordem, e com tanto maior praser da communitade quanto, antecedentemente um seu irmão leigo, o preto Fr. José da Conceição, homem de grandes virtudes, fôra ao imperio do Brazil ao peditório, angariando alli muitas madeiras e muito dinheiro para a feitura d'uma das suas cazas religiosas, o convento de São Pedro d'Alcantara, no Caes do Pico.

E não eram os franciscanos, diga se a verdade, homens atreitos

a esquecer quaesquer serviços à Ordem Serafica, fossem estes feitos por qualquer religioso, ou secular.

Assim era da praxe a festa dos pretos ser-lhe feita em casa e para a mesma contribuíam e se prestavam da melhor vontade, armando esplendidamente o templo e saccando do thesouro do convento as mais ricas alfaias, para a *ornamentação dos altares*.

As 10 horas, pois, da manbã de tão memoravel dia, estando tudo preparado, concorriam à igreja de São Francisco, com a unica excepção dos enfermos, todos os escravos na ilha existentes, as familias dos seus senhores, os devotos e os curiosos d'esta annual e *sui generis* patuscada.

Na capella mór o clero, as authoridades e os representantes da nobresa da terra.

Era de rigor n'esse dia, e n'este particular muito cuidadosos os donos dos escravos, que estes se apresentassem ricamente vestidos, os homens de casaca com botões amarellos, colete de seda, calções vistosos e chapéu armado, com muitas plumas, e as escravas com bons vestidos, não raro de seda, grandes cordões, pulseiras e pingentes d'ouro, trazendo todas um veio branco e as mais novas, sobreposta ao veio uma grinalda de flores, como se fossem para um noivado.

É facil de conjecturar a immensa concorrência que este espectáculo chamava ao templo e atrio de São Francisco, ninguém se podia mecher, era necessario ir bem cedo para apanhar um lugar razoavel.

Começava, proximo das 11 horas, a festa, dedicada a Nossa Senhora da Piedade e que constava de missa de musica e sermão, estando ao lado da imagem da Virgem, na capella mór, uma corôa de prata lavrada, emblema do Divino Espirito Santo, com a qual, no principio da funcção, era coroado, o prelo que fôra n'aquelle anno eleito *Imperador* e do qual o dono fazia, consequentemente, as despesas d'este dia, as quaes, por vêzes foram importantes, pois que isto se tornava n'uma questão de capricho.

Terminada a missa os pretos iam jantar, umas vezes em casa do dono do *Imperador*, quando esta tinha accommodação para tão numeroso ajuntamento, outras n'uma sacristia da igreja de São Francisco, com grande gándio dos frades e dos espectadores seculares que assistiam ao destroço d'aquella grande comensua.

Este jantar tomava geralmente as proporções de um luzido banquete, por quanto a vaidade do proprietario do *Imperador*, não queria ficar envergonhada n'aquelle dia e n'uma tão publica reunião.

Além da grande diversidade de ignarias, as abundosas botelhas dos mais excellentes vinhos do Pico, eram então uupinadas a valor, bem como ao dessert nunca faltava a bôa Andaya e Angelica, n'uma palavra um verdadeiro rega bofe.

Às 3 1/2 horas da tarde reunia-se de novo, no corpo da igreja, a alegre e escura turba dos escravos, havendo vespêras de musica, um

segundo e mais corriqueiro sermão, aconselhando aos pretos docilidade, obediência e muita gratidão aos seus senhores, seguindo-se logo uma imponente procissão que percorria as principaes ruas da Horta.

Este prestito era immenso, compondo-se de toda a cleresia da Villa, numerozo pessoal das ordens monasticas, confrarias das diversas povoações da ilha, authoridades, tropa &c.<sup>a</sup>

A procissão levava tres imagens, por quanto depois do guião, seguia-se o andor de São Lohão e de Santa Ephigenia (pretos) e a alguma distancia Nossa Senhora da Piedade, atraz de cujo andor seguiam em filas de dez individuos cada uma, todos os pretos e pretas que haviam concorrido á sua festa.

As varas do pallio, era uso, serem levadas por estudantes, precedendo as authoridades convidadas para este acto e os respectivos donos dos escravos.

Fechara o prestito a tropa e immenso concurso de povo.

A religiosidade d'aquelle epocha incumbia-se de enfeitar as janellas de muitas cazas, no trajecto da procissão, polendo se nas mesmas admirar, alem de muitas mulhieres formosas, immensa profusão de ramos e flores, bem como magnificas e vistosas colchas de seda da India, dependuradas das varandas.

Uma festa rasgada!

Nalgumas d'estas occasiões, resam as chronicas fayalenses, que se gastavam centos de patacas, visto não ser raro que, já de noite, quando os escravos iam a caminho das suas moradias, algumas das quaes bem remotas, abrir e illuminar o dono do *Imperador* as suas salas á nobresa da terra e começar alli um sumptuoso baile, que durava até á madrugada seguinte.

No meio d'esta alegria geral havia, ainda assim uma nota discordante, lugubre, e que, porventura, não passaria desapercibida para qualquer cuidadoso observador.

Nas janellas das casas pelas quaes havia passado a procissão, a par de muitas meninas e senhoras elegantés, formosas apercebiam-se tambem alguns rostos de umas infelizes creaturas desformes, bestiaes e repellentes.

Eram os idiotas, abundantissimos então, principalmente no seio das familias nobres, triste producto dos casamentos entre parentes proximos, para augmento ou conservação dos bens vinculados.

Quem consultar, com um certo cuidado, o antigo modo de viver da gente d'esta ilha, hade topár, invariavelmente, até nos mais insignificantes incidentes, com um frade, um demente, um escravo, ou um morgado.

Era uma tunica de Nesso que, só depois do advento e radicação das ideas liberaes foi cahindo por terra desfeta e a's pedaços, levando, porem, ainda n'isto um bom espaço de tempo.

1832

# DIVERSOS CARGOS NA HORTA

<i>Categorias</i>	<i>Nomes</i>	<i>Anos de idade</i>	<i>Residências</i>
Governador	José da Fonseca	39	Rua de São João
Ajudante de Ordens	Manuel d'Oliveira da Silva	26	"
Voluntário	Henrique da Fonsêra	27	"
Ouvidor Ecclesiastico	Francisco Xavier da Silva	72	"
Escrivão dos Orçãos	Antonio Jacintho de Mello	54	"
Interprete Geral	João Francisco Laliç	47	"
Tambor Miliciano	José Ignacio	28	"
Consul de Napoles e Sicilia	José Ignacio Machado	73	"
Tenente Coronel de Milicias	Antonio Garcia da Rosa	41	"
Meirinho d'Alfandega	Daniel Conegna Corteiro	60	"
Juiz do Pezo d'Alfandega	Francisco Pereira Ribeiro	46	"
Capitão de Milicias	Manuel Ignacio Alhavede	41	"
Fiscal dos Resíduos	Raulino Pereira Galvão	54	"
Escrivão d'Alfandega	Bernardo Telles Uira Machado	46	"
Consul Brasileiro	José Teixeira Maciel	54	"
V. Consul Francez	Sergio Pereira Ribeiro	70	"
Amoxante d'Alfandega	Francisco Tavares	32	"
V. Consul de Napoles	José Francisco de Medeiros	72	da Misericórdia
Guarnia Mor do Saudo	Francisco Carvalho de Medeiros	40	"

<i>Categorias</i>	<i>Nomes</i>	<i>Annos de idade</i>	<i>Residências</i>
Avaliador do Conselho	Angelo Pereira da Silva	69	Rua da Misericórdia
Aliados de Milícias	Antonio de Labalh	66	" "
Capitão Mor d'Ordenanças	José Francisco da Terra Brum	58	" "
Juiz de Fora	Antonio José Pereira Leite	34	Praca
Tenente Coronel de Milícias	João Whitton	33	" "
Capitão de Milicias (reformado)	João Pereira de la Cerda	58	" "
Tenente de Milicias	Joaquim Pereira de Lacerda	27	" "
Consul Inglês	Hérrique Walker	37	" "
Capitão de Milicias (reformado)	Antonio de Mendonça	53	Roda
Escrivão do Geral	Francisco Christuano da Silva Baptista	30	" "
Sargento Mor d'Ordenanças	Francisco Manuel Gutierrez	65	" "
1.º Cirurgião de Marinha	José d'Oliveira Soares	44	Rua direita
Inquiridor Geral	Vicente Gutierrez Bracamonte	43	" "
Ajudante de Milicias	Jorge do Canto	52	" "
Mestra de meninas	Maria Eulalia	41	" "
Mestre de primeiras letras	João Manuel	42	Travessa de São Francisco
Capitão d'Artilheria	Manuel Christiano Carblo	57	" "
Mestre de primeiras letras	Antonio Furtado de Mendonça	26	Rua de Jesus
Escrivão da Correição	Manuel Lourenço Tanager	36	" d'Ária
Tenente de Milicias	Victoriano de Sequeira	37	" "
Meirinho do Almoxarfe do Pico	Joaquim Pereira Soares	53	" "
Mestre de primeiras letras	João Vieira	29	Travessa do Paul
Escrivão ajudante do Geral	José Daniel da Silveira	34	Rua de Sant'Anna
Mordedor do Conselho	João Pereira de Beltembouri	64	" de Santo Elias
Mestra de Meninas	Maria Constança	33	" "
Meirinho do Corregedor	Antonio Candido	53	" "

<i>Categorias</i>	<i>Nomes</i>	<i>Anos de idade</i>	<i>Residências</i>
Guarda d'Alfandega	José Joaquim	43	Rua do Carmo
"	Joaquim Antonio	50	"
Molinho do Ouvidor	José Maria	28	" de São Paulo
Quadrilheiro	João Francisco	30	" " Pedro
Consul Americano	Carlos Guilherme Dalmy	37	"
Quadrilheiro	José Francisco Balbella	30	"
Mestra de Meninas	Ana Luiza	20	Travessa de Santo Antonio
Procurador de causas	Francisco Silveira Lacerda	45	"
Mestra de Meninas	Maria da Encarnação	17	"
Quadrilheiro	José Guelho	40	"
Procurador de causas	Thomas José Luiz de Bettencourt	40	Travessa de San João
Escrivão de cartorios	Manuel Mariz de Souza	58	"
Escrivão ajud. dos Orphãos	Manuel Mariz	32	"
Regente do hospital	Francisca Emereadiana	40	"
Carcereiro	João Manuel de Souza de Medeiros	33	"
Rodero dos expostos	Ignacio Furtado	48	"

*NB. Era Corregedor d'esta Comarca o Dr. Miguel Maria Borges da Camara, auzende, porem, da mesma, em consequencia de  
haver sido, aquedamentemente, preso como affecto á causa liberal.*



**1832**

**PAROCHIA DA MATRIZ DO SANTISSIMO SALVADOR  
DA HORTA**

<i>Localidades</i>	<i>Fogos</i>	<i>Habitantes</i>		
		<i>Sexo masculino</i>	<i>Sexo feminino</i>	<i>Total</i>
Rua de S. Francisco (1)	61	158	210	368
« do Arco (2)	23	28	75	103
« nova do Livramento (3)	12	21	46	67
« de Jesus (4)	27	36	69	105
« d'Aréa (5)	49	67	113	180
« do Sacco (6)	5	5	11	16
« do Cano (7)	2	1	5	6
« Direita (8)	59	138	198	336
« da Misericórdia (9)	21	79	103	182
« da Praça (10)	36	76	179	255
« da Matriz Velha (11)	14	19	33	54
« da Roda (12)	9	16	33	49
« de São João (13)	70	96	279	375
« acima do Livramento (14)	26	42	61	103
« de Sant'Anna (15)	32	77	48	125
« de Santo Elias (16)	40	54	82	136
« do Carmo (17)	16	45	51	66
« nova do Carmo (18)	21	49	24	73
« de São Paulo (19)	6	12	24	36
« de São Pedro (20)	7	18	28	46
« de Santo Antonio (21)	28	33	55	88
Travessa de S. Francisco (22)	13	27	35	62
« do Paul (23)	16	16	29	45
« de Santo Antonio (24)	9	16	15	31
« de São João (25)	47	134	164	298
	<b>641</b>	<b>1.233</b>	<b>1.042</b>	<b>3.145</b>

**Notas da pag. anterior**

(1) A pessoa mais edosa o Desembargador Manoel Garcia da Rosa, com 82 annos. Inclue esta rua 34 religiosos do Convento de São Francisco.

(2) A pessoa mais edosa Thereza Aurelia, viuva, proprietaria, com 80 annos.

(3) " " " Damaso Pereira da Silva, viuvo, alfaiate, idem.

(4) " " " Antonio Furtado de Mendonça, viuvo, com 87 annos.

(5) " " " Francisca Luiza, proprietaria, com 79 annos.

(6) " " " Rosalia Francisca, viuva, com 86 annos.

(7) " " " Francisco de Paula, proprietario, com 34 annos.

(8) " " " Ignacia Margarida, proprietaria, com 98 annos.

(9) " " " D. Maria Labath, viuva, proprietaria, com 88 annos.  
Inclue esta rua 22 doentes no hospital e 22 mendigos.

(10) " " " Antonio Vieira de Faria, proprietario, com 78 annos. Inclue esta rua 11 presos nas cadeas e 77 religiosas do Convento da Gloria.

(11) " " " Isabel Marianna, viuva, proprietaria, com 64 annos.

(12) " " " Anna Quiteria, da familia Medina, com 74 annos.

(13) " " " Maria do Espirito Santo, famula, com 88 annos. Inclue esta rua 122 religiosas do Convento de São João.

(14) " " " Catharina Flora, viuva, com 75 annos.

(15) " " " Isabel Joaquina, com 75 annos.

(16) " " " Francisco Dias, viuvo, com 80 annos.

(17) " " " Barbara da Conceição, viuva, com 80 annos. Inclue esta rua 17 religiosas do Convento do Carmo.

(18) " " " Isabel Francisca, viuva, com 70 annos.

(19) " " " Francisco Luiz, viuvo, proprietario, com 57 annos.

(20) " " " Agueda de São João, casada, com 65 annos.

(21) " " " Eugenia Rosa, viuva, com 82 annos. Inclue esta rua 3 religiosos franciscanos, do Oratorio.

(22) " " " D. Felisarda Joaquina dos Santos, viuva, com 60 annos e Cactano, escravo, da mesma idade.

(23) " " " Maria de Jesus, viuva, com 87 annos.

(24) " " " Maria Francisca, mulher de Manoel Roiz da Costa, com 67 annos.

(25) " " " Francisca Margarida, com 88 annos. Inclue esta rua 4 religiosas do Convento de Santo Antonio e deve notar-se que esta Travessa, indo pelo lado de oeste do Convento de São João, abrangia a antiga Canada da Galinha, hoje estrada da Vista-alegre, assim como a actual rua do Ministro Avila.

1832

PAROCHIA DA MATRIZ DO SANTISSIMO SALVADOR, DA HORTA

ESCRAVOS

N.º	Nome	Idades	A quem pertenciam
1	Rita	7	Quiteria Mariana — proprietaria.
2	Maria	40	Manuel Ignacio d'Althayde — capitão de milicias.
3	Juliana	54	
4	Eduardo	18	D. Francisca Cordelia Telles — vinca, proprietaria.
5	Selestrina	12	
6	Rosalia	29	Rev.º Miguel José Luiz — Vigário da freguezia das Angustias.
7	Carlota	15	José Sebastião Corrêa — proprietario.
8	Isabel	13	D. Luiza d'Ornellas — proprietaria.
9	Rita	50	Vicente Luiz de Lima — vinco — proprietario.
10	Miguel	11	
11	Anna	30	Manuel Ignacio Pina — mercador de loja.
12	Antonio	4	
13	Leonor	12	Engracia Barbara — proprietaria.

N.º	Nomes	Idades.	A quem pertencem
14	Maria	30	Catharina Luiza de Brum — proprietaria.
15	Delfina	27	Emigdio Ignacio de Souza, escrevente do negociante A. J. Ferreira
16	Caetano	60	Rocha.
17	Patronilha Roza	60	Antonio Silveira — tanoeiro.
18	Putqueria	30	Anna Narcisa — proprietaria.
19	Carlota	20	Thomaz José de Bettencourt — proprietario.
20	Felicidade	9	Francisca Luiza — proprietaria.
21	Carlota	17	José Ignacio Pimentel — mercador.
22	Joanna	30	Thomaz Francisco da Roza — proprietario.
23	Maria	40	D. Anna de Lacerda — proprietaria.
24	Maria	70	Antonio d'Oliveira Pereira — proprietario.
25	Maria José	11	Mannel Ignacio de Souza — tenente de milicias.
26	Julio	20	Francisco Carvalho de Medeiros — Guarda Mór da Saude.
27	Rita	40	Francisco José da Costa Rebello — proprietario.
28	Alexandrina	19	D. Margarida Graham — Freira do convento de São João.
29	Mathildes	15	Silverio Dias — proprietario.
30	Mani Antonio	70	
31	Joaquina	29	
32	Mariana	43	
33	Rita	9	D. Clara Thomasia d'Amarante — proprietaria.
34	Mannel	40	

N.º	Nomes	Idades	A quem pertenciam
35	Rosa Joaquina	72	Antonio Jacintho de Mello — Escrivão dos Orphãos.
36	Rosa	36	
37	Joanna	9	João de Freitas — proprietario e mestre de piano.
38	Francisco	4	
39	Martanna	32	Rosa Jacintho — proprietaria.
40	Francisco	24	Domingos Ribeiro de Carvalho — negociante.
41	Catharina Thomazia	58	Francisco Pereira Ribeiro — Juiz do pézo d'Alfandega
42	Julia	20	
43	Martanna	36	Rosa Jacintho — proprietaria.
44	Maria	40	D. Barbara Dometilla — proprietaria.
45	Joaquina	50	Luiz da Terra Peixoto — capitão de Milicias.

### Resumo

Homens de cor . . . . .	9
Mulheres de cor . . . . .	36
	45

## XIX

### BOTOS E POMBAS

Depois de nove horas de jornada, de haver atravessado a serra, subido e descido muita ladeira e cruzado os grandes descampados de pedra roliça e requemada, entremeiada aqui e além por montas de rasteias faias, descampados a que se dá o nome de *mysterios*, por serem estes os sitios por onde passaram as ribeiras de refervente lava das antigas erupções vulcánicas do Pico, chegámos afinal, ao cair da noite, á Villa das Lagens.

Não alegria a perspectiva d'aquella povoação, maxime para quem vem fatigado e batido de chuvas e ventanias, acrescendo ainda que n'essa occasião estávamos no fim do inverno, que os dias bons eram ainda raros e que uma mortada aguda nos fazia assoprar nos dedos e embulhar aconchედadamente n'uns cobertores de lã, que nos haviam emprestado pelo caminho.

Os nossos companheiros de jornada eram um rapaz da villa, que tinha ido á ilha do Fayal, d'onde regressava, por causa do recrutamento, um homem da Magdalena, que tinha a seu cargo os dois pessimos burros que montávamos e um cão, rateiro, de raça ordinarissima, que durante todo o caminho matara, na serra, dois coelhos, dos quaes o arrieiro logo se apoderara, e pela estrada varios ratos de enormes proporções.

A primeira povoação da ilha do Pico, pois que a sua existencia data de 1500, parecia deshabitada, nem dava o minimo signal de vida, tendo um aspecto desolador tanto a sua principal e acanhada igreja, como a maioria dos edificios publicos, geralmente no peor estado de conservação.

Foi, como já dissemos n'outra parte d'estes apontamentos, um padre d'aquella localidade, por nome fr. Pedro Gigante, introduzio na ilha do Pico a sua principal fonte de riqueza, alguns bacellos de vinha, vindos da ilha da Madeira, que em poucos annos se multiplicaram de tal sorte que chegou a produzir 25:000 pipas de excellente vinho, tornando-se por este facto importantissima entre todas as suas irmãs do archipelago.

Encaminhamo-nos para o velho e estragado convento de São Francisco, que domina a villa e no qual um amigo obzequioso nos havia permitido permanecer n'um desguarnecido quarto.

Arrunadas as cavalgaduras, o rapaz foi procurar o far-domestico, o arrieiro estendeu-se no soalho e dentro em breves minutos dormia profundamente, em quanto eu, sentado n'um banco de pinho, á luz

de uma ordinaria vela de sebo, lastimava pela centesima vez a minha mania de visitar os pontos mais remotos do Pico.

Comi algumas dentadas de carne assada, bebi meia garrafa de vinho, estendi-me no chão, n'uma pessima cama que alli me haviam feito, apaguei a luz e tratei de adormecer.

A fadiga, porem, se muitas vezes causa somno, não é raro tambem produzir o contrario e nem a chuva que no caminho sentia, mansa e continuamente, cair, me produziu o seu narcotico effeito.

Alem d'isto, um pingo d'agua caindo no quarto, de alguma rotura do tecto, cadenciado e constante, como a pendula de um relógio, incommodava-me sobremaneira, tanto mais que eu ignorava o sitio que elle atagava e se dentro em pouco não me acharia todo encharcado.

Sem conseguir lograr descanso, quiz accender luz, era ao menos nma companhia, e lembrei-me que no castiçal estavam alguns phosphoros, provavelmente legado do ultimo habitante d'aquella parte do extinto convento, que eu não sabia quem fosse, nem quando alli houvesse estado.

Procurei-os ás escuras, risquei um, dois, tres, e apesar do cheiro nauseabundo que ficou em redor da cama, os malditos ardiam o enxofre, mas em chegando á madeira extinguíam-se immediatamente.

O arrieiro continuava a dormir e resonava, um resono de apoplectico, parecendo que era capaz, com aquelle som, de fazer estremecer todo o velho edificio em que nos achavamos.

Pelos meus calculos, deviam ser nove ou dez horas, isto é, alta noite n'aquelles sitios.

Quem sabe, — dizia eu — se deu algum ataque ao Vicente, aquelle resonar não me parece natural, e eu aqui sosinho, sem luz, sem o poder ver . . . o melhor é acordal-o, talvez não seja nada . . . ó tio Vicente, tio Vicente! . . .

Não obtive resposta.

Levantei-me e ás apalpadellas, sem estar bem certo da disposição do quarto e dos poucos moveis que tinha, fui agarrado ás paredes procurar o arrieiro.

A unica janella que deitava para o caminho não tinha vidraça e somente portas de madeira, de sorte que nem o minimo vislumbre de claridade por alli entrava.

Tropecei afinal no corpo do homem, apalpei-lhe as mãos que estavam frias de neve, sacudi-o, tratei de o despertar.

Malfadado trabalho, apanhei um enorme socco que elle me atirou e que me deu em cheio n'uma ilharga e inalteravelmente continuou a dormir, com identico ou ainda mais forte estrondo.

Ainda assim fiquei satisfeito, o homem que dá um murro d'aquelles deixo estar vivo, bem vivo.

Acresceu também uma outra circumstancia que mais enfadonha me tornou semelhante noite.

A chuva continuava, lá fora, a cair torrencialmente, e já deshoras comeciei a ouvir uns gritos afflictivos, agudos e amudados, que ora pareciam soar perto do convento, ora mais ao longe.

Não sabia o que isto fosse, pareciam vozes de mulheres ou de creanças que estivessem a matar, talvez algum grande crime que n'aquella hora se estava a praticar . . .

Quem se apanhasse no Fayal! . .

E que valente folego deviam ter as taes victimas, pois que levaram toda a santissima noite n'aquella inferneira!

Sô quando, em linguagem local, comecaram a luzir os buracos da casa é que, vencido pelo cansaço, consegui adormecer . . .

O dia seguinte, e acordei já tarde, estava esplendido, com um sol radiante.

O vento havia rondado ao norte e nem uma nuvem apparecia no fundo firmamento azul escuro, como por vezes acontece n'aquella estação.

Achei-me sosinho, o arrieiro que dormira á farta havia-se safado mais as cavalgadas, ainda de madrugada, como depois me disseram e somente em frente do convento um bando de gallinhas esgravatava, pacificamente, o chão.

Se a contemplação da villa, como já disse, apresenta um triste aspecto, ainda assim tinha uma verdadeira compensação na formosissima baía de mar que então via na minha frente, a Lagôa, como alli lhe chamam, isto é, uma grande bahia, fechada toda em roda por margens mais ou menos elevadas, mas de pittoresco côrte e somente communicando com o oceano por estreita abertura, lá ao longe, de-frontando a povoação.

O rapaz das Lagens que conmigo jorneareira na vespera appareceu-me, então, em casa.

— Que tal passou o senhor a noite? — perguntou elle.

— Soffrivelmente, soffrivelmente, mas cahio agua a valer.

— Não senti; isto aqui como é muito socegadoinho, dorme a gente que é um regalo.

— Foi o que acontecer ao Vicente, arrieiro, mas diga me uma coisa, houve algum acontecimento extraordinario esta noite na villa, fez-se algum crime, matou-se alguém?

— Um crime! . . matar alguém!! . . Credo . . . isso são coisas em que se pense sequer, n'uma terra d'estas.

— Mas é que eu, toda a noite, ouvi tantos gritos, que . . .

— Gritos?! . .

— Sim gritos, parecia que estavam a esfolar gente viva. . . Sáfá!

— Ora essa! . . aqui não consta que hajam feiticeiras, nem lam-



*busões*, nem coisas ruins . . . isso de noite o que grita são as cagarras, mas a gente não faz caso.

Estava explicado tudo.

Achei também curiosa a maneira porque n'aquella localidade extraem o oleo d'aquellas aves, o qual tem applicação medicinal para rheumatismos.

Dependuram as cagarras pelos pés, vivas e prêsas ao travejamento da caza, e os pingos de azeite que ellas então deitam pelo bico, são cuidadosamente aparados para o mencionado uso.

— O senhor venha d'ahi, disse-me ainda o rapaz que hoje vamos ter um grande divertimento, chegou em bôa occasião.

— Então o que vem a ser?

— É um cardume de bôms que foi avistado ao romper da manhã, já saíram algumas lanchas a ver se conseguem mettel-os na Lagôa e a povoação toda está de espreita na costa, ha de ter que vêr.

Comi, á pressa, algumas dentadas de pão e queijo, bebi um calix de vinho e exclamei:

— Prompto!..

— E vamos de corrida que não podem estar longe, se elles entram na Lagôa é que vai ser bonito.

No fim de um quarto de hora de caminho estavamos em cima de um penêdo, ao lado da villa, que devassava perfeitamente o vasto e isolado oceano, unica prospectiva que d'aquella localidade se descortina.

Os peixes que pela escuma que faziam na agua, deviam ser immensos vinham acossados pelas lanchas, cujas tripulações com grande celeridade e arrojando-lhes um bom fornecimento de pedras, que adrede haviam levado, os encaminhavam na direcção da bocca da Lagôa, tendo todo o eniado na disposição das embarcações, de maneira que o cardume não podesse tomar qualquer outro rumo.

Na costa a multidão era enorme, homens, mulheres, creanças, todos com verdadeira ancia esperando o bom ou mau succedimento da pesca.

O cardume de bôms, afinal já perto da estreita passagem que o queriam obrigar a transpôr, pareceu ter consciencia do perigo que o ameaçava e tentava retroceder, levantando uma grandiosa salseirada no mar.

As lanchas, porem, á força de remos, de gritos e de pedras, conseguiram tornar a reunir os peixes, que ainda assim, temerosos, pararam á entrada do canal, que ladeado de rochedos conduzia para o interior da grande bacia.

As pedras choveram então com mais força sobre os resistentes cetaceos.

Afinal um dos maiores peixes, medindo talvez quatro metros de comprimento, possante e luzido, como uma lamina de aço, encami-

atrou-se magestosamente, bufando de desespero, para o começo da garganta da Lagôa, e deixando um sulco de escuma na sua passagem, desappareceu, em breve, na direcção da terra.

Era este, seguramente, o *leader* da companhia, seguiu-se-lhe logo um segundo, depois terceiro, e assim successivamente até ao ultimo individuo do cardume.

Os espectadores, ora encimando as circumvisinhas pedras, contaram a passagem de numero superior a sessenta peixes, que então se atastravam nas fundas agoas da Lagôa.

Depois da entrada do ultimo bôto, na abertura que dá ingresso para a bahia, foi estendida uma rede especial, para embaraçar a saída de qualquer dos prisioneiros, e duas lanchas, atravessadas, alli permaneceram constantemente sobre os remos.

A pesca estava bem segura, tanto pela disposição dos rochedos, como pela estreiteza da passagem.

A este tempo na Matriz soava meio dia.

A maior parte d'aquella gente foi então jantar, para em seguida continuar na inesperada faina.

Os lagenses dão certa solemnidade a esta pesca.

Uma meia hora depois, começom de novo a reunir-se o povo, espalhando-se pelas margens da Lagôa e parece-me que não ficariam meia duzia de pessoas nas casas da villa, muitos homens e mulheres vinham armadas de grandes e luzidias facas americanas e no sitio em que costumam varar barcos e lanchas umas seis embarcações eram deitadas á agua, pelas respectivas companhias.

As lanchas da bocca da Lagôa redobram então, de cuidado e vigilancia.

Além dos remadores das embarcações e do homem do leme só ha, em pé, no leito de prôa e de arpão em punho, o trancador, um em cada lancha, geralmente homem que andara á pesca da baleia, nos navios norte americanos, e que por esta occasião veste o seu fato domingueiro, arrecada na orelha e chapéu de feltro.

Tambem Luiz XIV se esmerava todo, quando entrava em qualquer batalha

Ao soprar de um bazio, por um dos trancadores, começom a acção.

Uma das lanchas chegou-se mansamente para um dos bôtos que estava á tona d'agua, e o trancador com incrível precisão, arremeçou, ainda a alguma distancia, o arpão, que entrou mais de um palmo no corpo do peixe, começando este a uma carreira vertiginosa e deixando o trancador correr a linha que estava presa ao arpão, até que a lancha arrastada tambem pela furia do cetaceo, recolhendo os remos, principiou, como um carro puchado por valente urco, a acompanhá-lo nas suas rapidas evoluções.

A esta lancha, e com egual processo, seguiram-se as outras, os

peixes cruzavam-se em todos os sentidos, os trancadores, semelhantes a estatuas, conservavam-se impassíveis no seu porto, só mandando com a mão ao homem do leme, que lhes executava as ordens, e as pequenas embarcações da pesca, céleres quaes flechas, por vezes deitando-se até lhes apparecer a quilha, cortavam a Lagôa em diversas direcções mudando por vezes de rumo num abrir e fechar d'olhos.

Aquillo tinha o quer que fosse de assombroso e em terra ouvia-se distinctamente o assobio das linhas cortando o ar.

A pericia dos marinheiros era grande, as suas embarcações n'uma corrida louca, á mercê de grandes e enfurecidos peixes, desviavam-se com tal mestria umas das outras, que jamais as linhas se cruzavam, nem haviam abalroamentos, que então significariam a sua perda.

E, não obstante, por vezes, seguiam parallelas, a distancia apenas de alguns palmos, cobrindo a escuma levantada pela prôa de uma a tripulação da outra.

O mar ruborisava-se do sangue dos feridos peixes, os que não estavam arpoados corriam espavoridos em todas as direcções e alguns approximando-se das margens encalhavam, sendo logo cercados por immensa gente que á faza os acabava.

A pesca tomava calor, as victimas iam sentio numerosas, homens e mulheres de facas ensanguentadas na mão, mettidos n'agua até á cintura, quando não era até ao peito, effectuavam terrivel morticínio, ao tempo que as embarcações, no meio da Lagôa não lhes ficavam a traz.

No fim de duas horas de trabalho, estavam estendidos na costa sessenta e nove valentes bôtos e começou a mais simples faina de os retalhar, para alli mesmo serem derretidos em enormes caldeiras.

A pesca tinha sido excellente e os lucros importantes, pois quanto azeite houvesse obtinha certo e bom preço, para exportação.

As tripulações das lanchas, em um dia de trabalho, haviam ganho mais do que n'um anno de pescaria munda, e o vinho e aguardente começou a circular com fartura, ao som de rudes canções marítimas.

À noite a villa estava illuminada pelo reflexo dos grandes fogos accêsos nas margens da Lagôa, onde o toucinho dos bôtos se convertia em abundosos barris d'azeite.

O unico ponto negro, no meio da alegria geral, era na cheiro tão pronnnciado a azeite de peixe que invadia todas as habitações, que adheria aos vestuarios e a todo e qualquer objecto.

Não ha nada perfeito neste mundo!

Voltei para o meu pobre quarto, no estragado convento, com sérias ancias para lançar e á falta de coisa mais odorifera bebi genebra, deitei genebra no lenço e na sobrecasaca,

O maldito cheiro, porém, perseguia-me cada vez mais forte, vin-

do em ondas de espesso fumo envolver toda a povoação.

O rapaz que tinha sido meu cicerone e que á sua parte, elle e uma irmã de doze annos, esfaquearam dois bôtos, vieram, acabada a lucta, ceiar conmigo.

N'aquelle dia, ja se vê, nas Lagens não se fallava senão em peixe.

— Olhe que foi uma pescaria como não temos lembrança ha muitos annos! - dizia o rapaz.

— E cada peixe... — acrescentou a pequena — grandes e luzidios que nem porcos ou leitões.

— Anda lá, Maria, que d'esta vez é que tens um vestido de lã-zinha, o pae do seu quinhão d'azeite não deixa de t'o comprar.

— Poderá!... eu tambem esqueci no peixe, que ainda me estão os braços a arder.

— Foi bem bom, bem bom... uma esmolinha de Deus.

— O cheiro da tal esmola é que se torna insupportavel — retorqui ainda — até este charuto sabe-me a azeite de peixe...

— É verdade, senhor, é verdade — tornou a rapariga — a gente bem sente em si assim a modo d'um badum, mas isto não faz mal, quizesse o Senhor Espirito Santo mandar muitas esmolinhas d'aquellas.

— Se o senhor quizer apanhar um boccado de ar bem fresco, bem puro, eu posso-lhe ensinar o caminho, — disse o rapaz — e ainda em cima hade divertir-se bastante.

— Isso vinha do céu, levem-me vocês para aonde quizerem, mas tirem-me d'este supplicio.

— Olhe que tem de andar um bom pedaço e por logares levados de seiscentos...

— Aceito, seja como fôr.

— O' Maria, — ordenou o meu hospede á irmã — vae n'um pulo a caza, e traze-me a rédesinha delgada, o cão Piloto, dois varapaus, um archote e o sacco.

— Francisco, deixas me ir tambem contigo?

— Pois sim, pequena, mas não te demores, hein?

— Isto são duas pernadas. Trago a espingarda?

— Não precisa, para malhar bastam os bordões.

Aquillo parecia-me mais o fragmento d'um rancho de bandidos preparando-se para tenebrosa empresa, do que gente de bem, no pleno uso dos seus direitos.

— Você não me metta n'alguma allada, veja lá.

— Fique o senhor descansado, que não *troma*, avia-te rapariga.

D'ahi por um quarto de hora a Maria apparecia já de volta, com uma rede, bastante fina, embrulhada e deitada pelas costas de hombro a hombro, cujas extremidades lhe desciam quasi até aos pés, de baixo d'um braço, bem dobrada, trazia uma enorme sacca, no outro

atravessado um archote e na mão dois compridos varapaus, com portadeiras de metal. Atraz d'ella vinha um cão grande, malhado de branco e preto, de olhar intelligente e bastante agil em todos os seus movimentos.

— Ora vamos lá com Deus, — disse o rapaz, distribuindo-me um dos bordões e reservando o outro para si — *sugique-se* o senhor n'este brinquinho, que não faltará que lhe dar que fazer.

— Eu, amigo, para valentias não tenho geito.

— *Athora o home!* — exclamou a pequena, com certo ar de escarneo, que começou a envergonhar-me da minha pusillanimidade.

O Piloto, vendo aquelles bellicos preparativos, batia a cauda de contente e começou a rodear nos, fazendo sempre cabeça para a porta de saída.

Era, talvez, o que eu pensava, uma familia de salteadores, mas a rêde? . . . de que demonio pode servir a rêde . . .

Saimos.

Lá em baixo, nas margens da Lagôa, continuava o derretimento dos bôtos numerosas fogueiras levantavam a grande altura as suas linguas de brillantes chaumas e ouvia-se o vozear dos pescadores a par do marulho da maré de encontro aos rochedos.

Na claridade do lume, os vultos d'aquelles homens, mulheres e crianças tomavam formas phantasticas, parecendo uma roda de fuiticeiras e almas penadas, em sabbatico divertimento.

Seguíamos em fila, por estreita vereda, na direcção, da costa o Francisco. eu, a pequena e atraz de todos o cão.

Caminhamos sempre para o norte, a tal ou qual claridade proveniente das fogueiras extingura-se de todo, n'uma volta da verêda, agora elevada, à beira de um precipicio, sentindo muito abaixo, em grande profundidade, o mar a desfazer-se nas pedras.

O ceu estava estrellado, fundo, e effectivamente um ar puro e balsamico começou a fartar-me os pulmões.

— O' Sr. Francisco, isto para tomar ar parece-me que tem bastante, podemos sentar-nos aqui um bocado e está acabada a festa.

— *Athora o home!* — tornou a rapariga com o seu modosinho sarcastico.

— Isso é que é fallar, — atalhou o lagense — o senhor que veio até aqui ha de ir até ao fim, o mais perigoso do caminho já está passado, agora vamos para o calhau e depois é sempre costa-costa.

— Mas para aonde vamos nós?

— O senhor verá, e não se ha de arrepende, firme-se bem no bordão, olhe que isto aqui é alto.

— Deixe-me o tio passar para diante, feche os olhos e *sugique-se* à minha saia, que não *troxa*.

— Vae-te com Deus, rapariga, queres que eu role por ali abaixo?

— *Ahora o home!* . . *ninja* cá a gente rolar, e se não fossem as topadas, não havia caminho melhor.

Havíamos descido e estávamos agora á beira do mar, n'uma costa toda povoada de enormes e negros penedos, sem trilha algum praticavel.

— D'aqui por diante -- disse-me ainda o Francisco -- é preciso não tujir nem mugir, a gente vae trepando as rochas, mas calados que nem defuntos, são duas passadas, vá o senhor seguindo o Pilôto e gnie-se por onde fôr o cão, que vae bem.

— Bem estava eu em caza, isto foi o diabo em que me metti . . .

— *Ahora o home!* . . *acomede-se* o tio e *sugigue-se* ao cachão do Pilôto.

Começámos então um trabalho incrível n'aquella escuridão, subir e descer penedos, agudos que nem pontas de facas, ingratos e traiçoeiros que nem Judas.

As minhas pobres botas, umas botas novas, sentia bem que estavam nos ultimos paroxismos.

Uma ou duas vèzes levantei a voz para protestar contra aquillo tudo, mas ouvia logo o rapaz dizer-me: cale-se, cale se, quando não está tudo perdido!

Valia-me o Pilôto que percebendo, seguramente, as sérias difficuldades em que eu me achava, não se affastava de ao pé de mim, guiando-me com dedicada afeição por aquelle labyrintho de rochas desabridas.

Andei de gatinhas, mais os meus companheiros, talvez metade do trajecto.

Parámos afinal.

O sitio em que então nos achavamos era junto de uma barroca alterosa, em cima de pedras roliças muito trabalhadas pelo mar, que a uns tres ou quatro metros de distancia, apesar do tempo estar bonançoso, resuava por vezes ameaçador.

Do lado da terra o cimo da barroca perdia-se na escuridade nocturna, nem se sentia o minimo signal do vida, toda a costa estava deserta, negra, medonha.

O Francisco, com as maiores precauções possiveis, para não fazer o menor rumor, desembaraçou a irmã da rede, que ainda embrulhada deitou a tiracollo, deu-lhe a aguentar o seu varapau e começou a trepar a barroca, perdendo-se em breve na escuridão.

O Pilôto estava impassivel e estatico.

A rapariga pegou-me na mão, apertando-m'a bastante em signal de silencio, e pé ante pé, passando de leve, como uma sombra, foi-me conduzindo para junto da encosta, fazendo-me subir alguns passos e seguida pelo cão, que caminhava com identicas precauções.

Parámos, e pude então perceber que a rede, ora aberta, come-

cava a descer com cuidado, vagarosamente, d'uma saliência superior da rocha, estendendo-se ao longo da natural muralha.

Quando aquelle artefacto estava bem unido à rocha, a pequena calçou-o com pedras, na sua orla inferior, o Francisco desceu do elevado posto, e abrindo d'um lado uma nesga da rede, deu passagem ao cão, á irmã e a mim, vindo elle em ultimo lugar.

A rocha era, alli, cortada a prumo e entre esta e a rede caminhamos, assim alguns momentos, com as costas para a muralha e a cara voltada para o mar.

Não se fizera o minimo ruido.

D'entro em pouco a rocha abriu-se repentinamente d'uma grande fuma, cuja entrada vi que estava toda tomada pela rede, só então percebendo qual o seu uso.

O silencio continuava ainda completo e só, a espaços, se ouvia no interior da fuma o arrulho d'algumas aves.

Decididamente, não haviamos sido presentidos pelos habitantes d'aquelle maritimo e agreste refugio.

O picuense, já a este tempo, havia-se acastado até ao interior da fuma e de repente accendeu, com um phosphoro, o archote que derramou logo avermelhada claridade, deixando-nos ver o interior de uma caverna, cujas paredes com pequenas e designaes saliências estavam povoadas de milhares d'aves, brancas ou escuras.

O rapaz fazia uma vida luminosa com o facho, para lhe dar mais vida e gritava como desesperado:

— Ghu pombas! . . Ghu ó pombas!! . .

O cão ladrava e corria a não poder mais, a pequena fazia um alarido terrivel, arremessando pedras para o tecto e às paredes da caverna e eu, atordido, via de todas as partes levantarem se bandos de aves, que esvoavam loucamente, que se arremessavam contra o portico da fuma, batendo na rede, aonde ficavam presas, cabiudo ás duzias no chão, ou baqueando-se contra as paredes, com egual resultado.

O cão era infatigavel, parecia doido, dava latidos agudos, corria d'uma para outra parte, trepava pelas paredes, espantava, enfim, quanto podia, as aterrorisadas aves.

O Francisco de archote em punho e de varapan na outra mão, fazia-lhe uma segunda, em quanto a rapariga não tinha mãos a medir, para agarrar nas pombas que caíam e ainda a esvoaçar ia-as metendo dentro do grande sacco que trouxera, já então com bastante caça.

— *Alhorn a home!* . . — gritava-me ella, toda azafamada — oh tio, de que lhe serve esse bordão?! . . é malbar n'ellas bordoadas rija . .

Assim fiz e todos nós causamos alli uma carnificina que, anda que menos rendosa, deixava muito a perder de vista a matança dos bôtos na manhã d'aquelle mesmo dia.

O sacco encheu-se, completamente, de pombas e com elle carregou o Francisco, a irmã despio a sua saia de fora, de chita, e alli ar-

rumou uma boa porção de caça, fizeram-se cambulhões de pombas, amarradas pelos pés, dois dos quaes eu trouxe e os outros dois foram dependurados nas costas do Piloto e ficaram ainda dúzias de pombas deitadas mortas, no chão, que o Francisco disse que na manhã seguinte voltaria a buscar, se acaso os ratos do calhão não as devorassem durante a noite.

Contou-me elle, então, que de Outubro a Junho, aquellas aves procuram refugio das tormentas e do frio nas concavidades dos rochedos, e que como aquella fuma era muito funda, nunca alli faltava uma boa cagada, logo que o mar mauzo, como então estava, deixava transitar-se pelas pedras, por que não sendo assim as vagas subiam até á entrada da mesma.

Voltámos carregados para a villa, mas com maior facilidade, por quanto a luz do archote então nos guiava e eu podia praguejar á vontade, quando dava alguma trambullão.

O Francisco teimou em deixar-me em casa uma porção de pombas que dava para a commenda de um convento, e n'um convento estava eu, mas deserto, sem frades, e a cabir em ruinas.

Agradei-lhe muito a bella noite que me havia feito gozar e atrevi-me a offerecer á pequena Maria uma moeda de seis tostões.

Ahora o home! — accudio a rapariga, mettendo alegremente no bolso aquella insignificante quantia que, para ella, representava avultada fortuna.

Retirados os meus companheiros, deitei-me e adormeci profundamente, ao contrario do que me havia acontecido na noite anterior.

Os ultimos sons que então ouvi, era ainda na Lagôa, o barulho dos mariulheiros no derretimento dos bôtos.

As chammas continuavam a illuminar as frontarias das casas da villa e a sua elnridade, atravez das portas das janellas do meu quarto, vinha desenhar-me na parede caprichosas formas.

No dia seguinte deixei, com saudade, aquella laboriosa povoação, a mais antiga da grande ilha do Pico.





XX

SUBSIDIO PARA UMA BIBLIO-  
GRAPHIA DO DISTRICTO DA  
HORTA

(Ilha do Fayal)

A instrucção publica no archipelago açoriano, como aconteceu em Portugal, esteve, por dilatados annos, exclusivamente entregue ás ordens monasticas, e por mais affastadas estas terras e estarem então, por assim dizer, no começo do seu povoamento, o seculo 16.<sup>o</sup> que tão brilhante foi a semelhante respeito no continente, jámais aqui conseguiu reflectir as suas radiantes alvoradas, pois que os colonos que para estas ilhas do oceano atlantico tinham vindo, mais se o occupavam, com certeza, em desbravar fechadas mattas, ou retirar dos terrenos que iam arroteando a necessaria sustentação, do que em compensar livros, ou aprender letras.

Com os primeiros povoadores das quatro ilhas occidentaes do archipelago, que formam actualmente o districto da Horta, sabe-se que para o Fayal vieram alguns sacerdotes flamengos, tanto mais que os sentimentos religiosos do capitão Jorge d'Utra e de sua consorte D. Brites de Macêdo, estão bem patentes na construcção de diversas ermidas, logo apoz da sua chegada, n'uma, das quaes no sitio de Santa Cruz se disse a primeira missa n'esta ilha, assim como nos votos feitos ao Allíssimo para isentar as novas povoações, ou o interior ainda mal conhecido da ilha, de animaes ferozes, ou quaesquer obstaculos em detrimento da pacifica posse da sua donataria.

Entre os annos de 1450 a 1460 epoca provavel do descolhimento do Fayal, até ao anno de 1520, isto é, no decurso, approximadamente, d'um meio seculo, sabe-se que alguns frades franciscanos edificaram, distante da principal povoação o seu primeiro convento, n'uma lomba, desde então chamada dos frades, entre a Praya do Almoxarife e Pedro Miguel, e se aqui tinha havido algum vislumbre de publico ensinamento, effectuado por aquelles religiosos, foi este, necessariamente assaz deficiente, sem um plano regular e somente devido á boa vontade dos franciscanos, cuja ida, ainda assim, para um sitio affastado e despovoado, devia com certeza, estorvar a mocidade da aprendizagem que os mesmos, por ventura, lhe ministravam.

Na agreste lomba a que nos referimos e longe da Horta existio

durante alguns annos, não se sabe com certeza quantos, aquelle hospício, com uma adjuncta eruida, até que afinal, por quaesquer circumstancia fôr abandonado, vindo os franciscanos para Porto-Pim, estabelecer-se n'umas barracas que fizeram construir no sítio ainda hoje alli conhecido pela Cova dos frades, enquanto edificavam á beira mar, alem da extremidade do sul da povoação um maior mosteiro, sobre uns rochedos alli existentes então, como ainda hoje — as pedras dos frades, que ficavam logo adiante da Grotta, actual rua do Livramento, desembocando no canto de D. Joanna.

Isto decorreu no anno de 1530, ou muito approximadamente.

Foi d'esta data em diante, isto é, depois de estabelecidos mais regularmente, que os filhos da religião de São Francisco começaram a prestar, e durante muitos annos, verdadeiros serviços á causa da instrucção publica, ensinando as primeiras letras tanto no convento como pelas casas particulares, a todos que se queriam aproveitar da sua boa vontade, contentando-se com qualquer remuneração por diminuta que fosse e recebendo no seu convento, a troco d'uma pequena esmola, qualquer rapaz que das povoações distantes ou das ilhas visinhas para aqui vinha estudar, dando egualmente temporaria hospedagem aos individuos que por negocios, ou affazeres, tinham de permanecer por algum tempo na Horta.

Os franciscanos, diga-se em abono da verdade, foram sempre uns bons e serviaes amigos dos fayalenses, captando a sympathia geral e evitando cuidadosamente, embora tivessem frequente entrada em muitas casas, quaesquer escandalos, ou improprio comportamento.

Precisavam de todos, eram uma ordem mendicante, e com todos queriam viver em paz.

A sua casa augmentava assim de uma maneira extraordinaria, tanto que um grande temporal havendo lhe destruido o seu edificio da beira mar, em quatro annos apenas, devido á caridade publica, a ofertas, esmolas e doações, conseguiram levantar, em logar mais seguro o vasto edificio que, actualmente, n'esta cidade, serve de hospital, bem como a magnifica igreja que lhe fica adjunta, isto desde o anno de 1686 a 1690.

Por estes tempos, porem, e já anteriormente desde 1642, tinham os franciscanos uns temiveis antagonistas nos padres da poderosa Companhia de Jesus, cuja sede agorinha era no Fayal e que leccionavam tambem a mocidade, mas d'uma maneira muito mais correctea, embora a menor numero de individuos.

Se os Jesuitas não tinham mestres de letras gordas, como vulgarmente se diz, tambem não consentiam nas suas aulas discipulos brancos.

A influencia que o publica ensinamento dava a estas duas ordens religiosas, creou rivalidades e malquerenças entre o Collegio e o Convento, os franciscanos ensinando, porem, indistinctamente, a talentosos

e rudes, enquanto que os Jesuitas, ao invéz d'este comportamento, não facultavam a sua sciencia, que era vasta, senão aos mancebos nos quaes reconheciam aptidão para as letras, aos outros, decorrido algum tempo de prova, aconselhavam-os a que fossem aprender qualquer officio mecanico, embora a expensas da Companhia.

Andavam ajusadamente: de que serve, por vezes, gastar cêra com ruins defuntos, tanto mais quando uma nullidade na republica das letras, para as quaes tem negação, pode tornar-se um artista a-proveitavel, útil para a sua familia e para a communidade em que viver?

E' a muito sabida historia de Molière e do cabelleireiro.

Estabelecido isto, ser discipulo dos Jesuitas contava-se como um diploma de capacidade, uma valiosa recomendação para qualquer cargo publico.

Foi assim que veio encontrar estas duas ordens, em rivalidades, o Alvará do Marquez de Pombal, datado de 28 de Junho de 1759 que tirava aos padres da Companhia a faculdade do ensino publico e creando professores de latim, philosophia, rhetorica &c, em todas as cabeças de Comarca, o que, porem, só mais tarde se verificou á mingoa de professorado competente.

Para occorrer ás despesas com o novo professorado foi creado um imposto especial que se denominou «subsídio litterario».

Livres dos sens antagonistas, em vista d'aquella ordem do severo Marquez, assim como pela subsequente expulsão dos jesuitas, em 1760, continuaram os franciscanos a ensinar o que sabiam, que por vèzes não era muito, a quantos rapazes appareciam no convento e como n'essa epocha á maioria das raparigas, por defeito de educação, não era permittido a prender a ler, o pomeo vedado da instrucção limitava-se para o sexo feminino, com raras excepções, somente ao ensino das donzelas que, com vontade ou sem ella, tinham de entrar para os mosteiros de religiosas, pois sem aquella *prenda* não lhe eram franqueadas as portas da clausura, nem podiam cingir o alvo ven das esposas de Christo.

Ainda em 1821, apenas em todo o reino de Portugal haviam 873 escolas de instrucção primaria, das quaes quarenta e quatro somente para o sexo feminino.

Este numero demonstra claramente o que seria a educação litteraria das mulheres nas ilhas dos Açores e que força de vontade foi necessaria não somente para algumas das nossas patricias fazerem aqui uma custosa aprendizagem, mas até chegarem a distinguir-se pelos sens escriptos, como n'este capitulo ainda teremos occasião de demonstrar.

A revolução franceza de 1789, convulsionando a Europa toda, tambem se fez reflectir n'estas, relativamente, insignificantes ilhas, e n'aquelle frémto de idéas novas que se alastravam por toda a parte

tambem tivemos um pequeno quinhão, importado pelos navios estrangeiros que então, constantemente aportavam ao Fayal, distribuido n'esta illa brochuras revolucionarias e propalando os seus passageiros, ou tripulações, doutrinas que nos eram bem pouco familiares, que tratavam dos direitos do homem, do nivelamento das classes, da liberdade dos cultos e do livre ensino.

Um verdadeiro escandalo!

Os franciscanos, condemnando dos pulpitos a revolução, viam claramente na nova ordem de idéas que se levantava e que ia tendo numerosos sectarios, um perigo eminente para todas as instituições estabelecidas e para o socêgo e commoda existencia em que, até então, haviam vivido.

Mas a hydra revolucionaria apesar de todos os exorcismos e maldições continuava a medrar, a ter vigor e os multiplices braços d'aquella madreposa immensa, enlaçavam não somente os seculares, mas até, oh! vergonha, alguns desventurados religiosos, que demonstravam tal ou qual tendencia para os primeiros vislumbres da liberdade.

A maré subia sempre e é certo que nem poupara as mesmas casas de oração, tanto no que dizia respeito aos conventos de religiosos, como ainda com maior exito nos mosteiros das freiras, aonde começou a existir um partido liberal, provavelmente constituido das mulheres que para a clausura tinham entrado á força.

Dos pulpitos abaixo troavam então as mais vehementes exhortações para lhes não chamar descomposturas, contra a revolução e as mais terminantes ameaças de que accêsa a ira celeste contra a impiedade que se desencadeava infrene, grandes castigos aguardavam os seus sectarios e dos quaes, infelizmente, tambem os innocentes partilhariam.

Livre-se algum d'uma rascada semelhante!

Um assustador phenomeno da natureza pareceu vir confirmar estas tetricas prophcias.

A 21 de Dezembro de 1792, dia em que a igreja christã celebra a memoria do glorioso apostolo São Thomé, pelas 6 horas da manhã e quando uma grande parte da povoação estava nos templos a ouvir missa e estes ainda obscurecidos, n'aquella estação, pelas trevas nocturnas, um violento tremor de terra, como aqui não havia memoria, abalou toda a illa, arruindo algumas casas, desarraigando grandes arvores e, embora não fizesse victimas, lançando na maxima consternação a todos os fayalenses.

Temos presente, sobre a mêza em que escrevêmos, uma minuciosa narrativa d'este acontecimento escripta por um boniemi assaz sensato e que ao mesmo assistio estando a ouvir missa na igreja do mosteiro da Gloria, e o seu signatario confessa que *não pode principiar mais horrendo o dia final de todos os dias e que o povo começou então a dar gritos tão lamentosos que faziam tremer as carnes.*

Em seguida a semelhante facto, que encarado como uma provação, ou castigo, tinha grande alcance no animo geral e sempre com a idéa de abalar os principios da revolução, ou as errôneas doutrinas dos pedreiros livres que com os mesmos se comprasião, o general Diniz Gregorio de Mello Castro e Mendonça o qual veio a fallecer no 1.º de Dezembro de 1793, mandou da ilha Terceira pôr aqui em movimento os Terços d'Infanteria, assim como guarnecer com tropa os differentes portos da ilha, para prevenir, pelos meios de que dispunha, uma invasão de francezes, que se annunciava para breve.

Por outro lado o Bispo da diocese mandava, tambem, em seu logar a esta ilha o Visitador Cardozo, conego da Sé d'Angra, não só para exhortar o povo contra as impiedades dos tempos que corriam, como para administrar, em diversos templos, o sacramento da Christia, sendo confirmados na Fé muitos milhares de indivíduos.

Este Visitador chegou ao Fayal no dia 27 de Fevereiro de 1792, passou aqui a quaresma e só findou os affazeres ecclesiasticos de que estava incumbido nos fios d'Abril seguinte.

Para todos não foi um tempo folgado aquelle.

A despeito, porém, de tudo, era humanamente impossivel fazer retrogradar os principios de 89.

Qual avalanche immensa que despenhando-se do cume de escarpada e alterosa serrania tem, necessariamente, de seguir, atravez de quaesquer obstaculos, pelas aprumadas encostas, até descer ao vallado, embora no seu tracto derrube arvores collossaes, que o decorrer dos seculos havia respeitado, assim tambem a torrente impetuosa de idéas, brotada da França, rasgando passagem atravez da Europa, no meio de gritos e de imprecações, alastrava se por toda a parte, correndo indomavel pelo velho continente e acarretando á tona de suas turbidas agoas os destroços e fragmentos das vetustas instituições, que vencêra na sua assombrosa furia.

Foram estes acontecimentos, como pergunta Lopes de Mendonça, nas suas Memorias da Litteratura Contemporanea, dirigidos por um pensamento providencial e superior?

Assim o acreditamos, a luz tinha de substituir as trevas, a oligarchia do clero e da nobresa de ceder logar ao diadema rutilante da civilisação, cujo dominio só pode ser estabelecido quando baseado na liberdade dos povos.

E compreendos dizer, com respeito á pequena localidade em que vivemos, que no anno de 1794 veio do continente para o Fayal, no meado lente de philosophia e mathematica o dr. Roque Taveira, cavalleiro illustradissimo, de idéas muito livres, cívado das doutrinas de Voltaire, apologista dos encyclopedistas, fallando correntemente diversas linguas, muito versado na litteratura patria e captando pelas suas distinctas e graves maneiras a estima de quem com elle privava, ou tinha mesmo simples relações.

Escolhido em Portugal, para o magisterio publico, ainda no tempo do Marquez de Pombal, cuja morte, no anno de 1782, ainda estava recente, é obvio que devia ser um homem apto, pois que Sebastião José de Carvalho e Mello raras vezes se enganava com os cidadãos que lhe deviam a nomeação para cargos publicos e principalmente no que dizia respeito ao publico ensino, que mereceu sempre especial attenção ao celebre estadista.

O aspecto do dr. Roque Faveira impunha ja de si respeito, orçaria n'aquella epocha pelos seus 40 annos, alto, varonil e alentado, de porte sério e voz cheia e sonôra.

Trajava habitualmente de preto e no rigor da etiqueta, calção, meia de sêda, casaca, gravata branca e embora muito attencioso para com todos, jamais descabindo em familiaridades, nem descendo a conversações improprias de gente que se présa.

Este habilitadissimo professor foi um dos homens a quem, no seu desenvolvimento intellectual, mais deveu esta ilha, pois que aberto o curso para que fôra nomeado, correu alli pressurosa, pelo desejo de se instruir e pelo prestigio da novidade, a mocidade da Horta, encontrando no seu sabio mestre a melhor bôa vontade e a substituição de anachronicas idéas e rotineiros compendios, por principios mais conformes com a razão e livros que lhe indicava uma nova orientação em politica, em moral e até em assumptos religiosos.

Sobresaltaram se com isto, como era natural, os conventos, chamaram a campo as suas reservas e os homens mais conspicios, tanto franciscanos como carmelitas é que se puzeram á frente do ensino ministrado pela religião a que pertenciam, deligenciando assim hombrear, ou quando possivel exceder as afamadas prelecções do novo mestre e oppôr á sua illustração uma dóze tambem grande de conhecimentos, embora um e outros militassem em bem differentes campos e seguissem as mais distanciadas doutrinas.

Esta rivalidade foi proveitosissima para a gente nova do Fayal e talvez em epocha alguma tanto se cogitou aqui do ensino publico, da capacidade do professorado e do melhor meio de quem lecciona ganhar a veneração dos seus discipulos, volvendo-os em verdadeiros adeptos das suas doutrinas.

Ao trabalho valente e incansavel dos mestres correspondeu em breve abundosa seara e levantou-se na Horta uma pleiade de escriptores e poetas, que legaram ás gerações futuras alguns trabalhos, em manuscripto, que não envergonham de sorte alguma a litteratura açoriana.

Infelizmente á mingoa de imprensa e no seio d'um ilheu do oceano, ficarão aqui fechados a sete chaves e uma grande parte dos mesmos perderam-se por incuria dos successores de quem os havia traçado.

A esperanza que os frades alimentavam da remoção do dr. Roque

Taveira d'esta ilha para fóra desvaneceu-se bastante com o casamento do mesmo com uma senhora da localidade, de familia relativamente abastada e cujo nome era D. Marianna Vieira de Faria, tornando-se elle, assim, quasi um fayalense e podendo até viver, devido aos haveres da sua consorte, independente do emprego que exercia, quando isso fosse necessario.

A lucta, por conseguinte, quebrou de intensidade, como improficua, o dr. Taveira foi ensinando quanto soube e como quiz, e os conventos tambem incutindo as doutrinas que lles eram proprias a quem, para tanto, as procurava.

Alem d'isto a experiencia que os antagonistas do dr. Roque Taveira foram tendo do homem que tanto os preocupara á sua chegada e que imaginavam um presente do inferno, um segundo Marat, demonstrava-lhe cada dia que semelhante preceptor da mocidade, respeitava e guardava completa tolerancia com relação aos que professavam idéas contrarias ás suas e isto até levado ao extremo e nos mais insignificantes incidentes.

Um exemplo, embora assaz rasteiro, pode servir de sobeja prova.

Estabelecido com a consorte em casa propria e apesar de ser o dr. Taveira quem, diariamente, no começo com grande reparo das classes elevadas, ia ao mercado, de coto no braço, fazer as suas compras, precisou, ainda assim, de um creado e cabio-lhe em sorte um homem oriundo do Pico, muito beato, acreditando piamente nas feitiçeiras, em almas do outro mundo e temendo mais do que a morte os *mações*.

Na Horta este pobre diabo, por ser este o termo que melhor lhe convenia, ou do mesmo dá idéa, era geralmente conhecido pelo alcunha do *Chorão*, que lhe provinha do tom de constante lamuria em que fallava, trazendo invariavelmente por fóra da camisa um grande rosario e quatro ou cinco figas, por causa do mau olhado e estas talhadas em rodellas e cortadas com pouca ou nenhuma arte das armas defensivas d'algun rebanho de carneiros pretos da sua terra natal.

O dr. Taveira nunca disse uma unica palavra ao *Chorão* a respeito dos adornos com que este se apresentava em publico, deixando-o ir a quantas devoções queria e ouvindo, com toda a pachorra os cazos de estapafúrdios milagres que o seu servo por vizes lhe contava, ou então inveríveis partidas de feitiçeiras, coisas ruins, ou d'essa sevandija da pedreira livre, que fallava com o Inimigo, em pinos da meia noite.

De semana para semana, porem, as figas iam-se accumulando em volta do pescoço do *Chorão*, que fazia encommenda d'aquelle artigo para a sua terra, andando afinal com aspecto d'um indio selvagem, ou d'um chefe africano, com o seu pesado collar.

D. Marianna um dia zangou-se formalmente com semelhante mascarada, lançou mão do rosario e adjunctas, figas, puchando-o com to-

da a força e apesar dos gritos do seu servo, conseguiu rebentar o cordão do mesmo, tirar-lhe todas aquellas prendas e escondel-as em lugar seguro.

O *Chorão* ficou atysmado, sem aquillo não era ninguém, estava à mercê das almas do outro mundo, das feitiçeias, de tudo emfim que era ruim e sobrenatural.

O dr. Roque Taveira gastava habitualmente, os seus serões, até às dez horas da noite, a conversar, ou a jogar o gamão, na alameda botica de Francisco da Silva, na rua da Misericórdia, indo o creado, munido d'uma lanterna, à falta de publica illuminação, que na Horta só começou em Maio de 1869, buscá-lo, para o acompanhar até à sua residência.

Quando os frequentadores da pharmacia, porem, estavam no melhor da jogatina, entra-lhe de repente, muito esbaforido, pela porta dentro o creado do doutor, gritando a bom grito e dando, na sua ancia tamanha pancada com a lanterna na hembreira da porta, que os vidros d'esse útil e muito necessario artefacto n'aquella epocha, desfilizaram-se em mil pedaços, alastrando-se pelo chão.

O fracasso havia sido tamanho e tão inesperado que todos instinctivamente se puzeram de pé, veudo, admirados, o *Chorão* a tremer, branco como um defunto e com o braço estendido fazendo cruzes para o caminho, esconjurando o quer que fosse que estava lá fóra na escuridão e repetindo com todas as veras d'alma as seguintes palavras:

«Eu te requieiro da parte de Deus que digas o que queres e te esconjuro para os mares amarellos. Se vens por artes do Inimigo coices d'uma brava besta n'essa maldita cabeça e quando este mal não te queira *abastar*, Deus t'o queira acrescentar, em nome de Deus e da *mantarianna* e da bicha com que se pôda a vinha. Todos te batam e eu tambem, por ser filho do bem, que as coisas bem feitas parecem bem. Amen.»

—O que é isto rapaz, o que tens, o que te aconteceu? —perguntavam os circumstantes, acercados já do aterrorizado serventtario, que parecendo inconsciente do alvoroço que fizera continuava sempre: Eu te requieiro &.

O amo agarron-o pelo pescoco, sacudiu-o bem, como para o despertar e gritou-lhe aos ouvidos — Que diabo tens tu? !..

—Uma *arantesma*, nma coisa ruim que me queria atacar, o Sr. dr. não se chegne ahí para a porta, que ella agarra-o, pelo amor de Deus, fechem depressa essa porta... Ah! Jesus.

—Tu estás doido, ora esta!!..

—Doido sim!.. a tal coisa vinha aos urros sempre atraz de mim eu nem me posso *suyigar* em pé... Paciencia!

O dr. Taveira e dois ou tres dos seus companheiros sahiram ao caminho, esbarrando a breve distancia da botica com um grande por-



co, fugido d'algun corral e que a roncar andava em nocturna vadiagem.

Estava explicado o cazo e não poderam suster o riso.

N'essa noite quando o amo do *Chorão* recolheu a casa, teimando este sempre que a apparição do porco tinha sido uma *apparencia* do demonio, depois de o perseguir muito e declarando formalmente que na manhã seguinte queria abalar d'aquella moradia para fóra, pois que passara todos aquelles trabalhos e terrores, por não o deixarem andar, como d'antes, com o seu rosario, com os seus *arretiques* e sobre tudo com as suas figas de *chinfrin* de carneiro preto.

— Eu nunca te disse que não as usasses.

— Sim Sr. mas a Sr.<sup>a</sup> D. Marianna esta manhã fez-me uma desfeita uma acção, que não parece d'uma pessoa de religião, arrancou aquellas coisas benditas do meu peito e veja o sr. dr. logo que me aconteceu, isto é verdade ou não é verdade? . .

A' esposa de Roque Taveira ouvindo áquellas horas, muito esgançada a voz de sovelão do criado, accudio do interior da casa para saber o que acontecera.

— Ora ainda me pergunta o que aconteceu?! — disse-lhe o marido — veja o estado em que ficou a minha pobre lanterna, que era tão boa, tão clarinha e isto por culpa da Sr.<sup>a</sup>.

— Por minha culpa?! . .

— Pois a Sr.<sup>a</sup> cae na tolice de tirar a este rapaz as suas armas defensivas, deixasse-o andar com os seus gathos, que isso não fazia mal a ninguém. Não é assim Manuel? . .

— E' sim Sr.

— Vamos, tenha a Sr.<sup>a</sup> juizo, e entregue-lhe essas miudezas, quando não elle vae-se embora e isso causa-me desarranjo, cada um deve ser livre de usar os objectos que mais estima e lhe convem.

N'essa noite já o *Chorão* dormio com as suas figas ao pescoço e d'alli em diante se alguém na sua presença fallava em desabono dos sentimentos religiosos do professor de philosophia, o *Chorão* deffendia o com unhas e dentes.

Não sahio d'aquella casa senão pelo fallecimento do dr. Roque Taveira, occorrido no anno de 1822.

Com a D. Marianna é que elle não quiz continuar a servir. Lá tinha as suas razões.

Para provar quanto o Dr. Roque Taveira tomava a peito os interesses da sua patria adoptiva e nutria sentimentos liberaes bastará ler o seu *Manifesto aos Fayalenses* (\*).

---

(\*) *Manifesto aos Fayalenses* pelo Dr. Roque Taveira, professor de Philosophia, contra a sujeição da ilha do Fayal ao Governo da ilha Terceira. Lisboa, Nova Impressão da Viuva Neves e Filhos, 1824, in-4.º, 29 paginas.

No fim: Fayal 16 de maio de 1824.

Voltêmos, porem, a assumpto mais sério, do qual nos desviou este incidente, embora a indole do livro que escrevêmos não tenha quaesquer pertenções a austeridade d'um compendio de historia.

Tratávamos da instrucção publica.

Com o advento da constituição de 1820, pediu a junta governativa fayalense ao soberano congresso maior desenvolvimento da instrucção primaria, com a creação de escolas para ambos os sexos, em todas as freguezias da ilha, e que, muito embora não se obtivesse, devido talvez áquelle agitado periodo de commoções politicas que então atravessava o paiz, ainda assim demonstra que na Horta se prestava a devida attenção a tão momentoso assumpto.

Em 1826 veio de Lisboa, substituir o fallecido dr. Roque Taveira um distincto filho d'esta terra, então no começo da sua brilhantissima vida publica, o dr. Antonio José d'Avila, o qual, como o seu antecessor, envidou seriamente de desempenhar com proveito dos discipulos o encargo de que estava incumbido, realisando até, perante numerozo concurso, umas theses sobre philosophia, ainda hoje aqui bastante lembradas, que duraram tres dias e que deram ensejo a um notavel talento, Fr. Mathews do Coração de Maria, pertencente ao convento de São Francisco, de patentear a todos a sua vasta erudição e amor ao estudo.

A aula de philosophia do dr. Avila funcionava por estes tempos na casa do Divino Espirito Santo, ou cadafalço, como o povo lhe chamava, situada na rua da Misericordia e erecta em memoria de uma erupção vulcanica no anno de 1672, o que deu lugar a que mais tarde, n'uma questão no parlamento, fizesse o grande orador José Estevão uma referencia áquelle epocha da vida do futuro Duque d'Avila e Bolama, dizendo ao seu adversario politico, com a emphase pictoresca da sua prestigiosa argumentação:—O sr. deputado sempre é um homem que, na sua terra, ensinou philosophia n'um . . . cadafalço!

As galerias riram e o proprio dr. Avila não poudo manter a sua habitual seriedade.

Descarada, em seguida, a instrucção popular durante todo o periodo da campanha da liberdade, só com o definitivo estabelecimento do governo constitucional surgiu de novo para este Districto essa abençoada estrella, sendo, ainda assim, forçoso confessar que desde 1839 em que foi creada uma cadeira de ensino muito normal, até ao presente anno de 1886, pouco, muito pouco se tem feito n'este importantissimo ramo da publica administração, que redunde em progressos reaes e incontestaveis.

Não desconhecemos o numero de escolas d'instrucção primaria que desde essa epocha, successivamente, tem sido creadas, para ambos os sexos, mas quer seja devido ao governo ou ás juntas de parochia, a maneira pela qual se acham ainda montadas é uma verdadeira lastima, em cazas, com rariissimas excepções, sem nenhumaes condições

hygienicas, a mobilia na sua expressão mais humilde e os professores, embora alguns assaz habilitados, mas pessimamente pagos e fazendo milagres de economia para conseguir viver com decencia.

O povo fayalense, tanto das freguezias ruraes, como da cidade é, na sua grande maioria analphabeto, devendo notar-se a falta de moralidade com que sendo tanta vez incommodado para as veniagas e alcantinas eleitoraes, ao inverso d'isto é sempre descurado no maior beneficio que lhe podiam fazer,—ministrar-lhe a instrucção.

No longo decurso de quarenta e sete annos, diga-se a verdade, um unico raio de luz, bem claro e promettedor, veio brilhar na cerrada escuridão que nos envolve a semelhante respeito e isto deu-se durante a exemplar administração do Visconde de Castilho, como governador civil d'este Districto.

Ninguém, de boa fé, dirá que a instrucção popular, entre nós, tem sido tratada com seriedade, nem que o Lyceu Nacional, appi creado em 1840, tenha preenchido, como era de esperar, a sua levantada missão, apesar de ter possuido, e possuir, na lista dos seus professores, alguns nomes illustres.

Em toda a questão do ensino publico no Districto da Horta ha muito, muitissimo, que fazer e abençoados aquelles que por esta verdadeira obra de misericordia envidarem quaesquer esforços, tentando rasgar a gelida mortalha da ignorancia que nos atrophia, varrendo para bem longe esta indiferença pelo cultivo das letras que se encontra, infelizmente, não só nas povoações campestinas, mas até mesmo no seio da cidade.

E o estado de atraso, ou de adiantamento da litteratura de qualquer localidade, sabem-no todos, como trivial noção, é o mais seguro barometro para conhecer da sua altura na senda brilhante do progresso.

A nossa escala, porem, marca ainda um grão demasiadamente baixo.

---

## ESCRITORES E HOMENS DE LETRAS

Tendo de mencionar na parte bibliographica destes apontamentos, embora bem incompetentemente, o nome de alguns bayalenses, ou de individuos que pela sua longa permanencia n'esta localidade, como taes são considerados, e que se dedicaram ao cultivo das letras, alguns em epochas até já um tanto affastadas, sentimo-nos possuidos do mais profundo respeito pela sua memoria e pelos valiosos esforços pelos mesmos empregados para alimentar n'esta ilha, quanto ao seu alcance, o amor pelas letras e a dedicação ao estudo, sem a qual até os mais privilegiados talentos nada podem conseguir, visto ser uma reconhecida lei da natureza que sem o trabalho jamais se pode levantar um edificio qualquer, como sem desbravar o campo da intelligencia humana, sem abrir cutinhos pelos seus fechados matagaes, sem fazer entrar a luz em obscuros antrons, sem dar muitos dias e muitas noites á compulsão de livros, ninguem pode inscrever o seu nome, mais ou menos brillantemente nos annaes da patria litteratura.

E que trabalho por vèzes, que immensa lucta, quasi sempre ignorada, para conseguir um insignificante resultado que seja!

Nos grandes centros de população, nas terras que possuem todos os recursos conducentes a desenvolver a intelligencia do homem, nas quaes mestres competentes, bibliothecas e convivencia litteraria, rasgam largos horisontes aos estudiosos, por ventura será menos ingrato semelhante caminho e mais promptos e aperfeiçoados os seus beneficos resultados, mas n'uma pequena ilha como a nossa, no isolamento do oceano, sem livros nem verdadeira orientação artistica, sem estímulo de sorte alguma nem esperanza de uma renumeração qualquer e privados de imprensa, pois que a sua tardia introdução no Payal data apenas de 1857, foi preciso uma grande somma de coragem e de apêgo á intrução popular, para que os nossos predecessores, e alguns d'elles brillantemente, deixassem apòz de si uma boa nomeada litteraria.

Não é muito trivial encontrar a arte somente pelo amor á arte.

Rospiguêmos, pois, neste campo safaro para taes commettimentos algumas flores agrestes, mas ainda assim cheias de vida, creadas nas nossas montanhas, valles e povoados e bafejadas pelo sopro d'esse magestoso oceano que nos circunda, confidente de todas as nossas alegrias e magoas.

Seguiremos n'estas indicações a possível ordem chronologica, n'um estado em que já podemos contar tres turnos differentes, a *vielle garde*, isto é, os escriptores e poetas da escola genuinamente anti-

ga, do tempo das mesuras, da gavota e do crava, á mingoa de termos aqui uma Arcadia; — os homens de ha uns cincoenta annos para cá, já eivados das idéas modernas, mas que ainda assim muito se compraziam com a *Joven Lilia* e com a *calsa da Rainha da Prussia* e finalmente alguns rapazes de incontestavel talento que, dando de barato essas antigualhas, tem apresentado ao publico, depois da introdução da imprensa na Horta, alguns apreciaveis trabalhos litterarios.

Comencemos pelo principio.

**ALEXANDRE FERREIRA DA SILVA** (D. Frei Alexandre da Sacra Familia). Como não é raro ir procurar-se o inicio de qualquer nação, maxime se esta se tornou illustre, em fabulosas origens, quando não despidas completamente de fundamento, ao menos assaz duvidosas, assim tambem em algumas familias, quer dos grandes como de insignificantes povoados, são conservadas tradições da sua origem, das quaes muitas vezes uma rigorosa investigação, se esta fosse possível, acarretaria consigo grandes desilusões.

E' melhor, talvez, deixar tudo isto n'uma meia obscuridade.

Um biographo, por exemplo, da familia Garrett, da qual temos agora que tratar, diz nos que descende a mesma da nobreza da Irlanda, a qual por motivos religiosos viera para a Hespanha e d'alli passou para Portugal, no anno de 1728, por occasião da princessa hespanhola D. Maria Anna Victoria, de cujo sequito fazia parte, vir partilhar o throno d'El-Rei D. José 1.<sup>o</sup>, isto para nos referirmos tão somente a uma epocha relativamente proxima e não irmos procurar aquelle apellido nas lendas de Limerick, nos Condes de Desanonia, ou na familia dos Geraldinos, como a este respeito menciona, mas não affirma, o notabilissimo academico o Sr. Francisco Gomes d'Amorim.

O que é um facto indubitavel é que no anno de 173..., uma senhora chamada D. Antonia Margarida Garrett, tida geralmente como natural de Madrid, casava em Lisboa com José Ferreira da Silva, nascido n'aquella capital e não açoriano, como dizem alguns escriptores e que por um motivo qualquer, que hoje ignoramos, veio este casal morar para a ilha do Fayal, em pouco favoraveis condições pecuniarias.

Residião no Paul, um acanhado e pouco convidativo sítio da Villa da Horta, baixo, sem vista do mar e que devia o seu nome a um charco, quasi permanente que a concavidade do mal calçado candelho formava, proveniente das agoas da chuva que para alli corriam d'outras ruas mais elevadas, e que n'aquella cova ficavam represadas.

Este local, consideravelmente melhorado e possuindo hoje algumas boas casas particulares, foi, modernamente, na gerencia do Governador Civil, Conselheiro Santa Rita, chrisrnado no Largo do Bispo D. Alexandre.

Ora, do consorcio de José Ferreira da Silva com D. Antonia Mar-

garida Garrett nasceram, todos no Fayal, quatro filhos, Alexandre, Manuel, Ignacio e Antonio, sendo este ultimo a quem a sorte destinava a gloria de ser pelos annos adiante pae do Visconde d'Almeida Garrett, que tanto nobilitou a patria litteratura.

De Alexandre Ferreira da Silva, mais tarde Bispo das dioceses de Malaca, de São Paulo de Louanda e d'Angra (nos Açores) é que temos aqui especialmente de tratar.

No registo parochial da Matriz do Santissimo Salvador, da Horta, na ilha do Fayal, pelo Ouvidor Domingos Pereira Cardoso, com licença do Parocho, está lançada a certidão de baptismo, de Alexandre, filho de José Ferreira da Silva e de sua mulher D. Antonia Margarida Garrett, o qual nasceu aos 22 dias do mez de Maio de 1737 e foi baptisado aos 2 dias do mez de Junho do mesmo anno, sendo padrinhos o Dr. Alexandre de Moura e sua mulher D. Isabel Maria, freguezes da mesma Matriz.

Em quanto novo, como quasi todos os rapazes da então Villa da Horta que desejavam de seu motu proprio, ou obedecendo á vontade paterna, aprender alguma coisa, foi a sua educação litteraria confiada aos frades franciscanos, depositarios ainda do monopolio do ensino e entre os quaes se encontravam a par de alguns homens boques, verdadeiros talentos da primeira plana, de incontestavel capacidade para o publico ensinamento e de notavel vastidão de conhecimentos, obtidos em vida azada para o cultivo das letras, no remanso da cella, izemptos dos baldões da vida e dos cuidados de prover á propria sustentação, quando os graneis da Ordem estavam a transbordar de cereaes, as adegas cheias de excellente vinho e a piedade dos fieis a presentear-os constantemente das primicias de quanto havia bom.

Que santa vida aquella!

Os methodos de ensino n'aquelle tempo, forçoso é confessar, eram pesados, morosos e pouco atrahentes, mas ainda assim deixavam a sua marca para toda a vida. Com um mestre que se presava de semelhante nome e que tomava a sério a educação de qualquer rapaz, não havia disciplina alguma que se aprendesse superficialmente, como não é raro actualmente acontecer, e a aprendizagem do latim se para annitos mancebos era uma especie de rochedo de Sisypho, que jamais conseguiam rolar até ao cimo da montanha, tambem para os mais talentosos tornava-se n'uma verdadeira sciencia, da qual conheciam todos os segredos, tendo em maior conta pronunciar um barbarismo, errar a terminação d'um cazo, ou a conjugação d'um verbo, do que perder um olho.

Chegaram até nossos dias alguns d'estes specimens.

Aconteceu vir a ser o mestre do pequeno Alexandre um amigo intimo e dedicado da sua familia, o Rev.<sup>do</sup> Fr. Ivo da Cruz, franciscano capucho, do convento de Santo Antonio, homem de vasta erudição e no isolamento da clausura sempre rodeado de livros, immanando

o seu culto pela instrução com o culto respeitoso que prestava á observancia das regras da seraphica religião a que pertencia.

Era um homem de bem este padre.

O rapasinho a quem elle começara a ensinar desde o A, B, C, ia-lhe enchendo as medilhas, perdoem-nos a comessinha maneira de dizer, era vivo, intelligente, aprendia bem e depressa e conseguio ler, escrever e *fazer contas* n'um periodo relativamente breve.

A ambição do frade capucho era vê-lo a braços com o terrível latim, ouvir-o a declinar substantivos, por que só então é que poderia decididamente couherer se d'alli se fazia *gentr*, ou não.

A prova foi favoravel ao discipulo, no mar cavado dos nominativos d'aquella difficil lingua, na conjugação dos seus verbos e na subsequente syntaxe, o pequeno Alexandre, qual fragil chaveco, embora uma vez por outra mette-se a borda debaixo d'agua, ainda assim não atirava a carga ao mar e navegava a todo o panno para esse vasto oceano onde ha varios recifes e um alteroso promontorio denominado—Horacio.

D'aquellas paragens, verdade seja, já se goza um vasto horizonte.

Passados alguns annos, Fr. Ivo da Cruz declarava a todos, alto e bom som que já não tinha mais nada que ensinar ao seu discipulo e que era realmente pesar que um *talentão* d'aquelles não sabbisse da ilha para cursar estudos superiores, nos quaes, com os elementos que já possuia, era possivel tornar-se assaz distincto.

Esta idéa apoderou-se, completamente, do frade capucho, sendo o thema favorito das suas conversas, quando o seu ex-discipulo o ia visitar e instando com o pae d'este, nas poucas vezes que descia á Villa, por ser já entrado em annos, para que mandasse o rapaz para fóra da ilha a aprender o que elle não lhe sabia ensinar.

Pesar tinha elle de o não poder acompanhar, mas já fraco, os poucos annos que talvez lhe restavam de vida queria-os passar na quietação do seu querido convento.

E, effectivamente, o mosteiro de Santo Antonio, para genios meditativos, devia ter atrahentes predcados.

Ergue-se aquella elevada construcção n'um pequeno oiteiro, ao fundo da povoação da Horta, que domina em grande parte, e era então todo cercado de pomares de laranjeiras, odoríferas na primavera e durante a maior parte do anno revestidas de abundinos pomos vermelhos, que se destacavam sorridentes por entre a vigorosa, verde-escura, folhagem dos seus ramos.

Alteroso, tanto devido ao sitio em que foi edificado, como pelo lançamento dos seus muros, a vista que se goza de qualquer janella de Santo Antonio é realmente encantadora e como honens atilados andaram os franciscanos, quando de posse de semelhante propriedade a destinaram para um eremitario de recolectos.

A construção primitiva d'aquelle edificio datava apenas do anno de 1700, em que a piedade d'um fayaense, o capitão Antonio Silveira Linhares, mandara construir junto d'uma propriedade que possuia n'aquelle sitio uma pequena ermida, tendo adjuncta uma moradia aonde se podiam albergar uns cinco religiosos, para manutenção dos quaes fez importantes doações.

Aquelle retiro de cenobitas, porem, á proporção que a ordem franciscana foi obtendo maiores recursos e importancia e devido principalmente ás esmolas que um seu filho foi angariar no Brazil, voltou-se em poucos annos na espaçosa construção que ainda actualmente subsiste, sendo a ermida transformada n'uma soffivel egreja e o convento augmentado em todas as suas dependencias.

Defronta livremente com o mar e com a magestosa ilha do Fico, desassombrado da proximidade de casarias, livre do bulicio do mundo e voltado ao nascente, alevanta-se airoso e do seio de copados arvoredos e a vida monastica devia alli correr aprazivel e socegada, a julgar pela immensa affinidade do sitio que habitamos, com os pensamentos que nos povoam a mente, ou animam a alma.

Um dia em nome da Liberdade fecharam-se as portas d'aquelle egreja, depois de a haverem despojado dos ornamentos que possuia, foi profanada e sentenciada a destruição, chegando a tal ponto o seu abandono que, roubadas as portas, para lenha, no seu interior guardavam animaes!

Era um completo monturo.

O convento, á mingoa de religiosos servio por alguns annos de hospital militar, depois de hospital civil e mais tarde pela transferencia d'este para mais espaçoso local, foi aproveitado para um pequeno theatro de curiosos, até que em 1857, durante a gerencia do Conselheiro Santa Rita, como Governador Civil d'este Districto, conseguiu esta illustrada authoridade, coadjuvado por diversos fayaenses crear n'aquelle recinto um azylo para creanças desvalidas do sexo feminino.

Por essa occasião a egreja foi de novo reparada e restituída ao culto divino, se não com riqueza ao menos com toda a decencia, tanto faz a boa vontade e iniciativa de quem como empregado do governo e como particular sabe cumprir o seu dever.

No tempo, porém, a que nos referiamos, isto é, por meados do século 18.º, não passava a ninguém, pela mente semelhantes transformações, a ordem franciscana estava então, aqui, em todo o seu auge de prosperidade e o hospicio de Santo Antonio promettendo existir pelos seculos adiante, dando successiva moradia aos filhos da religião seraphica, como n'um valente tronco sã, periodicamente, renovadas diversas camadas de folhagens.

Para o bondoso Fr. Ivo da Cruz é que o inverno, ou para melhor dizer, a morte, já lhe andava proxima e esperava cahir socegradamente



por terra, como nas proximas cercanias cabiam, por vezes sem sequer um tenne sopro da brisa, as amarellecidas folhas das nogueiras, ou dos platanos.

Conseguiu, ainda assim, que o seu discipulo fosse para o continente, como tanto desejava.

E não era isto facil empreza para os limitados recursos pecuniariorios de que podia dispor José Ferreira da Silva, mas attendendo á vocação do filho para os estudos e vida ecclesiastica, deliberou ir, com a sua familia viver para o Porto, em quanto o seu rapaz cursasse a Universidade de Coimbra, pois assim mais de perto o podia vigiar e prover ás suas necessidades, com maior economia.

Não teve que arrependder se d'estes sacrificios, perquanto Alexandre Ferreira da Silva tornou-se um academico distinctissimo, formando-se em philosophia e entrando, em seguida para o convento de Nossa Senhora dos Anjos de Brancanes, em Seihbal, no anno de 1761 e alli professou em Junho do subsequente anno.

Desde essa epocha em diante é bem conhecida a vida e os serviços á patria, prestados por esse distinctissimo fayalense, verdadeira gloria do clero portuguez.

Homem de singular virtude, vastissima erudição e comprovada humildade, os elevados cargos para que foi, successivamente, nomeado, bem attestam dos seus meritos e aptidão.

A Academia Real das Sciencias, de Lisboa, inscreveu-o no numero dos seus prestimosos socios, tanto mais que uma viagem que fez, a pé, a Roma, mais lhe apuron o seu decidido e muito notavel gosto pelas artes e lettras.

Em 1781, governando a Senhora D. Maria 1.<sup>a</sup>, era eleito Bispo de Malaca, aonde não chegou, porem, a ir, sendo transferido para egual cargo, em São Paulo de Loanda, para aonde seguiu e aonde se demorou durante alguns annos.

Por desgostos que soffreu n'aquellas affastadas paragens, regressou de sen motu proprio a Portugal, indo acolher-se de novo ao mosteiro no qual professara e d'alli, passado algum tempo, foi reunir-se a parte da sua familia que então vivia na ilha Terceira, um irmão sen e cunhada.

Por fallecimento do Bispo D. José Pegado, occorrido na ilha de São Miguel, em Junho de 1812, partio D. Fr. Alexandre, dos Açôres para o Rio de Janeiro, aonde então se achava a côrte portugueza, a solicitar o governo espirital da diocese d'Angra, no qual foi provido regressando a Angra, mas vindo somente a ser confirmado, em consequencia de questões com o cabido e estorivos da Santa Sé, no anno de 1816.

Pouco tempo, contudo, tinha de durar o seu governo, pois que enfermado, veio a fallecer na cidade de Angra no dia 22 d'Abril de 1818, com oitenta e um annos de idade.

A seu respeito, escreveu o Sr. Gomes d'Amorim, que pela protecção que dispensou aos do seu sangue, fôra o *anjo bom* da sua família.

Como litterato deixou o Rev.<sup>do</sup> Bispo um livro de devoção ás Dôres de Maria Santissima e diz-se que muitas outras composições, que desapareceram depois de sua morte, entre as quaes abundosas poesias e alguns escriptos asceticos.

A maior gloria, porem, de D. Fr. Alexandre da Sacra Familia foi ter sido o mestre de poetica do seu sobrinho João, filho de seu irmão Antonio Bernardo da Silva, casado com D. Anna Augusta de Almeida Leitão, e que mais tarde se tornou o immortal Visconde d'Almeida Garrett.

Preceptor classico e devotado, adestrou o joven poeta n'aquella vernaculidade e purêza de linguagem em que tanto primou o celebre author da D. Branca, rezando este, porventura, a severidade da phrase bebida n'aquella fonte com o atticismo especial e muito seu, que lhe fornecia a posse d'um exuberante talento, como na vasta e imponente columnata de um templo construido de rijo porphydo, podem ser entrelaçados minuosos festões de verdura, semeados de frescas e delicadissimas flôres do campo, ou como n'uma urna de finissimo giro o cinzel d'um artista portentoso, como Benevenuto Cellini, pode lavrar os mais admiraveis arabescos.

O talento em certas familias é como um legado precioso e cuidadosamente guardado, que vae passando de paes para filhos, até que uma circumstancia qualquer determine a sua appareição no campo da publicidade, muitas vezes é a scintilha de uma revolução politica que, atravessando o espaço, vem incender os animos e romper a prisão, os hames, o convencionalismo em que se occultava o genio, fazendo do desconhecido da vespera um heroe da madrugada seguinte, outras, a evolução do progresso, o abençoado calor d'um provido e propicio sol, abrindo naturalmente e na hora marcada pela Providencia o envoltorio que occultava á humanidade, durante largos periodos, uma flôr d'alta valia, uma verdadeira gloria nacional.

Tambem, no interior da terra, desconhecida e ignorado, o diamante jazen por muito tempo até adquirir a sua scintillante purêza, ou a perola permaneceu no fundo sombrio do mar, entre musgos e algas, até se volver em preciosa genuina.

Os lentos trabalhos da natureza, afferidos pela brevidade da nossa existencia, gastam seculos até chegar á perfeição, são o desenlace de uma serie de phenomenos, o producto de successivas transformações, o remate de um edificio que tem profundos alicerces e que se alevanta de gradação em gradação até subir ao espaço, elevando-se, por vêzes, a altura tão grande, que é avistado do mundo inteiro, desafiando a eternidade, como Camões, para mencionarmos, apenas, aqui, um patrio exemplo.

A grandeza da arvore corresponde, necessariamente, a extensão das raízes.

Foi, até certo ponto, o que acontecen com relação ao Visconde de Almeida Garrett; os thesouros de sabedoria ajuntados pelo tio Bispo, passaram-lhe indivisos para as mãos e d'elles se servio largamente, não firuando com o seu nome os escriptos do seu venerando parente, mas aproveitando o muito oiro de lei que do mesmo recebera, para fundir obras n'um estylo do qual, só elle, em Portugal, tinha o segredo, como o Fr. Luiz de Souza, D. Branca e as Folhas Cahidas.

Faça o mesmo quem para tanto tiver folego.

**FR. THOMAZ DA SOLEDADE** (por alcunha o P.<sup>o</sup> Gallo) — Nasceu este erudito fayaense na Villa da Horta, em 1758, vindo a fallecer, como P.<sup>o</sup> Mestre desfinidor, no convento de São Francisco, ao qual pertencia, no inverno de 1823.

Foi distincto poeta e orador de fama.

A sua estatura elevada e robusta, voz forte e sonôra e animada gesticulação, tornavam-no uma especie de Mirabeau dos pulpitos fayaenses; se, alli, derrubava as heresias com meia duzia de vehementes apostrophes, tambem no seculo não poria muita duvida, talvez, de correr a socco qualquer hereje.

Era homem de vasta erudição e por vezes satirico.

Conta-se d'elle que estando a ouvir o sermão de um novel pregador e quando este se espraíava em mysticos devaneios, o P.<sup>o</sup> Gallo, como era vulgarmente chamado, meneando a cabeça em signal de approvação, dizia aos companheiros, que lhe ficavam mais proximos:

— Muito bem, muito bem, admiravelmente, aquillo é de S.<sup>to</sup> Agostinho sem tirar nem pôr!

O orador continuava na sua doutrina e tratava agora de mais positivos assumptos.

O P.<sup>o</sup> Mestre disse ainda, da mesma forma.

— Excelente trecho, aquelle rapaz promete muito, aquillo é tudo de São João Chrysostomo, sem a minima alteração!

A este tempo, porem, um cão ladrou no interior da igreja e de maneira tal que não deixava o pregador proseguir, e este, perdendo a paciencia, exclamou para o sacristão que estava a ouvir-o, arrumado a uma das ombreiras da capella môr:

— O' Fr. Manuel, enxotai aquelle cachôrrro para a rua, isto não se pode aturar!

Ao que o Fr. Thomaz da Soledade accudio logo:

— Aquillo agora é que é d'elle, é d'elle tudo, vou jural-o sobre uns Evangelhos.

Procurado para subir ao pulpito em quasi todas as festevidades

de maior luzimento, Fr. Thomaz da Soledade deu sempre prova d'um espirito atilado e de notaveis dons oratorios.

Uma unica vez, conta-se, que por culpa sua ou alheia, não levou a barca da fé a porto seguro.

Foi pelo tempo que meedia entre o sabbado de Alleluia até domingo do Divino Espirito Santo.

Naquelle epocha do anno as mascaradas eram a ordem do dia para a alegre sociedade Hortense e algumas effectuadas com grande pompa.

Para a direcção dos negocios attinentes a tão momentoso assumpto, em cada anno era escothido um dos homens mais importantes da localidade, que ficava investido no cargo de Mordomo dos Mascarados.

Esta honraria acarretava consigo, inevitavelmente, umas determinadas despesas, a caza do Mordomo tornava-se o quartel general da mocidade da Horta, d'alli é que sabiam as encamisadas e danças, sendo tambem alli que se planeavam, entre a sobremesa e o café, os bandos e pitherias com que de domingo a domingo se alegraria o povo.

Bôa gente aquella!

Isto era muito mais innocente e proveitoso do que a hodierna reunião de qualquer comicio politico, para tratar da eleição d'algun estapafurdio regedor.

Resam tambem as chronicas que as freiras do convento da Gloria sympathisavam altamente com os mascarados e que até na espagosa cerca do seu mosteiro chegaram a fazer *burricudas*, nas quaes, ainda assim, só entravam alvarias asininas do sexo feminino, fornecidas pela freguezia do Capêllo, aonde abundava uma raça muito mansa e de pequenas proporções.

Acrescia, tambem, que n'uma das domingos d'aquelle tempo de folia, era uso muito antigo haver na egreja do convento uma luzida festividade em honra de Nossa Senhora da Conceição, á qual concorriam, vistosamente uniformizados os rapazes finos da localidade, imitando um terço de infantaria, com as suas fardas azues avivadas de galão dourado, calça branca com listas vermelhas, barretina e grande penacho e espingarda de pederneira ao hombro.

Esta *Companhia* de mascarados destacava uma guarda para junto do altar mór e postava-se em duas alas, pelo centro da egreja, desde o cruzeiro até proximo das grades do côro de baixo, então repleto de famulas, como o côro de cima estava cheio de freiras, noviças e educandas.

Um verdadeiro enxame de mulheres e muitas d'ellas formosissimas.

Terminada a solenne missa, a *Companhia* dava tres descargas no atrio do templo e depois estes guerreiros d'ocasião iam para os parlatorios do convento, a convite da reconhecida comunidade, fazer

uma grande carnificina em grandes alcátras, assadas a valer, à antiga portugueza, em gallinhas e perus recheados, delicados doces e dazias de botellas de saborosos e purpurinos vinhos do Pico, que espadanavam por toda a parte.

Depois, os que podiam, regressavam em ordem de marcha até ao já citado quartel general, ao rufar dos tambores e seguidos de uma irrequieta turba de gente do povo e de quanto gaito havia no lugar.

Ora, n'uma d'essas vézes, desejando as freiras um sermão de troz, haviam incumbido o P.<sup>o</sup> Mestre Thomaz da Soledade, e isto com a necessaria antecedencia, para subir ao pulpito em tão rasgada festa.

Quando chegou o designado domingo o P.<sup>o</sup> Gallo, antes de ir para a igreja foi ao parlatorio cumprimentar a madre abbadessa e esta caritativa senhora, querendo alentiar o seu pregador, mandou vir, por duas fanulas, uma boa porção de tenro lombo de porco, torresmos, biscoitos e vinho de estufa, em abundancia.

O P.<sup>o</sup> Gallo, a dizer a verdade, achou aquellas viandas tão bem preparadas e o liquido tão tentador que metten-se mais do que a prudencia aconselhava, por semelhança refeição.

Quando sahio do parlatorio a festa estava quasi a começar e elle sentia-se folgassão e radiante; e botando da sacristia a cabeça para o camarim, affirmava, entusiasmado, que nunca vira maior porção de luzes na sua vida!

A missa começou, e ao Evangelho, o padre pregador subio sorridente os degrãos do pulpito.

A igreja estava litteralmente apinhada de devotos e de mascarados, e lá no fundo, atravez das grades, os alvos vens da comunidade branquejavam alegremente nos dois coros, o de cima todo baulhado nas ondas de luz que lhe entravam pelas suas tres rasgadas janelas.

Fr. Thomaz da Soledade, com o aspecto imponente de que sabia dispor, persignou-se em voz alta e pediu uma Ave Maria e quando findou esta breve invocação, que proferio ajoelhado, ergueu-se, medio com a vista todo o attento auditorio e em vez do esperado e usual thema em latim, começou a bailar, dando estalidos com os dedos, como na popular Chamarita, requebrando-se ora para um ora para o outro lado e exclamando a cada volta:

— Vivam os mascaradinhos de Nossa Senhora, vivam!!..

Um escandalo.

Ninguém, n'aquelle dia lhe ponde sacar dos labios outras palavras.

Cortou o ridiculo d'aquella scena, por quanto o povo ria a bom rir, o officiante, erguendo-se do seu assento, dirigindo-se para o altar, e entoando o Credo, com quanta força tinha.

Até aos melhores oradores, diga se a verdade, pode isto acontecer.

Averiguado bem o caso, a culpa fôra da madre abbadessa, pois

que até o proprio santo Antonio não foi livre de tentações, em quanto n'este mundo permaneceu.

De Fr. Thomaz da Soledade muito poucas composições litterarias chegaram até nós, devido á falta de imprensa, bem como ao descuido dos seus patricios e companheiros, do que resultou desaparecerem quasi todos os seus trabalhos religiosos ou profanos.

No «Gremio Litterario», periodico quinzenal, mantido, na Horta, pelo Gremio Litterario Fayalense, desde 15 de Maio de 1880 até 1.º de Novembro de 1884, no seu n.º 8, vem publicadas duas mimosas Glosas d'este poeta, que foram dedicadas a uma formosa educanda do convento de São João, D. Violante Quadros da Silveira e as quaes muitos versejadores da actualidade não desdenhariam de assignar.

Tratam de assumptos amorosos.

A julgar por semelhantes specimens, possuia um estylo aprimorado e facil, desprendido de severidades monasticas, ou de resaios de sachristia.

A familia de Fr. Thomaz da Soledade, parece-nos haver se extinguido na Horta, pois que as duas unicas irmãs que teve falleceram solteiras.

### O DR. MANUEL IGNACIO DE SOUSA SARMENTO.

—Se acazo o leitor d'estes rasteiros apontamentos alguma vez esteve na cidade da Horta, não deixou, com certeza, de visitar, n'um oiteiro, ao lado do norte da mesma, as ruinas do Pilar, isto é, os desroços que ainda restam de pé d'um formosissimo palacete que alli houve, circundado de jardins, elegante na sua construcção e rico de bom gosto, até nos seus minimos detalhes, como ainda attesta aquelle esqueleto, que a acção devastadora do tempo não conseguiu tornar disforme, apesar da sua nudez e abandono.

As ruinas do Pilar chamam, desde logo, a attenção de quem aqui aporta e tem pittoresco aspecto aquelles muros, portadas e janellas desguarnecidas, mas nas quaes as caridosas e pobres flores agrestes e sem cultivo, tentam, na estação estiva ostentar os seus humilhes encantos, abotoadas em sorridentes cachopas, ou abrindo os seus calices brancos, vermelhos, ou amarellos, a par de festões de hera verde escura e valente, como se as plantas comprehendessem melhor do que o homem a poesia d'aquelle retiro, o esmero com que fora feita aquella construcção e o triste desamparo em que afinal ficou um sitio que se tornou celebre n'esta ilha, tanto pelo distinctissimo fayalense seu proprietario, como pelas brilhantes festas que alli se deram.

A casa do Pilar foi, indubitavelmente, a primeira, a mais elegante moradia d'esta ilha e o panorama que gozâmos d'aquella eminencia é esplendido e arrebatador.

Erguida aquella construcção n'uma ingreme encosta e quasi no ci-

mo de um monte, dominava perfeitamente a *val-d'oiseau*, a extensa povoação da Horta, que se estende a seus pés, com esse atrahente aspecto que lhe é peculiar e com a sua branca casaria irrompendo do seio de pomares e jardins que descem até ás proximidades do mar.

Defrontava, sem o menor estorvo, com o immenso horisonte do sul, com as agoas d'esse vasto e caprichoso oceano que rola as suas vagas azues e vividas quasi até á fralda d'aquella elevação, quebrando-se no comprido areal, formando, como dizia Alfred de Masset, *une longue frange d'argent*.

A leste, a grandiosa ilha do Pico, com o seu severo aspecto e magnificas cambiantes, ao pôr do sol, umas vezes revestida de alvos mantos de neve, outras, a meio, com uma cinta de nuvens, mas erguendo unito alem o seu cume descajado e nu, tingindo de rubros reflexos, como se fosse coberto de laminas de metal ainda mal arrefecidas dos trabalhos vulcanicos, das ribeiras de fogo que devem debater-se no seu interior e que ainda fumegam atravez de fendas de 2.412 metros d'altura.

As cercanias da casa do Pilar eram um mar de verdura e dentro dos muros que delinearam aquella propriedade, haviam formosos e esmerados jardins, estatuas, valiosos trabalhos em marmore represas d'agua apresentando vistosos effeitos, floridas aleas de plantas raras e de dispendioso cultivo e animaes e aves, mandados vir, como curiosidade, de remotos paizes.

No interior da habitação o luxo correspondia com o que acabamos de descrever, era uma vivenda principêscas e hospitaleira, com amadados banquetes, saráus e outras diversões, tanto para a sociedade elegante da Horta, como para os estrangeiros que, então, aqui aportavam em muito maior numero do que actualmente.

Foi um homem feliz o dono do Pilar e se jamais lhe escassearam os bens da fortuna, com que satisfazia os desejos do seu genio empreendedor e atilado e se na Horta gosava da maxima consideração, como um dos primeiros proprietarios da sua patria, tambem a nobreza do talento veio-se lhe reunir á nobreza do sangue, compondo bons versos e diversos trabalhos litterarios. fructos do seu estudo na Universidade de Coimbra, do seu amor pelas letras e das inspiradoras scenas que gosava na sua vasta e magnifica moradia, ao lado de uma esposa querida e de filhos que idolatrava.

Possuia ainda uma selecta bibliotheca, que deixava a perder de vista a dos frades de São Francisco, apesar de muito numerosa, e a dois passos da sua residencia, com missa ao domingo, uma ermida dedicada á Virgem do Pilar, fundada pelos seus antepassados.

Effectivamente, devia dar graças a Deus da sua sorte.

O Dr. Manuel Ignacio de Souza, a quem nos estamos referindo, nascera na villa da Horta, no anno de 1739, sendo seus paes o abastado proprietario e commerciante Domingos de Souza e Silva e D. Bar-

bara da Trindade, familia afidalgada e que vivêra sempre á lei da nobreza.

Domingos de Sousa e Silva era morgado, mas ao envez do que geralmente acontecia, sendo um homem esperto e sensato, esmerou-se em dar uma selecta educação aos tres filhos que tinha Antonio de Souza e Silva, herdeiro do vinculo. João José de Souza, que tomou ordens sacras e Manuel Ignacio de Souza que se formou em direito na Universidade de Coimbra.

Depois d'um brilhante curso e obtida a respectiva carta, regressou para junto da sua familia, casando pouco depois com sua sobrinha D. Luiza, filha do irmão mais velho, estabelecia aqui com o outro irmão clérigo, que para tanto obteve licença de Roma, uma muito importante caza de commercio, em vinho do Pico, que eram exportados para os paizes do norte da Europa, caza esta que desenvolvendo um grande trafego chegou a ter sete navios seus, segundo um escripto que temos presente.

A fortuna foi sempre prospera para a firma de que usavam, engrossando-lhe consideravelmente os já abundosos haveres e annos depois vindo a fallecer o P.<sup>o</sup> João José de Souza, legava ao seu consócio e irmão quanto dinheiro ajuntara.

Em seguida a esta occorrença, o Dr. Manuel Ignacio de Souza liquidou os seus numerosos negocios, retirando-se do commercio e entregando-se exclusivamente á administração das propriedades que possuía e ao cultivo das Muzas, estabelecendo-se definitivamente na sua moradia do Pilar.

Raras vezes d'alli sahia, a não ser por obrigação d'alguns cargos da governança da terra, dos quaes, a seu pesar o investiam. Nessas occasiões descia sempre á villa de cadeirinha e está ladeada de criados de libré.

Falleceu em 1802, contando então 63 annos de idade e bemquisto e respeitado por todos.

Do seu consorcio ficaram quatro filhos e tres filhas, para os quaes não sorrio a fortuna, como ao seu illustre progenitor.

Do Dr. Manuel Ignacio de Sousa chegaram até nós algumas poesias, das quaes conhecemos, publicadas, umas oitavas e um soneto no n.<sup>o</sup> 28 do periodico «Gremio Litterario», correspondente a 13 d'agosto de 1881 e uma *Ode* no n.<sup>o</sup> 33 do mesmo, correspondente ao 1.<sup>o</sup> de Novembro, tambem de 1881.

N'estes trabalhos e no pouco que do mesmo author existe ainda inedito admira-se um estylo torso e não vulgar engenho, sendo muito para lamentar que por imperdoavel desleixo, não houvesse um curioso, um amigo ou um parente que n'aquella epocha colleccionasse os escriptos de tão erudito fayalense.

Isto mesmo aconteceu, aqui, com a maioria dos trabalhos que produziram os nossos homens de letras e o mais que consegue hoje res-



pigar qualquer investigador de antigualhas, são pequenos fragmentos que sabe de cór ou que lhe fornece um ou outro homem edoso.

Devemos também mencionar que uma Ode do Dr. Manuel Ignacio de Souza, já acima indicada, que se refere ao Pilar e n'a qual se encontram estes deliciosos versos:

*Aos verdes montes do Pilar subindo  
Estendo por te ver os olhos tristes,  
Mas não te avisto e só vou descobrindo  
O sitio venturoso onde existes.  
Chamo por tí, e tu a meus gemidos  
Voltas a face, cerras os ouvidos!*

foi o primeiro trabalho typographico que, em 1857 se compoz n'esta ilha, como um ensaio, ou experiencia de trabalhos de prelo.

A composição e tiragem d'esta Ode foi effeituada por Manuel de Brum Athayde, um rapaz de muito estudo e amor ás letras e que veio mais tarde a fallecer, como professor de latim, na Villa da Magdalena, na ilha do Pico.

Teve excepcional circulação aquella poesia, pela curiosidade de vermos, na Horta, um papel aqui impresso, euhora muito incorrectamente e parecendo ser estampado em vez de typo, com cabeças de pregos, como passados mais de vinte e quatro annos, ainda a respeito d'um dos nossos periodicos dizia na sua linguagem pittoresca e humoristica Henrique das Neves, militar e escriptor distincto.

A maioria dos trabalhos litterarios do Dr. Manuel Ignacio de Souza desapareceram, para sempre, no meio do indifferentismo dos seus conterraneos e da sua esplendida residencia apenas restam uns muros e excavações, nos quaes as tempestades do inverno gemem lugubremmente. Até o regular e verde oiteiro em que assentava perdeu os seus contornos, estando hoje disforme e o seu cimo, convertido n'um grande barreiro.

Tudo aquillo cabio aos pedaços!

**VITALIANO JOSÉ BRUM DA SILVEIRA.** — Foi poeta distincto e um verdadeiro D. Juan d'esta terra d'Yvetot.

Compunha com equal facilidade poesias patrioticas e altisonantes, como versos para bandos de mascarados e trovas para cantar á guitarra, em noites estivas, por baixo das adufas das elegantes fayaleus-ses do seu tempo.

Gosava boa nomeada como poeta e excellente acolhida entre a gente do povo com a qual se familiarisava, sendo effectivo em todas as folgas em louvor do Divino Espirito Santo.

Vitaliano José, embora passasse no Fayal uma grande parte da sua existencia, era de Coimbra, filho natural do notavel fayalense o doutor em canones João José Paim Brum da Terra Silveira Leite, sobrinho este do arcebispo de Goa D. Antonio Taveira de Neiva Brum e Silveira alli havia nascido o nosso verzejador pelos annos de 1745 a 1750, approximadamente, quando o estudante de theologia cursava a Universidade.

O dr. João José Paim, embora d'um genio taciturno e reservado, foi homem de vastos conhecimentos, nobre estirpe e de decidido gosto pelas letras, produzindo diversas composições poeticas e traduzindo esmeradamente as obras de Virgilio, pois que era um latino profundo.

O seu filho *apanhadigo*, como diz o povo, que elle trouxera ainda pequeno, de Portugal para os Açores, quando terminou a formatura, se verdadeiramente divergia muito do pae por possuir um genio alegre, folgasão e amigo de divertimentos, ainda assim herdara-lhe a *boca* da poesia, com que ainda em verdes annos e com grande gaudío das raparigas e freiras, começou a dar evidentes provas.

Pelo casamento do dr. João José Paim, na ilha Terceira, com D. Marianna Victoria de Noronha, dama da primeira nobreza d'aquella terra, considerada então como a côrte das Açores, veio este a ter de semelhante consorcio uma unica filha, a futura e muito virtuosa Baroneza da Lagôa D. Francisca Paula da Terra Brum, cazada com o bondoso morgado José Francisco da Terra Brum, do qual já largamente tratámos no segundo volume d'esta obra.

Foi um magnifico recurso para o genio espairecido do poeta Vitaliano ter por cunhado o morgado Terra, por quanto se o caracter sério e um pouco austero do pae, apesar de lhe querer muito, não lhe dava largas a reiterados pedidos de dinheiro, com o morgado não lhe acoatecia o mesmo, sendo seu amigo e approximadamente pela mesma idade, dispondo o poeta largamente do dinheiro, e não era pouco, que este possuia, para se divertir em ruidosas patuscadas, em partidas campestres e em amindadas romarias.

Contou-nos um muito antigo escrevente da antiga casa do morgado Terra que, no seu tempo, quando o Sr. Vitaliano, precisava de dinheiro, entrava pelo escriptorio do morgado dentro e alli mesmo, á vista do cunhado, *limpara* quantas moedas elle tinha sobre as mezas, ou recebia os fôros d'alguem emphyteuta que alli viera desobrigar-se dos seus onus.

Era questão de fortuna, de occasião.

Despreocupado assim dos meios de prover á sua subsistencia, as Musas e a guitarra foram-lhe na mocidade inseparaveis companheiros.

Depois da morte do pae, occorrida no anno de 1800, o poeta Vitaliano, n'uma digressão á ilha de São Miguel alli enamorou-se de uma senhora da familia de André Manoel da Ponte com a qual casou refor-

mando desde então a sua muito airada vida.

Já não era sem tempo.

De Vitaliano José Brum da Silveira existem ainda hoje diversas poesias de incontestavel merecimento, havendo das mesmas publicado «O Gremio Litterario», quatro odes, uma elegia e dezeseis sonetos, nos seus numeros 23, 24, 26, 27, 29, 30, 32 e 34, do primeiro e segundo volume, desde Maio de 1881 a Novembro do mesmo anno.

Não podêmos averiguar a epocha do seu fallecimento, nem se occorreu n'esta ilha, ou em São Miguel, d'onde era a consorte.

Parecerá, porventura, estranho ao leitor que, com relação aos poucos escriptos que dos antigos poetas fayalenses mencionámos, tenhamos de citar amindadas vezes o periodico «Gremio Litterario», como o usual *repositoir* d'essas flores que nos acarreitou a torrente dos tempos.

Tem isto uma razão de ser, muito simples.

Havíamos já, e a muito custo, conseguido colleccionar alguns, ainda que raros trabalhos, dos antigos homens dados ás letras na Horta, quando uma vez, estando então a nosso cargo o periodico mantido pela associação «Gremio Litterario Fayalense» desde 13 de Maio de 1880 até o 1.º de Novembro de 1884, nos veio parar á mão um verdadeiro alfarrabio, descachido, velho, amarello e cheio de pó.

Era um consêiro, ou livro de assentos, do fallecido beneficiado da Matriz da Horta o Rev.<sup>do</sup> Ignacio da Silveira Bettencourt, homem dado a letras e muito curioso de antiguidades açoricas.

Comecei, com avidez, a ler aquella verdadeira miscetanea de coisas sacras e profanas.

Continha este manuscripto a par de um registo das missas que o consciencioso sacerdote tinha a dizer, ou ia dizendo, (e não augmentava na conta, honra lhe seja) de quanto lhe custava cada retelho ou pintura da sua habitação modesta, de alguns commentarios intimos do pouco que lhe davam por cantar nas Endoenças, dos presentes de cestas d'uvas no verão, etc., algumas poesias da gente do seu tempo e a narração de diversos factos mais ou menos escandalosos n'esta localidade occorridos.

Alguns commentarios mostram ser d'um homem de espirito atilado.

Abrimos, pois, com semelhante achado, uma secção especial, sob o titulo de «Antigualhas», no «Gremio Litterario», tratando por esta forma de conservar, quanto ao nosso alcance essas composições, para não lhes acontecer o mesmo que acontecer a grande copia de manuscriptos de escriptores fayalenses, que hoje não é possível encontrar.

Na imprensa periodica d'esta ilha não nos consta que fossem publicadas, ou reproduzidas, sendo este o unico motivo pelo qual nos referimos mais especialmente áquelle quinzenal.

Apesar da limitada tiragem do «Gremio Litterario», como aconte-

ce a todas as nossas folhas, ainda assim um ou outro colleccionador é possível que o conserve e conjunctamente as poesias a que nos referimos, que algum valor tem para os estudiosos.

O Rev.<sup>do</sup> Ignacio da Silveira Bettencourt tambem versejava o seu bocado, mas, realmente, aquillo era mais prosa ebata e conesinha do que inspiração das Musas. Constavam quasi sempre as suas composições, n'este genero, de agradecimentos aos presentes que lhe faziam, especialmente quando estes constavam de perus, que nunca levavam em troco menos de tres quadras, em encomiasticos termos.

Era uma especialidade do bondoso e muito reconhecido Beneficiado da Matriz.

Chamou-nos, tambem, a attenção no prosegimento da leitura d'aquelle manuscripto a seguinte carta, cujo autographo alli se achava cuidadosamente collado n'uma pagina em branco e originalissima na idéa, forma e dizer:

«Primo e Senhor Padre Beneficiado.

«Candelaria do Pico, 24 de Março de 1849.

«He do dever da Sevelidade a quem se auzenta o participar os successos da sua viagem e tambem os da Amizade, essa força Activa, essa Antipatia gostosa, que faz com que os entes de uma mesma Especie se congratulem e se estimem, por um estímulo que força a Amarear-se, com sinceridade nnesta e decente. Parece ser umas emanações do Creador, que exerce sobre nós e faz com que olhemos para uns Sojeitos com muita attenção, mas pessoas em quem se reconheça uma alma modelada á beneficencia e á magnanimidade, hauna alma cujos sentimentos, nobrez e elevados pensamentos tem sobre os outros hum suave Imperio e os sujeita voluntarios a congratular-lhe a sua estima.

«Atributos que reconheço em a pessoa do Primo, motivo porque essa força me faz obrigado a participar-lhe o bem succedido de minha viagem com minha familia, que foi a mais breve possível, a mais bo-uancosa, que esperar podia nas circumstancias do tempo.

«Receba o primo muitas Recommendações de minha Tia e as mesmas mandão fazer á Sua Familia. E as minhas para com o Primo são sem fim.

«D'este Seu amigo e Primo

«A. F. de Mattos.

«P. S.

«En eston Proximo a hir a essa terra do Fayal e então fallaremos.»

O que lhe responderia o padre?

**JOÃO PEREIRA DE LA CERDA.** — Foi um trabalhador infatigável e porventura o primeiro, o mais inspirado poeta que o Fayal tem produzido.

Nasceu este notável açoriano na villa da Horta, aos 12 de Agosto de 1772, sendo filho de Joaquim Pereira de la Cerda e de sua consorte D. Emerenciana Dorothea Bruni da Silveira.

Diz o Commendador Macêdo, n'um artigo que temos presente, descender aquelle talentoso fayalense d'uma familia hespanhola, o que parece confirmada pela maneira por que escrevia o seu appellido, as indagações, porém, a que a este respeito procedemos deixam isso em duvida e somente nos levam a crer que os de la Cerdas, ou Lacerdas, tão abundosos no Fayal, provêm todos do mesmo tronco, sem que houvessem com este nome duas familias de differentes nacionalidades.

Aos trinta e dois annos de idade, em 1804, casou João Pereira de la Cerda com sua prima D. Francisca Victoria Côrte Real, natural da ilha Terceira, de cujo consorcio teve larga descendencia, parte da qual ainda aqui existente.

Como pelo fallecimento dos paes e sendo o filho primogenito se achasse administrador de uma razoavel casa vincular, reconheceu em breve tempo que a gerencia de negocios não era a sua especialidade, para o que a sua digna esposa tinha incontestavelmente, muita mais habilidade.

Entregou-lhe, pois, de seu motu proprio e com a maior confiança a governação dos seus haveres, do que resultou augmentar consideravelmente os seus rendimentos.

Em partidas de pesca na fronteira ilha do Pico, donde costumava permanecer alguns mezes do anno, ou n'uma vistosa propriedade de que era dono, denominada Salvaterra, na freguezia da Conceição, na Horta e n'aqual mandara construir uma barraca, era onde passava a maior parte do seu tempo, entregue, exclusivamente, aos seus queridos estudos litterarios, ou a convivencia de alguns amigos que o iam visitar.

As suas idéas eram rasgadamente liberaes e muito eivadas das doutrinas de Voltaire, em consequencia do que alguns desgostos soffreu, devidos ás commoções politicas que se deram de 1821 a 1836.

Finalmente, em Março de 1850, cercado da publica veneração, devida ao seu honrado character e illustração, falleceu este distincto fayalense, victima de uma affecção pulmonar.

Contava então setenta e oito annos de idade.

Muitos dos escriptos de João Pereira de la Cerda, ainda em vida do poeta, foram enterrados em uma cista, nunca mais se sabendo dos mesmos, por serem liberaes e temer, n'essa epocha, algum parente ou amigo a sua divulgação.

Dos que escaparam a semelhante destroço conhecemos, ou temos noticia, dos seguintes:

Uma collecção de esplendidos e magnificos sonetos, a maior parte dos quaes no genero satirico, mettendo á bulha os usos do seu tempo, os milicianos da localidade e os abusos dos frades.

Diversas Odes e allegorias exaltando as idéas de liberdade, compostas quasi sempre para serem recitadas no theatro, em occasiões de publicos festejos.

As seguintes traducções de Voltaire: *Ensaio sobre os costumes e espirito das nações* — *O Conde d'Essex* — *Branca* — *Alzira*.

*O Retrato*, de Diderot — *A monarchia dos Solypsos*, a *Guerra dos Deuses* de Parry — *Jorge Dandin e o Mysantropo*, de Molière, e os romances inglezes *Cecilia* e *Long*.

Na «Historia das quatro ilhas que compõem o Districto da Horta», na collecção do semanario «O Atlantico», no n.º 6, ultimo do 1.º vol. do «Archivo dos Açores» e no «Gremio litterario», tem sido a espaços publicadas diversas composições e noticias biographicas de João Pereira de la Cerda, sendo um dos rariissimos escriptores fayalenses que precederam a actual geração, ao qual uma malfadada sina não destruiu, quasi na totalidade, os trabalhos litterarios.

A memoria de João Pereira de la Cerda ainda hoje subsiste com bem merecida nomeada n'esta ilha.

No periodico o «Democrata», do corrente anno de 1886, está sendo aquí publicada uma traducção feita pelo mesmo author, do romance francez *Eugenio*.

**BENTO PEREIRA DE LA CERDA.** — Foi tambem poeta e irmão mais novo do precedente.

Nasceu no anno de 1774.

Muito pouco tempo permaneceu na sua patria, indo ainda em rapaz para Lisboa, aonde se relacionou intimamente com Bocage e com o conhecido michaelense André da Ponte do Quental.

Ficou legendaria a maneira pela qual estes tres amigos, versejando e de guitarra em punho, percorreram uma grande parte de Portugal, cantando trovas e recitando versos em cambio de hospitalidade e alimento.

De Bento Pereira de la Cerda não conseguimos obter qualquer composição litteraria, nem nos parece que alguma exista n'esta ilha do Fayal.

O seu genio aventureiro levou-o até ao Brazil, aonde soube captar a benevolencia d'El-Rei D. João 6.º, que com elle privava, dando ao poeta açoriano decidida protecção.

Alli falleceu, em idade pouco avançada.

Na familia la Cerda, até aos nossos dias, alguns individuos tem

apparecido com talento e vocação para as letras, tanto n'um como em outro sexo, taes como D. Jesuina de la Cerda, ha pouco aqui fallecida, já septagenaria e D. Beatriz de la Cerda, sua sobrinha, da qual alguns trabalhos tem sido publicados na imprensa periodica da Horta.

**O DR. FRANCISCO VIEIRA GOULART.** - Era natural do Fayal, aonde nasceu a 8 de Março de 1758, sendo filho de Manuel Francisco Goulart e de sua consorte D. Maria Ignacia Goulart, abastados proprietarios.

Formou-se em philosophia pela Universidade de Coimbra, aonde fez um magnifico curso e visitou, em viagem de recreio, que para tanto o habilitavam os fartos haveres paternos, as principaes cidades da Europa, mas isto vagarosamente e consoante ao seu genio investigador e estudioso.

Quando regressou á patria, já com ordens sacras e vastos conhecimentos hauridos em Coimbra e nos paizes estrangeiros aonde residira, professava idéas tão rasgadamente liberaes que mal se coadunavam com o regimen politico então estabelecido em Portugal.

Em breve teve d'isto uma evidente prova.

Como vagasse a Vigararia da Matriz da Horta, o dr. Vieira Goulart foi um dos requerentes, sendo, como era de justiça, provido n'esta pretensão, á posse, porem, da qual se oppoz tenazmente o Bispo D. José Pegado, sob pretexto do agraciado *outr' pouco*.

O dr. Vieira Goulart partiu, então, immediatamente, para o Brazil, a fim de, junto do Sr. D. João 6.º, fazer valer os seus direitos.

A proverbial lenidade d'este monarcha deu favoravel acolhida á exposição que lhe fez aquelle distincto sacerdote e para acommodar os animos transferio-o, para mais elevada graduação, como chantre da Sé de Angra.

Aconteceu, porém, que o dr. Vieira Goulart não voltou aos Açores, demorando-se no Rio de Janeiro, investindo-o o Governo da direcção do Jardim Botânico e do laboratorio de chimica, tornando-se um vulto importante na corte.

Em premio dos bons serviços que prestou foi agraciado com o grau de Fidalgo Capellão da casa imperial.

Possuindo uma esplendida bibliotheca que deixara na Horta e não tencionando aqui voltar mandou-a ir para o Rio de Janeiro, a qual, porem, se perdeu no naufragio da embarcação que para alli a conduzia.

Chegaram até nós diversos trabalhos politicos e litterarios do dr. Vieira Goulart, e d'estes ultimos alguns foram reimpressos no 1.º anno do «Gremio Litterario».

Ainda assim, na nossa humilde opinião, possuia muito mais estro o seu patricio João Pereira de la Cerda, embora não revelasse a grande copia de conhecimentos que desde logo saltam á vista nas compo-

siões do laureado doutor Vieira Gonlart, um erudito, um sabio.

Falleceu tão distincto fayalense, ainda no Rio de Janeiro, no anno de 1830, na posse de subidos cargos que desempenhou sempre com illibada honra e acerto.

Foi dedicado amigo do Sr. D. Pedro 1.<sup>o</sup>.

**O P.<sup>o</sup> JOSÉ LEAL FURTADO.** - Nasceu este illustradissimo e talentoso sacerdote na freguezia da Praynha do Norte, no Concelho de São Roque da ilha do Pico, no anno de 1750.

Foram seus progenitores o alferes de ordenanças João Quaresma e sua consorte D. Jacinthia Roza, gente abastada e da principal da ilha.

Depois de haver cursado com distincção os necessarios estudos, mostrando rara propensão para a musica e poesia, ordenou-se aquelle talentoso picoense, conseguindo ser provido como beneficiado na Matriz da Horta, cargo que exerceu com muita dignidade e diligencia.

Alem d'isto era cavalheiro de fino trato e delicadissimas maneiras, sendo muito estimado da sociedade elegante da Horta e frequentando as primeiras casas d'esta localidade, aonde sempre foi recebido com consideração.

Durante a estada no Fayal do Bispo D. José Pegado, teve este Prelado, que tambem era excellente musico, occasião de ouvir cantar, em diversas festividades religiosas, o padre beneficiado José Leal Furtado, causando-lhe viva sensação a mestria da sua execução e esplendida voz, a ponto de instar muito para que elle o acompanhasse para a Sé d'Angra, aonde lhe arranjaría boa collocação.

Escusou-se, porem, muito respeitosa e modestamente o Padre beneficiado e continuou aqui a viver junto da sua familia.

Por vezes apossava-se tanto das partes musicaes que desempenhava, como cantor, na liturgia da egreja, que ficava extremamente comovido e nervoso.

Conta-se, a este respeito, que no enterro de uma formosissima donzella da Horta, filha de uma casa que elle muito frequentava, tinha de cantar um solo, o *Dies irae*.

Do corêto do orgão, aonde se achava, o P.<sup>o</sup> Leal via, no corpo da egreja, sobre a elevada eça, toda cercada de lumes, aquella mimosa criança a quem tinha sincero e desinteressado affecto, aquelle angelico rosto que a morte beijara tão prematuramente, a capella florida que lhe cercava a fronte, o veu que devia ser do noivado e que, tão cedo, volvido fôra em triste mortalha!

O Padre debruçado sobre a balastrada do corêto, com o rosto entre as mãos, esteve muito tempo de olhos fitos n'aquelle compungente espectaculo, parecendo inconsciente de quanto em seu redor se passava.

Chegou, porem, a occasião de elle evocar a misericordia do Al-

Vol. 3.<sup>o</sup>.



tissimo para essa pudibunda flor que se desprendêra saudosamente da vida, o Padre ergueu-se então inspirado nos resplendores do seu portentoso talento e com voz commovida e repleta de sentimento proferiu as primeiras notas do lugubre canto.

O numerozo e selecto concurso que assistia aos funeraes, em breve sentio que semelhantes palavras lhe entravam n'alma, tinham o quer que fosse de extraordinario, communicavam a todos a melancolia e o sentir do levita que as cantava, e tudo se quedou attentamente, para melhor as escutar.

Quando o cantor, terminada a dolorosa invocação, abaixou o papel de musica, tinha o rosto sulcado de lagrimas.

Não estivera alli, a sua alma de artista, nas azas da fé, havia subido muito alem dos páramos da terra.

Aquella natureza essencialmente impressionavel devia-lhe ser fatal, porquanto o genio nem sempre poupa os seus eleitos e, não raro, os consome na sua propria chamma.

O P.<sup>o</sup> José Leal Furtado soffreu um primeiro ataque de alienação mental, no começo do qual, ainda assim, compoz deliciosas poesias, até que em breves dias tornou-se furioso, sendo preciso vestir-lhe uma camisa de força e conserval-o preso.

Aquelle espirito, até alli tão lucido, apagara-se no seio d'um temporal medonho de idéas, tão revoltas e encontradas como as vagas do oceano, à beira do qual vivia, quando acossadas por forte ventania.

Permaneceu assim dois mezes, até que a natureza por um esforço supremo, o restituiu ao uso da razão e aos seus queridos estudos litterarios.

Aquelle anomalo estado ficou, porem, d'alli em diante, repetindo-se lhe em determinados periodos e conhecia o proprio enfermo, primeiro do que ninguem a sua approximação, dispondo os seus negocios para o tempo que durasse tão terrivel doença.

Uma vez, já não andando bom, foi occultar o seu relógio e cadeia d'ouro, diversos aneis e alguns outros objectos de valor, em casa da distincta familia Arriaga, enterrando-os, sem que alguém dêsse por isso, debaixo da soleira de uma porta da rua.

Quando, passados tempos, recuperou a razão, conservava ainda a reminiscencia do que havia feito, e foi elle proprio, acompanhado d'um trabalhador descobrir o escondrijo do seu thesouro.

Occorreu, assaz tragica, a sua morte em 1816, contando então sessenta e seis annos de idade.

Estava, ao que parecia, já em convalescença d'um dos seus accessos de loucura, retido ainda em lugar seguro e entregue á vigilancia de um soldado da Companhia de Artificeria, chamado Raphael, homem valente e ao qual o Padre Leal, ainda mesmo nas maiores furias, temia d'alguma sorte.

O infeliz sacerdote havia sido sangrado poucas horas antes, con-

servando no braço a necessaria ligadura e o Raphael a espaços vinha espreitar o seu estado e se vociferava ainda.

Disse-lhe então o enfermo com a maior serenidade:

—Para que te andas a incomodar tanto, homem?... julgas que eu ainda estou doido?... Isso já passou, já lá vai e sinto-me perfeitamente.

—Ora até que graças a Deus, lá que o Sr. padre beneficiado está bom, vejo eu, mas é que a gente sempre tem receios...

—É louvável esse teu cuidado, isso é, olha, se eu estivesse doido, com esta ligadura no braço, vocês não me deviam deixar sosinho, pois que eu podia desanarral-a, embrulhal-a no pescoço e estrangular-me, pois não é assim?

—Nunca me tinha passado isso pela idea.

—É para que saibas que os doidos tem muitas *apanhadeiras*, para outra vez é preciso mais sentido, amigo Raphael, a vocês não quererem que eu morra.

—Deus nos livre de taes pressas.

—Obrigado, nunca me esquecerei da tua dedicação, sempre tenho um sono...

—Pois é o Sr. padre dormir agora um pedaço, que isso faz bem e se precisar de alguma coisa, chame por mim, estou d'aqui proximo. Até logo.

—Até logo.

Quando d'ali a uma meia hora o soldado voltou ao aposento do seu doente, o P.<sup>o</sup> José Leal estava agonizante, havendo feito com a ligadura da sangria exactamente o que mencionara ao seu guarda, pon-do por esta sorte um horrivel termo á sua existencia.

Desgraçado!

Os manuscritos, ainda que em pequeno numero, que do P.<sup>o</sup> José Leal Furtado ainda subsistem, são compostos n'um estylo elegante, parecendo aferidos pelo gosto de uma escola muito mais moderna do que a da epocha em que vivem.

Citaremos aqui, excepcional e designadamente, a seguinte decima, na qual o distincto poeta bem demonstra a magua que lhe causava a sua desventurada condição:

Eu conheço, a minha mente  
E' como um mar agitado,  
E' navio naufragado  
N'alguna rocha inclemente.  
Ai!... triste de quem se sente  
Em tamanha desventura,  
No caminho da amargura  
Só findará seu tormento,  
Ao cair com passo lento  
Na gelada sepultura.

Herdaram, se não os dotes da poesia, ao menos o talento musico do Padre José Leal Furtado, alguns dos seus parentes que, na sublime arte de Verdi se tem tornado distinctos no Fayal, entre os quaes o respeitavel e bemquisto mestre da capella da Matriz, o Sr. João José Furtado, seu sobrinho, hoje em avançada idade e um filho deste, o Sr. José Candido de Bettencourt Furtado, que d'esta ilha foi recentemente para os Estados Unidos da America, como organista de uma egreja catholica e professor de piano.

**FR. ANTONIO LEAL.** — Pertencen ao convento dos Carmelitas, aonde exercia a dignidade de Mestre e foi contemporaneo do sacerdote de que acabamos de tratar.

Embora possuidor de vasta erudição e dado ás letras, era um mediocre poeta. No que se tornou verdadeiramente notavel foi em trabalhos de caligraphia, como magnifico copista, do que existem ainda diversas provas nos livros de escripturação do seu extincto mosteiro, os quaes hoje são propriedade do Estado.

Muitas vezes, pela identidade de um dos nomes, temos ouvido confundir estes dois homens de letras.

É um erro crasso.

Entre os dois havia distância immensa nas scintillações do talento e maior differença, se é possível, do que da noite ao dia.

**D. FRANCISCA CORDELIA TELLES.** — Nasceu esta distincta fayalense na villa da Horta e no anno de 1775.

Era filha do notavel dr. Mannel Ignacio de Souza Sarmiento, do qual já antecedentemente tratamos e de sua esposa D. Luiza de Souza, dama de peregrina formosura e esmerada educação.

D. Francisca Cordelia Telles foi uma das mais ricas, senão a primeira, herdeira fayalense, por quanto o sacerdote João José de Souza, seu tio, e socio da importantissima casa commercial do dr. Souza, pela sua prematura morte lhe deixou abundosa fortuna, isto alem da legitima que viria a ter dos seus abastados paes.

Convem aqui mencionar que este afidalgado padre João José de Souza, obtivera de Roma uma licença para poder commerciar, fazendo no Fayal uma grande casa que possuia diversos navios.

O seu negocio, de exportação de vinhos, era de grosso trato e ajuntou grandes capitães.

A sobrinha D. Francisca, sua predilecta, casou ainda nova, com o coronel de milicias, commandante do respectivo regimento d'esta ilha, Estacio Machado d'Utra Telles, oriundo da Terceira e descendente dos primeiros povoadores da ilha do Fayal, isto é, da familia do donatario John Van Huerter, natural de Flandres.

A família do coronel Estacio Machado tratou-se por muitos annos, na Horta, com grande luxo e representação, habitando uma vasta casa na rua de São Francisco, na qual se davam sumptuosos bailes e banquetes.

Morava, mesmo defronte da casa do coronel, um seu irmão chamado Agostinho Telles, que teve a desgraça de endoiderer, manifestando-se a sua loucura por grande fanstio na maneira de trajar, usando ao mesmo tempo tres e quatro relógios de ouro e collocando fitas de cores vistosas e custosos galões nos calções, collete e casaca. Apesar d'isto andava pelas portas a pedir esmola, sem que tivesse a minima necessidade.

Tratava a todos muito cortezmente e quando, nas casas aonde ia pedir, para satisfazerem aos seus desejos, lhe davam alguma pedaço de pão, ficava muito contente e ia levá-lo às suas gallinhas, de que tinha farta criação.

Por morte de Estacio Machado d'Utra Telles e pela má sina que tem presidido, invariavelmente, aos destinos das antigas e mais preponderantes famílias da Horta, a casa do coronel, como aqui era conhecido, veio a cahir em relativa pobreza.

D. Francisca Cordelia Telles sobreviveu por muitos annos ao marido e se lhe vieram a escassear os bens da fortuna, nunca desmentio os dotes do seu brilhante talento e não vulgar illustração.

Foi uma poetisa muito distincta, e, conhecedora de varias linguas, fazendo apreciaveis traducções das obras que mais chamavam a attenção publica n'aquella epocha.

Como seu pae, o dr. Sopsa, dedicou uma grande parte da sua vida ao estudo e a composições artisticas, n'uma das suas mais bellas demonstrações — a poesia.

O talento n'esta familia parece hereditario, como teremos ainda occasião de demonstrar.

A casa do coronel Estacio Machado, na rua de São Francisco e no seio d'esta cidade está hoje reduzida a umas ruinas, requeimadas por pavoroso incendio quando, já de ha muito havendo passado a estranhos, alli morava em 1874 o Sr. Roberto Augusto de Mesquita Henriques.

E, coincidência notavel, tambem a esplendida casa do Pilar, que pela sua elevada posição logo dá nas vistas de quem aporta á bahia da Horta, actualmente, como aquella, só se torna notavel pelas suas ruinas.

As habitações do pae e filha tiveram um egual destino, sobrenadando só a acção do tempo e do fogo a lembrança d'aquelles dois bellos talentos que ennobreceram a sua patria.

Na familia de D. Francisca Cordelia Telles, ainda aqui existente, devem ser conservadas algumas das suas composições poeticas e um bom serviço seria às letras açorianas a publicação das mesmas.

*Noblesse oblige.*

**O PADRE CAMÕES.** Pelos annos de 1760 a 1770, na ilha das Flores e na sua agreste e humilde freguezia da Fajanzinha, existia um rapaziño, engeitado, o qual recebera na pia baptismal o nome de José.

Era esperto e atilado, mostrando desde verdes annos rara propensão para as letras, apreendendo com muita facilidade o pouco que alli lhe podiam ensinar e desde que conseguio ler, mais ou menos correctamente, devorando quanto livro lhe vinha ás mãos, de cuja aturada leitura logrou, em precoce idade senão solidos, ao menos bem variados conhecimentos.

Era uma verdadeira lucta aquelle seu viver, tanto mais que estando por termo em casa de lavradores, pouco ensejo tinha de applicar-se, visto que o cuidar das vaccas e ajudar os trabalhos no matto e cerrados, quasi lhe tomavam as horas todas.

Felizmente a gente campesina, devido ás continuadas fadigas, deita-se cedo, e, enquanto os seus patrões dormiam, quando a Pintada e a Trigueira já tinham bastante pasto na mangedoura e que a noite mais fechava o seu escuro manto por sobre serras e vallados, o pequeno engeitado, ás occultas, no canto de um sofá aonde dormia, accendia, a medo, uma ordinaria candeia e lia, lia muito, estudando por vezes até ver raiar a madrugada seguinte.

No outro dia estava que não prestava para nada, maxime no amanho das terras, o lavrador zangava-se, os rapazes seus companheiros escarneciam de semelhante fraqueza e pouca actividade, levava por vezes o seu murro para ser mais diligente e era crença acceita na freguezia que o pequeno andava enfeitado, ou que as bruxas se lhe haviam mettido no corpo.

Chegaram a benzel-o.

Nem podia ter outra explicação aquelle facto, o rapaz tinha comida em abundancia, Deus louvado, leite e bôlo de milho quanto quizesse, trabalho tambem em abundancia para enrijar os ossos, e em vez de andar sadio e alegre e de boas côres era o que se via, um enfesado.

Ainda assim não desgostavam d'elle, por quanto o rapaziño não era respondente, nem á medida das suas forças se negava ao trabalho, tratando com desvelado carinho aos animaes, que jamais queria que passassem fome ou sede.

Nessa parte o lavrador chegava a elogiar-o, fosse a que horas do dia ou da noite fosse, o gado andava sempre bem tratado, limpo, conforme a estação com pasto serco, ou folha verde, bem picada na mangedoura, as horas de lhe dar agua guardadas com toda a regularidade e as mudanças d'um para outro cerrado, quando a herva em qualquer sitio ia esca-seando, effectuada com a mais attenta vigilancia.

Por isso o gado do lavrador não tinha outro que se lhe comparasse em toda a freguezia, as vacas andavam nédias e luzídias e davam leite que era um espanto.

E nem era preciso espicaçar os animais para trabalharem, o José indo com elles, fazia das rezes quanto queria, conheciam-no ás lógoas.

Mais tarde, por morte do lavrador, seu primeiro patrão, ou por qualquer outra circumstancia, que ignoramos, vamos encontrar o engeitado José em outro sítio, na freguezia de Ponta Delgada, em casa de uma família que tinha um filho que estudava para clérigo.

O genio meigo do engeitado acompanhara-o para a sua nova residencia, travando-se de intimas relações com o estudante que alli havia, sendo o seu compaubeiro de estudos e dedicando mais folgadas horas ao trato dos livros, do que até alli tinha podido consagrar.

O latim, esse pesado rochedo de Syzypho, maxime d'aquelle epocha, não teve, em breve tempo, grandes mysterios para o seu porfiado trabalho, tornando-se-lhe uma estrada Coimbrã, para mais largos horizontes litterarios.

Quando o seu amigo e compaubeiro d'estudos teve de ir para Angra cursar aulas superiores e necessarias para a sua ordenação, conseguiu tambem o engeitado acompanhá-lo, realisando assim um sonho que ainda lhe parecia irrealisavel, a não ser a protecção que lhe dispensavam.

Foi a primeira vez que careceu d'um sobrenome com que se apresentasse em terra estranha e consequentemente assignou-se José Antonio Camões, por ser este o appellido que mais venerava, como o do cantor das nossas glorias patrias, dos Luziadas, cujas estancias sabia de côr e salteadas.

Na ilha Terceira logrou captar a decidida protecção do convento dos franciscanos, aonde se albergara e seja aqui dito, em louvor das ordens religiosas, que os sentimentos de generosidade para quem nas suas aulas queria estudar, eram grandes e desinteressados, não raro mandando até para Coimbra e Lisboa os estudantes nos quaes reconheciã notavel vocação para as letras, a frequentar estudos d'uma esphera superior áquelles que nas ilhas lhes podiam ministrar, de que resultou por vezes terem no seu gremio varões insignes em diferentes ramos dos conhecimentos humanos.

Embora José Antonio Camões não chegasse a sahir d'este archipelago, ainda assim não lhe era ingrata a fortuna na carreira que adoptara, tornando-se um estudante distinctissimo e tomando orleus sacras, com geral louvor, de quantos conheciam o seu talento e dedicação ao estudo.

Ordenou-se conjunctamente com o seu compaubeiro Manuel Fernandes de Barcellos, regressando ambos em seguida para a ilha das Flores e tratando-se por irmãos, do que resultou, pelo tempo adiante,

muita gente acreditar nesta consanguinidade, quando não havia nenhuma, mas simplesmente uma velha amizade.

O Padre Manoel Fernandes de Barcellos foi um breve nomeado Vigário da freguezia de Ponta Delgada e o Padre Camões, vivendo da sua missa, abriu em Santa Cruz uma aula de latim, para rapazes que quizessem seguir a vida ecclesiastica, mas aula gratuita, da qual sahiram magnificos discipulos, a ponto de muitos estudantes da ilha do Fayal, em lugar de seguirem para Angra irem aprender para as Flores, aonde se vivia, relativamente, com menos dispendio do que na capital dos Açores.

O homem que fora educado por escola, esmolava tambem agora, e largamente, aos famintos da instrucção.

Melhoraram em breve, consideravelmente, os meios pecuniarios do Padre Camões, com a sua nomeação de Vice-Vigário da freguezia de Ponta Delgada, de Prêboste, ou Recebedor das rendas das egrejas e afinal de Ouvidor das ilhas das Flores e Córvo, justo galardão dos seus meritos e serviços.

Assim viven por dilatados annos e embora tivesse razoaveis rendimentos, nunca coallhou viútem, como geralmente dizemos.

O motivo d'isto era o seu genio hemfasejo e desprendido completamente de ambições, exercendo a sublime virtude da caridade a mãos largas e concorrendo diariamente a pobreza da localidade em que vivia a partilhar de quanto o bom Padre Camões possuía.


A unica coisa que elle não deixava levar eram os seus livros, possuindo uma esplendida bibliotheca, que gradualmente engrossava e estando, quanto possivel, ao corrente das publicações do continente. Ainda hoje, na ilha das Flores existe grande copia de volumes com o nome do P.<sup>o</sup> Camões no frontispicio.

Era a unica riqueza de que foi avaro, em quanto existio.

Ora um sacerdote n'estas condições e com grande aura, faz sombra a espiritos mais acanhados e nem sempre é olhado com bons olhos, até, infelizmente, pelos seus proprios collegas.

Seria isto o que aconteceu?

Os precedentes do ouvidor ecclesiastico parece deverem abonar, sobretudo o seu caracter.

 Fosse, porem, como fosse, houveram sete padres florentinos que se travaram de questões com o P.<sup>o</sup> Camões e aquelle espirito até alli docil e amavel, azedou-se e retribuiu-lhes offensa por offensa.

Ninguém é perfeito.

A intriga chegou a ponto que, com grande consternação do P.<sup>o</sup> Camões, foi-lhe superiormente, retirada a Ouvidoria.

Estava então velho, cansado, pobre e vivia completamente só.

Escreveu n'essa epocha, despeitado pelo procedimento com elle havido:

« Os Peccados Mortaes » — *Dialogo entre um marido e sua mulher,*

no qual fazem uma justa paridade dos sete peccados mortaes com os sete clérigos que não querem para ouvidor ecclesiastico d'estas duas ilhas Flôres e Côrco ao Padre José Antonio Camões.»

A edição, que temos presente d'esta composição é um folheto em 8.º, contendo 15 paginas, impresso em Lisboa, sem designação da typographia e com a data de 1883 e o seu conteúdo uma peneute satyra, ou para melhor dizer, uma diatribe, parte em prosa e outra parte em verso, pondo pelas ruas da amargura os seus inimigos, com a indicação dos respectivos nomes, á laia de notas. As duas epigraphes que precedem *Os Peccados Mortaes*, são conceituosamente escolhidas de Horacio e Juvenal.

Desancou-os, é verdade, mas desceu a termos tão baixos que não permittem indistinctamente, a leitura d'aquella satyra, aliás escripta com chiste.

Como a leitura, em copias manuscriptas, dos *Peccados Mortaes*, causasse grande escandalo na ilha das Flôres den esta occorrença enseje aos seus inimigos para se queixarem ao Bispo D. José Pegado, que então governava a diocese, do grande insulto que acabavam de soffrer.

Pouco tempo depois, o P.º Camões recebia ordem do seu Prelado para se apresentar ao mesmo na ilha Terceira a fim de responder pela impropriedade do seu procedimento e designadamente a respeito das inconveniencias consignadas n'aquelle seu escripto.

Não logrou justificar-se, obrigaram-no a ler elle proprio, em alta voz, na presença do Bispo e dos principaes clérigos d'Angra a malfadada satyra que composera, regressando em seguida para as Flôres, desautorado como antecedentemente.

Os desgostos e a doença começaram então a animar aquella existencia, e, apesar de tudo, como o seu enlevo eram as letras, para desenfado das suas horas tristes, convertem de novo a sua penna em latego sem piedade para zarzir os seus detractores, ou as pessoas a quem não era affecto.

D'esta vèz foi author d'uma obra de mais folego.

Eis o frontispicio d'um exemplar que da mesma podemos obter:

«*O Testamento de D. Burro, pai dos asnos. Obra de grande divertimento; Nova Edição. Copiado por um florentino. — Boston: Typ. de Dakin e Metcalf. Cornhill n.º 37. 1865.*»

Esta extensa satyra pode, a nosso ver, conferir ao Padre Camões os fôros de um original e muito chistoso poeta, tendo excellentes versos e tiradas esplendidas, no seu género.

Encontram-se alli alguns trechos que, como os do Hyssope de Antonio Diniz da Cruz e Silva ficam-nos logo no pensamento, e poucos leitores do *Testamento* esquecerão; por exemplo aquella passagem em que o Grão-Jumento, fazendo as suas ultimas disposições contempla tambem o Padre Thesoureiro ao qual manda que dêem:



«O meu couro p'ra chamarra que não tem  
«Pois se hade comprar basta em loja  
«Faça uma côr de burro quando foge!

N'aquelle documento são lembrados numerosos florentinos, muitos dos quaes da gente mais granda da ilha e mesmo para quem não chegou a conhecer esses individuos, o riso é irresistivel em algumas passagens.

Semelhante escripto, porem, como *Os Peccados Mortaes*, pecca pela licenciosidade de algumas phrases.

N'esta edição de Boston, em 8.<sup>o</sup>, contendo 38 paginas numeradas, vem em seguida uma declaração do typographo, que era um florentino residente nos Estados-Unidos, na qual pede desculpa aos leitores dos erros e falta de virgulação que na mesma se encontra.

Effectivamente, ha alli muitos versos estropeados, rimas trocadas e pontuação mal distribuida, embora a impressão esteja nitida, em bom papel e o typographo deseje fazer um serviço á sua patria, divulgando o apreciavel trabalho d'um seu conterraneo.

Salve-o esta boa intenção.

Depois de concluido o celebre *Testamento*, o Padre Camões foi sempre em decadencia e até chegou a passar fome.

Conta-se que uma vez estando elle enfermo e de cama, foram-no visitar alguns dos seus patricios, e como vissem o padre estar a metter dentro d'uma tigella viaia um quarto de pão que tinha na dextra e depois a mastigal-o, perguntaram-lhe o que queria aquillo dizer, não o julgando já muito seguro nas suas faculdades intellectuaes.

— Isto é para enganar este canto de pão e elle deixar-se engulir com mais facilidade, que enquanto a mim bem sei que é secco e bem réles.

Consta por tradição, na ilha das Flores, que por occasião da ida do Padre Camões á Terceira, fôra hospedado na nobre casa da familia Bruges, e que desgostoso da celeuma que perante o Bispo haviam causado *Os Peccados Mortaes* alli abandonara alguns outros manuscritos de que era author.

Não sabemos, até que ponto, é isto exacto, mas um bom serviço seria ás letras açorianas a sua publicação, se acaso existem.

O Padre José Antonio Camões morreu muito pobre, quasi na miséria, no decurso do anno de 1825.

Na Villa de Santa Cruz, das Flôres, ainda actualmente (1886) existe, já octogenario, um dos seus mais dilectos discipulos, o Sr. Domingos de Ramos, natural de Ponta Delgada da mesma ilha, cavalheiro que pela sua seriedade de character e abundosos haveres, tem na sua patria exercido importantes cargos publicos.

A este respeitavel ancião devemos algumas informações que figuram n'esta noticia concernente ao seu saudoso mestre, um dos maiores talentos que tem produzido aquella ilha.

**D. MARIA LEOPOLDINA DE ORNELLAS.** — Foi dama distinctissima e muito estimada da sociedade elegante da Horta, aonde brilhou pelo seu espirito e esmerada educação.

Esta senhora, natural e descendente de uma illustre familia da ilha da Madeira, aonde nasceu no anno de 1781, veio com sua irmã, mais velha cinco annos, D. Luiza de Oraellas, residir para o Fayal, logo depois d'esta haver casado com um cavalheiro d'esta ilha, Manuel Jacintho Labath, irmão do abastado morgado o Dr. Labath, sendo com o decurso do tempo considerada por muita gente, como filha d'esta terra.

Por muitos annos aqui leccionou, com notavel aproveitamento das suas discipulas a lingua ingleza, que lhe era familiar, bem como italiano e francez, devendo-se-lhe n'esta especialidade valiosos serviços, tanto mais n'uma localidade aonde haviam poucos recursos para os estudiosos.

D. Maria Leopoldina de Oraellas, que no cultivo das letras passou a maior parte da sua vida, foi uma rasoavel poetisa e excellente traductora de varias novellas inglezas.

Será injustiça em qualquer livro que alguma vez se venha a escrever sobre o ensino e educação do sexo feminino na Horta, passar desapercibido o seu nome, por quanto tendo crescido numero de discipulas, pois que era então um preceito da moda, para as meninas da gente abastada, frequentar a aula da Ornellas, conseguiu aqui criar um certo gosto litterario, que não é muito trivial em pequenas localidades.

De D. Maria Leopoldina d'Ornellas conhecemos, publicada, apenas uma poesia, a qual se encontra nos n.<sup>os</sup> 54 e 55 do «Gremio Litterario» e que dizia respeito a uma aventura amorosa, occorrida n'esta ilha.

Vinha a ser o caso:

Uma menina fayalense, de familia decente e chamada D. Luiza Amelia de Oliveira, fôra seduzida por um seu patricio, vendo-se obrigada a abandonar o tecto paterno e a viver vergonhosamente á sombra do amante e d'uma maneira muito mais humilde em tratamento de que até alli gosara.

D'esta illicita união nasceram duas creanças.

O seductor, afinal, aborrecido da mulher que transviara do caminho da honra, abandonou-a e aos filhos, ficando por algum tempo reduzidos a viver quasi d'esmolos.

N'estas tristes condições, D. Luiza Amelia d'Oliveira, senhora de educação culta e que versejava rasoavelmente, escreveu em quadras

uma sentida exposição da sua immerecida desgraça, a qual foi profusamente distribuída pelas casas da elite da sociedade Hortense, que a authora, antecedentemente frequentava.

O excellenté poeta João Pereira de La Cerda, accendio logo ao apello da infeliz mãe, verberando, asperamente, n'uma esplendida poesia, o procedimento atroz do seductor, tanto em relação á mulher que desgraçara, como aos innocentes fructos d'essa extinta paixão.

D. Maria Leopoldina d'Ornellas, que fôra mestra da seduzida e que lhe conhecia a bondade de character, secundou o poeta La Cerda, com outra identica poesia, em que indicava ao estouvado Lovelace fayalense o caminho que lhe cumpria seguir, para reparar os seus erros.

Esta poesia tem a data de 14 de Julho de 1842.

D'esta especie de certame litterario, que n'esta localidade teve grande voga, levantando a opinião publica contra o homem que trahiria um affecto puro e dedicado, resultou o arrependimento do culpado e o casamento do mesmo com a sua formosa amante.

Foi um romance que acabou em bem, á antiga, com geral satisfação.

Da poetisa Ornellas existem ainda na Horta diversas poesias inéditas, e nós mesmo algumas conservamos firmadas pelo seu punho.

Esta respeitavel senhora morreu octogenaria.

**JOÃO JOSÉ D'ANDRADE.** — Foi discipulo do Dr. Roque Taveira, era homem de erudição, contrario a todos os commetimentos modernos e afferrado, exclusivamente, ao absolutismo e ás idéas do antigo regimen.

Nasceu, na Horta, pelos annos de 1786 a 1789, filho de uma remediada familia, cujas principaes propriedades eram vinhas na ilha do Pico.

Destinava-se para a vida ecclesiastica, foi minorista, ignorando nós hoje os motivos por que não proseguio na carreira que encetara.

Servio, na Horta, por muitos annos, de thezoureiro da egreja da freguezia das Angustias, aonde residia e tanto seu pae, como um tio e um irmão, foram nauticos, capitaneando diversos navios d'esta praça.

João José d'Andrade era muito versado em linguas, especialmente em latindade, *sciencia* a que prestava a maior veneração, desejando mais que lhe tirassem um dente do que lhe apanhassem uma syllabada no idioma de Horacio.

Compunha sonetos subordinados á escola a que pertencia, quasi sempre recitados, com grande cantilena, nos banquetes por occasião da missa nova de qualquer padre fayalense.

N'estas festas era de rigor um soneto arcadiano de João José d'Andrade, como por exemplo, no grandé jantar por occasião de celebrar

missa, pela primeira vez, o Rev.<sup>do</sup> Vigário da Matriz, ha poucos annos fallecido, Henrique da Purêsa Greaves, seu intimo amigo.

Abrio uma excepção a esta especialidade para obsequiar uma familia que muito presava, apparecendo, apesar de já edoso e de ha muito não haver recitado em publico, no baptisado da primeira filha do Sr. João de Bettencourt V. Corrêa e Avila.

Esse soneto foi o seu canto do cysne.

Deixou tambem João José d'Andrade alguns escriptos politicos e consoantes às suas idéas.

Casou, já entrado em annos, com D. Maria Carôlo, cunhada do abastado layalense André Francisco Goulart, administrador do vinculo de sua consorte D. Rosa Carôlo Goulart.

N'uma luzida festa litteraria, effectuada na Horta, no anno de 1827, quando, já formado em Coimbra, regressava à sua patria, como professor de philosophia, o Dr. Antonio José d'Avila (futuro Duque d'Avila e de Bolama) convidou este a João José d'Andrade para ser arguente n'umas theses que ia defender um seu discipulo, Fr. Matheus do Coração de Maria, franciscano e rapaz de peregrino talento.

Apresentou-se, pois, Andrade, no capitulo da Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo, aonde por varios dias teve logar esta fallada festa litteraria, vestido de ecclesiastico, como minorista que fôra, havendo-se d'uma maneira brilhante e revelando profundos conhecimentos e desenvolvida erudição.

A comparencia, alli, de damas e cavalheiros d'esta localidade foi grande, presidindo a este certame o Dr. Antonio José d'Avila e sendo arguentes os Snrs. João Ignacio de Sousa, Caetano Xavier de Mendonça Sardinha, major João Pedro Soares Luna e Dr. Mannel Francisco de Medeiros.

O defensor das theses, Fr. Matheus do Coração de Maria, era um intelligentissimo rapaz, de atrahente aspecto, natural das ligans do Pico e que promettia vir a tornar-se um distincto sacerdote, com o elevado talento que possuia.

Morreu, porem, desastrosamente, muito pouco tempo depois, quando, para proseguir nos seus estudos d'aqui ia para Angra do Heroismo.

Ao desembarcar, do navio que o conduzia, para um escaler, cahio ao mar, entre as duas embarcações, que o esmagaram immediatamente.

João José d'Andrade foi o unico discipulo do Dr. Roque Taveira que por muitos annos andasse sempre com este em renhida lucta, a respeito das suas doutrinas, que condemnava vehementemente.

Era um antiquario incorregivel e intransigente.

Houve uma epocha na vida de João José d'Andrade assaz abundosa em questões e polemicas jornalisticas e que não abona muito a fama de erudição de que gosava, nem condizia com o aspecto pacato,

maposo e fradesco que revestia o seu alentado vulto.

No proseguimento d'uma demanda com André Francisco Coutari foi à ilha de São Miguel, aonde desembarcou a 16 de Junho de 1844, entabollando alli relações com o abastado michaelense, o morgado Francisco Affonso de Chaves e Mello.

Andava, então, bastante accesa n'aquella formosa ilha a paixão politica entre cartistas e setembristas, dos primeiros dos quaes era vulto proeminente o morgado Francisco Affonso.

João José d'Andrade, tornando-se seu commensal, punha sensivelmente à disposição do mesmo a sua penna, escrevendo o que lhe ordenavam que escrevesse.

Os adversarios politicos pozeram-lhe então o alcunha do *Pápa-sopas*, das quaes, diga-se a verdade, era grande comillão e que pagava atassalhando os inimigos de quem lhe punha a mæsa.

Os escriptos de João José d'Andrade nos jornaes michaelenses «O Monitor», desde fins de 1844 até 1844 e depois no «Cartista», são recheados por tal forma de citações latinas, que não só o dão, desde logo a conhecer, mas tornam semelhante leitura quasi impossivel, por tediosa.

Travou-se tambem em grande polemica com Antonio Feliciano de Castilho que, então, em São Miguel redigia o «Agricultor Michaelense.»

Nesta refrega publicou :

«*O Thecel ou o Castilho em Zero*», como resposta ao «*Eu ou Elles*», do illustre poeta. Ponta Delgada. Typ. do Cartista - 1849—8.º—36 pag.

Neste opusculo diz (pag. 7), que teia escripto algumas obras ineditas, entre as quaes e talvez entre ellas prepondere a todas quantas Castilho tem feito e por fazer a sua primigenia «*Constituição Natural ou a Ordenação de Deus*» e ainda o *Apocalypse da Natureza e outras curiosidades*.

Vamos lá, este fayalense não deixava o seu credito por mãos alheias ! ! . .

Andrade publicou anonymo outro opusculo, 8 pag. em 4.º, com o titulo: *O dia de verdadeira gala. Narração dos festins dedicados a Tithocos, dividido em quatro partes, com uma admoestação interessante*.

Ora, *Tithocos* é o anagramma de Castilho, cujo desembarque em Ponta Delgada a 25 de Maio de 1849. regressando de Lisboa, o aulhor pretendeu ridicularisar.

Antonio Feliciano de Castilho pagava-lhe na mesma moeda, mas com mais valente mão e o seu «*Eu ou Elles*», 25 pag., em 8.º pequeno, impresso na typ. de Castilho, em 1849, pode-se dizer, sem pleonasmo, que deixava o Andrade sem pelle.

Em quanto ao alcunha do *Tambor* que Castilho diz ter o seu antagonista na Horta em memoria das sóvas já apauhadas, é menos exacto.

D'isto tudo resultou tornar-se João José d'Andrade assaz antipathico em São Miguel.

Afinal, já ausente da patria o morgado Francisco Affonso, que fôra por algum tempo residir com a sua familia em Lisboa, no largo de São Paulo, cercado de indisposições, que o seu comportamento levantara, já velho e dando mais do que nunca ao diabo, é este o termo lidino, todas as idéas modernas, todas as conquistas de progresso, voltou João José d'Andrade para o Fayal, aonde ainda teve pendencias judicias e questões no tribunal com o juiz d'esta Comarca o dr. Ferreira.

De quem foi amigo até á morte e com quem se carteara constantemente era com o Dr. Antonio José d'Avila, que lhe demonstrava minuta deferencia.

Existe ainda no numero dos escriptos d'este fayalense um: *Epicedio Carme que á saudosa morte do Ill.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. doutor Bernarda Machado de Faria e Maia, Commendador da Ordem de Christo, Prior da Matriz de São Sebastião de Ponta Delgada e Provisor do Bispado d'Angra do Heroismo, C. D. O. Para lenitivo do mais justo sentimento que, como espada de dor, penetra Sua Dignissima Mãe a Ill.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Sñr.<sup>a</sup> D. Helena Machado de Faria e Maia e seus condignissimos irmãos.*

#### *O Fayalense*

*João José d'Andrade*

*(Monitor n.º 126, de 30 de Junho de 1841.)*

A vida um tanto agitada d'este homem, d'antes quebrar que torcer, no que dizia respeito ao seu credo politico, não conseguiu alquebrar-lhe as forças, já mesmo em proecta idade.

Luctou até morrer, quasi repentinamente, com mais de oitenta annos.

**D. THERESA DE MORAES PEREIRA.** — Filha de Eugenio José de Moraes escrivão do judicial na Comarca da Horta, nasceu no anno de 1798.

Desde tenra idade mostrou esta distincta fayalense os dons d'um peregrino talento e grande propensão para o estudo, especialmente no profundo conhecimento de linguas estrangeiras, algumas das quaes falava perfeitamente.

Cultivou com muito esmero a poesia e algumas das suas composições, que conhecemos, ineditas, tem bastante mimo e são escriptas a'um estylo ligeiro e agradável.

Casou com João Francisco Pereira, interprete geral e guarda livros da casa do abastado morgado Terra (Barão da Lagôa), gosando

sempre na sua pátria muita consideração pelo seu saber e affaveis maneiras.

Falleceu esta respeitavel poetisa fayalense, na ilha de São Miguel, a 8 d'Outubro de 1846, contando apenas quarenta e oito annos, de idade.

Tanto n'essa ilha, como no Fayal, existem ainda os seus descendentes.

**FRANCISCO VIEIRA DE FARIA.** — Nasceu em 1797, na então Villa da Horta, de uma familia remediada de bens da fortuna.

Sendo de uma constituição extremamente debil e sobrevivendo-lhe aos sete annos de idade uma violenta febre que o pôz ás portas da morte, a vehemente fê de sua mãe fez um voto do pequeno andar amortalhado durante seis annos, se acazo escapasse á terrivel enfermidade que o consumia.

Assim acontecen.

Cingido d'alva mortalha e não raro caçado a tal respeito pelos seus companheiros de escola, aprendeu as primeiras letras, sendo seu mestre um filho de José Ignacio Machado, consul de Napoles e da Sicilia, frequentando em seguida o convento de São Francisco, aonde se tornou um bom latino.

Dedicado exclusivamente ao cultivo das letras, estudando muito e procurando relações com alguns dos estrangeiros que ao Fayal aportavam, ou na mesma ilha residiam, conseguiu, assim, pôr-se ao corrente com as linguas italiana, ingleza e franceza, lendo no original as obras litterarias que mais nomeada tinham n'aquellas nações, e, como fosse dotado de prodigiosa memoria, ficavam-lhe de côr, abundozas paginas d'esses livros.

Estes estrangeiros com quem privava, alguns d'elles homens assaz illustrados e que sympathisavam sobremaneira com o estudioso mancebo, offereciam-lhe por vezes numerosos volumes, começando esse rapaz, desde logo a formar a sua muito soffrivel bibliotheca, que augmentou constantemente em todo o decurso da sua vida.

O gosto pela litteratura e os conhecimentos que conseguira adquirir nunca deram, nem dão, qualquer interesse n'esta pequena localidade e o estudioso Vieira via-se, já quasi um homem e exclusivamente a cargo da familia, pae, mãe e duas irmãs.

Possuindo um genio naturalmente timorato e acanhado, conheceu que o que mais lhe convinha era uma occupação socegada e livre de uns certos baldões da vida, que não teria animo para arrostar e depois de haver pensado muito sobre o que lhe convinha fazer, obteve a permissão paterna, indo por algum tempo para a ilha de São Miguel estudar pharmanacia, depois de ter tido alguma pratica n'uma das boticas da sua patria.

Alli, alcançou fazer exame perante tres futuros collegas e dois medicos, conseguindo obter uma carta que o habilitava a vender quantas drogas lles quizessem comprar.

A mesada, porem, que a familia lhe fornecia, em quanto esteve em terra estranha, empregou-a, na sua maior parte, na compra de livros, para o que vivia muito pobremente e quem sabe até se passando fome.

Regressou afinal para junto dos seus, já examinado, estabelecendo-se na Praça-Velha, hoje Alameda da Gloria, começando desde logo a sua botica a ter nos seus originaes.

As parteleiras, por exemplo, foram mandadas fazer assaz largas, sem vidraças e com a capacidade necessaria para terem na frente alguns frascos com remedios e por detraz d'estes cerrada fileira de livros.

Na porta do fundo da botica, que communicava com a cosinha da mesma, quiz apresentar uma allegoria scientifica, encommendando a um pobre pintor que na Horta existia, chamado Assis, que lhe pintasse uma arvore carregada de pomos e Minerva a cavallo na mesma.

O Assis, coitado, deu tratos á embotada imaginação para satisfazer aos desejos do seu freguez, mas nunca conseguiu fazer coisa que geito tivesse, e como o Vieira lhe fallava n'uma arvore carregada de fructa, pintou-lhe na tal porta, como soube, uma laranjeira da qual pendiam muitas bolas vermelhas e para simplificar a imagem da *menina* que o boticario queria, *plantou-lhe* no cimo do *alcórdo* uma valente e anafada moça do Pico, de perna nua, corpete azul celeste e abeiro de palha.

Aquillo sim!

O boticario que não era cunho de contentar, approvou a substituição da figura, crente n'aquelle ditado que o habito não faz o monge, explicando a todas as pessoas que iam á botica e que achavam original a pintura da porta, o mysterio que encerrava aquella figura, que embora em trajos sem cerimonia era uma esplendida Minerva, acrescentando logo em seguida:

—O Assis desempenhou-se!

Por estes tempos Antonio Vieira de Faria travou-se de intimas relações de amizade com o Dr. Roque Faveira, do qual já anteriormente tratámos e teve a subida satisfação do notavel professor de philosophia escolher para esposa uma das suas irmas.

Isto, para o boticario, equivalia em valor ao achado de uma mina de diamantes, na sua insaciavel sede de aprender passava a maior parte do tempo em casa do cunhado, embora tivesse o estabelecimento fechado e estudou muito, com tamanha dedicação e assiduidade, que o mesmo professor, em vista da franzina constituição d'aquelle seu discipulo, o obrigava por vizes a deixar os livros, a dar um passeio, e a distrahir-se.



Francisco Vieira de Faria aprendeu, assim, tudo quanto o seu sabio mestre lhe podia ensinar, saturando-se tanto das suas avançadas ideas e da sua maneira de apreciar qualquer assumpto, que as doutrinas um tanto scepticas, mas muito tolerantes do Dr. eram para elle umas verdadeiras taboas da lei.

D'isto resultou lhe vasta erudição, completa indifferença pelas praticas religiosas, acreditando somente na existencia de um Grande-Ser que regia o universo, e respeitando irmanamente todas as religiões, mas não somente como uma necessidade para a manutenção da ordem publica.

Em politica, embora muito comedido, a sua conversa revelava puros sentimentos republicanos.

Sabia na ponta da lingua quasi todos os escriptos de Voltaire e dos encyclopedistas.

Quando o Dr. Roque Taveira já não tinha mais que lhe ensinar, é que Francisco Vieira de Faria se lembrou de novo da sua profissão, tomando a expôr ao publico a sua Minerva, mandando vir de Lisboa mais algumas drogas e livros, e aviando as receitas entre a leitura d'algumas paginas da Henriada e o agradável sabor d'uma ode de Horacio.

Pedia pouco pelos remedios que manipulava e isto somente aos individuos que conhecia terem algumas posses, por quanto os simples que lhe exigia a gente pobre, ou do campo, dava-os a maior parte das vezes de graça, batendo uma leve pancadinha com a mão no hombro do obzequiado e dizendo-lhe com voz doce, aquella sua sacramental phrase: Adens, menino, adens . . .

Assim foram decorrendo muitos annos, morreram successivamente todas as pessoas da sua familia, assaz decahida por fim em recursos pecuniarios e deixando-lhe apenas algumas vinhas na ilha do Pico, no sitio dos Fogos, uma preta velha, de grandes pingentes d'ouro, legada por uma das irmas com a condição de lhe ser dada todos os dias meia canada de vinho, que o Vieira substituia prudentemente, por chá preto, ou de sabugueiro, mas fraco, e uma outra velha, a Maria Jacinta, á qual o bondoso patrão, para lhe disfarçar a idade, dizia elle, tratava sempre pela *nossa menina*.

Quando, ainda bem novo, conheci o Sr. Vieirinha, como o tratavam geralmente, era elle então um velhinho d'uns sessenta annos de idade, celibatario, magro, de debil apparencia, e com mellifluo sorriso a voltear-lhe habitualmente nos labios delgados e algum tanto maliciosos.

O seu trajar não conhecia de sorte alguma o dominio da moda.

Na cabeça usava um *bonet* preto, farto, immenso, antigo, uma especie de turbante, a não ser a pequena pala que de um lado se destacava.

No pescoço uma toallia branca, engominada, cujas pontas se iam

perder no interior de um collête, talhado pelo estylo do Directorio, e o qual, por ter no fôrro um esmerado trabalho acertuado, o seu dono usava com o dito fôrro para fóra, afim de ser admirado dos entendedores: um casacão de panno pilôto, á ingleza, de botões enormes, isto de inverno, e de verão uma jaquetinha muito curta, de chita, na mão uma enorme bengala de branco osso, encimada por um globo da mesma materia e as calças meio palmo acima dos sapatos de duas solas, deixando ver grossas meias de lã.

Se de Janeiro a Março o frio era muito, então sahia a campo um capote de escossez verde, com quadradros pretos.

Aquella botica era o ponto de reunião de quantos rapazes havia na Horta, que cursavam estudos, frequentada por estes desde a manhã até á noite e tendo o grande incentivo das continuadas partidas com que o Sr. Vieira mimoseava os seus *habitués*, algumas das quaes, por muito inesperadas, deixavam boqui aberta aquella irrequieta turba.

Fallava-se então, muito, por exemplo, do motu continuo e o bondoso boticario appareceu logo com uma idéa sua, dizendo já o haver descoberto.

— Mas como, Sr. Vieira ? ! . .

— Venham os meus amiguinhos cá, — e levando os rapazes á cosinha da botica, por detraz da arvore da sciencia, mostrou-lhes alli, amarrada, uma vacca muito magra e espantadiça, que mandara vir da ilha do Pico.

— Ora esta ! . . muitos parabens, o Snr. Vieira tem uma vaquinha . . .

— E' verdade, mas tem-me dado muito trabalho, muito, porque eu não estou costumado a tratar com brutos.

— Mas então, que relação tem com isto o motu continuo ?

— Tem toda, em von-lhes explicar, e o systema é facil de entender. Este animal produz leite, não é assim ? . . pois muito bem, é ordenhal-a todos os dias e logo em seguida botar-lhe com um funil o proprio leite pela bocca dentro, que lhe servirá de alimento, e aqui temos nós resolvido um problema que tanto tem dado que pensar, abi está estabelecido o motu continuo !

Para a sua vacca não estar ociosa, gastou algumas patacas em mandar construir um ordinario carro, d'uma forma especial, que se occuparia na condução para a cidade da bella agua nativa das bicas da freguezia dos Flamengos, com o que se propunha a fazer um bom serviço ao publico.

Convidou muita gente para assistir á primeira experiencia da velocidade do seu carro, apinhando-se effectivamente de espectadores, no dia e hora designada, as circumvisinhanças da coza em que elle morava.

A vacca passando das trevas para a claridade, da escura cosinha para a botica e d'alli para o caminho, espantou-se e a muito custo foi

atrelada ao carro, mas ainda quando um carreiro chamado Lameiro estava finalizando esta operação e ia a subir para o vehiculo, a vacca esticou o rabo, deu um balido terrivel, atirou a distancia com o Lameiro, e partiu n'uma carreira louca, arrastando o fragil carro, mais dois barris que no mesmo estavam, indo despedaçar aquelle artefacto de encontro ao pelourinho a um lado da Praça e continuando em vertiginosa fuga, seguida de muitos gaiatos, até á distante freguezia das Augustias, aonde a conseguiram capturar.

No dia seguinte o Sr. Vieira offereceu a sua vacca ao hospital da Horta, e se todos riram d'aquelle fracasso, quem ria ainda mais era o original inventor de semelhante festa.

—Vou realisar o abastecimento da agua dos Flamengos, dizia o boticario, mas d'uma outra maneira, quero adaptar agora, abaixo das costas do Lameiro uma grande pedra de iman e o cabedalho do carro terá umas placas de ferro. Ora como a sciencia diz que o iman atrahê aquelle metal é evidente que o carreiro caminhando adiante do carro este o seguirá por si mesmo para aonde quer que elle vá. A Camara Municipal deve-me ficar muito reconhecida, ella que ha annos e annos, trabalha sem resultado satisfatorio, em abastecer d'agoa doce os seus administrados.

Muito amigo de theatro, ao qual concorria sempre que haviam quaesquer espectaculos, chegou a compôr uma tragedia, em quatro actos, muito nossa conhecida e á qual pôz o titulo, conforme o seu entreccho, do «Rapto das Sabinas».

Desejava que esta peça, por ser historica e para instrucção do povo, fosse representada na Praça, ao ar livre, gratuitamente, e como a mesma requerêsse um grande pessoal; muitos guerreiros romanos e filhas e mulheres dos Sabinos, que se pedisse ao Commandante Militar licença para a tropa aqui destacada vir figurar dos soldados romanos e que enquanto ás Sabinas fossem convidadas nas diversas freguezias da ilha quantas moças do campo se quizessem deixar ronbar n'aquelle noite, que com certeza daria brado, ao menos em todo o archipelago açorico.

Do Rapto das Sabinas, depois das dez horas da noite, na botica, a portas fechadas, chegaram a haver alguns ensaios das scenas de menor pessoal, e essa lembrança de tão bem passadas e alegres horas, acompanhará sempre os curiosos dramaticos a quem estavam distribuidas algumas das partes de tão complicada composição, em que o author tambem fazia um importante papel.

Por occasião do fallecimento em Lisboa de uma alta personagem, cuja infausta sorte veio contristar todo o paiz, o Sr. Vieira, apesar de professar idéas republicanas, quiz, ainda assim, dar uma demonstração do apreço em que tinha as virtudes do illustre finado.

Arranjou pois, sob a sua direcção, um grande quadro allegorico de tão lamentavel occorrença e quando este prompto, deliberou fazer

na sua sala uma apothecose á memoria do Sr. D. . .

Para isto convidou quantas pessoas lhe entravam na botica, vinte vezes ou mais a gente que a casa podia comportar, embora fosse uma enchente á *cunha*.

A curiosidade publica era grande.

A's 8 da noite designada estava tudo a postos, o quadro coberto com um panno, sobre uma meza e cercado de muitas velas de variegadas côres, o artista que o desenhara, sentado n'uma cadeira de braços ao lado do mesmo, o Sr. Vieira, com uma enorme casaca e a invariavel toalha branca ao pescoço, sentado do outro lado, e uma turba immensa e irrequieta a lhe subir a escada e a invadir-lhe a casa toda.

Que immenso apertão!

Na porta da rua havia murro a valer e os rapazes do Lyceu faziam um barulho de seis centos demonios. Como desde a escada da rua até ao quintal já não coubesse sequer um alfinete, foram buscar escadas de pedreiro e pozeram-nas contra as janellas, para poderem ver ou ouvir alguma coisa.

Começou a final a sessão, o Sr. Vieirinha desvelou respeitosamente o quadro, recitando um soneto da sua lavra, do qual ainda nos lembra o primeiro quartêto, apesar de estarmos então quasi asfixiados entre uma mé de espectadores:

Já não cantam os doutos ronzincoes,  
Poisados n'essas arvores sombrias,  
Pois seccaram se todas as fontes frias  
E nem já apparecem os caracoos!

O quadro tambem era esquisito, a um lado um grupo composto de alguns homens e mulheres, uns brancos outros pretos, mas todos completamente nus e lavados em lagrimas, representando—dizia o Sr. Vieira, —o verdadeiro estado da nação, muito pesarosa, e só com a pelle sobre os ossos. Do outro lado, no primeiro plano uma figura agigantada, tambem sem vestes, mas de capacete na cabeça e abanando com um lenço para o alto do quadro, aonde, entre umas espessas nuvens se divisava confusamente um vulto humano a subir para as alturas.

Por baixo da mulher do capacete havia a seguinte inscripção: *Ly-sia saudosa*.

Houveram ainda muitos versos, a coroação do artista, para o qual o Sr. Vieira havia preparado uma farta coroa de camelias, muitas palmas, muito enthusiasmo, uma noite cheia enfim.

E como alguém mais sério e amigo sincero do boticario lhe dissesse no outro dia que era melhor deixar-se d'aquellas *brincadeiras*, respondia elle uma phrase muito sua e de que fazia frequente uso:

«Ora adeus, meu caro amigo, Cicero para que escreveu? para quem o entendeu».

D'estas boas e alegres partidas haviam alli às duzias, sendo ainda hoje um problema, attenta a reconhecida e incontestavel erudição do Sr. Vieira, se não foi acaso um grande excêntrico, a divertir-se durante a maior parte da sua vida, com os seus conterraneos.

Fosse, porem, como fosse, ponhamos de parte estas inoffensivas *ratices* do bom velhinho e encaremos este homem, muito illustrado pelo lado sério e pelos serviços que prestou à sua patria.

Ninguém jamais na ilha do Fayal teve tanto amor ao publico ensinamento, nem ao mesmo se prestou de melhor vontade por quanto o Sr. Vieira passou largos annos da sua vida, a ensinar o que sabia, aos filhos da gente rica, ou dos pobres, sem acceitar de alguém a menor retribuição, soffrendo resignadamente quantas tropelias lhe faziam na botica, ou antes bibliotheca e sem o minimo signal de enfado, instando e pedindo à mocidade que fosse estudiosa, como o melhor pehor da sua futura felicidade.

Amante do progresso trabalhava sempre n'este campo, honrada, incessante, e desinteressadamente.

Partilhava tanto, ou mais, do que os paes dos rapazes que ensinava quaesquer vantagens que obtinham nos seus estudos e um bom exame no Lyceu enchia-o de uma alegria sincera e expansiva, fallando n'aquelle facto uns poucos de dias a quantas pessoas o visitavam, escrevendo cartas de felicitação aos paes e mimoseando os rapazes com pèras de calda, ou cachos de uvas passadas, de uns pedaços de vinha que ainda possuia no Pico.

N'estas occasiões dizia sempre aos rapazes agrupados em redor dos boões das pèras e uvas:

—Sou pobre, não tenho nada melhor que lhe offereça, mas se eu fosse rico outro gallo cantaria aos meus amigos. Paciência!

A todos, ou a quasi todos os homens que hoje contam quarenta, ou cinquenta annos, na Horta, ensinou o Sr. Francisco Vieira de Faria alguma coisa, portuguez, mathematica, linguas &c. e não ha um unico que se lembre d'elle lhe haver exigido, ou acceitado, a minima remuneração por tanto trabalho, e isto até, quando no ultimo quartel da sua vida, convertida de todo, por assim dizer, a botica n'uma bibliotheca publica e devido à doença das vinhas, de que era proprietario, vivia o mais parcamente possível e até com certas privações.

Em qualquer trabalho que trate do ensino publico no Fayal, o nome honrado do Sr. Francisco Vieira de Faria deve occupar sempre um dos primeiros logares, e se nos rimos por vezes das suas excêntricidades, não quer isto dizer, de sorte alguma, que não respeitamos, e muito, a memoria d'aquelle benevolento mestre e dedicado amigo, com o qual passamos uma parte da quadra feliz da mocidade.

O Sr. Vieira deixou alguns escriptos, quasi todos traducções do inglez e alguns originaes, mas poucos.

E pesar que a par da sua vasta erudição não fosse dotado d'um estylo agradável, tornando-se enfadonho a quem o lê, embora o que escreveu seja em linguagem assaz correcta.

É o que aconteceu nas obras de Pope, um seu author favorito, que traduzio quasi todo, bem como com alguns trabalhos de Voltaire.

Falleceu este muito prestante cidadão, aos sessenta e seis annos de idade, no dia 21 de Março de 1863, muito socegado de consciencia, conhecendo perfeitamente a approximação da sua derradeira hora e conversando até poucos momentos antes de se lhe extinguir a vida, com os seus discipulos, em coisas de litteratura e nos systemas de ensino que, quanto mais brandos, dizia elle, eram os melhores, os mais proficuos para a juventude.

Quando o seu caixão, no dia seguinte, atravessou, no transitio para o cemiterio, o atrio da egreja do Carmo, estava alli grande concurso de povo, pois ia sahir a procissão do Triumpho, que annuamente effectua a veneravel Ordem 3.<sup>a</sup> d'aquelle templo.

E grande parte d'essa gente se descobrio respeitosa ante aquelle humilde sahimento, divisando-se lagrimas em muitas faces, porquanto o honrado velhinho, á força de se tornar serviçal, havia captado a sympathia do publico.

Paz á sua alma!

**ANTONIO SILVEIRA BULCÃO.** — Oriundo de uma antiga familia d'esta ilha, porquanto nos livros da Santa Caza da Misericordia da Horta, respeitantes ao anno de 1680, alli se encontra exarada uma escriptura em que Alvaro Pereira Bulcão, Cavalleiro Professo da Ordem de Christo faz uma permuta com bens d'aquelle pio estabelecimento, nasceu este seu distincto descendente, na Villa da Magdalená, na ilha do Pico, aos 8 de Setembro de 1781.

Foram seus paes o capitão Antonio Silveira Bulcão e sua espoza D. Maria Magdalena Ursula, gente abastada e da primeira d'aquelle localidade.

Curson com notavel aproveitamento as aulas então existentes na Horta, para aonde, opportunamente, veio estudar, demonstrando desde bem novo apreciaveis dotes de um bom poeta.

Em 1816, tendo então trinta e cinco annos de idade casou com D. Maria de Lacerda Labath, e servio por algum tempo, com illibada honra o rendozo emprego de Escrivão da alfandega.

Professou constantemente ideas liberaes.

Dedicou-se mais tarde á nobre profissão de advogado, em que se tornou distincto, exercendo tambem, depois de estabelecido o governo constitucional, diversos cargos administrativos.

Em 1840 foi nomeado, interinamente, Delegado do Procurador Regio n'esta Comarca.

Veio a fallecer, na cidade da Horta, respeitado e bemquisto de todos no anno de 1843.

Como poeta foi assaz distincto e do mesmo existem publicadas diversas composições, de incontestavel merito, tanto na collecção do periodico «Gremio Litterario», como na «Historia das quatro ilhas que compõe o Districto da Horta», do Sr. Commendador Macêdo.

O assumpto da maioria d'estas peças litterarias, escriptas para serem recitadas em festejos publicos, é exaltar o triumpho das idéas liberaes, das quaes foi sempre leal e dedicado pugnador.

Um primo d'este poeta, o Rev.<sup>do</sup> P.<sup>o</sup> Bulcão, carmelitano, foi tambem pessoa muito respeitavel na sua classe, exercendo por dilatados annos o importante logar de Onvidor, no Concelho da Magdalena do Pico.

O talento não tem sido escasso com a familia Bulcão, por quanto dos filhos do cavalheiro de que tratámos um d'elles é o bem conhecido romancista fayalense Antonio de Lacerda Bulcão, do qual, opportunamente nos occuparémós n'estes apontamentos, existindo tambem n'esta ilha um sen neto Augusto Bulcão, poeta e jornalista, que promete manter no campo das letras as tradições da sua familia e do qual já existem publicados apreciaveis trabalhos.

**O PADRE VICTORINO JOSÉ RIBEIRO.** — A freguezia da Prayha do Norte, no Concelho de São Roque da ilha do Pico, alem de ser uma das suas mais antigas e melhores povoações, com cerca de mil e oito centos habitantes, bons edificios particulares, uma bella igreja e vistossissimo atrio e tendo a breve distancia a poetica e formosa bahia das Cannas, por muitos annos marginada d'uma latada de mais de quinhentos metros d'extensão e que chegou a produzir cem pipas de excellente vinho, gosa alem d'isto bem merecida fama, por alguns dos seus filhos que conseguiram conquistar um nome distincto no Districto a que pertenceram.

D'alli era oriundo, como já vimos, o talentoso padre e poeta José Leal Furtado, tendo agora de mencionar, egualmente, um outro respeitavel sacerdote, filho d'aquella localidade.

Do consorcio de Francisco Ignacio e de D. Rosa Jacintha, ambos picoenses, alli nasceu a 25 de Março de 1780, Victorino José Ribeiro, que no convento de São Pedro d'Alcantara, no sitio do Caes do Pico, devido á boa voniade de um seu tio clérigo, foi estudar com os frades franciscanos e aonde professou no anno de 1799, com o nome de Victorino de São José.

Em seguida foi cursar alguns estudos superiores nas afamadas au-

las da ilha Terceira, d'onde em 1802 passou para o Fayal, sendo nomeado Vigário do côro no convento de São Francisco.

Era então pregador distincto e um excellente musico.

Em 1803 resolveu ir estabelecer-se no Rio de Janeiro e secularizando-se, depois de haver recebido as ordens de Presbytero, effectivamente trocou a sua humilde patria por um centro maior e mais adequada aos seus talentos e reconhecida aptidão.

Sorrio-lhe a fortuna n'aquellas regiões, ganhou com que viver desassombradamente, mas começando, por effeito do clima, a soffrer da saude, voltou para os Açores, em 1815, provido n'um beneficio da Matriz das Vellas, na ilha de São Jorge; passando dois annos depois para o Fayal, aonde foi nomeado escrivão da ouvidoria ecclesiastica e mais tarde mestre da capella da Matriz.

Em 1820, nesta egreja foi solemnemente armado Cavalleiro professo da Ordem Militar de N. S. Jesus Christo.

O P.<sup>o</sup> Victorino José Ribeiro demonstrou sempre ideas liberaes, mas sem praticar excessos, o que não obsteu, ainda assim, a que na nefasta epocha de 1829 tivesse muitos transtornos e incommodos, sendo prêso, enviado para a ilha de São Miguel, no Fayal sequestrados os seus bens, e jazendo nas prisões da Trafaria, no continente até 1833, em que o veio libertar o triumpho da causa constitucional.

Regressou de novo para o Fayal, relativamente pobre e minado pela doença, tornando-se-lhe necessario fazer uma segunda viagem ao Brazil, a fim de cobrar algumas quantias que lá lhe deviam.

Decorria então o anno de 1836 e no seguinte tornava a aportar á cidade da Horta, aonde, desde então residio até á sua morte no decurso do anno de 1868.

Jaz sepultado no cemiterio da veneravel Ordem 3.<sup>a</sup> de Nossa Senhora do Carmo.

A par de impolluta honradez e firmeza de caracter, foi este respeitavel sacerdote um erudito investigador de antiguidades açoricas e devotado cultor das letras.

Além de numerosos e esplendidos strmões que pregou, os quaes colleccionados formariam alguns apreciaveis volumes, legou-nos ainda um livro, impresso na typographia Hortense, no anno de 1862, com 89 paginas e que tem por titulo «*Breves linhas historicas sobre as quatro ilhas de que se compõe o Districto da Horta*», trabalho este que tambem foi publicado no semanario «O Fayalense».

Segundo uma Advertencia do seu illustrado author aquella composição é «um simples esboço de alguns factos geraes e mais salientes que tiveram logar», e, n'este sentido fez, realmente, mais do que havia promettido.

Acresce ainda que o Rev.<sup>do</sup> Victorino José Ribeiro, foi, nos tempos modernos, o primeiro escriptor que se lembrou de rememorar os acontecimentos da sua insulana patria.



Depois de aberta, n'um fechado matagal uma verêda qualquer, torna-se muito mais facil alargar a mesma até tornar-se n'um caminho transitavel e corrente, mas devemos lembrar-nos que o primeiro trabalhador que se achou a braços com um descampado cheio de informes pedras e valentes sylvados, careceu de grande coragem e dedicação para desbravar, embora apenas uma limitada porção de semelhante terreno, n'uma lucta ingloria e quasi ignorada.

Foi o que lhe aconteceu e por isso tem todo o direito á nossa consideração.

Actualmente continua a sustentar com distincção, n'este Districto, as boas tradições da sua familia um illustrado sobrinho do Padre Victorino, tambem natural da Praynha do Norte, o Rev.<sup>do</sup> Verissimo José Ribeiro, beneficiado da egreja da Conceição, e agraciado por Sua Magestade na cathogoria de Pregador Regio, por Carta de 23 de Fevereiro de 1878 e como Capellão honorario da Casa Real em 18 de Março de 1882.

Como o seu respeitavel parente, de que acabamos de tratar, honra, sobremodo, a tribuna sagrada.

**O PADRE IGNACIO FURTADO DA CRUZ.**— Nasceu na ilha das Flores, na freguezia de Ponta Delgada, em Janeiro de 1790.

Era filho de Januario Furtado da Cruz e de sua consorte D. Marianna Ursula, ambos tambem naturaes da mesma freguezia de Ponta Delgada.

Ainda novo sabio da sua patria, como marinheiro, n'um navio estrangeiro que por alli passou e depois de alguns annos de aventureira existencia, residio por largo tempo na Hespanha, aonde adquirio solida instrucção.

Depois d'isto, tomando ordens sacras em Portugal, veio para a ilha das Flores e conseguiu ser nomeado Reitor da freguezia da Lomba, aonde deixou honrosissima fama de notaveis virtudes e sciencia.

A sua casa dava franca hospedagem a quantos forasteiros alli appareciam e a sua bolsa estava sempre aberta para os seus parochianos.

Falleceu no dia 12 de Junho de 1879 e o povo da freguezia da Lomba ainda hoje deplora a sua falta.

O Padre Ignacio Furtado da Cruz, dotado de muito chiste nos seus escriptos, tomou nota de muitas occorrencias que se deram na sua patria, as quaes registava n'um «Diario», que apesar de estragado pelo tempo, sabemos ainda existir em poder dos seus parentes.

Era grande entusiasta das festas nacionaes e n'essas occasiões escrevia cartas de felicitação aos seus numerosos amigos, mencionando nos sobrescriptos, em letra garrafal, a plausivel data que a tanto o movia.

Tinha algumas excentricidades, mas em todo o caso foi um florentino de reconhecida illustração e um bondoso sacerdote.

**O COMMENDADOR ANTONIO LOURENÇO DA SILVEIRA MACÊDO.** — Encetámos, com a presente referencia um periodo novo n'estes pobres apontamentos, vindo pramenteiramente ao encontro d'um escriptor existente, depois de ha tanto tempo ter andado a escavar em sepulturas.

Ainda assim a summa das impressões, que em semelhante tarefa recebemos, não teve um aspecto tenebroso e carregado, e se no nosso pequeno cemiterio d'aldeia não deparámos com sumptuosos monumentos, d'esses que duram seculos, pudêmos, não obstante, respirar algumas flôres, embora humildes, mas de vividas côres e perfumado alento.

Attendendo ao isolamento do Fayal, insignificancia relativa d'esta terra, aos poucos, ou nenhuns recursos que em pequenas povoações encontram os estudiosos e á mingoa das communicações regulares que então havia com o continente, dificultando o conhecimento d'esse mesmo pequeno movimento litterario que vegetava em Portugal, devemos concordar que a despeito de todas estas pouco animadoras circumstancias houve sempre n'esta ilha alguns cultores das letras e até epochas em que das mesmas se tratou muito mais do que actualmentee.

Tivesssem tido os antigos a imprensa, aqui estabelecida apenas desde 1857 e colleccionado os seus apreciaveis trabalhos litterarios, muitos d'elles hoje completamente perdidos, que um confronto, de boa fé, não sei se nos seria vantajoso.

Depoado pois, aqui, um muito humilde tributo de veneração á sua respeitavel memoria, tratemos em seguida dos contemporaneos, guardando, quanto possivel, a ordem, approximada, das suas edades.

Antonio Lourenço da Silveira Macêdo nasceu, na villa da Horta, na rua de Santo Elias, aonde ainda hoje reside, a 11 de Setembro de 1818.

Foram seus progenitores Lourenço Antonio da Silveira Macêdo e D. Maria Delfina da Silveira Goulart, ambos naturaes da freguezia de São Matheus, no Concelho da Magdalena, na ilha do Pico.

Apesar de Lourenço Antonio ser um artista conseguiu dar ao seu filho uma regular educação, que é esse sempre, no nosso entender, o maior titulo de nobilitação para fidalgos ou plebeus.

Aos vinte e um annos de idade, em 3 de Dezembro de 1839, começou Antonio Lourenço da Silveira Macêdo a exercer o magisterio publico de instrução secundaria, na regencia da aula de latim, na villa das Lagens do Pico, passando em seguida para a regencia da mesma aula na cidade da Horta, no mez de Março de 1848.

Cinco annos depois, em 1853, foi creado o nosso Lyceu Nacional

e desde Junho d'esse anno começou o professor de que tratámos a ensinar no mesmo Philosophia e Mathematica e durante o longo periodo de trinte e tres annos tem, constantemente e assidnamente leccionado n'aquella casa tanto estas, como outras disciplinas, a numerosos discipulos, tendo na mesma exercido os cargos de secretario, bibliothecario e reitor, este ultimo por duas vezes, em Agosto de 1871 e no mesmo mez de 1879.

Actualmente, já jubilado, rege ainda a cadeira de Mathematica.

Em 1845 do casamento d'este laborioso fayalense com D. Maria Aurora Telles de Macedo, seuhora descendente d'uma muito antiga familia d'esta ilha, nasceu um filho que educado com desvelo por seus paes e dotando-o a natureza de não vulgar intelligencia e amor ao estudo, no anno de 1869 terminhava o seu curso na Universidade de Coimbra, aonde se formou na faculdade de direito.

O dr. Antonio Telles de Macedo, bom e estremecido filho, achava-se tres annos depois, na ilha do Pico, exercendo as funcções de Delegado do Procurador Regio e casado com D. Maria Othilia d'Azevedo e Mello vivendo feliz e parecendo destinado pela providencia para com os seus augmentos, elevação de character e consideração de que gozava, ser a alegria, o orgulho, o premio do incessante lidar do seu progenitor, por quanto, sejamos francos, se é facil conquistar na sociedade uma distincta posição para os que nascem na grandeza e opulencia, ao contrario d'isto para o homem que só devido ao seu trabalho consegue viver e dar uma esmerada educação aos seus, representa a realisação d'este empenho uma grande batalha, com muitos incidentes arduos e ignorados do vulgo, com muitos sacrificios e incessante dedicação.

Que o diga quem estiver em idênticas circumstancias.

Chegou, porem, o inverno de 1872, e, em Fevereiro, a desdita veio ferir profundamente aquella honrada familia, arrebatando celaremente para a sepultura o dr. Antonio Telles de Macedo, e abrindo no coração da mesma golpes tão profundos e insanaveis, para os quaes só a resignação christã pode offererer lenitivo.

Teve, acreditamos, esse supremo recurso o angustiado pae, por quanto a sua fé é vivida e revela-se, por vezes, nos seus escriptos, bem como na sua conversação com os amigos, pertence ainda a uma escola antiga na qual, segundo o nosso poeta Paulino Cabral, pode-se viver e morrer, *ouvindo o credo velho ao padre cura*, o que já é muito, quando algumas doutrinas modernas existem estereis e desoladoras, como o *simoun* do deserto e improficuas para a sociedade, individual ou collectivamente.

Em 1874, Antonio Lourenço da Silveira Macêdo publicou o primeiro volume da sua obra: *«Historia das quatro ilhas que formam o Districto da Horta, desde a epocha do seu descobrimento até á presente, comprovada com documentos authenticos extrahidos das repartições pu-*

*blicas e commentada com as opiniões dos historiadores açorianos e algumas do autor*; sendo este trabalho dedicado ao Marquez d'Avila e de Bolama, impresso em 4.º, o primeiro volume na typographia de Graça Junior e no anno seguinte o segundo e terceiro volumes da mesma, na typographia de Laureano Pereira da Silva Corrêa, tendo ao todo 1412 paginas, das quaes uma abundosa parte de copias de documentos.

Esta «Historia das quatro ilhas» representa um trabalho de ferro, especialmente no que diz respeito a indagações de datas, tornando-se assim de muita utilidade para os estudiosos, tanto mais quando muito pouco existe ainda escripto com respeito ás ilhas occidentaes do archipelago açorico.

A sua impressão e revisão deixou, porem, alguma coisa a desejar, como se verá d'uma segunda e mais correcta edição que o seu erudito author falla em publicar, ampliada com mais um volume.

Alem d'esta obra e de alguns escriptos ineditos, ainda que de menor folego, conhecemos do mesmo os seguintes compendios elementares:

*Exemplos edificantes de virtudes moraes e cívicas extrahidos da Historia Portuguesa e transcriptos dos classicos da lingua, para as lições de leitura nas escolas primarias.*—*Compendio de grammatica portugueza.*—*Brere tratado de Agricultura.*—*Noções de Historia geral, especialmente do Reino de Portugal.*—*Principios elementares de Pedagogia.*—*Noções summarias de Geographia e de Corographia de Portugal.*—*Elementos de Arithmetica.*—*Historia Sagrada.*

Estas diversas publicações abrangem 472 paginas, foram todas approvadas pela Junta Consultiva de Instrução Publica e impressas, na Horta, pela primeira vez em 1877, na typographia de Francisco Pereira de Mello, e reimpressas no anno de 1880 na typographia Minerva Insulana.

O seu illustrado author tem, tambem, collaborado em diversos jornaes da sua patria e mais effectivamente em quanto se publicou «O Gremio Litterario» no qual inserio uma serie de artigos concernentes á instrução publica e a homens distinctos d'este Districto.

Por Decreto de 12 de Julho de 1883 foi Antonio Lourenço da Silveira Macedo agraciado, pelo governo portuguez, com a Commenda da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo e de ha muito que o temos visto exercer com a maxima assiduidade importantes cargos publicos, taes como: Procurador á Junta Geral do Districto, desde 1872, em que tem servido de Secretario, vice presidente e presidente da respectiva Commissão executiva. Conselheiro do Districto, desde 1872 a 1878, vogal da Commissão do recrutamento, durante o mesmo periodo, presidente da Commissão do recenseamento eleitoral desde 1874 até 1877 e depois desde 1880 a 1884, vogal clavicenlario da Junta administrativa das obras do porto artificial da Horta, vogal da Commissão anti-phyloxerica e do conselho da agricultura, em 1883, presiden-

te da Comissão promotora de soccorros para os pobres doentes da Feteira, em 1884, e no anno immediato eleito presidente da Commis-são para organizar os auaes d'este municipio, bem como em 1886 do Centro agricola da Horta.

Uma unica palavra define perfeitamente a feição mais saliente do Commendador Macédo -- o trabalho.

**ANTONIO DE LACERDA BULCÃO.** -- Filho do distincto porta Antonio Silveira Bulcão, de que tratámos antecedentemente e de sua consorte D. Maria de Lacerda Labath Bulcão, nasceu na então villa da Horta, aos 17 de Junho de 1817.

Foi alferes da 4.<sup>a</sup> companhia do 2.<sup>o</sup> Batalhão de voluntarios, criado em defesa da liberdade por Decreto de 7 de Setembro de 1831 e dissolvido por Portaria do Ministerio do Reino de 8 d'Agosto de 1840.

Nomeado amanuense do Governo Civil da Horta em 21 de Julho de 1836 e promovido a 2.<sup>o</sup> official em 20 de Dezembro de 1872, foi aposentado n'este ultimo cargo por Carta Regia de 11 de Fevereiro de 1880.

Durante este longo prazo de serviço publico, foi encarregado o Sr. Bulcão, sem receber remuneração alguma, de diversas commissões, algumas das quaes importantes, como se vê da seguinte copia d'um documento official:

— «Governo Civil do Districto da Horta—N.<sup>o</sup> 16—1.<sup>a</sup> Direcção= 2.<sup>a</sup> Repartição—Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Sr. = Em cumprimento do venerando despacho de V. Ex.<sup>a</sup>, de 20 de Julho ultimo, no requerimento do 2.<sup>o</sup> official aposentado d'este Governo Civil, Antonio de Lacerda Bulcão, em que solicita uma gratificação pelos serviços extraordinarios que por nomeação d'este Governo Civil desempenhou em diversas epochas, devo informar a V. Ex.<sup>a</sup> que o Sr. Bulcão jamais recebeu gratificação alguma pelas commissões que desempenhou sendo enviado á ilha do Pico em 1838, pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Joaquim Nunes de Vasconcellos; em 1840 pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco de Paula de Souza Villa Lobos; em 1842 pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio José Vieira Santa Rita; ás ilhas das Flores e Córvo em 1842 pelo dito Ex.<sup>mo</sup> Sr. Santa Rita e em 1843 á ilha do Pico; em 1853 foi novamente enviado á ilha do Pico pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luiz Teixeira de Sampaio Junior (Alvará de 11 de Fevereiro de 1853). Foi mais mandado á ilha Graciosa em 1844, pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Santa Rita (Instruções de 11 d'Agosto) e em 1850 ás ilhas Terceira e São Miguel, por nomeação do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim José Pereira da Silveira (Alvará e Guia de 3 de Junho). D'estas commissões as mais importantes foram ás ilhas Terceira e São Miguel, para compra de cereaes por conta do Estado, a fim de abastecer o mercado, em vista da terrivel crise alimenticia, que então soffreu este Districto. Que desempenhou com zelo e honradez todas estas commissões fazendo todas as

despezas à sua custa, das quaes ainda não foi indemnizado, tendo requerido ao Governo duas vezes uma gratificação, não se recordando precisamente as datas dos requerimentos, sendo o primeiro enviado ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João Antonio Corrêa de Sequeira Pinto, Governador Civil de Santarem, que antes havia exercido o cargo de Secretario Geral n'este districto, e o segundo ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Jacintho Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, deputado por este Districto. Julgando, pois, justa a pretensão do requerente e verdadeiro tudo o que o mesmo allega no seu requerimento, que devolvo, V. Ex.<sup>a</sup> se dignará mandar arbitrar a gratificação que julgar conveniente. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Governo Civil da Horta, 24 de agosto de 1880: — Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino — O Governador Civil substituto — Rodrigo Alves Guerra.»

A causa era justa, mas o resultado foi nenhum.

Dotado de talento para a pintura fez Antonio de Lacerda Bulcão numerosos quadros, para offerecimentos.

A seguinte carta do virtuoso Bispo d'esta Diocese D. Fr. Estevão de Jesus Maria demonstra, ptenamente, a boa acolhida que teve pelo venerando Prelado um trabalho d'aquelle fayalense.

É um documento inedito e valiozo pela sua alta proveniencia:

— «Ill.<sup>mo</sup> Sr. — Com a sua carta de 26 de Julho, d'este anno, recebi a apreciavel offerta de um engenhozo pathetico quadro a oleo, obra que sobremodo exalta o sen author, mui principalmente sabendo-se que sem estudos methodicos de desenho a imaginou e levou a effeito tão somente pela tendencia e gostosa dedicação ao aprisivel labor da pintura. Agradecendo, préso a sua attencioza lembrança por dimanar de um coração sincero, animado de sentimentos verdadeiramente catholicos. Oxalá que tão affectuozo pensamento elegantemente significado no seu bello quadro, com referencia ás virtudes de um immerito Prelado fôra exacto! Então, exclamaria com o Psalmista — Não a nós, Senhor, mas ao Vosso Santo nome dai gloria. E os Anjos Santos no Cen, e os homens na terra, fleis á suave, doce, maxima do Salvador — Resplandeça a Luz do vosso bom exemplo na presença dos homens, glorifiquem ao Pai que está nos Ceus, de certo Lhe tributarão, em presença da virtude sempiterno Louvor, glorificando incessantemente a este Amorosissimo Pae Celestial, Creador e Redemptor Nosso Senhor Jesus Christo. Dignê-se V. S.<sup>a</sup> accellar os sinceros votos do meu cordeal agradecimento pois sou, abençoando-o, com toda a estima e maior consideração — De V. S.<sup>a</sup> — Prelado affectuozo e venerador obrigado — Fr. Estevão, Bispo d'Angra — Quinta das Almas, 3 de Setembro de 1838.»

O Sr. Bulcão no decurso da sua laboriosa vida publica foi condecorado com o grau de cavalleiro da ordem militar de N. S. Jesus Christo, bem como de cavalleiro da ordem militar de N. S.<sup>a</sup> da Conceição de Villa Viçosa.

Como escriptor publico existem numerosissimas composições firmadas com o seu nome, dispersas em quasi todos os periodicos d'este archipelago.

Alem de um drama em tres actos com o titulo «*A influencia da mother*» em tempo representado por curiosos no theatro União Faya-lense, conhecemos do mesmo author quarenta e nove romances, com os seguintes titulos :

*O Segredo d'uma flor — O Afanicoque — O Contra-mestre — José Tragos — A Bahia do Inferno — A Estilla — Scenas phantasticas — Modesta — Damiana — Pemi de Talião — O Esqueleto — Jan Fernandes — A casa sinistra — A Tia Micaela — Misterios d'uma familia — Calham-bola — Monitaria Secreta — Os dois gemeos — O Ciúme — O Sr. Viella — O Oraculo — Os dois rivaes — O Cego da Feteira — O ramo de violetas — Maria Dijanira — O desherdado — O Martyr — O Arrependimento — O homem do capote de escocoz — Mestre Parramaque — Misterios do Fayal — A Cruz de prata e a Cruz de ferro — O homem mysterioso — A casa Negra — O Ermita — O Invalido — Os pobres do Fayal — O Mórro de Castello Branco — Bento Murtes — O Embruzado — Fr. João — Cinco dias na ilha do Córvo — Vida do Juden Errante — O homem que chora — O Mendigo — O Lunatico — O Prisioneiro — A Dama do Cemiterio — Ancilla.*

D'esta longa lista trinta e dois romances foram impressos em hebdomadarios e os ultimos dezesete em tres volumes, na typ. de Francisco Pereira de Mello, em 1877 e 78, sendo este artista o seu editor, conjunctamente com Jeronymo Gomes d'Oliveira, pertencente á mesma classe.

Os romances em folhetins contem, approximadamente, duas mil paginas e os avulsos 750 pag. em 8.º.

Ao declinar de uma vida incontestavelmente de trabalho, um profundo desgosto de familia, a morte d'um filho querido e geralmente estimado, o nosso bondoso companheiro d'infancia, Antonio de Lacerda Bulcão Junior, mais tarde digno vice-consul de Hespanha n'esta ilha, veio angustiar d'uma maneira atroz o coração do seu extremoso pae.

A ultima visita que lhe fizemos contristou-nos bastante, aquelle cavalheiro que antecedentemente conhecêramos jovial, fallador, um tanto excentrico, estava demudado, enfraquecido pela doença e magoas e invadido por acerba tristeza.

Não era o mesmo.

Em frente da sua pequena mesa de escrever um retrato do fallecido filho, sobre uma commoda algumas flores colhidas na sua sepultura, lagrimas nos olhos e saudades no coração.

Respeitámos, sinceramente, aquella dôr que é immensa e dêmos um apêto de mão ao inoffensivo escriptor que, no decurso apenas de alguns mezes, parecia ter envelhecido um quarto de seculo.

**O DR. MIGUEL STREET D'ARRIAGA.** Em 1827, n'essa fausta epocha para os fayalenses, na qual as chronicas de então nos apresentam a villa da Horta, toda entregue a festejos publicos e até espectaculos dramaticos, devidos aos acontecimentos politicos da metropole e á adhesão que os habitantes d'esta ilha prestavam á carta constitucional, em Abril do anno antecedente promulgada como lei fundamental do paiz e em que ás vistosas encamisadas com barcas de musica, bandos e illuminações se juntavam naipes e recitas e até um grande jubileu com diversas procissões e festas nos templos, para tornar mais agradável a vida d'estes povos, tratando do seu recreio e espiritual proveito, n'esse anno, diziamos, chegou ao Fayal empossado no cargo de corregedor o Dr. Miguel Maria Borges da Camara, oriundo d'esta ilha e filho d'um cavalheiro notavel pelos seus serviços ao paiz, o desembargador e alcaide mór Miguel d'Arriaga Brum, que fôra Ouvidor de Macau.

O dr. Miguel Maria não vinha iniciar-se na publica governação no cargo que lhe foi confiado, porquanto tendo em Lisboa um tio Intendente da Policia com o mesmo já tivera proveitoso tirocinio no seguimento de muitos negocios publicos.

Emquanto ao seu physico era o novo corregedor de estatura muito baixa, magro, e tão magro, que costumava dizer quando ia de cadeirinha a alguma festa publica, ou a algum baile, que os conductores podiam andar de pressa e sem canção, pois o pezo maior que levavam era do seu espadim.

Havia o corregedor casado em Lisboa com sua prima D. Barbara Joaquina Street d'Arriaga, Senhora nobre e de fina educação, filha de Guilherme Street d'Arriaga, abastado proprietario de muitos predios em Lisboa e d'uma valiosa quinia em Carnide.

O dr. Miguel Maria era cavalheiro do mais delicado trato, possuindo notaveis conhecimentos, tanto com relação á litteratura patria como de estrangeiras nações, alegre e d'agradavel conversação, na qual, não raro scintillavam ditos de fina critica e profunda observação.

Era um homem de cõrte, em toda a extensão da palavra e na sociedade elegante da Horta, n'aquella bella sociedade de então, que n'isto era notavel esta localidade, o corregedor Miguel Maria foi assiduo frequentador de todos os bailes e diversões, dando tambem sumptuosas festas na sua hospitaleira residencia.

No Fayal tornara-se assaz sympathico e gosava de geral estima.

A 23 de Outubro de 1828 nasceu-lhe, na Horta, um filho que recebeu o nome de Miguel.

Aclamado subsequentemente, D. Miguel n'esta ilha, a 4 de Setembro de 1828, o corregedor Miguel Maria portou-se com a maior mo-



deração, como em seguida, de 4 de Novembro em diante, nos acontecimentos a que deu lugar a chamada *revolução do castello*, no sentido liberal, em consequencia da qual veio para o Fayal o syndicante Torres, de lugubre memoria.

D'este commedimento com miguelistas e liberaes, aconteceu o que succede muitas vezes aos homens bem intencionados e ordeiros, isto é, ficar mal com o povo por causa do Rei e com o Rei por causa do povo.

Os miguelistas, porem, tomaram-no entre dentes, acoimando o corregedor de *malhado*, especialmente depois que na celebre Devassa, tirada pelo syndicante Torres, protegeu, até certo ponto, os liberaes.

Passou-se, assim, ordem de prisão contra o corregedor, a qual com algumas peripecias assaz comicas, foi effeituada pelo juiz por bem da lei Gonçalo de Labath Marramaque de Lacerda, homem de suprema ignorancia, gago, grotesco e ridiculamente fanatico pelo throno e pelo altar.

Do castello de Santa Cruz, aonde foi encarcerado, sahio o dr. Miguel Maria d'esta ilha, seguindo depois de Lisboa para França, aonde residio por algum tempo.

Quando D. Barbara Joaquina Street regressou para o Fayal vinha já viuva, ainda que de recente data e mais tarde veio a casar em segundas nupcias com José Curry da Camara Cabral, abastado proprietario e dignissimo consul da Russia n'esta ilha, aonde viveu com fausto.

O filho do corregedor Miguel Maria, matriculado na Universidade de Coimbra, cursava a faculdade de direito, com muita distincção, obtendo a sua formatura no anno de 1850.

O dr. Miguel Street d'Arriaga, terminado o seu curso academico, veio ao Fayal visitar a sua familia e voltando depois para o continente alli exerceu por breve tempo funcções administrativas, regressando em seguida para esta sua patria, aonde chegou a 24 d'Outubro de 1852, nomeado Secretario Geral do Districto da Horta, do qual exercia então o cargo de Governador Civil Luiz Teixeira de Sampaio, aqui residente desde 26 d'Agosto antecedente.

No mez de Fevereiro de 1853 casava com D. Carlota d'Oliveira, virtuosa filha do sargento mór d'ordenanças Antonio d'Oliveira Pereira, do qual tivemos occasião de tratar, antecedentemente, como proprietario da casa em que se hospedou, na Horta, o grande tribuno José Estevão.

Se o dr. Miguel Street d'Arriaga como exemplar chefe de familia e distincto funcionario publico, pois que exerceu sem interrupção as funcções de Secretario Geral até principios de Junho de 1882 em que indo para Lisboa com sua familia foi reformado e aonde reside, honrou sempre a terra da sua naturalidade, tambem no campo das letras, em cujo constante convivio passava as horas de descanso das suas occu-

pações officiaes, adquirio, desde longa data, um nome respeitavel e laureado.

Da mesma sorte que nos seus tempos de estudante, em Coimbra, punha em scena, no theatro academico, algumas das suas producções dramaticas, ou pelas tão decantadas margens do Mondego compunha numerosas poesias, depois de entrar na realidade da vida, não conseguiram arredal-o as tarefas burocraticas d'aquella sua natural vocação para o culto da arte, sob variadas formas, mas sempre d'uma maneira correcta e n'um estylo despretenciozo e muito elegante.

Os primeiros versos que conhecemos do dr. Street d'Arriaga, compostos no Fayal, foram os que dedicou ao celebre violinista Agostinho Robbio, quando aconteceu o navio em que este grande artista seguia para a America, arribar á cidade da Horta, aonde elle deu um concerto na noite de 21 d'Outubro de 1850.

Sendo uma peça completamente inédita e talvez nem da mesma já possuindo o original o seu author, por isso publicámos n'estes apontamentos a seguinte:

## ODE

Robbio, mortal não és, do Céu descido  
Mandas ao coração, o mundo reges  
Da rebeca ferindo as aureas cordas  
Que o espanto derramam!

Eia, ó genio, as azas solta altivo  
Aereas regiões busca sem limites  
E em sons te espraia em poesia excelsa  
Que o louro deus te assopra.

Ousado sempre sobe e com teu canto  
Arrasta quem te escute: eia, subindo  
Em harmonias mil m'engolfa a alma  
E nos astros me pouisa.

N'esta terra surgiste qual phantasma  
Que em doces sonhos cria a mente enferma  
Quando de noite em puro azul refulge  
A scintillante Delia.

O delirio passando o sonho foge,  
A visão mais não brilha, o fraco espirito.  
E a só lembrança fica amara e triste  
Da desfeita chimera!

Embora passes meteoro ingente  
No nosso fusco cen rapido e breve,  
Mas nunca o dia em que fulgente assomas  
No Lethes se mergulhe.

Dos ceus m'incenda a mente o fogo ethereo,  
Que aos archanjos roubaste adormecidos,  
Uma porção me dá, com elle inspira  
Desconhecido Vale.

Dá-me calor e força com que espalhe  
Na lingua de Camões, suave e bella,  
Do teu plectro a doçura, ó grão discipulo  
Do divo Pagadini.

Mas onde von? que arrojo avermelhando  
As faces, os sentidos m'extravia?  
Que stulto intuito de Sião a musica  
Na lyra de cantar?

É tal o teu poder, é tal o encanto  
Que das Musas ao sacro monte arrastas  
Quem do Helicon as agoas não beben,  
Com o canoro accento.

E se a lyra dedillo, em pasmo absorto,  
Se atrevido levanto a fraca voz,  
Teu genio me arrebatá e delirante  
Meu transporte não callo.

Mortal não és, és deus, na terra imperas.  
Quando largas os sons magos, dulcissimos,  
E na pyra te lanças, desvairado  
D'enthusiasmo immenso!

No 1.º de Abril de 1857, tres mezes incompletos depois da publicação em 10 de janeiro anterior do «Incentivo», o primeiro periodico d'esta ilha, fundava o dr. Miguel Street d'Arriaga, conjunctamente com um cavalleiro muito devotado ás letras, o dr. José Affonso Botelho Andrade, então aqui residente, o semanario «O Fayalense», impresso na typographia de João José da Graça Junior, na rua do Collegio, n.º 3 e depois na rua da Misericórdia, n.º 3.

Começou este periodico e assim proseguio (até 31 de Junho de 1859, em que mudou de formato) a ser publicado em 4.º grande, com oito paginas de composição, em duas columnas cada pagina, e tres do 2.º anno em diante, adoptando uma feição assaz commedida.

No artigo principal do primeiro numero, sob o titulo de «Introdução», declaravam os seus illustrados redactores: «trataremos de cousas, de principios, de grandes conveniencias e de objectos litterarios e scientificos por que o nosso genio não se compadece com outro meio de escrever. Acreditem-nos esta declaração que é verdadeira e o tempo o mostrará».

Effectivamente o programma foi cumprido e o primeiro anno do «Fayalense», embora tenha sido inalteravelmente um periodico sério, é o melhor de toda a collecção de vinte e nove annos já completos de existencia, pois que traçamos estas linhas em Junho de 1886.

A par, então, das brilhantes descripções de viagem, estudos de critica litteraria e poesias de Botelho Andrade, numerosas composições em verso de Street d'Arriaga enriqueciam as suas paginas, sendo tambem alli tratadas com notavel proficiencia algumas questões de interesse publico para esta localidade.

Concerentemente á arte dramatica, encontrámos n'aquelle primeiro anno, do mesmo author e tambem em verso um *Elogio, recitado no theatro «União Fayalense», em 16 de Setembro de 1856.*

E' allusivo á subida ao throno d'El-Rei D. Pedro 3.º, sendo aquella data a da inauguração do mencionado theatro.

Apparece logo em seguida a publicação do drama em tres actos *A Condessa e o Catixeiro*, que fôra á scena, com applauso, no theatro academico, em Coimbra, em Novembro de 1849.

Desde o 1.º n.º, do 2.º anno, do indicado «Fayalense», perdeu este excellente semanario a collaboração do dr. José Affonso Botelho Andrade, por declaração do mesmo, datada de 6 de Julho de 1858, ficando a sua redacção exclusivamente a cargo do dr. Arriaga.

Começou então, alli, a publicação do seu drama *Julia Cesarina*, cuja acção é passada em Vênêsa, no anno de 1516.

Apesar d'este valioso brinde aos leitores do «Fayalense», forçoso é, ainda assim, confessar que a sahida da redacção do dr. Botelho Andrade, deixou uma grande lacuna n'aquelle periodico, por quanto tão abalisada penna não é facil de ser substituida, nem um unico redactor, embora muito habil, pode accudir de prompto ás differentes secções d'uma publicação litteraria, politica e noticiosa.

No emtanto o «Fayalense» continuou a ser distribuido com toda a regularidade, o que não tem sido muito trivial com algumas publicações d'esta localidade.

Devemos tambem aqui mencionar que o primeiro typographo com que começou «O Fayalense», tem-no acompanhado até hoje, no decurso de mais de vinte e nove annos.

É o Sr. Luiz da Terra, que passou a ser seu proprietario, redactor e editor desde 18 de Junho de 1882, devendo tambem notar-se que desde o n.º 50, do 1.º anno, foi composto este periodico na typo-

graphia Hortense, propriedade do mesmo dr. Arriaga e actualmente do redactor d'essa folha.

Pouco depois da abertura do theatro União Fayalense subio alli a scena o drama em tres actos *Um Crime*, composição ligeira, já representado no Theatro Academico, conhecendo nós muito mais valiosos trabalhos do dr. Street d'Arriaga, n'aquelle difficil ramo de litteratura.

Existe, já impresso, do mesmo illustrado author outro drama, em dois actos, com o titulo *Nobreza e Amor*, Horta, typ. Hortense, 1874.

Esta singela composição foi, expressamente, escripta para ser representada n'uma sala, por algumas damas e cavalheiros da elite da nossa sociedade e por conseguinte adstricta a umas certas conveniencias dos *actores* que a iam interpretar e do meio em que tinha de apparecer.

Ainda assim, entendemos ter bastante merito e uma encantadora louçania de phrase, consoante ao selecto auditorio que tinha de escutar a peça.

Veio em seguida *A Filha do Morgado*, um bom drama em quatro actos, que traduz o viver fayalense ha uns cincoenta annos e que foi muito applaudido pela plateia. Subio a scena na noite de 10 de Fevereiro de 1879.

Na noite de 10 de Novembro de 1880 o theatro União Fayalense tornava a adornar-se para outra recita d'uma nova composição do mesmo author e que era posta em scena em beneficio da Sociedade Humanitaria de Litteratura e Agricultura.

Foi a comedia-drama em quatro actos *As Lições de Guitarra*, baseada n'uma chronica fayalense e que reproduz elegantemente alguns dos usos e costumes açorianos e talvez o trabalho litterario do dr. Street d'Arriaga que contem melhores condições scenicas.

Conhecemos-lhe ainda um outro drama, medito e de incontestavel merecimento, intitulado *Os Estudantes*, estudo d'algumas aventuras da vida dos rapazes em Coimbra, a sua maneira de existencia, alegrias, pesares e amor, que sem este poderoso sentimento quasi que não ha drama ou romance possivel.

E' para lamentar que não haja ainda d'esta obra uma edição qualquer.

Eis-nos agora em frente de um trabalho de maior vulto e de grande responsabilidade litteraria, de um tentame muito sério, e muito difficil, qual a traducção do mimozo poema de Henrique Longfellow—*Erangelina*.

Qualquer pessoa, ainda que medianamente instruida na litteratura dos Estados Unidos da America, conhece, com certeza que reproduzir n'outra linguagem as delicadas estrophes do author da *Legenda Aurea*, tão puras, singelas e perfumadas como um punhado de rosas, orvalhadas de diamantes e colhidas em festiva manhã de primavera,

é uma empresa desanimadora, quasi impossivel, tanto mais quando Longfellow reunia ao talento d'um eximio poeta, os distinctos predica-dos d'um sabio, occultando por debaixo d'uma apparente simplicidade montões de bom viro de lei e muitos thezouros de erudição.

E com que arte era isto tudo feito!

O dr. Street d'Arriaga conseguiu traduzir muito consciencioza-mente a «Evangelina», visando, primeiro que tudo a ser verdadeiro, dando-nos uma approximada idéa do poema original.

Concordâmos plenamente com o dizer do Sr. Xavier da Cunha, na introdução d'aquelle valioso trabalho, de muito tempo, com certeza, quando escreveu os seguintes periodos:

«O dr. Arriaga não cuidou em anepor a fidelidade da traducção o capricho de corroborar para si credits de estylista elegante,—credits, aliás, que todos quantos conhecem o distincto poeta fayalense lhe confirmam, ha muito.

Em que se esmerou, em que mormente caprichou, foi no escru-pulo com que se propoz offerecer aos leitores portuguezes uma repro-dução fide-digna do poema americano . . . »

A «Evangelina» foi impressa em Lisboa, pelo editor David Coraz-zi, em 1879 e já, ainda em manuscripto, havia antecedentemente me-recido ao seu traductor uma honrosissima carta de Longfellow.

Na relação de alguns trabalhos litterarios do erudito fayalense mencionados n'uma nota da introdução da «Evangelina» vem alli in-dicado o drama «Um Crime», como já representado no continente com o titulo «Beatriz».

O mesmo acontece, relativamente á mudança de titulo, com o dra-ma «Salvação e Perdição», que lêmos, se a memoria nos é fiel, com o titulo «Os Estudantes», como dissemos.

Além das numerosas composições de que tratámos existem do dr. Street d'Arriaga diversos discursos publicados nos folhetos narrativos de abundosos sarais litterarios que, a contar da noite de 27 d'Abril de 1872 houveram n'esta cidade, sendo muito para notar a magnifica oração que proferio na noite de 10 de Junho de 1880, na sala dos Pa-ços do Concelho, por occasião da brilhante festa alli effeituada pelo Gremio Litterario Fayalense, no tri-centenario de Camões.

Está publicada nos n.ºs 3 e 4 do 1.º anno do periodico d'aquella sociedade.

Quando tratámos de colligir estes succintos apontamentos, diri-gimo-nos por escripto ao poeta e dramaturgo fayalense, então residindo em Lisboa, pedindo-lhe a indicação de todas as suas obras.

Tardou a resposta, mas afinal veio, mencionando somente como valendo a pena d'uma referencia qualquer, a sua traducção da «Evan-gelina».

E terminava a carta com estas palavras: «Em quanto a ineditos tenho muita coisa que talvez esteja destinada a accender uma fogueira.»

Pelo amor de Deus!...

As letras açorianas não estão de tal sorte adiantadas que se possa fazer isso impunemente. Seria caso para dizermos, parodiando o Padre Antonio Vieira quando via um homem de bem affastado dos negocios do Estado, ou desconsiderado, «quem vir os nossos descartes enidarà que temos bom jugo».

**AUGUSTO BULCÃO.** — Filho de Marcello Alves da Silveira Bulcão, exemplar e antigo funcionario publico e de D. Anna Henriqueta Bulcão, nasceu na freguezia Matriz da Horta, a 24 de Novembro de 1857.

Desde 1875 até Abril de 1876 redigiu, conjunctamente com Manuel Goulart de Medeiros, um periodico de estudantes denominado «O Lycêu da Horta», bem como pelo mesmo tempo foi um activo collaborador do «Picoense», de que era redactor Urbano Prudencio da Silva e do «Jorgense», então a cargo de Candido Serpa.

Cumulativamente com isto no periodico da Horta «A Patria», de que era editor João de Bettencourt Badella, assim como no «Fayalense», existem diversas poesias de Augusto Bulcão que, n'aquelle periodo, foi um tenaz trabalhador.

A producção de maior fôlego que conhecemos d'este talentoso mancebo é a traducção da esplendida poesia hespauhola, de Roque Barcia, «O Tejo», um folheto de 46 pag., impresso n'esta cidade, na typ. de Francisco Pereira de Mello, no anno de 1877, com um longo e primoroso prefacio de João José da Graça e cuja tiragem foi de 200 exemplares.

Possue o Sr. Bulcão, ainda ineditas, abundosa serie de poesias lyricas que formariam um atrahente volume.

Infelizmente, no Fayal, a publicação de qualquer obra litteraria representa quasi sempre um sacrificio pecuniario para o author, o que por vêzes demora ou estorva as manifestações do talento.

Augusto Bulcão é neto do notavel poeta fayalense Antonio Silveira Bulcão, do qual já tratámos antecederentemente.

Apenas com 29 annos de idade tem ainda um largo futuro adiante de si e se os affazeres de uma vida trabalhosa o tem, ultimamente, arredado do campo das letras, estamos convencidos de que não se matquistou de todo com as Muzas e que nem ellas lhe tem deixado de sorrir em agrestes sitios em que permanece.

Atraz de tempo, tempo vem.

**JOÃO JOSÉ DA GRAÇA.** — Nasceu na cidade da Horta a 15 d'Abril de 1836, sendo filho d'um honrado nautico do mesmo nome e de sua consorte D. Roza D. da Graça.

Dotado de notavel talento e amor pelo estudo, bem novo ainda e apesar da sua constituição assaz debil, começou o Sr. Graça, na sua residencia, da rua do Arco, a leccionar particularmente tanto a lingua patria, como francez e inglez, estes dois idiomas pelo methodo de Ollendorff, então uma innovação n'esta ilha, que se tornou proveitosa, tanto pelas condições de semelhante systema de ensino, como pela rivalidade que levantou entre a nova aula e uma outra existente no Lyceu da Horta, da qual era professor o Sr. João Hermetto Coelho d'Almarante, esclarecido escriptor açoriano.

Como lhe affluissem numerosos alumnos, mudou o Sr. Graça a sua aula para mais espaçosa casa, na rua da Misericordia, pertencente á Camara Municipal do Concelho.

D'alli foi que no anno de 1856 sahio n'uma viagem aos Estados Unidos da America, d'onde em breve regressava para o Fayal acompanhado d'um prelo que, coadjuvado por um amigo, conseguira adquirir.

A introdução, porem, da imprensa, em terra costumada ao reinado das trevas, não era empreza facil e devia, necessariamente, levantar, atritos, animadversões e receios, da mesma sorte que, se no cimo de alpestres rochedos accendessemos um lume qualquer, não faltariam morecos que, volteando-lhe em redor, tentassem apagar com as estendidas azas aquelle ponto luminoso.

Foi o que aconteceu.

O primeiro prelo emperreou, puchou o folgo a si, como diz o povo, as remoras que se lhe haviam introduzido nos gonsos não deixavam alçapremar-se nem á voz de Deus Padre, e o marulhar das ondas na praia indicava que a fragil embarcação iria em breve desfazer-se contra agudos alcantís.

Lembro-me, perfeitamente, então do Sr. Graça, de quem eu era um pouco applicado, discípulo, da sua figura extremamente magra, pallido, nervoso, com um longo casaco preto, que lhe chegava abaixo dos joelhos, com o seu chapéo de feltro de largas abas, absorvido na sua idea fixa de implantar a imprensa na Horta, lutando para isto conseguir, com Gregos e Troianos, chasqueado por uns, admirado por outros, levantando uma poeirada em seu redor, mas sempre firme, e inabalavel no seu proposito.

Estes combates, este periodo de illusões e tambem de descrenças, este grande arroteamento no campo das letras, poncos, sei bem, hoje aqui os levam em conta, mas ainda assim rememoral-os é um prazer para o visionario que escreve estas tosecas linhas.



O Sr. Graça n'aquella epocha tinha o quer que fosse d'um apostolo tentando abrir caminho por entre fechados matagaes, e, diga se a verdade, havia muita gente pacata, muita gente séria, que o considerava um refinado doido.

E não sei até se, nestas christandades das *ilhas de baixo* alguém não se lembraria, uma vez por outra, de fazer então ao joven e arrujado fayalense o mesmo que outros povos, em outras terras, fizeram de Savanarola.

Isto, porem, não está ainda bem averiguado.

Afinal o Sr. Graça, exhaustos todos os recursos de catechese e vendo em seu redor mais energúmenos do que convertidos a sua *bôa noça*, mandou-os francamente ao diabo, a montanha não queria vir até junto d'elle, pois muito bem, seria elle que iria até junto da montanha, conseguindo arranjar, obter, possuir, um segundo prelo, não sabemos de que fabrica, mas em mais seguras condições, izento de espasmos, que não embuchasse e que subesse marulhar valentemente, embora atravez d'um dedalo de syrus.

A vizinhança da casa n.º 2 da rua do Collegio, incommodada na sua nocturna e legendaria tranquillidade, levantava então, admirada, a cabeça do travesseiro de mosgos, para ouvir os baques soturnos e cavos de uma machina movida a braços . . . a imprensa!

No dia 40 de janeiro de 1857, pelas 4 horas da tarde, era distribuido pelas ruas da Horta o primeiro numero do seu primeiro periodico «O Incentivo.»

Esta publicação durou até Abril de 1858 e devemos confessar que se lhe fizeram guerra, tambem, por vezes, com menos prudencia, foi *arrumando* bordoada de cego.

Mas enfim, e esta era a magna questão, estava implantada a imprensa na ilha do Fayal e cumulativamente com «O Incentivo», tres mezes apenas depois d'este saber a lume, tinhamos o semanario «O Fayalense» e logo em seguida outros diversos periodicos.

Ninguém pode negar ao Sr. João José da Graça a verdadeira gloria d'este grande melhoramento para a sua terra natal, que seria sufficiente para illustrar o nome de qualquer cidadão, se muitos outros e valiosos predicaes não possuísse este notavel agoriano, cuja erudição e elevado talento é incontestavel e dos quaes tem dado bem publicas provas.

Da sua carreira publica eis a resenha do que podemos respigar, em terreno um tanto sáfaro, para laes commettimentos:

**Empregos e profissão.** — Professor de linguas, inglez e francez, com titulo datado de 30 de Setembro de 1862.

Professor proprietario da 2.ª cadeira do Lycéu Nacional da Horta, nomeado em 27 de julho de 1867.

Idem de Economia politica. no mesmo Lyceu, por Portaria de 3 de janeiro de 1871.

Idem de Historia, Oratoria e Litteratura classica durante os annos de 1873 a 1879.

Advogado nos auditorios da Comarca de Villa Franca de Xira de 1866 até 13 d'Agosto de 1867.

Idem nos auditorios da Comarca da Horta, desde 20 d'Abril de 1868 até actualmente, 1886, havendo substituido, por mais de uma vez o Delegado do Procurador Regio.

**Commissões de serviço publico:** — Promotor da subscrição que em 1858 se promoveu n'esta ilha a favor das victimas da febre amarella, em Lisboa.

Membro da Commissão para estudar a construcção da cadeia publica, 1860.

Secretario da Sociedade Agricola d'Angra do Heroismo, em 1862.

Membro da Commissão, creada em Angra, no mesmo anno de 1862, para desenvolver a instrucção geral do povo e em especial a bibliotheca d'aquella cidade.

Membro da Commissão de inquerito de cereaes, n'esta cidade da Horta, em 1868.

Presidente da Junta Geral do Districto da Horta, em 1878.

Presidente da Camara Municipal da Horta desde 1882 até ao presente e reeleito para o quadriennio de 1886 a 1889.

**Sociedades.** — Foi socio do Centro Promotor das classes laboriosas, em Lisboa, e da Civilisação Popular, aonde foi apresentado pelo grande poeta Antonio Feliciano de Castilho, no anno de 1859.

Socio honorario do Gremio Litterario Fayalense e presidente do mesmo em 1877 e 1878.

Socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa por diploma de 2 d'Abril de 1880.

Socio honorario da Sociedade Fraternidade Açoriana, do Rio de Janeiro, por diploma de 15 d'Agosto de 1882.

Socio fundador, honorario e presidente da Sociedade Humanitaria de Litteratura e Agricultura, na Horta, de 1878 a 1882.

**Obras que tem publicado.** — *As primeiras letras*, methodo rapido para ensinar a ler, publicada a 1.<sup>a</sup> edição, no anno de 1865, na typographia do «Futuro.» na ilha Graciosa, e a 2.<sup>a</sup> edição, em 1870 na ilha do Fayal, com a tiragem de 200 exemplares.

*Methodo de Ollendorff.* - para aprender inglez. - Horta, 1858, typographia do «Incentivo», 300 exemplares.

*Arithmetica oral e escripta.* --- Horta, em 1870, typ. de J. B. Badella, 200 exemplares.

*Elementos de Grammatica franceza* para uso das escolas de ensino secundario, approvada pela Junta Consultiva d'Instrucção Publica. — (Vid. *Diario do Governo* n.º 64, de 22 de Março de 1870) Horta, em 1869, typ. de J. B. Badella, 300 exemplares, edição esgotada.

*Elementos de Grammatica ingleza*, Horta, 1870, typ. de J. J. da Graça, 300 exemplares.

*Discursos forenses* nos crimes de envenenamento e de bigamia, nos auditorios da Comarca da Horta, em 1873, — typ. de C. A. Pestana, 200 exemplares.

*A Existencia de Deus* pela simples indicacão das numerosas maravilhas da natureza. Este excellente trabalho que é uma imitação de Paley, ainda que sob uma nova forma, foi impresso em Lisboa, na typ. dos Marianos, tem a data de 1877 e da mesma foram tirados 1.000 exemplares.

*Prefacio á poesia de R. Barcia «O Tejo»*, traduzida por Augusto Bulcão: é um folheto de 46 pag. com longa introdução, publicado na Horta, em 1877 na typographia de F. P. de Mello e cuja tiragem foi de 200 exemplares.

**Jornaes** -- Aiem do «Incentivo» de que já tratámos n'outro logar d'esta referencia e que se publicou na Horta, desde 10 de janeiro de 1857 a 20 d'Abril de 1858 conhecemos João José da Graça como redactor da *Horta* no anno de 1862, epocha tambem em que na mesma localidade fundou *O Atlantico* que actualmente existe, ainda que n'outras mãos, com a bonita idade de 25 annos.

Desde 1868 e em diversos periodos foi o Sr. Graça redactor dos seguintes periodicos fayalenses: — *A Palavra* — *Correio da Horta* — *Tribuna* — *A Verdade* — *O Observador* — *Porto Franco* — *A Regeneração* — isto alem de em alguns outros ter collaborado.

Ainda n'estas lides, mas fóra d'esta ilha, registamos tambem que foi redactor principal do periodico *A Terceira*, em 1863, redactor e proprietario do *Eco Agoriano*, em 1864, do *Eco Agricola* pelo mesmo tempo e do *Futuro*, em 1865, na ilha Graciosa.

Com cincoenta annos apenas de idade e possnidor de bastante força moral, consoante ás suas aptidões, pode ainda a vida publica d'este prestimoso fayalense ter dias assaz brilhantes e uteis á sua patria.

Como acabamos de vêr tem sido, apesar da sua debil constitui-

ção, um incansavel trabalhador, tanto no publico ensino, como na arena da imprensa.

Nascido n'uma pequena ilha, relativamente pobre e n'um meio pouco propicio a litterarios conmetimentos, abriu caminho escudado somente na applicação e no estudo.

O que é, deve-o a si só, a mais ninguém.

E, diga-se a verdade, semelhantes pergaminhos, são sempre bem custosos de alcançar.

**FRANCISCO SILVEIRA D'AVILA PIMENTEL.**— Filho de Antonio Silveira d'Avila Pimentel e de sua consorte D. Aldina Constancia Pimentel, nasceu na freguezia da Matriz, d'esta cidade da Ilhota, a 25 de Setembro de 1834.

Tornando-se com o decorrer do tempo um mancebo estudioso e intelligente, encontrámos nos registos do Lyceu Nacional que n'aquella casa de ensino prestou exames, com plena approvação, nas disciplinas de rhetorica, poetica e litteratura classica, philosophia moral e racional, arithmetica, algebra e geometria.

Preparado assim para o tirocinio das letras, mas vivendo n'uma localidade aonde pouca oportunidade se lhe offerecia de em semelhante mister ver o seu trabalho convenientemente remunerado, embora fossem limitadas as suas ambições, embarcou para o Brazil, chegando ao Rio de Janeiro, com 23 annos de idade, no dia 3 de Setembro de 1857.

Consoante ás suas inclinações e aptidão, não se fez esperar n'aquelle uberrimo paiz occasião de ser convenientemente empregado, e a 14 d'outubro seguinte entrava como professor de portuguez no Collegio Victorio, fazendo em seguida, no mez de Maio de 1858, exame perante o conselho d'Instrucção e conseguindo obter Diploma para leccionar essa disciplina, o que com muita distincção effectnou n'aquella importantissima corte, durante o longo periodo de vinte e seis annos, tanto em Collegios, como em casas particulares.

Este grande e proveitoso tirocinio, a longa pratica de manusear diversos methodos, de conhecer a maior ou menor proficuidade de diversos systemas de ensino e de adaptar á intelligencia das creanças a maneira mais facil de lhes ministrar a instrucção, concorreu, como pessoa idonea, para publicar o fructo da sua demorada experiencia, o que n'este genero lhe parecia melhor, em diversas obras de pedagogia que tem merecido a publica acceitação.

A 29 de Junho de 1884 regressou o Sr. Pimentel á sua patria, e estabeleceu na Alameda da Gloria um collegio, aonde lecciona.

Damos em seguida e com o prazer que sempre sentimos quando se trata da instrucção publica, a mais urgente necessidade desta terra,

a relação das obras que temos noticia d'este benemerito fayalense:

*Breves Noções de Grammatica Portugueza* — obra theorica, opusculo de 123 pag. Rio de Janeiro, 1863, edição de 1:000 exemplares.

*Breves Noções de Syntaxe e Orthographia* — opusculo de 32 pag. Rio de Janeiro, 1865, edição de 1:000 exemplares.

*Breves Noções de Grammatica Portugueza* — obra theorica e pratica, 220 pag., contendo 99 lições a par de explicações, analyses e exercicios. Rio de Janeiro, 1870, 2:000 exemplares.

*Explicador Portuguez* — de conformidade com o programma do Collegio de D. Pedro II, obra theorica e pratica. Rio de Janeiro, 1874, 2:000 exemplares.

*Explicações de Portuguez á infancia* — grammatica elemental, theorica e pratica, 70. pag. Rio de Janeiro 1874, 2:000 exemplares.

*Cartilha da Infancia* — dedicada aos meninos fayalenses, methodo pho-netico de guiar analphabetos ao estudo da leitura. Rio de Janeiro, 1879, 500 exemplares.

*Breves Noções de Phonologia* — opusculo de 22 pag. Cidade da Horta, na Minerva Insulana, 1886, 1:000 exemplares.

*Cartilha da Infancia* — 2.<sup>a</sup> edição, cidade da Horta, 1886, na Minerva Insulana, 1:000 exemplares.

**D. HERMENEGILDA DE LACERDA.** — A hereditariedade do talento confirma-se mais uma vez na illustre dama de que vamos tratar.

Descendente de uma muito distincta e antiga familia fayalense, neta de D. Francisca Cordelia Telles, senhora que pelos seus dotes de espirito tornou-se aqui notavel, e bisneta do illustrado poeta o Dr. Manuel Ignacio de Sousa Sarmiento, do qual a maneira principesca por que vivia e o seu esmerado gosto artistico, é ainda hoje rememorado, a Sr.<sup>a</sup> D. Hermenegilda de Lacerda, natural da Horta, donde nasceu a 30 de Junho de 1841, bem cedo começou a demonstrar em apreciaveis trabalhos litterarios, que para ella as Musas não eram ingratas e que no seu convívio se comprazia e das suas lições aproveitava.

Foram seus paes José Alexandre de Barcellos Merens e D. Barbara Guilhermina Telles d'Uta Machado, aquelle honrado funcionario publico e cavalheiro assaz apaixonado pelas bellas letras, comprazendo-se muito, por meio da aprendizagem que fazia aos seus filhos dos trechos mais notaveis dos nossos melhores poetas e prosadores, de alimentar nas suas jovens almas a veneração pelas relevantes qualida-

des do espirito, o que, diga-se de passagem, não é muito trivial n'este nosso comeseinho viver insulano, em que as manifestações do espirito são desconhecidas, ou pelo menos olhadas com bastante indifferença.

A familia, assaz numerosa, de José Alexandre de Barcellos Mello achou-se em breve orphã de pae e mãe e essas indefensas creanças enluctadas e em frente d'um sombrio futuro, duplamente sombrio, por quanto alem da irremediavel falta dos seus progenitores, acrescia ainda que os funcionarios probos não costumam, entre nós, legar fortunas pecuniarias aos seus descendentes.

Estava então D. Hermenegilda de Lacerda, a filha mais velha d'aquella familia, na primavera da vida e a primeira poesia que d'esta distincta escriptora conhecemos, foi impressa no n.º 6 do *Fayalense*, correspondente a 5 de Setembro de 1838.

Era uma singela e sentida elegia, com o titulo «A meus paes» e que começa por esta quadra bem significativa do ven de tristeza que invadia o coração da saudosa filha:

As campas dos meus bons paes  
Com meu pranto fui regar,  
E sobre ellas fui mil flores  
Innocentes espalhar.

Esta poesia, ligeira, sem pretensões, sem arte, sem atavios, despertou ainda assim bastante sympathia na gente illustrada d'esta terra e logo depois, apparecia-lhe numa resposta, tambem em verso, elegiaca, e firmada pelo nome de um homem que se não era poeta, ao menos tem professado sempre pelo talento bastante veneração.

O debute da joven poetisa, ainda assim, parecendo dever ser izento de censuras, tanto pelo assumpto que escolhera, como pelas inevitaveis incorrecções das primicias de qualquer tentame n'este genero, foi discentido com algum azedume, lembramo-nos bem, e de certo se lembrará melhor a anthora, riam-se d'ella as suas amigas, nem se distargavam uns sorrisos d'escarneo quando apparecia em publico, aquillo era quasi um escandalo, uma menina enluctada, pobre, metter-se a publicar *cantigas*, mas tambem a critica não a poupava . . .

A critica! dissemos nós. Aonde existirá, maxime nas pequenas localidades, essa desgraçada, que possa dar um passo sem deixar uma pegada de lama?

A critica, como diz Guilherme Braga, fallando do seu encontro com um joven escriptor :

*Uma anã coxa e cega,  
Cujó riso disforme incommoda e faz mal,  
Lhe sai da estrada á beira. Estupida, bagal,  
Esfarrapada, imunda, acunhada, rachítica,  
Satyra de truões, que se intitula a Critica!*

Foi preciso, acreditem-nos, uma grande força de vontade para a distincta escriptora açoriana conquistar, palmo a palmo, o tributo de respeito que mais tarde conseguiu lograr o seu incontestavel merito.

Connosco, os homens, o processo é outro, o que se nos torna indifferente, ou faz sorrir, uma palavra, um dito grosseiro, uma chufa, pode, porem, ceifar desde logo uma vocação feminina, n'este campo da arte.

Felizmente não aconteceu assim, a reacção operou-se, e valentemente, como o leitor poderá avaliar pela seguinte enumeração das composições, em variados generos de litteratura, da Sur.<sup>a</sup> D. Hermenegilda de Lacerda, entre as quaes ha algumas perolas de subido valor:

#### **De 1858 a 1883— Poesias:**

*Virtude e Vicio—Saudade—A morte de D. Pedro 5.<sup>o</sup>* (publicado no Fayalense) — *O Jau* (p. no Amigo do Povo) — *Queixumes—Saudade—Castilho—Filha e Mãe* (almanach michaelense) — *Que importa a vida?* (almanach das Senhoras) — *Não chorres—Na montanha* (idem) — *Uma noite em Veneza—O menino e o caçador* (p. no Fayalense) — *O outono—Chegada á patria*, a Delfina Vieira Caldas (p. em S. Miguel) — *A José Esterão*, recitada pelo Sur. Luiz Telles de Barcellos, no theatro União Fayalense, na noite da representação dos Lazaristas, em beneficio dos veteranos da liberdade — *1.<sup>o</sup> de Dezembro*, recitada pelo mesmo n'uma recita no theatro União Fayalense, commemorativa da Restauração portugueza — *Poesia* precedendo a representação de um drama posto em scena por senhoras, no mesmo theatro, em beneficio do Gremio Litterario Fayalense, recitada no palco pela authora — *Á Philarmonica Artista*, recitada no mesmo theatro pela authora, n'uma recita de senhoras, em beneficio d'aquella sociedade — *Hymno*, composto expressamente para a inauguração do theatro Esperança, em São Miguel e offerecido áquella sociedade, a pedido do Sr. Gaudencio Carneiro — *No templo—Rosa branca—O infante—Ultimo somno de donzella* (imprensa açoriana) — *O goico e a donzella—A Vida* (Gazeta das Salas) — *Caridade* (impressa avulsa na typ. Hortense e recitada pelo Sr. Barcellos, no theatro União Fayalense, bem como publicada no jornal Brasileiro O Phantasma) — *O Engeitado* (n'um jornal brasileiro) — *Splendid day* (p. no Fayalense) — *Ao Vate—Recordação e desalento—A Amizade* (almanach das Senhoras) — *Longe da patria* (typ. Hortense) — *Dialogo* (p. no Lyceu da Horta) — *Amor da Patria e A Infancia descalada*, recitadas pela authora n'um sarau litterario, na ndite de 26 de Abril

de 1872 (p. em folheto e reproduzidas no *Ranahete do Christão*) — *Um sonho da Infancia* (idem) — *A Francisco de Sá Noronha*, distribuída n'um concerto do insigne maestro, no theatro União Fayalense na noite de 14 de Maio de 1872 e p. no Fayalense — *A Emilia Adelaide* (p. no Fayalense) — *A distincta actriz Emilia Adelaide*, recitada pela authora, d'um camarote do theatro União Fayalense e p. no Fayalense — *A augusta Rainha de Portugal*, por occasião das inundações no continente é recitada no sarau do Gremio Litterario Fayalense a 31 d'outubro de 1876) — *A Camões* (composta expressamente pela authora para festejar o tricentenario do grande epico no sarau dado pela sociedade Humanitaria e recitada pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Francisca Ribeiro de Sousa, bem como publicada na «Correspondencia de Portugal» de 22 de julho de 1880) — *O Caminho da Cruz, Stabat Mater, A Resurreição* (p. no Fayalense) — *Um Quadro* (alm. litterario e charadistico de 1880) — *Mãe* (alm. de D. Luiz 1.<sup>o</sup>, 1881) — *Sons da Lyra* (alm. de Lembranças de 1881) — *O Inferno* (p. no Porto) — *1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1640* (idem).

**Dramas** — *Entre dois deveres*, em 3 actos, representado por senhoras e cavalheiros no theatro União Fayalense, na noite de 21 de março de 1878, em beneficio da exposição districtal da Horta, recita promovida pelo Ex.<sup>mo</sup> Visconde de Castilho, quando Governador Civil. Este drama em 1873 foi impresso na Typ. Hortense — tiragem 200 exemplares.

- *A Verdadeira Nobreza* — em 3 actos (inedito).
- *O Apostolo* — em 3 actos (inedito).
- *Deus existe* — em 3 actos (inedito).
- *Heroismo de mulher* — drama historico em 4 actos (inedito).

**Romances** — *A Mariquinhas da Gruta*, scenas açorianas com factos historicos, em 2 vol. (inedito).

- *O Eremita da Ilha do Fayal* — 1 vol., historico (inedito).
- *Uma narrativa ao ar livre* — p. no alm. do Fayalense de 1873 e no jornal de Campinas, em São Paulo, Brazil.
- *Uma recordação dos 14 annos* (dedicado a seu irmão Henrique de Barcellos e pub. no alm. do Fayalense de 1874).
- *Da fatalidade á felicidade* (alm. do Fayalense, 1885).
- *A voz da natureza* (p. em folhetins no Fayalense).
- *Faze bem não olhes a quem* (idem).
- *O Valle da Féniceira* na ilha do Fayal (dedicado a sua prima D. Anna Telles Machado de Vasconcellos e p. na Persuasão).



**Discursos:**— Discurso sobre a Instrução, pronunciado pela authora na solemne inauguração do Gremio Litterario Fayalense, na noite de 2 de janeiro de 1875, e depois impresso na typ. Hortense, conjunctamente com a poesia *Longe da Patria*.

--*Idem*—sobre o Amor do proximo, pronunciado pela authora no mesmo Gremio, na noite de 6 d'abril de 1875 e p. no Fayalense de 25 do mesmo mez.

--*Idem*—commemorativo do dia 1.º de Dezembro de 1640, pronunciado pela authora no sarau dado por estudantes no Lyceu da Horta, em igual data de 1876.

**Folhetins e Artigos:**—*Paginas intimas*, apreciação do livro de Zeferino Brandão, com equal titulo (p. no Fayalense de 1875).

—*Impressões d'um passeio*—dedicado á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Roza Dabney (idem de 1877).

—*Apreciação dos Serões d'Inverno*—de Augusto Loureiro (idem).

—*O Cabeço dos Milhafres*—descripção em verso (Persuasão de 22 de Maio de 1878).

—*Dois quadros na egreja Matriz da Horta*—(p. no Fayalense de 30 de Dezembro de 1877 e Persuasão de 23 de Janeiro de 1878).

—*Impressões Campestres*—dedicado á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Delfina Vieira Caldas—(Jornal de Noticias).

—*A sua prima D. Francisca A. Ribeiro Gil* (idem).

—*Tributo de Saudade á morte da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Edith Dabney* (p. no Fayalense).

—*Homenagem á memoria de Alexandre Herculano* (p. no Fayalense e transcripta na Gazeta das Salas e Diario dos Açores).

—*Albertina e Jayme*—variedade (alm. das senhoras).

—*Fragmentos*—(no jornal «O Figaro», de Lisboa).

Para terminar esta longa lista que representa um grande e honroso trabalho a fim das letras açorianas diremos que no Brazil, sob o titulo de *Horas crepusculares*, estava em via de publicação um volume contendo as poesias, já publicadas da Sr.<sup>a</sup> D. Hermenegilda de Lacerda, assim como muitas ineditas.

Infelizmente a morte de seu marido, o sr. Augusto Carlos Telles de Lacerda, occorrida n'esta cidade a 31 de julho de 1884 e com o qual havia casado em 27 d'Abri! de 1861, enluctando-a e á sua extremosa familia, veio affastar a illustre escriptora do seu favorito prazer—as letras.

Em todo o caso é já abundosa a sua colheita de virentes flores.

**ANTONIO DE SOUSA HILARIO.** — Comquanto não nascesse no Fayal, pela longa permanencia que, desde creança, aqui tem tido, aonde estudou e aonde reside, pode considerar-se como de casa.

Nasceu no lugar do Norte-Grande, na ilha de São Jorge, concelho das Vêlas, a 10 de Dezembro de 1844, sendo baptizado no dia 23 d'esse mesmo mez e anno na egreja parochial de Nossa Senhora das Neves.

Foram seus paes Hilario José de Sousa, oriundo da mesma ilha e D. Maria Delfina da Conceição, natural da ilha Graciosa.

Vindo em tenra idade residir com sua mãe para a cidade da Horta, aqui curson com muito aproveitamento as disciplinas do Lyceu Nacional, sendo nomeado official da bibliotheca d'aquelle estabelecimento litterario por Carta Regia de 27 de Setembro de 1866 e servindo esse cargo até 11 de janeiro de 1879.

Estabelecida n'esta cidade a Caixa Economica Fayalense, desempenhou tambem o Sr. Antonio de Sousa Hilario o difficil e trabalhoso lugar de guarda livros da mesma, desde o anno de 1864 até 1873.

De 1863 a 1875 collaborou assiduamente o Sr. Hilario no semanario o «Fayalense», hem como no «Atlantico», «Verdade» e «Imparcial», de que foi redactor, e geralmente os seus substanciosos artigos eram firmados com a inicial H.

Em 1876, com o titulo *Educação Paterna, Breves discursos*, e dedicado ao Ex.<sup>mos</sup> Sr.<sup>s</sup> Barão e Baroneza de Roches, publicou um livro, impresso com nitidez na typ. do «Atlantico», em 300 pag. de 8.<sup>o</sup>, cuja tiragem foi de 300 exemplares e editado pelo typographo José Augusto de Bettencourt.

A boa impressão d'esta obra, o que não é muito trivial nos nossos prelos, mereceu ao editor Bettencourt ser premiado pelo jury da exposição districtal, realisada n'esta cidade em 1878, quando exercia o cargo de Governador Civil d'este Districto o Ex.<sup>mo</sup> Cons.<sup>ro</sup> dr. Antonio Maria d'Oliveira.

Existe ainda do Sr. Hilario um outro trabalho: *Breves Soluções dos programmas officiaes para os exames de instrução primaria e secundaria*.

E' um folheto de 46 pag. em 8.<sup>o</sup>, impresso no anno de 1878 na mesma typ. e com o mesmo editor e do qual a tiragem foi de 100 exemplares.

E cumpre-nos tambem mencionar que, anteriormente, no dia 9 de Maio de 1875, por occasião de uma festa religiosa na parochia das Angustias, supprio a falta de pregador, que o publico notou n'aquelle respeitavel acto, mandando distribuir pelo atrio do templo e outros lugares, um sermão de lavra sua, dedicado á Santissima Virgem das Angustias, impresso na typ. Fayalense e cuja tiragem foi de 250 exemplares.

Isto deu então muito que fallar, pela novidade do facto, mas em fim o Sr. Hilario, que era da Junta de parochia, lá saberia as razões do seu procedimento e se a doutrina era boa, sã e adequada á festa religiosa que se effectuava, entendemos que com o seu sermão não periclitava pessoa alguma.

Foi proprietario e redactor do semanario «O Direito Popular», aqui publicado e do qual o 1.º numero tem a data de 14 d'Abril de 1879, terminando com um supplemento ao n.º 107, datado do 1.º de Junho de 1881.

Sabemos que o Sr. Hilario pretende colleccionar n'um livro, diversos artigos sobre philosophia e historia publicados no «Fayalense» e debaixo da epigraphie *Fé ou Superstição*, tambem sahidos a lume no «Atlantico».

As apreciaveis qualidades de um cidadão estudioso e trabalhador, revelan sempre Antonio de Sousa Hilario, o mais estremo affecto a seus paes, tendo sido um filho exemplar, como actualmente um dedicado chefe de familia.

Como escriptor publico, estamos persuadidos, não disse ainda a ultima palavra.

**O DR. URBANO PRUDENCIO DA SILVA.**— Natural da Villa da Magdalena, na ilha do Pico, aonde nasceu a 13 de Novembro de 1832.

Exerceu n'aquella localidade, por algum tempo, o cargo de escriptor da Camara Municipal, bem como o officio de advogado, por provisão de 18 d'agosto de 1874.

Nos periodicos fayalenses que se publicaram de 1872 a 1878, appareceram muitas poesias firmadas pelo nome que encima esta referencia, as quaes demonstravam bastante vocação para as letras.

Enumerar-as seria demasiado longo.

A 15 de setembro de 1878 Urbano Prudencio da Silva sahia da sua patria, para cursar, em Coimbra, estudos superiores e alli, tornando-se um academico distincto, obteve Carta de bacharel na faculdade de Direito, datada de 26 de julho de 1883.

Regressou em 14 de Setembro de 1883 para os Açores, abrindo banca de advogado nos auditorios da Comarca da Horta e sendo nomeado Administrador do Concelho em 15 de março de 1886.

Na republica das letras é o jornalismo a feição mais saliente d'este illustre picoense, por quanto, já anteriormente á sua partida para o continente havia publicado na Villa da Magdalena o semanario «O Picoense», de que foi redactor e que sustentou vehementes e bem escriptas polemicas com as folhas reaccionarias, ligando a sua personalidade de uma maneira distincta aos inicios da imprensa na terra da sua naturalidade.

Em Coimbra foi também redactor do «Tribuna Popular», desde 5 de agosto de 1879 a 30 de julho de 1883, e actualmente tem, na Horta, a seu cargo a redacção do «Atlantico», um dos mais antigos periodicos do archipelago.

A bem das letras açoricas ha ainda muito a esperar d'este erudito e trabalhador cavalheiro.

**D. AMELIA ERNESTINA D'AVELLAR.** — Por fatal coincidência haviamos começado a escrever esta referencia, quando a chegada do paquete «Açor», a 13 d'Outubro de 1886, nos trouxe d'Angra do Heroismo a noticia da prematura morte d'esta poetisa picoense.

A imprensa do Fayal, bem como a da ilha do Pico, não deixará de certo de registar em sentidos termos semelhante perda e nós aqui depomos também um tributo de respeito e profunda magoa, por tão lamentavel occorrença.

A distincta fallecida havia nascido na Villa da Magdalena do Pico no 1.º de Maio de 1848, sendo filha de José Ignacio Soares d'Avellar, proprietario e empregado publico e de sua consorte D. Maria Aurora d'Avellar.

Muito nova, com doze annos apenas de idade, começou D. Amelia Ernestina d'Avellar a revelar o seu talento para a poesia, escrevendo diversas composições, e dedicando-se devotamente á leitura dos nossos melhores authores n'aquelle genero de litteratura.

Tanto mais apreciavel era semelhante amor pelas letras, quando considerámos que a localidade em que se desenvolvia o seu talento tornava-se, como muito mais importantes povoados insulanos, bem pouco animador para taes commettimentos.

Inspirava-a, porem, os mais doces sentimentos d'alma e por ventura os esplendidos panoramas que a natureza offerece n'aquella volcanica ilha.

Geralmente nos versos da poetisa picoense haviam uns toques de suave melancolia, que prendiam desde logo a attenção do leitor, um ligeiro veu de tristeza atravez do qual pareciam ter mais perfume as delicadas flores com que recamava as suas estrophes.

Defronta-nos um Album no qual, em Junho de 1871 devemos a D. Amelia Ernestina d'Avellar a bondade de honrar uma pagina com uma das suas composições e aquella joven, então de 23 annos, fallando da sua primavera da vida, dizia-nos:

Risonha quadra, de jasmims de lyrios!  
Que lindas rosas sem espinhos tem,  
Fragantes rosas de alegria candida,  
Entre as caricias d'extremosa mãe.

Ha sim lembranças que, de magos jubilos  
Embora! — um dia perdem vida e côr...  
Mas as d'infancia, inspiradoras, límpidas,  
Meigas estrellas d'eternal fulgôr.

Mesmo entre os sonhos d'outra quadra fulgida,  
Não as apaga do olvido os véos;  
Mesmo entre as galas d'outros dias placidos  
Que venturosos nos outorga Deus.

A 26 de Julho de 1878 casava esta senhora com o seu patricio Antonio Marianno d'Oliveira Cesar Ribeiro, distincto militar, actualmente coronel do exercito d'Africa, e para aquelle continente seguiu seu marido, permanecendo por algum tempo em Loanda e Mossamedes.

Não lhe foi, porem, alli propicio o clima e regressando para os Açores, achava-se com a sua familia paterna na ilha Terceira, aonde veio a fallecer no dia 7 d'Outubro de 1886, contando 38 annos de idade.

Além de muitas poesias publicadas em diversos periodicos agorianos e cuja compilação formaria um bello volume, mencionaremos aqui designadamente as seguintes composições com que abrilhantou a imprensa fayalense: — *Flôr de Giesta* (Amigo do Povo, de 12 de Fevereiro de 1870) — *Canta*, a D. R. de L. S. (idem, 19 de Fevereiro de 1870) — *Canto da Noite* (idem, 23 de Abril de 1870) — *A Saudade* (idem, 14 de Maio de 1870) — *A' ilha do Fayal* (idem, 11 de Junho de 1870) — *Longe da Patria* (Almanak do Fayalense para 1873) — *A Poesia* (idem) — *Recordações* (idem) — *A meu sobrinho Francisco S. A. R.* (idem para 1874) — *A Rosa* (idem para 1875) — *O Mar* (idem).

D. Amelia d'Avellar Cesar Ribeiro, nome este que adoptou depois do seu casamento, foi uma filha e esposa virtuosa, e nos annaes da litteratura agoriana conservará sempre um logar distincto.

**MANOEL JOAQUIM DIAS.** — Poeta assaz correcto e bom prosador.

Nasceu na freguezia Matriz, na Horta, a 21 de Dezembro de 1852, sendo filho de Joaquim José Dias e de D. Rita Leonor.

De ha alguns annos a esta parte que conhecemos o Sr. Dias exercendo o emprego de amanuense da administração d'este concelho, cargo seguramente muito modesto para os seus meritos.

Como litterato, a obra de mais vulto de Manoel Joaquim Dias é o poema *Margarida*, publicatto na typ. Minerva Insulana, no anno de 1881 (em 8.º, 170 pag. e tiragem de 500 exemplares) trabalho este

que honra as lettras açorianas e que contem deliciosas e esplendidas scenas campesiñas.

Já, porem, antecedentemente á publicação da *Margarida* e a contar do anno de 1878, havia o Sr. Dias inserido diversas composições poeticas nos periodicos d'esta localidade, assim como nos mesmos collaborado com escriptos d'outra indole.

Das suas poesias temos conhecimento das seguintes:

*Aré Libertas*, no «Civilizador» de Dezembro de 1878—*Victor Hugo*, no «Fayalense» de 29 de Setembro do mesmo anno—*Epitaphio de Newton*, no «Civilizador» de Janeiro de 1879—*Luctas intimas*, «Gremio Litterario» do 1.º d'Agosto de 1880—*Libre arbitrio*, idem do 1.º de Setembro de 1880—*Problemas*, idem do 1.º de Dezembro de 1880—*Fascinações*, idem do 1.º de Fevereiro de 1881—*No Campo*, idem do 1.º d'Agosto de 1881—*Celibatario*, idem de 15 d'Outubro de 1881—*Idílio*, idem do 1.º de Fevereiro de 1882—*Pudor*, idem do 1.º de Julho de 1882—*Alexandre Herculano*, idem 1.º de Junho de 1883—*Ecco d'alma*, no Recreio de 3 de Dezembro de 1883—*No tumulto*, «Açoriano» de 27 de Abril de 1884—*As Folhas*, idem de 18 de Maio de 1884—*Jamais*, idem de 28 de Dezembro de 1884—*Eia!* «Gazeta Judicial» de 20 de Março de 1885—*Victor Hugo*, «Açoriano» de 21 de Junho de 1885—*Helena*, idem de 8 de Novembro de 1885.

Sabemos, ainda, que o Sr. Dias tem, ineditos, diversos trabalhos litterarios os quaes, como os que acabámos de indicar, devem ter bastante valia.

Ao terminar esta succinta referencia, diremos tão somente, que sentimos que este modesto rapaz não tome uma parte mais activa no jornalismo fayalense, como cumpria ao seu incontestavel talento e á sensatez com que sabe tratar qualquer assumpto.

**MANOEL ZERBONE JUNIOR.**—Natural da cidade da Horta e filho de Manoel Zerbone e de D. Maria José Zerbone, já fallecida. Nasceu a 7 de Novembro de 1857.

Tem, publicados, alguns trabalhos litterarios no «Diario da Manhã», de Lisboa, e na «Folha Nova», do Porto, bem como nos periodicos insulanos «O Fayalense», «Atlantico», «União», «Biscuit» e «Gremio Litterario».

E' um dos redactores do «Açoriano», desde 18 de Maio de 1884 (n.º 37 do 1.º volume) firmando as suas minuciosas Chronicas, com o pseudonymo—Pablo.

No mesmo semanario, em collaboração com Florencio José Terra, publicou, em folhetins, um romance com o titulo *A Vingança da Noriça*.

E' um dos authores do drama *Luiz*, representado no theatro União Fayalense e do qual em breve teremos de fallar.

Nota-se, geralmente, nos escriptos de Zerbone Junior um estylo ligeiro e maleavel, adequado ao predilecto genero de litteratura que em França teve por iniciador Julio Janin e no qual, em Portugal, tanto se distingue Julio Cesar Machado, — o folhetim, as chronicas alegres.

**FLORENCIO JOSÉ TERRA.**—Natural da cidade da Horta, freguezia Matriz, aonde nasceu a 18 de Maio de 1858, sendo filho de Florencio José Terra, afamado nautico da marinha mercante portugueza e de D. Maria dos Anjos Sarmiento Terra.

Em 1870 foi redactor do periodico fayalense «A Patria», conjuntamente com Candido Maria de Sousa, sendo, porem, breve a vida d'esta publicação.

Collaborava no «Açoriano», quando este periodico pertencia a Manuel Garcia Monteiro e a contar de 18 de Maio de 1884 (estando então «O Açoriano» no n.º 37 do seu 1.º anno) tornou-se um dos seus redactores e proprietarios.

Alguns dos seus artigos tem sido firmados com o pseudonymo —Ricardo.

No quinzenal «Gremio Litterario Fayalense» publicou o Sr. Florencio José Terra alguns bem trabalhados contos, em linguagem terça e elegante que mereceram a sua reproducção em jornaes do continente, demonstrando o seu author especial vocação para aquelle genero de litteratura.

Nomearêmos designadamente *A Varinha* e *A Primeira Viagem*.

Na noite do 1.º de Fevereiro de 1886, representou-se no theatro União Fayalense, o seu drama em 3 actos *Luiza*, em collaboração com Manuel Zerbone Junior, espectáculo que se repetio, com algumas modificações n'uma das proximas noites.

O drama *Luiza*, do qual a acção é passada no Minho, prima em louçanias de linguagem, tem scenas bem delineadas, tornando-se uma promettedora estreia n'aquelle genero de trabalhos litterarios.

Preferimos, ainda assim, na nossa humilde opinião, qualquer dos encantadores *contos* de Florencio Terra, nos quaes ha scenas campestinas d'uma grande verdade, tanto na descripção de qualquer paisagem, como na dicção, na vida e nos habitos dos personagens que nos mesmos figuram.

Actualmente Florencio José Terra continua na redacção do «Açoriano» e sabemos que possui uma serie de *contos* que . . . um dia tenciona publicar em volume.

Consoante ao merito d'este talentoso mancebo quaesquer dos seus trabalhos litterarios não passarão desaperccebidos, estamos bem persuadidos.

**MANUEL GARCIA MONTEIRO.**—Natural da Horta, aonde nasceu a 29 de Junho de 1859, sendo seus paes José Leal Monteiro e D. Maria Joaquina da Piedade.

Muito novo ainda começou a publicar diversas poesias nos jornaes fayalenses, revelando desde logo apreciaveis dotes de escriptor, especialmente no genero satirico.

Depois de haver exercido no Fayal um modesto emprego publico, foi por algum tempo residir em Lisboa, abandonando a vida burocratica, para a qual confessava não ter a minima vocação.

Em 1883 regressou, porem, á sua patria, fazendo em seguida acquisição de um excellento prelo Marinoni e tornando se o proprietario e editor do «Açoriano», cujo primeiro numero tem a data de 9 de Setembro de 1883.

Foi até ao n.º 37 d'aquelle periodico o redactor e typographo do mesmo, vendendo em seguida o prelo e empresa do «Açoriano» a Jacinto Augusto de Bettencourt.

Embarcou então a 10 de Junho de 1884, Garcia Monteiro, para os Estados Unidos da America, aonde ainda actualmente permanece.

Antes da sua partida publicou na sua imprensa, denominada Gutenberg, um folheto, com o titulo *Versos* por Manuel Garcia Monteiro, que contem 62 pag. e 49 poesias, algumas de bastante merecimento, taes como o — *Commendador Neves* — *A Expulsão de Satanaz* — *O Galo* e o *Macaco* &c.

Na noite do 29 d'Abril de 1880, conjunctamente com um drama fayalense, d'outro author, representou-se com applauso, no theatro União Fayalense, a sua comedia em 1 acto *Sem cerimonia*. Este espectáculo foi repetido na noite de 5 de Maio subsequente.

Existe tambem inedita, uma outra comedia em 1 acto, do mesmo escriptor, intitulada *Um presente de annos*.

Actualmente continua, nos Estados Unidos, entregue ás lides da imprensa, sua natural inclinação.

«O Açoriano», de 24 de Outubro de 1886, publicando a poesia de Garcia Monteiro *Talento Burocratico*, que lhe fora enviada de Boston, annuncia a proxima publicação de um livro de versos d'este talentoso açoriano, impresso na cidade do Porto.

*Good chance*, como lhe dirão os generosos Yankees.

**RODRIGO ALVES GUERRA.**—Nasceu de uma familia fayalense, no sítio da Areia-larga, na ilha do Pico, a 29 de Julho do 1862.

É filho do Commendador Rodrigo Alves Guerra, vice-consul de Franca e da sua primeira consorte D. Thereza Ribeiro Guerra.

De 18 de Maio de 1884 até 3 de Outubro de 1886 foi um dos



redactores do «Açoriano», no qual com o *nome de plume* Valentim, publicou diversos artigos litterarios e algumas apreciaveis descripções.

O Sr. Guerra alem de uma collecção de *contos* tem, tambem inédita, uma comedia em 1 acto, com o titulo *O Ideal da Prima* da qual fez a leitura na sociedade Amôr da Patria, e que promette ser bem recebida do publico, quando subir á scena.

Muito novo ainda, pode dizer-se que começa apenas na lide das letras.

A hereditariedade do talento vae, porem, como não é raro, reflectir-se ainda n'este notavel escriptor, sendo parente consanguineo, pelo lado materno, do notavel poeta o Dr. Manuel Ignacio de Sousa Sarmiento, de D. Francisca Cordelia Telles e de D. Hermenegilda de Lacerda, que, como anteriormente vimos n'estes apontamentos, offerecem abundante contingente á sua patria, sempre que tratâmos de assumptos artisticos ou litterarios.

Que não desmereça o nome dos seus é o que sinceramente desejamos.

**O DR. JOSÉ MACHADO DE SERPA.**—Natural da freguezia da Praynha do Norte, na ilha do Pico, aonde nasceu a 9 de Março de 1864, é filho de José Antonio de Serpa, abastado proprietario, actualmente residente na Horta, e de sua consorte D. Isabel O-linda de Serpa.

Formou-se em Direito, na Universidade de Coimbra, no 1.º de Julho de 1886, publicando pouco depois, e dedicado a seu pae, um opusculo de 58 pag. com o titulo *A Industria Piscatoria nas ilhas Fayal e Pico*. Coimbra, Imp. Academica, 1886, inicio de uma serie de estudos sobre interesses açorianos que este illustrado fayalense se propõe a dar á estampa.

A primeira parte que conhecemos d'esses trabalhos revela notaveis aptidões de bom escriptor e demorada attenção dos recursos insulanos e da nossa maneira de viver, merecendo assim a boa acceitação de homens illustrados, tanto mais que a leitura d'esse opusculo é assaz interessante pela grande copia de investigações que encerra.

Annuncia-se para breve a publicação de uma Revista, illustrada, a primeira da Horta, de que vae ser redactor este distincto academico.

Temos muito a aguardar do levantado talento do Dr. Serpa e se, como estudante, conquistou um nome laureado, na imprensa açoriana a sua carreira será proveitosa e consoante ao seu incontestavel merito.

Deixâmos aqui registados os nomes dos escriptores fayalenses, que, vivendo entre nós, tem d'alguma sorte contribuido para o bom nome da sua patria.

Louge a idéa de ser isto um trabalho perfeito, é apenas um subsidio, algumas indicações, para quem mais habilitado e competente um dia quizer tratar dos mesmos, com mais desenvolvidos dados biographicos.

Aonde, porem, nada havia a semelhante respeito, porventura não serão de todo inuteis as precedentes paginas.

Nos trinta e nove annos de jornalismo fayaense, isto é, desde 1837 até ao corrente anno de 1886, alguns outros nomes, tratando de assumptos litterarios, tem por vêzes apparecido, ainda que espaçadamente, taes como Laureano Pereira da Silva, Costa Rebello, dr. Manuel Ignacio Bruni do Canto, Cardozo Machado, dr. José Joaquim d'Azevedo, Ernesto do Canto Amaral, Manuel da Silva Greaves, Candido Maria de Souza (Julio da Silva) M. S. Leal, e o typographo do Fayaense, M. Honorato Teixeira, fallecido ha alguns annos no Rio de Janeiro, para onde emigrara.

Na sua humilde sepultura receba o tributo da nossa saudosa recordação, por quanto tinha bastante amor ás letras e á arte que professava e que tratou de nobilitar.

---

# DISTRITO DA HORTA

(Ilha do Fayal)

Relação dos periodicos publicados desde 10 de Janeiro de 1857, data da primeira gazeta do Districto supra, até 31 de Dezembro de 1886.

N.º	Títulos	Data em que começaram	Anno em que fundaram
1	O Inocentivo — Semanal — Typ. de João José da Graça Jr.	40 de Janeiro de 1857	1858
2	O Fayalense — " (continua) Typ. de João José da Graça Jr.	1 d'Abril de "	—
3	Quadros fantasticos de brocha grossa — Não tinha prazo certo de publicação — Typ. Rua da Misericordia n.º 3.	15 de Junho de 1858	1858
4	O Typographo — Semanal — Typ. Hortense.	" " " "	"
5	A Torcida — Semanal — Typ. de João José da Graça Jr.	2 de Setembro de "	"
6	O Atlantico — " (Continua) — Typ. Hortense.	1 de Janeiro de 1862	—
7	A Horta — Semanal — "	25 de Maio de "	1863
8	O Rouxinol — " "	27 d'Agosto de "	"
9	A Palavra — " de Nunes da Silva.	19 de Janeiro de 1868	1869
10	Pharol — " do Pharol.	6 " " "	"
11	O Correio da Horta — Semanal — Typ. de Jacinto Ang.º Bettencourt	7 d'Outubro de "	1870
12	O Amigo do Povo — Semanal — Typ. de João Badella.	1 de Janeiro de 1870	"
13	A Luz — Semanal — Typ. de Francisco Pereira de Mello.	4 " " "	1874
14	O Districto da Horta — Semanal — Typ. do Districto da Horta.	8 d'Abril de "	1873
15	O Tribuno — Semanal — Typ. do Tribuno.	15 de Junho de "	1872

N.º	Títulos	Data em que começaram	Anno em que publicaram
46	O Tio Braz — Semanal — Typ. de João Francisco d'Escobar.	14 de Dezembro de 1874	1873
47	O Pyrilampo — Sem praso certo de publicação — Typ. do Districto.	9 de Janeiro de 1872	1872
48	O Zé Careca — Semanal — Typ. do Zé Careca.	25 de Setembro de "	"
49	A Revista Agorica — Mensal — Typ. Fayalense.	1 de Junho de 1873	1873
50	A Voz do Povo — Semanal — Typ. da Voz Povo.	23 de Fevereiro de "	1873
51	O Observador — Semanal — Typ. Fayalense.	22 de Janeiro de 1874	1874
52	O Passatempo — Semanal — Publicou só um n.º — Typ. Fayalense.	27 d'Abril de "	"
53	A Verdade — Semanal — Typ. da Voz do Povo.	1 d'Outubro de "	1876
54	O Pensamento — Semanal — Typ. de Francisco Pereira de Mello.	12 de Dezembro de "	"
55	O Lyceú da Horta — Quinzenal — Typ. da Calçada da Paiva.	1 de Janeiro de 1875	"
56	O Orphão — Semanal — Typ. Fayalense.	4 de Setembro de "	1875
57	O Archivo — Semanal — Typ. do Archivo.	1 de Dezembro de "	1876
58	O Jornal do Povo — Semanal — Typ. do Jornal do Povo.	26 " " " "	"
59	A Patria — Semanal — Typ. de João de Beilencourt.	13 de Fevereiro de 1876	"
60	O Imparcial — Semanal — Typ. da Verdade.	9 d'Agosto de "	"
61	O Porto Franco — Semanal — Typ. do Porto Franco.	1 de Janeiro de 1877	1877
62	O Ecco Litterario — Semanal — Typ. de Francisco P. de Mello.	15 d'Abril de "	"
63	O Açoriano Occidental — Semanal — Typ. Fayalense.	2 de Maio de "	"
64	A Gazeta Judicial — Semanal (continua) Typ. de F. P. de Mello.	5 d'Agosto de "	"
65	O Commercio — Semanal — Typ. Fayalense.	12 de Dezembro de 1878	1879
66	O Ecco Liberal — Semanal — Typ. de Francisco Pereira de Mello.	27 de Fevereiro de "	1878
67	A União — Semanal (continua) Typ. da União.	6 de Junho de "	—
68	O Biscuit — Semanal — Typ. do Atlantic.	3 de Julho de "	1878
69	O Balão — Semanal — Typ. Fayalense.	10 de Novembro de "	"
70	O Civilizador — Semanal — Typ. da Bibliotheca Hortense.	15 de Dezembro de "	1879

N.º	Titulos	Data em que começaram	Anno em que findaram
41	O Direito Popular — Semanal — Typ. do Atlantico.	14 d'Abril de 1879	1881
42	A Sentinella — Semanal — Typ. da Sentinella.	4 de Julho de "	1880
43	A Regeneração — Semanal — Typ. da Regeneração.	11 de Janeiro de 1880	1884
44	O Gremio Litterario -- Quinzenal -- Typ. de Francisco P. de Mello.	15 de Maio de "	1884
45	A Lucta — Semanal — Typ. da Lucta.	29 d'Outubro de 1881	1882
46	O Recreio — Semanal — Typ. da Regeneração.	9 de Julho de 1882	1883
47	A Escola — Semanal — Typ. da Regeneração.	27 d'Outubro de "	1882
48	O Raio — Semanal — Typ. da Rua de D. Pedro 4.º	3 de Dezembro de "	1883
49	O Birimbau — Semanal — Typ. de Victor A. de Lemos e Silveira.	14 de Junho de 1883	1884
50	O Açoriano — Semanal (continua) Typ. de Gutenberg.	9 de Setembro de "	—
51	O Furta Fogo — Semanal — Typ. de Victor A. de Lemos e Silveira.	2 de Novembro de "	1883
52	O Democrata — Semanal — Typ. de Victor A. de Lemos e Silveira.	4 de Janeiro de 1885	1886
53	O Bibliophilo — Semanal — Typ. de Francisco Pereira de Mello.	13 de Maio de "	"
54	A Semana — Semanal (cont.) Typ. de Victor A. de Lemos e Silv.ª.	17 d'Outubro de 1886	—

## PERIODICOS DA ILHA DO PICO

N.º	Nomes	Quando começaram	Quando findaram
1	O Picoense — Semanal.	(Magdalena)	27 de Maio de 1877
2	O Ecco Picoense — Semanal.	(S. Roque)	20 d'Outubro de 1878
3	O Boletim Judicial — Semanal.	( " )	28 de Março de 1880
4	O Boletim Judicial — Semanal.	( " )	5 de Maio de 1885
4	O Pícaroto — Quinzenal.	( " )	45 de Junho de 1882
5	O Pícaroto — Quinzenal.	( " )	==
5	O Pícaroto — Quinzenal.	( " )	==
6	O Independente — Semanal.	( " )	==
6	O Independente — Semanal.	( " )	==

### Introdução da Imprensa na ilha do Pico.

A primeira imprensa estabelecida na ilha do Pico, foi na Villa das Lagens, em Setembro de 1874 e pertencia ao professor de instrução primaria d'aquella localidade, Manuel Thomaz Pereira, que para alli fóra do Fayal, aonde anteriormente exercera a arte typographica.

Pertendeu, então, publicar um periodico n'aquella Villa, com o título «O Picoense», idéa, porém, que não chegou a realisar. Ainda assim, o seu prelo não estava ocioso, pois além de imprimir mapas e outros papéis para o serviço das repartições publicas, começou tambem a composição de uma arte de musica de José Augusto Carvino, a qual, porém, não chegou a ultimar.

Pelos fins de 1879 saindo Manuel Thomaz Pereira, dos Açores para o continente, vendeu o seu prelo a Manuel Maria de Mello, do Caes do Pico, Concelho de São Roque e a 16 de Novembro d'esse mesmo anno alli começou a sua publicação «O Boletim Judicial», redigido no começo, pelo proprietario da typographia e pelo dr. Arsenio Leonel de Medeiros, guarda mór da saude.

Esta primeira serie do «Boletim Judicial» consta de 119 numeros, interrompendo a sua publicação em 28 de Junho de 1882. Reappareceu, porem, em 20 de Fevereiro de 1884, com o n.º 120, continuando regularmente, até ao n.º 148, relativo a 5 de Maio de 1885, data em que terminou.

A segunda redacção do «Boletim Judicial» era composta de Manuel Emilio Thomaz da Silveira e Domingos Machado Soares, collaborando no mesmo periodico Manuel Henriques Dias, um bello talento, tanto nas lides jornalisticas, como no trato das Musas, correndo já impressas d'este moderno poeta picoense abundosas composições.

A segunda typographia da ilha do Pico, mas a primeira que *botou* jornal, na technologia propria, apresentou-se, porem, alli, na Villa da Magdalena, em Novembro de 1874, apenas dois mezes depois da antecedente e pertencia a João Francisco d'Escobar, natural da freguezia dos Cedros, no Fayal, e que na Horta fôra redactor, editor e proprietario de diversas folhas, bem como ao talentoso picoense Urbano Prudencio da Silva, então muito novo e no começo da sua carreira litteraria.

Esta junção durou, porem, apenas tres mezes, porquanto Urbano Prudencio da Silva fez a aquisição exclusiva do prelo, ao tempo que n'aquella ilha se publicava, desde 20 de Dezembro de 1874, «O Picoense», folha semanal, que continuou a sair regularmente, aos domingos, até 27 de Maio de 1877, epocha em que acabou pela ausencia do seu proprietario, que foi para Coimbra cursar a Universidade.

«O Picoense» foi um periodico bem escripto e que sustentou valentes polemicas com algumas folhas reacccionarias.

Ora, quando, terminou «O Picoense» foi o prelo em que este se imprimia vendido de novo ao seu antigo proprietario João Francisco de Escobar, o qual estabeleceu, na Villa de São Roque «O Ecco Picoense», semanal, cujo primeiro numero veio a lume, no domingo, 20 d'Outubro de 1878, publicando-se até 28 de Março de 1880, isto é, 48 n.ºs, no 1.º anno e 24 no 2.º.

N'esta mesma typographia, no 1.º de Janeiro de 1882, foi tambem publicado «O Picaroto», folha quinzenal, da qual apenas foram distribuidos 12 numeros.

Seguiu-se, então, n'aquella mesma localidade, a 17 de Maio de 1885 o semanal «O Pico», redigido por Manuel Emilio Thomaz da Silveira e Domingos Machado Soares, o qual ainda continua.

Finalmente, a 28 de Fevereiro do corrente anno de 1886, encetou tambem alli a sua publicação, «O Independente», semanal redigido por Manuel Henriques Dias e que vae navegando com vento galerno.

## PERIODICOS DA ILHA DAS FLORES

N.º	Títulos	Quando começaram	Quando findaram
1	O Florentino Publica-se tres vezes por mez nos dias 10, 20 e 30 (continua)	20 de Julho de 1885	—
2	O Amigo do Povo -- Publica-se tres vezes por mez nos dias 5, 15 e 25 (continua).	15 d'Agosto de 1886	—

### Introdução da Imprensa nas Flores

Com quanto a introdução da imprensa na ilha das Flores date apenas do anno de 1885, de ha muito, não obstante, que alli se tratava de implantar a proveitosa arte de Guttenberg, como prova o seguinte incidente, de que fomos informados.

Em 1875, José Constantino da Silveira e Almeida, abastado proprietario d'aquella ilha e Recbedor da Comarca, conjunctamente com Frederico Coelho Valladão, escrivão da administração do Concelho de Santa Cruz e João Antonio Thosa, escriptuario de fazenda, assignaram um contracto, em forma, para montar uma typographia, concorrendo o primeiro com metade da despesa e os outros dois cada um com uma quarta parte.

Fizeram, immediatamente, para Boston, a remessa do dinheiro necessario para este empreendimento, o qual foi remettido a João Valladão Telles, alli residente e irmão de um dos socios d'esta empresa.

A compra do prelo, typos e mais material devia ser feita de combinação com o intelligente artista Antonio Zerbone, que então se achava tambem na America, exercendo o officio de Ourives.

Por este tempo, porém, chegou ás Flores, um outro irmão de Frederico Coelho Valladão, persuadindo a sua familia a que mudasse de residencia para São Francisco, da California, o que effectivamente se realisou poucos mezes depois.

Faltando assim um dos mais prestimosos socios da empresa, deu-se contra ordem para Boston a respeito da compra do prelo, que não se tinha ainda realisado, devido a doença de Antonio Zerbone.

O dinheiro foi mandado regressar as Flores.

Eram libras sterlinas, e o remettente entendeu mettel-as dentro d'um sacco de gomma e mandal-as por mão de um passageiro, sem



prevenir pessoa alguma de semelhante expediente.

Quando o navio chegou às Flores, foi abordo Frederico Coelho Valladão, como empregado de saúde, e vendo que um passageiro lhe entregava um sacco com gommia, em vez do dinheiro, zangou-se com o caso e chegando á borda do navio atirou descuidosamente para o interior da lancha que alli o conduzira, aquella ninharia que o irmão, da America, lhe mandava.

Os marinheiros da lancha examinaram o que continha o sacco, riram-se da cara zangada do Valladão e deram um ponta pé n'aquella trouxa para o fundo da caverna, uma cousa completamente inutil para elles.

Quando chegaram a terra, o sacco esteve abandonado, todo alagado sobre o cascalho e afinal sempre levaram aquelle *bonito presente* para casa do seu dono.

Quando mais tarde foi descosido o sacco é que se deu pelos valores que occultamente continha, recebendo cada um dos socios a sua respectiva parte.

A compra do prelo foi, por esta forma, abandonada.

Em 1885, porem, o typographo fayalense Jacintho Augusto de Bettencourt, foi estabelecer-se para a ilha das Flores, depois de haver na Horta vendido um excellente prelo Marmon que possuia (imprensa Gutenberg), levando para alli um outro prelo, de menos preço, bem como algum typo.

Adoptando, em Santa Cruz, o titulo da typographia «Imparcial Florentina», começou então alli a publicar se, em 20 de Julho de 1885, o semanal «O Florentino», do qual foi redactor principal o talentoso filho d'aquella ilha Constantino Candido Leal Soares.

Este cavalheiro deixou, porem, em seguida, a redacção do «Florentino» para ridigir um novo periodico «O Amigo do Povo», cujo primeiro numero tem a data de 15 d'Agosto de 1886.

Como houvesse um unico prelo na ilha, foi necessario os dois periodicos existentes virem a um accôrdo relativamente aos dias da sua publicação que só podia ser interpolada, e, assim, «O Florentino» que até alli fôra semanal passou a publicar-se tres vezes por mez, nos dias 10, 20 e 30, em quanto que o «Amigo do Povo» nos dias 5, 15 e 25, como já indicámos.

Nas quatro ilhas que compõem o Districto da Horta é a do Corvo, consequentemente, a unica aonde, por enquanto, não foi implantada a imprensa, o que não se fará talvez esperar muito, quando attendemos a que apesar de pequena, está alli muito mais desenvolvida a instrução primaria, do que em povoados que contem superior numero de habitantes, acrescendo ainda que os Corvinos são assaz inteligentes e que adoptam muitos dos usos da America do Norte, que lhes fica proxima e com a qual mantem a maioria das suas relações.

Não é indifferente o contacto com aquelle illustrado paiz.

## DEZEMBRO DE 1886

### Imprensa militante na Cidade da Horta

**O FAYALENSE**—Data a publicação do primeiro numero d'este semanario do 1.º d'Abril de 1857, sendo a mais antiga das nossas actuaes folhas.

Distribue-se aos domingos e com a maxima regularidade.

Foram seus iniciaes redactores o dr. Miguel Street d'Arriaga e dr. José Affonso Botelho Andrade, estando a parte typographica a cargo de Luiz da Terra.

Imprimio-se em 4.º grande, n'um prelo de João José da Graça Junior, na rua do Collegio n.º 2, até ao n.º 13 e na mesma typographia na rua d'Aréa n.º 5 até ao n.º 37, e na rua da Misericórdia n.º 3, desde o n.º 38 a 49, correspondente a 6 de Março de 1858.

A contar d'esta data, até 30 de Junho do mesmo anno, esteve interrompida a publicação do «Fayalense», distribuindo-se, então, aos seus assignantes um numero com 24 pag. de composição, para completar o 1.º anno.

Esta parte da sua collecção já sahio na typographia Hortense, rua de São Francisco n.º 22, adquirida então pelo dr. Street d'Arriaga.

Com o 1.º n.º, do 2.º anno, deixou de ser um dos redactores d'esta folha o dr. Botelho Andrade, conforme a sua declaração publicada no mesmo periodico, em 6 de Julho de 1858.

O «Fayalense» conservou o seu primordial formato até 24 de Junho de 1859 (n.º 52 do 2.º anno) em que adoptou a feição da generalidade das gazetas, uma folha de 4 pag., em formato maior do que antecederamente.

Pela sahida do Fayal para Lisboa do dr. Miguel Street d'Arriaga, em 14 de Junho de 1882, comprou o prelo e empreza do «Fayalense» o seu antigo e habil typographo Luiz da Terra, ficando assim proprietario, editor e redactor d'aquella considerada publicação, que actualmente conta 30 annos completos de existencia.

N'este longo d-curso de tempo tem a typ. Hortense publicado diversas obras litterarias, relatorios, contas, estatutos &c.

Das primeiras mencionaremos:

- *Breves linhas historicas sobre as quatro ilhas de que se compõe o Districto da Horta*, pelo Revd.º P.º Victorino José Ribeiro, em 1871.
- *Henrique e Isabel*, versão, em 1870 — Aínda que não designa o nome do traductor, é trabalho da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Rosa Dabney, destinado a leitura para escolas de creanças.

- *Sarau Litterario celebrado na noite de 27 d'Abril de 1872, na sala do Club da Sociedade Amor da Patria*—discursos e poesias, um folheto, em 1872.
- *Contos e Poesias Açorianas*, um vol. de 236 pag., em 1873.
- *Almanaks do Fayalense* para 1873, 1874 e 1875.
- *José o Marinheiro*, scenia quasi comica, por Mendes de Faria, 1874.
- *Nobresa e Amor*, drama em 2 actos, por Miguel Street d'Arriaga, em 1874.

O n.º 43 do 23.º anno foi commemerativo do tricentenario de Camões (10 de Junho de 1880), inserindo artigos de redacção, transcripções e noticias concernentes ao grande epico portuguez.

Tem prelo proprio.

**O ATLANTICO** Começou este já velho soldado da imprensa açoriana no dia 1.º de Janeiro de 1862, distribuindo-se ás quintas feiras e sendo redigido até ao n.º 22 por João José da Graça Junior e subsequentemente pelo dr. Manuel Francisco de Medeiros, actual Conselheiro Governador Civil d'este Districto. Até ao n.º 47 do setimo anno foi editor responsavel d'este periodico Antonio Theodoro da Silva e d'ahi em diante Joaquim Silveira Bettencourt.

A redacção do «Atlantico» esteve a cargo do dr. Manuel Francisco de Medeiros até ao n.º 43 do 23.º anno, e do n.º 44 do mesmo anno, correspondente a 25 de Maio de 1884, foi entregue ao dr. Urbano Prudencio da Silva, ex-redactor do «Picoense», e do «Tribuna Popular», em Coimbra. Na typ. do «Atlantico», de que era typographo José Augusto de Bettencourt, imprimio-se, em 1876, o livro de Antonio de Sousa Hilario, que tem por titulo *Educação Paterna - Breves Discursos*. A edição d'esta obra foi boa, relativamente aos trabalhos typographicos aqui effituados, merecendo um premio concedido pelo Jury da Exposição districtal da Horta, realisada em 1878.

Por occasião do tri-centenario de Camões, o «Atlantico» publicou um n.º especial, do qual uma edição a preto e outra a côr. D'essa primeira edição houve segunda tiragem.

Possue esta empresa um prelo seu, assaz antigo.

**A GAZETA JUDICIAL** — Periodico do domingo, quasi exclusivamente destinado a assumptos forenses.

O seu 1.º n.º tem a data de 5 d'Agosto de 1877, indo assim no 40.º anno de publicação.

É redactor e proprietario d'esta folha, Domingos Mendes de Faria, advogado nos Auditorios da Horta e natural da cidade do Porto, mas residindo no Fayal desde 1864.

Como litterato tem o redactor da «Gazeta Judicial» publicado a espago, em diversos periodicos d'esta localidade, poesias e folhetins, geralmente humoristicos, sendo tambem, em 1872, redactor do periodico burlesco «Zê Careca», e, em 1878, um dos redactores do «Civilizador».

Em 1874, na typ. Hortense, fez imprimir a scena comica «José o Marialheiro», representada com applauso no theatro União Payalense, bem como do mesmo author confeccionou o drama historico em 2 actos «Scenas Portuguezas», escripto expressamente para ser representado por creanças e que subio à scena, no theatro do Gremio Litterario Payalense, na noite de 3 d'Abril de 1879, conjunctamente com a comedia, em 1 acto, do mesmo author «O casaco branco do Sr. Paschoal».

Existem, ainda, diversos trabalhos dramaticos d'este talentoso escriptor, mas ineditos, ou tendo visto a publicidade somente na scena.

Por occasião das grandiosas festas do tri-centenario de Camões, effectuadas na Horta, a «Gazeta Judicial» publicou um n.º especial, somente com duas paginas, encimado, a letras d'ouro, com o seguinte distico «Homenagem ao grande epico portuguez Luiz de Camões» e acompanhado d'um busto photographico do author dos Luziadas.

**A UNIÃO**—O 1.º numero d'este periodico tem a data de 6 de Junho de 1878, sendo os seus fundadores o Rev.º Vigario da freguezia da Feteira P.º Francisco Pires de Mattos (actualmente já fallecido), Manuel da Silva Greaves, empregado publico, Serafino José Ferreira, professor de instrucção primaria e Antonio José de Medeiros, professor particular. Editor Francisco Pereira de Mello.

Desde o n.º 18 do 1.º anno começou a collaborar n'este semanal José Maria da Rosa, deixando, porem, passado algum tempo, de auxiliar «A União», até fins de Fevereiro de 1879.

Com o n.º 37, correspondente a 21 de Março d'esse mesmo anno e a pedido do P.º Francisco Pires de Mattos, começou de novo José Maria da Roza a trabalhar assiduamente para aquella folha, da qual assumio a direcção, sabindo da redacção da mesma os seus iniciadores Silva Greaves, Medeiros, e por ultimo Serafino José Ferreira.

«A União» que até esta data não estava, propriamente, filiada em partido algum politico, declarou-se, então, abertamente, progressista e entrando n'um periodo de grande actividade, consegue que os seus artigos fossem muito lidos e devidamente apreciados.

Alem d'isto, o seu redactor Roza chamava ao partido em que militava o Rev.º P.º Pires, vulto importante n'esta ilha, como Vigario de uma populosa freguezia rural, pelas suas virtudes e pela sua reconhecida illustração.

«A União» teve um periodo em que prendeu aqui bastante a publica attenção, tanto pelo vigor da sua phrase, como pelo mysterio que pairava a respeito de quem era o seu redactor ou redactores. E, tanto assim, que as provas da composição eram em segredo passadas ao domingo, nas egrejas, por mãos femininas, a fim de não se descobrirem para aonde entravam os typographos com as mesmas.

Afinal quebrou-se o encanto, sempre custoso de manter em pequenas localidades.

Continua, ainda hoje, com a redacção da «União», José Maria da Rosa, cavalheiro de incontestavel aptidão e muito habil professor vitalicio de instrução primaria, elemental e complementar na Horta, bem como professor provisionario de historia e geographia no Lyceu Nacional, sendo tambem author de varios compendios para as escolas.

A feição que, nos ultimos tempos, tem adoptado «A União», diz accentuadamente respeito a assumptos de pedagogia.

**O AÇORIANO**—(Imprensa Gutenberg)—Foi fundado este periodico, que se publica aos domingos, por Manoel Garcia Monteiro, tendo o seu primeiro numero a data de 9 de Setembro de 1883.

Imprime-se n'um excellente prelo Marinoni.

Resolvendo-se o redactor e proprietario d'este se'nanal a partir para os Estados Unidos da America vendeu a empresa a Jacintho Augusto de Bettencourt, quando o «Açoriano» estava no n.º 37 do 1.º anno e com este novo proprietario continuou até ao n.º 42 do 3.º anno, correspondente a 24 de Maio de 1885, em que foi adquirido por uma sociedade composta de José Patricio Vianna, Manuel Ferreira da Silva, Florencio José Terra e Fernando Ribeiro d'Oliveira.

Desde esta ultima data tem sido seus redactores Florencio José Terra, Manuel Zerbone Junior e Rodrigo Alves Guerra Junior, este ultimo cavalheiro, porem, somente até 3 d'Outubro de 1886 (n.º 17 do 4.º anno) continuando contudo a ser collaborador do mesmo, como declara em o n.º 31 de 9 de Janeiro de 1887.

«O Açoriano» publica-se desde o começo no mesmo formato, 4 pag. grandes.

O seu n.º 46, relativo a 21 de Junho de 1885, foi especial e em homenagem á memoria do grande poeta Victor Hugo, collaborando no mesmo dezenove escriptores fayalenses.

A imprensa Gutenberg, ainda quando pertencente ao seu primeiro dono publicou um livro de attida impressão com o titulo: *Garcia Monteiro - Versos*—Horta, 1884.

**A SEMANA**—É o mais moderno dos periodicos fayalenses, datando apenas o seu 1.º n.º de 17 d'Outubro de 1886.

Publica-se aos domingos e são seus redactores João Pereira Forjaz e José Filippe da Graça, filho do distincto introductor da imprensa n'este Districto.

O n.º 9, 1.º anno, d'este periodico é assaz curioso, por quanto alli vem narrada, minuciosamente, por este cavalheiro a historia da Bibliotheca Municipal da Horta, recentemente aberta ao publico, devida aos seus louvaveis esforços como Presidente da Camara Municipal.

---

## LIVRARIAS

**A BIBLIOTHECA MUNICIPAL DA HORTA** — A lentidão com que n'este Districto tem, invariavelmente, caminhado os seus mais proficuos ou urgentes melhoramentos, pode-se exemplificar perfeitamente com a historia da fundação d'esta pequena livraria para o povo, para os artistas, para as classes trabalhadoras em summa.

Levou vinte e quatro annos de incubação.

Em Janeiro de 1862, presidindo á Camara Municipal do Concelho, o cidadão Antonio José Ferreira Rocha, nomeou esta corporação uma commissão para realisar este importante melhoramento.

Dez annos depois, em 1872, presidencia do Commendador Rodrigo Alves Guerra, votou a mesma Camara a quantia de 50\$000 rs. para se intentar similhante *desideratum*.

Em 1880, presidencia de João de Bettencourt Vasconcellas Corrêa e Avila, nomeação d'uma outra commissão para angariar donativos e estabelecer a bibliotheca municipal.

Em 1884, presidencia de João José da Graça, renovação dos esforços para ser creada aquella casa d'instrucção, consignando-se para este fim a verba de 192\$000 rs.

E finalmente em 1886, com a mesma presidencia, augmento da verba votada á quantia de 200\$000 rs., e, embora assaz modestamente a abertura da Bibliotheca Municipal, n'um sitio accessivel ao publico, com 1.353 volumes de variadas obras, uma grande parte de escriptores contemporaneos, devidas ao valioso auxilio do illustre faya-lense o dr. Antonio José d'Avila, major do estado maior e ao honemérito Visconde de Castilho, ex-Governador Civil d'este Districto.

Sabemos, perfeitamente, que a Bibliotheca Municipal da Horta, da maneira pela qual, por-empquanto, está organizada, não satisfazia as exigencias d'um meio mais illustrado do que o d'esta cidade, aonde houvessem identicas, mais antigas e mais prosperas instituições de similhante ordem, mas em todo o caso a vereação que conseguiu reali-

sar tão útil commettimento, tem incontestavel direito á publica consideração, devendo-se tambem registar que n'este empenho foi incansavel o sen presidente João José da Graça, introductor da imprensa no Districto, em janeiro de 1857.

N'uma localidade pobre, e, o que é peor por vezes, indifferente até certo ponto a uma certa ordem de melhoramentos civilisadores, as difficuldades quasi sempre crescem na proporção do beneficio que os mesmos podem vir a offerecer, e, assim, é preciso bastante dedicação para não esmorecer n'essa verdadeira luta da luz contra as trevas.

A pequena Bibliotheca Municipal da Horta é apenas actualmemente um tenue arbusto, mas favorecida por beneficas auras, pode vir a tornar-se em frondosa arvore, de valiosissimos fructos.

Nunca são de mais esses tentames a bem da educação popular, ainda, infelizmente de rastos entre nós.

A Bibliotheca a que nos referimos começou a funcionar nos fins de 1886.

**GREMIO LITTERARIO FAYALENSE** - Foi installado no dia 22 de Novembro de 1874.

Socios fundadores: Domingos Mendes de Faria, Antonio da Cunha Menezes Brum, José Garcia do Amaral, Candido Maria de Sousa, Florencio José Terra, Ernesto do Canto Amaral, Henrique de Sousa Purtado, Luiz da Terra, Luiz Telles de Barcellos e Manuel Rocha d'Almeida.

Tem estatutos approvados por Alvará de 9 d'Abril de 1878.

Effeituou esta sociedade numerosos e brillantes saraus litterarios, uma exhibição de objectos de arte do districto, e possui uma razoavel bibliotheca, para os seus socios, com numero superior a 3:000 volumes, devida na sua maioria a offerecimentos dos mesmos, ou ás limitadas quantias que para tal fim pode retirar das suas despesas ordinarias.

Foram sumptuosas as festas que esta sociedade realisou, em Junho de 1880, por occasião do tri-centenario de Camões, das quaes já demos uma succinta idéa, no cap.º 6.º do 1.º vol. d'estas *Notas*.

O Gremio Litterario Fayalense manteve uma revista quinzenal com o titulo «Gremio Litterario», desde 15 de Maio de 1880 até Novembro de 1884, epocha em que suspendeu a sua publicação.

Possue esta sociedade um pequeno theatro, no mesmo edificio em que funciona, offerecendo, durante o inverno, amindadas reuniões dancantes ás familias dos seus socios.

Trabalham na mesma casa do Gremio Litterario Fayalense, embora independentemente, a Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, e a benemerita sociedade «Luz e Caridade».

Luctando com graves difficuldades e por meio de verdadeiros es-

colhos, conseguiu, ainda assim, o Gremio Litterario Fayaleuse radicar nesta localidade de uma existencia de uma maneira que já começa a antever um mais desassombrado futuro.

**GREMIO LITTERARIO ARTISTA FAYALENSE** -- É uma instituição assaz honrosa para a cidade da Horta, que bem demonstra a civilização da classe artistica, muito distincta, d'esta localidade, e que deve merecer a sympathia de todo o filho d'esta ilha que se interesse pelo bom nome da mesma.

Data a sua instalação do dia 29 de Março de 1878, sendo seus socios fundadores, Gabriel Samora Moniz, José Rodrigues, Manuel Ignacio Cabral, Antonio Francisco Gonçalves, José Ventura, João Pacheco da Silva, Manuel Maria Brum da Silveira, Candido Ignacio de Christo, Joaquim Carlos Pereira Madruga, José Ignacio de Christo, Henrique Lourenço de Sousa e Silva, Guilherme Medeiros da Rosa, Manuel Augusto da Silva, Manuel Garcia de Mello, Antonio Vieira de Lima, Francisco Ignacio Pereira, José Francisco Pinheiro da Silva, José Furtado Garcia, Gregorio Corrêa da Cunha, Guilherme Rodrigues de Serpa Branco, Francisco Antonio dos Santos, João Augusto da Silva, Antonio Maria de Souza, João Alexandre do Amaral, Manuel José Soares, Antonio Prudencio de Medeiros.

Desde a sua abertura possui o Gremio Litterario Artista Fayalense uma esplendida bibliotheca de numero superior a 5.000 volumes, de escolhidas obras, offerecida áquella sociedade pelo Commendador João Francisco Rebelio, residente em Lisboa e natural d'esta ilha.

A approvação dos seus estatutos tem a data de 29 de Março de 1879.

Teve este Gremio aulas de instrucção primaria, secundaria e linguas desde 7 de Fevereiro de 1879 até 28 de Fevereiro de 1883 e escolas officinas, proveitosissimas para os filhos dos artistas desde 8 de Julho de 1880 até Dezembro de 1881.

Para a manutenção d'estes autos e officinas houve um subsidio de 120\$000 rs., annuaes, concedido pela Junta Geral d'este Districto, mas por mau fado d'esta terra, como era uma medida boa e de grande alcance, durou breve tempo, occasionando a sua falta que a sociedade não podesse continuar a mantel as e que fechasse as suas portas aos numerosos discipulos que alli recebiam ensino litterario e profissional.

Desde então as circumstancias pecuniarias do Gremio Litterario Artista não tem sido prosperas, carecendo de grandes reduções nas suas despesas, para se manter exclusivamente das diminutas quotas mensaes dos seus socios contribuintes.

Durante os mezes de inverno, promovidos por commissões de artistas, tem havido sempre n'aquella casa, animados bailes, nos quaes



as familias dos seus socios se apresentam de maneira distinctissima, rivalisando tanto no apuro de *toilettes*, como em boa e esmerada educação, com eguaes diversões da elite da nossa sociedade.

Por occasião das festas do tri-centenario de Camões, o Gremio Litterario Artista Fayalense, tomou tambem uma activa parte nas mesmas, havendo alli um muito concorrido sarau litterario, como a espacos identicas palestras, sempre com numerozo concurso de ouvintes, n'aquella casa temos presenciado.

Adornam a bibliotheca d'este Gremio dois magnificos bustos, Camões e Alexandre Herculano, offerecidos á sociedade pelo dr. Manuel d'Arriaga Nunes e modernamente foi alli estabelecido um Monte Pio para a classe que representa.

Desejamos, bem sinceramente, os augmentos d'esta utilissima e civilisadora associação.

**GABINETE CAMONEANO DE THOMAZ JOSÉ BRUM TERRA** — Tomou este illustre cavalheiro uma parte muito activa nas festas do tri-centenario do grande epico portuguez, na cidade da Horta, sendo presidente da sub-commissão dos festejos, promovidos, com notavel brilhantismo pelo Gremio Litterario Fayalense.

Passada, porem, aquella epocha, em que foi infatigavel e d'uma dedicacão a toda a prova, começou, com equal empenho a colleccionar livros, manuscritos, jornaes, photographias, musicas, medalhas, bustos &c, referentes a Camões, empresa bastante difficil e dispendiosa na afastada ilha em que nos achámos.

Essa colleccão, ainda assim, foi successivamente augmentando e hoje alli se encontra numero superior a 3:500 especies, tanto portuguezas, como estrangeiras, com algumas preciosidades no seu genero e accessivel, com a maxima benevolencia do seu dono, a qualquer individuo que queira visitar o Gabinete Camoneano, ou consultar as obras no mesmo existentes.

Estas colleccões, pela variedade de assumptos que abrangem os livros que tratam de Camões, constituem afinal uma optima e selecta livraria.

Acresce ainda, que toda a mobilia do Gabinete do Sr. Brum Terra é antiquissima e appropriada á epocha em que viveu o author dos *Luziadas*, parecendo approximar-nos dos gloriosos tempos portuguezes e dando um tom especial áquelle recinto.

O diligente colleccionador, do Fayal, está em constante correspondencia com outros amadores d'este genero, tanto de Portugal, como do estrangeiro, e vae augmentando mensalmente as suas estantes.

Toda esta colleccão está devidamente catalogada e os papeis avulsos archivados em caixas lustruosas, em forma de livros, e com a respectiva numeracão.

A utilidade d'estes depositos de livros é obvia, como pessoalmente temos experimentado, pois em assumptos, embora muito diversos, de coisas Camoneanas, por vezes, alli temos ido buscar ensinamento e luz, para variados, ainda que muito modestos, trabalhos litterarios.

Numa localidade bem pobre de elementos que auxiliem quem estuda, não podemos senão elogiar semelhantes tentativas.

A par do seu Gabinete Camoneano possui Thomaz José Brum Terra o começo d'uma collecção Pombalina, muito mais pobre, porem, do que a sua antecessora.

**A BIBLIOTHECA DO LYCEU DA HORTA** — Foi em Outubro de 1853 que este Lyceu nacional começou a funcionar regularmente, com oito cadeiras, regidas por quatro professores, sendo 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> portuguez e latim por Cypriano Joaquim da Silveira, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> mathematica elemental e philosophia, por Antonio Lourenço da Silveira Macêdo, 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> geographia e litteratura por Manuel Augusto da Purêza, 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> francez e inglez por João Hermetto Coelho d'Amarante.

Era Reitor João do Bettencourt Vasconcellos Corrêa e Avila, secretario o professor Purêza e porteiro Antonio Machado Nobrega.

Por decreto de 27 de Janeiro de 1858 foi creada no mesmo Lyceu a cadeira de Introducção á Historia Natural, leccionada pelo Dr. José Joaquim d'Azevedo, a instancias do qual a Camara Municipal fez construir um jardim publico e que servio a este professor para alli dar lições de botanica aos seus discipulos, sendo ainda actualmente um dos mais amenos sitios d'esta cidade.

Em Julho de 1862 installou-se a bibliotheca do Lyceu com 3:000 volumes enviados pelo Governo e provenientes das livrarias dos extinctos conventos, sendo nomeado bibliothecario o professor C. J. da Silveira e official da mesma Antonio de Sousa Hilario, cargos que exerceram por alguns annos.

Em Maio de 1878, sendo então nomeado bibliothecario o professor Silveira Macêdo deu um certo desenvolvimento á bibliotheca do Lyceu da Horta, obtendo alguns donativos de livros, que se elevaram a 4:000 volumes, assim como affluindo alli muitas publicações periodicas.

Hoje esta bibliotheca, adstricta aos estudantes do Lyceu, está a cargo de Lourenço Vieira Pimentel.

A grande maioria, porem, das obras que contem, providas dos extinctos conventos, não nos parecem as mais proprias para desenvolver o espirito e o bom gosto da mocidade e quem sabe, até, se não dariam um resultado negativo.

O numero dos seus frequentadores é, consequentemente, assaz limitado.

**A SOCIEDADE AMOR DA PATRIA** — Foi inaugurada a 28 de Novembro de 1839.

Não sendo o nosso intuito descrever aqui a historia d'esta benemerita e importante sociedade, a qual desde a sua fundação tem tomado activa parte em diversos commettimentos de publica utilidade para esta ilha, como a creação, em 1862, de uma Caixa Economica e as constantes esmolas, de avultadas quantias, aos Azylos d'Infancia desvalida e de Mendicidade, bem como muitos outros actos de caridade, mencionaremos apenas que sustenou, tanto n'esta cidade, como nas freguezias ruraes, diversos cursos nocturnos de instrucção primaria, isto desde o anno de 1860 até ha pouco.

No gabinete de leitura do cluh pertencente a esta sociedade encontra-se já avultado numero de livros, periodicos e illustrações, os quaes vae gradualmente augmentando, offerecendo assim um bom recurso litterario aos seus numerosos socios.

Por occasião das festas do tri-centenario de Camões instituiu esta Sociedade um premio, annual, de 10\$000 rs. para ser conferido a um alumno distincto de instrucção primaria.

Embora a feição da «Amor da Patria» não seja, pronunciadamente, adstricta ás letras, ainda assim, n'este campo, tem sido valiosa a sua existencia, como acabamos de ver.

### **O GABINETE DE LEITURA DAS LAGENS DO PICO**

— Datou a sua creação do anno de 1876.

N'aquella epocha, um filho da localidade, Manuel Joaquim d'Azevedo e Castro, solicitou a adhesão de varios cavalleiros da Villa das Lagens, para alli ser fundado um gabinete de leitura.

Achando geral assentimento tão proveitoso alvitro, maxime n'uma pequena localidade, desprovida de certos commettimentos civilisadores, alistou-se, desde logo, um razoavel numero de socios, sendo estabelecida uma muito modica quota mensal, para occorrer ás indispensaveis despesas.

O gabinete foi aberto com livros cedidos, temporariamente, pelos frequentadores do mesmo e a Camara Municipal do Concelho, desejando patrocinar, quanto ao seu alcance, aquelle util melhoramento, concedendo-lhe o subsidio annual de 18\$000 rs.

Como estivesse, então, em Coimbra, a cursar a Universidade, um distincto e talentoso lagense, o actual Dr. João Paulino d'Azevedo e Castro, hoje lente no Seminario d'Angra do Heroismo e sacerdote respeitado pelas suas virtudes e erudição, servindon, poderosamente, os esforços litterarios dos seus conterraneos, angariando dadivas de alguns centos de volumes, que para as Lagens do Pico foram logo remettidos.

Durante alguns annos manteve-se com regularidade este Gabinete de leitura, mas a falta de uma casa apropriada ao fim a que se destinava, foi-lhe afrouxando a concorrência, até passar quasi desapercibido.

E' no estado em que está actualmente.

Com geralmente acontece, ainda, n'estas ilhas, certas instituições litterarias, mesmo das mais prolificas, carecem de muita dedicação para poder arrostar com o gelo Siberiano da indifferença publica, não no primeiro periodo da sua existencia, que é sempre prospero, mas mais tarde, quando o calor da innovação já cessou e que as difficuldades se levantam a cada passo.

**O GABINETE DE LEITURA MARQUEZ DE POMBAL, EM S. ROQUE DO PICO** — A idéa da criação d'este gabinete foi despertada e promovida pelo illustre escriptor o Dr. José Affonso Botelho Andrade, no seu incessante amor pelas letras e pelo desenvolvimento da instrução n'este archipelago.

Da ilha de São Miguel, aonde reside, coadjuvou, effectivamente, com valiosos donativos de livros e jornaes a nascente empreza litteraria, a qual se inaugurou em 8 de Maio de 1882, sendo seus socios fundadores João Bento de Lima, João Paulino da Costa, Manuel Dias de Lima, Manuel Emilio Thomaz da Silveira e Nicolau Joaquim da Costa Torres.

Foi uma festa sympathica e brilhante, semelhante inauguração, que teve lugar, á noite, nos Paços do Concelho d'aquella Villa, illuminando-se o edificio, comparecendo alli uma orchestra, as autoridades locais e grande concorrência de damas e cavalheiros.

O discurso de abertura foi pronunciado pelo Dr. Arsenio Leonel de Medeiros, guarda-mór de saúde na ilha do Pico e cavalheiro de reconhecida illustração.

Por iniciativa dos socios fundadores acima indicados, no dia 1.º de Dezembro de 1883 foi tambem inaugurada, adjunta ao mesmo Gabinete, uma sociedade recreativa, incorporando-se na primitiva e sob o mesmo titulo, sendo a assembléa geral, além dos antigos socios fundadores, composta do Dr. Arsenio Leonel de Medeiros, Dr. Ignacio Alberto José Monteiro, João Maria Ferraz de Mello, Manuel Maria de Mello, Nicolau Adrião Ferreira da Costa Nunes, Francisco Nunes de Macedo Machado, José Francisco da Costa, Wenceslau Maria de Mello, Manuel Machado Linhares Soares, Camillo de Lellis Sousa e Silva, João Maria da Silva Mesquita, Antonio Silveira Linhares, José Maria de Mello Junior, Manuel Dias de Lima Leal, Antonio Ramos da Silveira, Antonio Leal de Bettencourt Junior, José Francisco da Silveira, Manuel Vieira Maciel, Domingos Machado Soares, Francisco Augusto Ramos da Silveira, Thomaz Francisco da Silveira Junior, José Ignacio Pimen-

tel, Mathens Pereira Noronha do Amaral, Antonio Mannel de Sousa Sarmiento, Raulino Antonio da Fonsêca, Joaquim Pinheiro de Freitas, Antonio Marianno de Serpa e João Antonio de Sá Lihbares.

Elegeram, então, uma comissão para administrar a sociedade, enquanto não se organisassem os respectivos estatutos, a qual ficou composta do Dr. Arsenio Leonel de Medeiros, presidente, Mannel Maria de Mello, vice-presidente, João Paulino da Costa e Manuel Emilio Thomaz da Silveira, secretarios, sendo thesoureiro João Bento de Lima.

Assim tem continuado a existir o Gabinete de leitura de que tratamos, offerecendo aos seus socios, familias d'estes e a qualquer visitante da importante Villa de São Roque, alem de um razoavel numero de obras litterarias, jornaes &, diversas reuniões recreativas, sendo um local de diaria convivencia, um elemento civilizador enfim, tanto mais apreciavel em terras ainda pouco propicias para semelhantes committimentos.

Funciona na casa n.º 23, da rua do Caes, mas até o 1.º de Dezembro de 1883 esteve estabelecido na redacção do «Picaroto», periodico d'aquella Villa.

Nas estantes do Gabinete contam-se 142 obras diversas, com 224 volumes, alem de crescido numero de jornaes, folhetos &.

Terminarêmos registando que a idéa de solemnizar n'aquella Villa o centenário do Marquez de Pombal partio de João Bento de Lima, sendo levada a effeito por este cavalheiro e pela redacção do «Picaroto», que se compunha de João Paulino da Costa, Nicolau Joaquim da Costa Torres e Manuel Emilio Thomaz da Silveira (proprietario e redactor principal d'aquelle periodico) bem como de Mannel Dias de Lima, escrivão da Administração do Concelho.

O actual presidente da direcção do Gabinete Marquez de Pombal é João Maria Ferraz de Mello, distincto funcionario publico e secretario Manuel Emilio Thomaz da Silveira, illustrado picoense e escriptor publico, o qual como acabamos de ver, tem acompanhado desde o seu inicio esta útil associação.

**A BIBLIOTHECA DAS FLORES** — Na serie de assignalados beneficios que a ilha das Flores deveu a Antonio Vicente Peixoto Pimentel, no ultimo lustro da sua vida, não deve decerto ficar no esquecimento a aquisição de uns 3.600 a 4.000 volumes, de variadas obras, em diversos idiomas, alem de grande copia de jornaes litterarios, illustrações, mappas &, que esse benemerito florentino, á força de pedidos e de instancias, conseguiu angariar e os quaes, até o mais insignificante folheto, remetia, cuidadosamente, para a sua patria, endereçados a seu cunhado Antonio Maria Corvêllo, para os catalogar, e arrecatar convenientemente, até que, sob a administração da Cama-

ra Municipal do Concelho de Santa Cruz, fosse possível alli estabelecer-se uma Bibliotheca publica.

Este levantado pensamento encontrou em Antonio Maria Corvello, benevolta e illustrada acolhida, os livros devidamente relacionados foram conservados no escriptorio d'este cavalheiro, aonde se reuniam os estudiosos que, desde logo, dos mesmos se queriam aproveitar, o que não era de certo indifferente para a civilisação d'aquella localidade.

Em Lisboa, Antonio Vicente Peixoto Pimentel, tornava-se legendario n'aquella verdadeira febre de dotar a sua patria com importantes melhoramentos e ao tempo que conseguia alli fundar um hospital, á custa de muito trabalho, de muitas luctas, de muitos pedidos e de muita dedicação, engrossava tambem a projectada bibliotheca do municipio de Santa Cruz e, ainda mais, tratava da edificação de um instituto industrial, fazendo para este fim a doação de um terreno que lhe pertencia, na rua de São Sebastião e tendo até, em Lisboa, a pedra já lavrada para as portadas do mesmo!

Os estatutos para esta casa de aprendizagem seguiram de Santa Cruz, para serem submettidos á approvação do Governo no paquete Açôr que chegou á capital no dia 23 de Março de 1881, ao tempo que ferido, inesperadamente, por mortal enfermidade, estava já prostrado no leito da morte o benemerito Peixoto, que falleceu no dia 27 d'esse mesmo mez.

Com esta lamentavel occorrenciã não se tratou mais do instituto industrial das Flores, o hospital já funcçionava e a Bibliotheca aguarda ainda a sua conveniente installação.

É uma questão de tempo, estamos persuadidos, por quanto os generosos sentimentos de Antonio Maria Corvello e da sua digna consorte, se ja no seu testamento, como é publico, dispõem largamente a favor do novo hospital da sua patria, não deixarão tambem de abri-lhantar mais os seus nomes, facultando aos seus conterraneos os recursos que, para o seu progresso, podem auferir do gozo de uma variada Bibliotheca publica.

Será um serviço relevantissimo, maxime n'uma ilha remota, aonde a acquisição de bons livros, alem de difficil, não está sempre ao alcance dos meios pecuniarios de muitos dos seus habitantes.

A municipalidade de Santa Cruz deveria, affigura-se-nos, para este proveitozo *desideratum*, envidar todos os seus esforços.

No entanto, o que é ja muito, os livros existem em boa mão.

## XXI

### AMELIA

O convento de S. João, na villa da Horta, defrontava com o mar, erguido n'uma pequena elevação, com alterosos mirantes e com a sua immensa fabrica a recortar-se no verde escuro das encostas que lá ao fundo se apresentavam revestidas de esplendida vegetação.

A magnifica prespectiva que da parte superior d'aquelle se gosava nada deixava a desejar, do convento até ao mar, em suave declive, se estendia a alva casaria da villa, entremeiada de arvoredos, com esse risonho aspecto que então, como hoje á populosa cidade da Horta é peculiar, em seguida a espaçosa e serena bahia, a mais vistosa de todo o archipelago, cheia de vida e emballando tranquillamente numerosas embarcações estrangeiras, mais alem o canal, semelhando larga faixa de azul ferrete, cruzado pelas velas latinas das embarcações costeiras, eguaes ás lirancas azas de enormes aves maritimas e fechando este quadro, bem defronte da villa, a grande ilha do Pico, de aspecto severo, erguendo o agudo cume da sua principal cratera, coberto de alvissimo gelo, muito alem das nuvens que com cambiantes azues, ou rosados, formam um grande anel a meia altura da montanha.

E o sol a declinar para alem das cumieiras das serras do Fayal emprestava áquelle arrebatador quadro uns tons de luz avermelhada, como o reflexo de enorme e distante incendio, ou como o clarão de uma aurora boreal, tocando todos os objectos com estranha claridade.

A estrutura accidentada dos Açores e a sua natureza essencialmente vulcanica, apresenta frequentemente scenas de tão grande magia, que a penna é impotente para descrevel-as, ou a teta para as reproduzir, por quanto o artista, por mais aprimorado que fosse, não conseguiria ainda assim retratar, com todas as suas multiplices variedades, os effeitos da luz nas quebradas desfeitas das crateras, os montes arrojando-se para o firmamento, ora em atrevidas agulhas, ora em abruptos e informes môrros, este oceano que nos cerca cheio de vida, de luctas, de gritos e de meigos gemidos, este ceu tão variavel e caprichoso que de hora a hora muda de aspecto, que de manhã nos dá sorrisos para depois surgir ameaçador, sacudindo os arvoredos nas convulsões da tormenta.

E nem a terra aqui descança em longo dormir, na actividade dos elementos que a circundam toma tambem, a espacos, igual partilha,

o seu uherriro seio convulsiona-se, a seiva que lhe corre nas arterias gigantes são caudaes de fogo, estremece toda, afunda repentinamente aqui uma montanha, ou levanta de subito o seio gelido do mar para formar alem uma ilha, desfazendo ou modificando uma paisagem, com a mesma facilidade, com que as nuvens acastelladas no ceu, á mercê do variavel soprar do vento, tomam d'um momento para o outro feição differente.

Decorria o anno de 1815.

O convento de S. João tinha, n'este tempo, de portas a dentro sessenta e sete mulheres, freiras professas, noviças, famulas e educandas, era o convento da moda para a gente abastada que, ou por conveniencias pecuniarias para alargar mais os bens dos vinculos ou para se descartar dos cuidados que sempre a um chefe de familia dão as raparigas, entregavam-as a Deus, com a maior semceremonia, tranquilllos d'alli em diante do seu futuro, do qual já não eram responsáveis.

Estas entradas para o convento apesar de trivialissimas, encoñtravam ainda assim, por vezes, incrível resistencia n'aquelles tempos de absoluto poder paterno, affellido pela rigidez das instituições então vigentes.

A familia Quadros, actualmente extincta na ilha do Fayal, havia durante consecutivas gerações dado um bom contingente para os conventos distinguindo-se até muito um dos seus membros, Fr. Vicente de Quadros, cujas substanciosas orações, manuscriptas, chegaram ainda até os nossos dias, revelando em sua reverendissima se não apri-morada phrase, ao menos um abysmo de erudição theológica.

D'esta mesma familia era tambem Amelia Etelvira de Quadros, mais tarde sôror Amelia da Purificação, que aos dezeseite annos de idade, como noviça, e, devemos confessar, muito contra a sua vontade, dera ingresso n'aquelle casa de orações e provavelmente de virtudes magnas.

Amelia foi uma formosa açoriana, ligeiramente morena, olhos brilhantes e negros, eguaes na cor ao abundoso e fino cabello. Os seus labios que ampliadas vezes sorriam bondosamente, faziam lembrar uma flôr de romã e a sua estatura regular e esvelta tinha suaves ondulações e singelo encanto.

No convento gostavam d'ella, ainda qde a madre abbadessa uzeira e vezeira no esindo de femininos corações, não era raro attribuir-lhe certa independencia de character, que mal se coadunava com a obediencia monastica, que devia ser impassivel e fria como o marmore.

Já a enuradu da noviça para alli fôra quasi um escandalo; viera mais arrastada do que por sua vontade, o pae vociferar a que nem um damnado, um tio, frade franciscano, benzera a mais de dez vezes, a mãe, uma velha fidalga da ilha Terceira, queimara varios sirios a Santa Catharina, para que dêsse juizo á pequena, os criados da casa an-



daram oito dias n'uma roda viva, d'aquella opulenta habitação com cartas para o convento, do convento para o ouvidor e d'este para o governador militar, especie de senhor de barão e cutello que então reunia em si diversas alçadas, commandando tropas, sancionando matrimonios e fazendo frades,—um regalo emfim.

Amelia, não obstante resignou-se a entrar na liteira que, cercada de criados de libré, a devia conduzir até S. João, declarando, porem, que alli entrava, não porque quizesse ser freira, mas tão sómente para se livrar da desagradavel vida que ultimamente estava levando na habitação paterna.

O leitor perspicaz, seguramente, já terá desconfiado que na relutancia de Amelia para a vida monastica alguma coisa mais havia do que uma simples aversão para a existencia conventual e que, n'aquella idade, o mais natural motivo de quaesquer sympathias é o amor.

E amor profundo era este que de ha muito lhe alvorocava o coração, que soubera resistir ás severas admoestações da familia e que ella jurara a si mesma de ser eterno, ainda que, então, sem esperanza alguma de se poder unir á face dos altares ao escolhido do seu affecto.

Era este um rapaz pobre, mas talentoso, da Horta, empregado na escripturação de uma casa ingleza aqui estabelecida, no importante negocio da exportação dos magnificos vinhos do Pico, ganhando elle, alem de decidida afeição dos patrões os meios necessarios para alimentar numerosa familia, cujo chefe haveria uns tres annos que fallecera.

A despeito da vigilancia da aristocratica familia de Amelia, cartavam-se os dois amantes e ainda mais livremente desde que esta, entrando, como se lhe affigurava, temporariamente, para o convento, tinha á sua disposição mais folgadas horas e os officiosos serviços dos criados externos d'aquella casa, no computo dos vencimentos dos quaes nunca deixava de figurar a verba resultante de serem os mensageiros, ou depositarios, de segredos de maior ou menor importancia.

E' necessario que todos vivam.

O tempo do noviciado de Amelia ia-se, porem, approximando do seu termo, a catechese do convento tornava-se mais diligente, as horas de oração mais demoradas, as prelecções das monjas velhas mais austeras e pesadas.

Pobres mulheres, como perdiam inutilmente o seu tempo!

A noviça deixava as fallar, fallar muito, n'uma attitude reverente, n'um beatifico silencio, sentada em commoda cadeira, com a fronte formosa recostada no espaldar da mesma e com um sorriso de acquiescencia a lhe voltear nos labios, mas enquanto ellas lhe explicavam as subtilidades dos pesados alfarrabios eucadernados em couro liso e branco, o espirito, a alma, a vida da noviça estava d'alli bem longe, não sabia se ellas lhe estavam fallando de S. Chrysostomo ou do demonio,

e em vez do ascetismo d'uma Trapa estava-se deliciando com bem diferentes visões; com campos cheios de luz e flores, com noites saudosas d'almo luar, nas quaes os labios d'aquelles que se amam vem insensivelmente unir-se, como se unem as folhas dos lyrios nas noites sensuais e tepidas do estio.

Que grande criminosa que era esta rapariga!

Um dia o pae procurou-a no palratorio, o que raras vezes acontecia, vinha fardado de preto em branco, com o seu bonito uniforme de capitão de ordenanças, pendendo-lhe ao lado agudo espadim de aprimorado lavor.

Trocados os usuaes cumprimentos com a abbadessa que, por especial deferencia, acompanhára a noviça até ao palratorio, retirou-se a freira discretamente, deixando sosinhos o pae e a filha.

O morgado sentou-se, junto da grade, n'uma cadeira de braços, depondo a barretina sobre uma meza, em quanto a filha, no interior da clausura, de pé, de olhos no chão e braços cahidos e mãos cruzadas, n'uma attitude de respeito e temor, aguardava o motivo d'aquella conferencia.

O morgado, como de direito, foi o primeiro a fallar.

— Sabes que para a semana acaba o teu tempo de noviciado...

— Ignorava-o, meu pae.

— Pois assim é, e tenho resolvido que quanto antes vossa mercê professe, está tudo disposto e esta solemnidade será condigna do esplendor da minha casa. Tem alguma objecção a fazer a isto?

— Uma unicamente, a mesma por cujo motivo já em nossa casa tantos desgostos soffri, eu jamais serei freira.

O pae conteve ainda a colera que lhe agitava o peito e respondeu seccamente:

— As meninas da sua idade não sabem o que lhes convem e aos paes é que compete dar-lhes o devido destino, hade entrar freira por força ou por vontade.

— Não heide...

— Hade, digo-lhe eu. Tu não me conheces ainda o genio. Amelia, teria a coragem de te arrastar pelos cabellos até ao altar, se acaso tomasses a ousadia de me desobedecer. Tua mãe bem sabe como sou, e vê se não nos damos bem, se ella alguma vez me contradiz... Pois não, era o que faltava, eu desfalecer a minha casa com a tua legitima, para de futuro dar de comer a algum canalha que com a mira no interesse casasse contigo... estão bem servidos se esperam por isso!...

— Não desejo consa alguma do que lhe pertence, meu pae, mas tambem declaro-lhe que nada me obrigará a seguir nina vida que detesto.

— É o que veremos.

— Mas é que isso depende de mim e eu na igreja direi bem al-

to, diante de todos, que me obrigam a professar, que semelhante acto é uma violência e que me levaram para alli á força...

—E eu estarei ao teu lado e antes que me insultes proferindo semelhantes palavras, enterro-te no peito este espadim, será um exemplo, embora terrível, mas necessario, n'este tempo amaldiçoado em que os filhos já se lembram de mandar mais do que os paes. Não tenho explicações que lhe dar, de hoje a oito dias encontraremos-nos na egreja.

E o morgado retirou-se, fazendo estremecer as escadas com o seu afidalgado passo.

N'essa noite uma mais extensa carta do que todas as antecedentes, participava a Alfredo, o amante da noiva, o cruel destino que lhe preparavam, as violencias do pae e a firme disposição em que ella estava, embora com a perspectiva da morte, de resistir a semelhante mandato. A carta terminava por dizer ao rapaz que dispozesse da sua sorte.

Não se fez esperar a resposta e esta parecia bem sincera, dizendo-lhe o amante que com os meios pecuniarios de que então dispunha, era-lhe impossivel, desde já, um casamento, que no entanto o seu amor por Anelia seria sempre inabalavel, a despeito de quaesquer difficuldades e da guerra surda que sabia a sua familia lhe estar movendo.

Acrescentava ainda que o patrão lhe propozera ir n'uma barca que estava a carregar pipas de vinho, como sobrecarga, á Inglaterra, o que lhe seria muito conveniente pelo lado financeiro, tanto mais que o patrão não tinha, então, outro empregado de confiança e que isso muito poderia melhorar o seu futuro, ganhando lhe as boas graças.

Que, n'estas circumstancias, o que lhe convinha fazer, era ganhar tempo, até que um mais desanviado horisonte sorrisse a ambos.

Não sabia o dia da partida do navio, mas devia ser em breve.

Estas linhas vieram, ainda mais, compungir o coração da insulana, parecendo-lhe que ficaria só no mundo, desde o momento da partida do seu amante.

No convento continuavam a importuná-la com rezas e jejuns e ella, automaticamente, prestava-se a tudo.

A mãe fôra fazer lhe uma visita, mas a pobre senhora de acanhadissima intelligencia e completamente subserviente ao marido, não tinha outra orientação que não fosse obedecer ás suas ordens e a respeito d'isto que longo sermão não pregou á filha!

Inesperadamente a barca dos vinhos saiu para o norte e cumpriam-se as previsões da noiva, achando se completamente a sós n'aquelle difficil conjuntura.

Ainda assim o seu animo não afromxou e estava deliberada a cumprir a dura prova de resistir a todo o transe ás paternas disposições.

Na vespera da profissão o convento revelava anormal vida, o noi-

vado espiritual que na adjuuncta egreja se ia celebrar, não era menos festejado do que as bôdas profanas do serulo, as freiras inventavam requintes de subtilezas, incendidas em amor divino, que bem deixavam prever do que ellas seriam capazes se acaso semelhantes mimos fossem devotados a uma creatura humana.

O domingo fatal raion, finalmente, nos horisontes, limpido, sem nuvens, com um sol esplendido e creador. A natureza parecia deleitar-se com as magoas que iam no coração da noviça.

Desde as nove horas da manhã a egreja começara a apinhar-se de povo, o templo estava todo armado de cortinas de Damasco, preciosas jarras da India, repletas de flores, adornavam todos os altares; o sacristão ha dois dias que não fizera outra coisa senão esmerar-se em apresentar aquelle recinto com o maior brilhantismo possível.

No interior do convento a azafama não era menos, forneara-se alli noite e dia e montanhas de massa sovada, muitas viandas e immensas tachadas de doces, para a refeição no palratorio, quando acabada a solemnidade religiosa, e subsequentes presentes às auctoridades e pessoas mais graduadas, occupavam a maior parte do tempo das garfulas famulas.

Amelia era a unica pessoa no convento estranha áquelle geral borborinho. Abrira a janella da sua cella, defrontando com o mar, e d'alli encostada á grade, absorta em remotos pensamentos, a sua alma vagava bem distante, como se para além d'aquelle vasto horizonte podesse divisar a embarcação que conduzia o seu amante.

Os sinos do convento atroavam tudo, a multidão curiosa investia para o templo, as freiras cruzavam-se apressadas pelos corredores, os toques de campainha das governantes d'aquelle grande casa repetiam-se a miudo, a irmã rodeira julgava que d'esta vez endoidecia, tanto era o expediente na portaria e, coisa até alli nunca vista, n'aquelle dia a communidade nem tivera tempo de almoçar.

Amelia continuava sosinha, parecendo inconsciente de quanto em seu redor se passava.

Final tres pancadas soaram á porta da cella e a noviça, estremecendo, despertou como de um sonho.

Era a madre abbadessa.

— Minha filha — disse lhe esta, apenas entrou — já soou a hora desejada, as nossas irmãs já estão todas no côro, os srs. padres estão-se revestindo, auctoridades e convidados já estão sentados na capella-mór e o senhor seu pae a aguarda, junto da porta do côro de baixo, que dá para o corpo da egreja. Temos uma festa esplendida, louvado seja o Senhor, nunca vi tanta gente junta.

— Que me cumpre então fazer? — perguntou a rapariga.

— Acompanhar me. Até ás grades do côro será seguida por uma commissão das mais qualificadas irmãs d'esta caza, este é o mais feliz dia da sua vida, minha filha, graças á bondade do Altissimo.

— Quem sabe, madre abbadessa?..

— O espozó encherá de superabundantes favores a serva que humildemente se lhe entrega e é em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, que eu te abenço-o, filha.

Amelia benzeu-se instinctivamente, beijou a mão á abbadessa, dizendo:

— Eston prompta, minha mãe.

No corredor, á porta da cella, uma deputação das mais edosas freiras, todas paraentadas e de cirios accesos na mão, aguardava a noviça e em alas as foram acompanhando pelos corredores e escadarias até ao côro de baixo, cujas grades estavam interiormente cobertas d'um a outro lado, por um panno roxo, dos que serviam na semana santa.

Quando chegaram proximas da grade, a abbadessa dispoz convenientemente as freiras, segundo as suas gradações, d'um e outro lado da noviça, em duas alas, occupando esta o fundo do prestito, a par da respeitavel anciã.

A cortina interior então foi corrida em toda a sua largura, houve um certo reboição na multidão que enchia a egreja, auctoridades e convidados pozeram-se em pé; os padres saíram paraentados da sacristia, um ar quente e rescendendo ao perfume das flores da egreja invadiu todo o côro, o órgão fez ouvir algumas estridentes notas e a porta gradeada que dava para a egreja abriu-se de par em par.

A um dos lados da mesma estava o capitão de ordenanças, pae da noviça, que até alli foi conduzida pela mão da abbadessa.

A porta em seguida tornou-se a fechar, a cortina foi de novo corrida e o povo contemplava curioso aquella gentil menina que, ora dando a mão ao pae, seguia atravez do mulherio do corpo da egreja, que se afastava para lhes dar passagem, até ao altar mór.

Haviam lagrimas em muitos olhos.

O morgado apenas n'esse trajecto teve tempo para dizer á filha:

— Não me envergonhe por amor de Deus, Amelia, n'uma reunião tão solemne, bem vê que é para mim uma questão de vida ou de morte qualquer escandalo, olhe que a maldição d'um pae cae pesadamente sobre a fronte dos filhos... coragem!..

— Mas isso seria enterrar-me em vida...

— Prefiro essa eventualidade á vergonha de um escandalo.

N'aquelle môrno ambiente, na presença de tantos espectadores, na respeitabilidade d'aquella assemblêa, aos sons plangentes do órgão e do doce cantar da communitade, a noviça sentia-se possuida de um vago terror, parecendo-lhe que assistia a um estranho espectáculo e o seu espirito abatia-se de momento para momento, quasi inconsciente de tudo quanto alli se passava.

O ritual da egreja continuava solemne e magestoso.

Estava de joelhos e sentiu contra o pescoço o frio da tuezoura que,

d'um golpe lhe cortava o lindo cabello e nem esse vandalismo ao mais dilecto adorno natural das mulheres lhe causou a minima magoa, ou um suspiro de pesar.

Guardava talvez as suas forças, pensava o pae, para o momento da profissão, do juramento.

O morgado acercara-se da filha e no seu aspecto de momento para momento mais demudado, demonstrava maior inquietação do que a pacifica creatura que sacrificava.

Quando chegou o momento da profissão estava livido, medonho, banhado em suor e de tão estranho aspecto que parecia que ia ser fulminado por uma apoplexia.

O governador das armas, vendo-o assim, sabiu do seu lugar, amparando-o com um braço pelas costas e dizendo-lhe:

—Valor, meu amigo, a vocação rouba-lhe uma filha, mas Deus o recompensará largamente d'esse immenso sacrificio.

O padre que officia, junto da professanda, de livro aberto na mão, aguardava, com os acolytos ao lado, o começo do juramento e Amelia erguendo supplicante olhar para o pae, mui olhar em que se lhe ia a vida toda, estava silenciosa ainda...

O pae tremia e destigando-se do braço do governador militar, deu um tremulo passo, como de homem embriagado, para mais junto da filha, levou uma das mal seguras mãos ao espadim e chegando-se-lhe ao ouvido, murmurou com voz cava:

—Jogámos aqui a vida, ou tu ou eu.

Os seus labios estavam convulsos, cheios de escuma e a custo se sustinha em pé.

A rapariga então, de joelhos, tomada de subita resolução, proferiu em voz alta, sem parar, de uma só vez, o terrivel juramento, como quem tivesse pressa de esgotar de um só trago amargo calix de absintho.

Quando acabou, os sons jubilosos do órgão fizeram estremecer todo o templo, as rezas festivas do ritual acclamaram-na esposa de Christo, o incenso no altar espanidia-se em grossas nuvens, eslava consumado o sacrificio.

Cobrava novo animo o morgado.

A irmã Amelia da Purificação, como d'ora em diante se ficava chamando, ergueu-se afinal já cingida do ven do espiritual noivado e a festa continuou espleudida até ao fim.

Ao proferir, porem, os votos, sentira Amelia o quer que fosse que lhe estalara no peito e agora levando o lenço aos labios veio-lhe este tinto de sangue.

A festa correu radiante todo o dia no convento, houve luto jantar aos convidados, á noite illuminação da frontaria do edificio; uma musica da localidade veio tocar em frente d'aquella casa e o morgado

offerecer á abbadessa uns cartuchos de brilhantes dobrões d'ouro, isto, já se sabe, além do patrimonio da filha.

Era um santo homem, não tinha que vêr!

A professada, acabada a solemnidade religiosa, ficára em tal prostração, que recolheu-se immediatamente á sua cella, d'onde não mais saiu n'aquelle dia.

Ninguém estranhava isto, era até natural, depois das emoções de semelhante acto.

O peor, porem, é que os seus padecimentos agravavam-se de dia a dia.

Arrastou, assim, uns dois mezes de miseravel existencia, cuspia amindadas vezes sangue, estava um esqueleto e nem já conseguia em suaves tardes de primavera ir sentar-se alguns instantes na cêrca, junto d'umas moitas de roseiras, que n'um pequeno quadrado antecedeentemente cultivava.

—Se ao menos eu chegar a vel-as florir...—dizia ella a si mesma—deixal-o, de que me importa agora a vida... contra mulher adornará de flores a vida de Alfredo.

Deus amerciou-se d'esta desgraçada, á debilidade do corpo seguiu-se tambem a fraqueza do espirito, pelo fim da primavera, quando as roseiras floriram, já não sabia da cella, nem tinha consciencia do que em seu redor se passava, estava noite e dia n'um abatimento completo.

Uma manhã os sinos de S. João tocaram a finados e o morgado recebia uma carta da abbadessa dizendo-lhe que Deus contava no ceu mais um anjo, que a sua filha já não pertencia ao numero dos vivos.

O morgado lastimou-a sinceramente, uma boa filha—dizia elle—obediente e amiga das grandezas da sua familia, coitada!... Ha ditos ás vezes, esquisitos, quando professon disse-me que se enterrava em vida e foi verdade, tambem se não tivesse professado era o mesmo, já tinha em si aquella molestia e se depois havia de morrer casada, mesmo que na liberdade do seculo houvesse durado mais alguns mezes, antes assim, Deus tudo o que ordena é pelo melhor...

Mais tarde regressou Alfredo, da Inglaterra, sentiu muito a morte da amante, mas sabendo que ella professára, fez algumas philosophicas reflexões sobre a versatilidade do coração feminino:—aquella mulher que elle tanto idolatrava, fôra bastante a sua ausencia para esquecer tantas e tão ferventes promessas e sem lhe dizer sequer duas palavras de despedida.

Esta falta, porem, como o leitor sabe, fôra devida á enfermidade de Amelia, tencionava escrever ao amante uma longa carta em que lhe explicasse tudo e como para salvar o pae, talvez de uma morte fulminante, destruira o seu futuro e sacrificára a propria vida.

Aguardando, porem, de dia a dia, cobrar algumas forças, o entendimento abandonara-a, primeiro do que se lhe extinguiu a vida.

Era isto o que não podia revelar a sua humilde sepultura no cemitério do convento.

Alfredo, dois annos depois, estava casado e feliz.

O capitão de ordenanças, viveu também largos annos, sempre respeitado, sendo um magnifico administrador da sua casa e engrasando o morgado com muitas terras, muitas vinhas e muitos fôros.

A morte só tarde o alcançou e ainda assim teve a felicidade de não estar um dia que fosse doente.

Deitou-se bem, alegremente, e no outro dia foram-n'o encontrar inerte no seu leito de madeira do Brazil.

O filho varão que, pela sua tenra idade, no tempo da morte de Amelia, apenas da mesma tinha pouca idéa, mandou fazer ao pae sollemnes exequias, os pregadores dos conventos aos quaes fizera algumas offertas, elevaram as ouvens as virtudes do finado, e centos de missas, por descargo de consciencia, mais do que por verdadeira necessidade, foram resadas por sua intenção em todas as egrejas da ilha.

É assim que se vive e morre honradamente.

O morgado foi sepultado no Carmo, no jazigo de familia, ao lado dos seus respeitáveis antepassados.

Decorreram muitos annos.

Uma vez, já extinctos os conventos, foi necessario fazer uns reparos n'uma capella, por baixo da qual era o carneiro da familia Quadros.

Tratava-se de assoalhar aquelle recinto e de aproveitar para outro fim o ladrilho que revestia o chão da mesma.

Levantaram-se, pois, todas as lages e conjunctamente aquella que servia de dar ingresso no carneiro, como se conhecia por pesada argola de ferro encravada na pedra.

D'aquella entrada até ao fondo do jazigo, no qual, como na cabana de um navio haviam diferentes beliches ou nichos para a longa viagem da eternidade, descia se por uns dez degrãos.

Levantada, pois, a pedra, encontrou-se um esqueleto no degrão superior, com os braços estendidos, como se tivesse effectuado algum supremo esforço.

O pedreiro que dirigia a obra disse brutalmente, para os seus companheiros:

— Que diabo foi isto, os mortos, aqui dentro, andaram a jogar á cabra-cega?!... vão vocês chamar o sacristão para tirar d'aqui essa ossada...

— Isto foi talvez algum que enterraram vivo, mestre José! — perguntou um mais esperto aprendiz.

— Eu sei lá o que isso é, — respondeu o pedreiro, — são ossos que estão para ali... vae chamar o sacristão, anda, para os botar ali para baixo... eu cá não lhe toco.



O sacristão acudiu ao chamamento, em mangas de camisa, fumando, mesmo dentro da igreja, um enorme cigarro e atirando com o pé os ossos pela escada abaixo, disse aos trabalhadores:

— Já lá estão no fundo, agora trabalhem vocês á vontade... aquillo sempre foi pessoa que enterraram viva... ih... ih... ih!... — e dava uma risada estúpida.

— Seria homem ou mulher?

— Quem é que sabe?... n'outro tempo sempre aconteciam coisas... isso hade ser do tempo dos frades, mas esperem vocês que sempre vou saber de quem eram esses ossos.

E indo a um altar, arrancou um cirio d'uma castiçaleira, acendeu-o com um phosphoro e desceu os degraus do carneiro, aonde reinava um ar abafado e humido.

D'ahi a alguns momentos voltava do interior da terra.

— Foi a ultima pessoa que n'este jazigo se enterrou, o morgado Quadros, o caixão está aberto e ainda lá tem o espadim dentro... olhem vocês o que elle não padeceria a bater ali contra essas paredes, sem ninguém o ouvir, tem havido muitos casos d'estes.

— Quem sabe se isto seria castigo de alguma coisa que elle tivesse feito... podia ter dado cabo de alguém.

— Isso não é provavel, meu pae fallava-me sempre do morgado como de um homem exemplar, até teve uma filha que foi freira, e era pessoa de religião.

— Deus é que sabe! — acudio philosophicamente o mestre José, tapando de pedra miuda e cal a abertura do jazigo.

No fim d'esse dia a capella estava assobradada e d'aquelle incidente apenas tiveram conhecimento meia duzia de pessoas.

Assim acabam vaidades!

## XXII

### SANTO ANTONIO DO CASTELLO

A fortaleza de Santa Cruz, o unico e insignificante reducto, existente na cidade da Horta, que esteja guarnecido de artilharia, pertence ao crescido numero de construcções militares feitas no Fayal, desde 1567 até 1582.

Começaram no reinado de D. Sebastião, até á sua conclusão, no tempo de Philippe I.<sup>o</sup>, tornando-se então uma verdadeira necessidade, tanto na Villa, como em alguns portos das freguezias ruraes, por causa das continuadas tropelias dos corsarios Argelinos, os quaes, com incrível atrevimento, investiam contra inermes povoações, roubando quanto podiam levar e até algumas formosas raparigas.

Ainda assim, as tendencias do povo fayalense, devemos francamente confessar, nunca foram muito atreitas a brilhantes feitos d'armas. Descendentes na sua maioria de pachorrentos flamengos, quando tinham de pegar em armas era somente n'um cazo extremo e para defensão dos seus haveres.

Veja-se, mesmo actualmente, a aversão do nosso povo para a vida nólitar, uma das principaes causas da emigração clandestina do districto.

Tornou-se até, aqui, notavel pelo ridiculo, uma celebre parada que houve na 4.<sup>a</sup> feira, 9 de Maio de 1792, por occasião de tomar posse do importante cargo de Capitão Mór das Ordenanças, o illustre filho d'esta ilha Jeronymo Sebastião.

Renniram-se no antigo edificio dos Paços do Concelho, na Praça-velha, tanto os Officiaes da Camara, como todas as authoridades e nobresa para, perante esta respeitavel assembléa, o recém-eleito prestar o respectivo juramento e, em frente da egreja da Gloria, muito proxima d'alli, postaram-se as diversas Companhias de Ordenanças, formando um corpo de alguns centos de homens.

A praça regorgitava de espectadores e as janellas do vasto convento de freiras, adjuncto ao templo, eram um verdadeiro enxame de mulheres, algumas formosissimas e pertencentes á primeira nobresa da ilha.

Quando, finda na casa da Camara, a solemnidade do juramento de fidelidade á monarchia portugueza, o Capitão Mór Jeronymo Sebastião veio passar revista á sua tropa, os officiaes, como estava combinado, ordenaram uma descarga de fuzilaria em todas as linhas.

Nunca, porem, poderam conseguir que as enfierrujadas espingardas fizessem fogo, houve, é verdade, aqui ou alem, meia dozia de espaçados tiros, dados com a maxima irregularidade e dos quaes resultou um ferimento, porquanto a um pobre diabo que estava na primeira fila arramou-lhe, n'aquella grande atrapalhação, o seu camarada da rectaguarda um tiro na cabeça, que o fez immediatamente recolher-se ao hospital.

Houve então entre o povo grande celebrra, risos, descomposturas, assobiadas, um completo *charivari*, para nos servirmos de hodierna e pouco vernacula lingoagem.

A nossa tropa era isto, com pequenas variantes, sendo tambem certo que n'uma epocha, já muito mais moderna, sempre que havia algum toque de reunir, um sujeito chamado Gonçalo de Labath, que tinha pôsto elevado na nossa milicia, sahia de casa, para o Castello, de espada desembainhada, a chorar e com um rosario nas mãos!

Em 1650 organisou-se no Fayal um terço de tropas chamado a companhia franca, do qual cada rapaz alistado, mas que continuava a residir na sua localidade, recebia o vencimento de 50 rs. diários.

Uma pechincha!

Ainda assim, esta companhia paga, constando de numero superior a cem praças, tinha, em determinados dias, exercicios militares e aspecto mais guerreiro, honra lhe seja, do que todas as suas antecessoras.

Se as chronicas fayalenses não resam de algum brilhante feito d'armas em que entrasse, registou-se, contudo, uma singular festa que a mesma effectuava annualmente, com grande gaudio dos pacificos habitantes da Horta.

Era no domingo da Trindade.

De todas as freguezias da ilha desciam á Villa os soldados da companhia franca, mascarados vistosamente, com diversas *donças de arcos*, espectáculo sempre muito do sabor do nosso povo, e isto ao toque de tambores, rabecas e pífanos.

O ponto de reunião era no Castello de Santa Cruz e, d'alli, pelas 11 horas da manhã, sahia nma brilhante procissão de mascarados, conduzindo desde a capella do Castello, até á igreja de São Francisco, vistosamente armada pelos frades, um andor com a imagem de Santo Antonio. Os soldados iam entoando, em alegre cantilena, a seguinte quadra:

O *Snr. Santo Antonio,*  
Nosso *Capitão geral,*  
*Ajudai nos a vencer*  
*Esta batalha naval!*

Fechava o prestito a Corda do divino Espirito Santo, conduzida

por um sargento e ao quadrado das varas iam os officiaes da Companhia, sendo o estandarte conduzido por pessoa granda da localidade.

Quando a imagem de Santo Antonio transpunha os humbraes do Castello, os canhões do mesmo davam uma salva de vinte e um tiros.

Na igreja havia missa cantada, coroado o sargento que conduzia a corôa e algum pregador de fama subia ao pulpito, contava os milagres do venerando *Capitão geral* e passava a mistura o mel pelos beijos de todos os valentes guerreiros alli presentes, embora muitos d'elles disfarçados em trajes do sexo fragil.

Quando terminava a religiosa solemnidade a imagem e o emblema do divino Espirito Santo regressavam ao Castello, toda a comunidade franciscana tomava parte no prestito entoando a Magnificat, atirando tambem os ares grandes girandolas de foguetes.

A' entrada do castello havia uma segunda salva, a capella d'aquelle recinto estava toda enfeitada de lumes e flores e alli era deposta a imagem e a corôa, seguindo-se na caserna um tanto banquete, ao qual assistiam as authoridades locais, os frades e os soldados.

De tarde franqueava-se ao publico o ingresso na fortaleza.

Os mascarados organisavam então na parada da mesma alegres danças, juntava-se muito povo e ao toque rasgado das violas, bandos de homens e mulheres do campo, cantavam e divertiam-se alli francamente.

Como houvesse grande devoção com o Sr. Santo Antonio do Castello, cabiam n'aquelle dia muitas promessas, ovos, galinhas, enormes argolas de massa sovada &c. que tudo era logo arrematado e cujo producto revertia a favor dos gastos da festa e principalmente do banquete, cuja despesa, estamos persuadidos, devia ser grande.

Nessa mesma tarde havia tambem uma romaria ao Monte da Guia e todas as pessoas que alli iam, nunca deixavam no regresso de visitar o Castello, do qual a festa se prolongava até noite fechada, com o auxilio d'uma brilhante illuminação.

E n'esse tempo de ideas aristocraticas, mas no qual a união dos fayalenses era grande, não raro a primeira nobresa da ilha, sem quebra da sua dignidade e sem que lhe faltassem ao respeito, não desdenhava de tomar parte n'aqueelles populares festejos.

Havia ser hoje...



## XXIII

### OS BAILES ANTIGOS NA HORTA

A ilha do Fayal, a remontarmos ha um seculo anterior á nossa epocha, gosava, justificadamente, em todo o archipelago açoriano, a nomeada da terra aonde existia mais sociabilidade e aonde melhor se podia viver, pelas boas relações existentes na elegante sociedade da sua principal povoação e grande numero de estrangeiros que continuamente aqui aportavam, imprimindo-lhe um tom aferido pelos usos e costumes dos mais avançados paizes, d'onde provinham.

Atem d'isto, o Fayal prosperava de anno para anno, e as vinhas da ilha do Pico, sua principal fonte de riqueza, entornavam a abundancia na generalidade das familias hortenses, que alli tinham propriedades e que do producto de excellentes vinhos, exportados para o norte da Europa, viviam folgada, desassombradamente.

No nosso comeseinho viver actual, n'este tempo hodierno das vacas magras, mal se comprehende o que era o Fayal de então e como vivem e se divertio a geração, com a qual não podemos de sorte alguma competir.

Os bailes da aristocracia da Horta tem jus a que lhe dediquemos algumas linhas, por quanto davam uma boa idea d'esta terra, patenteando evidentemente o seu estado de progresso.

Respiguêmos, pois, o que a semelhante respeito podemos colher.

Os convites para qualquer *soirée* dançante eram em geral feitos vocalmente e só nos grandes bailes, nos bailes de rigorosa etiqueta é que se usavam cartas de convite, levadas n'uma salva de prata, por um pagem das casas nobres, vestido de casaca, calções pretos e gravata branca, ou então por um criado de libré, segundo a representação do fidalgo que queria obsequiar os seus conterraneos.

Estas cartas, á mingoa de imprensa, eram manuscriptas, havendo dois ou tres individuos de boa caligraphia que de semelhante trabalho faziam um meio de vida, preparando-as com anticipação, deixando lugar em branco para o nome do amphitryão, data e nome do convidado.

Tinham vendagem certa no decurso do anno.

É o que acontece hoje, que transicção!, com as circulares impressas para enterros, ha médas d'aquillo, á espera, em diversos estabelecimentos; é só o trabalho de encher os claros...

Os salões da gente que vivia n'aquelle tempo, á lei da nobresa,

eram geralmente espaçosos e já adrede construídos para receber crescido numero de pessoas, nos tectos tinham frisos e nos angulos enfeites de pesada escultura, ouro e azul, flôrões d'onde pendiam ao menos dois enormes lustres, com muitos pingentes de crystal; nas paredes, caixas, espelhos ovais com largas molduras amarellas, cadeiras de madeira do Brazil estofadas a vermelho, um piano inglez, de cauda, mezas pretas de pés torneados sustendo grandes e magnificas jarras da India atulhadas de flores e a illuminação, tanto dos lustres, como das placas, em diversos sitios da casa, feita com velas de cêra, muito alva.

Quasi todos os soalhos das casas nobres eram esteirados, mas nas occasiões magnas, da sala principal, para maior commodidade dos dançantes, eram retiradas as esteiras, cuja feitura constituia aqui um rendoso officio.

Havia escrupulosa escolha nos convites para qualquer ajuntamento, segundo a classe da sociedade a que pertencia o individuo que dava a festa, sendo este um dos pontos mais intrincados d'esse divertimento e só, por grande obsequio, ou especial deferencia se fazia uma excepção qualquer á praxe estabelecida.

Os estrangeiros, porem, sendo gente decente, eram convidados para toda a parte.

O convite para um baile da nobresa era considerado como um titulo de apresentação entre a gente grãda, ficava se pertencendo á roda.

Sem que pese ás modernas e muito rasoaveis idéas de igualdade, hoje predominantes, ainda assim, fôrçoso é confessar o, aquella selecção evitava, por vezes, inconveniências que não deixam de orçar pelo ridiculo...

A entrada para o baile começava logo ao anoitecer, não sendo raro, mesmo ainda dia claro, ver qualquer familia dirigir-se para a casa que dava a festa, uso este, que, seja dito de passagem, era muito do agrado das elegantes fayalenses, que tinham então de atravessar algumas ruas da Horta, em esplendidas *toilettes*, sendo contempladas pelos grupos de curiosos, que sempre, n'essas occasiões, ainda com sol fóra, formigavam em redor da alidalgada moradia, para aonde as mesmas se dirigiam.

N'esse trajecto, feito de cadeirinha, ou a pé, pela gente nova, as senhoras não levavam toucados, por causa da conservação dos trabalhosos penteados, alguns dos quaes um verdadeiro primor d'arte, producto de muitos ensaios e de muita paciencia.

Os trajos das damas consistiam de vestidos de boa e valente sêda da India, de côres claras e de mantas, estreitas, de Touquim, meias de seda branca, ou côr de rôsa, sapatos de setim branco bordados a ouro, ou a matiz, com fitas cruzadas no peito do pé, nas orelhas compridos brinços de diamantes, ou outras pedras preciosas, collar e pul-

seiras quasi sempre de perolas, evitando-se, até certo ponto, o uso de objectos d'ouro, que não eram reputados do melhor gosto.

Alem d'um esplendido leque, que era de rigor, pendiam dos pulsos das damas umas bolsas (indispensaveis) de setim, vistosamente adornadas, aonde conduziam os lenços de fina Cambraia, perfumados com agua da Rainha da Hungria, ou espirito de linha.

Os homens a seu turno rivalisavam em esmero com o bello sexo, casacas de côrte, azues, verdes, ou vermelhas, de gola direita com botões de metal amarello, ou então de pedras preciosas, collete de seda, com abotoadura de diamantes, ou coralinas, gravata branca, calções de côres vistosas, meia de seda preta e sapatos de polimento com fiavelas d'ouro, chapéu armado e espadim, mas este ultimo somente nas grandes solemnidades, casamentos, baptisados, ou festas nacionaes. Os grilhões dos relógios eram immensos, contendo enfiadas diversas mindezas, um sinete, aneis, figas de coral &c.

Na tira da camisa, sempre de pregas, era indispensavel um allinete grande, de pedras preciosas e quem n'um baile se apresentasse sem este adorno, ou ao desembarcar de qualquer viagem, sem ser seguido d'um criado, conduzindo ás costas uma carteira de escrever, dava uma triste idéa de si, passava desapercebido, não era ninguém.

Apenas illuminado o salão do baile, a dona da casa, ou a sr.<sup>a</sup> convidada com antecedencia para fazer as honras da noite, ia assentar-se ceremoniosamente n'uma cadeira d'espaldar, na extremidade oposta á porta principal do aposento e ao lado direito do retrato do monarcha reinante que, circumdado de flores, pendia na parede.

Iam depois, successivamente, entrando as damas convidadas, que se dirigiam a cumprimentar a sua illustre hospede, tomando em seguida logar, nas filas de cadeiras em volta da sala.

Os cavalheiros permaneciam nos aposentos contiguos, aonde eram recebidos pelo dono da casa, sem que nenhum d'estes transpusesse a entrada da sala das senhoras, o que seria imperdoavel quebra de etiqueta.

Rapazes, até aos dez ou doze annos, não era uso irem a estas diversões, e, se a tenidade paterna d'algum mais complacente convidado, alli levava um filho, era isto com previa permissão do dono da casa, e por muito favor, tendo sempre o conviva a prudencia de arrumar o pequeno no vão d'alguma janella da sala do baile, por detraz das costas das cadeiras e com expressa clausula de não se *safar* d'alli, durante toda a noite.

Pobre creança!

Quando o salão já continha avultado numero de senhoras e emquanto não chegavam as autoridades, para romper o baile, o dono da casa convidava os cavalheiros para irem cumprimentar as damas, dando n'esta solemne conjunctura a primazia á pessoa mais qualificada que alli se achava.

Approximavam-se, pois, todos da porta principal, e o sujeito indigitado atravessava a sala em toda a sua extensão, indo fazer uma profunda reverencia á esposa do seu hospede, que, erguendo se, lhe respondia com prolongada mesura e depois isto se repetia, com relação a cada senhora, ora para a direita, ora para a esquerda, até o cavalheiro vir a ficar no seu ponto de partida.

Seguia-se segundo, terceiro, quarto e assim por diante, o que levava muito tempo, por vezes, e por aonde se azeria se quem cumprimentava *subito pisar uma sala.*

Chegavam afinal as autoridades, que sempre se faziam esperar, a orchestra rompia um hymno nacional, do qual as senhoras cantavam em côro a respectiva letra, e quando este terminava, o General, se aqui estava, ou nas suas vezes o Governador Militar levantava os vivas ao monarcha reinante e a toda a familia real, que eram calorosamente acompanhados por todas as pessoas presentes.

Começavam logo as danças, sendo em primeiro logar o Miguéte da Corte e em seguida a valsa hespanhola figurada, contradanças inglezas, a gavota, a polca, ou o sólo ingtez.

A polca ingleza, importada da America, dançou-se no Fayal primeiro do que em 1844, nos theatros de Lisboa e em seguida nas Assembléas.

O chá, em magnifica louça da India era, invariavelmente servido das 9  $\frac{1}{2}$  para as 10 horas, por criados de libré, consistindo este serviço de bolos doces para as damas e enormes bandejas de viandas, preparadas de diversos modos para os homens, assim como de muita massa sovada.

O segundo e ultimo serviço, era pela uma hora da noite, carnes, vinhos generosos, e licores.

A sahida dos bailes começava, geralmente, das 11  $\frac{1}{2}$  em diante, para a gente seria, dando tambem motivo a isto haver um limitado numero de cadeirinhas, para tão crescido concurso de senhoras e ter de aproveitar a sua vez quem se queria utilizar d'quelle unico meio de transporte então existente, a não ser duas ou tres carroagens das mais abastadas familias.

Isto, porem, não impedia a que a mocidade permanecesse no baile até á madrugada seguinte.

Qualquer dama que se recolhia de cadeirinha, era da etiqueta que esta fosse ladeada de um certo numero de criados com anchotes e lanternas e com um pagem á portinhola. Quanto maior numero de servos mais demonstração de fidalguia e grandeza.

Havia então casa que tinha vinte creados, como a do morgado Jorge da Cunha, seguido dos quaes, todos uniformizados de libré, visitava as egrejas, na Semana Santa.

Assim continuaram estas festas durante largos annos e só interrompidas de 1828 a 1831, devido ás dissensões politicas que então



agitaram todo o paiz, repercutindo-se, tambem, n'esta pequena ilha.

Serenada a tormenta, tentou ainda o Fayal retomar a sua antiga feição, introduzindo-se, conjunctamente, em qualquer reunião alguns modernismos até alli desconhecidos, sendo proscriptas as antigas danças e substituidas pelas quadrilhas francezas, diferentes maneiras de trajo tanto nos homens, como nas damas, inteira liberdade nos convites, cessando a antiga distincção de classes, bem como a queda completa das antecedentes pragmaticas.

Uma verdadeira revolução em tudo.

Assignalou-se esta transicção por uma circumstancia singular, por dois bailes monstros, em duas cazas a breve distancia uma da outra, rivaes entre si e representando, embora do mesmo partido liberal, duas facções completamente divergentes.

Foi na noite de 24 d'Abril de 1839, anniversario natalicio da Sr.<sup>a</sup> D. Maria 2.<sup>a</sup>.

Desde que no anno antecedente, em resultado da revolução de setembro fora proclamada a constituição de 1838, tanto no continente, como n'este archipelago, andavam muito accêsos os odios politicos, entre os Cartistas, alcunhados de «chamôrros» e os Setembristas que então dirigiam a situação politica.

No Fayal haviam mais sympathias pelo partido Setembrista e tanto que o Prefeito, Dr. José Joaquim Nunes de Vasconcellos; governador militar, Coronel Ricardo José Coelho e o activo Administrador do Concelho José Pereira de la Cerda, pertencente a uma das nossas mais consideradas familias, eram os *leaders* do mesmo.

No grungo opposto eram os vultos mais proeminentes o Dr. Juiz de Direito Luiz d'Almeida Menêzes e Vasconcellos e o abastado morgado José da Cunha Brum Terra e Silveira, fidalgo de largos haveres e de principêscas maneiras de viver.

Ora, a ambos estes partidos veio a lembrança de festejarem com um estrondoso baile os annos da Soberana, mas intrigados como andavam, não sendo possivel vir a um accordo qualquer sobre o local da festa, ou direcção da mesma, cada um quiz levar por diante a realisação do seu pensamento, começando a arder Troya em rivalidades, que se azejavam diariamente com dilos e pequenas intrigas de pequenas localidades.

Os Setembristas escolheram para o local do seu baile a grantle sala do edificio do Collegio dos Jesuitas, aonde actualmente funcçãoa o Tribunal Judicial, e o Morgado José da Cunha offerecen para este fim a sua propria residencia.

Entre um e outro sitio medeiam apenas quatlo cascas, de limitada frontaria.

Os Setembristas denominaram desde logo a sua festa — um baile nacional — e n'esta conformidade expediram cartas de convite a numerosas familias da Ilorta, mesmo que não fossen muito useiras de fro-

queantar a sociedade, a todo o funcionalismo publico, regedores, juntas de parochia, officiaes do batalhão de voluntarios, padres, freiras e religiosos egressos, a toda a pessoa, enfim, que estava no gozo de qualquer cargo electivo e até, pela primeira vez, depois de estabelecido o regimen constitucional, ás familias indigitadas de mignelistas.

Estes convites não só formigavam na Horta e nas povoações ruraes do Fayal, mas bem assim choviam aos ceulos até nas mais remotas freguezias da ilha do Pico, não raro com verdadeiro espanto de quem os recebia, que não esperava por semelhante deferencia e vinda de tão longe.

O morgado José da Cunha, o Juiz de Direito e os membros do seu grupo, tambem não se descuidavam de sorte alguma em atrahir gente para a sua festa, não cessando empenhos e solicitações.

Entre os *homens de alguns haveres* do partido Setembrista a quotização para as despesas da sua festa foi de 50\$000 rs. por cabeça, em quanto que o abastado morgado José da Cunha, fez, elle só, face, á grande maioria das despesas occorridas na sua residencia.

Foram dois bailes verdadeiramente sumptuosos e os convidados, com excepção de alguns timoratos empregados publicos, tiveram o bom senso de não fazer questão politica dos mesmos, frequentando em todo o decurso da noite ora uma, ora outra, d'aquellas duas casas, que como já tivemos occasião de dizer, eram muito proximas.

As freiras, que haviam recentemente sahido dos seus conventos, apresentaram-se no chamado—baile nacional—trajando vestidos de sêda preta, sendo para muitas d'ellas a primeira occasião de gosar d'essas profanas diversões.

Havia tambem alli um corêto, com excellent orchestra, que no decurso da noite, alem das musicas para dançar, repetio diversas vezes o hymno constitucional de 1820, em quanto que na residencia do morgado José da Cunha as senhoras, em côro, acompanhadas tambem por outra orchestra, entoavam, não aquelle hymno, mas diversas musicas liberaes.

No baile nacional—recitaram sonetos e odes a Sur.<sup>a</sup> D. Thereza de Moraes Pereira, Antonio Silveira Bulcão, João Pereira de la Cerda e João José d'Andrade, facto um tanto custoso de explicar, com relação a este ultimo poeta, aferrado como foi sempre ao antigo regimen.

O serviço n'estes dois bailes foi grandioso, abundantissimo, nada deixou a desejar, a ponto tal (e aqui vem sempre o lado do ridiculo que faz sorrir) que muitos dos nossos voluntarios campesinos vendo uma profusão immensa de bandejas de *fiões d'oros* encheram dos mesmos as barretinas, para levar uma recordação da festa para as suas familias, exemplo tambem, que nos enormes chapêus de pêllo, que já haviam atravessado diversas gerações, foram seguindo os seus visinhos e amigos que *officialmente* alli haviam concorrido.

Foi tão enorme a affluencia de convivas no baile do Collegio que, apesar da grande quantidade de viandas, doces, vinhos e licôres de que tinham fornecimento, o Coronel Ricardo José Coelho, um bom entendedor n'estes assumptos, e os seus amigos, temendo uma falta qualquer, mandaram diversos criados buscar aos estabelecimentos de vendagem fusse que qualidade de bebidas fosse, comtanto que estivessem engarrafadas.

Os mercieiros e botequineiros aproveitaram-se de tamanha pressa, impingindo para o baile, não só bebidas alcoholicas, mas molhos de peixe, azeites e quanta diversidade de liquidos tinham á venda. — E na grande copa, conton-nos ainda com enthusiasmo um velho que tomara parte n'este festejo, tudo foi bebido, meu amigo, tudo!! Eu é que depois, organizei a conta da despeza, passou-me toda pelas mãos, só n'um artigo, á primeira-vista insignificante, leite, gastámos na nossa festa, 60\$000 rs.!

E o bom velhinho, animando-se, cantarolava alegremente, e fazendo uma piruêta, o hymno de 20!

Homens d'estes, é que nos faltam.

---

## XXIV

### O CASO DE CHAUTARD

Em 13 de Julho de 1839 tomava posse da capitania do porto da Horta, o 1.º tenente da marinha Ignacio Chautard, sendo então commandante da respectiva sub-divisão militar o coronel d'artilheria Ricardo José Coelho, em substituição do brigadeiro Emigdio José Lopes da Silva, que se reformara, depois de haver exercido esse cargo desde 1832 a 1838.

O Chautard era homem de genio brusco, um embarcadico, como geralmente se diz.

Intimando-se em breve com o commandante militar e bandeado com o capitão d'infanteria n.º 21, Fortunato Maria Pereira, bem como com alguns officiaes da guarnição, começaram uma guerra sem treguas contra o honrado coronel Ricardo José Coelho, imputando-lhe, cavilosamente, que elle recebia dinheiro dos mancebos recrutados, para, com abuso das funcções do seu cargo, os livrar do serviço militar.

Esta vil insinuação, impotente para quem conhecia a illibada honra do coronel d'artilheria, homem franco, *bon vivant*, mas incapaz de entrar em qualquer tranqüibernia, ainda assim, impressionou-o tanto, que o moveu á publicação, em sua defesa de um manifesto, impresso na typographia Angreense, no anno de 1844, sendo já então governador militar da Villa das Velas, em São Jorge, o qual tem o seguinte titulo:

«O Coronel d'Artilheria do Exercito Ricardo José Coelho a desmascarar a calúnia, a traição e a ingratição contra elle commetida; e imputada ao capitão Fortunato Maria Pereira, d'Infanteria 21».

N'esta publicação, distribuida profusamente no Fayal, referindo-se o seu author ao capitão do porto Chautard diz que elle «fiel á educação de convex em que sempre jazeu, até que o Governo Constitucional, que fugio ter abraçado quando o Usurpador o perseguio (não por que lhe não fosse sumamente affecto, mas por sua nimia covardia) o tirou da mecanica de pilôto de bitácola e o promoveu a official da Armada, era quem lhe levantava maiores desgostos.

E, nem com a sahida para a ilha de São Jorge do coronel d'artilheria, socegaram mais na Horta as intrigas que então reinavam entre a gente da governança, umas motivadas pelas animadversões provenientes dos partidos politicos que dividiam a familia liberal, ou-

tras por ambições de empregos, de preponderancia e lucrativas comissões.

Iguacio Chantard que devia, segundo podemos inferir, a sua collocação mais aos favores da fortuna, do que a verdadeiros merecimentos, embora alheio a esta illa, sem ter aqui familia, nem interesses que a mesma o ligassem, a não ser o desempenho das funcções do seu cargo, não se abstinha, ainda assim, de ingerir-se na nossa sempre turbida politica local, azada mais facilmente a dislates e exageros, do que a verdadeiros sentimentos patrioticos.

Além do sota-patrão Souza, que tinha debaixo das suas ordens, contractara o capitão do porto um rapaz d'esta localidade, assaz novo e habil, chamado Domingos Vieira Maciel, para o coadjuvar no expediente da secretaria a seu cargo.

O sota-patrão era, ao que parecia, um empregado exemplar e nosuido, de verdadeira dedicação pelo seu superior, não se poupava a canceiras, não se descuidava de cousa alguma, pontual e exacto no cumprimento dos seus deveres, apenas reservava para o Chantard o trabalho de assignar os expedientes que elle e o escripturario Maciel lhe promptificavam diariamente.

E não era só isto, o subalterno ganhava dia a dia a inteira confiança do seu chefe, tornando-se lhe um amigo dedicado, um confidente, um seu fiel partidario nas questões em que elle, não raro se envolvia.

Aos domingos o sota-patrão jantava sempre com o capitão do porto e como ambos tomassem rapé, tinha sempre o cuidado de levar a sua caixa bem repleta da qualidade que mais apreciava o seu chefe e, algumas vezes, lhe offerecer do mesmo, gabando-o muito e demonstrando a escolha e cuidado com que o procurava.

Por estes tempos, porem, o Chantard que até então fôra um homem do mar, robusto e sadio, que se ufaoava de jamais ter estado doente e de possuir uma constituição de ferro, começou a apresentar evidentes indícios de profunda alteração de saude.

Queixava-se de um mal estar geral e persistente, de tonturas de cabeça, repetidas ancias para vomitar e de uma irritação na garganta, como se alli tivesse bem vividas brasas.

Bromagrecia a olhos vistos, os dentes soltavam-se-lhe das gengivas, como se tivesse escorbuto, as faces pendiam-lhe e o cabello e barba cahia-lhe de dia a dia.

Um homem tão forte, que parecia vender saude...

O que nós somos!

O sota-patrão andava inquieto com aquella enfermidade do seu amigo, não havendo remedio caseiro que lhe não aconselhasse, prevenindo-o sempre contra os medicos e trazendo-lhe até muitas michordias de pharmacopéa popular, e dizendo-lhe sempre que para aquellas tonturas de cabeça, que tanto incomodavam o doente, o uso con-

stante de rapé devia necessariamente ser muito proveitoso, pois o livraría das ruindades que tinha encasadas no cerebro.

— Enquanto á secretaria, acrescentava ainda, apresentando-lhe a sua farta bocêta— não deve isso dar o menor cuidado a V. S.<sup>a</sup>, em aqui estou para providenciar a tudo. . . parece-me que tenho as habilitações necessarias. . .

— Assim é, effectivamente. Se eu enfermar mais, você, Sr. Sousa, pode sem maior difficuldade governar aquelle barco e fazer as minhas vêzes.

— Com o accôrto e habilidade de V. S.<sup>a</sup>, não digo, mas enfim, esforçar-me-hia para que não houvessem faltas.

— Você nasceu para essas coisas de escripta e com a pratica que tem seria um bom capitão do porto.

— Mas sem a patente correspondente a esse cargo, bem vê que é quasi impossivel.

— Ora adeus, eu tambem entrei pela janella, como lá dizem. Homem, isto a grande questão é elles quererem, que tudo se arranja. . .

— Diz V. S.<sup>a</sup> muito bem, tudo se arranja, quando querem. Vão mais uma pitada ?

— Você tem-me atulhado hoje de rapé.

— É para seu bem, eu ainda teimo que usse maldito mal de cabeça, se V. S.<sup>a</sup> fizesse constante uso d'este que eu gasto. . . olhe que não o encontra á venda no estanque, foi-me offerecido, mas se quizer eu posso ceder-lhe um bote, por que é de superior qualidade.

— Será favor. É verdade, ó Sr. Sousa, que diabo tem o nosso escrevente, tambem deu atravez, já ha uns poucos de dias que não vem á secretaria, será bom olhar por isso.

— Eu já lhe mandei aviso para que se apresente ao serviço, aquillo não foi nada, uma defluxão mais forte que lhe atacou a garganta, o que não admira com a invernoira que tem finto, — e mudando de assumpto — então vamos hoje dar o nosso passeio? . . o tempo agora está segno, não teremos agua e isso talvez faça bem a V. S.<sup>a</sup>.

— Sinto-me tão abatido, com uma tal prostração, que a minha vontade era deitar-me.

— Venha d'ahi e verá como volta melhor.

Um quarto de hora depois, o Chautard encostado ao braço do sota-patrão e abordoando se a uma forte canna da India atravessava algumas ruas da cidade, chamando a attenção do publico pela sua desfiguração e pela difficuldade com que parecia arrastar-se.

Ainda assim valia-lhe a dedicação, o cuidado incessante do seu subalterno.

Sempre é bom fazer bem!

O escrevente continuava doente da garganta, queixando-se de alguns symptomas identicos ao capitão do porto, a mesma impressão de escaldaduras na larynge, isto a despeito do affan com que o sota-patrão

attribuía aquillo tudo á vontade de eximir-se ao trabalho, ou ás consequências das desabridas nortadas do inverno.

O Chautard, por vezes, fitava o seu amigo demoradamente, como querendo ler-lhe nos olhos o quer que fosse de anormal, mas este sustinha esse perscrutador inquerito com a maior naturalidade possível.

Quem não deve, não teme.

Em dia deu-se, contudo, uma estranha circumstancia, o capitão do porto recusou tenazmente servir-se do rapé da caixa do sota-patrão, nas amindadas vezes que este, muito ingenuamente, lh'o offerecen.

—Você tem agora duas caixas de rapé, ó Sr. Sousa?...

—Duas caixas?!... não percebo.

—E' que me parece que, apesar de ser ua mesma côr e quasi do mesmo tamanho, essa que você tem ahí na mão, não é a que ha pouco me apresentou.

—Ora essa!... pira que havia eu usar duas caixas, nunca tive outra se não esta, por signal que a comprei na loja do Vellôso.

—Veja lá não se engane... mas eu ia jurar.

—Isso é da doença, a mania com que o Sr. agora está, duas caixas, para que?!... é bôa!...

—Eu sei, tem-se visto tanta coisa...

—E' o que eu digo, não entendo hoje V. S.<sup>a</sup>, venha d'ahi, vamos sair que talvez o distraia.

—E como vai o Maciel, o escrevente?

—Ora, eu não lhe dizia, aquillo não era nada, vive muito melhor, d'aqui a dias está são que nem um pêro.

O olhar, porem, do Chautard, aquelle olhar amortecido, fixo e meio bestial, que não largava um instante o seu companheiro, pareceu d'esta vez incomodar o sota-patrão, que para disfarçar a sua perturbação, foi abrir a janella, que defrontava com a tranquilla e vasta bahia, sulcada então por numerosas embarcações.

No proximo domingo, como habitualmente o sota-patrão veio jantar com o seu amigo, um bom jantar na realidade, do qual o capitão do porto, parecido algum tanto reanimado n'aquelle dia, provou de diversos pratos, a despeito da rigorosa dieta que ultimamente adoptara.

A criada do Chautard, uma mulher nova ainda, quando veio afinal pôr o café na meza, disse-lhe o amo, com muita placidez:

—Olha cá, Isabel, agora ja não precisamos de ti, se queres podes sair um bocado, eu mesmo servirei o café.

—Se me uá licença.

—Podes ir e não te demores que as tardes são ainda pequenas.

A criada retirou-se, os dois conversaram ainda um pedaço sobre diversas trivialidades, sentiram a mulher descer a escada da rua e depois d'isto o Chautard, pegando na cafeteira, encheu da adorifera

e escura bebida a chavena do seu companheiro e a sua propria.

—Está excellente este café—disse o sota-patrão—tomando um gole do mesmo.

—E de boa qualidade, lá isso é, eu, porem, não o posso beber sem algumas gotas de espirito... Aonde deixaria a Isabel a botija da genebra?

—Diga-me aonde costuma estar, que eu a vou buscar.

—Faz favor de ver alli, dentro d'aquelle armario...

—Não, aqui não está.

—Ah!... ja sei, esta minha cabeça não anda boa, até agora levei-a para o meu quarto e lá a deixei... eu vou buscá-la.

E o Chantard, erguendo-se da méza, meio convulso, dirigio-se para uma porta do interior da casa.

—Quem sabe se quer que eu vá?

—Não é preciso, isto são dois passos.

Sosinho na sala de jantar, o sota-patrão lançou um rapido olhar para a porta pela qual sahira o seu companheiro, que ficára encostada, e com incrível rapidez, tirando da algibeira do collete um pequeno papel dobrado, abriu depressa e despejou o seu contheudo, um pó branco, como assucar, na chicara do capitão do porto, mecheu bem com a pequena colher de prata o liquido e assentou-se logo no seu antecedente lugar.

A porta da sala abriu-se então, e o Chantard entrou, com um braço metido no peito, meio desabotoado da farda, mais livido do que nunca e defrontando o seu conviva, pegou na chicara que este preparára e apresentando-lh'a, disse com voz cava e terrivel:

—Vi tudo!... és tu que me tens envenenado, traidor!... mas vaes ter igual sorte... Béba já esta chicara de café!

—O Sr. está doido!... que diabo de historia é agora essa?!... —replicou o sota-patrão, erguendo-se apressadamente e dando alguns passos para o lado da porta que deitava para a escada da rua.

—Nem mais um passo, —vociferou o Chantard, tirando do peito, com a dextra, uma pistola, com a qual visava o homem que tinha na sua frente, apenas separado pela largura da meza, —ou hebes q que ahí está, ou vazo-te aqui como a um cão!

E, apesar de enfermo, o Chantard recobrára n'esto momento terrivel, a voz de commando, com que n'outro tempo, debaixo d'um temporal, expedia ordens do tombadilho do seu navio.

O sota-patrão, amedrontado, ouviu o estalido secco do fecho da pistola que subia ao ultimo descargo e via, assestada ao seu peito a boca reluzente d'aquella arma de fogo, que d'um momento para o outro lhe podia enviar a morte, atravessando-lhe com uma bala o coração.

O Chantard estava medonhissimo, horrivel, no seu ameaçador aspecto, no fusilar da sua vista, accêsa então um relampago de entra-



nhada ira, não havia o mais pequeno logar para o mínimo vislumbre d'um sentimento de perdão, ou de misericórdia.

O sota-patrão a tremer, branco como um defunto, todo banhado em suor, agarrou, desesperadamente na chavea envenenada e esgotou, d'um trago, o seu conteúdo!

Sentiram-se então, passos na escada da rua, eram dois remadores que vinham avisar o sota-patrão, que estava fóra do Monte da Guia uma galera americana, que pedia pratico.

Este sahio immediatamente, acompanhado dos dois marítimos.

O epilogo d'esta narrativa foi o seguinte.

A primeira pessoa que succumbio á acção corrosiva do arsenico foi o proprio que lentamente o propinara ao seu chefe, fallecendo em breves dias, no meio de horrozosos soffrimentos.

O capitão do porto Chautard arrastou ainda por alguns mezes uma existencia verdadeiramente miseravel e teve ainda forças para embarcar para a ilha de São Miguel, na esperanza de allí encontrar algum allivio nos seus padecimentos.

Como, porem, não se achasse melhor, e cada dia estivesse mais debilitado, deliberou regressar, n'um hiate portuguez, de Ponta Delgada para a Horta.

A viagem foi demorada.

Era na força do estio e grandes calmarias não deixavam o navio proseguir na sua derrota, na pequena camara abafava-se de calor, apesar da escotilha toda aberta e um incommodo balança tornava ainda mais desagradavel aquella situação, mesmo para um antigo nautico.

Na manhã de 15 de Julho de 1840 o hiate achava-se, ainda que bastante ao mar, em frente da Villa das Lagens, na ilha do Pico.

Arriou um bote, o qual dirigindo-se para a bahia d'aquella povoação, vinha deitar em terra o corpo d'um passageiro que fallecera a bordo, algumas horas antes.

Era o 1.º tenente da marinha portugueza Ignacio Chautard, o qual jáz sepultado no cemiterio da Villa das Lagens.

Em quanto a Domingos Vieira Maciel, coaseguiu escapar d'aquella tragedia, apesar de na secretaria da capitania do porto, haver tomado, por vezes, rapê da caixa do sota-patrão, depois d'este o haver offerecido ao seu superior.

A voz ficou-lhe, porem, em quanto viven embaciada e rouca, tinha a garganta estragada.

O movel d'este ingubre incidente foi um unico a ambição, cavar uma sepultura para empolgar mais lucrativo emprego.

A pena de talão veio, porem, ferir o criminoso, sem esperar mesmo que elle acabasse de derrubar a sua victima!



XXV

UMA REVOLUÇÃO NO FAYAL

(1828)

A acclamação de D. Miguel de Bragança, como rei de Portugal, foi um facto que tendo, naturalmente, em vista dos acontecimentos que então se passavam no continente, de ser imitado n'esta ilha, antecipou-se, não obstante, devido á circumstancia de amanhecerem para o dia 3 de Setembro de 1828, divulgar-se a noticia de que o governador militar Diogo Thomaz Rocheleben e o commandante do corpo d'artilharia, o major João Pedro Soares Luna, haviam clandestinamente embarcado na noite anterior, da bahia de Porto Pim, para bordo de uma escuna ingleza, com destino a Falmouth.

As causas que actuaram para tão anomala evasão e abandono dos importantes cargos que occupavam aquelles dois distinctos militares, foram a sua reconhecida adhesão ao governo liberal, proclamado na ilha Terceira, pelo valente batalhão de caçadores n.º 5, sendo então Angra a capital dos Açores, e o bem fundado receio de ficar expostos ás violencias do partido miguelista, que viam prestes a dominar n'esta terra e que não lhes perdoaria, com certeza, as suas opiniões politicas.

Houve quem achasse pouco curial com os brios militares semelhante abandono e fuga, mas a respeitabilidade e creditos d'aquelles dois officiaes superiores, um d'elles até, como o major Luna, com uma esplendida biographia na guerra peninsular, excluem a minima idéa de falta de coragem.

Emigraram, como tanta gente do continente, por não se quere-rem sujeitar a um governo, que lhes era antipathico e incompativel com as idéas que professavam.

A tropa, e era numerosa, que então se achava no Fayal, vendo-se privada dos seus commandantes e incitada por uma porção de officiaes e soldados, addidos ao batalhão da Horta e para aqui deportados d'Angra, como inimigos do governo constitucional, indisciplinouse, irrompendo tumultuosamente em grandes vozerias e percorrendo em magotes diversas ruas, insultando a quem lhes parecia e dando vivas a—D. Miguel absoluto.

No meio d'esta refrega, lembrou-lhe alguem, a ida ao convento

dos franciscanos, aonde estava albergado o coronel Antonio Isidoro de Moraes Ancora, deportado tambem da ilha Terceira, pelas authoridades constitucionaes, para o pôr á frente do movimento militar que se estava operando.

Os soldados, pois, com grande alarido, vociferações e disparando alguns tiros, dirigiram-se em chusma para o convento, intimando o coronel Ancora a que lhes apparecesse e acclamando-o em altos berreiros governador militar.

Sabem todas as pessoas, ainda existentes e co-taneas d'estes acontecimentos que o honrado coronel Ancora, bem a seu pesar, accellou a escolta que d'elle fazia a tropa subievada, tanto mais que o seu genio e caracter era contrario a revoltas e violencias, comprazendo-se em coisas e estudos litterarios e sendo um accerrimo decifrador de charadas, até mesmo nos momentos mais criticos da sua vida, como nos contou um official que foi seu ajudante de ordens.

Ainda assim, não teve então outro remedio senão transigir com os amotinados, para encetar na Horta esse periodo de sérios desgostos em que se achou embrenhado, a ponto de muitas vezes, como depois confessava, estar tentado a suicidar-se.

O coronel Ancora apenas investido do seu novo cargo e annuindo a diversas insinuações que lhe foram apresentadas, nomeou para com-mandante da tropa o major do batalhão de milicias José de Bettencourt Vasconcellos Correa e Avila, cavalheiro nobre da ilha Terceira, aqui casado e residente ha muitos annos e firme partidario do antigo regimen.

Fez-se, no dia seguinte, a acclamação solemne de D. Miguel, rei absoluto, houve um *Te-Deum* na igreja Matriz, tres noites de illuminações, salvas &c.

Estes festejos, porem, foram puramente militares, a população paisana da ilha conservava-se fria, indifferente, estremada dos mesmos e apenas uma ou outra familia, mais afferrada ás antigas tradições monarchicas, abriu n'essas noites as suas salas, conseguindo reunir poucos convidados.

Não se estava á vontade.

A tropa é que animava a situação, haviam-lhe mandado distribuir muito vinho e a soldadesca, de noite, em completa liberdade, com archotes accesos, percorria as pacificas ruas da Horta, dando vivas e cantando o antigo hymno portuguez, bem como uma outra canção, composta na ilha Terceira pelo erudito escriptor e poeta, o general Stockler chamada o hymno Angrense e que tinha por estribilho:

Por Vós, pela Patria  
O sangue darémos;  
Por gloria só temos  
Vencer ou morrer!

A Musa popular respondia-lhe logo, philosophicamente, e com alguma pilheria:

Entre o Pedro e o Miguel  
Ninguém mette o seu nariz,  
D. Miguel faz o que quer,  
D. Pedro nada lhe diz!

Era, pois, evidente que a grande maioria da população fayalense entrava n'aquillo tudo como Pilatos no Credo, que o procedimento da tropa não encontrava sympathias e que embora apparentando seguirem o movimento militar, ninguém a esse respeito podia ter confiança nas autoridades civis, então existentes na Horta, o corregedor Miguel Maria Borges da Camara e o Juiz de Fora Agostinho Machado de Faria e Maia, dois cavalheiros da maior respeitabilidade.

Acrescia ainda que a ilha do Fayal, desde antigos tempos, propendêra sempre para as ideas liberaes, por quanto o constante contacto com os numerosos estrangeiros que a este porto vinham, mais do que ás outras ilhas do archipelago, a indole pacifica, flamenega, se assim quizerem dos seus habitantes e a influencia incontestavel de algumas lojas maçonicas, na Horta estabelecidas já anteriormente a 1814, tendo até chegado uma d'estas a trabalhar na cella d'um frade do convento de São Francisco, tudo isto concorria para uma certa liberdade de pensar, pouco conforme com as instituições então vigentes, chegando-se a dizer nas outras ilhas que no Fayal até as pedras das calçadas eram constitucionaes.

Isto tinha visos de verdade.

Restabelecida de alguma sorte a ordem publica e mais acalmada a effervescencia causada pela revolução, foi decorrendo o tempo, não izento, ainda assim de apprehensões e ansioso cuidado, para os dois partidos, por ter vindo aqui uma pequena embarcação da ilha Terceira requisitar armamento e polvora para o partido miguelista que alli queria derrubar o governo constitucional, anteriormente, estabelecido, sabendo-se tambem que esse movimento seria secondado por uma esquadra portugueza que, prestes a sair do Tejo, viria bloquear aquella ilha, á qual, ainda ha pouco haviam aportado diversos emigrados liberaes, procedentes da Inglaterra.

Á bahia da Horta chegara a fragata brasileira «Isabel», e, dando alento ao partido constitucional, já anteriormente tambem se sabia que a Rainha, a Senr.<sup>a</sup> D. Maria 2.<sup>a</sup> chegara á Inglaterra, aonde era bem recebida pelo governo britânico.

Contando como ponto de refugio, n'um caso adverso, com hospedagem a bordo da fragata brasileira, no dia 4 de Novembro d'esse mesmo anno, alguns paisanos e officiaes de milicias dando vivas á Carta e á Rainha invadiram subitamente o castello de Santa Cruz, arvo-

rando alli a bandeira azul e branca e aguardando de morrão accêso as represalias a que, naturalmente, ia dar lugar este incidente, que embora demonstrasse coragem, fôra irreflectido e sem um plano seguro.

De mais a mais a fragata «Isabel», acossada por violento temporal, fez-se de vela, exactamente na occasião em que mais necessaria era n'este porto.

As autoridades miguelistas, depois de varias peripecias, que já demonstravam a discordia que reinava n'aquelle partido, mandaram duas peças de campanha para o cimo d'um proximo cabeço, chamado da Artilheria, e que domina completamente o proximo castello de Santa Cruz, que d'alli começaram a bombardeal-o.

O resultado d'isto foi a breve rendição do castello e a fuga dos seus pouco numerosos defensores, havendo então alguns graves ferimentos e a morte d'um honrado artista da flor, chamado Vicente Pereira Nunes.

A gente sensata de ambos os partidos lamentava sinceramente aquelle acto irreflectido e sem garantia alguma de, n'essa occasião, poder vingar.

As consequencias da chamada revolta do Castello foram pessimas, o governo da metropole em breve mandava para o Fayal, o syndicante Torres para indagar d'estes acontecimentos, e este, n'uma celebre Devassa aqui aberta, incommodava muitos individuos sob os mais fúteis pretextos de liberalismo, não se limitando a sua acção aos acontecimentos da actualidade, mas indo encurar até de factos passados anteriormente, quando n'esta ilha estava em pleno vigor o systema constitucional, como lei geral do paiz!

Houve, então, grande numero de prisões, imperon n'esta terra o terror, ninguém se considerava seguro e alguns dos mais respeitaveis fayalenses foram mandados para as enxovias da ilha de São Miguel ou do continente.

Foram libertados pelas tropas do valente conde de Villa-Flor, nos Açores em 1831, e em seguida em Portugal, pelas victorias dos constitucionaes.

A revolta do Castello, na pequena ilha do Fayal, provou mais uma vez o velho axioma de que em politica mais vale saber esperar, do que precipitar, irreflectidamente, os acontecimentos.

---

## XXVI

### RAMOS D'ACACIA

Ha quasi um seculo, a remontarmos á revolução franceza de 1789, que irradiou, por toda a Europa, com os principios do Contracto Social, do celebre philosopho de Genova, João Jaques Rousseau, o advento de novas e bem differentes doutrinas, do que as que, anteriormente, predominavam, tem representado, pela frequencia de numerosos estrangeiros á ilha do Fayal, a maçonaria um importante papel nos destinos d'esta terra.

Havia na Horta diversos maçons, mas isolados, sem um ponto de reunião qualquer, nem sessões regulares, até que haverá noventa annos veio residir temporariamente para o Fayal um cavalheiro da ilha da Madeira, chamado Ornellas, pre da distincta poetisa D. Maria Leopoldina de Ornellas, que falleceu n'esta ilha, tendo aqui vivido largo tempo na companhia de uma sua irmã, casada com Manuel Jacintho Labath, irmão do abastado morgado Labath e empregado que foi d'alfanlega da Horta, até ao anno de 1831.

Ora, este Ornellas foi quem conseguiu radicar a chamada Arte Real, no Fayal, agremiando os obreiros que andavam dispersos e formando uma Loja, da qual foi eleito Veneravel.

Neste empreendimento foi, poderosamente, coadjavado, por um sujeito do continente, M. do Paraizo, bolicario da Misericordia da Horta, cujo estabelecimento era na rua que tinha o nome d'aquelle pio instituto, para o lado do norte da respectiva egreja.

N'esta botica, alta noite e com grande resguardo de profanos olhares é que trabalhou a primeira officina fayalense, isto durante alguns annos e mesmo depois do seu fundador haver regressado para a sua patria, deixando aqui as duas filhas que acima mencionámos.

Esta sociedade, da qual então ficou sendo a alma o individuo que lhe prestava casa, tinha uma feição essencialmente politica e na mesma estavam filiados grande numero de fayalenses, que sympathisavam com as idéas da revolução franceza.

O amor metten-se, porém, de permeio n'esta questão e fez suspender os trabalhos d'esta Loja, da qual hoje ignoramos o nome, por quanto, n'uma bella noite, o bolicario Paraizo fugio com uma freira do convento de São João, n'uma chalupa ingleza, para as West-Indias, sobrevivendo durante a travessia um grande temporal e morrendo no mar os dois fugitivos.

Muita gente quiz ver n'este acontecimento um severo castigo da Providencial!

A Loja ficou, pois, dormente e a maçonaria recalhou no seu antigo estado até 1810.

N'esta data, porem, em consequencia dos acontecimentos politicos de Portugal, que arrastaram ao supplicio o bravo general Gomes Freire de Andrade, o sanguinario governo de Beresford deportou para os Açores uma porção de individuos affectos á nobre causa da emancipação da patria, do pesado jugo britanico, espalhando-os pelas diversas ilhas e vindo, conjunctamente com varios companheiros, para o Fayal um cavalheiro de não vulgar erudição, chamado Luiz Francisco Risso, de origem italiana e vehemente afeiçãoado á causa liberal.

O Risso foi hospedado, na Horta, na abastada moradia do morgado André Goulart, tornou-se um vivo apologista d'esta ilha e em 1843 ainda vivia em Lisboa, com um collegio de educação, sendo intimo amigo do sabio portuguez Silvestre Pinheiro Ferreira, com o qual, depois da sua sahida dos Açores, andara pela França, viajando, durante alguns annos.

No tempo, porem, a que nos referimos era a politica a questão magna que o agitava e logo depois da sua chegada á Horta, conseguiu levantar uma Loja, reunindo os antigos maçons da antecedente, iniciando profanos e formando assim um nucleo dos partidarios das idéas modernas, que semelhantes a enorme inundaçáo se alastravam por toda a parte.

Esta officina trabalhou por algum tempo na casa de Manuel Guttieres, irmão do morgado Francisco Manuel Guttieres, familia afidalgada e que dispunha de largos haveres.

Afinal com a sahida do Risso, do Fayal, bem como com a partida de Manuel Guttieres para paiz estrangeiro, aonde falleceu, esta Loja teve de mudar de local, funcionando então n'uma pequena e isolada casa, na canada da Galinha (actual estrada da Vista Alegre) e que era pertença da vasta propriedade, casa e quinta, dos irmãos Thomaz Luiz Leal e Antonio Silveira Leal, cavalheiros assaz respeitaveis d'esta localidade.

No intervallo de tempo que medeiu entre a partida de Manuel Guttieres e os arranjos indispensaveis no novo local em que se iam estabelecer, tiveram os maçons fayalenses as suas sessões, com a maxima regularidade, no convento franciscano, na cella de um frade, por quanto o orador d'aquella Loja era tambem um membro da serafica religião, o qual bastante edoso ainda conhecemos e que falleceu n'esta cidade haverá uns vinte annos.

*Ox diable la maçonnerie va t'elle se nicher!*

Assim decorreram alguns annos, veio em seguida a campanha da liberdade e só depois de 1834, quando finda a guerra, é que vemos

o apparecimento d'uma Loja, denominada «Amor da Liberdade», que trabalhou, na residencia do Brigadeiro Emigdio José Lopes da Silva e que estava relacionada com as Lojas «União Açoriana», de Ponta Delgada, e «Valor e Constancia», de Angra do Heroismo.

A estas Officinas, existentes com bastante vida, quando a maçonaria em Portugal estava muito decadente, faz diversas referencias o Grande Inspector da Ordem, o irmão Lycurgo (Moura Continho) no seu Manifesto publicado no «Ferrol», no anno de 1849, na imprensa de P. S. Y. A.

A Loja «Amor da Liberdade», consta que mais tarde fraccionasse, por dissensões politicas entre alguns dos seus membros, não tendo por conseguinte larga existencia.

Durante alguns annos esteve então a maçonaria, aqui, dormente,

A 29 de Novembro de 1839 inaugurou-se, porem, a Loja «Amor da Patria», á qual estava reservado um brilhante futuro, e successivamente as Lojas «Futuro Social», «Lealdade», ««Luz e Caridade» (alcunhada a dos Vermelhos), «Luz e Caridade», e Regeneração», das quaes subsistem apenas hoje a sociedade «Amor da Patria», e «Luz e Caridade».

Foi uma verdadeira febre de levantar columnas e era raro quem então conseguia escapar de lhe cingirem um avental, ou de o fazer trabalhar na pedra bruta.

Manias!

Essa alluvião de Templos, abrangendo nos seus quadros numerosissimos individuos, de uma pequena cidade, acabou com o mysterio que envolvia a chamada Arte Real, tornando-se a maçonaria uma coisa comestivel e trivial, como pertencer a uma confraria qualquer, ser irmão das almas, ou membro d'uma junta de parochia. Ninguém se importou mais, nem importa, que um parente, um amigo, ou um conhecido, fosse muito pacificamente caturrar o seu serão para uma Loja, como pode ir para o Club, ou para o Gremio, passatempo innocentissimo na realidade.

Ainda mais, em diversas festas magnas da maçonaria, a comparencia de numerosas damas da elite da nossa sociedade não tem sido alli rara, assim como as visitas de muitos estrangeiros, de maneira que a sua feição é hoje quasi publica.

Francamente, e é esta a opinião de muitos membros d'essas associações, a secularisação das mesmas é quasi uma necessidade, apresentando-se ao publico, como verdadeiramente são, umas sociedades de beneficencia, nas quaes estão filiados individuos dos mais oppostos principios politicos, o que bem demonstra a sua sensata tolerancia.

A maçonaria, é indubitavel, tem exercido uma muito valiosa e benéfica influencia para o progresso fayalense, mas para estabelecer montepios e pensões, crear caixas economicas, manter escolas, coadjuvar azylos e hospicios e dar vida a sociedades litterarias, ou recreativas,



não é preciso revestir-se de mysteriosas apparencias, nem vedar o seu atrio a quem quer que seja.

Ao contrario, na sua elevada missão civilisadora, colhendo abundosa seara de boas acções, mais lhe valeria e a nós todos, que exemplificasse os seus actos de caridade e patriotismo á luz vivida do dia e bem accessivel a todos que quizessem tomar parte n'essa campanha do bem.

Ainda assim, é um facto assaz sabido, que o mysterio actual da maçonaria, consistindo apenas de algumas formulas, torna-se não obstante o enlêvo de alguns mais intransigentes irmãos, numa carolice, como ha, cá por fóra, o beaterio, ou como houve, antigamente, os Sebastianistas.

O melhor Templo, hoje talvez existente em Portugal, é a Loja «Amor da Patria», na Horta;—está decorado com luxo e apurado gosto e rara será a pessoa, de certa educação, d'esta cidade, que o não tenha visitado.

No entanto traçam-se d'alli pranchas, como em logar reservado aos olhos dos profanos!

Quaes profanos, n'esta localidade?! . . Empréstemo-nos Diogenes, por especial obsequio, a sua lanterna, que d'outra sorte bem poucos apanharemos. . .

A lendaria sepultura do mestre Hiram tem estado sempre aqui, como acabámos de ver, coberta de frondosos ramos d'acacia, e, em a-bono da verdade, as unicas lagrimas que tem feito derramar, são as de reconhecimento por alguns beneficios recebidos.

E' esta a sua maior gloria.



XXVII

OS FAVOS DE MEL DO AREEIRO

Parece-me que foi apenas ha um mez e já tem decorrido uns bons vinte e cinco annos.

Era na saudosa quadra do outomno, a melhor, a mais aprasivel d'esta ilha; — dias esplendidos, bons para *jornadear*, mesmo na intensidade da calma, e ocasos do sol magníficos, na immensa superficie do oceano, ainda sereno, ainda não encrespado pelo frio nordeste.

Como fivessemos um convite do Rev.<sup>o</sup> Padre Laureano, vigário da freguezia do Capello, para ir á festa do apostolo São Mathews, que se venera n'aquella povoação, na segunda domingo de Outubro e nos dessem saudades d'aquelles humildes, mas encantadores sítios campestres, resolvemos ir até á moradia do digno parochio, cuja hospitalidade era franca e tinha boa nomeada.

Era um honrado homem, este vigário do Capello, de figura gigantesca, do que lhe provinha o alcunha do P.<sup>o</sup> Torreão, voz cheia e modos desembaraçados.

Havia, já depois de ordenado, estado na corte do Rio de Janeiro, com D. João 6.<sup>o</sup>, que o fizera cavalleiro de Christo, sendo alli capellão de umas fidalgas, das quaes fallava nos mais levantados termos.

Nascera na Villa das Lagens do Pico, mas havia corrido muito mundo, sendo o que se chama um padre desempoeirado, sem, não obstante, faltar aos deveres que lhe impunha o seu respeitavel ministerio.

Vivia na casa do passal, com uma senhora edosa, sua irmã, mais uma criada, e, seja dito em abono da verdade, nunca vimos *nenhum* rapaz ou rapariga d'escota, quando o encontrava, vir *lhe* tomar a benção, tratando-o pelo *senhor padrinho*.

A jornada a que nos propuhamos, umas fartas cinco legoas, seria muito mais agradável em companhia de um amigo e crentes que o P.<sup>o</sup> Laureano conhecia, pela sua pratica da sociedade, aquelle velho preceito que um convidado pode convidar outro, fallámos na pretendida digressão ao Nogueira, um rapaz de vinte e cinco annos approximadamente, intelligente, com todos os visos de um poeta romantico, typo hespanhol, cabello e olhos bem pretos, sentimentos humanitarios e com grande affecto a todos os animaes que encerrou a arca de Noé.

O Nogueira, afirmou-nos, então, que na manhã seguinte estaria á nossa porta, pois era um grande apreciador das scenas campestres.

Assim fez, mas em nunca pode resolver o a montar num burro que lhe havia arranjado para a viagem, gritando-me, muito formalizado:

— Com que direito o homem ouza montar n'um burro? . . . Isso é um indigno abuso da força, um despotismo inaudito! . . . O burro é um animal respeitavel, um animal biblico, paciente, honrado e bom, melhor, muitas vezes do que o homem, não o devemos tratar assim. . .

E a respeito d'isto, discorria com mais fluencia de estylo do que alguns deputados da opposição, accusando de tyranno e governo do seu paiz.

Apesar de todas essas invectivas eu sempre fui tyrannicamente escarranchando-me n'um pequeno macho que alagara, acompanhado á *latere*, e a pé, pelo meu companheiro, de inabalaveis sentimentos humanitarios.

Partimos.

O Nogueira não perdoava o meu nefando comportamento, ia zangado de veras e de bocado a bocado, mimoseava-me com uma descompostura tremenda.

Excellente rapaz! . . . faço-lhe inteira justiça, se elle hoje ainda existe, já edozo, no Mexico, para aonde foi procurar fortuna, quantas sociedades protectoras de animaes não terá por lá instituido de parçaria com os Incas.

Se este livro tivesse a fortuna de lhe ir cahir ás mãos. . . mas qual!

Enfiêmos, porem, a narrativa.

Passámos successivamente, a Feteira, depois Castello Branco, o sitio da Lombega, a Ribeira do Cabo e fallava-nos, apenas, atravessar a Ribeira dos Ovos, para entrar no sitio do Areeiro, já pertencente á freguezia do Capello.

Só por aquelles sitios é que o Nogueira deixou de rallar commigo, comprasiava-se com o bucolismo das cercanias e sentando-se n'uma poldra, tirou da mala alguns biscoitos, sorveu da sua *gourde* uns goles de espirito, perguntando me alegremente:

— O aquelle, como é que se chama isto aqui, olha que é bonito a valer?!

— É a Ribeira dos Ovos, nome que lhe provem d'um celebre capitão de milicias, chamado Mendonça, o qual n'uma jornada que fez ao Capello, sendo um grande gastronomo, comeu n'este sitio uma enorme cesta, cheia d'ovos cozidos, duros, dos quizes as carcas ficaram ahí, no chão, em medas, com grande espanto, pela sua quantidade, dos camponezes que o acompanhavam!

— É o que eu te dizia até agora, um animal não era capaz de fazer isso. . .

— Estás massador. Olha antes, d'aqui, d'este ato, para essa perspectiva por ali abaixo, até ao mar, isto é lindo!

D'alli a uma meia hora, estavamos, no sitio do Areeiro, do qual descia para o Varadouro, aonde ha mais cazas, uma ingreme ladeira, hoje convertida em commoda estrada.

A grande e imponente bahia que alli forma o mar é a mais formosa de toda a ilha e a breve distancia da costa pequenas moradias campesinas, geralmente cercadas de alegretes de flores, valentes vinhedos, muitas figueiras, fundadas n'um solo vulcanico, requeimado e pedroso, irrompendo tambem por entre os calbãos montas de vicosas fayas, dão áquelles sitios o aspecto d'algumas apreciadas localidades da ilha do Pico.

No meio da canada, que, sempre a descer, ia desde o Areeiro ao Varadouro, havia então uma ermida, hoje demolida, aonde, aos domingos, vinha um padre do Capello dizer missa.

Entrámos a descansar, na moradia de um compadre meu, o tio Gabriel, que nos acolheu alegre e francamente.

As filhas do dono da caza, tres frescas e bonitas raparigas, não houve attenção que não tivessem com os seus hospedes e o Nogueira travou-se logo de animada conversa com ellas e de maneira tal que ninguem diria que era a primeira vez que se encontravam.

Demorámo-nos alli bastante tempo e quando me dispuz a proseguir na jornada, o meu companheiro pronunciou se teozamente contra semelhante idéa.

— Não devemos ir mais adiante, — dizia-me elle, em alta voz — o verdadeiro é ficarmos aqui com esta honrada, com esta boa, com esta santa gente. Deixemo-nos da visita ao padre, que afinal sempre é padre e não poderá, com certesa, apresentar-nos tres meninas tão gentis e seductoras.

O tio Gabriel, lisonjeado no seu amor paterno, respondeu, meio envergonhado.

— A casa não é sufficiente, mas é offerecida de boa vontade.

— Isso vejo eu, — tornou o Nogueira, enthusiasmado — ó amigo, sabes que mais, eu não saio d'aqui. só se me poserem no olho da rua.

— *Nanja a gente*, — accudiram, logo prasenteiramente, as raparigas.

— E são patuscas! — replicou, enlevado, o meu companheiro, continuando a querer convencer-me que desistisse dos meus planos:— Pois tu homem da fortuna, tens no Areeiro, que é um sitio lindo, um bondoso compadre que se chama Gabriel e que têm tres filhas, que são tres perfeições e queres ainda ir visitar o P.<sup>o</sup> Laureano!.. não sejas tolo, n'essa é que eu não caio.

Foi baldado todo o empenho para que elle seguisse commigo e quando d'alli a algum tempo me metti a camiinho, já deixei o Nogueira n'um pequeno quintal que ficava detraz da casa, estirado n'uma esteira, meio encostado a umas pedras, de chapeo á banda, cigarro ao

canto da bocca, tocando viola, no que era perito, e com as tres filhas do tio Gabriel sentadas em seu redor.

Ainda me quiz tentar:

— Olha, amanhã, disseram-me estas boas pequenas, que iremos tirar os favos d'esses abundoços, cortiços que ves ali, que fartadella de mel que vaes perder!

— Pois sim, mas eu sempre vou até ao Capello, o vigario espera-me...

— Então boa viagem, eu cá te aguardo, á volta, mas não te dê cuidado a demora, podes estar com o padre o tempo que quizeres.

Era já noite fechada quando cheguei ao Capello, sendo muito bem recebido pelo P.<sup>e</sup> Laureano.

À ceia, que constava de galinha cozida, com caldo bem avinagrado, contei-lhe e á irmã, que deixára no caminho um companheiro, albergado na casa do Gabriel, do Areciro.

O P.<sup>e</sup> achou pilheria no caso e a edosa irmã, fazendo o signal da cruz, acrescentou sentenciosamente:

— Rapazes e o demonio são a mesma coisa, o Sr. São Matheus o livre de más tentações...

— Sempre assim foi o mundo, — replicou o Vigario — e então se a mana soubesse historias que acontecem lá no Brazil. Ih!... isso então é que seriam espantos!...

No dia seguinte houve a usual festa de São Matheus, uma missa cantada e sermão, ranchos deromeiros de todas as freguezias da ilha, toques de viola, duas cazas de *folga* e abundosa distribuição de *arrelíquias* para as lapellas das jaquetas.

O cemiterio da freguezia esteve aberto ao publico desde a manhã até á noite, estava limpo, cuidadosamente tratado e com muitas flores, n'um nicho da parede, lá no fundo e defrontado com o portão grandeado um Crucifixo e nos quatro angulos d'aquelle recinto quatro enormes arvores do Paraizo.

O seu aspecto inspirava uma tristeza suave, parecendo que alli devia dormir se mais á vontade, do que sob pesadas e marmoreas lajes.

Na subseguente manhã tinha de regressar á cidade, despedi-me, muito reconhecido, do meu benévolo hospede e fiz caminho pelo Areciro, para chamar o Nogueira.

Quando alli cheguei, fui encontrar-o na pequena adega do tio Gabriel, ao lado da casa, escarranchado n'uma pipa, com o batoque tirado e por cujo orificio elle sorvia com uma palha o excellente vinho produzido na freguezia, á beira do mar, no sitio das Luzias.

Costou-me a arrancar o d'aquella nova Capua, o rapaz estava encantado d'aquella vida e dispuha-se, se o deixassem, a ali passar alguns mezes.

As raparigas todas choraram á despedida e elle tambem, contur-

hado, ia-lhes suavisando a viagem, com promessas de voltar áquelles sitios, que levava dentro do coração!

Estou ainda a vel-o, a descer da pipa, no bôjo da qual baten uma affectuosa palmada, de mão aberta, exclamando com voz repassada da mais íntima saudade:

Adeus!... Adeus!!!

Durante o caminho, até á Horta, atordoou-me sempre os ouvidos com gabos ás filhas do tio Gabriel, áquelle viver patriarchal, singelo, e ao grato sabor do vinho das Luzias.

Pois os favos do mel!... n'isso então nem era bom fallar.

Em chegando á cidade ia entregar-se á innocente industria de fabricar cortiços e crear abelhas, aquillo é que era vida regalada!

Infelizmente, porém, alguns transtornos de familia, arrastaram-no em breve para longe d'esta ilha, sua patria, da qual estamos persuadidos conserva ainda as mais gratas recordações, até dos seus mais humildes sitios, como o do Areeiro.



2  
17035

## INDICE

	Pag.
Cap. XVIII—A Festa dos Pretos (Ilha do Fayal) . . . . .	1
—Diversos cargos na Horta em 1832 . . . . .	7
—Habitantes da Parochia da Matriz da Horta . . . . .	10
—Escravos, idem . . . . .	12
" XIX —Botos e Pombas . . . . .	15
" XX —Subsidio para uma Bibliographia no Districto da Horta . . . . .	26
—Escriptores e homens de letras (no Fayal) . . . . .	37
—Imprensa periodica no Districto da Horta . . . . .	116
—Livrarias no Districto da Horta . . . . .	127
" XXI —Amelia . . . . .	136
" XXII —Santo Antonio do Castello . . . . .	147
" XXIII —Os bailes antigos na Horta . . . . .	150
" XXIV —O Caso de Chautard . . . . .	157
" XXV —Uma revolução no Fayal . . . . .	163
" XXVI —Ramos d'Acacia . . . . .	167
" XXVII —Os favos de Mel do Arceiro . . . . .	171



# ERRATAS

Pág.	Colheita	Erros	Emendas
6	—	1	<i>corriqueiro</i>
6	—	32	<i>formosas</i>
6	—	33	<i>disformes</i>
7	—	13	<i>Concina</i>
11	—	38	<i>4 religiosas</i>
15	—	6	<i>casteiras</i>
15	—	29	<i>que introduzia</i>
15	—	35	<i>encaminhamo-nos</i>
18	—	4	<i>extraem</i>
25	—	15	<i>trambolhão</i>
28	—	28	<i>a prender</i>
32	—	10	<i>as procurara</i>
34	—	1	<i>curral</i>
35	—	28	<i>pictoresca</i>
35	—	34	<i>definitivo</i>
37	—	20	<i>conduscentes</i>
38	—	16	<i>desilusões</i>
39	—	24	<i>isemptos</i>
40	—	21	<i>hom sem</i>
48	—	13	<i>tingido</i>
49	—	13	<i>em vinho</i>
52	—	21	<i>descuhido</i>
63	—	15	<i>Sisypho</i>
65	—	28	<i>então a animar</i>
66	—	2	<i>basta em toje</i>
70	—	9	<i>punha sensivelmente</i>
81	—	6	<i>adequado</i>
82	—	12	<i>Revd.º Verissimo José Ri-</i>
			<i>beiro</i>
92	—	16	<i>de cantar?</i>
95	—	40	<i>nos agrestes sítios</i>
114	—	1	<i>nome de plume</i>
114	—	40	<i>notavel escriptor</i>
129	—	34	<i>d'estes autos</i>
136	—	23	<i>ouoira</i>
137	—	42	<i>vociferar a</i>
138	—	5	<i>um regalo</i>
142	—	10	<i>a foram</i>